

S Ó L I D A O

NOVELA DE ERICO GRANER

18 CAPÍTULO

.....

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

SIMONE - (CHAMANDO) Mãe... mãe... uma notícia boa. Onde está a senhora?

ANGELA - (AFASTADA) Já vou, minha filha. Vim aquecer um cafésinho e já vou lavar um para você, também.

SIMONE - (PROJETANDO) Deixe o café e venha saber a grande novidade, mãe.

ANGELA - (AFASTADA) Por que você não vem aqui na cozinha me contar?

SIMONE - (PROJETANDO) Porque cheguei muito cansada, me estirei na poltrona e não quero me levantar. Não foi brincadeira o que andei, de um lado para o outro, dentro do ministério. Cheguei com a sola dos pés tão quentes, que parecia que estava pisando em brasas.

C/REGRA - PASSOS DE SENHORA QUE SE APROXIMAM.

ANGELA - (APROXIMANDO-SE) Você está perdendo o seu tempo, porque eu não sou eu vi quase nada do que você disse, mas a sua gritaria foi tanta que eu resolvi deixar o café e vir saber o que foi que houve.

SIMONE - A senhora nem sabe... Saiba a minha nomeação!

TÉCNICA - ACORDE QUE REFLITA ALEGRIA.

ANGELA - É mesmo, minha filha?!... Mas que coisa boa!... Eu ainda nem estou acreditando muito. Achei que só depois de ver a Portaria é que eu me convence. Quasi dois anos de luta, sem nenhum resultado...

SIMONE - Está aqui a portaria. Pode ver. Foi por causa dela que cheguei tão cansada. O que andei, de uma secção para outra, dentro do ministério, não foi brincadeira. Mas, por fim, consegui arrancá-la.

ANGELA - Bem, então agora eu acredito e lhe dou um abraço. (ABRACAM-SE) Que você possa ser muito feliz no seu trabalho, minha filha.

SIMONE - (BEIJANDO-A) Obrigada, mãe. As duas havemos de ser felizes, se Deus quiser. Vamos rir numa biboca, mas não tem importância.

ANGELA - É claro. O principal é a nomeação. A gente fica por lá uns tempos e depois consegue remoção para qualquer lugar melhor. E assim vai indo, até chegar novamente aqui. Para que lugar lhe mandaram?

SIMONE - Para AGUA PARADA. No vilarejo de quinze mil almas, quasi na crista da serra.



ANGELA - Deve ser um lugar pitoresco, pelo menos.

SIMONE - Disseram-me que é muito bonito, mas pobre que faz pena. A vila tem uma farmácia, um armazem, um Grupo Escolar, uma loja de fazendas, uma fiambreira, um médico, um advogado... tudo é um.

ANGELA - E uma professora também?

SIMONE - Não. O Grupo tem uma diretora, uma professora e um ~~servente~~ servente. A diretora tem aula, também, mas como queria deixá-la, ha tempos que vinha pelindo uma outra professora.

ANGELA - Será que ela vai ficar satisfeita com você, minha filha? Você é tão nova. Em geral as diretoras velhas não acreditam muito nas professoras novas.

SIMONE - Eu farei com que ela acredite, mãe. Fique descansada.

ANGELA - Quando é que deveremos ir?

SIMONE - Logo depois de publicada a nomeação no Diário Oficial, eu posso ir quando quiser. Tenho trinta dias para me apresentar.

ANGELA - E essa publicação irá demorar muito?

SIMONE - Já indaguei isto também. Ela deve ir para a Imprensa Oficial amanhã ou depois, no máximo e depois de chegar lá, também no máximo em tres dias é publicação. Assim que mais uma semana, se quisermos, não o que já podemos ir.

ANGELA - Ótimo! Então eu vou começar a vender algumas coisas para apurar uns cobres e pagar o que devemos e as coisas melhores, que a gente não sabe se depois poderá tornar a comprar, eu deixo em casa do seu tio até segunda ordem. Será que vale a pena a gente levar o rádio e a geladeira?

SIMONE - De momento, acho que não. Depois, se ~~convier~~ convier, a gente manda buscar.

ANGELA - Acho que, de início, teremos que nos acomodar em casa de alguma família, ou num hotel, se houver.

SIMONE - Há um, sim. Já indaguei. Mas já me informaram que o melhor lugar para ficarmos, inicialmente, é a ~~casinha~~ casa da irmã do Padre que aluga cômodos.

ANGELA - Então já vamos diretamente para lá, a menos que o colégio tenha acomodações para as professoras, e que eu duvide muito.

SIMONE - Bem, mãe, essas coisas, agora, são secundárias. O principal de tudo é que consegui a minha nomeação de professora e já não precisaremos viver em sobressalto, sem saber se no fim de mês poderemos pagar o nosso sustento, ou não.

ANGELA - Claro. Deus seja louvado pela graça que nos concedeu!

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL



CARTEIRO - (PROJETANDO) Olha carta. Carteiro! Carta para a diretora. Carteiro!

JOANA - (ATENDEDO) Ih, seu Mariano, pra que essa gritaria toda? Já sei que tem carta, já estou aqui pra atender, não precisa ficar aí que nem um realejo: (ARREMEBA) Olha a carta. Carteiro. Carta pra diretora. Carteiro. Pronto. Me dá a carta de uma vez e vai embora.

CARTEIRO - Ih, dona Joana, parece que a senhora dormia com os pés destapados, esta noite? Pronto, está aqui a carta. Já vou embora.

JOANA - É que eu não gosto de palavras inúteis, entendeu? Gritei: olha a carta. Carteiro, não precisa dizer mais nada. Para que, ainda: Carta para a diretora... Carteiro...

CARTEIRO - Porque a senhora podia não ter ouvido, quando eu disse a primeira vez. Só por isto. Como eu sou um homem muito ocupado, que preciso ser atendido logo, pra evitar de ficar parado esperando, fico falando até que me atendam. Entendeu agora? Mas se a senhora não gosta que a gente chame mais de uma vez, outra vez que tiver carta para o colégio, eu chamo uma vez só e está acabado. Não precisamos brigar por isso. Está certo?

JOANA - Ih, seu Mariano, isto não é carta, não. É um ofício do Ministério da Educação. Estou vendo aqui. Será que vão tirar a dona Teresa daqui?

CARTEIRO - Por que? A senhora ia ficar triste, se acontecesse isto? A senhora gosta dela? A outra que estava, antes, não gostava. Vivia se queixando.

JOANA - O senhor quer que eu lhe diga uma coisa certa e certa? Eu não gosto, nem desgosto. Há dias que ela está atravessada, mas eu também. Já vê que eu não posso reparar quando ela está, porque eu também sou assim. Faça o meu serviço, cumpre a minha obrigação e deixe o burro correr. Si ela quer conversa, eu dou; si não quer, não dou e vive muito bem.

CARTEIRO - É o que eu sempre digo: a gente dançando conforme a música, vai bem. Contra o compasso é que não dá. Bem, dona Joana, deixe-me ir andando que eu já conversarei noutro tempo e tenho muito que fazer, ainda. Sabe onde é que eu vou entregar esta outra carta? Lá na dona Margôte.

JOANA - Crede em Deus, homem de Deus! Você vai lá naquela mulher perdida?

CARTEIRO - Tenho que ir. Pois não veio carta pra ela? Tenho que entregar.

JOANA - Deus me livre! Eu pagava entre pessoas, mas os meus pés lá é que não batavam. Dizem que é um deboche tremendo, lá dentro. É verdade?

CARTEIRO - Não sei. Pra falar a verdade nunca entrei lá. Bate na porta, vem a empregada, eu entrego a carta e sigo o meu caminho. Nunca me disseram coisa alguma e nem eu nunca perguntei nada. Si a minha velha soubesse



CARTEIRO - (CONTINUAÇÃO) que eu andei trocando lingua com alguem de lá, era capaz de fazer um escândalo dos diabos, e eu não estou para isto. A minha velha não é de brincadeira, não. (TOM) Bem, deixa-me ir andando, que tenho quasi uma dúzia de cartas para entregar, antes de meio dia. Passe bem, do na Joana. Desculpe se incomodei a senhora com os meus gritos.

JOANA - Esqueça isto. Passe bem. Eu sou ranzinza como toda velha.

C/REGRA - PASSOS DO CARTEIRO SE AFASTANDO NA MADEIRA DO ALFENDRE. SOMEM.

JOANA - Que será que o Ministério manda dizer aqui, neste officio? Tomara que não seja para a dona Teresa ir embora. Si é ruim com ela, pede ser pior sem ela. E depois... para dizer a verdade... eu não gosto é de mudar.

(CHAMANDO) Dona Teresa!... Dona Teresa!... O carteiro trouxe correspondência para a senhora. (TOM) Ih, que horror! O velho Mariano quasi caiu da bicicleta, agora. A dona Teresa vai ter que andar tapar aquele buraco na saída de portão. Já o leiteiro, outro dia, levou um belão, danado!

C/REGRA - PASSOS DE DONA TEREZA QUE SE APROXIMAM.

TEREZA - Que é que o carteiro trouxe? As seleções de mês passado?

JOANA - Não senhora. Este envelope aqui, do Ministério de Educação.

TEREZA - Upa!... Um envelope do Ministério, nesta altura de ano... não sei o que possa ser... Mas uma coisa eu posso garantir: noticia boa não há de ser.

C/REGRA - RASGAR ENVELOPE DE OFÍCIO E ABRIR O PAPEL QUE VEM DENTRO.

TEREZA - (LENDO) À senhora Directora do Grupo Escolar de Agua Parada.

VOZ - (DE HOMEM) É nossa intenção comunicar a V.S. que, pela Portaria número 47.239, foi nomeada para servir nesse grupo a professora primária Simone Maria Carlota de Castro, que já se encontra de posse dos documentos que a autorizam a apresentar-se a V.S. no espaço de trinta dias que a lei lhe confere, para tomar posse de lugar de professora nesse Grupo Escolar, atendendo a pedido que nos foi dirigido por V.S., no principio do ano letivo. Sendo o que, de momento, se nos oferece, valamo-nos da oportunidade para renovar a vossa senioria

TEREZA - Os desses protestos de distinta consideração. (TOM) Meu Deus! Que será que está para acontecer?!... Vamos ganhar mais uma professora!... (CHAMANDO) Laila! Laila, depressa! Temos novidades! Acabo de chegar uma carta do Ministério! Venha ouvir! Depressa, Laila, onde...

JOANA - A senhora quer que eu vá chamar a dona Laila?

TEREZA - Não é preciso. Ela já vem aí.

C/REGRA - PASSOS QUE SE APROXIMAM, (DE MOÇA).



LAILA - (CHISANDO) Que houve, dona Teresa? Alguma novidade?

TEREZA - Sim. Uma grande novidade! O nosso grupo vai ganhar mais uma professora.

TECNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUBITO.

TEREZA - Acabo de receber uma comunicação oficial. Dentro de quinze ou vinte dias, ela já deve estar aqui conosco.

TECNICA - EXPLOSTO MUSICAL FUNDE COM CORTINA.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL.

TECNICA - ABERTURA MUSICAL DA 2ª PARTE.

TEREZA - Acabo de receber uma comunicação oficial. Dentro de quinze ou vinte dias, ela já deve estar aqui conosco.

LAILA - E será que vai ser bom para nós? Eu penso as minhas dúvidas.

TEREZA - Por que? Uma professora a mais representa diminuição de serviço para nós.

LAILA - Depende da professora que vier. Suponhamos que venha uma incapaz, como há tantas por aí?

TEREZA - Capaz, ou incapaz, a que vier ficará com todos os meus alunos e a metade dos seus. E ela que se vire, porque ninguém sairá pela mesma porta por onde entrou.

LAILA - Essas professoras novas, em geral, trazem ideias novas também e já entram querendo modificar tudo que a gente fez.

TEREZA - Isso elas poderão fazer num colégio onde a diretora não tenha voz ativa. Aqui no meu colégio eu não admito. Quem dita ordens sou eu e nada se fará sem a minha aprovação, portanto, Laila, não proceda os seus temores. Você me conhece muito bem e sabe que não sou mulher de deixar que me botem o pé em cima. Essa tal de Simone, ao chegar, já vai conhecer a força das minhas disposições.

LAILA - Se ela for uma moça tímida, tudo irá bem, mas se for desse tipo moderno, dessas que não se atemorizam de nada... não sei.

JOANA - Ela vai morar aqui no colégio, dona Teresa?

TEREZA - Por que? Você quer ceder-lhe um lugar no seu quarto? É o único que tenho.

JOANA - Não sei... a senhora é quem manda. Eu, por mim, não gostaria. Essas moças, em geral, gostam de ~~arrastar~~ até tarde e eu gosto de dormir cedo.

TEREZA - O melhor de tudo é reservar-lhe um quarto na casa de dona Sarah, a irmã do Padre. E convém que você já faça isto amanhã, para depois não sermos obrigadas a ter que permitir que ela fique conosco, mesmo que seja por poucos dias.

JOANA - Sim senhora. Hoje de tarde, mesmo, eu já falei com dona Sarah.



TEREZA - Diga-lhe que é uma moça solteira, muito distinta, muito piedosa e praticante.

LAILA - A senhora a conhece, dona Tereza?

TEREZA - Eu não. Nunca a vi mais gerã. Mas é a maneira de podermos contar com a boa vontade da irmã do Padre. E já sabem, as duas de que modo devemos receber a nova colega. Politicamente, mas sem mostrar-lhe os dentes para que ela não tome demasiada confiança.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL

EUDOXIA - Dá licença, seu Rafael?

RAFAEL - O que é que você quer, Eudoxia?

EUDOXIA - Tivere aí três damas da sociedade que queria falar com você.

RAFAEL - Você não lhes disse que eu não recebo ninguém?

EUDOXIA - Hum foi preciso. Elas sabia. Elas até dissero que sabia que você num gostava de falar com ninguém, mas que elas precisava de falar com você. Aí eu disse que tinha ordem de num chamá você pra ninguém que viesse aí. Aí uma disse ansiosa que tinha sido muito amiga da mãe de você e que se você soubesse que era ela que tava aí, que di certo você haveria de receber. Aí eu disse que memo ansiosa eu num chamava você porque era a irmã que eu tinha e que depois eu num tava pra você ficar sangado comigo.

RAFAEL - Muito bom. E aí?

EUDOXIA - Aí ela foram embora de cara feia, mas eu nem se importei. Eu sei que você num quer que chame, como é que ia chamá?

RAFAEL - Elas foram embora de cara feia, eu quem sabe a cara delas já era feia de natureza?

EUDOXIA - Sei lá. Você pensa que eu arreparei mais ante?

RAFAEL - Eu já sei o que desejavam de mim. Dinheiro para as suas obras sociais, com toda a certeza. Eu dou. Em homenagem à memória de minha mãe, procuro ~~in~~ continuar fazendo tudo que ela fazia, mas não quero conversa com essa gente. Quer distância. É por isso, quando mãe me narra, deixei a casa da cidade e vim morar aqui, bem longe, em Vila Verde. Pois elas insistem em não me deixar livre das suas desagradáveis presenças. Começaram a atormentar-me, coitadas, com os seus mexericos. Mãe não teria sabido a notada de que papel fez e nem teria sofrido tanto, se elas não fossem quasi que diariamente à nossa casa para contar novidades.

EUDOXIA - É memo. Puxa gente que levava novidade aquela! Das vezes eu dizia pra mãe: Mãe: éia que isso num deve de se ler ansiosa como elas tãe dizendo, nhãnhã.



EUDOXIA - (CONTINUAÇÃO) Mas a Nhãnhã achava que elas era pessoas direita e que num ia tá inventando aquelas cousa que elas contava. Das veis, nem era.

RAFAEL - Por isso não quero ver ninguém daquela gente. Deixem-me viver aqui com os meus cavalos, os meus cães, as minhas plantações e as minhas pescarias no Riachão. Quando sinto falta da companhia de raciais, procure Leopoldina... você... e até mesmo o velho Miguel, o ex-cocheiro de mamã que apesar da sua demência, há dias em que faz considerações bem interessantes. O que não entende é porque insistem em violar o meu mundo.

EUDOXIA - É uma gente muito irritada, meu fio. Das veis eu vou na botica e junto um monte de gente pra me pringentá coisa. Até uma vez já dissero que de noite, quando já num tem mais ninguém nas ruas, que suncê vai buscá a irmã francesa aquela que é mulé dama, méde ela vim fiôá aqui na fazenda com suncê. Uma tar de Margôte, parece que é.

RAFAEL - Margô. Em francez e tã não se pronuncia, Eudoxia. Mas então até isto já disseram de mim? É o que lhes respondeu?

EUDOXIA - Bão, eu disse que suncê era um rapais direito que num se mitia com mulé dama e aí eles dêre risada na minha cara. Disse que suncê me embriava eu. Fiquei tã braba que guspi pro lado e xinguei eles.

RAFAEL - Deixa que digam o que quiserem. Eu não lhe deu confiança e tú também deves fazer o mesmo. Bem, Eudoxia, eu vou à minha pescaria no Riachão. Se estiver dando peixe você não se assuste que eu vou ficando por lá.

EUDOXIA - Vá com Deus e a Virgê, meu fio. A hora que suncê vertá eu perpero alguma cousa pra suncê omê.

C/REGRA - PASSOS QUE SE APASTAM E SE HERDEM.

EUDOXIA - É home bem bão esse meu Rafaô. Toda essa porcaria aí da vila, junta, num vale nem a metade que ele vale.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL FUNDE COM TRES IRMO EMBORA E SUMINDO.

ANGELA - Meço, por favor, onde é que nós poderemos arranjar um taxi que nos leve ao Grupo Escolar?

TARCISIO - Taxi aqui não existe, senhora. Havia um, mas está em concerto e até que fique pronto quem precisar que se dane.

SIMONE - E o Grupo é muito distante daqui? Dá para se ir a pé?

TARCISIO - Sem a bagagem pensa que dá, mas com a bagagem é forte.

ANGELA - E nós não arranjaremos alguém que nos leve a bagagem? nós pagariamos.

TARCISIO - Se as senhoras não se importassem de ir na charreta, eu poderia levá-las.

SIMONE - Claro que não nos importamos. É muito melhor do que irmos a pé.



MARCISIO - Pois então podem subir que eu as levarei ao Grupo Escolar. Deixem as na  
las que eu coloco uma atrás do banco e a outra aqui na frente, comigo.

ANGELA - Minha filha veio trabalhar aqui, como professora. Foi recém nomeada.

MARCISIO - E o Grupo estava precisando, mesmo. A diretora vivia se queixando da fal  
ta de professoras.

SIMONE - Eu não sei se vou ficar no Grupo mesmo, mas de qualquer forma é lá que  
eu tenho que ir em primeiro lugar, para saber da Diretora.

MARCISIO - É capaz que a senhora fique lá mesmo, porque a diretora mora lá e a ou  
tra professora também.

ANGELA - Mas como eu também vou ficar junto, ela talvez não tenha lugar para as  
duas.

MARCISIO - A senhora também vai ficar morando aqui?

ANGELA - Também. Por que motivo hei de me separar da minha única filha? Onde ela  
vai eu vou junto.

MARCISIO - Bem, então vamos até lá falar com a diretora e se ela não tiver lugar,  
a gente dá um jeito. Estão prontas? Podem ir?

SIMONE - Podem, sim senhor.

TÉCNICA - RUIDO DE CHARRETE QUE ARRANCA E VAI SE PERDENDO. CORTINA MUSICAL.

TEREZA - Nós aqui não temos lugar para hospedar mais ninguém. Principalmente você  
estando com sua mãe, não será possível. Em toda a casa eu reservei lugar  
na casa de dona Sarah, a irmã do Padre. Ela recebe moças e tem boas mo  
nedeções. Você pode ir lá e dizer que foi mandada por mim.

SIMONE - Sim senhora. Obrigada.

TÉCNICA - XXXX CORTINA - CHARRETE - CORTINA.

SARAH - Dona Tereza me falou, realmente, mas disse-me que era uma moça só. Eu  
não pude fazer outra coisa do que betar mais uma cama num quarto de duas  
para arranjar lugar. Duas camas não posso betar. Já não foi fácil conven  
cer as moças as senhoras ficar mais uma pessoa no quarto...

SIMONE - Eu compreendo, sim senhora. Mas não existirá um outro lugar em que eu  
possa ficar com a minha mãe?

SARAH - Tem o hotel dos viajantes, mas o ambiente não é recomendável, principal  
mente para uma moça bonita e de pouca idade.

SIMONE - Que posso fazer? Teremos que ir para lá, de qualquer maneira. Se ficar  
mes na rua será pior. Vamos ao Hotel dos Viajantes, por favor, moço.

TÉCNICA - CORTINA - CHARRETE - CORTINA

HOMEM - A casa está cheia. Não há possibilidade de arranjar-se um quarto que  
seja. Lamento muito mas não posso servi-la.



TÉCNICA - CORTINA - CHARRETE - CORTINA

TARCISIO - São pessoas distintas, mães. É a nova professora do Grupo e a mãe. Não encontram lugar em parte nenhuma. Já levei-as ao Grupo, à casa da irmã do Padre, ao Hotel dos Viajantes... está tudo cheio.

ELVIRA - Tarcísio, meu filho, eu não posso deixar essas pobres criaturas no ruas mas eu fico constrangida porque a nossa casa é tão simples... tão sem conforto...

TARCISIO - Tia Rita vai dormir lá em Ribeirão da Lago. A senhora pode botar a minha cama no quarto dela e acomoda as duas.

ELVIRA - Mas e você, meu filho? Vai dormir no chão?

TARCISIO - Não senhora, durmo no sofá da sala, mas se tivesse que dormir no chão, eu o faria com a melhor boa vontade porque a garota vale o sacrifício.

ELVIRA - Está bem, meu filho. Diz às moças que podem entrar. Que a casa é pequena, mas o coração é grande.

TÉCNICA - ~~XXXXXXXX~~ CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.



S O L I D A O

NOVELA DE ERICO GRAMEN -

2º CAPÍTULO

TECHICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA \*

ELVIRA - Tarcísio, meu filho, eu não posso deixar essas pobres criaturas na rua, mas fico constrangida porque a nossa casa é tão simples... tão sem conforto...

TARCÍSIO - Tia Rita vai demorar lá em Ribeirão da Lagoa. A senhora pode botar a minha cama no quarto dela e acomoda as duas.

ELVIRA - Mas e você, meu filho? Vai dormir no chão?

TARCÍSIO - Não senhora, durmo no sofá da sala, mas se tivesse que dormir no chão, eu o faria com a melhor boa vontade, porque a garota vale o sacrifício.

ELVIRA - Está bem, meu filho, diz às moças que podem entrar. Que a casa é pequena, mas o coração é grande.

C/REGRA - TRES OU QUATRO PASSOS DE HOMEM. PORTA QUE SE ABRE.

TARCÍSIO - Desçam. A nãme vai procurar acomodar as duas, da melhor maneira possível. Ela está um pouco constrangida porque a casa é muito simples, mas eu penso que será melhor ficarem aqui do que na rua, não lhes parece?

ANGELA - É claro. E diga à sua mãe que nós somos simples, também.

TARCÍSIO - Aqui está ela.

ANGELA - Muito prazer, minha senhora. Angela Augusta Ferreira de Castro.

ELVIRA - Elvira Borges.

ANGELA - Esta é minha filha Simone.

SIMONE - Muito Prazer.

ELVIRA - Elvira Borges.

TARCÍSIO - Eu vou botar as malas para dentro. Fiquem à vontade.

ANGELA - Eu tenho que lhe agradecer muito a boa vontade com que nos acolheu. Imagine a senhora que não encontramos esmolas em lugar nenhum.

ELVIRA - O Tarcísio me disse. Eu estou meio desajeitada porque a minha casa não pode ser mais simples do que é. As senhoras devem estar acostumadas em ambiente melhor...

SIMONE - Nada disto. Pode ficar certa que a casa em que vivíamos era tão simples como a sua. Portanto... não há razão da senhora mostrar-se constrangida.

ELVIRA - Melhor, então. Assim eu já me sinto mais à vontade. Vou arrumar o quarto de minha cunhada, que está ausente e as senhoras vão ficar lá.

ANGELA - Eu lamento muito fazer uma confusão destas na sua casa, mas infelizmente fomos obrigadas a isto. Seu filho foi muito gentil e por isso mesmo o maior culpado.



ELVIRA - Meu filho fez muito bem. Não podia deixar as senhora na rua. Seria, até, uma deshumanidade.

SIMONE - Como se arranjará uma pessoa que não tivesse a nossa sorte, aqui em La gôa Parada?

ELVIRA - Com certeza teria que passar a noite na Delegacia e, no dia seguinte, voltar ao ponto de partida.

SIMONE - Mas e uma que não pudesse voltar? Que tivesse vinho, como eu, para trabalhar aqui?

ELVIRA - Bem, aí sempre há uma ou outra casa de aluguel. Muito caras, mas há. E se a pessoa não pode pagar, também existem outras famílias que alugam os modos. É que precisa tempo para se procurar e além disto uma moça não pode ficar assim em qualquer parte. Há casas que não se recomendam.

ANGELA - Compreendo. Amanhã, para não incomodar muito a senhora, nós iremos ver uma casa boa. A senhora deve conhecer tudo aqui, poderá nos indicar.

C/REGRA - PASSOS DE HOMENS QUE SE APROXIMAM.

TARCISIO - As malas já estão no quarto e a outra malha também. Só falta mudar a roupa das camas e envasiar o guarda-roupa, mas isso a mãe fará, enquanto as senhoras tomam seu banho. Temos banho quente, se preferirem.

ANGELA - (BRINCANDO) Cuidado, seu Tarcísio, cuidado! Não nos trate muito bem que nós somos capazes de não querer mudar.

TARCISIO - Não tem importância. Se gostarem muito e quiserem ficar, é só acerto aí com a velha Elvira. (TOM) Mãe, eu volto para a oficina. Quando vier para o jantar, trago uma lâmpada e faço uma instalação na mesa de cabeceira. A moça pode querer ler de noite.

SIMONE - Não se incomode conosco, seu Tarcísio. Já estamos ótamente tratadas.

TARCISIO - Não é incomodo nenhum. Com licença e até logo.

SIMONE  
ANGELA - (JUNTAS) Até logo, muito obrigada ao senhor.

ELVIRA - Até logo, meu filho, vai com Deus. (TOM) Ah, e traz qualquer coisa para fazer jantar pras moças.

TARCISIO - (APASSADO) Já pensei nisto.

ANGELA - Óra, vamos, por favor, a senhora não vai se incomodar conosco. Nós tomamos café.

SIMONE - É claro. Aliás, em casa, é o que nós sempre tomamos.

ELVIRA - Mas meu filho sempre janta, quando volta da oficina. Não me custa fazer um pouco mais.

ANGELA - Seu filho trabalha numa oficina?



ELVIRA - Trabalha, sim senhora. Quer dizer... a oficina é dele mesmo. Faz trabalhos de mecânica e de eletricidade. Não quis estudar. Quando perdeu o pai, entendeu que deveria se empregar para me ajudar nas despesas. Hoje quasi tudo é pago por ele. As minhas costuras não dão lá grande coisa. Servem para ajudar a despeza, mas para manter, não.

SIMONE - Bem, dona Elvira, se a senhora me der licença, eu vou tomar o meu banho que estou aflita para tirar do corpo esta roupa apesirada.

ELVIRA - Vá, minha filha, vá. Eu agora vou lá e acendo o aquecedor para você. E a senhora venha comigo, por favor, que eu já vou mudar a roupa das camas e esvaziar o guarda roupa. Depois farei um café com leite. Devem estar com fome.

ANGELA - Com fome, propriamente, não, mas que um café agora vem bem, não se pode negar.

ELVIRA - Vamos, então.

TECNICA - CORTINA MUSICAL

LAILA - Dona Tereza, está aí a nova professora para falar com a senhora.

TEREZA - Por que? Ela não vem trabalhar hoje? Ontem, quando esteve aqui se apresentou, eu disse a ela que deveria começar o mais breve possível.

LAILA - Eu sei, mas acho que ela não vai começar, não. Veio aí com uma conversa de procurar casa para morar... sei lá. Vá lá falar com ela. Está na Secretaria, toda emperequetada.

TEREZA - Ai, ai, ai, que essa menina assim já vai começar mal! Ela não pode procurar cômodos na parte da manhã? As aulas começam às duas, terminam às cinco... há tempo de sobra para procurar cômodos.

LAILA - Não sei, não. Isso é lá com ela e eu faço questão de não me meter.

TEREZA - Onde é que elas estão hospedadas? No hotel?

LAILA - Não. Também não encontraram lugar lá. Disse que estava todo cheio e então foram, provisoriamente, para a casa de um mecânico que a mãe é costureira.

TEREZA - É a dona Elvira, com certeza. O outro mecânico mora com a mulher e os filhos lá no casinho do Chapeão. Acho que lá elas não iriam se meter. E por que não ficam lá? Não estão bem?

LAILA - Disse que a senhora é muito amável, já declarou que elas não precisam ter pressa de sair, mas que elas não podem abusar.

TEREZA - É então, para não abusar lá, com ela, abusam aqui, comigo, fazendo-se esperar mais um dia, depois de esperar quasi um ano? Não senhora, não



TEREZA - (CONTINUAÇÃO) admito. Ela tem que vir hoje, sem falta, atender a sala para que foi designada. Se não vier, faço imediatamente uma comunicação ao Ministério e recuso-me a recebê-la. O que é que essa garota está pensando? Que veio trabalhar num grupo sem direção? Está muito enganada. Muito enganada. Eu já vou mostrar-lhe de que sou capaz. Vamos lá.

TÉCNICA - CONTINUA MUSICAL

TEREZA - (SECA) Bom dia.

SIMONE - (AMÁVEL) Bom dia, dona Tereza, como vai a senhora?

TEREZA - Bem. Você queria falar comigo, menina?

SIMONE - Sim senhora. É que apesar de ter, ainda, vários dias para me apresentar ao serviço, meu desejo era começar logo, porque quanto mais cedo vier, mais depressa começo a receber e eu não estou em situação de perder dinheiro. Mas como houve essa dificuldade para nos alojarmos e como ficou provisoriamente numa casa, cuja senhora nos recebeu por favor...

TEREZA - (CONTADO) Eu já sei de toda essa história. Você já contou a Laila que, por sua vez, me contou. Acontese, menina, que o Grupo só funciona das duas às cinco e nas horas vagas você terá muito tempo para procurar onde alugar-se, entendeu?

SIMONE - Entendi, sim senhora. Apenas pensei que, como tinha ainda vários dias de prazo para apresentar-me, que para a senhora fosse indiferente que eu ~~começasse~~ começasse hoje, ou amanhã.

TEREZA - Não é indiferente, não. Acho que já esperei de mais por uma nova professora para o meu Grupo.

SIMONE - Está bem, não vou fazer questão por causa disto. A senhora prefere que eu venha hoje, eu virei.

TEREZA - ~~Então~~ <sup>Você</sup> não vai fazer questão por causa disto, nem por qualquer outra coisa aqui dentro, porque é bom que já fique avizada que as minhas ordens aqui no grupo, são executadas sempre e nunca discutidas. Para isto fui designada diretora, com todos os poderes e todos os direitos. Entendeu o que eu disse?

SIMONE - Entendi, sim senhora.

TEREZA - Está disposta a submeter-se a este regime?

SIMONE - Que posso fazer? Preciso trabalhar.

TEREZA - Pois então, trate logo de aquietar-se que será muito melhor para você.

TÉCNICA - CONTINUA MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL



TARCISIO - Você precisa conhecer a nova professorinha que veio para o Grupo Escolar. Bonita, rapaz e si ples que dá gosto ver.

OTÁVIO - Como é que você sabe? Onde foi que a conheceu?

TARCISIO - Pois eu estava de charrete, na Estação, quando ela chegou com a mãe.

OTÁVIO - A velha veio junto? Ah, então não tem futuro.

TARCISIO - Velha nada, rapaz. Uma corça em plenas condições. Mas a garota a gente vê logo que não é dessas bandidas, não. É uma garota decente. Mas como eu estava lhe dizendo, a velha veio me perguntar onde podia alugar um taxi. O Barbosa está com o dele estragado, não tem outro na Vila, eu ofereci a charrete. E você sabe onde é que elas foram parar? Adivinha.

OTÁVIO - Você não vai querer me dizer que é na casa da francesa?

TARCISIO - Que o que, rapaz. Eu já disse a você que a garota não tem cara disso, não. Foram parar lá com a velha minha mãe.

OTÁVIO - Não é possível! Você dá uma sorte danada, rapaz. Como é que isso aconteceu?

TARCISIO - Pois não havia cômodos nem na casa da Sarah, nem no Hotel dos Viajantes e a Diretora do Grupo declarou que lá ~~uma~~ não tinha lugar para elas. O que é que eu ia fazer? Deixar as coitadas na rua? Não podia. Levei lá pra casa. Estão lá até segunda ordem.

OTÁVIO - Ih, rapaz, eu hoje vou te fazer uma visita lá, de noite. Pode ser?

TARCISIO - Não pode, não, que você é muito pilantra. Vai no meter a dizer graças pra moça, ela pode não gostar e aí você rasga o meu cartaz.

OTÁVIO - Não faz assim comigo, não, Tarcísio. Eu prometo que me porto direito. Quero é conhecer a professorinha.

TARCISIO - Mas hoje, não. Si elas ficarem mais uns dias, você vai amanhã, ou ~~amanhã~~ depois. Se você vai hoje, ela pode perceber que eu falei pra você e fica uma coisa muito exquisita. Domingo você vai lá almoçar, si elas ainda estiverem, pronto.

OTÁVIO - Domingo, ainda? Daqui a tres dias é cupaz que elas já tenham se mudado.

TARCISIO - Está bem, Otávio, você vai amanhã, serve? Mas do que isto eu não posso fazer. Mas já sabe, hein? É sob condição. Você não vai dar pinginha pra garota que eu não quero desmanchar o meu cartaz do bonzinho.

OTÁVIO - Está bem. Pode ficar descansado que eu não rasgo o seu cartaz. Vou amanhã fazer uma visita à sua mãe.

TARCISIO - É. A pobre da velha tem costas largas.

TÉCNICA - CONTINUA MUSICAL.



SIMONE - Boa tarde, meu Senhor.

MIGUEL - (AFRETO - É DEMONSTRATIVO) Boa tarde... quem é que me dá boa tarde?

SIMONE - Sou eu. O senhor não me vê? Será cego, por desgraça?

MIGUEL - Sim, sou. Todos nós somos cegos porque vemos tão pouco... Que vê a senhora, além da minha máscara? Nada. E eu? Que vejo além da sua? Nada também. Ninguém vê nada, além da máscara dos outros. Nada. Portanto... somos todos cegos. (PAUSA) Eu disse alguma bobagem?

SIMONE - Não senhor... disse uma grande verdade. Somos todos cegos, realmente, porque não podemos ver uma série de coisas que deveríamos e precisaríamos ver.

MIGUEL - Então a senhora é da minha opinião, não?

SIMONE - Claro! Não poderia deixar de ser.

MIGUEL - Mas aqui em casa, ninguém pensa como eu. Nem meu Rafael... nem Eudoxia... e nem Leopoldina, minha filha. Mas a minha patroa, a minha velha patroa, que Deus haja... esta me compreendia e me dava sempre razão. Ela dizia, seguidamente: Miguel, você é um filósofo. Um grande filósofo. Eu não sei o que é isto, mas deve ser alguma coisa, não é não?

SIMONE - Filósofo? Bem... é... é uma coisa boa, sim. Filósofo é um pensador. O senhor sabe o que é um pensador?

MIGUEL - Sei, claro. Também a tanto não vai a minha ignorância. Pensador é um homem que pensa. Eu penso... a senhora pensa... quasi todos pensam... portanto... quasi todos somos pensadores.

SIMONE - Sim, sim, todos nós pensamos, é claro, mas o pensador é diferente, porque vive exclusivamente para pensar e emitir conceitos. Entendeu melhor agora?

MIGUEL - Entendi. (PAUSA) Coisa extrema... A senhora se parece com a minha antiga patroa na maneira de ser. Fala as coisas com tanta simplicidade que a gente logo fica entendendo delas. Os outros não. Os outros falam forte. Querem mandar na gente. Vivem dando ordens. Até Leopoldina, minha filha, é assim. A senhora fala manso... suave... não assusta a gente. Tal qual minha antiga patroa, que Deus haja...

SIMONE - Diga-me, por favor, senhor: mora aqui nesta vila?

MIGUEL - Há muitos anos. Fuzi aqui. Já meu pai era cocheiro do pai da minha rica senhora, que Deus haja. Depois que ele morreu, assumi suas funções. Aqui me casei, aqui me fiz pai e aqui vou vivendo talvez os últimos dias de minha vida, à espera de poder me reunir com a minha rica senhora que Deus haja. Ela deve estar em lugar muito bom lá no céu, não? É mesmo verdade que a gente sendo bom vai para o céu?



SIMONE - É verdade, sim. Deus quer, junto de si, todas as almas puras e boas.

MIGUEL - Mas então minha rica senhora, que Deus haja, deve estar lá bem pertinho de  
le. Ela era tão boa... tão boa... E como sofreu pela maldade dos outros!

SIMONE - Quem mora mais, nesta casa, além das pessoas que o senhor já falou?

MIGUEL - Mora a Eudoxia. Uma velha implicante, que vive fazendo queixa de mim ao  
patrõesinho. E ele acredita e se zanga comigo. Mas um dia eu ainda mato es-  
sa velha desgraçada.

SIMONE - Não faça isto, meu amigo. Si matar alguém, não irá para o céu e não encon-  
trará a sua antiga senhora.

MIGUEL - Sim, sim... tem razão... eu não posso matar.

SIMONE - Quais as outras pessoas que moram aqui? O senhor só me disse a Eudoxia.

MIGUEL - Mora a Leopoldina, minha filha, que faz o serviço da copa e arruma os  
quartos. É uma cobra venenosa a Leopoldina. Briga comigo que sou seu pai.  
A senhora acha isto direito?

SIMONE - Claro que não. As filhas têm que respeitar e obedecer os pais.

MIGUEL - Não é? Mas ela não me respeita, nem se c~~o~~rece. E também faz queixa de  
mim ao patrõesinho que vem me passar carões.

SIMONE - E o seu patrõesinho, que tal é ele?

MIGUEL - Ah, não sei o que lhe dizer. Devia ser bom, porque se parece muito com a  
minha antiga patrão, que Deus haja... mas acredita nas coisas que a Eudo-  
xia e a Leopoldina contam para ele e vem brigar comigo. (TOM) Mas ele é  
um homem exquisito, sabe? Não quer saber de relações com ninguém. Seus  
amigos são os cavalos e os cachorros. Nunca vai à aldeia, não muito tar-  
de, depois que todos estejam dormindo. Ai ele vai lá na casa da francesa  
... (TOM) A francesa é condenada, sabe? O padre disse que Deus Nosso Se-  
nhor amaldiçoou a francesa. Mas ela é divertida! Uma vez fui lá levar o  
meu antigo patrão e espiei pelas frestas da janela. Sabe o que faziam?  
Tocavam gramofone e dançavam! O meu antigo senhor gostava de ir lá e,  
por causa disto, a minha rica patrão, que Deus haja, muito se aborreceu  
em silêncio. Dizem até... que morreu de tristeza!

SIMONE - Eu não poderia conversar com o seu patrõesinho?

MIGUEL - Que esperança! Não pode, não. Ele não fala com ninguém da vila. Tem ódio  
de todos. Ódio! Diz que foi a gente má lá na vila que fez a minha antiga  
senhora sofrer. E não ficou com raiva da francesa. É exquisito, não lhe  
parece?

SIMONE - Não sei o que lhe dizer a este respeito. Só sei que vou ficar muito tris-  
te por não poder falar com seu patrão. Eu queria tanto...



MIGUEL - A senhora vai ficar muito triste?

SIMONE - Vou. Precisava falar com o seu patrão, para que êle me auxiliasse na obra de recuperação de um grupo de crianças enfermas e abandonadas. Disseram-me que êle é muito rico e que não faz nada pelos pobres... Se isto é verdade eu faria dois benefícios a um só tempo. Ajudaria os pequenos enfermos e salvaria o seu patrão das penas do inferno, porque quem pode ajudar e não ajuda, está marcado por Deus.

MIGUEL - Se a Eudoxia não estivesse sempre vigiando por perto do quarto ou do escritório dele, eu arranjaría um jeito da senhora entrar para falar com elle, mas ella é uma gata danada. Está sempre controlando... sempre observando... sempre mexericando...

EUDOXIA - (GRITANDO DE LONGE) Seu Migueli... Seu Migueli... Onde está o senhor? Venha para dentro, ande. Não demora é hora de almoço e a gente tem que andar lhe procurando.

MIGUEL - (GRITANDO PARA LONGE) Já vou. Não precisa mais gritar que eu já ouvi. Hora de almoço... hora de almoço... Me dá carne com feijão e arroz todos os dias... todos os dias que Deus bota no mundo. Eu queria caramelos... chocolates... isto é que eu queria e ella não me dá nunca. É carne, arroz e feijão... carne arroz e feijão... carne, arroz e feijão. Urre que já estou farto.

SIMONE - Pois olhe, eu vou lhe trazer um pacote grande de caramelos e uma barra de chocolate, se o senhor der um jeito de me fazer entrar para falar com o seu patrõesinho.

MIGUEL - É mesmo?! A senhora me dá um pacote grande de caramelos e uma barra de chocolate? Barra grande? Bem grande?

SIMONE - Bem grande, sim. A maior que houver. O senhor dá um jeito de eu falar com elle? Eu não direi que foi o senhor que me ajudou.

MIGUEL - Então venha comigo. Não dá para ir sozinho por causa dos eschorros.

C/REGRA - PORTÃO QUE ABRE E FECHA, RANGENDO. (PORTÃO DE FERRO)

MIGUEL - Vamos fazer a volta pelo roseiral que o caminho é melhor, mas pelo menos a gente fica livre de encontrar a bruxa da Eudoxia no caminho. Ella fazia a senhora voltar e ainda contava para o patrõesinho e elle se sangava comigo. Venha, vamos andando devagar, sem fazer ruido na terra, para não chamar a atenção do jardineiro que pode andar por aí.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL.

SIMONE - Dá licença, senhor?



TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE, DE GRANDE SUSTO.

RAPAEI - Hein?!...

SIMONE - O senhor me permite entrar um momento? A minha demora será pouca.

RAPAEI - Quem é a senhora?!... Como ousou entrar aqui?!... Vamos, fale! Quem é a senhora?!...

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, PARA ENCERRAMENTO.



3º CAPITULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

SIMONE - Dá licença, senhor?

TÉCNICA - VERGASPADA MUSICAL FORTE DE GRANDE SUSTO.

RAPHAEL - Hein?!...

SIMONE - O senhor me permite entrar um momento? A minha demora será pouca.

RAPHAEL - Quem é a senhora? Como conseguiu entrar aqui? Vamos, fale. Quem é a senhora?

SIMONE - Sou uma professora do Grupo Escolar, recém chegada a esta cidade. Tive vontade de conhecê-lo pessoalmente e falar com o senhor, porque desejo realizar um trabalho de grande importância...

RAPHAEL - (RÍSPIDO, MAS SEM GRITAR) Não me interessa, em absoluto, o que a senhora deseja ou não deseja realizar. Quero viver sózinho, no meu canto, isolado de toda essa gente da vila que aborrece a minha presença, em minha casa, não estou disposto a tolerar. Portanto, peço-lhe que tenha a gentileza de se retirar e me deixar a sós.

SIMONE - Mas senhor, por favor! Há um grande trabalho a realizar em favor dos menores desamparados e ninguém, melhor que o senhor, está em condições de patrocinar esse trabalho. Não há alguém, na sua família, cuja memória o senhor deseja perpetuar? Usáramos o nome dessa pessoa num orfanato, num asilo, num reformatório... em qualquer coisa, enfim, que pudesse ser útil às crianças desamparadas.

RAPHAEL - Senhorita, eu me prezo de ser um cavalheiro educado, mas também sou extremamente exigente em relação à educação dos outros para comigo. Já lhe disse que adoro, sobretudo, a solidão em que vivo e que não pretendo sair dela, momentaneamente para servir a qualquer pessoa da vila. Essa gente da vila eu a desprezo toda. Ninguém merece a minha atenção e o meu cuidado. E agora, pela segunda vez eu lhe peço: quer fazer o favor de se retirar da minha casa e me deixar sózinho?

SIMONE - Que pena! Vai perder uma oportunidade magnífica de se tornar útil à humanidade. Tão moço e tão rico... poderia fazer tanto pela pobreza... Já vai ser o dia que morrer...

RAPHAEL - (CORTADO) Não pensei nada e não quero pensar. Por favor, deixe-me sózinho.

SIMONE - Está bem, desculpe se o importanei. Talvez um dia reconsidere sua atitude e se disponha a auxiliar os que tanto precisam. Passe bem.



C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM. SOMEM.

RAFAEL - Criaturinha impertinente! Impertinente e audaciosa! Mas de que modo teria chegado até aqui? (CHAMA-SE PORTE) Eudoxia! Eudoxia, venha cá!  
(POM) Ela agora vai ter que se dizer porque deixou entrar essa menina.

C/REGRA - PASSOS QUE SE APROXIMAM (DE EUDOXIA)

EUDOXIA - (CHEGANDO) O sinhô me chamou, seu Rafaé?

RAFAEL - Chamei, sim. Quero saber como foi que essa menina entrou no meu gabinete, quando as brechas que dei a todos, aqui, foi de que ninguém fosse recebido na intimidade de minha casa?

EUDOXIA - Não sei que menina pode ser essa que o seu Rafaé tá me falando. Eu nunca vi ninguém intrá...

RAFAEL - Não é possível! Pois se saiu agora mesmo, daqui, uma menina que veio à minha casa para falar comigo. Como foi que ela pôde entrar? Alguém a introduziu. Se não ela não chegaria até à porta da sala antes que os cachorros a tivessem destrocado. Logo... alguma pessoa da casa a trouxe-a até aqui. Quero saber quem foi. Tire-a de lá logo.

EUDOXIA - Sim sinhô, seu Rafaé, eu vou perguntá. Vê já falá ca Lisporcina, quando acho que não pode deixá de tê sido ela.

RAFAEL - E se foi, que venha se dizer os motivos porque o fez.

C/REGRA - PASSOS DE MOÇA QUE SE APROXIMAM.

EUDOXIA - Ói! Ela vem vindo aí. Hum é preciso i lá chamá ela.

LEOPOLDINA - Seu Rafael, eu estou muito nervosa e preocupada com o que aconteceu e vim procurá-lo para dar-lhe uma explicação.

RAFAEL - Fale. Quero ver que desculpas você vai encontrar para dar-me.

LEOPOLDINA - Foi, papai. Deixei-o junto à janela do quarto para tomar sol, e fui-tei-me para passar umas roupas e quando voltei, ele havia saído. Procurei-o, como louca, até há pouco, quando o encontrei, levando de volta ao portão de entrada uma moça que me disse ter falado com o senhor. Fiz-lhe ver o seu mau procedimento, aproveitando-se de um pobre doente para burlar as ~~severas~~ severas ordens que nos haviam sido transmitidas, ao mesmo tempo que a adverti do enorme perigo que corria de ser estropeada pela ~~caída~~, o que, felizmente para ela, milagrosamente não ocorreu. Peço-lhe que perdoe papai, porque ele não sabe a que fez. Quanto a mim, eu me julgo culpada, peço-lhe também que me perdoe.

RAFAEL - Foi um incidente muito desagradável para mim, principalmente porque me senti ludibriado por uma fofelha, mas espero e desejo que o fato não se repita.



LEOPOLDINA - Não há de repetir-se. Pode estar bem certo. De hoje em diante tratarei de exercer uma vigilância mais severa sobre meu pai. Ele não conseguirá fugir outra vez.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL

ANGELA - Eu estou muito aborrecida com essa situação, dona Elvira. Se a senhora está realmente gostando da nossa companhia, a ponto de achar que a sua vida mudou completamente, depois que viemos morar na sua casa, alugamos o quarto em que estamos e nós continuaremos. Assim como estamos, não podemos continuar. Não é justo.

ELVIRA - Mas eu não posso alugar um quarto que não me pertence. Ele é da minha cambada Rita, que já me paga uma mensalidade, quer esteja aqui, ou ausente. No momento que ela chegar, serei obrigada a pedir-lhes que saiam. Como posso cobrar alguma coisa, nessas condições?

ANGELA - Pode, sim senhora. Pode e deve. E se é verdade que seu filho também deseja que fiquemos, terá que concordar em fazer-nos um preço pela hospedagem, ou então amanhã mesmo já nos mudaremos para onde houver vaga.

ELVIRA - Eu acho que se a senhora e sua filha já pagam a comida, não deveriam pagar mais nada, mas como a senhora insiste e ameaça de deixar-nos, o que não desejamos, conversarei com Tarácio amanhã, sobre isto, e o que ele resolver será feito.

ANGELA - Não. A senhora não vai falar com seu filho. Quem vai falar sou eu. Estou certa de que se alegar as mesmas razões, ele vai acabar concordando comigo, e deixando-me pagar o que me parece tão justo.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL

LAILA - A senhora já sabe o que a sua nova professora fez? Ela não lhe contou?

TEREZA - Não. O que foi que ela fez?

LAILA - A Joana é que sabe direito porque foi para ela que a moçoquinha contou. Fale, Joana, conte à diretora as aventuras da moçoquinha na Vila Verde.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

TEREZA - O que?!... Na Vila Verde?! Mas ele recém chegou e já se perdeu por lá? O que foi que ela contou, Joana? Vamo ver.

JOANA - Ela disse que lá a moçoquinha conseguiu uma coisa que ninguém havia conseguido até hoje: entrar no gabinete do seu Rafael.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

TEREZA - Ah, então ele conseguiu entrar no gabinete dele? E ainda tem o desocramento de contar? Não sabe que só pode prejudicar sua reputação?



JOANA - Eu avisei ela. Ela disse que não sabia. Ai eu disse pra ela que se a senhora soubesse que ia ficar zangada, ai ela me pediu que eu não falasse nada pra senhora e ai eu prometi que não falava e ai eu falei, mas a senhora não vá dizer que fui eu, sinão ela pode ficar zangada comigo.

TEREZA - Não se preocupe. Eu sei como faço as coisas. Ela ainda deve estar na sala de aula corrigindo umas provas. Vá dizer-lhe que antes de sair venha falar comigo.

JOANA - Sim senhora. Mas não vá se esquecer, dona Teresa. Não diga nada que fui eu, sinão nunca mais ela me conta as coisas.

TEREZA - (SEVERA) VÁ chamá-la, Joana. Eu já lhe disse que sei como faço as coisas.

JOANA - Sim senhora. Com licença.

C/NEGRA - PASSOS QUE SE APASTAM E SOMEM.

LAILA - Essas moças da cidade são mesmo corajosas, hehe! Si eu ia ter coragem de me meter na casa de um homem solteiro com a fama que aquele tem!

TEREZA - Mas é disto, justamente, que elas gostam. Ela foi, exatamente por causa da fama dele. Essas meninas modernas, quando chegam no interior, já trazem o diploma completo.

LAILA - Eu só quero ver como ela vai justificar sua ida até lá. Eu só quero ver.

TEREZA - Não vou lhe pedir justificativas, vou, apenas, exigir conduta. Minhas professoras não podem se expor a comentários que afetem o bom nome do nosso grupo. Si lhe serve assim, muito bem. Si não lhe serve, mande-se mudar.

LAILA - Eu, para ser muito franca, não gostei nada do seu modo ingênuo nem da sua falsa naturalidade. Tudo nela me pareceu fingido e estafado.

TEREZA - Eu não me interessas como ela possa ser, ou como deseje parecer. Interessas-me que tenha um procedimento sobre o qual não possa restar a mínima dúvida. Se não for assim... mando-a de volta. Você já pensou no escândalo que vai ser quando na vila souberem que a nova professora do Grupo Escolar entrou na casa de Rafael Seruiva Bernardi? Um rapaz de conduta irregular e duvidosa? Um rapaz que quando a vila toda se recolhe desse lá da colina e vem beber e farrear na casa daquela francesa velha e libertina? Isso é horrível. Intolerável.

C/NEGRA - PASSOS QUE SE APROXIMAM - JOANA E SIMONE.

SIMONE - Pronto, senhora diretora. Desejava falar consigo?

TEREZA - Sim. Temos um assunto muito sério a tratar. Sente-se aí.

SIMONE - Obrigada. Pode dizer o que quer.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL.



TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

SIMONE - Pronto, senhora diretora. Desejava falar comigo?

TEREZA - Sim. Temos um assunto muito sério a tratar. Sente-se aí.

SIMONE - Obrigada. Pode dizer o que quer.

TEREZA - Há um comentário, na Vila que você foi recebida pelo proprietário de Vila Verde, na colina? É verdade?

SIMONE - Bem... quer dizer... recebida, propriamente, não é bom o termo. Para ser mais verdadeira, devo dizer à Senhora que eu "invadi" a Vila Verde, muito mais contra a vontade do seu proprietário.

TEREZA - Invadiu? Muito bem. Mas invadindo, ou sendo recebida, falou com ele, não é verdade?

SIMONE - Sim, senhora Diretora.

TEREZA - E você poderia ser tão sincera, a ponto de contar os galanteios que ele terá lhe dirigido? As manobras que deve ter feito para conquistá-la?

SIMONE - Está muito enganada, senhora Diretora. Foi tratada ásperamente por ele e convidada a me retirar, sem ter tido tempo de lhe dizer o que me levava à sua casa.

TEREZA - (IRÔNICA) Ah, sim?! Então você vai querer me convencer que um homem libertino, como é tido e havido o senhor Rafael, iria perder a oportunidade de tirar "vantagens" da visita espontânea de uma moça nova e bonita à sua casa? Ora, Simone, também assim tão tola e tão crédula eu não posso ser, porque não sou boba. Como poderia entrar na casa dela, sem a sua autorização, se as senhoras da Liga de Caridade não conseguiram nem transportar o portão de ferro da Vila? Se foram despachadas dali?

SIMONE - Eu explico à senhora como entrei. Usei um artifício.

TEREZA - Deve ter usado não apenas um, mas todos os seus artifícios, porque você conseguiu lavar um tento que ninguém, desde que dona Clara morreu, foi capaz de realizar. Entrar na Casa de Vila Verde.

SIMONE - Deixe-me dizer-lhe, por favor, como foi, senhora diretora. Eu estou ficando aflita.

TEREZA - E pensa que eu também não fiquei, quando o comentário chegou aos meus ouvidos? Afinal, de uma ou de outra forma, eu não deixo de ser responsável por você e pela sua conduta dentro do colégio.

SIMONE - Mas eu posso lhe jurar que não me conduzi mal, senhora diretora. E que o motivo de minha visita àquela casa foi o mais nobre e com a melhor das intenções.



TEREZA - Já sei. Sabia que ele era um homem perdido e pretendia salvá-lo, não é isto?

SIMONE - Não senhora. Sabia, apenas, que ele era um homem rico, muito rico e que não move uma palha em favor dos pobres da região. E eu vejo, senhora diretora, a pobreza das crianças que frequentam o nosso grupo. Esquálidas... famintas... quasi nuas, ou com o corpo mal coberto por uma infinidade de trapos remendados. Doentes, fracas, anêmicas, cheias de vermes de água de Lagôa... desanimadas... infelizes... Nós podemos, apenas, ensinar a ler a essas crianças? Não. Temos na dever muito maior, uma obrigação muito mais premente que é a de procurar dar a essas crianças uma vida menos árdua. Uma vida de gente, pois que a vida que vivem é muito pior que a dos animais escorraçados, porque há uns, como os cavalos e os charros de seu Rafael, que recebem tratamento melhor, que muita gente boa. E foi isto que eu procurei fazer sentir a ele, (Chorosa) mas ele não quis me ouvir. Expulsou-me de sua casa, como se eu fôsse uma das suas empregadas que tivesse cometido grande falta. Esse é o meu crime, senhora diretora. Esta a verdadeira intenção que me levou à casa da Vila Verde. Se acha que mereço censura, faça-a. Eu a escantarei em silêncio.

~~TEREZA~~

(DEPOIS DE LONGA PAUSA) Laila e Joana ouviram a sua explicação e vão funcionar, agora, como jurados. Vão dizer o que pensam da sua atitude, para que eu possa deliberar, melhor, sobre o que devo fazer. Se a defesa que fez de você mesma conseguiu convencê-las, então procuraremos um jeito de contornar a situação e todas juntas buscaremos anular os comentários maliciosos que por certo hão de surgir. Mas, se mantiverem os seus pontos de vista anteriores, que eu já conheço, não me restará outra coisa a fazer, senão pedir-lhe que se demita de suas funções e se afaste do Grupo.

TEORICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE DE GRANDE JUSTO.

SIMONE - Não!... Não é possível que aconteça uma coisa dessas!... Eu não poderei pedir a minha demissão, senhora diretora, eu não poderei!... Não sou uma pobre... preciso trabalhar... não é uma senhora doente... não tenho nada, além do meu emprego. Seria horrível... seria abominável!... E tudo por procurar fazer o bem aos pobres garotos infelizes? É demais... é demais!... (CHORA DESPERTADA)

~~TEREZA~~

(SECA E INFLEXIVEL) Laila, você ouviu as razões que Simone apresentou, tou



- TEREZA - (CONTINUAÇÃO) para justificar a sua leviandade de ir à casa daquele libertino na Vila Verde. Aceita essas razões?
- LAILA - Recuso-as.
- TEORICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.
- SIMONE - (MAIS DESESPERO QUE DESESPERO) Laila!...
- LAILA - Recuso-as porque penho, acima de tudo, o bom nome de nosso Grupo e da Senhora Diretora, a quem todos conhecem e respeitam pela integridade de seu caráter. A população desta vila não compreenderia que a senhora deixasse sem punição uma falta como a que foi cometida por Simone e o seu ~~maximamente~~ comportamento, desculpando-a, seria como que um ponto de apoio ou de partida aos que pretendessem denegrir o seu bom nome.
- SIMONE - Mas Laila, eu nada fiz, juro-lhe! Você não precisa se envergonhar da sua colega, porque se a consequência foi má, a intenção foi a melhor.
- LAILA - De boas intenções o mundo está cheio, minha cara Simone, mas não por isso elas deixam de trazer graves e funestas consequências a quem as alimenta. Como mestras, que sabem, nesse dever, ~~de~~ de tudo, é dar aos outros um exemplo de retidão de conduta. E isto você não fez. O exemplo que deu foi de uma leviandade a toda prova. Uma leviandade sem limites. Uma leviandade imperdoável. Você tinha obrigação de prever as consequências de sua visita a uma casa isolada na colina, onde reside, apenas, um homem, tido e havido como libertino e que deixa a Vila inteira de recolher, sob o pretexto de que não suporta os seus escravidões, para passar a noite inteira numa orgia só, em casa de uma francesa velha e desonrada que há muito já deveria ter sido linchada pela gente honesta do lugar?
- SIMONE - Mas ninguém me avisou que a vida dele era esta, Laila. Juro-lhe que igno-  
rava completamente tais pormenores. Estou ouvindo agora, pela primeira vez. Tudo que me haviam dito, antes, é que ele era rico, muito rico e muito inseparável de solidão. Para realizar a obra que pretendo, em favor das crianças desprotegidas, eu precisava, antes de tudo, dinheiro. Sem dinheiro você sabe que não se faz nada. Tive, então a curiosidade de saber quem era a pessoa mais rica de região. E só por isso fui bater lá.
- LAILA - Você também ~~foi~~, uma vez e não conseguimos passar do portão de ferro de entrada.
- SIMONE - Eu também não teria passado, se não tivesse tido a felicidade ou infelicidade - sei lá! - de encontrar ali perto um pobre desente que foi antigo cocheiro da família e que se conduziu até lá dentro.



- LAILA - É que artifício usou para convencer o velho cocheiro demente? Se não me engano, você disse, há pouco, à senhora diretora, que havia usado um artifício para entrar na casa; não foi?
- SIMONE - Disse, sim. O artifício foi prometer ao pobre demente um saco de balas e uma barra de chocolate. Ele não pensou duas vezes. Imediatamente me conduziu até à casa, onde eu jamais poderia chegar sósinha porque os cães me estrapalhariam.
- LAILA - Se realmente foi esse o artifício, é até certo ponto deve ser muito decepcionante, para você, verificar que êle foi mais forte do que os seus atributos naturais, não é verdade?
- SIMONE - Quando fui à Vila Verde não pensava em mim e agora vejo que, se tivesse pensado, teria sido melhor, porque não me encontraria nessa situação de angústia em que me encontro agora.
- TEREZA - Bem, mas parece que estamos nos desviando do rumo que os fatos haviam tomado. Eu quero, apenas, a opinião de Laila e Joana a respeito do assunto. Quero saber se devo perdoar esta falta de Simone, por ter sido a primeira, ou se devo puni-la com o rigor que ela, em verdade, merece.
- LAILA - Eu sou de opinião que deve puni-la, senhora diretora.
- TECNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.
- LAILA - Puni-la para que não venhamos nós, as outras professoras do Grupo, a sofrer as sobras dos comentários que por certo irão atingi-la.
- TEREZA - Muito bem. O voto de Laila foi dado contra Simone. Ouçamos, agora, a opinião de Joana, já que ela faz, também, o papel de jurado. O que é que você acha, Joana?
- JOANA - Bem, senhora diretora, eu acho que a falta da moça foi realmente grave e que ela deve ser observada, mas exigir que ela peça a sua demissão, uma vez que é pobre e vive do seu trabalho, parece-me rigor demais.
- TEREZA - Em resumo você acha que ela deve ir embora, ou deve ficar?
- JOANA - Acho que pode ficar. A senhora terá que obter dela o juramento de que nunca mais irá lá em cima e si ela prometer... por esta vez deve ser perdoada.
- SIMONE - Obrigada, Joana. Muito obrigada. Deus há de permitir que um dia eu lhe prove, com atos concretos, a extensão e a profundidade da minha gratidão.
- LAILA - Bem, mas o caso ainda não está encerrado. Eu fui contra, Joana, estupidamente, votou a seu favor. Estamos, portanto, empatadas. E estando empatadas, cabe à senhora diretora o voto de minerva. Ela é que vai dar a última palavra. Se você fica, ou se nos alivia da sua presença.



SIMONE - (ANGUSTIA SUPREMA) Fale, senhora Diretora, fale. Mas lembre-se, antes de tudo, que Jesus perdoou aqueles que o Crucificaram.

TÉCNICA - EXPLOSÃO MUSICAL, FUNDE COM CARACTERÍSTICA DE ENCERRAMENTO.

---



S O L I D A O

- novela de Irice Gramer -

4º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

TEREZA - Muito bem, o voto de Laila foi dado contra Simone. De agora, agora, a opinião de Joana, já que ela faz, também, o papel de árbitro. O que é que você acha, Joana?

JOANA - Bem, senhora diretora, eu acho que a falta da moça foi realmente grave e que ela deve ser observada, mas exigir que ela peça a sua demissão, uma vez que é pobre e vive do seu trabalho, parece-me rigor demais.

TEREZA - De resumo: você acha que ela deve ir embora, ou deve ficar?

JOANA - Acho que pode ficar. A senhora terá que obter dela o juramento de que nunca mais irá lá em cima e si ela prometer... por esta vez deve ser perdoada.

SIMONE - Obrigada, Joana, muito obrigada! Deus há de permitir que um dia eu lhe prove, com atos concretos, a extensão e a profundidade da minha prática.

LAILA - Bem, mas o caso ainda não está decidido. Eu fui contra. Joana, estúpida mente, votou a seu favor. Estamos, portanto, empatadas. E estamos empatadas, cabe à senhora diretora o voto de minerva. Ela é que vai dar a última palavra. Se você fica, ou se nos alivia da sua presença.

TEREZA - Sim. Se devo dar a última palavra neste caso, é vou dá-la.

TÉCNICA - UM RUFAR DE ESPERATIVA.

TEREZA - Essa moça foi por demais leviana e a sua falta merece realmente a pena máxima.

TÉCNICA - VERGANTADA MUSICAL DE SUSTO.

LAILA - Muito bem, é exatamente essa a minha opinião.

TEREZA - Espere, no entanto... levando-se em conta que a pena máxima a deixaria em situação quasi que de miséria, penso que devemos perdoar-lhe a falta, por esta vez, nas improprias condições severas de comportamento que devem ser rigorosamente observadas por ela e controladas por nós.

SIMONE - (DEPOIS DE PAUSA, SORRIDA) Obrigada, senhora diretora. Muito obrigada. Eu prometo tudo que a senhora quiser exigir de mim. Tudo!

TEREZA - Não exijo outra coisa que manter intacta a moral de grupo que dirige. Só isto. Portanto você já está sabendo, de hoje em diante, como deve comportar-se aqui na Vila.

SIMONE - Sim senhora, obrigada.

LAILA - Há circunstâncias que nascem com a sorte. Você é uma. Garante que se a falta fosse minha, eu estaria na rua de margura. Sem emprego e sem a minha moral prejudicada.



TEREZA - E você acha que a moral de Simone não terá sido prejudicada também? É claro que foi. Todas as pessoas que souberam da sua ida à Vila Verde, ficaram fazendo, sobre ela, as piores suposições.

SIMONE - Injustamente, porque o motivo que me levou até lá foi o mais nobre e o mais puro que alguém possa imaginar.

TEREZA - Pois é, minha cara, mas as intenções nem sempre contam. Quem vê um pastor entrar num bordel, tem todo o direito a suas suposições: que ele foi salvar ou perder-se. É infelizmente o número dos que passam mal é muito maior. Portanto, se houve, realmente, uma boa intenção de sua parte, que a lição tenha sido útil a você e que a preserve de futuras complicações.

SIMONE - Obrigada mais uma vez, senhora diretora e que Deus a recompense pela sua compreensão.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PORTER.

TARCÍSIO - A senhora reparou, mãe, que Simone está triste?

ELVIRA - Reparei, sim, meu filho. Até já falei à dona Angela e ela atribui à mudança de vida, entende? Lá ele tinha o seu grupo, os seus amigos, a sua casa... aqui tudo é diferente. Ela chegou com muito entusiasmo, mas agora parece que caiu na realidade e naturalmente foi isto que a abateu. Dona Angela até saiu com ela, a conselho meu, para dar uma volta.

TARCÍSIO - Eu gostaria que elas ficassem aqui conosco. A senhora não?

ELVIRA - Claro que sim, meu filho. Basta que você sai da oficina e vá correndo para a casa. Além disto, não sei de noite, nem fico até às tentas de noite gastando suas energias nas pegadeiras que fazia antes. Só por isto eu tenho que preferir que elas fiquem.

TARCÍSIO - Simone parece uma boa moça, e a senhora não acha?

ELVIRA - Excelente. E a mãe dele também é uma boa pessoa. Se você viver como se ajuda... Quando eu vou procurar as coisas para fazer, dona Angela já faz. Se eu tivesse certeza que ficariam morando aqui, despacharia as minhas máquinas de costura, porque o que ela se paga pelas duas, dá perfeitamente para o sustento das três. Você pagaria a sua parte e nos sobraria muito mais dinheiro. De tia Rita, você sabe, eu não vou cobrar mais do que ela se paga.

TARCÍSIO - Eu acho que podia, sim. Quando ele está aqui, muito bom. Paga a pensão completa, mas quando não está manda-lhe sempre doces e crassinos pelo quarto. Que são doces e crassinos hoje em dia?



ELVIRA - Não pegaria o excesso da água, se tivesse.

TARCÍSIO - Pois então? Tia Rita é uma mulher que tem uma boa pensão, além do aluguel de duas casas e vive chorando miséria. É minha madrinha, mas que adianta? Não me tem grande afeto e nem me dá sequer um presente por ano, no dia do meu aniversário. Uma gravata, dois lenços, uma cinta, depois volta à gravata e os dois lenços e de novo a cinta e assim tem sido a vida toda. Eu não digo que madrinha seja para dar presentes e nem valha pelos presentes que dá, mas a verdade é que madrinhas como ela o diabo tem às dúzias.

ELVIRA - Que é isso, meu filho? Não fale assim da irmã de seu pai. Ao menos em respeito à memória dele.

TARCÍSIO - Tem razão, mãe, desculpe. Eu estou com raiva dela só porque me lembro que no dia em que ela voltou, Simone e dona Ângela terão que se mudar da nossa casa.

ELVIRA - Pode ser que eles tenham sorte de alugar uma casa pequena aqui perto. Ai não poderíamos estar quasi sempre juntos.

TARCÍSIO - Ou então, pode ser também que Simone...

ELVIRA - (Depois de pensar) O que?

TARCÍSIO - Não, nada, mãe. Deixe isso pra lá.

ELVIRA - Tarcísio, meu filho, você tenha cuidado. Não se incline demais sobre o parapeito da janela da esplanada, que pode perder o equilíbrio e cair no meio da rua. Seja cauteloso. Simone é uma moço fina, preparada, educada, bonita... tem direito a sonhar um pouco mais alto. Não se precipite, é só o que lhe peço.

TARCÍSIO - Por que, mãe? A senhora falou alguma coisa com ela a esse respeito?

ELVIRA - Não falei, mas certas coisas não é preciso a gente falar para sentir. Si one espera que a vida lhe compense a pobreza da sociedade com uma vida estável e de inteiro equilíbrio na mediana. É justo, convenhamos. Ser pobre, assim como somos, tendo que contar cada cruzado que gasta, não, é uma coisa bastante incômoda.

TARCÍSIO - Bem, mas eu estou tentando ter uma boa situação, um dia. Para isto não deixo meu emprego e botei oficina por conta própria. E os negócios estão progredindo. Estão melhorando. Cada dia aparece mais trabalho e mais trabalho representa mais dinheiro.

G/HEIRA - BOMTA QUE SE ABRE EM SIGURDO PLANO E PASSOS DAS ENHAS CHEGANDO.

ELVIRA - Chá de. Elas estão chegando. Venha mudar de assunto. (AIRO) Você tem alguma coisa hoje, meu filho?



TARCISIO - Muito, mãe. Hoje foi um dia terrível de trabalho. Não tive cinco minutos de folga.

AS DUAS - Boa noite.

TARCISIO - Boa noite. Foram dar uma voltinha?

SIMONE - Fomos.

ANGELA - Vai ver se distraía um pouco essa moça, mas acho que não adiantou muita coisa. (TOM) Com licença, Tarcísio, eu vou trocar os sapatos que o salto alto me cansa um pouco.

TARCISIO - À vontade, dona Angela.

C/REGRA - PASSOS DE DONA ANGELA QUE SE AFASTA.

ELVIRA - É eu vou fazer o seu cafésinho, meu filho. Simone, você aceita um cafésinho, para fazer companhia a Tarcísio?

SIMONE - Aceito, sim senhora, dona Elvira e obrigada.

ELVIRA - Vou fazer um cafésinho na hora. Com licença.

C/REGRA - PASSOS DE DONA ELVIRA QUE SE AFASTAM.

TARCISIO - (DEPOIS DE PAUSA LONGA, BRINCANDO) Vamos mudar de assentos? (RI)

SIMONE - Não ria, Tarcísio. Eu sei que sou uma companhia muito insípida, mas é mais forte do que eu.

TARCISIO - O que é que você está sentindo? Não quer me dizer? Não confia em mim?

SIMONE - Confio, mas a verdade é que ~~eu~~ tenho realmente um motivo, entende?

TARCISIO - Mãe acho que é pela mudança de ambiente. Pela falta dos seus amigos, da sua casa...

SIMONE - Não, não... Eu estou tão bem aqui... Por mim, nem sairia.

TARCISIO - (ANIMADO) É mesmo? Você se sente bem com toda a simplicidade da minha casa... sem nenhum conforto?

SIMONE - O conforto não é tudo na vida, Tarcísio. Há coisas muito mais importantes, muito mais necessárias...

TARCISIO - (DEPOIS DE PAUSA) O que, por exemplo?

SIMONE - O carinho. Para mim o carinho é a força maior que nos anima a viver.

TARCISIO - Quer dizer que você... pelo carinho... seria capaz de desprezar, algum...  
... uma situação de abundância ou de fausto?

SIMONE - Claro. Nem venderia. O carinho, para mim, é a melhor dádiva que podemos obter de alguém.

TARCISIO - Pois bem, já que você pensa dessa forma eu me sinto <sup>animado a</sup> ~~concordar~~  
lhe fazer <sup>também</sup> o seu papinho, a seu respeito.

SIMONE - Diga.

TEONIVA - PASSOS MUSICAL.



LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

SIMONE - O carinho, para mim, é a melhor dádiva que podemos obter de alguém.

TARCISIO - Pois bem, já que você pensa dessa forma, eu me sinto animado a lhe dizer também o que sinto a seu respeito.

SIMONE - Diga.

C/NEGRA - PASSOS DE DONA ELVIRA QUE ENTRA NA SALA.

TARCISIO - Você talvez não goste de ouvir, não...

ELVIRA - (CHEGANDO) Olhe o cafésinho, meu filho. Trouxe um para você e outro para Simone. Sei que ela também gosta de um cafésinho, de vez em quando...

SIMONE - Gosto, sim, dona Elvira e o seu é, sempre, muito gostoso. Obrigada.

TARCISIO - Já tem açúcar, mãe?

ELVIRA - Eu botei um pouco, mas se quiserem mais, aqui está o açúcar.

SIMONE - O meu está ótimo!

TARCISIO - O meu também está bom.

ELVIRA - Vou deixar a bandeija aqui, para quando terminarem.

C/NEGRA - RUIDO DE COLOCAR BANDEIJA EM CIMA DE MESA E DE SE AFASTAR COM PASSOS.

SIMONE - Você ia me dizer uma coisa e não chegou a dizê-la. O que era?

TARCISIO - Não, não... foi bom que a mãe chegou a tempo de nos interromper. Você talvez não gostasse de ouvir... melhor que eu não dissesse.

SIMONE - Óra essa, por que eu não haveria de gostar? Você ia me dizer alguma coisa desagradável?

TARCISIO - Não sei... talvez fosse. Isso, só quem poderia julgar seria você.

SIMONE - Que pena você ter desistido de dizer! Eu agora fiquei curiosa.

TARCISIO - Um dia você saberá. Prometo-lhe que mais adiante eu lhe direi.

SIMONE - E esse mais adiante, quando será?

TARCISIO - Quando você tiver confiança em mim e me disser o motivo verdadeiro de sua grande tristeza, que você não disse.

SIMONE - Como?!... Mas então você também notou?

TARCISIO - Mas quem não notaria? Há dois dias que você está completamente diferente, Simone. Nem parece mais aquela criatura animada e sempre aberta num sorriso, que chegou aqui.

SIMONE - Pois bem, Tarcísio, hoje eu não quero falar neste assunto. Estou começando a me acostumar com ele e não desejo reavivá-lo, mas amanhã, ou depois, prometo-lhe que lhe contarei tudo. Além eu preciso falar nisto a alguém e acho que você é mesmo a pessoa indicada.



MARCISJO - Perfeitamente. E se quiser falar comigo longo daqui, busque-me na oficina, à hora em que sair do Grupo. Poderemos ir à Confeitaria Central tomar um refresco e depois nos sentaremos no largo da Igreja, para conversar. Quer?

SIMONE - Combinado. Amanhã, na hora em que deixar o trabalho, passarei na oficina para buscá-lo.

TÉCNICA - SEPARAÇÃO MUSICAL.

EUDOXIA - Você precisa de butá mais sintido nos movimento/ de seu pai, Leopoldina. O que ele fez, introduzindo aquela moça no gabinete do seu Rafaél, foi uma lucara que deixou o patrãozinho muito ~~injusto~~ injudado. Ele disse que se o seu Migué fazê isso travêis, que ele manda botá seu Migué no hospício. Você num vai querê isso, vai?

LEOPOLDINA - Deus me livre, Eudoxia! Meu pai no hospício seria, para mim, a coisa pior deste mundo. E vou lhe dizer mais: se o patrão tivesse a coragem de fazer uma coisa destas, seria a maior das ~~injustiças~~ injustiças, depois de todos os serviços que ele prestou ao finado e à patrão, que Deus haja.

EUDOXIA - Bão, qué dizê... você é que tem que butá sintido pra isso num cantee travêis, num é? O coitado é dilirido das indêia, num sabe o que tá fazendo, quem tem que cuidá é você mesmo.

LEOPOLDINA - Eu sei que tenho que cuidar, mas também uma coisa ela tem que ver, que eu não posso fazer todo o serviço da casa, olhando para papai. Um momento que fui lá em cima, fazer a cama do patrão, ele escapou e já sabe como é... vai direitinho para o portão da estrada. E sabe de uma coisa: A moça deve ter prometido balas e chocolates para ele, porque a todo o momento ele diz que tem que ir no portão porque a moça vai trazer.

EUDOXIA - Di certo foi. Mas o patrão num qué mais nem vê ela pintada. Disse que ela enganô uma pessoa fraca das indêia e que uma pessoa direita num faiz isso que ela faiz.

LEOPOLDINA - Sabe o que eu me lembrei, Eudoxia? Agora, quando você for à vila, vai me trazer umas balas e uns chocolates e eu digo a ela que foi ela quem mandou. ~~ela~~ ~~ela~~ pode ser que passe essa mania de querer ir ao portão esperá-la.

EUDOXIA - É... pode sê, memo. Quando eu fô lá na vila vou trassê. É bala e chocolate, só? Quanto que você qué?

LEOPOLDINA - Pode trazer um quarto de kilo de balas de goma, que sãoas que ele mais gosta e umas duas ou tres barras de chocolate. Mas avise-me, antes



LEOPOLDINA - (CONTINUAÇÃO) que é para eu lhe dar o dinheiro.

EUDOXIA - Aviso, sim, praque eu mesmo nem tenho adonde tirar.

LEOPOLDINA - Vamos ver se com essa providência resolvemos a questão de papai e ele deixa de querer fugir para o portão a toda hora.

EUDOXIA - Óia lá, Suncê falando e eu por acaso oiei e vi o cuje se sobestrando indo no caminho da estrada.

LEOPOLDINA - Papai. (MAIS ALTO) Papai! Venha cá, papai. O senhor não pode ir para lá. Volte, onde. Venha sentar aqui na cozinha. (PAUSA) Onde é que o senhor ia?

MIGUEL - A moça disse que eu esperasse que ela ia me trazer um saco de balas e ~~uma~~ uma barra de chocolate.

LEOPOLDINA - Mas ela hoje não pode vir.

MIGUEL - Não pode vir?

LEOPOLDINA - Não senhor. Ela hoje não pode. Toco o telefone avisando que nem hoje nem amanhã poderá vir, mas que depois de amanhã virá lhe trazer o que lhe prometeu.

MIGUEL - Depois de amanhã?

LEOPOLDINA - É, papai, depois de amanhã. Depois de amanhã, sem falta, ela traz.

MIGUEL - E quando é depois de amanhã?

LEOPOLDINA - Depois de amanhã é... quer dizer... depois de amanhã tem que deixar passar dois dias, entendeu? Não é hoje, nem amanhã.

MIGUEL - Não é hoje... nem amanhã... então em que dia é?

LEOPOLDINA - Depois de amanhã, papai. Deixa passar o dia de hoje. Deixa passar o dia de amanhã. Aí, chega o dia.

MIGUEL - Chega o dia?

LEOPOLDINA - Chega.

MIGUEL - E ela traz as balas e o chocolate?

LEOPOLDINA - Traz.

MIGUEL - Então eu vou esperar.

LEOPOLDINA - Pois é, o senhor tem que esperar, mas não é lá no portão, não. É aqui. ~~De~~ de mim. Sempre perto de mim. Onde eu estiver o senhor deve estar. Binão as balas e os chocolates não vêm.

EUDOXIA - (meia voz) Coitado do seu Miguel! É coisa bem triste, cruiz! Se não tivô que me acuntecê, mais vale que Deus Nosso Senhor me dê uma boa hora de morte. Eu tô até em diá que nes precisô de boa. Já como.

TECNICA - PASSÁGEM MUSICAL



SIMONE - Eu estou muito constrangida de falar a você sobre o que me aconteceu, Tarcísio, mas você tem sido tão bom e tão compreensivo que talvez possa me aconselhar a respeito.

TARCÍSIO - Fale. Diga tudo que sente porque eu me sentirei muito feliz, se puder ajudá-la.

SIMONE - Tarcísio, eu fui à Vila Verde. (PAUSA) Você não se admira? Não se espanta lá? Eu fui sózinha à Vila Verde, Tarcísio.

TARCÍSIO - Sim e o que é que você foi fazer lá?

SIMONE - Queria um auxílio para o trabalho que pretendo realizar em favor das crianças desamparadas da Vila, entende? Disseram-me que o morador da Vila era o homem mais rico do lugar. Eu precisava arranjar uma certa importância para dar início ao meu trabalho. E fui. (PAUSA) E entrei na Vila.

TARCÍSIO - (RAZOAVEMENTE ADMIRADO) Você conseguiu entrar na Vila? Como? Olho que todo mundo costuma voltar do portão, sem conseguir nada lá.

SIMONE - Havia um homem que me pareceu doente de cabeça, talvez infantilizado...

TARCÍSIO - É seu Miguel, o antigo cocheiro da família. É louco, sim.

SIMONE - Ele me levou ao gabinete do dono da casa, sob a promessa de que lhe daria umas balas e uns chocolates. Mas nada adiantei em ter conseguido entrar. Foi mal recebida pelo cidadão morador da casa e voltei sem ter conseguido nada. Mas tudo isso não foi nada, em relação ao que aconteceu depois. Alguém que me viu, ou talvez a servente do colégio a quem contei o que se passou, falou à diretora e eu quase que fui expulsa.

TARCÍSIO - Mas por que? O que justificaria uma atitude dessa natureza por parte da diretora?

SIMONE - Disse-me ela que esse o homem é um libertino e que a moça que é vista em tranço, ou ainda, na casa, fica completamente desmoralizada e mais ninguém, na vila, olha direito para ela.

TARCÍSIO - Tolices! Não vá atrás disto. O homem é mal visto, em verdade, porque é rico e olha para todo mundo por cima da montanha de dinheiro que possui, mas daí a dizer-se que é libertino, isso é conversa feita por despeito ou por vingança. Libertino porque vai, de vez em quando, a um cabarézinho que há na vila? Todas as rapazes vão lá divertir-se nos sabões. Ele, simplesmente, vai num outro dia porque não tem desse negócio de ter que se levantar cedo para o trabalho. Então se ele é libertino por isso, todas as rapazes da vila são e a senhora diretora não devia falar com nenhum deles.



SIMONE - quer dizer que você não acha que eu tenha cometido falta grave por ter ido lá?

TARCISIO - Claro que não. Mórmente pela intenção com que foi levada.

SIMONE - Tarcisio, você é o melhor homem do mundo e nem sabe como lhe agradeço pelo grande bem que acaba de me fazer.

TARCISIO - Simone, ainda que você tivesse ido lá por levian<sup>o</sup>, eu seria capaz de perdoá-la porque eu...

SIMONE - (ATAÇA) Não fale, por favor, Tarcisio. Eu não quero que você diga o que ia dizer. Tenho receio de poder pagó-lo.

TARCISIO - (PAUSA) Eu entendo. (PAUSA) Perdoe-me!

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA ENCENAMENTO.

---



S O L I D A O

- Novela de Erico Cramer -

5º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

SIMONE - Quer dizer que você não sabe que eu tenho cometido falta grave por ter ido à Vila Verde?

TARCISIO - Claro que não. Meramente pela intenção com que foi levada.

SIMONE - Tarcisio, você é o melhor homem do mundo e não sabe como lhe agradeço pelo grande bem que acaba de me fazer.

TARCISIO - Simone, ainda que você tivesse ido lá por leviandade, eu seria capaz de perdô-la porque eu...

SIMONE - (ATACA) Não fale, por favor, Tarcisio. Eu não quero que você diga o que ia dizer. Tenho receio de poder magoá-lo.

TARCISIO - Eu entendo. (PAUSA) Pedbe-me!

SIMONE - Perdô-lo, por quê? Também não é como... Eu apenas tive a intenção de que você ia me dizer uma coisa que, por enquanto, eu não desejava que você dissesse, entende? Eu talvez não pudesse satisfazer a sua vontade e... você me entende, não é verdade?

TARCISIO - Eu já disse a você que sim. Mas

SIMONE - E você não fica triste comigo, Tarcisio? Eu diria tudo para não entri-  
teá-lo, quero que você saiba...

TARCISIO - Não se preocupe, eu não estou triste.

SIMONE - Jura?

TARCISIO - Não é preciso. Basta que lhe diga que não fiquei triste porque <sup>disse</sup> que  
"por enquanto" não desejava que eu falasse. O "por enquanto" é sempre  
uma esperança, entende? É uma esperança no animo e me dá força para  
guardar um momento mais oportuno.

SIMONE - Você é terrível, Tarcisio. Foi Deus que o levou no seu caminho, quando  
cheguei a lagoa Parada.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

RAPHAEL - Leopoldina, chegue aqui. Quero conversar um pouco com você.

LEOPOLDINA - (CHEGANDO) Não, meu Miguel. O senhor deseja alguma coisa de mim?

RAPHAEL - Quero, apenas, um esclarecimento a respeito de uma coisa que seu pai  
me disse hoje, no jardim.

LEOPOLDINA - Esclarecimento? A respeito de quê? Que coisas e depois então dizendo?

RAPHAEL - Ele estava chegando pelas escadarias e mostrou-me uma barra de chocolate que a tal  
moça que estava aqui deu a ele. Ele voltou à minha casa, Leopoldina?



LEOPOLDINA - Não senhor, seu Rafael, não voltou. As balas que papai tem, foram mandadas comprar por mim. Eudoxia as trouxe da vila, a meu pedido.

RAFAEL - É você as entregou a ele como se tivessem sido mandadas por ela?

LEOPOLDINA - Exatamente.

RAFAEL - Por que fez isto?

LEOPOLDINA - Para que ele perdesse a mania de querer fugir para o portão, na esperança de receber as balas. Agora, certamente, há de aquietar-se.

RAFAEL - É só o que desejo, para não ser obrigado a interná-lo.

LEOPOLDINA - Até hoje eu não sei como ele pôde passar, com ela, por mim e por Eudoxia, sem que a tivéssemos visto. Parece que seguiu a todos nós. Ou então foi mesmo Deus que assim desejou que acontecesse, para ver se quebrava o gelo do seu coração em relação às moças todas da vila.

RAFAEL - Deus... Deus... Deus é a desculpa de tudo para os conformistas. Não querem lutar, nem se aborrecer e então deixam, simplesmente, que as coisas aconteçam. Eu não sou desse sistema estúpido. E prefiro acreditar que foi o Diabo que botou aquela garota esportiva no meu caminho. Sabe que quando eu penso no atrevimento dela, não posso deixar de admirar a sua coragem? As corujas e as galinhas da Congregação que aí estiveram, não se animaram nem a transpor o portão de ferro que dá para a estrada. Voltaram indignadas, mas voltaram. Ela ainda usou de um ardil para poder chegar ao meu gabinete. Às vezes eu chego a perguntar a mim mesmo si ele estaria bem informada a respeito do homem que iria enfrentar. Às vezes penso que não, porque não posso aceitar uma menina, quasi, com tamanha coragem e destemor. Quando você for à vila e acontecer de se encontrar com ela, pergunte-lhe se sabia que espécie de homem sou eu, quando veio aqui.

LEOPOLDINA - Mas como posso fazer isto, si não a conheço, seu Rafael?

RAFAEL - Ah, é verdade... e nem Eudoxia, tão pouco.

LEOPOLDINA - Quando o senhor nos chamou para saber como é que ela havia entrado, a moça já tinha ido embora. Eudoxia disse que a viu pelas costas mas eu... isto.

RAFAEL - Está bem. Não tem importância. Vamos deixar para lá o que passou. Não devo me preocupar com criaturas tão insignificantes, como elas são todas as moças da vila. Si ela for valente, mesmo, voltará um dia.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LÁLIA - A senhora pode se conceder cinco minutos, dona Sarah? Não estará muito ocupada agora?



SARAH - Não, não. Casualmente terminei os meus afazeres da manhã e ia me sentar para continuar a renda de crochet que estou fazendo, para a toalha do altar de nossa Senhora das Vitórias. Sente-se. Podemos conversar. Que novidades há?

LAILA - Como?! Será possível que a senhora ainda não sabe maior de toões?

SARAH - Sei, não. O que foi? Eu ando sempre na casa, às voltas com os meus hóspedes...quasi não saio... E na Igreja a senhora sabe que não se pode fazer certos comentários...

LAILA - Pois disse que a nova professorinha já andia fazendo das suas.

SARAH - Será possível?!... Com tão pouco tempo de chegada à terra?! Mas o que foi? Conte logo.

LAILA - Foi à Vila verde, entrou e foi recebida pelo proprietário!

TÉCNICA - ACORDE DE ADMIRAÇÃO

SARAH - Não é possível!...

LAILA - É possível, sim.

SARAH - Você diz que ela foi recebida por seu Rafael?

LAILA - Foi. Que meios usou para isto, não sei, mas que foi recebida foi, porque ela mesma contou à Joana, a nossa servente, que, na mesma hora, foi deప్ప jar tudo para dona Tereza.

SARAH - Mas o que é que ela foi fazer lá, não se saber?

LAILA - Diz ela que pretendeu salvá-lo do pessimismo em que se afundou, mas eu tenho para mim que em vez de salvá-lo foi ela que se perdeu.

TÉCNICA - REPETE O ACORDE ANTERIOR.

SARAH - Meu Deus!... Será possível?!... E dona Tereza o que fez com a menina?

LAILA - Pasmé, dona Sarah, pasme! Dona Tereza perdoou-lhe a falta// e deixou que ela continuasse lá dentro do Grupo, junto connosco. Comigo, não, que não lhe dou a mínima confiança, nem olho para a cara dela que me faz nojo, mas afinal é a tal coisa: continua no Grupo e o Grupo, por causa dela, é alvo de comentários que envolve a todas nós.

SARAH - Tem razão. Tem razão. Tem toda razão. Mas posso compreender essa atitude de dona Tereza, sempre tão ciosa do nome de instituição que dirige.

LAILA - Eu também não compreendo. E foi por isto que me resolvi a vir aqui contar-lhe tudo e pedir a sua solidariedade a nosso favor.

SARAH - Mas é claro que você tem a minha solidariedade, Laila, nem poderia ser de outra forma. E se precisas usar o meu nome contra essa menina leviana, faça-o porque eu sustento a nota.



LAILA - Eu preferiria a sua solidariedade de uma outra forma.

SARAH - Qual é? Diga.

LAILA - Preferiria que a senhora falasse com o Padre Demétrio, a respeito do fato, contasse-lhe toda a verdade e pedisse a êle que conversasse com dona Tereza para fazer ver a ela que procedeu de uma forma ~~isso~~ recomendável, por doando uma garota que merecia o mais implacável dos castigos para aprender o que nos pode custar um mau procedimento.

SARAH - Sim, sim... você tem razão, Laila. É exatamente isto que se deve fazer. Obrigar essa menina a sentir os desastrados efeitos da sua levandade. E o Padre Demétrio tem grande força sobre o espirito de dona Tereza. Ela vai, sempre, por êle, pelos seus maravilhosos conselhos e pela sua orientação magnífica.

LAILA - A senhora pedirá, então, ao Padre Demétrio para observar dona Tereza?

SARAH - Claro que pedirei.

LAILA - Será um favor muito grande que a senhora presta a nós e ao Grupo.

SARAH - Isto não é favor, minha filha. É obrigação. É dever. Afinal não sou eu uma sentinela dos bons costumes cá da vila? E qual é a obrigação de sentinela? Alertar sobre o perigo, quando ele se apresenta iminente. (TOM) Mas afinal esse menina não disse o que foi fazer lá? (TOM) Ah, disse, sim, disse. Você já me contou e eu ia me succendo. Disse que tinha ido salvá-lo; não foi isto?

LAILA - Exatamente. Mas eu não acredito muito no método de salvamento que ela adotou, não. Repito que acho muito mais fácil que ela se tenha perdido, do que conseguido salvá-lo.

SARAH - Estas meninas modernas parece que sentem prazer em desafiar o perigo. Brincam na beirada abismo, sem se preocupar de escorregar e cair. Cabe a nós, mais velha e experientes, ensinar-lhes o caminho da luz e da verdade. E se nos furtarmos a esse sagrado dever, estaremos incorrendo em pecado.

LAILA - Certo. Mas então, dona Sarah, posso sair daqui completamente descansada, porque a senhora tomará o caso em suas mãos; não é assim?

SARAH - Decerto. Hoje ~~no~~, na mesa do jantar, falarei ao meu irmão e espero que já amanhã a senhora fique sabendo que dona Tereza foi chamada por êle a prestar-lhe contas da sua atitude displicente em caso de alguma gravidade. Vá descansada, Laila. Vá descansada que tomarei conta deste caso.

LAILA - Obrigada, dona Sarah, muito obrigada! Eu só ia que podia contar com a senhora.



LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

ELVIRA - Simone melhorou bastante de uns dois dias para cá; não é verdade?

ANGELA - Melhorou, sim. Desde aquela noite em que a deixei conversando com Tarcísio. Penso que ele deve ter dito alguma coisa a ela.

ELVIRA - Coitado do meu filho. A senhora sabe que ele está completamente embebecido por Simone?

ANGELA - É verdade? A senhora acha?

ELVIRA - Eu acho, não. Tenho certeza absoluta do que digo. Pois se ele até já me falou, por alto, do assunto. Mas eu tratei logo de tirar-lhe as esperanças.

ANGELA - Coitado, dona Elvira! Por que fez isto?

ELVIRA - Porque acho que ele não é rapaz à altura de sua filha. Ela é uma moça culta... inteligente... bonita e preparada. Meu filho, coitado, o que é? Um mecânico. É como aquela história do sapo e da estrela. A senhora não conhece?

ANGELA - Conheço, mas não acho que seja o caso. Meu filho é um mecânico, sim, mas é um rapaz de muito bom aspecto físico, um rapaz que conversa muito bem, trabalhador, honesto e que goza do melhor conceito aqui na vila. Por que não poderá ambicionar uma moça como minha filha?

ELVIRA - Porque ela, naturalmente, há de pretender - e merece - um casamento rico.

ANGELA - Não creio. Nunca conversei com respeito, mas acredito que as ambições de minha filha, para o casamento, não irão além de que o rapaz seja trabalhador e honesto. O resto tem muito menos importância. Pelo menos para mim.

ELVIRA - Pois olhe, dona Angela, eu vou dizer à senhora que fico muito satisfeita de ouvi-la falar assim. Isto, pelo menos para mim, já é uma esperança. Adoro Simone, desde o dia seguinte ao que entrou na minha casa e nunca imaginei que um dia pudesse alimentar esperanças de que ela pudesse vir a ser minha nora. Agora, diante do seu pronunciamento a respeito do meu filho, já sinto menos descabida a minha crença.

ANGELA - Eu não direi uma só palavra para entusiasmar minha filha porque não quero que nestas coisas de casamento, só quem deve ser ouvido é o coração, mas diga-me aqui, sigilosamente, que Tarcísio seria, para mim, o genro ideal.

ELVIRA - Não fale mais, dona Angela. Não fale mais que eu vou acabar chorando de conção e reconhecimento. Se isto fosse possível, um dia, afianço-lhe que poderia morrer tranquila.

ANGELA - O mesmo posso dizer eu. Mas deixemos correr o tempo e que falem os corações soles, sem qualquer interferência de nossa parte.







TEONICA - EMBEDA COM MÚSICA DE BOITE, COM POUCAS VOZES EM 2º PLANO. (HOMENS E DAMAS)

MARGOT - (CHAMANDO, COM SOTAQUE FRANCÊZ, GARREBADO) Querrem mais alguma coisa par  
ra tomar?

GLAUCO - Querrem s um cognac, mas querrem, também, que a boneca venha sentar aqui,  
comigo soo.

MARGOT - Oúi, oui, eu vou sentarr. (CHAMANDO) Lui, vien, Lui. Deux cognac, ioi.

OTAVIO - Dois, não, boneca, três. Você vai tomar também. (AIPO, PARA LONGE) Tres,  
Luiz.

GLAUCO - A casa hoje está com pouca gente. O que é que há, Margot?

MARGOT - Non sei. Faz três dias que a frequência está fraca. Até já baixei os  
preços... non sei mais o que fazer.

OTAVIO - Eu lhe digo: renove o estoque.

MARGOT - Como posso renovar, com essas megerras que non deixam parrar, na vila,  
ninguem que se diverte? Fazem a policia andar de volta, na mesma horra.  
Qualquer dia vão querrir me botar a mi pra forra.

GLAUCO - quem são elas?

MARGOT - As damas protetoras da virtude e da moral.

OTAVIO - Você sabe por que elas ainda não conseguiram expulsar você daqui?

MARGOT - Porque o delegado é meu chapa. Vem sempre aqui, tarde de noite, parra se  
se divertir também. E porque eu mando, todos os meses, muitos viverres  
parra os pobres da igreja. Um dia até um vez já me encontrou na rua  
e me agradeceu. Pedia que eu fosse lá na casa cantique parra conversar  
com ele, mas eu non fui.

VOZ - Pronto os conhaques.

O/REGRA - RUIDO DE BOTAR TRÊS CALIÇOS EM CIMA DA MESA.

GLAUCO - Deixa esse turma pra lá, boneca. Se não fosse você, a gente não tinha ou  
de se divertir nesse buraco danado de Lagoa Parada. Não é só a lagoa que  
é parada. A terra também. Ninguém anda neste fim de mundo.

OTAVIO - Ninguém anda, mas em compensação todo mundo fala.

MARGOT - Porque a lingua non tem óso e cada um pode dizer aquilo que imagina.  
Se cada um fosse dizer só a verdade, ninguém falava tanto.

GLAUCO - Deixa isso pra lá, boneca, já te disse. Quando é que volta a moreninha  
de sinalzinho na ponta do nariz?

MARGOT - Está de casa montada na cidade de Ribeirão, com um coronel viuvo, app  
montado.

OTAVIO - Reformado, Margot.



MARGOT - Não vem a dar na mesma coisa? Então deixa ficar. Não sacrifique. Eu não sei falar direito e já faço uma força tremenda pra que me entendam...

GLAUCO - Esse cara é chato, não é Margot? Reformado ou aposentado, igual o cara recebe sem trabalhar. (TOM) Mas então a moreninha arrumou a vida dela?

MARGOT - Muito bem arrumada e será boba se não se portar direito. Eu disse pra ela, quando foi embora. Menine, você teve sorte. Não vá dar um pontão pé nessa sorte. A vida na tranquilidade do lar é muito mais agradável e menos incerta. E quem não tem a coragem de fazer como eu fiz, vai pedir as esmolas na velhice.

OTÁVIO - Bem, bem... deixa isso pra lá. Vamos deixar de falar em coisas tristes. É como diz o Tarcísio: tristezas não pagam dívidas.

MARGOT - Oh, é verdade!... E Tarcísio como está? Faz tempo que não aparece. Não está doente, pois não?

GLAUCO - Eu acho que está.

MARGOT - Verdade?! Pobresinho! que tem ele? Eu gosto muito do Tarcísio.

OTÁVIO - Sabe qual é a doença dele?

MARGOT - Vai lá.

OTÁVIO - C'est l'amour. Toujours l'amour.

MARGOT - Não me digue. Tarcísio está de amores com alguém? Que é a felicidade?

GLAUCO - Uma profesprinha do Grupo, boa pra xuxú! Se ela tivesse no dedo bolão, o Tarcísio não tinha tido tempo de se embalar.

MARGOT - A moça que casar com Tarcísio será muito feliz. Tarcísio é muito bom. Um rapaz às divreitas. Bem, então vamos tomar à saúde de Tarcísio, e da sua hemorrada. (OS TRÊS BATEM OS CALIÇOS E RIEM)

TÉCNICA - SOBRE A MÚSICA EM FUNDO E FUNDE COM PASSAGEM MUSICAL

TEREZA - Recebi o recado que o senhor precisava falar comigo, vim imediatamente, Padre Demétrio.

DEMÉTRIO - Fez bem. Fez muito bem, porque o assunto não só é importante como é também urgente, reclamando imediatas providências de nossa parte.

TEREZA - O senhor me assusta, padre Demétrio. Posso saber de que se trata?

DEMÉTRIO - Naturalmente que vai saber. Antes, no entanto, peço-lhe que se sente e preste muita atenção ao que vou dizer.

C/REGRA - RUÍDO DE ARRABASTAR GADREIRA PARA SEYFAN, PAUSA.

TEREZA - (Depois de pausa) Estou pronta, Padre Demétrio. O que tem a me dizer, de tão urgente e tão importante?

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL QUE FUNDE COM A CARACTERÍSTICA QUE VAI ENOBESCER O CA-



TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

DEMÉTRIO - Fes muito bem em vir logo, porque o assunto não só é importante como é também urgente, reclamando imediatas providências de nossa parte.

TEREZA - O senhor me assusta, Padre Demétrio. Posso saber de que se trata?

DEMÉTRIO - Naturalmente que vai saber. Antes, no entanto, peço-lhe que se sente e preste muita atenção ao que vou dizer.

C/REGRA - RUÍDO DE ARRASPAR CADEIRA PARA SENTAR. PAUSA.

TEREZA - (DEPOIS DE PAUSA) Estou pronta, Padre Demétrio. O que tem a me dizer de tão urgente e tão importante?

DEMÉTRIO - É sobre a nova professorinha que desejo falar-lhe.

TÉCNICA - VERGASPADA MUSICAL FORTE

TEREZA - O que?!... O senhor já soube?!... Mas não, como as coisas se espalham depressa aqui em Lagoa Parada.

DEMÉTRIO - É para a senhora ver, minha amiga. A Lagoa é parada, mas as novidades voam. E como chegaram aos meus ouvidos certos rumores sobre o comportamento dessa moça, mandei chamá-la para saber o que efetivamente aconteceu e qual foi o seu procedimento, diante dos fatos.

TEREZA - Bem... eu não sei se as coisas lhe foram contadas, mas tudo partiu de uma visita que Simone fez à Vila Verde. Disse ela que com a intenção de envolver seu Rafael numa obra de caridade que desejava realizar em favor dos menores desprotegidos. O caso é que ela foi lá e entrou no gabinete dele, coisa que ninguém jamais conseguia, depois que do na Clara foi chamada ao eterno descanso.

DEMÉTRIO - Ela conseguiu entrar na casa de seu Rafael? Mas de que modo? Não disse?

TEREZA - Diz ela que convenceu o velho Maguel, na sua loucura, que lhe daria um presente de balas e chocolates. O pobre demente ficou alucinado e conduziu-a até ao gabinete.

DEMÉTRIO - E depois? Conte-me.

TEREZA - Diz ela que ele recebeu muito mal, ficou muito sangado porque ela havia entrado valendo-se da demência de um pobre irresponsável e convidou-a a sair, sem que ela tivesse tido tempo de manifestar-lhe a sua ideia. Ela ainda insistiu, mas ele não quis atendê-la. Diz que então saiu. Nota-se que eu estou repetindo as palavras dela. Se saiu mesmo, não sei.



DEMÉTRIO - E que informações a senhora tem dessa moça, antes de ter vindo para cá?

TEREZA - Bem... manda o meu dever de católica praticante que eu diga que foram todas boas. Não só as informações dela, como também de sua mãe que é uma viuva relativamente moça e que todos dizem que teve, sempre, um procedimento digno.

DEMÉTRIO - Então talvez não nos seja lícito duvidar da boa intenção dessa moça. E qual foi o seu procedimento?

TEREZA - Bem... eu fiz o que me pareceu que deveria fazer, como diretora de um grupo e responsável pela moral, lá dentro: adverti seriamente a moça e botei em votação a pena que lhe deveria ser imposta. Ela achou que ela não podia continuar e deveria pedir a sua demissão, mas Joana, por sua vez, levando em conta que a menina era pobre e dependia desse emprego não só para o seu, como também para o sustento da mãe, votou pela sua conservação no Grupo, depois de seriamente advertida.

DEMÉTRIO - Foi muito mais humana, sem dúvida.

TEREZA - Cabia então a mim o voto de minerva e eu achei que era de meu dever dar-lhe mais uma chance. Observei-a rudemente e fiz com que ela me promettesse que nunca mais faria coisa alguma que pudesse deixar em dúvida o bom nome do nosso Grupo. Ela prometeu, se vai cumprir, não sei.

DEMÉTRIO - Esperamos que sim, em todo caso, eu gostaria que a senhora me mandasse essa moça à casa canônica, em qualquer tarde livre, para que eu tivesse uma conversa com ela e a observasse melhor, de perto.

TEREZA - Todos os sábados ela tem a tarde inteira livre. O que não sei é se que rerá vir, mas a mim não me custa dar-lhe o recado.

DEMÉTRIO - Ela há de vir, sim. Tenho certeza que virá. Já a vi na missa com a mãe tantas vezes... Só frequenta a igreja assim quem é religiosa convicta.

TEREZA - Eu darei o seu recado, Padre Demétrio. Deseja mais alguma coisa de mim?

DEMÉTRIO - Não, minha filha, era só isto, mas eu estava aflito para falar-lhe porque achava que não devíamos perder tempo.

TEREZA - Muito bem, Padre, então o senhor vai me dar licença que eu quero passar no bazar para comprar cartolina para um trabalho dos alunos e às onze e meia o bazar fecha e eu preciso disto para hoje.

DEMÉTRIO - Vá, minha filha vá. E não esqueça: mande-me logo a menina que eu desejo falar com ela.

TEREZA - Sim senhor. Pode estar descansado. Sua benção, padre.

DEMÉTRIO - Que Deus a abençoe, minha filha.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.



RAPHAEL - Eudoxia, venha cá. Quero lhe fazer uma pergunta.

EUDOXIA - (VINDO) Sim senhor, seu Rafaél. Pode fazer a pergunta que eu estiver pensando, sim senhor.

RAPHAEL - Você hoje de manhã, bem cedo, estava lá no portão de ferro da estrada, não estava?

EUDOXIA - Tava, sim senhor, seu Rafaél.

RAPHAEL - Eu vi, lá de cima, da janela do meu quarto. E depois chegou uma pessoa e veio falar com você, não foi verdade?

EUDOXIA - Foi verdade, sim senhor, seu Rafaél.

RAPHAEL - Eu só não vi quem era a pessoa porque o meu binóculo estava aqui em baixo e até que eu viesse buscá-lo e voltaasse, ela já tinha entrado ou ido embora não sei...

EUDOXIA - Hum senhor, ela não tinha entrado, não senhor. Tinha ido embora.

RAPHAEL - Não era a nova professora do Grupo, a tal que estava aqui em casa?

EUDOXIA - Hum era, não senhor, seu Rafaél. Juro pra duvida que não era.

RAPHAEL - Mas você não conhece a outra, só a viu, ligeiramente, de costas, como pode afirmar, com tanta convicção, que não era?

EUDOXIA - Bão, quê dáizê... eu não conheço a outra, não senhor, é verdade. Mas o caso é que eu conheço essa que teve aí e sei que ela não é professora, não senhor. É mulher do Ambrósio Ferrero, sim senhor e trabalhava de lavadeira. Até já lavei roupa pra ele, uma vez. Eu mesma levei a roupa lá.

RAPHAEL - Bem, mas e o que é que ela queria no portão?

EUDOXIA - Nada, não senhor. Só me perguntou se eu não arranjava o lavado da casa pra ela, que ela tava precisando, mas aí eu disse pra ela que a Leopoldina lá lavava tudo aqui e que o senhor tava satisfeito com o lavado dela.

RAPHAEL - Pois é, mas foi bom nós falarmos nisto porque a Leopoldina não se queixa do que tem muito trabalho e não lhe sobra tempo para cuidar do pai. Portanto, você pode dizer à mulher do ferrero que se ela quiser retomar o lavado pode retomar, mas precisa cuidar de passar melhor as roupas que lá outra vez não eram bem passadas.

EUDOXIA - Sim senhor, eu digo pra ela, sim senhor. Ih, ela vai ficar contente de receber mais esse dinheiro. Disse que não tinha mais de vida, a nobre! Cinge boca pra lá de amê o senhor vê que não é mole, não.

RAPHAEL - Está bom, eu não tenho nada com os filhos do ferrero e acho que quem não pode não inventa nada, mas em todo caso, para melhorar a minha ficha que é mais negra do que os olhos daquela sirigaita que veio aqui, vou dar os



RAFAEL - (CONTINUAÇÃO) sa chance ao ferreiro e vou ajudar a criar os filhos dele.

EUDOXIA - E eu fico muito contenta sabe pruguê? Pruguê a sinhásinha gostava muito dela e sempre dava os resto de comida pra ela levá. Ela vinha sempre aqui buschá, a coitada.

RAFAEL - Bem, Eudoxia, será que você ainda vai querer que eu lhe dê também os restos de comida?

EUDOXIA - Ia sê muito bõo pra ela, a pobre. Hai dias que eles só come pirão de farinha...

RAFAEL - Está bem, Eudoxia, está bem. Dá os restos de comida para a mulher do ferreiro e não me amola mais com choradeiras.

EUDOXIA - Tá bem, sim sinhô, seu Rafaé. Tá bem. Deixa eu ir lá agora mesmo avisá pra ela. (APASTARDO-SE SEMPRE APALAR) Ela vai ficá que é capaz até de tê uma coisa que vai sê até mais piô o remendo que a sineta.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

SIMONE - Eu lhe peço desculpas, Padre, de não ter atendido ao seu chamado no mesmo dia, mas infelizmente eu já estava com um compromisso, já transferido uma vez, de maneiras que ~~não~~ não tive jeito de voltar a transferi-lo e só hoje me foi possível vir.

DEMETRIO - Não tem importância. Ainda estamos muito em tempo de conversar, minha filha. Pode dispor de meia hora?

SIMONE - Claro, Padre. Até ~~mais~~ necessário.

DEMETRIO - Não há necessidade de mais. Como também sou um homem muito ocupado, sei muito bem, o quanto o tempo é precioso para as pessoas como eu. Sente-se, por favor e ouça-me.

SIMONE - Pois não, Padre, pode falar que serei toda ouvidas.

DEMETRIO - Houve uma questão com você, no Grupo onde trabalha, não é verdade?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL MORTE.

SIMONE - (DEPOIS DE PAUSA, ABAFADA) Sim... então... então foi por isso?

DEMETRIO - Sim, sim, foi por isso, mas não há necessidade de que se espavore. Nós vamos conversar como bons amigos e eu já lhe adianto que estou aqui para aconselhar ~~o~~ não para censurar; compreenda bem?

SIMONE - Eu sei que fui ~~uma~~ leviana, senhor Padre, mas juro-lhe que desconhecia completamente a fama do homem da Vila Verde e a minha convicção era de que ele fosse um velho, o que não é. Talvez que se o tivesse imaginado como ele realmente é, não tivesse me atrevido a tanto.

DEMETRIO - Bem, mas antes de qualquer outra consideração <sup>Sobre o assunto</sup> ~~eu~~ quero que você me diga qual foi a intenção que a levou <sup>até</sup> Vila Verde.



TECNICA - PASSAGEM MUSICAL.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL.

SIMONE - Talvez que se o tivesse imaginado como ele realmente é, não tivesse me atrevido a tanto.

DEMETRIO - Bem, mas antes de qualquer outra consideração sobre o assunto, eu quero que você me diga qual foi a intenção que a levou até Vila Verde.

SIMONE - Bem, Padre, em poucos dias de estada em Lagoa Parada, pude verificar que a miséria é grande e que a quantidade de crianças desamparadas, pelas ruas, é uma coisa que reclama uma providência qualquer. Em face disto, jurei a mim mesma fazer qualquer coisa pelos pobres garotos desamparados e tratei de indagar qual a pessoa mais rica da região que pudesse me auxiliar na cruzada que havia me proposto realizar. Disseram-me que era o proprietário de Vila Verde, mas que dificilmente eu conseguiria alguma coisa com ele, porque ele detestava todo mundo na vila e não faria nada para ajudar alguém. Eu fiquei horrorizada e louca de pena dele, ao mesmo tempo, pensando nas coisas que ele teria que, mais tarde, acertar com Deus. Resolvi-me então fazer-lhe uma visita para falar-lhe sobre a caridade e sobre os deveres que temos para com os desgarrados da sociedade. Mas ele, desgraçadamente, irritou-se com a minha presença e exigiu a minha retirada sem lhe dar tempo de dizer a metade do que havia preparado. (PAUSA) Mas erins fo este, senhor Padre. Ter me interessado pela infância desvalida e pretendido iniciar um movimento que minorasse a sua desgraça.

DEMETRIO - Mas você não vai desistir de fazer uma coisa tão linda, vai?

SIMONE - Infelizmente dona Teresa parece que não compreendeu muito bem a minha intenção e se fez prometer que não tomaria mais nenhuma iniciativa neste sentido, para não ter que me expor a comentários maldosos, que poderiam afetar o bom nome do Grupo que ela há tanto tempo dirige.

DEMETRIO - Mas dona Teresa não tem razão de procurar impedi-la de fazer tão grande caridade, minha filha. Você, se tem realmente desejo de praticá-la, pode dedicar-se à sua ideia de alma e corpo e eu a apoiarei.

SIMONE - (ALÉM DO PALCO) O mesmo, padre! O senhor me dá o seu apoio à minha ideia?

DEMETRIO - Não só lhe dou apoio como ainda lhe prometo a atenção de todas as senhoras católicas da Lagoa Parada. Quando quer começar a empreitada?

SIMONE - Bem... penso que antes de qualquer iniciativa deve conversar com dona Teresa, para que ela não possa dizer que lhe falei à palavra.



DEMÉTRIO - Está certo, minha filha. Converse então com ela e depois apareça para combinarmos as primeiras providências.

SIMONE - Obrigada, Padre Demétrio. O senhor restaurou a minha fé em Deus e nos homens!

TARCISIO - PASSAGEM MUSICAL

ELVIRA - Ué, meu filho, você veio mais cedo?! Não foi buscar Simone?

TARCISIO - Não, porque combinamos de nos encontrar em casa, para irmos ao cinema.

ELVIRA - Ah, vocês vão ao cinema hoje? E dona Ângela também vai?

TARCISIO - Acredito que sim. Ela sabe que o povo daqui é muito linguarudo e não há de querer que vamos sózinhos. Aliás, eu pretendia mesmo convidá-la. E a senhora também, mãe.

ELVIRA - Eu não posso, meu filho. Só tenho óculos de ver de perto, por causa das costuras e sem óculos, ao longe, não enxergo nada. É botar dinheiro fora. Mas de qualquer maneira agradeço-lhe a boa intenção.

TARCISIO - E quem sabe, em vez de cinema, vamos dar uma volta na praça e depois chegavamos na confeitaria da dona Mimosa para tomar um refrigerante! Também seria um programa para nós.

ELVIRA - Não, meu filho, obrigada. Não altere nada por minha causa. Eu não posso nem sair. Tenho que escolher o feijão para amanhã e deixar de molho... tenho umas roupas suas para costurar... eu lucrarei muito mais se ficar em casa. Dona Ângela acompanhará vocês.

TARCISIO - Está bom, mãe, se a senhora preferir... mas eu teria muito prazer que a senhora fosse.

ELVIRA - Eu sei, meu filho e agradeço muito o convite. Estou muito feliz com o (TOM) Escute aqui... como é que vão os seus assuntos com Simone?

TARCISIO - Continuam em ponto morto. Ela me trata muito bem... mostra prazer na minha companhia... não rejeita nenhum convite que eu lhe faça... mas deixar-me falar, que é bom, ela ainda não deixou.

ELVIRA - Eu não quero animá-lo, tenho medo que você, depois, se decepcione, mas tenho para mim que você tem feito progressos. Você não reparou, antes, que ~~o~~ fez questão de servir o seu café?

TARCISIO - (rído) Puxa, vida! A senhora não deixa escapar nada, hein mãe?!...

ELVIRA - É que o coração de mãe está sempre vigilante, meu filho. E por isso é que estou apta a dizer os progressos que você tem feito naquele corneiozinho. Queira Deus que vocês se acertem... e sejam felizes! Uma mulher como Simone foi que eu sempre sonhei para minha vida.

TARCISIO - PASSAGEM MUSICAL



TÉCNICA - FUNDE COM RUÍDOS DE RUA DE PEQUENA VILA. (PASSAM CHARRETES, CAVALOS E ATÉ O RUIO DE UM TREM PODE-SE OUVIR AO FUNDO. SINO DE IGURJA, ETC. MAS TUDO MUITO DISCRETO).

SARAH - Laila, bom dia, venha cá.

LAILA - (SECA) bom dia, dona Sarah.

SARAH - Você ia passando sem falar comigo, por que? Eu fiz alguma coisa que tenha lhe desagradado?

LAILA - Não senhora, não fez nada. É que eu estava apurada, por isso ia passando sem parar.

SARAH - Não, Laila, você está magada comigo porque lhe prometi a solidariedade de meu irmão e ele entendeu a questão de outra forma; não é isto?

LAILA - Eu nem me lembrava mais daquilo, dona Sarah.

SARAH - Você está sentindo, Laila. Não faça isto. Lembre-se que acabou de sair da igreja agora mesmo. E Deus não gosta que sejamos insinceros.

LAILA - O que é que a senhora queria que eu fizesse, depois do que aconteceu? Que ficasse contentíssima e me desanxiasse toda a sua frente, quando a senhora faltou à sua palavra empenhada? Há de compreender que eu não posso.

SARAH - Espere, Laila, você não está sendo justa. Eu não faltei à minha palavra, absolutamente. O que foi que eu prometi a você? Falar com meu irmão, não foi? E eu cumri o prometido. Falei com ele. Apenas não consegui convencê-lo a tomar a atitude que você desejava. Mas isso era uma questão de consciência para ele, na qual eu não podia, de modo algum, interferir.

LAILA - Mas se a senhora não tinha certeza de conseguir, não deveria ter me enfiado ao ponto que o fez. Eu sai dali convencida de que havia ganho a minha batalha pela moral e pela decência e que vejo, ao final? Uma trágica derrota! O Padre Demétrio, o guia espiritual de Lagoa Parada, o pastor que deve encaminhar as ovelhas sem rumo, dá razão à levandade e abafa a voz da prudência. A senhora quer que eu esteja satisfeita com ele? Não posso. Nem com ele e nem com a senhora. Considero-me traída e ludibriada por quem tinha o maior dever de apoiar-me. Portanto... deixe-me proceder como me pede o coração e não se reclame o meu cumprimento, na rua.

SARAH - Está bem, Laila, se você sente que é assim que deve tratar-me, eu não tenho argumentos para convencê-la de que está errada, porque vejo que a sua obstinação destruirá tudo que possa lhe dizer em minha defesa. Siga o seu caminho e proceda como entender, mas se um dia o ódio de que está possuída arrefecer e lhe der lugar a considerações mais acertadas, volte que há de nos encontrar no mesmo lugar de sempre e com as mesmas disposições anteriores. *Adieu!*



SIMONE - PASSOS DE MULHER QUE SE APASTAM E SOMEM, EM CALÇADA.

LAILA - Imagina só! Fazer o que faz é ainda ter a petulância de reclamar o meu cumprimento na rua! Era só o que me faltava. Ela ainda não me conhece, mas vai me conhecer!

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

SIMONE - Se a senhora pudesse me dispensar dez minutos, dona Tereza, eu gostaria de lhe falar um assunto.

TEREZA - Fala. É alguma queixa sobre algum dos meus alunos?

SIMONE - Não senhora. Eles são todos uns anjos e não me incomodam. O assunto é meu caso.

TEREZA - Está bem. Vamos ouvir. Diga lá.

SIMONE - Eu vinha conversar com a senhora para pedir a sua permissão a fim de começar aquele trabalho que eu havia projetado, logo que cheguei aqui.

TEREZA - Qual? Aquilo que a levou a praticar aquela loucura de ir lá em cima, na colina, procurar o proprietário de Vila Verde?

SIMONE - (ARREPECENDO) É, sim senhora.

TEREZA - Mas como?! Você ainda não desistiu dessa loucura? Você não se prometeu que se aquietaria e não se daria mais preocupações?

SIMONE - Prometi, sim senhora, e prometi com a intenção de fazer.

TEREZA - Então como é que se explica que, de um momento para o outro, tenha mudado de ideia? Não senhora, não vou permitir que se envolva em coisa nenhuma que chame a atenção sobre você. Você é uma menina leviana, que já cometeu falta grave e na qual eu não posso depositar a menor confiança, portanto, quando mejos aparecer e mejos estiver em foco, melhor. Estamos entendidas?

SIMONE - Está bem, dona Tereza, só que então eu lhe pediria que a senhora conversasse com o Padre Demétrio e explicasse a ele que a senhora não me deu licença.

TEREZA - O Padre Demétrio? Mas por quê? O que tem ele a ver com tudo isso?

SIMONE - Bem é que... é que ele me pediu para iniciar o movimento em favor dos garotos desprotegidos!

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

TEREZA - Como? Foi o Padre Demétrio que lhe pediu que iniciasse o movimento?

SIMONE - Foi, sim senhora. Por isso eu lhe peço que explique a senhora mesma, a ele os motivos da sua recusa.

TEREZA - Eu explico. Vou dizer a ele que não permite e você não vai fazer nada!

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCAMBAMENTO.



S O L I D A O

- Novela de Erico Greiser -

78 CAPITULO

TEORICA - CARACTERISTICA MUSICAL DE ABERTURA

TEREZA - Você é uma menina leviana, que já cometeu falta grave e na qual eu não posso depositar a menor confiança, portanto... quanto menos aparecer e menos estiver em foco, melhor. Estamos entendidas?

SIMONE - Está bem, dona Tereza, só que então eu lhe pediria que a senhora conversasse com o Padre Demétrio e explicasse a ele que a senhora não me deu licença.

TEREZA - O Padre Demétrio? Mas por que? O que tem ele a ver com tudo isto?

SIMONE - Bem... é que... é que ele me pediu para iniciar o movimento em favor dos garotos desprotegidos!

TEORICA - VERGASTADA MUSICAL PORTE.

TEREZA - Como?!... Foi o Padre Demétrio que lhe pediu que iniciasse o movimento?

SIMONE - Sim, sim senhora. Por isso eu lhe peço que explique a senhora mesma, a ele, os motivos da sua recusa.

TEREZA - Eu explico. Vou dizer a ele que não permito e você não vai fazer nada.

SIMONE - Sim senhora, dona Tereza. Estou pronta a obedecê-la, só não desejo que o Padre Demétrio possa pensar que eu me recusei a atendê-lo. Háia mais.

TEREZA - Pode ficar tranquila que ele não pensará isto.

SIMONE - Obrigada, dona Tereza, com licença.

C/REIRA - PASSOS QUE SE AFASTAM.

TEREZA - (MONOLOGANDO) O Padre Demétrio vai ficar aborrecido comigo, mas eu não vou deixar essa menina fazer o que ele quer. De maneira alguma! Não deixo, porque ela vai fazer mesmo e, no fim, não é que vamos passar por ineptas e incapazes que, estando aqui há muito mais tempo, nunca tivemos o tope de nos meter numa empreitada destas.

C/REIRA - PASSOS DE JOANA QUE SE APROXIMA.

TEREZA - Ah, Joana, foi bom que você veio. Eu estava mesmo querendo falar com você ou com Laila.

JOANA - Por que, dona Tereza? Aconteceu alguma coisa?

TEREZA - É que o Padre Demétrio está querendo que Simone organize o tal trabalho em favor da infância desprotegida e eu não quero que ela faça isto.

JOANA - Por que? A senhora acha que pode prejudicar o Grupo em alguma coisa?

TEREZA - Ao Grupo, não, Joana, mas a nós que nunca organizamos coisa alguma, nós vamos ficar mal, pense bem.



JOANA - Eu não acho, dona Tereza. Desculpe, mas eu não ~~acho~~ vejo porque ela nos deixe mal, fazendo alguma coisa boa.

TEREZA - Não vê porque você não vê mesmo, porque tem a ~~HELENA~~ "visão curta" e já não ~~se~~ enxerga mais nada que esteja além de dois palmos do seu nariz. Então nós que estamos aqui há mais de dez anos ~~não~~ vemos nada e ela que chegou ontem vai fazer? O que é que vão pensar de nós? Que somos incapazes ou comodistas. E eu vou deixar que ela nos passe esse atestado? E então! Se nós não fizemos ela também não vai fazer.

JOANA - A senhora disse que eu não vejo nada que esteja a mais de dois palmos do meu nariz, mas eu agora estou vendo, bem claramente, o que está acontecendo com a senhora. Mas tem um remédio que pode solucionar perfeitamente a situação. Ela vai fazer, mas junto com a senhora. Quer dizer... quem vai fazer mesmo é ela, mas a senhora também ganha as glórias. Não solucionar?

TEREZA - Talvez... mas este será o meu último ~~recorso~~, no caso do Padre Demétrio insistir. De preferência, ela não fará nada. Afinal de contas... os desafortunados são os filhos dos vagabundos e os vagabundos não trabalham porque não querem, ou então porque sempre encontram trouxas, como é o caso de Simão, que trabalham de graça para eles.

TÉCNICA - SEPARAÇÃO MUSICAL

EUDOXIA - Seu Rafael, o sinhô nem diz ~~como~~ como a mulher do ferrero ficou vestida de sabô que vai lavar a roupa do sinhô traveis. Ficô tão contenta, tão contenta, que até chorô. Disse que ia lavar pro sinhô, praquê o sinhô ia dá pão pro fio dela. Coitada! Ela passa trabalho com tanta ~~trabalho~~ boca pra dá de comê. Disse que nay dias que além só come farinha com água.

RAFAEL - E o ferrero, o que faz do dinheiro que ganha no trabalho? Bota fora na bebida, não é? Vai para o botequim e esquece-se dos filhos e da mulher.

EUDOXIA - Pois é, mas a coitada nem tem culpa disso, nem é má. Ela trabalha o que pode pro fio nem passá fome. Mas quando nem hay serviço, eles passa.

RAFAEL - E as tais damas de caridade não fazem nada por ela? Deviam fazer. Vivem tirando dinheiro de todo mundo para socorrer a pobreza. Acho que não há ninguém ~~entre~~ entre nem que passe tanta miséria como a família do ferrero.

EUDOXIA - É, sim, sim, he. Mas as damas também nos sempre tem dinheiro pra dá, seu Rafael. O dinheiro é como que sempre está escasso e nem é fácil de ganhar, não. E o dinheiro do homem ganha e joga fora...

RAFAEL - Pois é, mas talvez por isso muita gente se recusa a ajudá-los. Se o pai não se importa com os filhos, quem mais poderá se importar? E é por isso



RAFAEL - (CONTINUAÇÃO) que a pobre da mulher anda aí, de porta em porta, catando serviço. Também... se não fosse por ela e pelas crianças, ele não se teria com nenhuma ajuda minha.

EUDOXIA - Ôia lá! O seu Miguel já fugiu travais da Leopoldina. Lá vai ele pro portão

RAFAEL - (GRITANDO) Miguel, venha cá. Onde é que você vai? Chegue aqui. (PAUSA) Venha cá, não está ouvindo? É aqui, é.

EUDOXIA - Agora ele vin. Já vos vindo. Coitado do seu Miguel. Parece uma arca perdida

RAFAEL - Ele estaria muito melhor num sanatório. Inclusive para fazer um tratamento, mas Leopoldina fica alucinada quando eu falo nisto.

C/REBRA - PAUSOS ARRASTADOS DE VESTRO QUE SE APROXIMAM.

RAFAEL - Onde é que você ia, Miguel?

MIGUEL - Quem foi que chamou por mim?

RAFAEL - Foi eu. Estou perguntando onde é que você ia, agora?

MIGUEL - Onde é que eu ia? Deixe ver... (perguntando a ele mesmo) Onde é que eu ia (lembrando) Ah, já sei. Agora eu me lembrei. Ia lá no portão esperar a moça, sabe? Mas o senhor não diga nada para o seu Rafael, senão ele fica zangado comigo. Ele não gosta da moça. Correu com ela. E a moça é boazinha. Ela já me trouxe balas e chocolates e disse que vai me trazer outra vez.

RAFAEL - Então o seu Rafael não gosta da moça?

MIGUEL - Não gosta.

RAFAEL - E a moça é boazinha?

MIGUEL - A moça é boazinha.

RAFAEL - E por que você não diz para o seu Rafael gostar?

MIGUEL - Porque ele não é bem certo, sabe? Ele diz que eu sou louco, mas o que te dou dizem é que ele também é.

RAFAEL - (QUEBRADO) Isso é verdade, Eudoxia? (PAUSA) Vamos, Eudoxia, responde-me que estou lhe perguntando: é verdade isto que Miguel acabou de dizer?

EUDOXIA - Não, não sei... eu... eu não devia de dizer...

RAFAEL - Não devia por quê? Claro que devia. Pois se estou lhe perguntando...

EUDOXIA - Essa gente linguaruda lá de vila é que diz, mas o senhor não deve ligar pra eles, não. O senhor não dá ganja pra eles, eles ficam dando de vida e então se esquece a inventa uma porção de coisa. Mas deixa pra lá, seu Rafael... não liga, não...

RAFAEL - Então os linguarudos de vila dizem que eu sou louco? Foi bom saber disto. Foi muito bom, até. De agora em diante eu já sei como devo tratá-los para que eles se convençam realmente do que dizem!

TEÓFILO - CORTINA MUSICAL



TEREZA - Você acha que o Padre não vai querer me atender, Laila?

LAILA - Eu acho. Nunca vi um padre tão liberal e tão moderno como esse. Com certeza vai lhe dizer que um garoto bater batendo de porta em porta, para pedir dinheiro, é a coisa mais natural deste mundo.

TEREZA - É, mas desta vez nós vamos discutir. Sim, porque eu também não estou disposta a ceder.

LAILA - E não deve ceder, mesmo. Era só o que faltava que uma pirralha destas venha para cá e em pouco mais de dois meses já pretenda passar-nos a perna. Se acontece de ser bem sucedido, amanhã toda a congregação está pedindo a direção do Grupo para ela e a senhora sabe muito bem a força que esse grupo tem.

TEREZA - É isto mesmo. Temos que barrar as pretensões dele de saída, para que não aconteça dele barrar as nossas.

LAILA - A senhora já viu que ela tem o padre e dona Sarah a favor dela. Estes dois arrastam a congregação e a congregação arrasta quase toda a população de ~~Agua Roxa~~ Lagoa Parada. (PAUSA) Quando me lembro que não há isto preciso estar acontecendo... A culpa é apenas sua. Você é ainda desculpado, porque é uma ignorante, mas a senhora... Eu, hein?

TEREZA - É mesmo, Laila, eu já estou começando a me arrepender de não a ter expulso daqui na primeira falta. Mas nunca imaginei que a garota fosse tão corajosa e tão astuta.

LAILA - Ora, não imaginei, dona Tereza! Bastava olhar-se para a cara dela. Quando elas fazem essas caras de ingênua, é justamente para abrir caminho para as suas levandadas. Queira Deus que a senhora ainda não venha a se arrepender, amargamente, de ter poupado esta espertalhona.

TEREZA - Não vou me arrepender, não, porque, de agora em diante, vou declarar-lhe uma guerra sem tréguas. Ela não vai ter tempo nem para respirar, você verá.

LAILA - Arra que até que enfim a senhora parece que se decidiu, mesmo.

TEREZA - É para começar, vou agora mesmo falar aos o Padre Dométrio. Você não quer ir junto comigo? Seria bom. Acrescentava os seus argumentos aos meus, dava muita força à recusa. (PAUSA) Que diz?

LAILA - Se a senhora não quiser pensar adiantar alguma coisa...

TEREZA - Acho, sim. Vamos embora agora mesmo. Temos que começar a nossa guerrilha particular contra Simone.

TECNICA - PASSAGEM MEDICAL

LOGOTIP - MEMBROS COMERCIAL



TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

- PADRE - Você, outro dia, chegou aborrecida da rua e não me falou nada. Eu quis lhe perguntar, mas depois pensei que talvez fosse melhor esperar. Já faz dois ou três dias que espere e você <sup>ainda</sup> não me falou. ~~mas~~ Que lhe aconteceu, mãe?
- SARAH - Eu não queria lhe dizer nada, mas já que você perguntou... não posso lhe negar. Eu me aborreci com dona Laila, a professora do Grupo Escolar.
- PADRE - Aborrecou-se, por que?
- SARAH - Ele achou que você apoiou a nova professora, no tal caso que eu lhe contei, lembra-se?
- PADRE - Sim, sim... sei o que é.
- SARAH - E como se julgou desprestigiada por nós, achou-se no direito de me dizer coisas desagradáveis e até cortar-me o comprimento, na rua.
- PADRE - Não diga! Será possível que dona Laila tenha chegado a tal extremo?
- SARAH - Pois se estou lhe dizendo... Entre as muitas coisas que disse e das quais não me lembro da metade, uma eu ainda recorro perfeitamente: que o bom senso foi derrotado pela levandade. Veja você, mãe.
- PADRE - O que é que ela queria que nós fizessemos? Que prejudicássemos a pobre mãe que pode ter cometido uma falta - não discute - mas com a melhor a mais nobre das intenções? Eu não poderia fazer semelhante coisa. Falteria completamente aos meus deveres de tolerância para com os meus semelhantes.
- SARAH - Exato. E foi exatamente um das coisas que eu disse a ela, justificando a sua atitude, mas ela parece que não aceitou. Chegou mesmo a fazer ironia.
- PADRE - Dona Laila sempre me pareceu uma pessoa um tanto exagerada nas suas coisas, mas nesse caso ela está se superando. Parece-me até que ela deve ter qualquer uma diferença com a outra.
- SARAH - Deve ter, mesmo. Ela sempre tem uma diferença com alguém. Lembra-se quando foi secretária da Congregação, o trabalho que nos deu pelas atitudes que achava conveniente tomar e que nunca eram convenientes?
- PADRE - Eu gostaria de ter uma conversa com ela. Quando encontrá-la na rua, diga-lhe que se apareça, que eu desejo falar-lhe.
- SARAH - Mas se ela não ~~se~~ ~~apresenta~~, como posso dizer-lhe qualquer coisa?
- PADRE - Vá lá com ela e diga-lhe o meu recado. Mesmo que ela se recuse a recebê-la, deixe o recado e não queira se aborrecer.
- SARAH - Está bem, se você se puder, não posso dizer a você que não vou fazer, mas a verdade que tenho, com relação a essa moça, é esquecê-la. Não tomar conhecimento de que ela existe.



**PADRE** - Mas não podemos proceder dessa forma, minha irmã. Não podemos deixar que se afaste do redil uma ovelha que esteve tanto tempo conosco. Temos que fazer tudo para convencê-la de que está errada e procurar mudar a sua atitude, para que ela continue a fazer parte da nossa família.

**SARAH** - É... talvez você tenha razão, mas da maneira como ela falou comigo, a impressão que me ficou foi de que não conseguiremos convencê-la, não ser que nos voltemos contra a outra, o que agora, depois de tudo esclarecido, também não me parece justo.

**PADRE** - Eu me encarregarei deste trabalho, mano. O que você tem que fazer é procurá-la, de minha parte, e dizer-lhe que preciso muito falar com ela.

**SARAH** - Eu vou fazer isto, mano. Já lhe disse que vou, mas penso que hoje não será mais possível. Assumi tantos compromissos que dificilmente poderei chegar até ao Grupo. Como você sabe, éle faça um pouco de estado aqui.

**PADRE** - Mas não há necessidade absoluta de que seja hoje. Pode ser amanhã. O essencial é que ele receba o meu chamado e venha falar comigo. Deus há de se iluminar que eu hei de conseguir convencê-la a retroceder na sua atitude.

**TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL**

**TARCISIO** - Você está ~~xxxxx~~ triste, Simone. Aliás, desde ontem que eu venho notando a sua tristeza. Que nova complicação surgiu na sua vida? Não quer me dizer? (PAUSA) Você não ignora o quanto isso me interessa.

**SIMONE** - Não sei se devo lhe dizer, ~~xxxxx~~. Eu tentei analisar bem o motivo da minha tristeza e cheguei à conclusão de que éle pode ser confundido com vaidade e talvez, por isto, seja melhor não dizê-lo a ninguém.

**TARCISIO** - Óra vamos, Simone! Então você acha que eu seria capaz de julgá-la assim? E mesmo que houvesse vaidade em você, que mal teria? Uma moça bonita tem qual que obrigação de ser vaidosa.

**SIMONE** - Não concordo com você, mas já que é esse o seu pensamento, eu vou lhe dizer que estou desolada porque hoje Teresa não quer que eu realize aquele trabalho que tanto sonhei, em favor dos menores. Fiquei tristíssima, mas juro-lhe que muito mais por eles do que por mim.

**TARCISIO** - Não é preciso jurar. Eu lhe acredito. Mas não se desespera por causa disso. Dona Teresa não é eterna na direcção do colégio. Digo-lhe mais: a coisa não é tão fácil, caso ela continue a querer impedi-la de realizar o seu trabalho, é a Congregação pedir e conseguir a sua renomeação para outro lugar qualquer e assumir você a direcção do Grupo.

**SIMONE** - Não, não... Não se livre! Não quero isto! Se queria que ela permitisse que eu tivesse alguma coisa pelos menores.



- TARCÍSIO - Ela vai permitir, deixe-se. Ela vai ser obrigada a permitir. Agora que eu arregacei as mangas e me decidi a entrar na luta, ela vai ver de quantos paus se faz uma canôa. Agora a luta vai ser comigo. Desde momento em diante eu tomo conta dela.
- SIMONE - Não, Tarcísio, obrigada. Eu não quero que você se incomode por minha causa. Eu sei que você vai fazer isto só para não me ver triste.
- TARCÍSIO - Esperte, sim. Mas em parte, também, pelos garotos abandonados que, pela incompreensão de uma corôa teimosa, vão continuar sofrendo, quando podiam ter vida melhor. Você vai me dar licença que tome parte nessa luta, não vai? Seria a maior tristeza para mim, agora, se você me negasse esta intenção. Você deixa eu lutar ao seu lado, Simone?
- SIMONE - Seria lícito que eu lhe negasse algum direito, depois do que você se mostrou disposto a fazer, em meu favor?
- TARCÍSIO - Pois bem, não me faz parte da Congregação. Tem direito, como qualquer outra, a convocá-la. Vai fazer isto, a meu pedido, amanhã mesmo. E posso até adiantar a você que a Congregação não deixará de dar o seu voto a favor de você e contra dona Tereza. E então ela vai ver o que lhe vai custar a sua teimosia.
- SIMONE - Mas eu não gostaria de prejudicá-la, Tarcísio.
- TARCÍSIO - Ah, sim? E vai deixar que ela a prejudique? Lembra-se de uma coisa curta e certa que eu vou lhe dizer agora: quem o inimigo poupa, nas mãos lhe morre. Exatamente por isso é que eu vou tomar conta da questão, não vou até ainda termina pedindo desculpas a ela e permitindo que ela faça com você o que quiser. Não se pode ser boa demais, minha querida, aprenda isto desde já.

TÉCNICA & PASSAGEM MUSICAL

REPRESENTANTES

- DEMÉTRIO - Que agradável surpresa, dona Laila! Ontem à tarde havia pedido à minha irmã que fosse procurá-la e lhe pedisse para vir até cá que eu precisava conversar com a senhora.
- LAILA - Não também, padre Demétrio e por isto estou estanco aqui.
- TEREZA - Mas deixe o padre falar primeiro, Laila. Pode ser que diante do que iremos ouvir, talvez não tenhamos mais nada para dizer a ela.
- LAILA - Não creio. De todo modo não custa ouvir.
- DEMÉTRIO - Sei que a senhora e também dona Tereza, ficaram aborrecidas com o que ter resolvido perder a nova professora, mas se a missão do sacerdote é advertir e punir, que outra coisa desajavam que se tivesse feito?



TEREZA - Não foi para falar sobre isto que vimos procurá-lo, Padre. O que está feito está feito e não adianta revolvermos culpas mortas. Si eu mesma dei o meu voto em favor dela, não posso ter achado que o senhor tivesse procedido mal.

DEMÉTRIO - Pois então? É verdade. Nem me lembrava mais disto. Se a senhora deu seu voto favorável à menina, eu, que sou um sacerdote da Igreja que prega o amor e o perdão não poderia proceder de modo diferente, não é verdade? Sei que dona Laila se queixou de mim à minha irmã, mas peço licença para dizer-lhe que a senhora não teve razão.

LAILA - Dona Tereza já disse que o que passou, passou e que não foi para isto que vimos aqui.

DEMÉTRIO - Pois bem, então diga ao que vieram.

TEREZA - É que o senhor parece que apinhou muito aquela pequena leviana, para realizar um trabalho que ela está com a fantasia de realizar, mas que, com toda a certeza, vai servir, apenas, de desculpa para que ela possa privar com toda a gente da vila, que é isto, exatamente, o que ela está visando. Eu que a conheço melhor e que sei que ela não vai poder realizar coisa alguma, não estou disposta a nunca conceder-lhe licença para essa... para esse palhaçada, digamos francamente. Por isso vim conversar com o senhor para não animá-la porque, apoiada no senhor, ela será capaz de fazer coisas extravagâncias, ainda e eu não estou disposta a arriscar o bom nome do nosso Grupo Escolar, a cujo corpo de professoras ela pertence.

DEMÉTRIO - Mas dona Tereza, eu não posso concordar com a senhora no seu ponto de vista.

LAILA - Eu não lhe disse? Eu tinha certeza absoluta de que a senhora ia ouvir alguma coisa. Eu lhe avisei. Lembra-se que eu lhe avisei.

DEMÉTRIO - Mas é claro que eu tenho que responder assim, dona Laila. Então a senhora acha justo que se libere uma pessoa qualquer, seja ela quem for, de praticar uma atividade nos desprotegidos? Não é possível! Pode muito bem ser que o trabalho não resulte em nada, mas impedi-la de começá-lo é um direito que nós não temos. Lembra-se, dona Tereza e dona Laila, que também se pode por omissão. Podemos ajudar alguém a praticar um bem e nos apodermos, estamos pegando contra as leis do Senhor.

TEREZA - Mas o senhor pensa assim porque não conhece essa menina, como eu já a conheço nestes dois meses de convivência diária. Essa pequena é uma alucinada. O que ela quer é chamar a atenção para a sua pessoa. O senhor acha que de



TEREZA - (CONTINUAÇÃO) vamos alimentar essa vaidade tola? A mim me parece que tam-  
bem chega a ser um pecado.

DEMÉTRIO - São pontos de vista. Não adianta discutirmos, visto que são tão opostos.

LAILA - Eu também acho. E uma vez que não conseguimos chegar a um acôrdo, penso  
que o senhor deve estar avisado de que nós não consentiremos que Simone  
se valha dos pobres para chamar atenção sobre a sua pessoa. E é bom que  
o senhor saiba, ainda, que se ela insistir a direção do colégio tomará  
as providências que o caso exigir.

DEMÉTRIO - É essa a sua palavra, senhora Diretora? (PAUSA) Está esperando a sua  
resposta, dona Tereza.

TÉCNICA - EXPLOSTÃO MUSICAL, FIMDE COM CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.



S O L I D A D O

- Novela de Erico Grauer -

82 CAPITULO

TEORICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

TERESA - Essa pequena é uma alucinada. O que ela quer é chamar atenção para a sua pessoa. O senhor acha que devemos alimentar essa vaidade tola? A mim me parece que também chega a ser um pecado.

DEMÉTRIO - São pontos de vista e não adianta discutirmos, visto que são tão opostos.

LAILA - Eu também acho. E uma vez que não conseguimos chegar a um acordo, penso que o senhor deve estar avisado de que nós não consentiremos que Simone se valha dos pobres para chamar atenção sobre sua pessoa. E é bom que o senhor saiba, ainda, que, si ela insistir, a direção do colégio tomará as providências que o caso exigir.

DEMÉTRIO - É esse o seu pulvra, senhora Diretora? (PAUSA) Estou esperando a sua resposta, dona Teresa.

TERESA - Bem, Padre Demétrio, eu devo dizer ao senhor que se constrange muito não poder estar de acordo com o senhor, mas penso que, para isto, existe uma coisa que se chama personalidade, que não me permite fugir às suas imposições.

DEMÉTRIO - E outra que se chama teimosia. E outra que se chama incompreensão. E outra, ainda, que se chama falta de humanidade, que, para mim, é a mais grave de todas que citei.

TERESA - Eu vou repetir, agora as palavras do senhor, quando disse que são pontos de vista e não adianta discutirmos, visto que são tão opostos.

DEMÉTRIO - Dona Teresa, tome cuidado. Veja bem que a senhora está se deixando controlar pela má vontade de sua amiga Laila. Isto pode ser ruim para o senhor.

LAILA - Desculpe, Padre Demétrio, mas má vontade tem o senhor conosco, ou melhor dito, comigo. Veja bem que, até agora, não conseguimos estar de acordo numa coisa que fosse. O senhor puxa para um lado e eu para o outro. Será possível que, em todo, eu tenha que estar errada? O senhor, por ser padre, não quer dizer que seja infalível. Está sujeito a errar como qualquer um de nós.

DEMÉTRIO - É claro. E devo ter errado uma porção de vezes, nunca, por consequentemente. Neste caso, é bem possível, até, que os dois estejamos errados, mas uma coisa é certa, minha amiga: a virtude não está nos extremos e sim no meio termo. E se examinarmos, detidamente, a sua opinião e a mi-



DEMÉTRIO - (CONTINUAÇÃO) nha, não tenho dúvida alguma de que a sua é muito mais ex-  
tremista. E o que está acontecendo, infelizmente, é que dona Teresinha es-  
tá se deixando arrastar pela sua opinião, apesar de ter falado, há pouco  
em personalidade.

TEREZINHA - Padre Demétrio, é inútil prolongarmos por mais tempo esta agonia. Já vi  
que não conseguiremos convencê-lo, da mesma forma que o senhor não conse-  
guirá convencer-nos. Portanto... o melhor que temos a fazer é deixar tu-  
do em ponto morto e esperar que o tempo esolucione as nossas dúvidas.

LAILA - Ficando bem claro, porém, que Simone não terá permissão da direção do ca-  
légio para as exhibições que pretende fazer.

DEMÉTRIO - Está bem, dona Laila, que Deus as perdoe se estão fazendo isto por con-  
vicção, mas que as castigue si este procedimento estiver sendo inspira-  
do por qualquer parcela de maldade.

TÍPICA - PASSAGEM MUSICAL

EUDOXIA - Quê levá a roupa servida agora, ou prefere vim buscá depois, quando  
fô lavá ela, nas véspera do dia de trazê?

MULHER - Acho que vou levá agora mesmo, pra num tã que volté outra vez, depois.

EUDOXIA - Eu também acho miô, mas suncê da outra vez quis fazê diferente...

MULHER - Pois 'é, mas depois me contou muito vim buscá, por isso acho miô levá,  
áque vez. Depois adoece uma criança já em num posto sai e não quero  
partê que não da outra vez que cabô o seu Rafaé tirando a roupa.

EUDOXIA - Eu guardei umas bananas e um pacote de pão torrado pra suncê levá pras  
crianças. Tem também umas batatas - quasi dois kilo - que o seu Rafaé não  
gostô muito delas e entonce eu comprei outras, vô dá essas pra suncê le-  
vá também.

MULHER - Muito obrigado, tia Eudoxia. Isso me ajuda muito, sabe? Hoje nôis já  
tem janta. Banana com pão torrado. Aminhô nôis come as batatas com quar-  
quê cozer que pudê arranjà. Acho intê que vou fazê uma sopa de batata,  
praquê o quartê se dá os bisco, vai dá uma boa sopa.

EUDOXIA - O patrão falou que suncê devia se arranjar uma casa pra ficá com as cri-  
anças de suncê e suncê pudê trabalhá desocupada.

MULHER - Pois tem uma roça nova na terra que falou comigo e me disse que tava ar-  
rumando uma casa pra ajudá as crianças pobre e si arrumasse tudo direiti-  
nho, como ela queria, que ia tomá conta de três dos meus rio.

EUDOXIA - É mesmo, cunhadre? Mas que coisa boa! Quem é essa vivente tão boa?

MULHER - Diz que é a nove professora do Grupo Escolar. Ela mesmo que me disse que



MULHER - (CONTINUAÇÃO) tinha falado com o seu Padre e que o seu Padre ia ajudá-la e mais a congregação, pois ela não pode largar essa casa das crianças. Ai ela apontou secretamente a mãe sua e o nome de alguma casa - a mãe só por que o nome não tem - por isso não se deu ao Padre, quando chegou na hora.

EUDOXIA - Si é a nova professora de grupo, entao, é um que chegou aqui e o seu pai não mandou ela embora. Ele entrou sem licença dele.

MULHER - E os cachorros?

EUDOXIA - Ela teve sorte que o seu filho estava no portão e entrou com ela, ainda os cachorros tinham começado a latir. Mas seu pai não ficou muito irritado que ela tivesse ido de manhã e não ficou lá pra um sapateiro, porque que vão as pessoas que são assim irritadas das índias.

MULHER - Tá bom sua Eudoxia, entao nunca se ajunte o rapaz que eu vou levá que já tá aqui na hora de chegar e eu não tenho que não organizo pra as duas crianças.

EUDOXIA - Tá bom, eu vou esperar o trabalho que eu tenho e já volto.

O/IRMA - PASSOS DE EUDOXIA QUE SE AFASTA.

MULHER - Tomara Deus Nosso Senhor que eu possa arranjar um dia que eu já não tenho mais o trabalho e eu posso que eu não ten. São mais três bocas pra comer.

EUDOXIA - PASSAGEM MUSICAL

ELVIRA - Desculpa se venho incomodar a senhora, dona Teresinha; sei que a hora aqui é imprópria, mas como o assunto é bastante urgente, não deu para esperar pelo tarde. Tenho várias coisas que preciso visitar, obrigada.

MARCELES - Não tem importância, dona Elvira. Para mim, qualquer hora é hora. A senhora sabe que eu sou médica, não tenho problemas. Mas que houve, amiga?

ELVIRA - É que eu estou muito interessada numa convocação extraordinária da Congregação dos Servos do Senhor, para resolver uma questão urgente entre a diretoria do Grupo Escolar e professoral que veio há pouco tempo.

MARCELES - Brigada de duas? Que é que houve?

ELVIRA - Houve que a senhora está muito animada a iniciar um trabalho em favor dos menores desprotegidos de Lagoa Parada e dona Teresa chegou lá não quer permitir que ela faça esse trabalho. O Padre já foi ouvido, ficou muito entusiasmado com o projeto e já deu todo o seu apoio moral e iniciativa, mas a Diretora insiste, mesmo assim, eu não sei como lidar com ela, chamando mesmo a atenção de alguns de seu Ministério da Educação, caso ela pretenda insistir-se e desobediência.

MARCELES - E dona Teresa sabe que o Padre também precisa que a gente faça o trabalho?



ELVIRA - Claro que sabe. Pois si ela mesma foi falar com ele a esse respeito...

MERCEDES - E mesmo assim tem a coragem de não querer permitir?

ELVIRA - De não permitir, não, isto eu não acho tanto, mas de querer a pobre moça é que eu não quero mais.

MERCEDES - Mas então temo que fazer alguma coisa para ajudar a pobre moça. Não podemos deixá-la à mercê de uma revolta.

ELVIRA - É precisamente o que eu penso e por isso resolvi pedir a quietude de meu conto para levantar o necessário dinheiro a propósito de Dona Teresa. Vou contar com a senhora, dona Mercedes.

MERCEDES - Claro que sim. Mas o que vou fazer contra ela, afinal?

ELVIRA - A congregação, caso a maioria decidir a respeito, se dirigirá ao senhor Ministro de Educação, pedindo o afastamento de Dona Teresa e a sua substituição pela moça que se mostra disposta a trabalhar pela pobre gente de Lagoa Vermelha.

MERCEDES - Muito bem. Isto que devemos fazer isto, sim. Digo-lhe mais: se quiser ajudar a moça, convide-a para a reunião que vou fazer lá, para lá que eu se preocuparei a tarde, em sua casa.

ELVIRA - Talvez seja melhor convidá-las em nome do Padre Desoberto, já que ele sabe e permitiu o que estou fazendo.

MERCEDES - Perfeitamente. Será melhor, eu verdadeiramente. Farei a convocação em nome do Padre Desoberto e da Presidente que é a Srta. Sarah. Ah, é verdade... preciso que se diga o local e a hora da convocação.

ELVIRA - Amanhã, às dezesseis horas, na sala parquês.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL FUNDO COM QUINZA DE ANTONOVSKI, 1920.

FARCISIO - (AFASTADO) Que é que vocês querem, não vão entrar?

GLAUCO - (PARA O PLANO) Que vocês larguem um momento esse tempo e venha aqui falar com o plano.

FARCISIO - (ABANDONADO) Já larguei e já vou vir, porque não vou ficar martelando a minha cabeça com esse horrível barulho.

GLAUCO - Aprendeu, não. Ela está que é bonita. Vão lá.

TÉCNICA - RETORNO A AÇÃO EM O PLANO

FARCISIO - Para que isso tudo para de uma vez, Gláucio. Mas o que é que vocês estão fazendo por aí?

GLAUCO - Vem aqui buscar-te para um programa de teatro. Vá se divertir.

TÉCNICA - ENCERRAMENTO DA PRIMEIRA PARTE.

LOCUTOR - SE GOSTAR COMERCIAL



COMÉDIA - ABERTURA DA SEGUNDA PARTE.

TARCÍSIO - O que é que vocês estão fazendo por aqui?

GLAUCO - Viena buscar-te para um programa de cultura. Vê se adivinhas.

TARCÍSIO - Como é que se pensa assim?

OTÁVIO - Margot hoje está fazendo quarenta e sete anos iniciais e nós vamos fazer lá uma comemoração. Vamos fazer um bolo de velas e vamos cantar o "parabéns a você". E você vai comemorar, Tarcísio.

TARCÍSIO - Não, não... vocês me desculpem, mas não posso. Hoje é um dia que eu saí do escritório e vou desperdiçando para a casa para saber do resultado de um negócio de.

GLAUCO - Que negócio, Tarcísio? Não invente desculpas tãis. Você tem que ir por que Margot não vai nos perder se aparecermos lá sem você. Ela agora vai ao bolo no dia de aniversário dela você não vai ao aniversário... tem paciência, mas não pode ser.

TARCÍSIO - Glauco, hoje eu tenho aquele negócio de comemoração que eu falei a você; não se lembra? Eu preciso estar lá para que não haja o silêncio e depois voltar, para saber tudo que foi resolvido.

OTÁVIO - Não, Glauco, o Tarcísio ganhou de verdade. Com esse não contamos mais. O melhor de tudo é inventarmos uma mentira qualquer à Margot para que ela não sinta falta e se lembre dele.

GLAUCO - Digo que não está bem. E isto, não, que não chega a ser uma mentira, porque, na verdade, ele está bem diante da situação. (RISOS)

TARCÍSIO - Você não entende. Eu quero ser um homem quando comemorar e já tento não ir me comprometendo a fazer uma vida diferente, para não sentir falta, e não se pode.

GLAUCO - A coisa está assim mesmo, Otávio, você viu?

OTÁVIO - Está assim, sim. O homem já fala até no escritório.

TARCÍSIO - No escritório? O que foi que eu falei lá no escritório?

GLAUCO - Pois homem de Deus, você não falou ali de se casar? O homem que se casa, nos dias de hoje, pratica um verdadeiro suicídio. Deixa de ser feliz e se suicida, para ser infeliz a vida.

TARCÍSIO - Deixa estar que eu não hei de ver vocês os dois, fazendo a mesma coisa que eu faço hoje.

OTÁVIO - Certo, Tarcísio! Você é meu amigo, ou amigo de Deus?

GLAUCO - Está no momento errado, não? Deixa estar que eu me vou. Então não vai ao aniversário de Margot?



FARTISIO - Não, não vou, mas se você quiser fazer alguma coisa em nome de minha parte com os meus votos de que ela chegue aos ritos, que aliás não são tão muito longe.

TEÓFILA - PASSAGEM MUSICAL

TEREZA - Que caso é esse? Você parece que não quer nada, nem?

SIMONE - É que estou muito aborrecida e contrariada com a situação que se criou para mim e para a sobrinha, dona Teresa. Se eu tivesse a mínima ideia... talvez que teria manifestado a minha intenção de trabalhar pelos pobres.

TEREZA - Mas você não, perfeitamente, terminou com tudo isto no momento que quiser. Basta não voltar aqui.

SIMONE - A sobrinha sabe? Parece que já estava pensando muito tempo em encontrar uma solução para o problema e que agora não consegue encontrar.

TEREZA - Meu Deus, não parece que você é uma menina tão inteligente. Há um modo tão fácil...

SIMONE - Pois então diga-me qual é. Eu já estou de tal forma cansada desta luta inglória que gostaria, de olhos fechados, uma solução que restasse a paz entre nós.

TEREZA - É tão simples... basta que você converse com o Padre Damião e diga a ele que insistiu na sua ideia. Que pensei melhor e vi que o trabalho é forte demais para você e que lhe falta ânimo para realizá-lo.

SIMONE - Ele não vai aceitar o meu argumento. Vai compreender, logo, que é uma desculpa. O Padre Damião é muito vivo e tem a propriedade de entrar na alma de quem está lá e fazer o que lá está a refletir.

TEREZA - Se você souber fazer a coisa direito, talvez ele não se recuse. Tudo vai depender, apenas, de você. Custa-lhe experimentar?

SIMONE - Não sei... posso tentar... O caso é que nunca senti... não sei de que modo me comportarei nem se conseguirei impressionar alguma.

TEREZA - Eu posso treiná-la, se quiser. Recuperaremos as coisas que você vai dizer e você se recuperará e depois se dirá tantas vezes a mim, quantas sejas, para que você se sinta firme.

SIMONE - Não, não. Penso que quanto mais detalhes quiserem imprimir no fato, mais se evidenciará a mentira e mais se costará dissimulá-la.

TEREZA - Bem, você faça o que quiser e como quiser. Eu não me afastarei um só milímetro de você. Não deixarei tomar providências jurídicas contra você, mas se for preciso, estou disposta a tomá-las. E agora você vai me dar licença porque tenho muita coisa a fazer e não posso permanecer aqui.



TEREZA - (CONTINUAÇÃO) te tempo parada. Antes de mais nada vou examinar o trabalho do bombeiro que veio trocar o cano de pia de toilette das professoras.

G/REGINA - PASSOS DE TEREZA QUE SE AFASTAM E SONEM.

SIMONE - Meu Deus, que faço? Eu não queria abrir luta contra dona Tereza, porque sabendo que ela perderá, parece-me uma terrível covardia. Mas eu também não posso permanecer de braços cruzados, sabendo que ao primeiro passo que dê, ela e Laila procurarão esmagar-me. O melhor de tudo, parece-me que é esperar. Dizem que o tempo resolve tantas coisas... pode ser que resolva isto também.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

VOZES MÚLTIPAS - (CANTANDO, ACOMPANHADO DE PALMAS) Parabéns a você, nesta data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida! Viva a Margot! Viva!!!...

MARGOT - Obrigada, obrigada, mas agora vão se emborra do meu quarto e me deixem descansar que amanhã tenho que me levantar bem cedo para ir à feira que o doutor Ramiro vem almoçar comigo.

VOZES SE AFASTAM, TODOS RINDO E BRINCANDO.

MARGOT - E você também não vão emborra? É muito tarde. Mais de uma hora da manhã.

GLAUCO - Eu não vou sem comer mais um fatia de bolo, Margot. Você me deu um fatia muito fininha.

OTÁVIO - É que ela quer guardar para amanhã oferecer ao doutor Ramiro.

MARGOT - Mentiroso! O doutor Ramiro só gosta de gelatine de morango ~~ou~~ ou de tortas de damasque. Ih, que horror!... Você vai me comer todo o bolo desse goito. Amanhã quero repartir com as amigas.

GLAUCO - Deixa de ser esganada, boneca. Tem bolo aí de pamparra!

OTÁVIO - Ah, Margot, eu ia esquecendo de lhe dar o abraço que o Jerônimo mandou pelo seu aniversário.

MARGOT - Não quero abraços de longe. Não aceito. Não recibo. Si é que querr mesmo me abraçar ele vin aqui.

OTÁVIO - Ele não pode. Está muito ocupado. Está envolvido numa questão contra a diretora do Grupo que anda mendendo contra a garota dele.

GLAUCO - Ele está apaixonado pela garota. Caidinho, mesmo. Arrastando a sã, como se diz. É só a garota abanar a cabeça e o Jerônimo está no altar.

MARGOT - E a garota é boa, pelo menos?

GLAUCO - (2ª intenção) (Assobia) Si é boa!...

MARGOT - Eu não estou perguntando desta forma, seu burro. Eu estou perguntando direito. Si é ou não menina que eu quis dizer.



OTAVIO - Ela é nova na terra, mas parece que a ficha é boa. Ainda sempre acompanha da da mãe...

GLAUCO - ... que é uma corça também muito boa!...

MARGOT - Oh, Glaucos, você parece que não pensa noutra coisa? Deixe de ser tão materialista.

GLAUCO - Está bem, Margot. Agora que eu já comi mais dois pedaços do bolo, que - digna-se de passá-los - está gostoso às pampas, vou dar o fora para te deixar descansar, enquanto eu vou me divertir um pouco com as outras bonecas. Boa noite, meu amor! (BEIJO) Dorme com os anjos.

MARGOT - Sim. Só com os anjos, agora, mas pelo menos eles não incomodam.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

MERCEDES - Eu estou aqui como delegada da Congregação das Servas do Senhor. Estive nos reuniões ontem à noite e eu fui encarregada de lhe dizer o que se resolveu na nossa reunião.

TEREZA - Perfeitamente, dona Mercedes. Só não compareci porque não fui avisada da reunião, para comparecer a ela, uma vez que também faço parte da congregação.

MERCEDES - Primeiro porque a reunião foi marcada para as quatro horas da tarde, hora em que a senhora está presa às suas obrigações e em segundo lugar porque também não avisamos à outra parte, a fim de podermos julgar o caso com mais imparcialidade.

TEREZA - Já sei do que se trata, só pela senhora ter falado "a outra parte". Mas digo-lhe, sinceramente, que nunca poderia imaginar que essa questão poderia se ser objeto de estudo por parte das senhoras da Congregação.

MERCEDES - se procurar atinar bem para as nossas verdadeiras finalidades, há de ver que o desempenho da caridade é a nossa tarefa mais importante; logo não se justifica que a senhora se ausente da nossa reunião. Trata-se de fundar um casa que cuidará e dará aspersão aos senhores necessitados. Quem poderia se interessar mais sobre isto do que nós, as Damas de Caridade?

TEREZA - Dona Mercedes a senhora vai me desculpar mas eu estou com várias provas para corrigir hoje e uma vez que não fui avisada da reunião, também não me interessa saber o que possa ter resolvido.

MERCEDES - Ai é que a senhora se enganou, dona Tereza. Interessou, sim, porque eu não esperava uma resposta sua ao que eu fui incumbida de lhe dizer.

TEREZA - Pois então diga e seja breve, se me faz favor.

MERCEDES - Como não. As Damas querem que a casa dos senhores seja fundada pela nossa



MIRANDA - (CONTINUAÇÃO) que a idealizou. Elas sabem, também, que senão a moça pro-  
fessora de Grupo que a senhora dirige, nada poderá fazer sem a sua  
permissão. E sabem, ainda, que a senhora não deu permissão à moça para  
realizar esse trabalho. É ou não é verdade?

TEREZA - (SILÊNCIO) É verdade, sim.

MIRANDA - Pois é que elas querem, agora, é que a senhora modifique a sua resolução  
e permita, a pedido delas, que a moça possa levar a causa de proteção  
dos menores. A senhora vai concordar; não vai?

TEREZA - (SILÊNCIO) Não concordo. Não concordo!

TÉCNICA - REPRODUÇÃO ESPECIAL PORTE, FONTE COM CARACTERÍSTICA PARA ENCERRAMENTO.

---



S O L I D A O

- Novela de Erico Craxer -

99 CAPITULO

TEONICA - CARACTERISTICA SOCIAL DE ARISTOCRAZIA

MERCEDES - As damas esperam um respeito que se não dá a elas. Não se dá a elas o respeito que se dá a elas.

TEREZA - Fala então diga o que se deve fazer, se não for favor.

MERCEDES - Como não. As damas querem que a casa dos senhores seja fundada pela moral que a sociedade. Elas sabem, também, que sendo a moral a base da sociedade de Cristo, de que a sociedade dirige, nada poderá fazer sem a sua participação. E sabem, ainda, que a sociedade não dá permissão a uma parte realizar esse trabalho. E, ou não é verdade?

TEREZA - (silêncio) É verdade, sim.

MERCEDES - Isto é que elas querem, agora, é que a sociedade modifique a sua resolução e permita, a pedido delas, que a moral seja fundada a casa de proteção aos senhores. (RISOS) A senhora vai concordar; não vai?

TEREZA - (silêncio) Não senhora. Não concordarei.

TEREZA - CARACTERISTICA SOCIAL DE ARISTOCRAZIA

TEREZA - Já expliquei a casa agora os motivos de minha recusa e ela não quer se explicar. Ainda a aguardar-se nos dias a seguir, para remover-me, a fim de que possa preparar um artigo para o jornal.

MERCEDES - A moral não se aguenta com ninguém, agora, não é mais injusta. Toda a moralidade da vida do Congresso foi feita para servir o Padre Domício, ou a sociedade. Ele é que se mantém a moralidade com a sua posição e não nos podemos a nós mesmos. A moralidade não se mantém.

TEREZA - Não se mantém a moralidade com ninguém, agora, não é mais injusta. Toda a moralidade da vida do Congresso foi feita para servir o Padre Domício, ou a sociedade. Ele é que se mantém a moralidade com a sua posição e não nos podemos a nós mesmos. A moralidade não se mantém.

MERCEDES - Não se mantém a moralidade com ninguém, agora, não é mais injusta. Toda a moralidade da vida do Congresso foi feita para servir o Padre Domício, ou a sociedade. Ele é que se mantém a moralidade com a sua posição e não nos podemos a nós mesmos. A moralidade não se mantém.

TEREZA - (CORRIDA) Não se mantém a moralidade com ninguém, agora, não é mais injusta. Toda a moralidade da vida do Congresso foi feita para servir o Padre Domício, ou a sociedade. Ele é que se mantém a moralidade com a sua posição e não nos podemos a nós mesmos. A moralidade não se mantém.

MERCEDES - Não se mantém a moralidade com ninguém, agora, não é mais injusta. Toda a moralidade da vida do Congresso foi feita para servir o Padre Domício, ou a sociedade. Ele é que se mantém a moralidade com a sua posição e não nos podemos a nós mesmos. A moralidade não se mantém.



TRONICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE, SUGERINDO GRANDE SUSTO.

TEREZA - Não! Isto é uma malhada que as senhora não têm o direito de fazer comi-  
go!

MERCEDES - Não entendemos que malhada é o que a senhora está querendo fazer, impe-  
dindo que as melhores a vida de tantos garotos pobres que vivem por aí  
copulados e abandonados.

TEREZA - Mas eu justificarei a minha recusa ao senhor ministro e tenho certeza que  
ele me compreenderá.

MERCEDES - Não seja tão ingênua, dona Tereza. O ministro vai deixar de atender as  
súplicas da congregação, com as abaixo-assinadas que levará pelo nome um  
milhentas ou seiscentas assinaturas, para atender a senhora que repre-  
senta apenas um voto? Lembra-se que as eleições não estão muito distan-  
tes e que ele não vai perder uma oportunidade como esta de engrandecer a  
sua importância de tanta gente. (LÁZKA) É então está mesmo disposta a não se  
retirar pô da sua posição e perder a direção do Grupo? Pense bem.

TEREZA - (DEPOIS DE LÁZKA) Pois bem, eu vou fazer o que as senhoras desejam. Vou  
pedir licença e começo de imediato o trabalho que pretendo, mas eu não vou  
deixar de vir a servir de conselheira para propagação de quem o inven-  
tu, espero que não me culpe, por cima. Espero que se lembrem de que eu  
se adverti sobre isto. Entende?

MERCEDES - Não há dúvida. A sua responsabilidade ficou ressalvada. Tudo que aconte-  
cer terá a responsabilidade das Damas de Caridade da Congregação das Ser-  
vidoras do Senhor. (LÁZKA E TEREZA) Obrigada, pense bem e vou levar agora como  
o presente para as minhas companheiras. Com licença.

C/TEREZA - PASSOS QUE SE ABREEM, PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO.

TEREZA - A propósito dessas festas! Mas elas não pensam que vou curvar a cabeça, não  
é minha! Isto vai ser tudo e magalhães... mas constantes. Não perderei um  
só centavo que se me apresenta, para fazer com que elas se arrepen-  
dam de alguma que se fizeram.

C/TEREZA - PASSOS QUE SE ABREEM, (A LÁZKA E MERCEDES)

TEREZA - Você ouviu o dirigente que esteve aqui conversando contigo?

LÁZKA - Não. Estou tremendo de raiva, querendo de tudo! Mas é, não isto não é  
um momento de tanta coisa? O que é que elas estão pensando que  
vão não vou obrigadas a pensar pela cabeça do Pedro Diabólico? Mas  
que coisa se lhe fará, dona Tereza! Vou fazer uma guerra tão grande e eu  
de trabalho que me dá esta gente se retrair ou se aproximar de mim.

TRONICA - VERGASTADA MUSICAL.



DEMETRIO - E agora, antes de prosseguirmos o sacrificio da missa, quero avisar a todos os paroquianos que a senhorita Simone Maria Carlota de Castro, sob o patrocínio das Damas de Caridade da Congregação das Servas de Jesus, vai iniciar um movimento em favor dos garotos abandonados da nossa vila. Seu programa é a construção de uma casa que abrigará não só os garotos abandonados, como também aqueles cujas mães são obrigadas a trabalhar fora para mantê-los, deixando-os praticamente no léo, muitas vezes sem ter quem lhes alcance ao/ menos um pouco de agua. A coleta do nosso serviço de hoje será o primeiro passo concreto para a realização dessa obra meritória e todas as pessoas que quiserem dar o seu apoio moral ou material à nobilíssima iniciativa, poderão procurar a senhorita Simone no Grupo Escolar, para, inclusive, dar as explicações que se fizerem necessárias.

TÉCNICA - SOBRE MUSICA RELIGIOSA EM SOLO DE ÓRGÃO. CAMPAINHA DE ELEVAÇÃO. CORFINA MUSICAL DE SEPARAÇÃO.

MARGOT - A senhorita é a professora Simone?

SIMONE - Exatamente. A senhora quem é?

MARGOT - Madame Margot. Eu ouvi falar do trabalho que a senhorita está pretendo realizar e enton vim trazer, também, a minha contribuição.

SIMONE - Pois não, a senhora se dá licença? Eu vou tomar nota do seu nome, endereço e a importância oferecida. Madame Margot de que?

MARGOT - Madame Margot Rigensã. Beco da Canela número quatro.

SIMONE - E a importância, por favor? Quanto é que tem no envelope?

MARGOT - No é muito mas é o que eu posso dar. Cinqüenta mil cruzesirros.

SIMONE - (CONTESTE) Cinqüenta mil cruzesirros?!... E a senhora diz que não é muito? Meu Deus, que bom que todos aqueles que pudessem fizessem como a senhora. Em muito pouco tempo eu estaria com a casa construída. Pois Madame Margot eu depois farei um officio para a senhora com um agradecimento especial.

MARGOT - Oh, nem é preciso. Eu sou com muito prazerr, pode acreditar. Um dia, em Paris, uma mãe muito jóven, com uma criança nos braços, me pediu alguns franceses parra dar um pouco de leite ao menino. Eu nem tinha e nem pude dar. Ela trepou na ponte sobre o Sena e se atirou com a criança. Fiquei desesperada. Nunca mais deixei de dar dinheiro parra matar a fome das crianças, quando me pediam. Por isso fiz questão de trazer, também agora, a parte que posso dar, no momento.

C/REINA - PASSOS DE TEREZA QUE SE APROXIMA.

MARGOT - Não adiante, é possível que possa trazer outra importância...



TEREZA - (CORTE) O que é que a senhora quer, aqui no Grupo Escolar?

SIMONE - Ele veio trazer uma contribuição, muito generosa, aliás, para o nosso trabalho em favor das crianças.

TEREZA - Já entregou? Então faça o favor de se retirar, antes que a senhora por na rua. Vamos, vamos... aqui não há lugar para você.

MARGOT - Com licença, com licença. Passe bem, senhorite.

SIMONE - Passe bem, senhora.

G/REGRA - PASSOS DE MARGOT QUE SE APASTAM

SIMONE - Por que fez isto, dona Tereza? Ela nos trouxe cinquenta mil cruzeiros.

TEREZA - Essa mulher não tinha o direito de vir aqui ao Grupo Escolar. Se queria, realmente, ajudar, poderia ter mandado o dinheiro por alguma, mas não precisava afrontar-nos com a sua presença.

SIMONE - Mas por que, dona Tereza? Quer me fazer o favor de explicar?

TEREZA - Eu, não. Quem vai ter que dar uma explicação, sobre isto será você a mim. Hoje, ao término das aulas, apresente-se na minha sala.

SIMONE - Sim senhora, dona Tereza, mas não sei como posso explicar uma coisa que não estou absolutamente entendendo. Enfim... seja tão veloz como de Deus

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LAILA - Você viu no que resultou a tal coleta em benefício de as as dos carretos? Até aquela velha ordinária e única da sergot, se valeu dela para entrar no Grupo Escolar. Você já pensou que desmoralização? Mas dona Tereza está mentando com ela, por causa disto. Ela vai ter que explicar de onde conhece a velha.

JOANA - Mas pelo fato da velha ter vindo trazer dinheiro para uma obra de caridade, não quer dizer que ela seja obrigada a conhecer a mulher. Qualquer pessoa pode trazer. Pois se o Padre pediu na Igreja...

LAILA - Eu sei que o Padre pediu na Igreja e que qualquer pessoa pode trazer, mas ela precisava vir? Não podia mandar, sabendo que ninguém quer saber dela aqui na vila? E por que veio? Porque sabia que ia ser bem recebida pela outra. Você pode garantir que elas já não se conheciam? Não pode.

JOANA - Óra, dona Laila, mas assim também não. A menina chegou ontem aqui, como é que ia conhecer a velha francesa?

LAILA - Ah, você acha? Pois então eu vou lhe dizer uma coisa, para seu governo.

JOANA - Diga.

TÉCNICA - EXPLOSO MUSICAL. FINAL DA 1ª PARTE

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL



JOANA - A menina chegou ontem aqui. Como é que ia conhecer a velha francesa?

LAILA - Ah, você acha? Pois então eu vou lhe dizer uma coisa, para seu governo.

JOANA - Diga.

LAILA - Os semelhantes se atraem. A velha procurou a outra porque decerto sentiu que seria bem recebida. Você acha que ela viria procurar dona Tereza ou a mim? Nunca. Ela sabia que seria corrida e a contribuição rejeitada. E de pois, ainda tem mais uma coisa que você não sabe, Joana.

JOANA - O que é? Diga.

LAILA - O rapaz de casa onde ela mora, o tal de Tarcisio, é frequentador assíduo da casa da velha e leva para lá todos os assuntos que dizem respeito à tal sirigueta. Disse que até a briga dela com dona Tereza foi comentada lá. Você acha isso próprio, Joana? Diga? Você acha que uma moça que se irada, anda na boca de gente dessa natureza? Não anda, porque não anda mesmo. E se ela anda... é mau sinal, você não acha?

JOANA - Não sei, não, dona Laila. Essas coisas a gente nunca sabe.

LAILA - Nunca sabe até um dia, mas chega um dia em que vem a saber. Olha Joana, você é velha e eu sou moça, mas com toda a sua experiência e o meu pouco conhecimento da vida, eu vou lhe dizer que a mim ninguém enganava facilmente enquanto que você se deixa enganar por nada. Por isso eu vou lhe dizer: a sirigueta que se faz passar por ingênua, de ingênua é que não tem nada!

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

TEREZA - A afabilidade com que as duas conversavam só podia se fazer crer que já se conheciam há muito tempo.

SIMONE - Juro-lhe como nunca a tinha visto, antes, dona Tereza. Estou apenas há dois meses na vila não sou obrigada a conhecer todo mundo.

TEREZA - Mas é obrigada a saber que tem que manter compostura e não pode se derreter em amabilidades para uma desclassificada como é aquela velha deslavada!

SIMONE - Digo-lhe mais: nem sabia que existisse qualquer casa suspeita aqui em Lagos Parada. E menos, ainda, que ela pudesse pertencer a Madame Marat.

TEREZA - Você quer se fazer de muito ingênua, mas tanta ingenuidade não conta para uma mulher do seu tamanho. Você já está muito "crescidinha" para ignorar certas coisas. Você não podia deixar de reconhecer a procedência do dinheiro que ela lhe entregou. É o seu dever qual era? Recusá-lo. Eu não quis que acontecessem coisas assim com você, eu sabia. E por isso que não quis que você realizasse o seu intento. Agora vá cá.



SIMONE - Mas eu não vejo que mal possa existir em que uma pessoa, mesmo como Madama Margot, ofereça dinheiro para uma obra de caridade como a que estamos fazendo.

TEREZA - Você não vê porque continua a querer me convencer que é ingénua, mas desiste dessa farsa porque eu sou muito sábia, sabe? Agarre o dinheiro que essa abjeta criatura trouxe, ponha-o num envelope e mande-o de volta sem qualquer explicação. Se quiser, escreva no envelope "devolvido", apenas.

SIMONE - Não, Dona Tereza, eu não posso fazer uma coisa destas. Primeiro porque iria humilhar de mais uma pobre e infeliz criatura e segundo porque o dinheiro não é meu, foi dado aos pobres. Como posso devolvê-lo?

TEREZA - Ah é? Você não quer devolver? Pois eu hoje vou falar com o seu mentor espiritual e tenho certeza absoluta de que ele vai mandar esse dinheiro de volta. Vou contar-lhe tin-tin por-tin-tin a cena que presenciei aqui. E não vou perder tempo, não. Vou agora mesmo para lá.

C/REGRA - PASSO DE TEREZA QUE SE APARTAM E SE PERDEM.

SIMONE - Será que o padre vai me fazer devolver essa importância? Será uma pena! Uma grande pena! Não só porque ela me ajudaria muito a começar o meu trabalho como também pela terrível humilhação que Madama Margot sofreria, coitado! Querim... vamos aguardar o que dá o padre Demétrio.

TÉCNICA - PASSAGEM SUBICIAL

RAFAEL - Leopoldina venha cá.

LEOPOLDINA - (CHAMANDO) Sim senhor, seu Rafael.

RAFAEL - Pegue este envelope e vá levá-lo ao Grupo Escolar. Entregue-o à professora que está realizando uma campanha para as crianças pobres. Parece que se chama Simone. Falo nestes termos porque foi esse o nome que ouvi Madama dizer. E ela soube desse negócio na noite de domingo passado. Dê-lhe que o padre fez.

LEOPOLDINA - Sim senhor, eu entrego. Digo que foi o senhor que mandou?

RAFAEL - Hein? Não, não... não vai dizer nada. Diz que não sabe quem foi que mandou, que te entregasse o dinheiro na rua e pediram que o entregasses lá.

LEOPOLDINA - E depois o que é que eu faço?

RAFAEL - Pergunte se tem recibo e traz. Se não tiver, vem sabida logo e não faz conversa.

LEOPOLDINA - Sim senhor, quer que vá agora?

RAFAEL - É bom, porque depois terzinhos as coisas e elas com certeza vão embora para casa.



LEOPOLDINA - Então eu vou só tirar o avental e passar um pente nos cabelos.

RAFAEL - Vai. Mas não esqueças o que eu te disse: tú não sabes quem foi que trouxe o dinheiro. Entendeste bem?

LEOPOLDINA - Entendi, sim senhor. Com licença.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

TEREZA - Com que então o senhor acha que não se deve devolver o dinheiro oferecido por Madame Margot? Mesmo quando se sabe de onde éis provém? Brancamente, Padre Demétrio, o senhor me decepciona.

DEMÉTRIO - Ela devolve, assim, a muitos filhos, aquilo que os pais lhes negaram, em casa, para deixar lá no seu burael.

TEREZA - E o senhor não reprova, também, a conduta dela, indo pessoalmente ao Grupo levar o dinheiro e deitar-se em conversas com a professora Simone, como se fossem duas ótimas amigas?

DEMÉTRIO - A moça, com certeza, não a conhece e se a tratou bem não fez mais do que cumprir um dever de educação.

TEREZA - O senhor acha? Pois eu, assim que a vi, convidou-a a retirar-se do grupo fazendo-lhe sentir que a sua presença tinha sido abusiva por mim.

DEMÉTRIO - Não procedeu com humanidade. Quem sabe se a porta da caridade não será, também, para Madame Margot, a porta da redenção? Pode muito bem ser. E então por que deveremos cortar-lhe uma chance que lhe aparece, talvez para redimi-la? Não, minha filha, não podemos proceder assim com tanta dureza, com tanta inflexibilidade. Nem todos tiveram a sorte de poderem trilhar o caminho certo. E se para os que erram vamos negar a chance de voltar e recommençar as andanças por um outro caminho, então estaremos faltando com o sagrado dever de ajudarmos uns aos outros. Volte para o seu grupo tranquilamente e deixe lá ficar o dinheiro que Madame Margot foi levar para os pobres. Ele será de grande valia para a nossa obra a qual, sabe, também, para a alma daquela pobre e desgraçada professora.

TEREZA - Está bem, Padre Demétrio, eu só quero ver até onde irá a sua intervenção para com essa menina. Eu só quero ver.

DEMÉTRIO - E a senhora está levando longe demais a sua intervenção para com ela, dona Tereza. Vá. Vá em paz e que Deus a abençoe.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

SIMONE - Duzentos mil cruzeiros, moça?... Mas quem trouxe tanto dinheiro?

LEOPOLDINA - Não sei.

SIMONE - Não sabe? Mas como é que não vai saber? Quem lhe entregou esse dinheiro?



LEOPOLDINA - Foi um senhor, na rua. Ele me perguntou se eu sabia onde era o Grupo Escolar. Falei que sabia. Ai ele me perguntou se eu podia entregar um envelope para a senhora. Falei que podia. Ai ele me deu o envelope e eu trouxe.

SIMONE - Mas você sabia que esse envelope continha dinheiro?

LEOPOLDINA - Eu calculei, sim senhora, porque ele me disse que era para entregar à professora Simone e que era para os meninos pobres. Na verdade eu só podia ser dinheiro, sim senhora. Ele disse que ouvia na missa o padre falar.

SIMONE - Na missa? (MEIO TOM) Então não foi ele. Ele não vai à missa, ou pelo menos nunca o vi lá.

LEOPOLDINA - O que foi que a senhora disse?

SIMONE - Não, não... nada... eu estava falando sozinho. Era comigo mesma. Mas não que é uma pena a gente não saber quem mandou esta generosa esportula? Costumamos de mandar-lhe um officio de agradecimento. Mas a quem, senhora? Em nome de quem?

LEOPOLDINA - Não sei, não senhora. Eu sei que parece mentira o que eu estou contando à senhora, mas é verdade. Foi assim mesmo como eu já antes falei.

SIMONE - Não, não... eu acredito. Só estou lamentando não poder agradecer ao generoso doador. Se continuarmos recebendo outras ofertas como esta, em pouco tempo poderemos começar as nossas obras.

LEOPOLDINA - E onde é que a senhora vai fazer essa casa? Já tem o terreno?

SIMONE - A igreja tem um terreno um pouco isolado, mas se eu não conseguir trocá-lo por outro mais central, penso que farei a casa lá mesmo. Fica quasi lá em cima, na colina.

LEOPOLDINA - Bem perto onde nós moramos.

SIMONE - Ah, sim?... Você mora lá para aqueles lados? Não conheço quasi nada lá.

LEOPOLDINA - Quer dizer... eu trabalho lá na colina. numa casa... (INFERNA-SE E CAI EM SI. DESCOBERTA-SE) Não, não... que bobagem eu estou dizendo... Eu... eu já trabalhei lá em cima... numa casa... mas agora não trabalho mais e nem moro lá perto.

SIMONE - Ah, sim, sim, entendi. Quer dizer que morou, mas não mora mais, não é?

LEOPOLDINA - Exatamente. Então com licença, sim senhora? Eu tenho que ir embora. Tchau... ben. Com licença... com licença...

SIMONE - Pois não.

TECHICA - PESSOAS QUE SE APASTAM E SOMEM.

SIMONE - Foi ele mesmo! Foi dele a esportula! Quem mais, neste lugar paupérrimo,







S O L I D A O

- Novela de Eriko Casper -

10.º CAPITULO

TÉCNICA - CARACHTERÍSTICA MUSICAL DE RAZURA

SIMONE - Você mora para aqueles lados? Não conheço quasi nada lá.

LEOPOLDINA - Quer dizer... eu trabalho lá na colina. Num casa... (LEMBRA-SE, CAI EM SI, DESCONCERTA-SE) Não, não... que bobagem eu estou dizendo... Eu... eu já trabalhei lá em cima... num casa... mas agora não trabalho mais e nem morei lá perto.

SIMONE - Sim, sim, entendi. Quer dizer que morou, mas não mora mais, não é?

LEOPOLDINA - Exatamente. Então com licença, sim não? Eu tenho que ir embora. Passe bem. Com licença... com licença...

SIMONE - Pois não.

TÉCNICA - PASSOS QUE SE APASTAM E SOMEM.

SIMONE - (MORÓLOGO) Foi ele mesmo! Foi deb a esportula! Quem mais, neste lugar pau parrimo, poderia oferecer uma soma tão elevada para uma obra de caridade? (PAUSA) Foi ele!... (ELEVADO O TOM) Foi ele! (ELEVANDO AINDA MAIS E MOSTRANDO SATISFAÇÃO) Foi ele!... Que bom!... Vale a pena a loucura que fiz de ter ido lá em cima.

LAILA - (2.º PLANO) Está maluca, falandozinha?

TÉCNICA - ACORDE DE SUSPO TREMENDO.

LAILA - Por que essa agitação toda? Será que se pode saber?

SIMONE - Claro. Estou agitada, sim. Agitada de satisfação e de alegria, por ter recebido uma generosa quantia para a minha obra. Sabe quanto me mandaram? Duzentos mil cruzeiros.

LAILA - (TODA VERBO) Ele foi generoso, não foi? Soube recompensá-la. Pior é quando a gente se sacrifica e se expõe e prejudica o seu nome, sem nenhum resultado prático.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE

SIMONE - O que é que você quer dizer com isso, Laila?

LAILA - Nada mais do que aquilo que disse. Por que? Melindrou-se, bem sensitiva? Se é assim tão cheia de melindres, não devia dar motivos aos outros para que suspeitassem de você.

SIMONE - Laila eu não admito que você ponha tamanha dose de veneno nas coisas que me diz. Você não tem o direito de me falar deste modo?

LAILA - Talvez não tivesse antes, mas agora...



SIMONE - Agora o quê? Agora por quê? Que diferença existe entre antes e agora?

LAILA - É que antes, eu apenas suspeitava, mas não havia tido confirmação. E agora, depois do entusiasmo com que você dizia "foi ele", "foi ele" "foi ele", valeu a pena o sacrifício que fiz de ter ido lá em cima" acho que só um tolo ou um demente pode continuar na dúvida. Você se condenou com suas próprias palavras, portanto deixe-se de melindres porque ele não lhe fi com ~~próprios~~ próprios.

SIMONE - Você é um serpente, Laila. Você destila veneno por todos os seus poros. Você não me perdoa o fato de querer realizar alguma ~~uma~~ coisa e estar realizando. E então, para destruir nos meus esforços, inventa maldades que justifiquem o meu sucesso. Você é invejosa, Laila, você é má. Mas não pense que poderá destruir-me com essas infâmias. De hoje em diante reagirei aos seus ataques e você não conseguirá derrotar-me porque estarão, sempre, do meu lado a verdade e a justiça.

LAILA - O quê! Está querendo declarar guerra a mim? A mim que todo mundo conhece aqui na vila? Está bem. Aceito o seu desafio, mas depois não se queixe de que fui cruel e impiedosa.

SIMONE - Vou-me embora. Não suporto mais a sua presença. Ela me dá náuseas.

C/REBRA - FECHA GAVIOLA COM FORÇA, PASSA CHAVE, ARMASTA CADERA E PASSOS SOMEM.

LAILA - (DIRIGE-SE PARA ELA) A Perinha está começando a mostrar as unhas e os dentes, mas quando ela pensar em me arrastar ou me morder, já estará aniquilada pelas minhas armas que não falham nunca!

TECERCA - PASSAGEM MUSICAL

ELVIRA - Falei com o Padre Demétrio hoje, dona Angela. Ele está entusiasmadíssimo com o trabalho de Simone. Disse que se as ofertas continuarem como até agora, a obra poderá ser iniciada dentro de quinze ou vinte dias.

ANGELA - Hoje de manhã falei com um comerciante que me disse que vai mandar cinco mil tijolos para início da obra. Simone já havia entregue à Congregação, até ontem, mais de setecentas mil cruzeiros em dinheiro, fora diversas ofertas em trabalho e algumas em materiais.

ELVIRA - A diretora do ~~colégio~~ e a outra professora que também se ocupam no trabalho de Simone e que, inclusive, desolaram que ela não teria nada, que apenas queria certificar, devem estar desapontadíssimas, nesta altura dos acontecimentos.

ANGELA - Simone, coitada, tem comido fogo com elas, mas em todo dia aconselho minha filha que tenha paciência e vá contornando a situação para não brigar que é muito feio além de que criará uma situação ainda mais incômoda.



ELVIRA - É claro. Ela tem que fingir por 15 minutos que ela chorou e fingir que não chorou, e lá atrás, que, com certeza, há de ouvir muitas coisas.

ANGELA - Não, não, não, meu filho realiza seu trabalho, porque ela tem a obrigação de fazer.

C/REVERA - PESSOAS QUE SE APROXIMAM, PASSOS DE HOMEM.

ELVIRA - É claro. Tanto mais que esse trabalho é para proteção de desamparados.

TARCISIO - (CHEGANDO) Boa tarde, mãe. Boa tarde dona Angela.

ANGELA - Boa tarde, ~~meu~~ Tarcísio.

ELVIRA - Boa tarde, meu filho. Como se foi de trabalho?

TARCISIO - Bem, felizmente. Vim mais cedo porque trago uma boa notícia para Simone.

ELVIRA - Uma boa notícia, meu filho? Nós não podemos saber o que é?

TARCISIO - Claro. A casa importadora que me vende os materiais de eletricidade, vai ofertar a Simone todos os fios, chaves e tomadas que forem necessárias na obra que ela vai realizar. Conversei com eles e consegui tudo.

ANGELA - Que beleza, Tarcísio! Ela vai ficar radiante.

ELVIRA  
~~MEU~~ - Você sabe que o Padre Demétrio disse que dentro de quinze ou vinte dias talvez já seja possível iniciar-se a obra?

TARCISIO - Ótimo. Também vou conversar com um vidreiro que é meu amigo, para ver se ele oferece uns vidros de presente e faz os outros pelo preço de custo. Acredito que ele não negue seu auxílio, tanto mais que é muito religioso e grande amigo do Padre Demétrio também.

ANGELA - É, realmente todos estão colaborando e como a união faz a força eu acredito já estou confiante em que o sonho de Simone seja realizado.

TARCISIO - Vai ser realizado sim, como não? E sabe o que eu vou fazer agora? Vou ao encontro dela porque entou esulto para dar-lhe as boas notícias.  
(SALDO) Si ela já tiver saído do Grupo estará na Igreja, ou então eu a encontrarei pelo caminho.

C/REVERA - PESSOAS QUE SE APROXIMAM, PASSOS DE MULHER.

ELVIRA - A noção que se operou em meu filho, depois que conheceu Simone é uma coisa que não tem explicação. Deus permite que ela também possa gostar dele, um dia, tanto quanto ele gosta dela.

ANGELA - Seria uma grande alegria para mim, pode crer, mas eu procuro fazer de fora porque, meu dia que pensa que "casamento e mortais, se não se tu lhe". O que tiver que ser... há de vir.

REVERA - PASSOS DE MULHER.



- ARCÍSIO - Não se desentenda com tanta alegria no coração para encontrá-la de  
se jeito, desolada e desolada? Vamos, Simone. Diga o que há. Sua mãe  
vai ficar feliz se você aparecer na casa desse jeito.
- SIMONE - Não é nada de mais, não, Tarcísio. As mesmas coisas de sempre. Os ete  
nos venenos de Laila que não são outra coisa do que profundos do seu de  
peito. De tanto eu não falo com pena dela, mas a verdade é que essas  
coisas se chocam.
- TARCÍSIO - De já disse a você que posso ter uma conversa com ela. Você não quer.  
Durante que lhe diria uma coisa só e ela a deixaria esquecida.
- SIMONE - De não quero ligar importância às coisas que ela diz, mas por vezes  
ela é tão e tão venenosa que eu chego a sentir medo.
- TARCÍSIO - Não preciso sentir. Quando ela estiver incomodando muito você é só me  
dizer que eu jogo ela para esquentar. Vamos pensar nas ofertas que vo  
cê recebeu hoje. Porra maravilhosas; não foram?
- SIMONE - Vamos, não, Tarcísio, mas você também é maravilhoso para me levantar  
o ânimo.
- TARCÍSIO - Quero ver se está dizendo isto de coração. Prove-o com um sorriso, va  
mon ver. (PAUSA) Isto. Agora sim, acreditei. Mas agora vamos para casa  
que sua mãe também tem uma notícia boa para lhe dar.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

- LAILA - As coisas que ela disse permitem envolvê-la num escândalo de tal natu  
reza, que no fim ela será capaz, até de ser expulsa da vila, a bem da  
moral e da decência.
- TEREZA - Não se iluda, Laila. Ela tem o Padre Demétrio por ela e o Padre aqui  
é a maior força.
- LAILA - Bem, mas nós vamos procurar fazer com que o Padre acredite nas coisas  
que vamos espalhar.
- TEREZA - Mas o Padre não vai acreditar. Vai chamá-la, ela dirá que é mentira e  
toda a nossa trama lá se vai por águas abaixo.
- LAILA - Temos, ainda, o recurso de uma alçada. Arranjemos um meio de fazer  
com que ela volte a Vila Verde. Bastará que a senhora a convença de  
que ela deve ir até lá, agradecer a dívida generosa que recebeu. E  
quando ele estiver lá dentro, mandaremos o Padre esperar a sua saída.  
Não lhe parece uma boa ideia?
- TEREZA - Talvez possa dar resultado, mas eu não creio muito. Em todo caso...  
não custa tentar.
- LAILA - Então amanhã o primeiro trabalho da senhora vai ser convencer Simone



LEOPOLDINA - (COM LUZAS), de que eu devo ir à Vila Verde, para agradecer a contribuição generosa de seu Rafael. É supérfluo... deixe o resto por minha conta.

TECNICA - PASSIÃO MUSICAL.  
LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL  
TECNICA - PASSIÃO MUSICAL

RAFAEL - Você entregou o envelope para dona Simone mesmo, ou para a diretora do Grupo?

LEOPOLDINA - Não senhor, para dona Simone mesmo. Não era para ela que o senhor tinha recomendação que eu entregasse?

RAFAEL - Exato. Mas ela podia não estar e você ter entregue à outra.

LEOPOLDINA - Não senhor, foi pra ela mesma.

RAFAEL - E o que foi que ela disse? Ficou contente?

LEOPOLDINA - Ficou aliviada. Queria porque queria que eu dissesse pra ela quem tinha mandado. Ai eu falei aquilo que o senhor me recomendou: que eu não conhecia a pessoa porque ela tinha me encontrado na rua e pedido para entregar aquele envelope no Grupo. Ai ela me perguntou se eu não tinha desconfiado que era dinheiro, eu falei pra ela que sim, mas que não sabia quanto levava. Ai ela ficou com uma cara assim meio desconfiada, mas não me perguntou mais nada.

RAFAEL - E nem agradeceu?

LEOPOLDINA - Agradeceu, sim senhor. Ih, agradeceu uma porção de vezes. Ela até disse que se soubesse quem tinha mandado que faria um agradecimento por escrito, mas como não sabia, não podia fazer.

RAFAEL - O Padre continua falar, na missa, das ofertas que recebe?

LEOPOLDINA - Não sei, seu Rafael, porque eu nunca vou à missa. E depois Eudoxia é que vai e quando eu sei alguma coisa é por ela.

RAFAEL - Está bem. Depois eu recomendarei à Eudoxia de prestar bastante atenção na missa de domingo, para ver o que eles dizem sobre a minha oferta.

LEOPOLDINA - Por que o senhor mesmo não vai à missa? Ai o senhor mesmo podia ouvir o que eles dizem.

RAFAEL - Eu ir à missa?! Para todo aquele pessoal de Vila ficar olhando para a minha cara de boca aberta? Deus me livre. Eu acredito em Deus. Respeito-o, mas à missa não vou. E ai é verdade que por causa disto a gente vai para as fogueiras do purgatório, eu estou aqui estou carvão de pedra. Onde está seu pai?

LEOPOLDINA - No jardim, como sempre.

RAFAEL - Vá chamá-lo. Tronxe umas balas para ele. Sei que é o que ele mais gosta... não custa fazê-lo feliz.

TECNICA - PASSIÃO MUSICAL.



DEMÉTRIO - E então, mana? Alguma novidade na carta de hoje?

SARAH - Está em cima da sua mesa a relação das ofertas de ~~valor~~ <sup>valor</sup> que Simone troux<sup>e</sup> xe logo que saiu do colégio.

DEMÉTRIO - Muita coisa? ~~mas~~ Mais que ante-ontem?

SARAH - Eu não olhei, mas disse-lhe que muito mais. teve ~~uma~~ <sup>uma</sup> oferta de duzentos mil cruzeiros, imagine.

DEMÉTRIO - Duzentos mil cruzeiros?!... mas quem fez tão valiosa oferta, mana?

SARAH - Ela não sabe. Recobrou-a dentro de um envelope em branco e sem o menor vestígio de procedência.

DEMÉTRIO - Mas a pessoa que entregou não disse nada?

SARAH - Não. Inventou lá uma história qualquer, muito absurda, mas não disse quem tinha mandado.

DEMÉTRIO - Mas não vai ser nada difícil descobrir. Aqui só uma mata dúzia de pessoas poderiam fazer uma oferta de tão elevado valor.

SARAH - Quem lhe palpa que possa ter sido, mana?

DEMÉTRIO - Ainda não posso saber, mas afirmo-lhe que dentro de tres ou quatro dias terei localizado o doador... ou doadora.

SARAH - E você consegue alguma coisa, na sua comissão de toda uma tarde?

DEMÉTRIO - Consegui, sim, mana. Consegui muita coisa, até. Cal... areia... alguns sacos de cimento e dois milhares de tijolos que nos ofertou a Dona Jorgina Branco, em memória do esposo.

SARAH - Ótimo. Agora é só contratar os trabalhadores e pôr mãos à obra.

DEMÉTRIO - Sim, mas depois de consultar e ouvir a opinião das Damas de Caridade. Iniciar uma obra hoje para parar amanhã, não é vantajoso. Mas têm que se comprometer a fazer seguir os trabalhos, sem interrupção. Só então conseguiremos.

SARAH - Eu não sei se as Damas vão querer assumir um compromisso destes.

DEMÉTRIO - Se não quiserem, só depois de ter o suficiente para a obra tem que se remos início à construção.

SARAH - Bem, mana, vá lavar o rosto e as mãos que eu vou preparar a sua sopa.

DEMÉTRIO - Sim, minha irmã e o que posso lhe dizer, desde já, é que a sopa deve estar muito gostosa porque o aroma que impregna a casa toda é simplesmente excelente.

SARAH - Pois então não demore e venha tomá-la que eu já vou servir nos pratos.

FÉCHICA - PASSAGEM MUSICAL

GIACCO - Você disse que gostou muito de Simone? Que tal, que você se apaixonou?



MARGOT - No Grupo Escolar, órra essa. Onde mais haverria de ser? Querria que fosse aqui em casa?

GLAUCO - Aqui não digo, mas também podia ter sido na rua, numa loja, em qualquer outra parte que não fosse o Grupo Escolar. Não podia.

MARGOT - Podia, Glaucos, podia, mas foi no Grupo Escolar. Ela foi muito gentil, muito amável comigo. Conversou... agradeceu... desejou felicidades para mim... enfim, ela foi uma gostosura de pessoa. Mas depois veio a diretora, aquela atipante de nariz grande e pontudo e se meteu a emburrar com tanta brutalidade que si não fosse a moçinha que não tinha culpa de nada, eu tirava de volte o dinheiro que dei.

GLAUCO - A diretora tem uma cara de pau, mesmo. Parece que está sempre com raiva das pessoas que a rodeiam. Uma vez ela fez uma festinha no Grupo, nós fomos e ela também nos botou na rua. Lisse que a festa era familiar e que portanto nós não podíamos permanecer lá. Também se não fosse o Tarcísio haver impedido a nossa revanche, nós teriamos desmanchado o Grupo escolar.

MARGOT - Ah, bom! Ainda bem, então que não foi só comigo. Eu estava tão enfiada, tão humilhada do procedimento daquela senhora que não podia esquecer as palavras que ela pronunciou. Disse que eu era uma velha devessa. Eu não sei bem o que é que quer isto dizer, mas tenho certeza absoluta de que elogio não é.

GLAUCO - Não. Elogio não é, mesmo. Mas ela teria chamado você de devessa ou de carressa? Como as duas palavras rimam, você podia ter feito confusão.

MARGOT - Não, não, foi devessa mesmo. Eu descobri para depois poder procurar saber o que é. Você não me diz?

GLAUCO - Não vale a pena. Deixa isso pra lá, Margot. A menina recebeu bem o dinheiro; não recebeu?

MARGOT - Muito bem. Tinha até um sorriso nos lábios. Vestia muito bela. Muito mesmo é muito bonita. Agora compreendo porque Tarcísio está tão mudado. Não érra mesmo.

GLAUCO - Bem, Margot, eu já tomei o meu aperitivo aqui no seu bar e agora vou para casa pegar a gororoba.

MARGOT - Pegar a gororoba? Que é isto que você vai pegar, Glaucos?

GLAUCO - Você não sabe o que é a gororoba? Gororoba é a sopa. A comida. O jantar.

MARGOT - Como é possível entender uma coisa dessas? Vai, meu Glaucos, vai. Não te mais eu vivo no Brasil, mais difícil sou a língua dos brasileiros.



DEMIÉRIO - O senhor é que é seu Miguel, que foi cochoiro aos pais de seu Rafael, quando eles ainda viviam?

MIGUEL - O senhor quer saber quem é Miguel? Miguel sou eu Padre. Foi batizado com este nome. Se lhe disseram que Miguel é outro, mentiram. Miguel sou eu, juro-lhe por Deus Nosso Senhor e o senhor sabe melhor que eu, que Deus Nosso Senhor escuta e julga tudo que a gente diz.

DEMIÉRIO - Não, Miguel, não me disseram nada. Mas agora já sei que Miguel é você e justamente com você é que eu queria falar. Lembra-se de uma moça que esteve aqui e que lhe prometeu balas e chocolates?

MIGUEL - Lembro-me, sim. Todos os dias eu espero por ela, mas ela não vem.

DEMIÉRIO - Ela é professora, trabalha muito, não tem quasi tempo de vir. Mas ela mandou que eu entregasse a você as balas e os chocolates e pedisse a você para me levar ao escritório seu Rafael, da mesma maneira que o Senhor levou a moça. (POM) Olhe, aqui estão as balas e os chocolates. Agora leve-me.

MIGUEL - Venha por aqui. É sempre perto de mim, por causa do cachorro.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

DEMIÉRIO - Boa tarde, seu Rafael, dá licença para eu servo de Deus?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SÚBITO.

RAFAEL - (DESAGRADADO) Como pôde chegar até aqui?

DEMIÉRIO - Da mesma maneira que a professora Simone, há uns dois ou tres meses, passados.

RAFAEL - Que ela tivesse feito o que fez, eu admito, Padre. Mas o senhor... sabe que o pobre demente vai ser castigado por sua causa?

DEMIÉRIO - Não creio que o senhor tenha a coragem de praticar uma salvação tão grande. O senhor é bom. É apenas um nome revertido contra a sociedade em que vive e eu não discutirei os motivos que podem ter, mas no fundo o senhor é sentimental e humano como todos os homens bons.

RAFAEL - Por que tudo isto, Miguel, Padre? Poderia me dizer?

DEMIÉRIO - Porque acabamos de ter uma grande prova de sua bondade e é justamente para agradecer-lhe que aqui me encontro.

RAFAEL - Não entendi nada do que o senhor falou. Quer explicar-me melhor, por favor?

DEMIÉRIO - Pois não. Digo-lhe que me encontro aqui a pedido da professora Simone, para agradecer ao senhor o valioso auxílio que lhe oferece para a sua obra analéptica.



PSICICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO.

RAFAEL - Como... como foi que o senhor disse?

DEMPRIO - Que estou aqui para agradecer, em nome de Simone o valioso auxílio que lhe mandou para a sua obra de assistência aos menores.

RAFAEL - Ah, sim? E se eu lhe disser que o senhor está redondamente enganado e que aquela pequena é uma grande pretenciosa, julgando que me lembraria dela para alguma coisa? Não, Padre. O senhor está equivocado. Eu não mandei nada a ninguém. Nada. Absolutamente nada.

DEMPRIO - Jure-me, então, pela memória de sua santa mãe e eu lhe pedirei desculpas e me retirarei imediatamente. (PAUSA) Vamos, jure. Jure pela memória de sua mãe.

PSICICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCEBAMENTO.



- Novela de Raulo Oramer -

III CAPITULO

RECONTO - CARACTERISTICA MUSICAL DE ABERTURA

DEMETRIO - Estou aqui para agradecer, em nome de Simão, o valioso auxilio que lhe mandou para a sua obra de assistencia aos senhores.

RAPAEI - Ah, sim? E si eu lhe disser que o senhor está recentemente enganado e que aquela pequena é uma grande pretenciosa, julgando que na lustraria dela p... ra alguma coisa? Não, Padre. O senhor está equivocado. Eu não mandei nada a ninguém. Nada. Absolutamente nada.

DEMETRIO - Juro-lhe, então pela memória de sua santa mãe e eu lhe pedirei desculpas e me retirarei, imediatamente. (PAUSA) Vamos, jure. Fure pela memória de sua mãe.

RAPAEI - Por que hei de ser obrigado a jurar? Não lhe basta a minha palavra, Padre?

DEMETRIO - Eu já fui tantas vezes enganado pelos homens, que já não posso mais crer na palavra de um só. Por isso, quando quero ter certeza absoluta de uma coisa, obrigo-os a jurarem por Deus. Não esqueça de nos termos mais temperados de mentir a Deus, do que a mim.

RAPAEI - E o senhor acha que si eu quizesse desoitar não poderia jurar coisa?

DEMETRIO - Não poderia, não. Não poderia porque sua mãe era católica praticante: seu pai também. O senhor foi baptizado na Igreja católica, fez sua primeira comunhão, quando rapazinho, por mais que se tenha esquecido do caminho da igreja, as raízes devem ter ficado, lá no fundo, esperando o momento de voltarem a florescer. Esse momento, em geral, é no hora extrema, quando se aproxima o acerto de contas, mas não são poucos os que, sendo felizes, concedem a si mesmos um prazo maior para se realizarem. É o que o seu coração está lhe pedindo que faça e o seu orgulho está relutando em obedecer. Mas eu não vejo porque, seu pai não. Não há virtude maior do que aqui la que conseguimos sobre nós mesmos. Por que motivo se afastou da Igreja? Por que motivo se afastou dos homens? Por que motivo deixou de viver em solidão? Por todos os seus títulos, o senhor tem o lugar de destaque na sociedade? Por que a repudiou?

RAPAEI - Porque a sociedade envenenou a vida de minha mãe, obrigando-lhe algumas verdades e inventando infâmias mentiras e calúnias de sua mãe. E minha mãe, coitada, morreu, em silencio, em silencio horrível. Foi então que me



**RAFAEL** - (CONTINUAÇÃO) sei a odiar essa gente toda e, no momento em que minha mãe colocou meus olhos para a vida, nunca mais permiti que qualquer pessoa da vila fosse recebida dentro de minha casa.

**DEMETRIO** - Não tire as razões que o senhor possa ter. É preciso, até certo ponto. Mas a sociedade tem muita gente boa e digna e que está recebendo seu devido prêmio injustamente, sem qualquer parcela de culpa pelo que lhe aconteceu. Bem, mas não foi para isto que vim aqui. Minha missão é outra. Venho aqui carregado de agradecer-lhe a oferta, que o senhor teima em negar que tenha sido sua, e, no mesmo tempo, pedir-lhe a permissão para bater, na casa que planejamos construir, o nome de sua mãe.

**TÉCICA** - VERGASTADA MUSICAL

**RAFAEL** - Como?... O nome de minha mãe... na casa que pretende construir? Mas por que? De quem foi essa ideia?

**DEMETRIO** - Da mesma pessoa que teve ideia de construir a casa. Da senhora Simone.

**TÉCICA** - RETORNE A VERGASTADA ANTERIOR.

**RAFAEL** - Bem, por isso, aquela menina impertinente que estava aqui tentando me tranquilizar-me?

**DEMETRIO** - Ela, sim. Essa menina impertinente, como o senhor diz, é um coração de ouro e um caráter admirável.

**RAFAEL** - Mas de que modo lhe entrou na cabeça essa ideia de que a oferta foi minha, se não sequer a deixei falar, quando estava aqui?

**DEMETRIO** - Foi eu que disse a ela o nome das três ou quatro pessoas que, na vila, estavam em situação de um donativo tão valioso. Essas três ou quatro, duas jamais fariam o donativo sozinho. Restariam, portanto, o senhor e dona Hermínia que, de repente, está viajando o que não sabe do movimento que estamos iniciando. Logo... não havia como fugir. Só restava o senhor.

**RAFAEL** - (DE CIMA DE PAUSA) É, padre... o senhor tem razão para detetive. Foi eu, sim, mas não desejo que saibam e por isso respeito a homenagem que desejam prestar à memória de minha mãe. Ela mesma, se fosse viva, preferiria o silêncio.

**DEMETRIO** - Está muito bem. Respeitamos esse seu desejo. E agora se vou satisfeito porque consegui dizer-lhe o quanto lhe somos gratos pelo auxílio que nos tem dado. Boa tarde.

**RAFAEL** - Espere. Terei que explicar-lhe, ainda os detalhes sobre a sua tarefa.

**RAFAEL** - SIMONINA DE OLIVEIRA.



RAPHAEL - Quero lhe pedir um favor. Posso?

FRANCISCO - Naturalmente que sim. Fale.

RAPHAEL - Diga a essa moça que eu desejo muitas felicidades no trabalho que ela está realizando, mas que ela se esqueça de mim.

MÚSICA - PASSAGEM MUSICAL.

LAILA - A senhora sabe que os comentários estão sempre vultoso?

TEREZA - Já senti isto ontem, numa visita que fiz à casa de dona Juzeira. Ela estava com a sala cheia, falou-se no fundamento da casa das crianças e eu fiz daquela goitinha que lhe recomendei que fizesse: derramei suspeitas em torno dela e da obra. Aquelas já não vão auxiliar em nada.

LAILA - Pois eu fui ao cabalheiro, tinham lá cinco ou seis pessoas e uma delas me perguntou para onde podia mandar as ofertas. Eu respondi assim: não posso lhe dizer nada a este respeito, porque não estou tomando parte nesta campanha. Ai a pessoa me disse: "Mas como é a campanha não está sendo feita pelo Grupo?" Eu logo respondi: Não senhora. Por um professor do Grupo, apenas. Eu e a senhora diretora fazemos questão de frisar que não tomamos parte nessa coisa. E ressaltamos, também, o nome do Grupo. Ele não tem nada a ver com o assunto. Ficou assim um silêncio pesado, no ar e, de repente, uma outra pessoa perguntou: "E que tal esse professor novo do Grupo?" É pessoa em quem se possa confiar para entregar tantos valores em uma mão?

TEREZA - O que foi que você respondeu?

LAILA - Não falei assim: não sei. Nos a conhecemos muito pouco e ainda não tive nos oportunidades de constatar "certas coisas" que nos foram ditas sobre ela. Então a parar um pesado silêncio no ar. Ao fim das contas um das pessoas presentes aventurou: "Mas como é que o padre aceita uma moça que é recém-chegada aqui, sem que nada se saiba sobre ela?" Eu falei: não sei. Isso é proibido do padre, não ven.

TEREZA - Muito bem. É esse trabalho que nós temos que ir fazendo, devagarinho, até destruir completamente o que ela está fazendo. Não podemos deixar essa coisa ficar assim, sem que ninguém saiba o que está acontecendo. Não podemos deixar que ela vá à vila, sigam-se as coisas e os rumores abandonados. Você já imaginou se esse negócio chega mesmo ao ar? Ai é que não ficamos definitivamente enganados. Não podemos deixar. Temos que agir.

LAILA - Eu tenho certeza de que as pessoas a quem eu falei, já não lhe mentarão um centavo, sequer. E se eu ficar isto com alguns parentes, durante o dia e a noite, lá no meu quarto, no fim de cada semana, talvez possam. Há um meio de evitar o tanto.



TEREZA - Trezentas pessoas por mês, são tres mil e seiscentas por ano. Já será um trabalho apreciável, o nosso.

LAILA - O que eu não posso compreender, nem admitir, é o apoio do padre a essa sirigaíta, como me perguntaram no cabelereiro.

TEREZA - Óra, o padre! Pois ele não me declarou que aceita os vigares que aquela francesa velha vagebunda manda todos os meses para os pobres da paróquia? Então isso era coisa que ele fizesse?

LAILA - Bem... o ponto de vista dele é que ela devolve aos filhos o que os pais gastam naquele seu bar horreroso.

TEREZA - Bar... bar... Quando é que cabaret de baixa condição foi bar? Bar é porque ela tinha que arranjar uma capa para registrar o grande estabelecimento. Ah que se eu fosse autoridade aqui dentro!... Nem sei o que seria capaz de fazer com aquela negera.

LAILA - Eu sei. Confiscava-lhe os bens, dava-lhe um tapão e soltava-a de tanga, nu na estrada poeirenta, com um cão bravo mordendo-lhe os calcanhares.

TEREZA - Crede, Laila. Seria então muito melhor condená-la logo ao paráden.

LAILA - A morte seria muito rápida. Não lhe daria tempo de arrependêr-se das muitas coisas que devê ter feito na sua vida imunda.

TEREZA - Bem, são quasi seis horas da tarde. Vamos jantar que à noite teremos reunião do clube das amigas e lá nós precisaremos agir com muita cautela porque várias senhoras são íntimas de dona Sarah, irmã do padre.

LAILA - Usaremos a mesma tática. Devagarsinho... e sempre.

#### TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

GLAUCO - Você vai demorar para sair, Tarcísio?

TARCÍSIO - Penso que sim. Seu Seriolano me trouxe o carro dele agora... pretende viajar amanhã, de manhã, bem cedo... Si eu tiver sorte de encontrar logo o defeito, poderei despachar-me dentro de uma hora, sinão... só Deus ~~pô~~ que sabe. Mas ~~xxxxx~~ por que você queria saber?

GLAUCO - Porque eu tenho um assunto muito sério a tratar com você, Tarcísio.

TARCÍSIO - Um assunto? Que assunto?

GLAUCO - Bem... é uma coisa que eu não posso lhe dizer assim, sem mais nem menos, entende? Uma coisa que você não vai gostar de ouvir mas que eu, como seu amigo, me sinto na obrigação de lhe falar.

#### TÉCNICA - SOBRE MÚSICA FORTE PARA FINAL DA 1ª PARTE

#### LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

#### TÉCNICA - MÚSICA DE ABERTURA DA 2ª PARTE.



GLAUCO - Eu tenho um assunto muito sério a tratar com você, Tarcísio.

TARCÍSIO - Um assunto? Que assunto?

GLAUCO - Bem... é uma coisa que eu não posso lhe dizer assim, sem mais nem menos, entende? Uma coisa que você não vai gostar de ouvir, mas que eu, como seu amigo, me sinto na obrigação de lhe falar.

TARCÍSIO - Mas então por que não fala agora? Por que vai me deixar esperando até que eu saia daqui? Não compreende que agora eu já estou ansioso para saber?

GLAUCO - Pois bem, então eu vou aproveitar que estamos sós na oficina e vou lhe dizer do que se trata. Tarcísio, talvez seja muito doloroso para você, mas ontem à noite, no bar da Margot, eu ouvi comentários muito sérios e respeito de Simone.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL PORTE.

GLAUCO - Sei que você gosta dela e deve ser muito doloroso ouvir o que eu estou lhe falando, mas eu me senti no dever de avisá-lo.

TARCÍSIO - (ABAFADO) Avisar-me de que, Glaucos? Que nova infâmia assadavam contra a menina?

GLAUCO - Bem... eu vou repetir a você o que me garantiram, sem com isto querer dizer que acreditei, entende? Mas em todo o caso, parece-me que você...

TARCÍSIO - (ABAFANDO UM GRITO QUE CHEGA A INICIAR) Pelo amor de Deus, acabe com esses subterfúgios e diga logo o que sabe, Glaucos. Quanto mais rodeios você faz, mais nervoso e irritado me deixa.

GLAUCO - Pois bem, o que ontem me disseram no bar da Margot, e chegaram mesmo a garantir, é que Simone é amante do solitário da colina e que até, de vez em quando, vai lá visitá-lo.

TARCÍSIO - (UM GRITO DE DOR) É mentira! É uma infâmia! Simone é uma menina decerto, uma menina pura! Quem foi que lhe disse tal coisa? Vamos, diga quem foi que lhe disse tamanho absurdo que eu estou pronto para ir dar-lhe uma surra, afim de que ele aprenda a respeito o nome dos outros.

GLAUCO - Quem me disse, nem sei mais, mas a verdade é que o comentário foi quasi geral e todos lamentavam a sua sorte de amar a quem não o merecia.

TARCÍSIO - Eu não preciso que ninguém me lamente, amigo, Glaucos? Nem mesmo você.

GLAUCO - (FIRME) Eu não estou lamentando você. Estou lhe avisando, o que é muito diferente. Se quiser acreditar, acredite, se não quiser, melhor para você. Eu fiz o que me competia fazer, como seu amigo.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

SIMONE - Você não imagina como eu estou aborrecida com os boatos que surgiram hoje na reunião da Congregação.



SARAH DENÉRIO - Boatos?! Na reunião da Congregação, mana! Mas era o único lugar onde eles não deveriam surgir. A reunião é feita para tratar-se de caridade, como se pode perder tempo em propalar boatos?

SARAH - Sem sei, mano, você tem toda a razão, mas a coisa caiu tão de repente... Nos deixou a todos tão chocados... Imagine o que disseram a respeito de Simone?

DENÉRIO - Sei lá! Essa gente que não tem o que fazer se preocupa tanto com a vida dos outros... Pode-se lá imaginar o que inventam?

SARAH - Pois me garantiram que ela mesma confessou ser amante de seu Rafael, o tal que vive em solidão e que lhe mandou uma soma muito alta para as suas obras em favor dos garotos.

DENÉRIO - Não acredite, mana. Isso é uma mentira, uma infâmia! Alguém que conhece essa moça mais intimamente, como eu agora, em face do trabalho dela, não poderá jamais aceitar que uma pessoa com o seu modo de pensar e as suas maneiras tão finas e educadas, possa baixar ao ponto de se tornar amante de um homem que não teria espelhos para casar com ela. Digo-lhe mais, mana: sou até capaz de lhe dizer a origem, a raiz desses comentários.

SARAH - Que bom que você me fale assim, mano. Eu gostava tanto dela e de repente me senti tão desiludida... tão descontentada... De onde pensa você que pode ter saído esse comentário?

DENÉRIO - De matar vobora que possui esta vila e que é dona lá, e outra profeta para o Grupo Escolar. Eu penso que ela tem inveja da moça, por ser boni- na e elogiada por todos e então começa a destruir tudo que pode.

SARAH - A gente sabe que ela não gosta da moça, mas será que a sua baixaria de comentários possa chegar a tanto, mano? Eu não quero hereditar.

DENÉRIO - Mas pode acreditar porque se ela pudesse fazer comentários como esse você acabou de repetir para mim. E o pior de tudo é que ela fez os comentários sabendo que eles não são exatos. Mas não vou me dar ao trabalho de lhe dizer, você converse com ela sobre isto e logo depois chamarei dona lá.

SARAH - Ela não vai querer vir. Disse a alguém que não ia à reunião da congregação para não encontrar-se comigo. Que eu havia feito uma infâmia muito grande, fazendo a um compromisso assumido com ela em nome da igreja. Não é verdade. Eu não assumi compromisso nenhum e não vou ajudar em nome da igreja.

DENÉRIO - Está vendo como ela menta? E aí pode-se imaginar o que dirá ao povo daqui. Bom, não se preocupe tanto por isto, mana. Imagino em fazer o que



DEMETRIO - (CONTINUAÇÃO) Já lhe disse. Chamei uma e depois a outra. Si ela não vier, não terei nenhuma dúvida em ir procurá-la no Grupo.

SARAH - É, mas, não precisamos apoiar essa menina, para não permitir que a dor cubra com comentários infames.

DEMETRIO - Deus há de permitir que possamos superá-la.

FÉDICA - PARLADA MUSICAL.

ELVIRA - Meu filho, você não pode continuar assim nesse abatimento, sem querer me dizer o mal que o afflige. Experimente falar, vamos. As vezes é bom deo bafar. É/ qualquer coisa com ela?

FARCISIO - Sim, mãe, mas que "qualquer coisa". O que a natureza possa imaginar de pior.

FÉDICA - VERBASTADA MUSICAL.

ELVIRA - Que horror, meu filho!... ~~XXXXXXXXXX~~ Mas você viu, ou lhe contaram?

FARCISIO - Não, não vi. Mas sabe que passo o dia no officio trabalhando.

ELVIRA - Mas é a pessoa que lhe contou, parece-lhe absoluta confiança?

FARCISIO - Foi Glauce. Meu amigo de infancia, mãe. Glauce é um homem que não diria uma mentira, principalmente para mim.

ELVIRA - Mas afinal que lhe disse isto?

FARCISIO - O pior, mãe, o pior! Eu não quero lhe repetir para não sofrer mais. Basta o que estou sofrendo.

ELVIRA - Meu filho, Glauce pode ter conhecido alguma coisa e contado a você, mas não precisamos saber qual a fonte que lhe forneceu tal noticia. Isso é muito importante. Quando eu era moço, morava entre duas amigas. A Luiza e a Jandira. Ambas eram minhas amigas e iam à minha casa contar-me tudo que se passava com elas... e com os outros. Quando a Luiza contava, era sempre verdade. As coisas que Jandira dizia não se verificavam de lado nenhum porque ela se aproveitava de minha confiança para contar o que lhe parecia mais interessante. Você não pode ter confiança nenhuma com quem lhe contou a história que lhe disse.

FARCISIO - É exatamente o que estou pretendo fazer. Antes de mais nada, o talvez de hoje mesmo, falei com Simone e lhe disse tudo que está acontecendo e seu peito como brasa viva.

ELVIRA - Meu filho, você vai magoá-la profundamente. Levante-se isto.

FARCISIO - Eu sempre estou magoado, mãe. É muito profundamente, mãe. E não posso continuar assim, não posso. Preciso fazer e falar o que me vem do coração, antes que eu enlouqueça.

FÉDICA - PARLADA MUSICAL.



SIMONE - Você está triste e abatido, Tarcísio. Alguma coisa o aborreceu?

TARCÍSIO - Sim. Um comentário a meu respeito. Eu nem imaginava que você representasse tanto para mim. Hoje, diante do que se passou, é que pude ver até que ponto a estimo.

SIMONE - Mas afinal que espécie de comentário foi esse? Eu gostaria que você me dissesse.

TARCÍSIO - E eu também gostaria de dizer-lhe, para desmentar minhas dúvidas, mas se contei que mãe não me aconselhou muito a não lhe falar deste assunto, pelo menos antes que tivesse tirado os fatos a limpo.

SIMONE - Que horror, Tarcísio! Você está começando a me deixar esbarrada. Quer fazer o favor de me dizer, afinal de que eu possa me defender, se for o caso?

TARCÍSIO - Bem... eu também, se não desabafar... não sei o que poderá me acontecer. Acho que o melhor de tudo, mesmo, é falar.

SIMONE - Pois então fale. Desabafe. Disseram-lhe alguma coisa de ruim?

TARCÍSIO - Exatamente. E já que contou da primeira, imagine o que possam ter dito.

SIMONE - Bem... isso já não é tão fácil. Precisaria saber, primeiro quem disse e precisaria também conhecer a pessoa para poder imaginar o que ela seria capaz de dizer.

TARCÍSIO - Quem me falou foi um amigo de infância, mas ele disse que é o comentário geral, na vila.

SIMONE - Mas por Deus, Tarcísio, eu já estou aflita. O que que é comentário geral na vila?

TARCÍSIO - Que você... e Rafael... Bem... é difícil dizer, mas...

SIMONE - (JÁ COM VOZ TREMULA DE FRANTO, COMEÇA A PALAF E COMEÇA A CHORAR) Não, Tarcísio. Não diga mais nada. Não é preciso, eu já compreendi. E mesmo eu não poderia ouvir isto, exatamente da sua boca. É mentira, Tarcísio! Juro-lhe como é mentira!... Eu sou honesta! Sou digna! Não fui à casa de seu Rafael mais do que uma vez. Você sabe disto, Tarcísio. Eu havia lhe dito. Você não devia ter consentido que lhe falasse de mim de uma maneira. Você, que dizia sempre gostar de mim, Tarcísio. Oh, meu Deus! Meu Deus!... Como pode existir tanta maldade no mundo?

G/REGINA - PASSOS DE LUJA ANGELA QUE SE ANTOXINA LIGRIBO.

ANGELA - Minha filha, que é isso?! Que aconteceu com você?!...

SIMONE - (DESEMPRADA EM FRANTOS) Oh, mãe, mãe, leva-me daqui! Eu quero ir embora, mãe!... Leva-me daqui! Leva-me daqui!...

REGINA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCAMENHO.



S O L I D A O

-Novela de Erico Grener -

12º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

SIMONE - (DESESPERADA) Mas por Deus, Farcisio! O que que é acontecendo geral na vila?

FARCISIO - Com você... e Rafael... Bem... é difícil dizer, mas...

SIMONE - (JÁ COM VOZ TRÊMULA DE IRRITO, COMEÇA A PALAN E A BRILHA QUE VAI PALAN DO VAI CRENDO NUNCA MAIS). Não, Farcisio. Não diga mais nada. Não é preciso. Eu já compreendi. E mesmo eu não poderia ouvir isto, exatamente da sua boca. É mentira, Farcisio! Juro-lhe como é mentira!... Eu me lembro. Sou digno. Não fui à casa de seu Rafael mais do que uma vez! E você sabia isto, Farcisio. Eu havia lhe dito! Você não devia ter consentido que falassem de mim dessa maneira. Você que dizia, sempre, gostar de mim, Farcisio! Oh, meu Deus, meu Deus!... Como pode existir tanta maldade no mundo?!

C/NEGRA - PASSOS DE DONA ANGELA QUE SE APROXIMA LIGEIRA.

ANGELA - Minha filha, que é isso?!. Que aconteceu com você?!.

SIMONE - (DESESPERADA, EM IRRITOS) Oh, mãe, mãe, leve-me daqui! Eu quero ir embora, mãe!... Leve-me daqui... leve-me daqui...

ANGELA - Mas por Deus, minha filha, que aconteceu?!. Fala você, Farcisio. Ela não pode falar.

FARCISIO - (ZURETO ABAPADO) Dona Angela eu... eu sou na desesperado... Don que mãe não me disse que eu não devia falar... E eu não ia falar, juro-lhe... Mas eu também estava abafado... também estava sofrendo, porque... porque eu amo Simone, entenda, dona Angela?

SIMONE - Você não me ama. Se você me amasse, verdadeiramente, não permitiria que lhe dissessem de mim.

ANGELA - Que disseram de Simone?

FARCISIO - Que ele e ela... (CORTA)

SIMONE - (CONTANDO, QUASI VIOLENTA) Cale-se, Farcisio. Deixe que eu diga. Mas não quero ouvir da sua boca uma palavra destas. Jamais poderia perdê-la, se você dissesse.

ANGELA - Mas minha filha, fale de uma vez. Você deve compreender que eu estou muito aflita. Que disseram de você? Fale, por amor de Deus.

SIMONE - Disseram... que eu... e seu Rafael... somos amantes, mãe! (DEBUTA A SOLUÇA DOVAMENTE, AGARRADA À MÃO) Oh, mãe, mãe!... Isto não é nada rival!...



ANGELA - Isto é um absurdo!... Uma maldade sem nome!... Eu até me admira que você, Tarcísio, morando junto conosco, na mesma casa, pudesse ter qualquer dó vida a respeito de uma infância como essa! Isto só pode ser obra de um espírito vil e abominável. Mas Deus não dorme. Ele está vendo tudo! E aqueles que tiveram a coragem de levantar semelhante calúnia de minha filha, não de se arrastar, um dia, na lama do recurso e da miséria.

SIMONE - Mãe, eu quero ir embora. Não quero ficar mais aqui nesta vila de gente ruim, mãe.

ANGELA - Eu também não quero. Mas não podemos proceder precipitadamente, porque, desgrazadamente, dependemos do seu emprego, mas eu vou falar com o padre Benedito, agora mesmo, explicar o que está havendo e pedir a ele que consiga a nossa remoção para outro lugar qualquer, por intermédio de um padre da Congregação.

TARCÍSIO - (COMPLANTAMENTE ABALAZADO) Dona Angela... incoerente... eu peço que me desculpe por que me perdoe... eu quero pedir perdão de joelhos às suas... eu não devia... eu não podia ter falado uma coisa dessas... Foi o monstro do crime que me impulsionou, entende?

ANGELA - Você não podia ter falado uma coisa destas, mesmo, Tarcísio. Não podia. Se havia dúvidas no seu espírito, bastava que você observasse e neguinho Simão, em todos os seus passos. Isto não lhe costaria tanto. Você é dono de sua oficina, não está preso a horário, podia ir onde quizesse, quando quizesse. Você sabia, também todos os lugares onde ele costumava ir. Ao Grupo, à Igreja, às reuniões do Salão Paroquial e as duas vezes que foi ver o terreno, lá em cima, sem questão de ser acompanhada por mim e por você, para que ninguém pudesse dizer que eu vim subindo ou descendo a colina sózinha. Que dó vida se pode ter de uma pessoa que proccia à esta forma?

SIMONE - (SEMPRE CHORANDO) Eu fui uma vez sózinha, lá em cima, mas ele sabia porque eu mesma lhe disse. Nunca imaginei que seu Rafael fosse um homem novo. Quando fui ao SOLITÁRIO da colina, riquíssimo, eu pensei que fosse um homem velho já com o pé na sepultura e então imaginei poder catequizá-lo para deixar nos pobres a sua imensa riqueza, já que dizia, também, que ele não tinha parentes próximos. Se eu tivesse sabido que a minha boa intenção haveria de me custar tantas lágrimas e tão amargas, jamais teria cometido a loucura de subir. (COM) Vá, mãe, vá de uma vez falar com o padre Benedito. Eu quero sair daqui. Quero ir-me embora.

ANGELA - Eu vou, vá, minha filha. Vou passar um pente nos cabelos, cuidar o vestido e eu vou lá, no máximo, estou lá.



O/REDA - PASSOS QUE SE AVASTAM E SOMEM.

TARCISIO - (DEPOIS DE GRANDE PAUSA, SOPRADO) Simone... Simone se eston arrastando... Diga que me compreende... diga que me perdoa... (quasi chorando) Eu... que seria tudo para poupá-la... fui causar-lhe essa dor tão grande... Mas se lhe consola saber que eu tam bem estou sofrendo muito... muito mesmo Simone... sofrendo duplamente... por mim... e por você... Que posso fazer, Simone, diga, que quer que eu faça por você? Ordene... (PAUSA) Fale, Simone, diga, que quer que eu faça por você? Diga, por favor, o que é que você quer que eu faça... diga...

SIMONE - Eu quero que você me deixe sózinha. Preciso chorar muito e não gosto de chorar na frente de ninguém.

TARCISIO - Mas Simone, você está me pedindo o impossível. Como posso deixá-la só, quando sei que está com a alma atorçada de desespero e por culpa minha? Então você não compreende que eu preciso fazer qualquer coisa por você, agora? Eu preciso, sim, mas não sei o que fazer. Querá que você ordene... que me peça... que me diga o que deveria fazer para compensá-la. (PAUSA) Fale, Simone, fale antes que eu calouqueira.

SIMONE - Eu já disse a você o que você pode fazer de melhor para mim, neste momento. Deixe-me sózinha, para afogar, nas lágrimas, as minhas penas. Não me que depois, Tarcísio, eu venha a querer qualquer outra coisa de você. Neste momento, quero apenas que você saia e me deixe só.

TARCISIO - (PAUSA, ABASTANDO UMA BRONHE DOR) Está bem, Simone, eu vou... mas você não ficará só... porque meu coração continua com você...

O/REDA - PASSOS PESADOS QUE SE AVASTAM E SE PERDEM NA DISTÂNCIA.

SIMONE - (DEPOIS DE PAUSA, CHORANDO MUITO) Oh meu Deus, meu Deus, porque tudo isto? Tocaram, exatamente, no ponto que me dói e me causa o maior sofrimento... A minha honra!... Por que o mundo é assim tão mau e transforma em crime a minha piedosa das intenções? (DEBATA A MUITO MUITO).

TEORICA - PASSAGEM LÍDRICA

ANGELA - E depois de tudo isto, minha filha não quer mais ficar aqui, do lado de quem e se pediu que viesse falar com o senhor, para o senhor um ofício de congregação próximo ao ministro e transfere-la para qualquer lugar. Não quer que eu faça. Ela não fez questão. Quer é sair daqui.

DEBENIO - Mas dona Angela, não há razão de Simone ficar assim tão desesperada. É muito desagradável, para uma moça que se pressa, um secretário de uma natureza, é claro, mas todo mundo sabe de onde ele veio e ninguém, que eu



- DEMETRIO - (CONTIPLAÇÃO) rhesa sua filha, poderá admitir como verdade um absurdo dessa natureza.
- SARAH - Como é que ela ficou sabendo, dona Angela? Quem teve a coragem de contar-lhe?
- ANGELA - Foi Tarcisio.
- SARAH - Tarcisio!... Ora veja! Logo ele que gosta tanto dela e se diz tão amigo!
- DEMETRIO - Talvez por isso mesmo. Tarcisio é bom, não teria feito uma coisa dessas com má intenção. Digo-lhe mais: ele deve ter sofrido muito para chegar ao ponto de contar a ela. Deve ter sofrido e des estar sofrendo.
- SARAH - Acredite, mas foi falta de tato. Ele não podia ter contado isto a ela. Falasse então à dona Angela.
- ANGELA - O que eu digo é que mais cedo ou mais tarde ela teria que ficar sabendo do comentário e sofreria da mesma forma que está sofrendo hoje.
- DEMETRIO - Não, não... isso não. Talvez que se estivesse habilmente preparada, já não recebesse um impacto tão grande. Mas de qualquer forma eu não creio que Tarcisio tenha feito por mal. Sentiu necessidade de falar. Precisava talvez desabaixar uma coisa que estava torturando o seu coração.
- ANGELA - Exato. É o que eu também penso. E tenho pena dele, sabe! Porque Simone nunca mais vai perdô-lo.
- DEMETRIO - Si ela falar comigo, perdôará. Em todas as coisas, dona Angela, o que temos que ver, primeiro, é a intenção. Si ela foi boa, não importa tanto que a consequência tenha sido desastrosa.
- ANGELA - É, eu sei que o senhor está com a razão, mas até conseguir-se convencer Angela, muitas aguas rolarão por baixo das pontes, com divia seu pai. (TOM) Mas afinal, Padre Demétrio, o senhor ainda não se disse que resposta devo levar à minha filha. Posso dizer-lhe que a congregação pedirá a transferência dela?
- DEMETRIO - Tem a palavra a presidente da Congregação. Vale você, sena Mã Sarah!
- SARAH - Bem... eu não posso responder pelas outras, mas tenho a impressão que elas não vão querer colaborar para que seja daqui um elemento tão útil como é a sua filha e precisamente no momento em que está realizando uma obra que certamente há de perpetuar o seu nome.
- ANGELA - Mas a senente já foi lançada. O resto não faltará quem diga. Minha filha vai ficar desesperada, se souber que não contou com o senhor, Padre Demétrio.
- DEMETRIO - Bem, vamos fazer uma coisa. Diga-lhe que sim, que não vamos fazer o que



DEMIÉTRIO - (CORRINHUANDO) ela quer, mas que ela terá que ter paciência e esperar uns quinze ou vinte dias até que o Ministério baixe as portarias. Não se meio tempo, eu terei conversado com ela uma meia dúzia de vezes e tenho certeza de que conseguirei convencê-la.

ANGELA - Obrigada, Padre Demétrio, muito obrigada. Eu vou correndo levar a notícia à Simone, para dar-lhe um pouco de alento na sua agonia.

DEMIÉTRIO - E diga-lhe que nós estamos com ela e saberemos defendê-la.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

ELVIRA - Eu avisei a você, meu filho. Você não devia, você não podia falar uma coisa dessas a uma moça como a gente sabe que é Simone. Você falou de Tarcísio, Tarcísio. Se tivesse ouvido sua mãe, não estaria acontecendo nada disso. Mas quero me lembrar de perder a companhia de Simone e dom Angela. Vai ser uma tristeza muito grande para mim, além de que voltarei a viver numa terrível solidão.

TARCÍSIO - Ah, mãe, eu entou tão arrependido! Tão arrependido!... Se houvesse uma maneira de desmanchar o mal que fiz...

ELVIRA - É uma pena, realmente. Estamos todos sofrendo e sem saber as consequências das coisas dessa tolice que você fez, meu filho.

TARCÍSIO - Ah souro tanto, mãe... tanto... Há momentos em que eu tenho a impressão que a dor aperta de tal modo o coração que me parece que ele não vai poder continuar pulsando.

ELVIRA - Você está nervoso, meu filho. Eu vou lhe preparar um calmante e há de ver como vai melhorar.

TARCÍSIO - Eu já tomei duas doses de calmante, hoje. Acho que não poderei tomar terceira.

ELVIRA - Realmente. Então saia, vá dar uma caminhada pela rua. Procure encontrar algum amigo e converse com ele para distrair-se. Uma não fale no assunto. Procure outras coisas qualquer para conversar.

TARCÍSIO - Não sei se será possível. Em todo caso não custa tentar. O que não quero é continuar sentindo o que estou sentindo.

ELVIRA - Faça força para reagir, meu filho. Quando o pensamento tentar tomar conta de você, fuja dele e pense em outras coisas. Não importa o que seja. Uma tolice, até, mas pense em qualquer outra coisa.

TARCÍSIO - Está boa, mãe, eu vou fazer força. O que não quero é continuar assim.



ELVIRA - Vá com Deus, meu filho. E cuide-se, meu filho. Lembre-se de mim e não vá fazer nenhuma tolice.

TARCÍSIO - Não se preocupe. Só não se assuste se eu vier muito tarde. Como sei que não vou poder dormir, não quero me deitar cedo.

G/REGRA - PASSOS DE TARCÍSIO QUE SE ABANTA. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO.

ELVIRA - Pobre do meu filho! Como ele está sofrendo! Mas os noivos, em geral, não querem ouvir o que os velhos dizem... por isso acontecem coisas assim.

ESQUENA - PASSAGEM MUSICAL

SIMONE - Que lhe disse o Padre Demétrio, mãe? A senhora não se parece muito com a mãe, não.

ANGELA - Como posso estar quieta, diante do que lhe aconteceu, filha? É claro que estou abatida. O Padre Demétrio lamentou muito a sua resolução e fez várias tentativas para dissuadir-me, mas como via que eu estava inflexível, acabou apresentando que a Congregação tomara interesse na sua pretensão e mandara o ofício ao Ministro. Antes, no entanto, deseja conversar com você porque falou que tem muitas coisas a dizer-lhe.

SIMONE - Eu já sei, do côr, as coisas que me dirá, mas não há o que me faça mudar de opinião. E até que a Congregação se dirija ao Ministro e venha a resposta, também não desejo permanecer aqui nesta casa. Quero ir para o Hotel ou alugar um quarto de dona Sarah.

ANGELA - Você vai causar um pesar muito grande à dona Elvira, sabida, que não tem culpa nenhuma do que aconteceu.

SIMONE - Eu sei, mãe, mas não posso ficar aqui, de jeito algum. Cada vez que me defrontasse com Tarcísio, estaria relembrando aquela coisa horrível que ele tentou me dizer e que teria dito, se eu não o tivesse impedido. Logo me sinto muito a tristeza que causarei à dona Elvira, mas ela vai compreender as minhas razões.

ANGELA - Está bem, filha. Vai para que você não se tivesse dito um pouco antes que eu já teria falado com dona Sarah e teria pedido a preferência do primeiro quarto que vagasse. Mas não tem importância. Amanhã voltarei lá e lhe direi. Ou então você mesma falará com ela, quando for conversar com o Padre Demétrio.

SIMONE - A isto mesmo, mãe, eu me encarregarei disto. Quanto à dona Elvira, eu gostaria que a senhora explicasse bem as minhas razões, para que ela não ficasse zangada.



ANGELA - Sagoada ela não ficará, porque é uma mulher inteligente e vai compreender a situação, mas triste, isto ninguém poderá impedir que ela fique e em tempo certo vai ficar bastante.

SIMONE - Mas diga-lhe que tudo passa e que se um dia eu conseguir esquecer a minha mágoa, talvez possa voltar... e perdoar.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

GLAUCO - Tarcísio, você precisa ir para casa. São quase três horas de madrugada. Sua mãe vai se assustar e com razão. Você não está mais acostumado a fazer isto...

TARCÍSIO - (embriagado) Eu não sei daqui, antes do sol nascer. Eu hoje quero ir pra ra, quero pileque... quero esquecer que eu fiz para o meu amor.

MARGOT - Ele está dizendo isto, desde que começou a beber. Que serrá que ele fez pra parra ela?

GLAUCO - É um negócio de um comentário aí que fizera, ele ficou sabendo e falou pra ela. A garota ficou sentida, disse que começou a chorar e parece que terminou tudo com ele.

TARCÍSIO - Eu quero beber. Quero esquecer. Quero ver o sol raiar. Quero cair de beber. Quero ir de beber...

MARGOT - Fizerram comentário da garrote? Com outro rapaz?

GLAUCO - É. Rapaz, não. Aquela tal de Rafael, o tal que vive em solidão.

MARGOT - Não digue!... Fizerram comentário da garrote com Rafael? O ricão da co linha? Mas então alguma coisa deve ter acontecido?

GLAUCO - Sei lá. Esquece esse negócio. Deixa isso pra lá, Margot. O que eu quero, agora, é que você se ~~ajude~~ ajude a convencer esse cara a ir embora para casa. Dona Elvira, coitada, deve estar assustadíssima.

MARGOT - Eu vou falar com ele. Tarciso, meu amor... Tarciso, você está dormindo sentado na adeirre. Por que não vai dormir na cama? É melhor. A gente dor na mais necessidade. Tarciso, acorde... Vá dormir na cama, vá.

TARCÍSIO  
RIANEM - O sol já nasceu? Já está clareando o dia?

GLAUCO - Já. O sol já está querendo nascer. Até você chegar em casa ele já terá nascido por completo. Será dia claro. Vamos. Eu levo você.

TARCÍSIO - Você vai me levar, por que? Pensa que eu estou bebado? Eu não estou bebado, não senhor. Quer ver como eu faço um quatro?

O/REDA - ARRASTA CADERNA RUIDOSAMENTE. PAUSA. CORTO DE HOMENS QUE EMBARRA NA MESA, VIRANDO GARLAPAS E CORKS COM ESTARDACHAÇO.

GLAUCO - Cuidado, Tarcísio, você vai cair. Não faça isto. (AQUI O BARUEIRO)  
Eu não digo? Ajude, Margot.







MARCEL - (CONTINUAÇÃO) to, uma coisa muito importante, para que ela se mande chamar. Mas agora não posso ir. E se mandasse buscá-la? Mas por quem? Eudíxia não atinaria com a casa. Leopoldina se recusaria a ir numa casa como a dela. Miguel, coitado, se perderia e nunca mais poderia se voltar... O remédio mesmo é esperar até depois das onze e ir à noite, ou enfrentar a turba e atravessar a cidade agora mesmo. Mas não. Eu preciso aprender a me controlar. Vou ficar em casa e só depois das onze descerei à cidade e irei à casa de Margot. (PAUSA) Mas deve ser coisa muito importante. Tem que ser coisa muito importante. E não, mesmo, tres horas de tarde. Mas o remédio é esperar. Que será? Que será?

TEORICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.



13º CAPITULOTECNICA - CARACTERISTICA MUSICAL DE ABERTURA

RAFAEL - (LENDO) Prezado amigo seu Rafael- Vila Verde.

MARGOT - (VOZ DE FERRO) Acabo de saber uma coisa muito importante que talvez interessasse ao senhor saber tambem. Vou escrever no bilhete para evitar que outras pessoas possam ler. Venha em minha casa, assim que puder. Margot.

RAFAEL - Que será?! Que terá acontecido?! Margot nunca fez isto! Deve ser, realmente, uma coisa muito importante, para que ela me mande chamar. Mas agora não posso ir. E se mandasse buscá-la? Mas por quem? Eudoxia não atinaria com a casa, Leopoldina se recusaria a ir numa casa como a dela. Miguel, coitado, se perdaria e nunca mais acertaria em voltar... O remédio mesmo é esperar até depois das onze e meia da noite, ou enfrentar a turba e atravessar a cidade agora mesmo. Mas não. Eu preciso aprender a me controlar. Vou ficar em casa e só depois das onze descerei à Colina e irei à casa de Margot. (PAUSA) Mas deve ser coisa muito importante. Tem que ser coisa muito importante. E são, recém, três horas da tarde. Mas o remédio é esperar. Que será?! Que será?!...

C/REINA - PASSOS QUE SE APROXIMAM (DE LEOPOLDINA)

LEOPOLDINA - Seu Rafael, papai está falando numa carta que Eudoxia tirou das mãos dele! O senhor saberá alguma coisa?

RAFAEL - Sei, Leopoldina, a carta era para mim e a Eudoxia me trouxe.

LEOPOLDINA - Ah, bem. Eu fiquei preocupada que ele tivesse recebido mesmo uma carta para o senhor e tivesse dado fim a ela. Como ela costuma espurrar para a Eudoxia as coisas que faz...

RAFAEL - Escute, Leopoldina, você sabe, por acaso, onde é que fica a casa da Francessa Margot, uma que tem um bar?

LEOPOLDINA - Não senhor, seu Rafael, não sei. Vou lhe dizer que não sei como essa tal de Margot, porque nunca, na minha vida, olhei para a cara dela. Dizias tantas coisas... Mas por que o senhor perguntou, seu Rafael?

RAFAEL - Por nada. O melhor, porque eu tenho que ir lá perto, parece que na casa em frente o queria saber, se ia ou não, para que lado fica.

LEOPOLDINA - Uma vez ouvi dizer que era nos fundos do Correio, mas como nunca passou lá, não tenho certeza.

C/ REINA - PASSOS DE HOMENS QUE SE APROXIMAM, ANASTASIOS. (MIGUEL)

LEOPOLDINA - O que é que o senhor quer, papai? Vá lá para o jardim.



RAPHAEL - Não, não... deixe-o, Leopoldina. Fique, Miguel.

LEOPOLDINA - Ele pode incomodar o senhor.

RAPHAEL - Não incomoda, não. Ele entra aí, senta naquela cadeira e fica horas olhando os quadros... a lareira... o barômetro... quando cansa de olhar vai embora.

LEOPOLDINA - Bem, então, já que ele está aqui, eu vou aproveitar e vou passar umas roupas que de manhã não tive tempo.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM E SOMEM.

RAPHAEL - Quer ouvir um pouco de música, Miguel? Vou botar um disco na eletrola.

C/REGRA - TODOS OS RUIDOS CARACTERÍSTICOS DE BOTAR DISCO EM ELETROLA.

TÉCNICA - ESTRIA COM MÚSICA ROMÂNTICA EM SOLO DE PIANO. CAI PARA B/C.

RAPHAEL - Veja se gosta desta música.

MIGUEL - Eu me lembro... eu me lembro ainda... a sinhásinha tocava esta música... como tocava bem, a sinhásinha... como tocava bem!... Eu e minha velha ficávamos do lado de fora do jardim, na altura da janela, escutando a sinhásinha tocar... Quando ela estava triste, ela tocava.

RAPHAEL - Se achas que a música vai te fazer tristeza, eu desligo a eletrola.

MIGUEL - Não adianta. A sinhásinha veio daquela cortina de nuvens e está sentada no piano, tocando. Agora é ela que está tocando. Se parar a eletrola, a sinhásinha continuará e a música se ouvirá do mesmo jeito.

RAPHAEL - Vamos ver. Eu vou experimentar.

C/REGRA - RUÍDO DE DESLIGAR ELETROLA.

TÉCNICA - CORTE, AUTOMATICAMENTE, A MÚSICA EM FUNDO.

MIGUEL - Viu? Não adiantou nada. Ela continua tocando e a gente continua ouvindo. É que a sinhásinha está triste. E sabe por que ela está triste? Porque o senhor se afastou de todos. A sinhásinha quer que o senhor volte a viver como vivia antes. A sinhásinha quer...

RAPHAEL - Vamos a ver, Miguel... vamos a ver... Pode ser que a minha vida se modifique. Deus é que sabe. Nós não sabemos nada.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

FARCISIO - Eu queria falar com a senhora, dona Angela. Fizevi em casa de propósito para isto.

ANGELA - Pois não Farcisio. O que é que você quer de mim?

FARCISIO - Pedir-lhe que não se vá de nossa casa. Já penso como será a vida do meu filho, aqui a senhora e sem Sinhá dentro de casa? Terá que voltar à escola, para não morrer de tédio.



ANGELA - Tarcísio, quando nós viamos para a sua casa, você sabe, perfeitamente que foi em caráter provisório e por não haver opções em parte alguma, na ocasião em que chegamos. Mas quasi três meses que estamos aqui e, por direito, já devíamos ter ido morar em qualquer outra parte. Como sua tia Rita, que é verdadeiramente a dona do quarto, foi se demorando agente, nós fomos ficando, mas sempre lembrando que teríamos que sair logo que tivéssemos qual quer aviso de seu regresso.

TARCÍSIO - Mas esse aviso não veio, ainda. E talvez demore porque ela agora foi viajar outra irmã.

ANGELA - Não veio, ainda, mas poderá vir, a qualquer momento. Assim, o melhor de tudo, será garantir o nosso lugar em casa de dona Sarah, enquanto ela tiver vaga, porque amanhã ou depois pode acontecer de chegar o aviso, ela estar com a casa toda ocupada e nós sermos obrigados a ficar mesmo no Hotel dos Vigijentos que você mesmo me disse ser um ambiente horrível.

TARCÍSIO - Mas agora, dona Angela, eu precisava muito estar perto de Simone para se reabilitar. E para isto, precisava contar com a sua ajuda. Só sinto eu tenho certeza de que não conseguirei nada.

ANGELA - Tarcísio, eu conheço muito bem minha filha e sou de opinião completamente diferente da sua. Acho que a melhor maneira de você se reabilitar é deixar que ela se vá de sua casa, passar algum tempo sem procurá-la e sem falar com ela, justamente para que ela consiga esquecer o que você disse. Quando isto acontecer, aí então você poderá voltar e falar com ela outra vez.

TARCÍSIO - A senhora me aconselha a proceder assim, dona Angela?

ANGELA - Aconselho porque acho que será a melhor maneira.

TARCÍSIO - Mas eu vou sentir tanto, dona Angelal... Tanto... Nem quero me lembrar deste caso, nem a senhora e nem ela.

ANGELA - Você também irá sentir, Tarcísio. A gente já estava acostumada uns com os outros, mas depois de que aconteceu... Foi uma pena, realmente.

TARCÍSIO - Foi mais que uma pena. Uma verdadeira desgraça. Acho que foi o diabo que falou pela minha boca, naquela hora.

ANGELA - Falou o que quer quem estava perto. Simone toda vida foi muito sensível. Quando pequenina, eu não podia falar com ela. Chorava tanto, tanto, que depois não havia quem pudesse consolá-la.

TARCÍSIO - Quer dizer que a senhora acha que eu não devo insistir para que ela fique conosco?

ANGELA - De maneira alguma. E não deve procurá-la tão cedo. Só depois que ela houver esquecido, como já disse.



FARCISIO - Mas então não deve nem despedir-me dela, quando sair?

ANGELA - Mas... talvez a Srta. não é preciso chegar. Você pode se despedir, repetir o seu pedido de desculpas e sair, discretamente, de parte.

FARCISIO - Vai ser um suplício para mim, porque o desejo que tenho, a todo o momento é ajeitar-me a seus pés e pedir-lhe que me perdoe.

ANGELA - Mas você não vai fazer isto, porque nenhuma mulher aprecia. Não há mulher que queira ver um homem humilhar-se tanto.

FARCISIO - Está bem, dona Angela, vou procurar seguir as suas conselhos e condicionar-me como a senhora me aconselha.

ANGELA - Agora, Farcisio, faça porque você sabe que eu gosto muito de você e conto com a minha filha.

FARCISIO - Obrigado, dona Angela. E agora vou para a oficina que já estou muito atrasado. Não queria sair sem falar com a senhora. Até logo.

ANGELA - Até logo, Farcisio. Vá com Deus.

C/REDA - PASSAGEM QUE SE AVISAM. PORTA DE ARRE E PEDR. EM 2º PLANO.

ANGELA - Costado de Farcisio! Eu gostaria tanto que ela a minha filha se acertasse, mas depois do que aconteceu... não merece muito que Simone possa esquecer.

C/REDA - PASSAGEM DE MULHER QUE SE APROXIMAM. (SIMONE)

SIMONE - Não, mãe, pensei que a senhora já estivesse na Igreja e ainda a encontrou aqui? Por que não foi?

ANGELA - Porque Farcisio estava me esperando para falar comigo e não tive remédio a não ser atendê-lo.

SIMONE - O que é que ela queria com a senhora?

ANGELA - Pedir-me, insistentemente, que não me casasse de novo.

SIMONE - E é isso que a senhora não respondeu?

ANGELA - Que infelizmente não poderia atendê-lo e que mesmo, desde o princípio, não tinha vontade de voltar para cá se não fosse provisório.

SIMONE - Eu tenho muita pena de sair, por dona Elvira. A certeza que está abdicando, mas infelizmente eu não vejo nenhuma outra solução para o nosso caso. O único remédio é sair, mesmo.

ANGELA - Eu disse a ela que disse, talvez, que pode ser que um dia a gente volte, mas tudo depende de você esquecer e que tenha a paciência.

SIMONE - Mas infelizmente, mãe, eu sinto que nunca mais poderei esquecer... não posso perdoar.

ANGELA - PASSAGEM MULHER

ANGELA - PASSAGEM MULHER



LAILA - Queriu alguma coisa?

SIMONE - (28 PLANO) Não, nada. Pensei que dona Tereza estivesse na secretaria e vi  
na falar com ela.

LAILA - Mas pode falar comigo. Quando dona Tereza não está, quem a substitui sou eu.

SIMONE - (CHEGANDO) Mas acontece que as coisas que eu tenho a dizer para dona Tereza  
não posso dizer a você porque você não se inspira e não confia.

LAILA - É natural. A gente sempre julga os outros por si mesma. Como você não é  
de confiança, então que todo mundo lê pelo seu cartilha.

SIMONE - Se todo mundo lê pelo seu cartilha, ninguém me dá a malícia por ler  
lealdade, como você faz, por exemplo.

LAILA - Se todo mundo lê pelo seu cartilha, pobre das mães de família que  
seguem os seus passos.

SIMONE - Laila, você não tem o direito de se ofender dessa maneira. Veja lá como  
lá.

LAILA - Veja lá como fala, por quê? Eu digo apenas aquilo que é verdade e que você  
não terá o desprazer de rechazar.

SIMONE - O desprazer, não, mas o direito eu tenho, porque você se faz a maior de  
todas as injustiças. Mas um dia você vai prestar contas de tudo isto, por  
de ficar certa. Deus não dorme e está vendo todas as injustiças que a  
te faz aqui na terra.

LAILA - Isso é conversa para acalantar amigos e que a mim não atemoriza. O que eu  
digo de você e continuo dizendo a todo mundo, foi o que ouvi de sua  
própria boca: logo... se estou mentando, a culpa cabe muito mais a você do  
que a mim mesma.

SIMONE - As palavras que eu disse, não tinham a significação que você imprimiu. E  
lá é que está o seu pecado maior. Saber a intenção com que foram ditas e  
repeti-las com intenção diferente. Por isso é que eu digo que um dia Deus  
a castigará.

LAILA - Mas muito antes você será castigada por tentar enganar uma vila inteira,  
fazendo-se passar por ingênua e honesta.

SIMONE - É uma tolice minha pretender discutir com você, Laila e tentar convencê-la  
de alguma coisa. Já minha avó dizia que o pior ego é aquele que não quer  
ver. Pense adianta mostrar-lhe as coisas, porque você não quer vê-las, não  
usará-las como elas são. Então fique lá com a sua maneira de ser e deixe  
me viver como Deus me permite que viva. E esqueça-se de mim, por favor.  
Esqueça-se de mim.



MARGOT - O senhor demorou tanto...pensei que não quisesse atender o meu convite.

RAFAEL - É que não gosto de andar na vila enquanto há movimento. Só depois que o cinema acaba, o café fecha e a turma toda se recolhe às suas casas é que eu pego o meu carro e venho para estes lados. Mas o que havia de tão importante, para você sentir-se obrigada assim com tanta urgência?

MARGOT - Um comentário horrível com o seu nome. É envolvendo a menina que veio de professora para o Grupo Escolar. Disse que todo o mundo fala que o senhor é amante da menina.

TEODORA - VERDADEIRA MISTICA

RAFAEL - Mas isso é uma barbaridade! Um absurdo! A pobre moça esteve na minha casa uma única vez e por sinal tratai-a com a maior grosseria... Quem disse isso? Como é que você sabe, Margot?

MARGOT - Aqui na minha casa vem muita gente. Essa gente fala de muitas coisas. E entre as coisas, disse o nome de muitas pessoas. A gente, mesmo sem querer, fica sabendo de todas as coisas que acontecem. que não acontecem mas que pensam dizer que aconteceram.

RAFAEL - Pobre moça! Isso é uma coisa muito desagradável para ela. Para mim não tem importância, mas se eu pudesse saber de onde partes esses comentários, gostaria de ir até lá e tomar uma providência e processar o boteiro, só para vingá-la.

MARGOT - O boteiro, não. A boteira. Ou melhor as boteirras, porque eu disse que também aqui que toda essa fofoca saiu do próprio Grupo Escolar, da parte das outras professoras que tem inveja da menina.

RAFAEL - Veja se lembra quem lhe disse isso, Margot. Faça um esforço de memória.

MARGOT - Não preciso. Eu me lembro muito bem. Primeiro veio aqui, ontem de noite e tomou um fogo tremendo. E foi ele que disse que tudo era invenção das outras professoras do Grupo. Depois, até, que queria fazer qualquer coisa, para mandar a menina embora daqui, dizendo que é para evitar as epidemias. Quando estava junto com Falcão e ouvi todas as coisas que foram ditas por ela. Conhece Falcão? Conhece quando?

RAFAEL - De vista. Mas se duas vezes encontrei com ele, aqui mesmo. Se se encontrar com ele em outras vezes ou não e elas estiverem, não tenho relação.

MARGOT - Eu sei que tinha o dever de avisar o senhor, mas não sou do meu nome.

RAFAEL - Foi muito bom, Margot. Eu preciso saber disso. E preciso também de saber alguma coisa; mas ainda não sei bem o que você quer. Vou esperar um pouco e depois resolverei.

TEODORA - VERDADEIRA MISTICA



ANGELA - É então, diante do que aconteceu, minha filha não quer ficar mais lá, ou melhor, não quer ficar mais aqui, em Lagoa Parada, mas até que a Congregação obtenha a sua transferência, não terá remédio senão ficar, e se quer mudar-se da casa, vai por isso que vim falar com a senhora, para ver se me consegue um quarto grande, que nós nos mudaremos os netos.

SARAH - Mas é uma pena que ela não faça um esforço para deixar passar esse ano e se adaptar. Criarix porque vamos perdêr um elemento de grande valor, que nos poderia auxiliar muitíssimo e segundo porque, ainda de caso de dona Elvira, vai dar-lhe talvez o maior das seus desgostos, depois da morte do marido. Dona Elvira quer sua filha com um corinho tão grande que comova.

ANGELA - Bem sei, e também lamento muito, mas acontece que a senhora está machucada. Ela acha que todo mundo podia invejar dela, menos Tarcísio.

SARAH - Mas será que ele duvidou? Ou foi apenas avisá-la de consentir?

ANGELA - Ela acha que se ele não tivesse duvidado, jamais lhe tocaria no assunto. E não há quem lhe tire essa ideia da cabeça. Assim a senhora vai ter paciência e vai se arranjar no quarto, dona Sarah. Ou pelo menos dar-se a preferência do primeiro que vagar.

SARAH - Amanhã vaga um grande de frente, mas tem casa de casal. Se a senhora não se importa... Eu não tenho duas camas para trocar e por isso tenho que botar aquela cama grande.

ANGELA - Não importa. Agora é que dormimos separadas porque desde que meu marido morreu, minha filha passou a dormir comigo, na mesma cama.

SARAH - Pois então, amanhã, depois de almoço, se quiser, pode fazer a mudança.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

RAFAEL - Leopoldina, vem cá. Você tem muito que fazer agora? Eu preciso de você.

LEOPOLDINA - Seu Rafael, eu sempre tenho muito que fazer, porque faço a lida toda da casa, mas se o senhor precisa de mim, não importa que eu tenha o que viver.

RAFAEL - Obrigada. Eu quero que você procure o Padre Dométrio, onde ele estiver e diga-lhe que preciso que ele venha à minha casa.

TÉCNICA - VIRGALHADA MUSICAL

LEOPOLDINA - O Padre Dométrio? O senhor quer falar com o Padre, meu Rafael?

RAFAEL - Estás admirada, não é? Quero, sim, e tenho urgência. Ele que venha logo que puder. Se não puder encontrá-lo a esta hora?

LEOPOLDINA - É Igreja, ou na Casa Canônica. De geral a esta hora ele não continua sair para visitas posteriores.

RAFAEL - Pois então trata de ir logo. Leva a chave que eu te dou, já poderá vir nela, ou então que surta a hora que tu irás buscá-lo.



LEOPOLDINA - Sim senhor, seu Rafael. Eu vou agora mesmo. Com licença.

S/REDA - PASSOS DE LEOPOLDINA QUE SE AFASTAM E SOMEM.

RAFAEL - O Pedro deve estar a par de tudo que aconteceu e vai me contar direitinho. Margot não me inspira lá muita confiança. E depois... quem conta um conto, sempre, invariavelmente, acrescenta um ponto. Quando não acrescenta dois.

TÉCNICA - RUEDO DE CHARRETE AFASTADO E AFASTANDO-SE MAIS AINDA.

RAFAEL - O quê?... Já será Leopoldina? (PAUSA. DOI PASSOS) É ela mesma. Com certeza a charrete já estava pronta, senão ela não poderia ir assim tão ligeiro. Vai e me traz o Pedro que eu estou precisando dele.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

DEMETRIO - Mandei chamá-la para lhe dar uma notícia que talvez lhe dê grande alegria. Seu Rafael mandou chamar-me. Diz que preciso falar consigo. Vai até mandar a charrete, às três horas, para buscá-lo.

TÉCNICA - VERGASADA MUSICAL

SIMONE - Meu Deus! O que estará para acontecer?...

DEMETRIO - Sei lá, seu pai. Não posso imaginar. Já mandei dando tratos à bola e a única coisa que me passou pela cabeça foi que ele quisesse fazer um novo inventivo para a nossa obra. Se for isto, você vai ficar contente, não vai?

SIMONE - Claro que vou. Sabendo que estou no firme propósito de me mudar daqui para qualquer outro lugar, enquanto permanecer estarei trabalhando pela nossa obra. Deixarei feito o máximo que me for possível no tempo que aqui estiver. O que falta, quem me substituir procurará fazer.

DEMETRIO - Sua decisão já andava prevendo que você vai fugir aos compromissos porque não tem coragem de realizá-los.

TÉCNICA - VERGASADA MUSICAL

SIMONE - O quê?... Elas disseram isto de mim?

DEMETRIO - Disseram. Por isso eu gostaria que você se desinteressasse. Fosse o contrário a sua obra. Já imaginei a cara das duas no dia em que Deus nos desse a graça de inaugurar a casa? Não, não, não presente - elas, inclusive, convidadas por nós - banda de músicos, o cantor profeta, as crianças fardadas... Já pensei em tudo isto, Simone? (PAUSA) Diga. Já pensou nesta alegria tão grande? (PAUSA) Não, não, não, se você quiser ficar conosco, há de experimentá-la. (PAUSA) Que dia? Quem sentir uma alegria, ou quer abandonar a luta? (PAUSA)

TÉCNICA - RUEDO MUSICAL, FONDE COM CARACTERÍSTICA MUSICAL DA ESCENA ANTERIOR



S O L I D A O

- novela de Erico Grener -

142 CAPITULO

TEORICA - CARACTERISTICA MUSICAL DE ABERTURA

SIMONE - Sabem esteja no firme proposito de me mandar daqui para qualquer lugar, enquanto permanecer estarei trabalhando pela nossa causa. Deixarei feita o máximo que me for possível no tempo que aqui estiver. O que faltar quem se substituir procurará fazer.

DEMETRIO - Suas desafetas já andam propalando que você vai fugir com seus compromissos, porque não tem coragem de realizá-los.

TEORICA - O que?!... Elas disseram isto de mim?!

DEMETRIO - Disseram. Por isso eu gostaria que você se desmoralizasse. Ficasse e concluisse a sua obra. Já imaginou a cara dos seus, no dia em que Deus nos desse a graça de inaugurar a casa? Todo mundo presente - elas inclusive convidadas por nós - banda de música, o senhor Prefeito, as crianças foram dadas... Já pensou em tudo isto, Simone? (PAUSA) Diga. Já pensou nesta alegria tão grande? (PAUSA) Pois bem, se você quiser ficar conhecido, há de experimentá-la. (PAUSA) Que diga? Quer sentir esse alegria, ou quer abandonar a luta? (PAUSA) Vamos, Simone, responde. Eu estou falando com você. Não está ouvindo?

SIMONE - Estou pensando, Padre Demétrio... Uma coisa assim, a gente não pode resolver de um momento para o outro.

DEMETRIO - Está muito bem, não precisa que você me responda agora. Pense na alegria imensa que terá, no dia da inauguração da casa e há de ver que só a lembrança de que há de vir bastará para secar as lágrimas que estão sendo choradas hoje. Bem sei que uma injustiça ferirá a mãe, minha filha. Mas você já viu alguém mais injustiçado do que foi Jesus? Não existiu e não existirá ninguém. E ele não perdeu a todos que o injustificaram? E não pediu ao Pai que os perdesse também? Temos o dever de imitá-lo em todas as coisas. Se somos católicos e cremos em Deus, é claro.

SIMONE - (FRASEATIVA, DEPOIS DE PAUSA) Mas então elas disseram que se vou fugir com meus compromissos porque não tenho coragem de realizá-los?

DEMETRIO - Disseram. E muitas outras coisas, também. Que você pense que seria tudo muito fácil, mas quando viu as responsabilidades na sua frente, estava incapaz de arranjar um pretexto para descer, deixando com os infelizes abandonados apenas na esperança que se diluirá como a fumaça.



SIMONE - São umas verdadeiras serpentes, não é mesmo Padre Demétrio? Uma verdadeira serpente.

DEMÉTRIO - Exato. Não fazem outra coisa que distilar veneno. O nosso trabalho é anular esse veneno, para que os seus resultados não venham a ser fatais.

SIMONE - Padre, eu vou lhe dizer uma coisa, mas só para o senhor.

DEMÉTRIO - Diga, minha filha.

SIMONE - Mas guarde segredo, por favor. Não fale para ninguém.

DEMÉTRIO - Pode estar desconfiada que eu não falarei.

SIMONE - Eu vou ficar e vou conduzir meu trabalho, mas não quero que ninguém saiba.

DEMÉTRIO - Muito bem, minha filha, muito bem! Assim é que eu gosto. Valerosa nas horas difíceis. Você vai deixar muita gente com cara de bobo.

SIMONE - Bem, Padre, e agora eu vou. Mas não esqueça, hein? O que eu lhe disse não é para ser falado nem para minha mãe.

DEMÉTRIO - Quer que eu jure que não falarei?

SIMONE - Não é necessário. Eu confio no seu critério. Até logo, Padre Demétrio.

DEMÉTRIO - Até logo, minha filha e que Deus continue, como até hoje, a inspirá-la.

C/REGRA - PASSOS DE SIMONE QUE SE AFASTAM RÁPIDOS.

DEMÉTRIO - Deus que me perdoe a mentira que preguei. Mas até penso que me foi inspirada por Ele, tão imediato foi o resultado!...

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL

ANGELA - Dona Elvira, pensa que arranjará quarto com dona Sarah. Devemos passar por lá talvez amanhã, depois do almoço.

ELVIRA - Eu lamento sinceramente, dona Angela. Estava tão feliz com a sua companhia e a de sua filha, que por mim nunca mais a senhora sairia daqui. Mas sei que estão mal acomodadas, mas é...

ANGELA - (CURTA) Mal acomodadas, por quê? Se estamos ocupando o melhor quarto da casa? Não se preocupe, estamos até muito bem acomodadas. Digo-lhe mais: o dia que sua cunhada vier aqui, aí é que nós vamos extrair.

ELVIRA - Tarcísio, coitado, tem se virado tanto... Uma noite dessas, até embriagado ele me chegou em casa.

ANGELA - Que horror, dona Elvira! Tarcísio não deve fazer isto.

ELVIRA - Eu sei e ele também sabe que não deve, mas disse que estava se rendendo tanto que achou melhor esquecer-se. Bebeu, bebeu, até que os amigos vieram levar-lo. Eu estava por trás dos vidros, esperando-o, já pensando de que modo acontecer. Abri a porta sem que elas tivessem batido e me contaram depois de um tempo o que passaram na casa e que Sarah não estava nem aí. Não lhe tirei os dentes.



ANGELA - Que pena! Um rapaz tão bom... tão direito... Foi uma lástima que isso tivesse acontecido! Eu alimentava tantas esperanças... agora, não sei.

ELVIRA - A senhora acha que Simão não o perdoará nunca?

ANGELA - Acredito que perdoe, mas não vai ser breve. E enquanto não perdoar, o pobre estará sofrendo.

ELVIRA - Bem sei como vou dar-lhe a notícia da saída dela aqui de casa.

ANGELA - Talvez seja melhor não dizer nada. Deixar que ele perceba.

ELVIRA - É... pode ser, sim. Suficiente seja toda a vontade de Deus!

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

RAPHAEL - Eu talvez devesse ter ido ao seu encontro, na vez de pedir que o senhor viesse aqui, mas eu me lembrava que na casa canônica, ou na sacristia, a todo momento, estaria chegando uma pessoa e depois os comentários iriam ferver na vila e as suposições iam ser as mais absurdas e as mais diversas.

DEMETRIO - Tem razão. Mas bem se não ir. Não me custou nada vir até lá. Foi um bom passeio de charrete. E agora, na volta, já aproveito para visitar dois parcos que moram no esmicho e que assim não venho à casa delas, por ser muito mais distante. Mas o que queria o senhor, de mim?

RAPHAEL - Saber dos comentários que envolvem o meu nome e o daquela menina. É verdade isto, Padre Demétrio?

DEMETRIO - É verdade, sim. Felizmente, é verdade. Mas no senhor o comentário não prejudica. A pobre menina é que está levando a pior.

RAPHAEL - Eu também não queria isto, Padre. E se eu fizesse uma boa ação no seminário local?

DEMETRIO - Não, não... não pense nisto... Seria muito pior. Parece-me que a única coisa que pode fazer é deixar passar o tempo e pousar a poeira no fundo.

DEMETRIO - A menina, coitadinha, ficou desorientada. Chegou à conclusão que não lhe restava outra coisa a fazer, senão abandonar a vila.

TÉCNICA - ACÚMULO MUSICAL. FOMÉ.

RAPHAEL - (rápido e alarmado) Ela vai embora!?

DEMETRIO - Parece que sim. Eu estou procurando convencê-la a ficar, mas ela não está aceitando os meus argumentos. Tento que a única coisa que ainda poderia prendê-la, seria a iniciação imediata da obra que ela queria fazer.

RAPHAEL - Mas é por quê e o senhor não procura convencê-la, antes que ela saia?

DEMETRIO - Porque o dinheiro que tenho não me permitiria manter a obra por mais de um mês. Começar e parar, não me parece vantajoso.

RAPHAEL - Não então saiba que eu estou disposto a ajudá-lo. Comece a obra e eu lhe darei o que precisar. Não há de parar.



TÍCHICA - ACORDE MUSICAL QUE REFLETA ALEGRIA.

DEMETRIO - É mesmo? Oh, como lhe agradeço, seu Rafael. Que Deus vosse Senhor e cubra de bênçãos e de graças. Muito obrigado! Muito obrigado! Dona Clara deve ter influido o seu espírito e por isso, desde já lhe digo, que a casa dos senhores vai chamar-se Santa Clara.

RAFAEL - (CÓMOVIDO) Óra, Padre... francamente... eu... eu afinal tenho tanto... não me custa nada dar um pouco...

DEMETRIO - Eu sei que não lhe custa, mas como é que se poderia contar com o senhor, sempre tão sisudo e arreio?

RAFAEL - Não me sai da cabeça e que deve estar sofrendo a pobre menina, com os seus comentários que surgiram. Se ao menos a gente pudesse saber de onde elas se originaram, para poder tomar as providências...

DEMETRIO - Eu não tenho dúvidas de que saíram do próprio Grupo e que foram as outras professoras, por inveja da garota. Se viesse com elas a tratar, então aí mesmo é que não teria nenhuma dúvida sobre o mesmo.

RAFAEL - Aquela tal de diretora e a outra professora que lá existe... vieram só uma vez. Rodexia disse a ela que eu não as receberia, porque não recebia ninguém e só vendia as coisas que disseram de mim à Rodexia. A pobre da negra ficou tão atarantada que acabou correndo com todas, na mesma hora.

DEMETRIO - Pois na minha opinião foram elas, por despeito, porque a crendice que aí se mantém é de que a garota foi bem recebida pela senhora.

RAFAEL - Coitados! Chegou até a maltratá-la! Mas ela, apesar de jovem, não se intimidou, o senhor sabe?

DEMETRIO - Sei. Ela é uma moça muito valerosa. De um caráter admirável.

RAFAEL - Ela reagiu à minha violência e me disse coisas ferozes e amargas que fiquei muito tempo, mesmo depois que ela foi embora. Digo-lhe mais: aquelas palavras foi que se sucederam. Que me fizeram sair das grades da revolta. É só por isso que quero bem a ela e só seja fazer qualquer coisa ao seu favor. Que posso fazer, padre? Diga.

DEMETRIO - Ache que, neste momento, nada lhe dará mais prazer do que iniciarmos a obra que temos projetada. É a única coisa que ainda a faz vibrar.

RAFAEL - Está bem, Padre, inicie essa obra amanhã mesmo. Eu lhe darei tudo que necessitar, mas por favor comece logo essa obra. É outra coisa: não diga a ninguém, nem mesmo a ela o que estou propondo fazer.

DEMETRIO - Está bem, meu filho. A obra será começada amanhã e eu guardarei segredo de tudo.

TÍCHICA - ACORDE MUSICAL.











MICHEL - Passa, não sejas. E ela se responde.

RAPHAEL - Então pergunta a ela se eu devo fazer o que estou pensando. O que estou  
com vontade de fazer.

MICHEL - Não precisa perguntar. Ela já sabia para mim, sorrindo e sacudindo a cabeça  
diversas vezes.

RAPHAEL - Então ela aprova? Muito bem. Eu tinha receio de proceder mal, mas se ela  
não se aprova é porque estou certo. Aliás foi sempre assim que procedi.  
Nunca não me orientava por ninguém. E tudo isso, certo, como ela já  
via. Depois... bem, depois ficou sozinho e nunca mais tive quem se con-  
sultasse. Agora Miguel a vê, talvez possa me ajudar com ela através de  
ela. Seria tão bom!... Não é assim!... Eu já não me sentiria tão só e abandonado  
de.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

MARGOT - Você não sabe de uma coisa muito importante que eu descobri. Éa, Margot.

GLAUCO - O que foi? Mãe.

MARGOT - Descobri que seu Rafael também gosta de cinema. Você só percebe que gosta

GLAUCO - O quê?... Você quer dizer que o solitário aquele de alguns tempos atrás  
de cinema? Mas por quem afinal? Uma base você tem para dizer uma coisa  
dessas?

MARGOT - Porque falava no assunto de bobagem de Terceira, eu não sei para ela que  
foi por causa da guerra e vi muito bem a carta que ele fez.

GLAUCO - Ora, mãe, Margot. Você mulher não está sempre vendo coisas nos olhos dos  
homens. Se isso fosse verdade, até que dava para descobrir que os homens  
têm mulheres verdadeiras. Ninguém gosta de um mulher que só viu uma  
vez, conforme Terceira me contou que aconteceu entre eles.

MARGOT - Como não gosta! Mas então você não sabe que existe e não é primeira  
vista? Quanto homem se aproxima por mulheres que só viram uma vez e  
querem mulheres fazem a mesma coisa com homens que só se conhecem  
por uma fotografia?

GLAUCO - Qual é que, Margot, eu não acredito nisso. Se não fosse por isso já  
se não palpito furado.

MARGOT - Pois então você não dá tempo ao tempo e você vê, no fim das coisas, que  
é que tinha razão, combinado?

GLAUCO - Combinado. Essa história sempre uma história de dependência. Então?

MARGOT - Combinado.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL



TEREZA - Quería falar contigo?

SIMONE - Quería, sua senhora. Quería avisá-la que a Congregação, a meu pedido, vai solicitar a minha transferência ao Ministro. Previu-a com antecedência, porque pode querer pedir outra professora para o meu lugar...

TEREZA - Perfeitamente. Se quer ir embora, eu não lhe pedirei que fique. Faça o que melhor lhe aprouver.

SIMONE - Creio que ainda serei obrigada a ficar pelo menos trinta dias aqui, mas prometo fazer o possível para passar despercebida, não incomodando com a minha presença.

TEREZA - Cumprida com as suas obrigações é o quanto basta para não se incomodar.

SIMONE - Muito bom e já que está feito o aviso, peço licença para retirar-me.

TEREZA - À vontade.

C/REGRA - PASSOS DE SIMONE QUE SE AFASTAM E SONHA.

TEREZA - Luxe vida! Não pensei que pudesse me livrar desta assim tão depressa. Preciso avisar a Laila. Ela vai ficar radiante.

C/REGRA - PASSOS DE LAILA QUE SE APROXIMAM.

TEREZA - In mesmo chamar você, agora. Tenho uma notícia que você vai exultar.

LAILA - Não vá me dizer que a nossa "querida" colega vai embora.

TEREZA - Vou dizer, sim, porque ela acaba de se comunicar oficialmente. Disse-me que a Congregação vai se dirigir ao Ministro pedindo a transferência dela.

LAILA - E já pede tarde, já devia ter pedido desde o dia seguinte ao da chegada dela aqui. Nesta altura já estaria livre de essa peça.

TEREZA - Mas deixe lá que o mesmo trabalho foi bem feito. O veneno foi destilado com tamanha utilidade e inteligência, que eu pessoalmente não existiria na vila sem a ótica pessoa que acredita na inocência dela.

LAILA - Como não? É o Padre Demétrio? É a dona Sarah? É a direção da Congregação? Quem tanto toda ficou no lado dela, não se esqueça.

TEREZA - Poder ter ficado, porque o Padre ficou. Mas lá no fundo, todas elas acreditam na mentira que não espalhamos.

LAILA - Bem... lá isso pode ser, que o trabalho foi bem feito, foi. E depois não devemos a inteligência de envolver, com ela, um homem muito antipático na vila que é o seu Rafael. Como ninguém gosta dele, talvez ninguém o pegue.

HABRAEL - Obrigado pelas amáveis referências que acabei de ouvir a seu respeito.

TEREZA - REUNIÃO MENSAL DE GRANDE QUANTO, EMENDA COM CARACTERÍSTICA MENSAL DE ENCONTRO.



TECNICA - CARACTERISTICA MUSICAL DE ABERTURA

TEREZA - O nosso trabalho foi bem feito. O veneno foi destilado com tamanha sutileza e inteligência, que eu penso não existir, na vila, uma única pessoa que acredite na ~~inteligência~~ inocência dela.

LAILA - Como não? É o padre Damétrio? É dona Sarah? É a dona da congregação? Essas gente toda ficou ao lado dela, não esqueça.

TEREZA - Podem ter ficado porque o padre ~~é~~, mas, lá no fundo, todas elas acreditam na certeza que nós espalhamos.

LAILA - Bem... lá isso pode ser. Que o trabalho foi bem feito, foi. E depois, nós tivemos a inteligência de envolver, com ela, um homem muito antipático na vila, que é o seu Rafael. Como ninguém gosta dele, também ninguém o poupa.

RAFAEL - (VINDO) Obrigado pelas amáveis referências que me faz de ouvir a meu respeito.

TECNICA - VERGASTADA PORTE E MAIS IRONIZADA.

TEREZA - (ABRUCIANDO SEPARA-SE DO SETO) Como... como foi que o senhor entrou aqui, sem anunciar-se?

RAFAEL - Anunciar-se por quem? Se não havia encontrado uma só pessoa, até agora? Vim andando de sala em sala, até chegar àquela porta. Fui. Como homem educado, que se pressente de ser, não quis interromper a conversa e fiquei esperando uma pausa para pedir licença e entrar na sala. Se estavam, exatamente falando em mim, a culpa não me cabe. Com que direito as senhoras me envolveram neste assunto porque sabem que eu não sou simpático? Pois bem, eu vou fazer um aviso às senhoras: em geral eu me viço das meus inimigos com as mãos e os pés e elas me fazem. Sabem o que quero dizer com isto?

LAILA - Sabemos, mas não temos medo. Que poderá a senhora inventar de nós? Todo mundo nos conhece, na vila, há várias anos. A senhora dirigira até aqui a vida aqui há um tempo e eu lhe sei. Portanto, não tememos o que o senhor possa fazer contra nós.

RAFAEL - Naturalmente. Quer dizer que a senhora não sabe o seu assunto, não é isto? Pois então previno-a que depois não se queixe. E quero que saibam que não tenho nada com essa coisa e nem eu me importo. O que vou fazer contra as senhoras é unicamente por me terem envolvido nos seus trabalhos. Vou a de vingança mesquinha.



LAILA - O senhor não tem o direito de nos falar desse modo, uma vez que ignora as razões que nos levaram a agir como agimos.

RAFAEL - Não me interessam as razões que as senhoras possam ter; isso é problema das senhoras. Interessa-me que o meu nome foi envolvido, gratuitamente, numa intriga, que as senhoras teceram, para prejudicar uma outra pessoa. Isto eu posso dizer, porque acabei de ouvir.

TEREZA - Acabei de ouvir porque estava escutando e quem escuta, se si ouve.

RAFAEL - E quem fala demais, em geral corre pela língua. É o que vai acontecer com as senhoras. Se a moça esteve lá em casa uma vez, as senhoras também estão certas. Lembrem-se, ou terei que revivá-las a memória?

TEREZA - Não é preciso, lembramo-nos perfeitamente.

LAILA - Mas não fomos sózinhas. Fomos as duas juntas.

RAFAEL - Não interessa. O que a moça sofrer, por ter estado em minha casa, juro-lhes que as senhoras também sofrerão. Porque o que inventarem dela, ou inventarem das senhoras. E tem mais: há muita gente milionária de dinheiro, portanto a coisa mais fácil é comprar testemunhas. Boa tarde. Com licença.

O REGRA - PASSOS DE RAFAEL QUE SE APASTAM E SOMEM.

LAILA - A senhora já viu o homem esse?

TEREZA - Mas a Joana tinha que ter visto esse homem entrar. Devia ter vindo logo nos avisar. (CHAMARDO) Joana!... Joana!... Onde está você?

LAILA - A Joana não está, lembrou-me agora. Foi na farmácia buscar costura para mim.

TEREZA - E agora? Que vamos fazer?

LAILA - Vamos esperar, para ver o que ele faz. Conforme ele tocar, nós dançaremos.

TEREZA - Pois é, mas nós não podemos brincar muito com êste, não.

LAILA - Não podemos por que, dona Teresa? A senhora ainda se assusta de assombração? Ele não tem prestigio nenhum aqui. Vinte e cinco mil. Não pense que ele vai conseguir muita coisa contra nós, não, porque ele não vai. Deixe as suas veladas que nós vamos tentando a embarcação para não viver.

TEREZA - PASSAGEM MUSICAL

BERNARDO - E então? Está satisfeita com o lançamento da obra fundamental da minha obra?

SIMONE - Minha, Pedro? Por que não dá da minha obra? Ela é tanto minha como sua.

BERNARDO - Não se chore. É muito mais sua do que minha porque esta teve a ideia foi você o nome e iniciou foi você, também. Eu apenas dei o meu apoio e o da congregação, mas isso é uma obrigação nossa a toda a família meritória.

SIMONE - O senhor viu que dona Teresa estava lá?

BERNARDO - Vi. Ela foi falar comigo. Me abraçou e desejou felicidades.











LEOPOLDO - MENAGEM COMERCIAL

LEOPOLDO - MENAGEM MUSICAL

LEOPOLDO - Como você não tem, Leopoldina? Foi isso que me perguntou?

LEOPOLDINA - Foi levar um envelope de seu pai para a tal casa dos meninos que  
você me mostrou há pouco.

EUDOXIA - Como não tem? Não se lembra de seu pai? Leopoldina? Não sabe que ele anda  
muito diferente, de que dia era esse?

LEOPOLDINA - Ah, sim. Depois que o padre Demétrio apareceu aí e conversou com ele  
o pai mudou até de cara. Já não tem aquela cara de sempre, que tinha  
antes, você também não acha?

EUDOXIA - Não, sim. É até de gente, como, ele tá diferente. Já sabe outras coisas,  
seu pai de serviço e muitas vezes a gente passa o dia com ele e não dá  
conta. Não dá conta de tudo que o pai anda fazendo agora de novo.

LEOPOLDINA - Que é isso, Eudoxia, que eu não sei? Alguma doença?

EUDOXIA - É uma doença, sim. A moça botou um remédio com piquetes de água de  
banheira que ele tomou depois, numa noite de chuva de proleção. O moço  
toma e fica melhor.

LEOPOLDINA - Eu não sei, não, mas que ele está diferente, está. Quando foi que o  
pai dele saiu para alguma coisa aqui na vila? Nunca. Pelo menos de  
pois que dona Clara morreu ele não se lembra de ter ido.

EUDOXIA - Não, não. Mas eu sei que o pai falou pra ele que ele ia ir no  
trabalho, ele ficou meio espavento e correu para comprar o remédio pra si.

LEOPOLDINA - Eu fico muito contente que essa casa fique pronta de uma vez, por que  
se a mulher de ferro. A moça prometeu pra ela tomar conta de três  
netos. Já ela não só que os dois pequenos.

EUDOXIA - É isso, sempre que essa casa fique pronta que aí quanto gorro vai deixar  
de sair. E Deus não sabe se é melhor ou não, mas, não, não, não  
você não sabe.

LEOPOLDO - MENAGEM MUSICAL

MARCIO - A senhora foi ao lançamento da pedra fundamental da casa dos netos,  
verdade?

ELVIRA - Não, meu filho, não fui. Apesar de que sempre vou aqui no convívio e de  
vez em quando vou fazer uma visita para ver como vão as coisas. Foi só  
para ir ao lançamento da pedra.

MARCIO - Onde tá longe, não; não quis chegar. Tive vontade de ir dar um abraço  
no pai, mas depois faltei-me a coragem.

ELVIRA - Foi pena. Você perdeu uma boa ocasião de se aproximar. Já felicite-o,



ELVIRA - (CONTINUAÇÃO) conversava um pedregulho, dava uma amálgama qualquer para a  
causa e ia embora. Garante-lhe como ele ia apreciar.

TARCÍSIO - Qualquer dia eu vou falar com ela. Ofereci-lhe, certa vez, todos os ser-  
viços de eletricidade para a casa, não fugiram ao compromisso assumido. (Por-  
que o Tom) tinha muita gente, não?

ELVIRA - Eu imaginei isto. O Padre Benedito não ia deixar de convidar a mulher pra  
feito, o delegado, o juiz e todos os demais autoridades. Já essa gente era  
quando já dava para uma rodinha de coqueiro.

TARCÍSIO - Bem, mãe, eu vou dar uma volta por aí, para não me deixar muito cedo.  
Custo a dormir, fico relaxado na cama e no fim seguinte estou mais cansado  
do que se não tivesse dormido.

ELVIRA - Via, meu filho, vai passar e te distrair com os seus amigos.

TARCÍSIO - Tcham, mãe.

ELVIRA - Até logo, meu filho, que Deus te abençoe.

C/ELVIRA - PASSOS DE TARCÍSIO QUE SE AFASTAM. PORTA DE MARIANE TEJADA.

ELVIRA - Padre do meu filho! Fazem agora ele parece que está começando a renvir,  
mas mesmo assim ainda sofre muito. Ele gosta muito dele! Muito mesmo!...

TARCÍSIO - PASSAGEM MUSICAL

ANGELA - A mulher via que não Teresa estava preso, não?

SARAH - Vi, sim. Estava com uma cara de réu, mas estava. Minimo deu-lhe um tapa  
com luva de polícia. É muito diplomata a sua filha.

ANGELA - De uma suspeita eu digo, mas minha filha é uma mulher bondíssima. Se dona  
Teresa mudasse de orientação e accosasse e se interessar pela causa de  
por abandono, Minimo a receberia de braços abertos e acolheria toda a  
quanto ela fez. Aliás, seu filho casou com ela. E ela não se vai. A  
minha não, que eu não sou por. Quem se diz, leve o resto.

SARAH - Bem, eu vou lhe dizer que por um tempo não tinha como a mulher, mas  
apostou que o nome não se deixaria. Então depois de um tempo a  
por as coisas que se fazem e como é de o seu espírito, não tem  
resposta não obedecê-la. (Tom) Bem, mas em estas circunstâncias não há de  
tomar a meu café de terra. A mulher não tem um filho? Então  
um qualquer? Não, porque não se pode falar de nenhum de um período  
de um ano hábito de guerra que é um resiste que eu resolvi ex-  
perimentar. Quer?

ANGELA - Não, dona Sarah, obrigado. Siga para outro dia; mas eu quero ver se  
também eu vou ficar de Siqueira que ela quer fazer um pouco de dinheiro.

ANGELA - PASSAGEM MUSICAL.



MARGOT - Órra stó que estia você me aparece, sua cara de pau. Nos três dias que esperre alguém da turma e nem me aparece ninguém. Nem Otávio, nem Tarciso e nem você. Brigaramos comigue?

GLAUCO - Deixa ôisso, Margot. Brigar com você por quê? Não temo aparecido porque o trabalho não tem deixado. Esse é que é o caso. O Otávio está fazendo serviço de banco desde segunda-feira, o Tarciso também tem trabalhado de noite, para economizar e eu estava na minha ilha aqui, na vizinhança, não podia deixar a cama sempre no Hotel e para cair no terra, não é?

MARGOT - Anda bom que os motivos são justificáveis. Eu ia ficar muito triste se tivesse acontecido alguma coisa e se você tivesse desculpado comigo. Eu gosto muito da turma, não quero que brigamos comigue.

GLAUCO - São brigamos, não, pode ficar desculpado. Se brigamos com você, onde vamos, depois, nos divertir? Anda que quisermos brigar, não podemos.

MARGOT - Tarciso? Não melhor, agora? Não confere? Ou a Maria já fez as pazes com ele?

GLAUCO - Não faz, não. A Maria está dando um tempo, quando, mas ela agora já não está desamparada, como no princípio. Já conseguiu direitinho com o gosto, já atira com as coisas, já se interessa pelo serviço... Quando fala nela, fica triste, mas não se liga.

MARGOT - Coitada de Tarciso! Um bom menino de quem não quer fazer as pazes com ôia, nem sabe onde vai parar. Eu, eu tive com as filhas, queri para ele um marido com Tarciso.

GLAUCO - É, a garota é bem mesma. E tem um certo por aí que não vende. Nos tempos que a garota está dando duro.

MARGOT - Eu queria levar para algum dia para a casa que ele está fazendo, mas lá naquele grupo, com aquela outra mulher lá, eu não vou. A mulher é muito arrevida e eu não sou de muita paciência, não quero ter que lidar com ela umas coisas bonitas que eu sei.

GLAUCO - E por que você não manda o dinheiro por alguns, não quer? Não tem um certo com o seu nome e pronto.

MARGOT - Não. Se vou esperar para a primeira vez que encontrarem ele na rua.

GLAUCO - Eu não sei, não, mas acho que você não devia fazer isto. Mas não eu não sei que é o melhor mesmo.

MARGOT - Vamos ver. Eu vou pensar. O dinheiro não precisa ir hoje. Não ir não dá no stó mesmo porque ôia. O dinheiro é aquilo que não pode ser perdido e não pode ser perdido por todos aqui.







S O L I D A O

- novela de Erico Grauer -

168 CAPITULO

TERRICA - CARACTERISTICA TIPICAL DE AMERICA

SIMONE - Que engrachado... eu vou... vou... vou... e não encontro o resultado que o Padre Demétrio escreveu aqui. Acho que ele se enganou. Vou conferir parcela por parcela. Às vezes tem várias iguais, como aqui, por exemplo.. (CONTANDO) Uma... duas... tres... quatro... cinco contribuições de duzentos cruzeiros. Quem sabe si ele pôde alguma coisa a mais, no pensar d'ali pra cá. Deixe ver aqui... Casa Oliveira... duzentos cruzeiros... Laura Rottiguar... duzentos cruzeiros... Emelinda Cassales...

RAFAEL - (EM 2º PLANO) A senhorita dá licença?

TERRICA - AÇÃO VIOLENTA DE SURTO

SIMONE - (MOVIMENTO DE SURTO VISIVEL) Como?!...

RAFAEL - Eu estou perguntando se a senhorita me dá licença que entre...

SIMONE - Sim... pois não... mas... que deseja ~~me~~ o senhor?

RAFAEL - Eu vou dizer.

SIMONE - É... é favor...

RAFAEL - O Padre Demétrio não está?

SIMONE - Não senhor... ele... ele não está... o senhor... não o encontrou aí fora?

RAFAEL - Não, não o encontrei. Eu queria falar com ele, mas talvez a senhorita pudesse me me dizer qualquer coisa, para me orientar. É a respeito do meu próximo compromisso. Eu... eu desejava saber quanto teria que pagar e quando.

SIMONE - O senhor me desculpe, mas eu não estou entendendo nada de que o senhor está falando. O senhor tem algum compromisso com o Padre Demétrio?

RAFAEL - Sim. Ele não lhe disse?

SIMONE - Não senhor, não me falou nada. Mas ele daqui a uma hora deverá estar de volta. O senhor não quer passar depois?

RAFAEL - Eu preferiria esperar... se a senhorita me permitisse, é claro.

SIMONE - Pois não. Só que o senhor vai me dar licença de continuar o meu trabalho que eu preciso apertar para amanhã o balancete mensal das contribuições e estou atrasada. Amanhã há reunião da congregação...

RAFAEL - Se a senhorita quer que eu lhe auxilie, eu terei o maior prazer.

SIMONE - Mas o senhor vai se incomodar por quê?

RAFAEL - Não é incomodo nenhum para mim, até, que terei o máximo prazer em poder ser-lhe útil.

SIMONE - Pois bem, já que o senhor insiste, agradeço o favor de verificar o resul



SIMONE - (CONTINUAÇÃO) tudo desta soma aqui, que eu já por duas vezes somei e não encontrei o total que o Padre Demétrio escreveu aqui.

RAFAEL - Pode deixar que verifique num segundo. (COMEÇA A SOMAR RESMUNGANDO) cinco... quinze... vinte tres... trinta e dois... quarente e um... cinquenta e um... sessenta... sessenta e quatro... sessenta e oito...

TEREZA - (2ª PLANO) Dá licença?

TÉCNICA - ACORDE FORTE DE NUSTO E SURINEZA.

SIMONE - Pais não, dona Teresa. Tenha a bondade de entrar.

TEREZA - Eu queria falar com o Padre ~~Demétrio~~, mas vejo que ele não está...

SIMONE - É, ele saiu neste momento, mas não deve demorar. Se a senhora quiser eu perá-lo, tenha a bondade de sentar-se.

TEREZA - Não, não, obrigada, mas (2ª INTERRUPÇÃO) eu não quero atrapalhar.

SIMONE - Mas a senhora não atrapalha, absolutamente. O senhor Rafael chegou neste momento, estava também esperando o Padre Demétrio para falar-lhe e se prontificou a procurar uma diferença na minha soma eu aceitei porque já estava tenta, de formas que não estou fazendo nada.

TEREZA - Pais é, mas eu saindo, talvez a senhora faça e eu não gosto de atrapalhar ninguém.

RAFAEL - (RUDE) Desculpe, dona Teresa, a conversa não é comigo, mas o que foi isso que a senhora quis dizer com esse "talvez a senhora faça?"

TEREZA - Por que? Não há segunda intenção no que disse. Eu ficando aqui, Simone vai ficar sem fazer nada porque se achará no dever de me fazer sair. Eu saindo, ela talvez faça algum dos seus muitos trabalhos fora do Grupo. Não é uma coisa muito natural o que eu disse? Com licença, sim? Eu volto rei mais tarde, para falar com o Padre Demétrio.

O/RUBRA - PASSOS DE TEREZA QUE SE AFASTAM. PONTA QUE ABRE E FECHA EM 2ª PLANO.

RAFAEL - CASCAVEL! Essa mulher é abominável!

SIMONE - Eu estou horrorizada! Nem sei o que ele será capaz de inventar que viu aqui.

RAFAEL - Não se preocupe que ela não vai inventar nada. Se E se inventar, será uma vez só, porque não lhe darei oportunidade de fazer segunda. Mas não pense nos mais nela e continue com o nosso trabalho.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL FORTE RUDE COM RUIDOS DE OPTICINA EM B/G.

LALLA - Dá licença, seu Narcísio? Eu precisava falar no Instituto com o senhor.

NARCÍSIO - Não não. (SECO) que deseja a senhora?

LALLA - Fazer-lhe um aviso muito importante, mas não sei se poderá falar aqui. Talvez fosse melhor ir à tarde à sua casa.



TARCISIO - Não é preciso. Pode falar sem receio. Cada um está distraído no seu trabalho, nenhum vai prestar atenção ao que falamos.

LAILA - O aviso que você lhe fez é com respeito àquela menina que o senhor gostou, a Simone.

TÉCNICA - VINGASTADA MUSICAL DE SUSTO.

TARCISIO - Eu acho que não disse a ninguém que gostei de nada alguma.

LAILA - Há coisas que não é preciso a gente dizer. Nota-se logo. É o seu caso. É justamente porque o senhor parece gostar tanto dela, é que vim dizer-lhe que ela não merece a sua atenção.

TARCISIO - Por que diz isso? Tem provas de alguma coisa má que ela tenha feito?

LAILA - Eu, propriamente, não, mas a pessoa que viu e me contou, é pessoa por quem eu posso betar a mão no fogo, sem medo de me queimar. Foi dona Teresa, conhece-a? Claro que conhece, pois o senhor já esteve no Grupo.

TARCISIO - Conhece-a, sim. É a diretora. ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ Que disse ela?

LAILA - Que acabou de surpreender a sua namorada em colóquio amoroso com o seu Rafael, na sacristia da Igreja. Foi lá falar com o Padre e encontrou-o

TARCISIO - Na sacristia da Igreja? Por que justamente na sacristia da Igreja que é um lugar tão sagrado como a própria Igreja?

LAILA - Bem, isso não sei, mas se ele não se tivesse surpreendido, não teria falado. E eu então me apressei em vir aqui dizer ao senhor porque gostaria que o senhor fosse lá e visse, para depois não voltar a acusar-me de infidelidades, como já fez uma vez. Vá lá agora, neste momento e talvez ainda os encontre.

TARCISIO - Não vou em parte alguma. Eu é que peço à senhora que vá embora e me deixe em paz. Ela não é minha namorada, ouviu? É uma moça livre, tem todo o direito de fazer colóquios com quem bem entender e lhe apruvar. Respe-se daqui agora mesmo, onde. Respe-se daqui.

LAILA - Está bem, eu vou, mas não é preciso fazer escândalo, porque aí o feio vai ficar é para o senhor.

TARCISIO - Sume-se e não me diga uma palavra. Vamos!

C/REGRA - PASSOS DE LAILA QUE SE APASSAM E SOMEM.

TARCISIO - Viberei! Justamente agora, quando eu estava começando a me ambientar com a situação. E só para fazer maldade. Mas um dia ela ainda recebe o castigo que merece.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

SIMONE - É quando eu vi, ela estava sentada na escrivaninha do Padre Domício, na Sacristia, com uma carta para mim.



ANGELA - Você deve ter tido uma surpresa enorme, não, minha filha?

SIMONE - Nem queira saber! Foi uma força louca para fingir calma, mas acho que até a minha voz tremia. Depois é que fui me acalmando e recobrando a calma, as palavras. Mas ele foi muito gentil, sabe? Nem parecia o mesmo que eu conheci.

SARAH - Você quer que eu lhe diga uma coisa, Simone? Ele gosta de você, pode crer.

SIMONE - De mim, dona Sarah?

ANGELA - (EM CIMA) A senhora acha?

SARAH - Tenho que achar. Esse rapaz era um bicho de mau, agressivo e intrometido. Vai espontaneamente procurar você e ainda sente-se a fazer contas... que se pode pensar nisso?

ANGELA - É... talvez dona Sarah tenha razão, mesmo. De fato a diferença física que foi grande. Eu não sei, porque não o conheci nunca, mas os que o conheceram afirmam que ele está completamente mudado. Deve haver mesmo uma causa.

SIMONE - Pois eu não acho que ele goste de mim. Eu acho que foram as coisas que lhe lhe disse, ferida, e dia que foi pedir o seu auxílio para a minha obra e ele me expulsou de sua casa. Talvez minhas palavras tivessem tocado seu coração. Isso é que pode ser.

SARAH - Não sei, não, Simone. Não sei. Isso é que era um partido para você. O mano sempre diz que ele é a maior fortuna da região!

SIMONE - Fortuna não me tenta, dona Sarah. Eu gostaria de ter dinheiro, sim, mas só para repartir com as que não tivessem a estivessem passando miséria. Mas casar por dinheiro, nunca. Se o homem que pretendo conquistar-me tem o meu coração ele pode ser o maior pobre da região que não tenha um real para mim.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

TARCÍSIO - E quando eu já estava se ambientando com a situação, aquela malhada veio arrancar a minha ferida, fazendo-me sofrer novamente.

OTÁVIO - Mas você sabe que ela é faladeira, que só sabe e gosta de dizer infâmias e vai ficar preocupado com uma coisa que ela diz nesse caso por que não foi lá na Igreja, para ver com os seus próprios olhos?

TARCÍSIO - Porque sei que não devia ir. Que não se cria o direito de vigiar a vida da pessoa. Que só ele se preocupava, que poderia manter-se orgulhoso consigo e com razão.

OTÁVIO - Pois é, mas pelo menos agora não estaria neste nível horrível, sem poder falar a verdade.

TARCÍSIO - Ouça, Otávio, se você lhe disser o que aconteceu e que posso é o que me aconteceu.



TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

IGCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

TARCISIO - Diga, Otávio, eu vou lhe dizer francamente o que penso e o que me desce para.

OTAVIO - Diga.

TARCISIO - Na minha opinião Simone gostou desse homem desde o primeiro dia em que o viu e só por isso eu não consegui conquistá-la. E só por isso, também, ela se aproveitou daquela minha expansão de ciúme para afastar-me e voce vai ver que definitivamente.

OTAVIO - Não sei, Tarcisio, não sei. O que sei é que você é um homem e como homem tem que enfrentar a situação, seja ela qual for.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

TEREZA - A verdade é que essa menina tem uma sorte dos diabos. Outra qualquer, pobre como ela é, teria sido aliada da sociedade, desde que soubessem da sua ida à Vila Verde sózinha. Nós espalhamos o fato pela vila toda... e ninguém acreditou.

LAILA - A sorte maior, na minha opinião, foi ter conseguido pescar esse tal de Rafael que dizem todos ser padre de rico. E nem por isso ela é tão bonita assim. A senhora acha, dona Tereza? O que é que ela tem que eu não tenho?

TEREZA - O arzinho fingido de ingênua, que os homens gostam. Mas depois que esse tal de Rafael a conhecer bem, como eu já a conheço, há de verificar que de ingênua ela não tem nada. O que é, é uma espertalhana.

LAILA - Mas a sorte dela não ficou só aí. Eu vou contar para o outro, ele não acredita e ainda corre comigo lá da oficina. Mas deu bola para a denúncia?

TEREZA - Isso é que você não sabe. Pode ter fingido não dar bola na ocasião, mas será que depois que você saiu, ele não foi lá verificar?

LAILA - Não foi, não, porque eu fiquei de longe cuidando o resto da manhã e vi que ele não saiu da oficina.

TEREZA - É bom o que eu digo. A danada tem uma sorte que só vendo. Mas que nós vamos enfiar na vida dela, nós vamos. Isso ela pode estar certa.

LAILA - Ah, sim. Quando eu puder fazer uma trançoinha para estragar a felicidade dela, não tenha dúvidas que eu estou fazendo. E ainda que no fim eu saia vencida, entregar-me sem luta é que eu não me entrego.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.



GLAUCO - Margot, você vai ser juiz de uma questão de Tarcísio. Ele quer fazer uma coisa, aconselhado por Otávio, eu acho que ele deve fazer outra coisa e ele está completamente indeciso, sem saber se ouve a mim, ou ao Otávio. Assim, você vai desempatar o negócio.

MARGOT - Muito bem. Qual é a questão, Tarcísio? Pale você que é o interessado.

TARCÍSIO - É o seguinte: eu cheguei à conclusão que Simone não me quer porque Mafá el se atrevessou no meio e conquistou-a. Otávio acha que eu devo vingar-me dele, Glauco acha que não. O que é que você pensa, a respeito?

MARGOT - Você me pergunta si eu acho que você deve se vingar de Rafael porque Simone está namorando com ele?

TARCÍSIO - Isto.

MARGOT - Oh, não. Você não pode fazer uma coisa destas. Não tem esse direito.

GLAUCO - Eu não disse? A razão está comigo, meu velho. Você vê que Margot logo diz

TARCÍSIO - Mas ele é o culpado de eu não poder realizar a minha felicidade com ela. Otávio também acha.

MARGOT - Bem, não, que esperrança. Vingar-se dele por que? Ela não erra sua namorada, não erra sua noiva, não tinha compreendido nenhum com ninguém, então é uma moça livre e pode fazer de seu coração aquilo que ele quer. Então si ela gosta de Rafael você vai fazer o que? Matar ele? Porra que ela seja infeliz? Porra que ela sofra? É essa a maneira que você gosta? Prace modo de gostar. Quem gosta nem procede assim. Sem quer ver sofrer a outra pessoa amada.

GLAUCO - Perfeito, Margot. Estou com você. Quem ama de verdade, renuncia, antes de fazer a infelicidade da pessoa amada. Foi Otávio que mete essa benteira de vingança na cabeça de Tarcísio. Tarcísio não é disso, não.

MARGOT - Você quer ver o que é amor de verdade? Quando eu era menina e já era perdida, um moço muito distinto gostou de mim e quis casar comigo. O pai dele ficou desesperado e foi falar comigo, dizendo que se o filho fingisse aquilo que ele desherdava a filha e nunca mais queria ver a cara dele. Sabe o que eu fiz, para não prejudicar o garoto? Mentí porra e garoto que não gostava dele e não queria nada com ele ele se vingou e foi embora. Depois um dia encontrei o pai dele e o pai veio se despedir. E eu gostava muito dele. E eu teria tido outra vida se tivesse casado com ele. Mas não tinha o direito de prejudicar ninguém. Então fiz o mais difícil no amor que é justamente renunciar. Tarcísio, ouça uma coisa certa que eu vou lhe dizer agora: quem não sabe renunciar, não sabe amar de verdade.



- DEMETRIO - Eu tive a notícia de que você esteve aqui me procurando e fiquei com muito pesar de não nos termos encontrado.
- RAFAEL - Mas não perca meu tempo, não, Padre, porque tive ocasião de prestar alguns serviços à causa da moçinha, auxiliando-a a somar várias parcelas.
- DEMETRIO - Pois foi exatamente Simone quem me disse que você havia estado aqui. Permite-me que o trate de você, sim? Ache que nos aproximamos mais.
- RAFAEL - Exato. Trate-me como lhe parecer melhor, Padre. Mas venos ao que serve. Como é que andamos de verba?
- DEMETRIO - Bem... com as compras que temos obrigados a fazer ontem, até de que a obra não pare, e nesse saldo ficou bastante reduzido, mas tenho a impressão de que até o fim da semana já ele melhorará bastante. Temos uma xixa na rua, com muito boa aceitação... temos também uma kermesse projetada para o sábado e domingo próximos e também um chá social que dona Emelinda vai promover na casa dela, durante a semana. Eu creio que estas três coisas aumentarão bastante o nosso saldo no banco.
- RAFAEL - E se não aumentarem, já sabe. Pode mandar um recado que eu virei aqui trazer-lhe um novo auxílio, conforme já lhe prometi.
- DEMETRIO - Eu tenho um duplo empenho na construção dessa casa: abrigar orfanos desprotegidos e prender Simone conosco.
- RAFAEL - Isso, Padre, isso! Essa moça não pode sair daqui. Ela tem que ficar.
- DEMETRIO - Sim senhor! Estou gostando do entusiasmo, de saber que você me aprova. Dar-se-á o caso que está assim tão empenhado na obra, mesmo?
- RAFAEL - Bem, Padre, uma coisa é consequência da outra. Eu estou empenhado na construção da casa porque desejo que a menina realize o seu sonho. Esta é a verdade.
- DEMETRIO - Mas, segundo eu sei, até há pouco tempo você não queria saber dela e chugou, mesmo a expulsá-la de sua casa, não foi verdade?
- RAFAEL - Foi, Padre. Mas ela teve uma atitude tão serena e tão resignada que me impressionou profundamente. E dessa impressão... (CURTA)
- DEMETRIO - (DEPOIS DE PAUSA) Dessa impressão?
- RAFAEL - Nasceu uma simpatia que acabou se transformando em admiração.
- DEMETRIO - (PAUSA) Simpatia e admiração. E essa simpatia e admiração também não poderão vir a se transformar em qualquer outra coisa mais séria?
- RAFAEL - É claro. E eu quasi que lhe posso dizer que já se transformaram. Mas como não estou no confessional não vou lhe contar que guardo segredo, pelo menos por enquanto.



ANGELA - Minha filha, você não vai à novena hoje, não? São quasi oito horas.

SIMONE - Não vou poder ir, mãe. Tenho este serviço para amanhã à mesma hora e acho que antes das nove ou dez horas não conseguirei prontá-lo.

ANGELA - Então eu acho que vou com dona Sarah porque não deixo faltar.

SIMONE - Isto mesmo, mãe, vá com ela. Mas avise-a antes que ela saia porque dona Sarah costuma chegar sempre muito cedo na Igreja.

ANGELA - (PROFERANDO) Dona Sarah, dona Sarah... a senhora vai à novena, agora?

SARAH - (APASSADA) Vou sim, dona Angela. Já devia até estar lá, mas penso que sairei dentro de dois ou tres minutos.

ANGELA - A senhora não se importaria que eu aproveitasse a sua companhia? Minha filha não pode ir e eu não gosto de andar na rua sózinha, senão que encontrece.

SARAH - Não me importe, não. Eu até prefiro ir com alguém, por causa da volta. O tempo sempre gosta de ficar lá até mais tarde e eu gosto de vir logo para preparar o chá da noite, quando ele chega tem logo e vai se deitar.

ANGELA - Então quando a senhora for sair, dê um grito por mim porque eu já estou pronta.

SARAH - Se está pronta pode vir que eu também não deixo.

ANGELA - Então eu vou, minha filha. Até logo. (BEIJO)

SIMONE - Até logo, mãe. Vá com Deus. (TOM) Olhe, se na volta a confeitaria estiver aberta, compre uns biscoitinhos para lembrar o chá da noite que os netos estão no fim.

ANGELA - Sim, minha filha, eu trago.

C/REGRAS - PASSOS DE ANGELA QUE SE ALASTAM E CORRE.

SIMONE - (DEPOIS DE PAUSA, SORRINDO) Aqui temos mais um devotivo do seu Rafael seu Rafael! Interessante e que está se passando comigo, ~~xxxxxx~~ com relação a ele! Cada vez que o vejo à minha frente, o meu coração começa a bater precipitadamente, acelerado... Será porque ele se maltrata a primeira vez e eu sempre penso que vai acontecer a mesma coisa? Não sei, não! A verdade é que ele agora já não me inspira medo. Vou sempre sorrindo, sempre com ar simpático... Agora quer encontrá-lo no parque para conversarmos sobre outras coisas que não sejam as minhas migalhas de caridade que outras coisas serão! Far mais que pensar... não atino.

C/REGRAS - BATIDAS DISCRETAS NA PORTA.

SIMONE - Será que é a dona Sarah que se desentrou da mãe? (TOM) Entre!

C/REGRAS - RUÍDO DE PORTA QUE SE ABRE.

SIMONE - Paraisio! Você!...

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE RACIAMENTO



MÚSICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

SIMONE - Aqui temos mais um fragmento de seu Rafael. Seu Rafael! Interessante e que está se passando conosco, em relação a ele... Cada vez que o vejo à minha frente, o meu coração começa a bater precipitadamente, assustado. Será porque ele me maltratou a primeira vez e eu sempre penso que vai me conter a mesma coisa? Não sei, não! A verdade é que ele, agora, já não me agredia mais assim. Vou sempre sorrindo... sempre com ar simpático... Agora quer encontrar-me no parque, para conversarmos sobre outras coisas que não sejam as simples coisas de cartão. Que outras coisas serão? Por mais que pense... não sei.

C/REGRA - BATIDAS DISCRETAS NA PORTA.

SIMONE - Será que é dona Sarah que se despenhou da máquina? (FORTE) Entre!

C/REGRA - BUIDO DE PORTA QUE SE ABRE.

SIMONE - Tarcísio! Você?!

MÚSICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE DE GRANDE SUSTO.

TARCÍSIO - (QUASI ENTERRADO) Boa noite.

SIMONE - Boa noite, Tarcísio. Você... você queria falar comigo?

TARCÍSIO - Sim. Não me podia chamar?

SIMONE - (CONSTRANGIDA) Naturalmente... É claro...entre, Tarcísio. Como vai você?

TARCÍSIO - Como posso ir? Sofrendo com o seu desrezo.

SIMONE - Sofrendo com o seu desrezo? Mas eu não o desrezo, Tarcísio! Pelo contrário. Quero um grande beijo de você e sua mãe. Por favor, não se esqueça de beijá-la. Por que havemos de esquecer-las?

TARCÍSIO - Bem... já lá que não me desrezo, mas talvez não me ama.

MÚSICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO.

SIMONE - (INDIGNADA) Bem... (RESOLUTA, FIRME) Não o amo, realmente, Tarcísio. Mas isto é uma outra coisa que não tem nada que ver com o seu desrezo. Eu posso querer beijá-lo e não sentir nada por você, não é verdade? Você sabe que o amor é assim: não sabe?

TARCÍSIO - Já o que me sei, não sei, é que ele fez a gente sofrer horrivelmente. É lá isto que eu sei. Desde que conheci a mãe dele, Simone, nunca mais tive medo. Vivo num eterno susto, pensando que alguma vez ele vai vir atrás de mim, de mim e de mim.

SIMONE - Tarcísio, você não sabe que a mãe dele é uma mulher muito bonita?



TARCÍSIO - Dormir!... Dormir, enf!... Não, eu não vou dormir, sem antes lhe dizer tudo que eu quero e tudo que eu penso sobre você.

SIMONE - Pois então diga! Diga logo e vá dormir que é o que você está precisando.

TARCÍSIO - Você é uma ingrata, ouviu, Simone? Eu a abriguei na minha casa, dei-lhe o meu amor e o meu carinho e você, por causa de um homem que a maltratou e a escorraçou, deixa-me de lado e se volta toda para ele. Que diabo, Simone! Afinal de contas onde é que está o seu amor próprio?! Ele correu você da casa dele que você mesma me contou e agora você está de derriques com ele? É a vergonha onde está?

SIMONE - (ALTIVA) Tarcísio, você está se excedendo. Bem sei que não deveria levar em conta as suas palavras, porque você está bebado, mas é como se dissesse em vão a verdade e o que você está dizendo, com certeza é o que você realmente pensa de mim.

TARCÍSIO - Olarei! Eu sempre disse só aquilo que penso. Só aquilo que penso, entendeu?

SIMONE - Pois bem, então faça-me o favor de se retirar, agora, porque eu tenho este serviço para apresentar amanhã, na primeira hora, e não tenho mais razões para ter consideração com você.

TARCÍSIO - Ah, você me expulsou de sua casa, é?

SIMONE - Não, Tarcísio, eu não o expulso. Apenas peço-lhe que se retire, porque preciso apresentar meu trabalho. Vá, despeje o amanhã porque não preciso que me diga nada. Tenho certeza absoluta de que você não vai perder o que lhe pertence.

TARCÍSIO - Está bem, eu vou. Mas não vou para casa, não. Vou lá para a casa da Margaret.

SIMONE - (ZANGADA) Vá para onde quiser, contanto que me deixe trabalhar...

TARCÍSIO - Não vamos nos encontrar outras vezes.

SIMONE - Está bem.

TARCÍSIO - Tchau.

SIMONE - Até logo. E veja se toma juízo.

FÉLIX - PASSAGEM MUSICAL.

SARAH - Tarcísio esteve aí, procurando Simone. Eu disse que ele devia estar no Grupo, com receio de que ele fosse à Secretária, onde geralmente ele fica só e o meu pé não gosta que ele recorra, lá, à noite de rapagem.

ANGELA - Que bom que a senhora se despidou, dona Sarah. Eu a dei com muito receio de que desse rapagem. Ela agora não pode beber e perseguir Simone.

SARAH - Eu sei. Disse que ele deu para beber por causa dela, mas eu acho que ele



SARAH - (CONTINUAÇÃO) deu para beber porque já tinha inclinação para a bebida, si não, não haveria de ser o desgosto de uma recusa que o levaria a atirar-se ao vício. O pai dele já bebia.

ANGELA - É mesmo, dona Sarah? Não sabia. Nunca tinha ouvido dizer.

SARAH - Ah, bebia. A coitada da dona Elvira passou o diabo com ele. Chegou a não ter o que comer, em casa.

ANGELA - Coitada! E o filho parecia ser um rapaz tão bom... tão trabalhador... tão correto... Vou lhe dizer que eu até olhei com bons olhos o casamento dele com minha filha.

SARAH - Não, ele é, realmente, um rapaz bom, mas é fraco. Não tem forças para dominar as suas inclinações. Aliás, já uma vez, por causa de uma outra menina daqui, ele já andou fazendo coisas semelhantes. Por isso que a coitada da dona Elvira vive enterrada em casa. Eu penso que ela tem vergonha de sair.

ANGELA - E ele agora deu para perseguir Sioane, em toda parte. Eu tenho muito medo, a senhora sabe? A pessoa que bebe, nunca se pode prever o que ela será capaz de fazer. A qualquer momento pode dar-nos uma surpresa.

SARAH - Bem, isso é, mas Sioane é muito gelitosa, ela sabe contornar as situações, de formas que a senhora não precisa ter tanto cuidado porque, de qualquer maneira, a gente sabe que ela vai sair bem.

ANGELA - Deus a ouça, dona Sarah. Depois de que a senhora me contou eu fiquei ainda com muito maior cuidado. Minha filha não tem tão muita sorte aqui em Lagoa Parada; a senhora reparou?

SARAH - Não diga isso pelo amor de Deus, dona Angela! A menina é querida de todas. Todas a elogiam, todas a convidam e vou lhe dizer mais: se não fosse assim com aquelas duas víboras a envenenar as intenções da coitada, há muito que ela estava pra lá de difamada, porque o povo aqui não é muito de brincadeira não.

ANGELA - É que ela teve o apoio de seu irmão, que felizmente soube compreender a intenção da pobrezinha.

SARAH - E teve, também, a ajuda de Deus, que fez com que meu irmão compreendesse. E com ajuda de Deus ela vai vencer mais esta crise, a senhora vai ver.

ANGELA - Que os anjos digam amen às suas palavras, dona Sarah.

#### TÉORICA - PASSAGEM MUSICAL

LAILA - Essa camarada tem uma sorte de passar. Mas desta vez eu quero ver como é que ela vai sair desta. Inventei tantas coisas para Tarcísio, tantas coisas que ele ficou assim com um olhar sinistro.



TEREZA - Você teve a coragem de falar com ele outra vez, depois da corrida que ele deu em você, criatura?

LAILA - Claro. Então eu i... desistir no primeiro revés? Não senhora. E depois Terceira é um tranfo que não tembe na mão. Embriagado ele é tão fácil de manejar que a senhora nem imagina.

TEREZA - Mas como foi que você falou com ele? Voltou à oficina?

LAILA - Não. Foi quando ele saiu do bar meio alto. Depois começo: é a ocasião. Sai a minha roupa de lá, pela outra calçada, como quem não quer nada. Nisto, ele atravessou para a Praça. Eu retornei e passei para que ele não me visse longe. Furei para o centro da praça e sentei-me num banco. Ai eu pensei: é a minha hora. Não pôde existir outra mulher num local mais adequado. Chegou, como quem não quer nada e me sentei no banco ao lado dele. Ele não me conheceu logo e começou a me olhar, não sei com que intenções. Ai eu fui lá com ele.

TEREZA - E ele a recebeu bem? Não fez uma coisa? Não lhe disse alguma coisa?

LAILA - Ao principio ficou de cara feia, mas depois a feição mudou e eu fiquei a poucos metros dele estava na praça. Ai quisera-me de repente para mim e eu aproveitei a vaga que eu não era bebada. Contei-lhe tais coisas dela que a senhora não se dá a ideia de chegar a acreditar.

TEREZA - Laila, eu suponho você. Tanto certeza absoluta que você conseguiu vingança no espirito de rapaz. Foi ou não foi?

LAILA - Bem... quer dizer... foi ele quem primeiro falou em partir. Eu não falei. Agora, depois que ele falou de sair de casa que achava que ele fazia muito bem, que se fosse comigo, seria a mesma coisa.

TEREZA - Mas a quem? A ele... ou a ela?...

LAILA - A qualquer um dos dois e se fôsse preciso, até aos dois.

TÉCNICA - VINGANÇA VIOLETA

TEREZA - Puxa vida, Laila... Você é corajosa... Corajosa eu não, não sei...

LAILA - Corajosa e não. A mim não me falta porque o truco que deu é sempre maior.

TEREZA - Não sei, não... mas eu sei que você vai fazer coisas complicadas para nós. Você já pensou se ele chega a ficar a alguma das coisas que você planejou?

LAILA - E que não tem? Eu não e estou achando. Quem vai fazer de qualquer maneira não tem nada a ver com a vingança.

TEREZA - Bem... lá está o... Então vamos deixar com esta para ver como sair disso.

TÉCNICA - MISTÉRIO MUSICAL

INTELLIGENCE - MISTÉRIO COMERCIAL



TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

JOANA - Dona Simone, eu preciso falar com a senhora um assunto muito importante, mas preciso que a senhora me prometa que não vai dizer a ninguém que fui eu que lhe falei.

SIMONE - Podes falar, Joana. Eu sou incapaz de comprometer-te, tá sabes disse.

JOANA - Sei, sim senhora, mas eu queria primeiro ter certeza que a senhora não ia falar. Sabe o que é?

SIMONE - Deve ser alguma fofoca daquelas duns lá do colégio, não é não?

JOANA - É, mas desta vez a senhora precisa se cuidar porque senão pode lhe acontecer uma desgraça.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL.

SIMONE - Uma desgraça, tú disseste, Joana? Que desgraça?!

JOANA - Dona Simone, a senhora se cuide de seu Tarcísio porque a dona Laila encheu a cabeça dele de coisas e depois foi contar pra dona Tereza que ele ficou por conta e disse que vai se vingar da senhora ou do seu Rafael.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL

SIMONE - Joana de Deus!... Isto é verdade?!...

JOANA - Tão verdade como eu estar aqui na sua frente. Jura por Deus Nosso Senhor, que ouvi as duas falando na sala da Dona Tereza.

SIMONE - Meu Deus, mas então eu preciso avisar Rafael. De que maneira pôde fazer isto? Ir lá eu não posso, nem quero...

JOANA - Se a senhora quiser eu vou, mas só que não posso ir mais hoje. Talvez amanhã de tarde.

SIMONE - Não tem importância. O essencial é que ele esteja avisado, mas pelo amor de Deus, Joana, não diga a ele que foi eu que mandei avisá-lo, sim? Faça-o como coisa sua.

JOANA - Sim senhora, dona Simone. Pode deixar que amanhã eu vou lá avisar ele. Agure eu tenho que voltar para o colégio, senão elas querem saber onde andei e o que fui fazer.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

DEMETRIO - O que há, minha filha? Você aqui a esta hora, deve ser coisa de alguma importância. •

SIMONE - É mesmo, Padre. De alguma, não. É coisa de muita importância. Imagina que eu fui avisada, esta tarde, que devo me cuidar com Tarcísio, porque ele está disposto a vingar-se de mim e do seu Rafael.

DEMETRIO - Mas vingar-se de você por quê? O que foi que você fez a ele?



SIMONE - Simplemente, não consegui amá-lo. É este o meu crime, Padre. Mas se pudéssemos levar alguma correção pela mão, como se Java um oratório que -ão se no terra... O coração é diferente... ele vai para onde quer.

DEMÉTRIO - É de seu pai, Simone, porque deseja vingar-se? Tem alguma coisa para ele?

SIMONE - Não sei, mas acredito que não. O que aconteceu é que, com certeza, já andava mexericando pelo fato de nos terem vistos juntos na sacristia da igreja. E sabe lá o que teriam dito a ele.

DEMÉTRIO - Eu vou procurar Tarcísio, hoje à tarde e vou conversar com ele. Aliás eu já estava pretendendo fazer isto, porque sabia que ele andava aí, de noite, pelas bares, embriagando-se. Dona Elvira, costada, já sofreu tanto com o marido, por causa disto, não é justo, agora, que torne a sofrer com o filho. Preciso dar umas sacudidas nele e ver de o fazer despertar.

SIMONE - Seria bom, Padre Demétrio, mas por favor não diga a ele que falei contigo sobre o assunto. E quando menos puder falar no meu nome, porco-me que melhor será.

DEMÉTRIO - Eu sei como fazer a coisa, Simone. Não se preocupe. E depois eu passo lá, para lhe dizer o resultado da nossa conversação.

SIMONE - Obrigada, Padre Demétrio, muito obrigada. Eu gosto de vir ao senhor, porque sempre saio de coração mais tranquilo.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

ELVIRA - Meu filho, o padre Demétrio está aqui, quer falar com você. Entre Padre.

G/REGRA - PASSOS DE HOMEM, DEPOIS DE FECHAR PORTA.

ELVIRA - Fezha a bondade de sentar-se. Meu filho não demora. Eu estou vendo, aqui, que ele está passando um pente nos cabelos.

DEMÉTRIO - Quando ele chegar, eu lhe peço a filha sa de sair. Quero dar-lhe uns conselhos e não deseja fazê-lo perto da senhora.

ELVIRA - Sim senhor, Padre, eu saio. E desde já lhe agradeço os conselhos que vai dar-lhe. Ele bem que anda precisando.

DEMÉTRIO - Eu sei. Por isso mesmo estou aqui.

G/REGRA - PASSOS DE TARCÍSIO QUE SE APROXIMAM.

TARCÍSIO - (CHEGANDO) Boa tarde, Padre.

DEMÉTRIO - Boa tarde, Tarcísio. Como vai você?

TARCÍSIO - Vou vivendo, padre, como posso.

ELVIRA - Padre, o senhor me dá licença? Eu vou preparar um cafézinho.

DEMÉTRIO - Pois não, obrigado.

G/REGRA - PASSOS DE ELVIRA QUE SE AFASTA E SOMEM.



DEMETRIO - Sabe o que vim a fazer aqui? Reclamar uma promessa que você me fez de executar todas as ligações que nós precisávamos na casa que estamos construindo para os garotos desabrigados.

MARCISIO - É, padre... eu, de fato, havia prometido isto, mas... mas agora penso que os meus serviços não serão precisos,

DEMETRIO - Como não? É por que não? Precisamos dos serviços de todo mundo aqui na vila. Todos nós precisamos ajudar aquela moça heróica que desfilou, sob a bandeira de luta e de redenção perante Deus. Sim, porque todos nós devemos nos redimir perante Deus, com as obras que realizamos em favor dos meninos protegidos. Você não acha admirável o que ela está fazendo? (PAUSA) Não pode deixar de achar e não pode, também, deixar de ajudá-la. É foi isto que eu vim fazer aqui: reclamar a sua ajuda que não está sendo dada, apesar de prometida.

MARCISIO - Ela não precisa de mim. Tem quem lhe possa dar auxílio muito mais concreto.

DEMETRIO - Marcisio, você mudou sendo envenenado contra Simone e isso é uma injustiça muito grande que você está fazendo. Ela precisa de você, sim. Diga-lhe mais: foi ela mesma que lembrou que você é prometida toda a obra de instalações elétricas. Portanto... anegue-se a nós para ajudar-nos e não como um inimigo, para destruir-nos. Você sempre foi temente a Deus, Marcisio e Deus não gosta do que você está fazendo.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL DE SEPARAÇÃO.

MARAFEL - (SECO) Como foi que a senhora conseguiu entrar aqui?

JOANA - Encontrei Leopoldina na porta, disse a ela que tinha um assunto muito sério a tratar com o senhor e ela, a muitas réguas, permitiu que eu viesse.

MARAFEL - Pois então diga esse assunto tão sério e logo depois retire-se porque eu estou ocupado com a minha leitura e não gosto de interrupções.

JOANA - Eu não tenho propriamente um assunto com o senhor, o que eu tenho, mesmo é um aviso. O senhor está correndo o risco de ser atacado e eu, como eu vi essa conversa, resolvi preveni-lo.

MARAFEL - A senhora disse que eu estou correndo o risco de ser atacado? Mas atacado por quem, por que?

JOANA - Atacado por seu Marcisio, o antigo parceiro de dona Simone.

TÉCNICA - ACORDE MUSICAL POSITIVO.

MARAFEL - Bem, mas... porque motivo, afinal?

JOANA - É que ela parece que brigou com ele e ele não quer mais nada. Então não se preocupe e diga que está tudo bem.



RAFAEL - Ora já se viu o que havia de se acontecer?! Mas e eu tenho culpa, si ela brigou com ele?

JOANA - Não digo que tenho, mas o senhor sabe como é... e ciúme faz acreditar que sim. Seu Tarcísio é um homem muito bom, é até um homem pacato, mas aceita-te que é de má bebida e se metem um coisinho na cabeça dele, na hora que ele está meio alto... aí a gente não sabe bem o que poderá acontecer.

RAFAEL - Mas como foi que a senhora ficou sabendo que ele me ameaçou?

JOANA - Bem, é que... eu ia passando no bar, onde ele estava bebendo com mais outros dois, entrei para comprar uma caixa de fósforos e ouvi aquele alarido todo. Porque eu matei... porque eu faço... porque aconteceu... aí eu vi que conhecia aquela voz e resolvi olhar. Lá estava o Tarcísio com mais dois, bebendo numa mesa. E a vez dele já estava arrastada, como fica quando a pessoa já passou da conta, sabe como é? Aí um começou a dizer pra ele que não valia a pena, mas o outro ainda reforçou a ideia dele, dizendo que ele fazia muito bem. Quando eu vi o negócio, pensei comigo: eu vou lá na Vila Verde e vou avisar o seu Rafael. Pelo sim... pelo não... um homem prevenido vale por dois.

RAFAEL - Está muito bem, eu lhe agradeço o aviso, mas sou de opinião que o que lá dentro não merde. Si ele quisesse, realmente, fazer-se alguma coisa, ficava quieto e calado, em vez de alardear o que ia fazer. Em todo caso a sua intenção foi boa e eu vou mandar gratificá-la.

JOANA - Não senhor, não quero nada. De maneira nenhuma. Não vim fazer aviso ao senhor com segunda intenção. Queria, apenas, que o senhor se prevenisse, para não ser surpreendido.

RAFAEL - Está bem, desculpe, então. Também não quis ofendê-la. Fico-lhe muito grato pelo aviso.

JOANA - Não tem nada que agradecer. Não estamos neste mundo para servir uns aos outros. Passe bem, seu Rafael.

RAFAEL - Passe bem e mais uma vez obrigado.

TEODORA - COMEÇA MUSICAL FORTE

SINOPE - Onde é que eu meti a chave da porta, meu Deus? Tenho a impressão de que ela estava na minha carteirainha de nickels, mas não está. E eu não queria meter, para não tirar dona Sarah dos seus afazeres. A coitada levanta...

TEODORA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

TARCÍSIO - (SEGUNDO) Repete, Sinope. Eu quero falar com você!

TEODORA - EMPLESTA MUSICAL, PUNDE COM CARACTERÍSTICA PARA ENGERANHELO.







LAILA - (VOZ DE SOFRO) Justamente porque o senhor parece gostar tanto dela é que via dizer-lhe que ela não merece a sua estima.

TARCÍSIO - Você apenas o atendeu? Só isto?

SIMONE - Só isto. Passe junto, se você quiser.

LAILA - (VOZ DE SOFRO) Eu me apressei em vir aqui, porque gostaria que o senhor fosse lá e visse, com os seus próprios olhos. Vá lá agora, neste momento, talvez ainda os encontre.

SIMONE - Eu tenho a impressão que andaram enchendo a sua cabeça com mentiras, Tarcísio. Eu não tenho nada com seu pai, quero que você acredite. Talvez amanhã eu depois, possa vir a gostar dele, como também poderia vir a gostar de você, não sei... mas por enquanto, repito a você, o meu coração ainda me pertence.

LAILA - (VOZ DE SOFRO) O senhor parece gostar tanto dela, mas ela não merece a sua estima. A diretora foi falar com o Padre e encontrou-os em colóquio amoroso na sacristia. Se ela não os tivesse surpreendido, não teria relatado.

TARCÍSIO - (DE REPENTE, COM ROMBAZETE) É mentira! Você é uma mentirosa. A diretora viu você em colóquio amoroso, na sacristia. Na sacristia, um lugar tão sagrado como a própria Igreja!...

SIMONE - (ASCOUSTADA) Tarcísio, por Deus! Você está delirando. Eu não seria capaz de colóquios em qualquer outro lugar, muito menos na sacristia. Você não sabe o que está dizendo.

TARCÍSIO - Sei, sim. Souve quem me contou tudo. E você agora quer me enganar porque está com medo, não é? Pois agora eu venho lhe mostrar que comigo não se brinca.

O/ABRUA - BATIDAS FORTES E NERVOSAS EM PORTA.

SIMONE - Tarcísio, socorre. Você vai fazer uma loucura e vai estragar a sua vida, rapaz. Lembra-se de sua mãe.

TARCÍSIO - A minha vida já está estragada e foi você quem a estragou. Não há mais concerto. Qualquer remede que se tente, será inútil.

SIMONE - Tarcísio, atenda-se, Tarcísio. Guarde esse punhal. Não pense que é por nada que lhe peço. Eu não tenho medo de morrer. Mas você já pensou o que será da vida de sua mãe se você cometer um crime e for preso? Ela ficará sózinha na vida, sem ninguém, tendo que trabalhar para manter o seu próprio sustento, ou então arrastar-se pelas ruas a pedir uma esmola. E você vai consentir uma coisa destas...

O/ABRUA - PORTA QUE SE ABRE COM GRATE



SIMONE - (CONTINUANDO) ... podendo ser o arrimo da pobre criatura e evitar... (TOM)

Depressa, dona Sarah.

C/NEGRA - PORÇA QUE BATE FORTE E FECHA COM A CHAVE. ENCONTROES DADOS PELO LADO DE FORA, DURANTE O DIA QUE SEGUIE.

SARAH - Que é isso, Simone? Que aconteceu?

SIMONE - A tranca, depressa. Puxa a tranca que ele pede arrembar a porta e está do punhal na mão.

C/NEGRA - RUÍDO DE COLOCAR TRANCA DE FERRO.

SARAH - Mas é quem? Quem é que está aí que <sup>voce</sup> ~~me~~ nem me deu tempo de ver?

SIMONE - Tarcísio! Completamente embriagado e querendo me matar!

SARAH - Virgem da Misericórdia! Vou mandar alguém, pelo fundo avisar e delegar!

SIMONE - Não, dona Sarah, coitado! Talvez não seja preciso. Pode ser que ele cansou e se acalme.

SARAH - E você pensa que eu vou esperar que ele canso de dar encontros na minha porta? Eu não. Vou mandar avisar o delegado agora mesmo. Tarcísio vai sair pela parte dos fundos e vai chamá-lo. É ele que ensina a sua bebida para os outros para aprender e respeitar as casas de família.

C/NEGRA - PASSO DE DONA SARAH QUE SE APASTAM E SONEM.

SIMONE - Coitado! Eu não queria que ele fosse preso, mas se abrir a porta para avisá-lo que vá embora, arrisco-me a receber uma pedrada. O remédio é deixar que seja preso.

TEATRO - PASSAGEM MUSICAL

ELVIRA - (CHORANDO) Eu estou desesperada por tudo, dona Angela! Por meu filho, por Simone, pela vexame que dona Sarah sofreu com tamanho escândalo na porta de sua casa... enfim... eu não tenho palavras para definir o que estou sofrendo de não para pedir-lhes que me desculpem e desculpas também, coitada.

ANGELA - Não estão estarem sangradas com seu filho, dona Elvira, pois crer, não está me é penalizada e no mesmo tempo angustiada, porque a verdade é que se dona Sarah não tivesse aberto a porta a tempo, Simone, a este hora, talvez já não existisse mais.

ELVIRA - Que horror, meu Deus!... Que horror!... Quem haveria de supor que a nossa amizade, tão boa, fosse terminar dessa forma horrível e desastrosa!... E o meu filho é bom, dona Angela, sempre foi. Agora é que fico assim angustiada. Rebendo, como o pai, isso é que me desespera. Se não bebesses ele não teria coragem de fazer nada do que fez.

ANGELA - Não sabemos, dona Elvira. Talvez não dizem a mesma coisa: que ele é bom e eu não sei por causa da bebida.



ELVIRA - Eu fui lá vê-lo, mas o delegado não me deixou entrar. Eu então me lembrei de vir aqui pedir à Simone que fizesse o Padre Demétrio ir lá. Ao Padre eles não terão coragem de negar entrada e eu poderei ficar sabendo como é que ela está. A senhora me deixaria falar com Simone?

ANGELA - Simone está repensando. Passou a noite toda em claro, agitada e nervosa e de manhã resolvi pedir ao doctor que desse uma check-up aqui para vê-la. O doctor receitou-lhe um calmante, ela tomou e faz uma hora, mais ou menos que está dormindo. Mas eu posso falar com o Padre Demétrio, se a senhora quiser.

ELVIRA - Pois então me faça esse grande favor. Diga-lhe que tenha pena de mim e vá até lá ver como está meu filho e saber si ele precisa de alguma coisa.

ANGELA - Perfeitamente. A senhora pode estar tranquila que eu pedirei isto ao Padre Demétrio e tenho certeza que ele não deixará de atender-me.

ELVIRA - Obrigada, dona Angela, muito obrigada!... Será um grande bem para o meu coração aflito e Deus há de recompensá-la por esse gesto de caridade!

ANGELA - Eu também estou desesperada e preocupadíssima, dona Elvira. Já pensei, até que talvez Tarcísio pudesse fazer um tratamento para deixar de beber e então tudo seria mais fácil para ele, para a senhora e para nós. Eu tenho receio de um segundo acesso, a senhora sabe? Sim, porque foi um acesso que ele teve. A senhora precisava ver como ele se atirava contra a porta da rua, tentando abri-la.

ELVIRA - Que horror, meu Deus!... Que vergonha!... É logo no caso de dona Sarah, uma pessoa tão respeitável e a quem eu tanto prezo...

ANGELA - Bem, dona Elvira, vamos tratar de nos conformar com o que aconteceu, que não tem mais remédio a rezar a Deus para que tudo se tranquilize e não tenhamos entre susto, ou coisa pior.

ELVIRA - É isto mesmo, dona Angela. Deus nos ajude que tudo volte à normalidade.

ANGELA - Veja se o convence a fazer um tratamento, depois disto. Conte-lhe tudo que aconteceu, porque assim pode ser que ele se convença e queira tratar-se.

ELVIRA - Exatamente, dona Angela. Era o que eu estava pensando em fazer. Mas, mas agora eu vou que já reubei muito tempo da senhora. Apresente os meus de culpas à dona Sarah e veja se consegue que o Padre Demétrio vá até à Delegacia para ver como está meu filho.

ANGELA - Sim senhora. Pode ficar descansada que eu farei tudo que se pede.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL



TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LAILA - A senhora nem sabe dos sucessos de ontem à noite, dona Tereza. Imagina o que aconteceu?

TEREZA - Como é que eu posso imaginar, Laila. Diga logo e não faça guerra de nervos.

LAILA - O meu plano começou a surtar efeito. Em consequência de tal forma o cérebro de Tarcísio que éle ontem à noite, já fez a primeira investida contra Simão.

TÉCNICA - VINGANÇA MUSICAL

TEREZA - (ALEGRE) É mesmo?! Não me diga!...

LAILA - Diga, sim, dona Tereza, pois si é verdade, por que não hei de dizer?

TEREZA - Mas conta tudo direitinho. O que fez que aconteceu, onde aconteceu, quem disse a você? Quere saber tia-tia por tia-tia.

LAILA - Pois disse que ela ontem saiu da Igreja, à noite e foi para casa. E quando ia entrando, surgiu o Tarcísio entre ele e a porta, num foguete de...

TEREZA - Heu! E aí?

LAILA - Ai disse que ele começou a falar com ela, a falar com ela... mas a pessoa não ouvia nem o que ele dizia, nem o que ela respondia. Só viu que, de repente, ele meteu a mão no bolso, tirou um punhal e avançou para ela. Mas si ela estendeu a favor conversinha mole e, ~~assim~~ esquecido isto, dona Simão abriu a porta e ela entrou como uma baila, fechando a porta com estrepido. Disse que éle ficou enfurecido e se atirava com raiva em cima da porta, até que veio o delegado chamar, não sei... - e o delegado e prendeu o Tarcísio. Ele está preso.

TEREZA - É mesmo?!... Por causa d'ela?!... Mas então agora esse é que ele vai ficar com ódio d'ela!

LAILA - Claro! E eu não vou perder a oportunidade de ir lá fazer-lhe uma visita.. levar-lhe um cigarro e um sanduíche... e encher-lhe ainda mais a cabeça contra ela, dizendo-lhe que foi ela que sempre chamou o delegado para prendê-lo.

TEREZA - E com certeza foi, mesmo. Quem mais ia ser?

LAILA - Não acredito que tenha sido ela, não. Com certeza deve ter sido dona Sara ou a mãe d'ela, mas eu vou afirmar que foi ela.

TEREZA - Mas então o negócio está ficando bom. Si está pegando logo...

LAILA - Pois não é? Eu já já a pouco mais vou falar com o delegado, vou ver si ele permite visitas e si éle se deixar entrar, eu compro tudo e vou lá.

TEREZA - Capaz que a mãe d'ela, agora, se culpe dar o Terço de São João. Com este ela já se vai ter liberdade muito antes d'ela. Com certeza não está acostumada a essas coisas.



LAILA - É bom que dêm o fora, mesmo, porque assim pode ser que eu arranhe o Tarcísio para mim, já que o ríscão não olha para a minha cara, quando estive lá na tal comissão.

TEREZA - Você vai ter muito trabalho com o Tarcísio, Laila.

LAILA - Não me importa. O que eu não quero é ficar solteirana. Sabe com que idade eu já estou? Trinta e dois anos. Estou debruçada o cabo da boa esperança. Nesta altura já não se tem mais o direito de escolher. O que vier, venha. E depois, dona Tereza, para ser muito franca, eu vou lhe dizer que prefiro ser mal casada do que viver das vidas saltadas.

TEREZA - É... são gostos. Eu já penso que mais vale viver tranquila e cuidar apenas de que é meu, de que servir de empregada para um homem, cuidando da roupa de ele, da casa dele, da comida dele... Deus me livre! E depois homem é bicho muito ingrato, mesmo e por mais que se faça nunca está satisfeito. Reclama tudo, acha tudo ruim. Pensa que eu não via as minhas irmãs quando morava com elas em Paris? Grande! Não, nada disso. Eu penso que antes só de que mal acompanhada.

LAILA - Eu, não. Bem, mas penso que a esta hora o delegado já deve estar no seu posto, não é? Pelo menos deveria estar.

TEREZA - É claro. São quasi onze horas da manhã. Deu uma chegada até lá.

LAILA - É o que eu vou fazer. Case me trouxe um penquinho para o almoço e no-hora já sabe que foi porque se deixaram entrar.

TEREZA - Não tem importância. Vá de uma vez. Quanto mais tarde você for, mais tarde você volta. (TOM) Olhe, comprou os sanduiches e as cigarras de mesmo goito. Se não lhe deixarem entrar, escreva um bilheteinho, já um sobre ao guarda e peça que ele faça chegar a o pacote às mãos de Tarcísio. Ele faz.

LAILA - É isto mesmo. Tchau, dona Tereza. Si eu demorar, já sabe.

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL

DELEGADO - Eu lamento muito, senhor Padre, mas enquanto Tarcísio estiver sob a ação ~~do~~ do álcool, não desejo que ninguém converse com ele. Depois que passar tudo ele vai ser interrogado e aí então será diferente.

DEMETRIO - Simão não apresentou queixa e não deseja, também, que ele seja castigado, entende?

SIMÃO - Realmente, senhores. Tenho muita pena de dona Elvira e mesmo o que ele fez foi sob a ação da bebida, a gente tem que desculpar. Digo-lhe mais: tu não estás certo de que si ele estivesse bom, jamais teria um procedimento daquelas, porque Tarcísio é um rapaz de sentimentos admiráveis.



DELEGADO - Eu sei de tudo isto, estou de acordo com a senhora, mas não posso deixar de cumprir com o meu dever. Tarcisio foi encontrado de punhal na mão, investindo contra a porta. Dizia, em alto e bom som, que desejava matá-la. Há testemunhas do fato. Vizinhos que foram chegando ou ficaram de longe. Essa gente há de querer saber o que fez a autoridade, logo... infelizmente Tarcisio terá que ser punido para o bom nome da polícia.

SIMONE - É pena. Eu gostaria tanto que ele fosse perdoado! Tenho receio de que se revolte, entenda? Tarcisio é um pouco revoltado.

DELEGADO - Nós daremos um jeito aqui, não se preocupe. O que eu puder fazer por ele, dentro da lei, prometo-lhe que há de ser feito.

SIMONE - Obrigada, eu lhe ficarei muito grata. Principalmente por dona Elvira, coitada. Lembre-se dela.

DEMETRIO - Eu poderia, como sacerdote, dar uma entredinha rápida para vê-lo?

DELEGADO - Eu não lhe negaria esse direito, mas acontece que o senhor não vai adiantar coisa alguma porque agora mesmo estive na cela dele e ele dorme profundamente, ainda sob o ação da quantidade de bebida que ingeriu.

DEMETRIO - Bem... nesse caso eu não quero insistir. O senhor me mandará um guarda avisar, na hora que que ele houver despertado? Eu gostaria de ser o primeiro a falar-lhe.

DELEGADO - Pois fique descansado que eu farei isto, Padre. Mandarei um guarda avisá-lo, quando ele estiver em condições de conversar com alguns. É quanto ao tratamento não se preocupe. Eu aqui sei distinguir na vagabundagem, bebido contínuo dum rapaz trabalhador e honrado que teve um acidente.

SIMONE - Obrigada, senhor Delegado. Vejo que o senhor é um homem compreensivo e isto já me tranquiliza bastante. Vou agora à casa de dona Elvira dizer-lhe que não se preocupe que o filho dela está dormindo e que nós já conversamos com o senhor e contamos com a sua boa vontade.

TEODORA - FALANDO PARA SI MESMA

EUDOXIA - Como soube de que aconteceu ontem de noite lá em baixo na vila, Lindorinda?

LEOPOLDINA - Como, não. que foi que aconteceu, Eudoxia?

EUDOXIA - Pois soube sabe a moedinha aquela que é professora e que tá fazendo a casa adonde que os filhos da mãe do Ferrero vão morar?

LEOPOLDINA - Uei, sim. O que é que houve com ela?

EUDOXIA - Pois disse que o moço da oficina, aquele que tem lá aqui na frente a loja, quis dar uma punhalada nela. Uns dias que dormiu, outros não que não conseguiu ir, mas a verdade não sei.



LEOPOLDINA - Agora Senhora!... Mas por que tudo isto, afinal?

EUDOXIA - Praquê dia que ele gostava dela e ela nunca iria saber dele. Isso foi a sua Rufina que me disse agora mesmo, lá no armazem. Si é verdade ou mentira, não sei.

LEOPOLDINA - Por que levantou papai? Fique aí. O que é que vai fazer?

MIGUEL - Vou lá.

LEOPOLDINA - Lá, onde?

MIGUEL - Lá onde está a moça. Vou buscar as minhas balas.

LEOPOLDINA - A moça não está lá, papai. O senhor não ouviu a Eudoxia dizer, agora mesmo que quiseram matá-la?

MIGUEL - Por que? Por causa das minhas balas? Então agora mesmo é que eu vou lá.

C/REGINA - PASSO DE HOMEM VELOZ QUE SE AFASTA, RECORDANDO SER LIGEIRO.

LEOPOLDINA - Papai, vem cá, papai. As suas balas estão aqui, olhe. Eu comprei, venha ver. (TOM) Qual! Eu vou ter que ir atrás dele, não é capaz de sair portão e fora por causa das balas e da moça. Eu não sei o que é que ele gosta mais.

C/REGINA - PASSO PRECIPITADO DE LEOPOLDINA QUE SE AFASTA.

EUDOXIA - Pobre do seu Miguel! Será que ele compreendeu o que eu tava contando pra Lia por dentro? A gente nunca sabe. Dei dias que ele entende tudo, de repente, outros dias que a cabeça dele fica que parece um chumbo. Num entra nada que a gente fale. É coisa triste a gente se dilirirada das ideias! Deus possa si não que me leve, mas gente de eu ficá.

C/REGINA - PASSO DE HOMEM QUE SE APROXIMA.

EUDOXIA - Si eu tivé que ficá assim que não o seu Miguel, preferiro uma boa hora de morte que Deus se dê.

RAFAEL - O que é que você está resmungando aí, Eudoxia? Está zangada com quem?

EUDOXIA - Num tô zangada com ninguém, não não. É que eu tava contando pra Lia por dentro na que quiseram matá a moça que tá fazendo aquela casa pras crianças...

RAFAEL - Simone?!...

TÉCNICA - VERBAZIM MUSICAL FORTE. SUETO TREMENDO.

RAFAEL - Que aconteceu com ela? Quem foi que quis matá-la? Por que? Diga tudo logo, Eudoxia.

EUDOXIA - Diz que foi o moço da oficina que gostava dela e ela nunca iria saber dele.

RAFAEL - Mas afinal o que foi que ele fez? Deu um tiro nele? Uma facada? Ligeiro.

EUDOXIA - Um dia que deu uma pedrada, outros dias que ...

C/REGINA - PASSO DE HOMEM QUE SE AFASTA, GORRENDO E SOMEN.

EUDOXIA - Cyado em Grazi!... Que é esse seu não seu papai?, minha senhora Senhora!...

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE RACERNECETO.



S O L I D A O

- Novela de Erico Grener -

19º CAPÍTULO

TEÓFICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE AMÉRICA

EUDOXIA - Si eu tivé que fôr a mesma que nem o seu Niquê, apertiro uma boa hora de morte que Deus me dê.

RAFAEL - O que é que você está resmungando aí, Eudoxia! Está zangada com quem?

EUDOXIA - Mas tô zangada com ninguém, não simô. É que eu tava contando pra Liapor-dina que quisero matá a moça que tá fazendo aquela casa pras crianças...

RAFAEL - Simone?!

TEÓFICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE. SUSTO INDEBIDO.

RAFAEL - Que aconteceu com ela? Quem foi que quis matá-la? Por que? Diga tudo logo, Eudoxia.

EUDOXIA - Diz que foi o moço da oficina que gostava dele e ela não queria sabê dele.

RAFAEL - (NERVOSO) Mas afinal o que foi que ele fez? Deu um tiro nela? Uma facada? Miqueiro.

EUDOXIA - Uns diz que deu uma paulada, outros diz que...

C/ REGRA - PASSO DE HOMEM QUE SE AFASTA CORRENDO E SOMEN.

EUDOXIA - Creio em cruzi... que é que deu no seu Rafael?!. Minhe gossa Senhora!... O home saiu que parecia intê que tinha visto assombração. Chegou a ficar com os dedos brancos! Eu, hein? Isso aí tá me chutando a chamego. Será o caso mesmo que ele tá gostando de moça? Eu intê tô em dizê que tá. O home nem se deixou trizimê de dizê o caso direito como foi que me contare ele.

C/ REGRA - PASSO DE LEOPOLDINA QUE SE APROXIMA.

LEOPOLDINA - você contou ao seu Rafael o que lhe falei, não foi?

EUDOXIA - Contei. Ele prigentô, eu tinha que contê.

LEOPOLDINA - Eu logo vi. Passou por aí correndo, em direção à garagem, com tanta velocidade, que quasi me deu um esbarrão.

C/ REGRA - PASSO DE HOMEM VELOZ SE APROXIMA.

LEOPOLDINA - Santo aí, papai, onde o senhor estava. (TOM) Tive que dar uma boia para ele se agitar.

TEÓFICA - MOTOR DE AUTOMÓVEL QUE BIRA, AFASTADO E AUTOMÓVEL QUE SAI, VIOLINATO, COM DEMONSTRAÇÃO ABERTA.

LEOPOLDINA - Lá vai ele. Eu já não tinha lido que o patrão estava gostando de uma moça? A gente não podia deixar de desconfiar. A mudança dele foi uma coisa assim, como do dia para a noite.

EUDOXIA - O nome ficou tão arribo que eu até me arripendi de tê falado a coisa pra ele. Mas eu tava falando sozinho, ele prigentô...



... - ... não podia deixar de dizer. Mesmo porque pode ser que a mo-  
... e ela possa fazer alguma coisa por ela.

... - ... é. E como disse, quando ela sabe que eu sabia e não tinha  
... não tinha, ...

... - Ah, ... O ... não imaginou que ele fosse tomar um susto  
... a ponto de sair correndo que não era louco, por aí fora. Bem,  
... volta, ... , o que aconteceu  
... não vai deixar de nos contar.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

RAFAEL - ... , pelo ... de ...! Se estes ...! Que aconteceu com  
...? Diga, não se esqueça ... , por favor!

DEMIÉRIO - ... , não há necessidade que você fique nesse estado de  
... . Não aconteceu nada de ruim a ... , pelo ...

RAFAEL - Mas disse que ele foi ... por ... . Isso é verdade?

DEMIÉRIO - ... por ... que não. Não ficou ... alguma coisa que não existe  
... . ... bem e agora mesmo ... de ...  
... que ...

RAFAEL - (CARLO, TRISTE) Ah, ela fez isso? ... por ...?

DEMIÉRIO - ... , porque ... é muito boa e ... porque sabe que  
... não é ... e não é ...

RAFAEL - Mas ... é que houve, ...? De ... . Quer ... o ...  
... que ...

DEMIÉRIO - Ele ... , ... e ... . Ele se ...  
e ... a ... , ... . Ela ... , ...  
... , ... . ...  
... . ...  
... . Ele está ...

RAFAEL - E ... para que ...

DEMIÉRIO - ... , ... . ...  
... . ...  
... . ...  
... . ...

RAFAEL - ... , ... .  
... . ...  
... . ...



DEMÉTRIO - RAFAEL, permita-me que lhe diga que conheço Simone e sei perfeitamente o que lhe pode agradar ou desagradar. Não faça nada contra Tarcísio que ela ficará magoada. E ela conhece Tarcísio e sabe que isso será pior. Perdoados, ele se arrepender-se. Castigado, se revoltará e não podemos medir as consequências da sua revolta até que ponto o levarão.

RAFAEL - Mas então o senhor acha que eu devo permanecer de braços cruzados, quando Simone corre um perigo tremendo?

DEMÉTRIO - Não. Você pode fazer alguma coisa por ela e uma coisa que ela vai apreciar muitíssimo: com o seu prestígio e a influência da sua fortuna, você poderá ajudar a convencer o Delegado de que não deve punir Tarcísio. Tarcísio é um rapaz de bons sentimentos e ao saber disto vai ficar profundamente comovido, você verá.

RAFAEL - Está bem, Padre, não era o que eu desejava fazer, mas se o senhor me aconselha é porque sabe que deve ser o melhor.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

ANGELA - Você soube, minha filha, que seu Rafael foi procurar o Padre Demétrio para saber de você? Contou-lhe dona Sarah que ele estava muito nervoso e muito preocupado com o que havia acontecido.

SIMONE - Eu sei, sim, mãe. Padre Demétrio não me falou no assunto, mas dona Sarah também me contou. A senhora tem a mesma impressão que ela sobre ele?

ANGELA - Que impressão? Eu não sei a impressão que ela tem.

SIMONE - Ela acha que ele fez isto porque me ama. É forte, não lhe parece?

ANGELA - Por que, minha filha? Pelo fato dele ser rico e solitário? A gente vê tanto homem rico casar com moça pobre...

SIMONE  
~~ANGELA~~ - Eu sei, mas a questão é que ele nunca me procurou para me namorar. Só se a maneira como ele gosta é diferente dos outros.

ANGELA - Você não acha significativo o fato dele ter auxiliado tanto a construção da casa que você idealizou? Isto, para mim, é um sinal de que alguma coisa está se passando com ele.

SIMONE - É um sinal, sim, mas não de amor. Pense que de remorso. Acho que lhe diga as coisas que ele nunca havia ouvido, antes e que despertaram a sua consciência. Mas daí a vir gostar de mim vai uma diferença muito grande.

ANGELA - Não sei, não. Eu gostaria de falar neste assunto com Padre Demétrio, mas a verdade é que já tentei por duas ou três vezes e ele deu início a conversa. Talvez não deseje que vocês se namorem, talvez até por causa de Tarcísio mesmo.



SIMONE - Por que será que Padre Demétrio procede assim? Não creio que seja por Tar-  
cisio, não. Deve haver alguma coisa no meio disso tudo. Eu até estou pen-  
sando que ele talvez saiba alguma coisa do modo e para não ser obrigado a  
dizer, prefiro afundar-me no silêncio.

ANGELA - É uma razão, mas não sei para mim. Ele podia muito bem dizer o que sente.

SIMONE - É... vamos dar tempo ao tempo. O que for, será.

ANGELA - Em todo caso, as coisas que dona Sarah me contou deixaram uma certa impres-  
são no meu espírito. Que ele procurasse o padre para saber, não. Poderia,  
até fazer por simples curiosidade, mas nervoso e preocupado como dona Sarah  
disse que ele estava...

SIMONE - Lembrei-me agora, mãe. Talvez tivesse sabido que Tarcisio fez isto por es-  
tar com ciúmes dela. Vai ver que foi isto. Até certo ponto ele se conside-  
ra responsável pelo sucedido.

ANGELA - É... isto também pode ter sido, mas a verdade é que um coração de mãe nunca  
se engana.

SIMONE - Sabe o que é que me acontece com o meu coração, mãe? A senhora é a mãe mais  
corajosa que pode existir no universo inteiro. Vin o rapaz ajudar a minha  
obra e já meteu na cabeça que ele gosta de mim e quer casar comigo. Felig-  
mente eu não sou convencida, porque se fosse... ninguém poderia comigo.

ANGELA - Eu não sou mãe coruja, minha filha. Sou, simplesmente mãe. Mãe como todas  
as outras e como todas as outras louca pela minha filha e desejando para ela  
a maior das felicidades. Se a sua felicidade estiver ao lado de seu Rafael,  
eu poderei agradecer a Deus que realize esse milagre, mas se não estiver,  
que ele nos deixe continuar na nossa vizinha modesta, porque a felicidade  
- a meu ver - não está e nem nunca esteve <sup>em casa</sup> onde existe o dinheiro. Há chou-  
pões onde ele está muito mais presente do que em muitas palácios!

TECNIQA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - VEJAMOS COMERCIAL

TECNIQA - PASSAGEM MUSICAL

RAFAEL - Boa tarde, senhor Delgado. O senhor me dá licença?

DELGADO - Boa tarde, meu Rafael. Tem a Benedita de entrar.

C/REDA - É UMA PORTA. UM DO NOME DE RAFAEL.

DELGADO - Conte-me por favor. Que manda o senhor?

RAFAEL - Eu tive notícia de uma alteração que hoje antes à noite me deu a impressão  
que é professor do grupo e como a comissão se é formada e se interessa pelo trabalho de  
o qual que é a sua comissão, quer saber de saber a verdade sobre os  
fatos.



DELEGADO - Bem, o fato parece que não teve tanta importância quanto queriam dar, por aí. O rapaz parece que está bem e não é correto. Estava embriagado, deu o soco e se contraiu com a moça, declarou-se, parece que foi revidado e teve uma reação violenta. O caso mesmo, é natural, mas eu não creio muito que ele tivesse ido além da ameaça.

RAFAEL - Eu também não, pois segundo me informaram aí, é parece que o rapaz tem muito bons antecedentes, não é verdade?

DELEGADO - Sim, de fato. Ele, até agora, não tinha nada que a desobedecesse.

RAFAEL - Talvez fosse, então, o caso de perdô-lo, não?

DELEGADO - Parece-lhe? Eu, até agora, ainda não deliberei nada em definitivo. Estou querendo, primeiro, ver como é a reação, quando voltar a si a hebreia que tocou. O seu procedimento, com certeza, é que vai influir no meu espírito. Mas é bom conhecer a opinião de quem está assim como o senhor. Por isso vou estar do lado de fora e que têm o senso e o critério para julgar.

RAFAEL - Talvez eu esteja errado, não sei... mas acho que o que aconteceu com o rapaz deve ser levado mais em conta de rapaziada. E, em consequência, não pode e nem deve ser julgado com muita severidade.

DELEGADO - Ele dormiu muitas horas e já faz um bom tempo que despartou. Ainda não o vi, mas os soldados já se deram essa informação. O senhor quer entrar para visitá-lo?

RAFAEL - Não senhor, obrigado. Não sou mais dele, não tenho nenhum interesse em vê-lo ou conversar com ele. Vou apenas saber o fato caso se havia casado e voltar ao senhor que tivesse tolerância com o rapaz. Só isso.

DELEGADO - Está muito bem, seu Rafael, eu tomarei em consideração o seu pedido.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

LAILA - Dona Teresa, uma pessoa novidade! A partir de amanhã teremos começado a receber visitas e eu já vou começar a ir visitá-lo.

TERESA - Muito bem. Prepare então alguma coisa para levar. Doces, frutas, biscoitos e sanduíches também, se você quiser.

LAILA - Ah, já pensei. Vou levar uma cesta cheia de coisas. Até refrigerantes.

TERESA - E será a que não vai cair na mão dos soldados, como os outros já fizeram que você mandou?

LAILA - Não, porque desta vez eu mesmo é que vou levar. Vou entregar a eles, mas não vou poder falar-lhe, tanto tempo de volta.

TERESA - Como será que ele vai receber você, Laila? Afinal as coisas vão ser a mesma coisa para ela, não é?



LAILA - Eu? A senhora acha que eu sou a responsável pela prisão dele? Mas por que?

TERESA - Ora, porque!... Pois então não foi você que inflamou o crime na coração do rapaz? Não foi você que o levou a tirar sua terra? A meu ver, só você tem culpa de que aconteceu.

LAILA - Bem, mas eu espero que a senhora não fique espalhando isto por aí, depois de me ter minado tanto a tomar esta posição.

TERESA - Eu não vou espalhar nada, só estou perguntando a você se ela também não a considerará culpada de tudo isso e se não será capaz de recusar a sua visita.

LAILA - Não creio. Tanto mais que eu já vou chegar a entregar-lhe as coisas que comprei para ela. Sabe também o que pensei em levar? Uma garrafa terrina com café.acho que ela iria apreciar mais que tudo.

TERESA - Si ela é viciada em café, realmente. Mas afinal a que horas é que você vai fazer a tão anunciada visita?

LAILA - Às quinze horas.

TERESA - Mas então você não tem mais tempo a perder, não. Até que compre tudo que quer levar, arrume um cesto e vá-se a trajeto até a delegacia... é capaz de chegar lá depois de uma semana.

LAILA - Não se diga, dona Teresa que eu já começo a ficar nervosa. Deixo-me ir de uma vez, então. Até logo, dona Teresa.

G/TERESA - PASSOS DE LAILA QUE SE AFASTA E TOMA DE ABE E TERESA AFASTADA

TERESA - Até logo, Laila. Felicidades. (PAUSA LONGA) Laila é uma coisa bastante corajosa. Eu não teria coragem de fazer com a senhora o que ela fez!

TERESA - PASSOS DE TERESA QUE SE AFASTA

ELVIRA - A senhora está muito bonita, dona Elvira. Não quero se vê-la assim. Prefiro vê-la com o seu habitual ar de tristeza. Parece que está muito triste, não é? Não se preocupe, não vai perder-se pela bebida, que tudo isso é apenas uma coisa que ela vai fazer com o tempo.

ELVIRA - Eu sei, minha filha, mas não é isto que me preocupa. É que se você não se cuidar, vai perder o seu filho. Não sei se é porque você não se cuida, mas acho que é melhor se cuidar agora, antes de ser tarde demais.

ELVIRA - Não vai, não. Esperemos em Deus que tudo corra bem para a senhora e para ela. Deus é bom e sábio. Vamos esperar que ela se recupere por esta situação que não resolve nada.

ELVIRA - Eu sei, minha filha, você tem razão, mas não quero que ela se preocupe com a situação que está vivendo. Vou tentar fazer o possível para que ela se recupere.



SIMONE - A senhora ainda não foi visitá-lo; não é verdade?

ELVIRA - Ainda não. Já fiz duas ou três inventivas, mas falta-me o coração. Depois de alguns dias fui a casa de casa e não pude ir. Não foi possível chegar. A casa está fechada.

SIMONE - Pois não, eu também quero ir visitá-lo mas faltam-me o coração. Mas podemos combinar de ir juntas para ir mais vezes. Que acha?

ELVIRA - Acho que não vou eu ir, mas vou com você. Não acha?

SIMONE - Claro. Quer fazer alguma coisa para ir mais vezes?

ELVIRA - Quero. Estou aqui para ver meu filho, mas a ideia de ir ao médico me dá medo. Ligo para você, se quiser quem se incline para o médico e um pouco o meu pessimismo.

SIMONE - Pois então está combinado. Vou buscá-lo amanhã às quatro horas da tarde e se quiser levar o filho com você, não precisa. Vou a ver, como Terêncio me receberá.

TEÓFILA - PASSAGEM MUSICAL

EUDOKIA - E como foi lá o marido, não foi? Foi visitá-lo?

RAFAEL - Não, eu não fui propriamente visitá-lo. Foi falar com o delegado a respeito de dele, a respeito do Padre Demétrio.

EUDOKIA - Então não vai ao médico que ainda foi lá para fazer alguma coisa para eu.

RAFAEL - Foi. O Padre me convenceu que seria o melhor para ele e para nós...

EUDOKIA - Meu pai, não. Eu não vou ao médico que ainda foi lá para fazer alguma coisa para eu. Não vou ao médico que ainda foi lá para fazer alguma coisa para eu. Não vou ao médico que ainda foi lá para fazer alguma coisa para eu.

RAFAEL - É, Eudokia, não. Não vou ao médico que ainda foi lá para fazer alguma coisa para eu. Não vou ao médico que ainda foi lá para fazer alguma coisa para eu.

EUDOKIA - Não vou ao médico que ainda foi lá para fazer alguma coisa para eu. Não vou ao médico que ainda foi lá para fazer alguma coisa para eu.

RAFAEL - Não é, não, Eudokia. Não vou ao médico que ainda foi lá para fazer alguma coisa para eu. Não vou ao médico que ainda foi lá para fazer alguma coisa para eu.

EUDOKIA - Não vou ao médico que ainda foi lá para fazer alguma coisa para eu. Não vou ao médico que ainda foi lá para fazer alguma coisa para eu.

TEÓFILA - PASSAGEM MUSICAL



SOLDADO - Tem visita pra você aí, meu chapa. Que recobê eu digo que tá dormindo?

TARCISIO - Quem é a visita?

SOLDADO - Uma moça. Tem os olhos grandes, parece filha de turco. Cabelos pretos.

TARCISIO - Só pode ser Laila.

SOLDADO - (DEPOIS DE PAUSA) Como é? O que é que eu digo, meu chapa? Mandô entrá, ou mandô rodá no calcinha?

TARCISIO - Não sei... confesso que estou indeciso... não sei se recobo ou mando eu bora.

SOLDADO - Ela traz uma cesta cheia de coisas boas. Si ela entrá eu tô aí, não se esqueça. O grude hoje tava de fazê dô. (PAUSA) Mas como é, o que é que digo pra moça?

TARCISIO - Está bem, manda entrar.

SOLDADO - É pra já.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM EM LAGE, SE AFASTAM.

TARCISIO - Eu talvez não devesse receber Laila, mas estou há tantas horas aqui, abandonado de todos, que preciso sentir uma voz qualquer pra não me esquecer para sentir-me solidariedade. Isto aqui é horrível de triste e de sombrio não se sabe nem se há sol ou está para chuva! (PAUSA) Quem eu queria que viesse ver-me, não virá. Não deve vir nunca mais. Com a loucura que ia cometendo acho que a perdi definitivamente.

C/REGRA - PASSOS DO SOLDADO E DE LAILA EM LAGE. RUÍDO DE COFFETE E CABEADO. ABRIE CHAVE E ABRIE PORTA DE FERRO, PESADA E RALGELDO.

TÉCNICA - MUSICA DE SUSPENSE ACOMPANHA OS RUÍDOS TODOS E DEPOIS PICA VIBRANDO EM VOLTO.

LAILA - Ép' verdade, Tarcísio. (PAUSA) Você não quer me dar boas tardes? Por que? Eu vim pra fazer uma visita. Aliás já estive aqui antes, mas não me deixaram entrar. Como está você? (PAUSA) Vamos, por que não responde? Como está você?

TARCISIO - Eu não devia ter deixado você entrar. Que veio fazer aqui?

LAILA - Visitá-lo, Tarcísio. Já disse. E vim trazer-lhe, tenho alguma coisa para poder, além de cigarros que, com certeza, você está se faltando.

TARCISIO - Não quero nada. Vá embora.

LAILA - Tarcísio, você tem a noção de se curver?

TARCISIO - (QUASI GRIÇANDO) Vá embora, já disse! Não ouviu? Não insistente de quê. Vá embora!

TÉCNICA - CARACATERÍSTICA MUSICAL MORTE, PARA FINAL DO CAPÍTULO.



S O L I D R O

- novela de Érico Cramer -

208 CAPÍTULO

TARCISIO - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ARRETTURA

LAILA - Boa tarde, Tarcísio. (PAUSA) Você não quer me dar boa tarde? Por que? Eu vim lhe fazer uma visita. Aliás já estive aqui ontem, mas não me deixaram entrar. Como está você? (PAUSA) Vamos, por que não responde? Como está você?

TARCISIO - Eu não devia ter deixado você entrar. Que veio fazer aqui?

LAILA - Visitá-lo, Tarcísio, já disse. E vim trazer-lhe, também, alguma coisa para comer, além de cigarros que, com certeza, você está em falta.

TARCISIO - Não quero nada. Vá embora.

LAILA - Tarcísio, você tem a coragem de me correr?

TARCISIO - (QUASI GRIANDO) Vá embora, já disse. Não ouviu? Saia imediatamente daqui vamos.

LAILA - Não saia. Você está precisando de amparo... de solidariedade... carinho... você é um pobre rapaz desmurtado que ninguém compreende e todos escorraçam sem razão. Que fez você, afinal? Apenas tentou vingar-se da mulher que o enganou e que traiu o seu coração. Uma reação naturalíssima a qualquer ser humano. Não existe, no mundo, quem, tendo dado tudo de si e vendo-se ludibriado, não tenha o ímpeto que você teve. É natural... é humano... Você é um homem bom, um homem sincero... um homem que vivia a sua vida tranquilamente, amparando sua velha mãe, viúva e enferma, e, como qualquer outro, sonhou com uma companheira ideal que recolhesse a metade das suas preocupações e dos seus cuidados. O que encontrou? Traição... covardia... mentira e maldade. É justa a sua revolta, Tarcísio. Justa, sim. Justíssima, como acabei de dizer ao delegado. Você não merecia nada do que teve. E é por isto que estou aqui. Para ampará-lo... para servi-lo... para acarinhá-lo, se for preciso, mas sem pretender nada de você.

TARCISIO - TEM UMA CRISE VIOLENTA DE CHORO. COMEÇA ALTO E DEPOIS VAI ABAIHANDO, A MODO QUE LAILA COMEÇA A FALAR.

LAILA - Isso, Tarcísio, chore. Desabafe. É o que você está precisando. Não há quem, num momento destes, deixe de sentir vontade de chorar. E felizes aqueles que podem dar vazão às lágrimas e têm, junto a si, alguém que as enxugue. Chore, Tarcísio, chore. Alivie o seu coração magoado. Você não teve culpa de nada que aconteceu. Miseram mal a você e você está, ainda, pagando esse mal de que foi vítima. Mas existe um Deus lá em cima, Tarcísio, você sabe.



TARCÍSIO - (CHORANDO) Existirá?

LAILA - Claro que existe. E a ninguém é lícito duvidar dessa verdade. Portanto, esteja tranquilo que você não será desaparecido. Às vezes se tem essa impressão, parece que a terra fugiu dos nossos pés e que estamos soltos, no espaço ao sabor dos ventos da desgraça, mas depois, a pouco e pouco, a névoa ~~xxxx~~ ~~xxxxxxxx~~ que nos cerca vai se apagando, e começamos a vislumbrar um horizonte distante que, também pouco a pouco, vai se aproximando de nós e finalmente sentimos <sup>outra vez</sup> ~~xxxxxxxx~~ os pés na terra e encontramos um novo caminho para andar. E no fim desse caminho, então, vamos nos encontrar com o nosso verdadeiro destino! Tudo isso lhe acontecerá um dia, Tarcísio, se você não perder a sua fé. (PAUSA. PEQUENO MOVIMENTO E RUÍDO DE PACOTE DESEMPOLVADO) Pume. Eu trouxe cigarros para você.

C/REGRA - COMPLETA O MOVIMENTO DE ABRIR UM MAÇO DE CIGARROS E RISCAR UM FÓSFORO.

TARCÍSIO - (DEPOIS DE UMA BAFURADA) Obrigado.

LAILA - Veja. Trouxe-lhe, também, alguma coisa para comer.

TARCÍSIO - Não tenho vontade.

LAILA - Mas deve comer, Tarcísio. Se enfraquecer, o destino terá tomado conta de você e lhe faltarão as forças para reagir. E você não deve dar "a ninguém" o gostinho de enfraquecer e perder-se, porque é isto que todos esperam de você e você tem que vencer a todos, começando encendo-se a si mesmo. Eu vou abrir uma garrafa de refrigerante...

TARCÍSIO - Isso sim. Tenho sede.

LAILA - E junto com o refrigerante você vai comer estes sanduíches de presunto que foram especialmente feitos por mim, com excelente pão e uma manteiga especial. Estão macios que faz gosto.

C/REGRA - RUÍDO DE ABRIR GARRAFA DE REFRIGERANTE E DERRAMAR NO COPO.

LAILA - Aqui está. Minha avó já dizia: para comer e coçar, basta começar. Você come o primeiro e sanduíche e ele desperta o seu apetite. (PAUSA) Que tal? Não está gostoso?

TARCÍSIO - Está sim.

LAILA - (CARINHOSA) Está vendo o que você ia perder se eu tivesse ido embora quando você me correu?

TARCÍSIO - Desculpe.

LAILA - Não tenho nada que lhe desculpar, Tarcísio. Eu me preso de ser uma mulher com preguiça. Bem, mas deram-me apenas dez minutos de visita e eu já estou pagando os limites. Você quer alguma coisa para amanhã?



TARCISIO - Você vem amanhã, outra vez?

LAILA - Amanhã e todos os outros dias que você estiver aqui, si me deixarem. (PAUSA)

Que posso lhe trazer de bom? Diga. Tem alguma coisa que você prefira?

TARCISIO - Não, obrigado. Não se incomode por minha causa. Eu não tenho vontade de nada, para ser sincero.

LAILA - Mas deve comer. Lembre-se do que lhe disse, ha pouco. Se lhe faltarem as forças, como irá reagir?

TARCISIO - Traga qualquer coisa, então. O que você quiser.

LAILA - Muito bem. Acho que você vai gostar do que estou pensando trazer. Até amanhã, então, Tarcisio.

TARCISIO - Até amanhã. Muito obrigado por tudo.

LAILA - Tudo o que? Foi tão pouco. Nem vale a pena agradecer.

TARCISIO - Não foi pouco, não. Foi muito. Principalmente as suas palavras de encorajamento. Talvez um dia eu possa agradecer a você, devidamente.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

JOANA - A senhora reparou como dona Laila chegou alegre, da visita que fez, dona Tereza? Chega a rir sósinha e passou o resto da tarde cantarolando.

TEREZA - Você sabe para quem foi a visita, não sabe?

JOANA - Não senhora, não sei porque não perguntei. Aliás eu nunca pergunto. Si me contam as coisas, muito bem. Si não me contam, para mim é o mesmo.

TEREZA - Pois ela foi visitar o rapaz aquele que tentou agredir Simone, o tal de Tarcisio!

TÉCNICA - ~~XXXXXXXXXXXX~~ VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO.

JOANA - (ASSUSTADA) Dona Tereza, a dona Laila está louca! Como é que ela vai se meter com um rapaz daqueles, sabendo que ele é perigoso?!... Ela não pensa que pode acontecer com ela a mesma coisa?

TEREZA - Não acontece, não. Aconteceu com Simone porque havia Laila para enfeixar o homem e atirá-lo com ela. Mas contra Laila, ninguém vai se dar ao trabalho de fazer isto.

JOANA - Não é se dar ao trabalho de fazer. É que ninguém tem coragem de fazer o que dona Laila faz. A senhora me desculpe, dona Tereza, mas dona Laila é má.

TEREZA - Isso não, Joana. Má por quê? O que ela faz, acho que toda moça que deseje casar e veja outra passando na frente, é capaz de fazer.

JOANA - Não sei, não. Nós eramos cinco irmãs, e tres primas e duas amigas que moram perto da nossa casa. Dez moças, ao todo. Eu não era a mais velha, mas ficava entre as quatro mais velhas. Vi todas as outras casarem, fui a última do grupo e nunca fiz nada contra qualquer uma delas.



TEREZA - Bem, mas você não queira comparar. Naquele tempo era tudo muito diferente. Uma mulher, principalmente si era de família abastada, não precisava se preocupar porque, mesmo que fôsse feia, casava logo. Hoje é uma luta para a mulher arranjar a trouxa. Não sei se os homens estão mais espertos, ou as mulheres menos sabidas. O que sei é que elas têm que fazer muita força e passar várias rasteiras nas outras, muitas vezes, para poderem se acomodar. E muitas vezes... nem assim arranjam nada.

JOANA - Não sei, não, mas acho que se eu fosse moça deste tempo, não teria coragem de tomar um noivo ou um namorado de quem quer que fôsse.

TEREZA - Sim, você diz isto porque não é. Se você visse que, não fazendo, acabava ficando solteirona, eu queria ver se fazia ou não fazia. É muito fácil a gente julgar as ações dos outros, quando se está fora do brinquedo, mas quando se está dentro dele, tudo muda completamente de figura. É por isso que não julgo ninguém. Muitas vezes posso estar em desacôrdo com a pessoa, mas não julgo.

JOANA - É, está certo. Assim mesmo é que a gente deveria ser, mas depois que a gente se acostumou a fazer de juiz nas questões alheias, não tem que seja capaz de modificar-se. Bem, deixe-me ir lá avisar a dona Laila que a água do banho dela já está quente que aliás era isto que eu vinha a ser aqui, mas fiquei de conversa com a senhora e me esqueci.

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL

SOLDADO - Sua mãe está aí.

TARCISIO - Não quero recebê-la.

SOLDADO - Você não pode fazer isto.

TARCISIO - Não quero recebê-la, já disse.

SOLDADO - Você vai recebê-la, como é que não? Então ela vem lhe visitar e eu vou dizer a ela que dê volta porque você não quer recebê-la? De modo nenhum.

TARCISIO - Você não pode me obrigar a receber as visitas que não quero receber.

SOLDADO - Não posso, eu sei, mas se você não receber sua mãe, eu não deixo entrar mais ninguém que venha lhe ver, quando estiver de serviço. Direi a todos a mesma coisa: ele não recebe mais visitas.

TARCISIO - Você não pode fazer isto.

SOLDADO - E você também não pode fazer o que quer fazer, pronto. Elas por elas. A pobre da velha está aí numa tristeza horrorosa, que dá dó a gente ver a cara dela e você ainda vai lhe negar a alegria de falar com ela?



SOLDADO - (CONTINUAÇÃO) Não senhor. Vai falar e vai mentir a ela que está muito bem e que o delegado já lhe disse que logo você vai ser colto. E não faça isso pra você ver.

C/REGRA - ALGUNS PASSOS SE AFASTAM. PORTA DE FERRO ABRE.

SOLDADO - (EM SEGUNDO PLANO, ALTO) Oh quarenta e dois, faz passar essa senhora que veio visitar o moço aqui. (TOM MAIS BAIXO) Eu vou ficar aqui do lado de fora vendo o seu geito. Se tratar mal a velha, vai ter. Puxa vida que esse mundo é errado, mesmo! Eu, que não tenho mãe, como gostaria de receber a visita dela numa hora destas! Esse cara que tem a sorte de ter, não quer receber a visita da mãe. Chega a dar raiva na gente um trêço destes. (ALTO) É por aqui mesmo, minha senhora, (PAUSA) Pode passar.

C/REGRA - PASSOS DE DUAS MULHERES SE APROXIMAM EM LAGE. PORTA DE FERRO FECHA EM 2º PLANO. PARAM OS PASSOS.

SIMONE - (DEPOIS DE PAUSA LONGA) Sua mãe está aqui, Tarcísio.

TECÂNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO TREMELADO.

SIMONE - (DEPOIS DE NOVA PAUSA) Sua mãe está aqui, Tarcísio, não ouviu?

ELVIRA - (CHORANDO) Meu filho!... Será que você está magoado comigo porque eu não vim logo? Primeiro não me deixaram entrar... depois eu não tinha coragem para vir sózinha... parecia-me que não teria forças para andar de casa até aqui e encontrá-lo preso. Você... você está bem, meu filho? Responda.

TARCÍSIO - Estou, mãe.

ELVIRA - Eu trouxe Simone comigo.

TARCÍSIO - Ela não devia ter vindo.

ELVIRA - Trouxe-a comigo, para que você lhe peça desculpas do que fez.

SIMONE - (IMPETU) Não, dona Elvira, por favor! Não foi para isto que vim. Vim trazer a Tarcísio uma palavra de consolo e a certeza de que, por mim, ele não estaria aqui, longe da senhora, sofrendo e fazendo-a sofrer.

ELVIRA - Como está você, meu filho? Diga. Tem sofrido muito, longe de sua casa?

TARCÍSIO - Estou bem, mãe. Não se aflija.

ELVIRA - O Padre Demétrio falou com o Delegado. Pediu por você. Ele prometeu.

TARCÍSIO - É... Ele já me disse que mais três ou quatro dias eu estarei em casa.

SIMONE - Graças a Deus! Tenho rezado tanto!... Você não me quer mal; não é Tarcísio.

TARCÍSIO - Que importa isso a você?

SIMONE - Muito, Tarcísio, creia. Quero bem a você. Desejo-lhe felicidades. Dona Elvira sabe que sou sincera.

ELVIRA - Sei, sim, minha filha. Ele também vai saber, um dia. Hoje está doído, entende? Quando a gente está assim, não atina bem com as coisas.



TARCISIO - Eu quero é socego, mãe. Eu preciso de socego que não tenho.

ELVIRA - Você vai ter, querido. Tenha paciência que você vai ter. Nós vamos rezar tanto por você... tanto... que Deus não terá outro remédio senão ou vir-nos.

TARCISIO - Rezar... Como se isso adiantasse alguma coisa...

ELVIRA - Por favor, meu filho! Não repita nunca mais o que está dizendo! Como há de querer que Deus lhe ajude, se não crê na única maneira que existe de nos comunicarmos com Ele?

SIMONE - Sabe que rezas não adiantam? Aquelas que rezamos apenas com os lábios, que não levam nada de nossas almas, ou de nossos corações. Estas não chegam a Deus. Mas aquelas que vêm com todo o calor do nosso coração, com toda a sinceridade de nossas almas... estas são recolhidas por nosso Pai Celeste e, em seu retorno, sempre nos trazem bênçãos.

ELVIRA - (DEPOIS DE PAUSA) Trouxe uns docinhos para você. E estes cigarros foi Simone que comprou. Disse que são os que você fuma.

TARCISIO - Não precisava. Tenho bastantes cigarros aí. Laila trouxe um pacote.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO.

SIMONE - (DEPOIS DE PAUSA) Não faz mal. Depois que você tiver fumado os de Laila, pode fumar esses. Eles não estragam.

ELVIRA - Doces também ela trouxe?

TARCISIO - Não. Trouxe sandwiches e refrigerantes. Está tudo ali na mesa. Quer dizer... tudo, não. O que eu ainda não comi.

ELVIRA - Esses docinhos que eu trouxe para você, são aqueles de leite que você gostava tanto. Não ficaram muito bons. Ando tão estontada, acho que errei na conta do assucar... Outro dia eu trago outros melhores.

TARCISIO - Não precisa se incomodar, mãe. São mais dois ou tres dias, só.

ELVIRA - Eu sei. Simone pediu ao Padre Demétrio que intercedesse por você.

TARCISIO - Mas não precisava. Se tivesse que ficar mais tempo, eu ficava. Não havia necessidade de incomodar ninguém.

SIMONE - Quem mais se incomodou fomos nós duas, imaginando o que você pudesse estar sofrendo.

TARCISIO - Você me surpreende com essa revelação. Não pensei que ainda pudesse se preocupar com o meu sofrimento. Não seria... remorso a causa da sua preocupação?

SIMONE - Não, porque eu não fiz nada de que pudesse sentir remorso. E agora eu vou sair, para deixá-lo a sós com sua mãe. Você deve ter muitas coisas a conversar com ela e eu não desejo atrapalhar. Espero-a lá fora, dona Elvira.



ELVIRA - Não precisa sair, minha filha. Não tenho nada que não possa dizer ao meu filho na ~~minha~~ sua frente.

SIMONE - A senhora não tem, mas não sabe si ele terá. Até amanhã, Tarcísio. Deus lhe dê uma noite boa e que lhe traga o socorro que você tanto ambiciona.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO.

ELVIRA - Meu filho, você nem respondeu agradecendo os votos da coitada... Você não está sendo justo, tratando-a dessa forma.

TARCÍSIO - Ela foi a culpada de tudo, não esqueça.

ELVIRA - Não, Tarcísio, ela não teve culpa de nada. Qual é a culpa que pode ter uma mulher, de que um homem se apaixone por ela não possa correspondê-lo? Absolutamente nenhuma. E Simone nunca enganou você. Desde a sua primeira investida que ela foi sincera, dizendo-lhe que não o amava. Portanto você não tem nenhum direito de se queixar dela.

TARCÍSIO - Está bem, mãe, eu não vou discutir com a senhora, mas se quer me dar algum prazer, vamos falar de outras coisas. Pode ser?

ELVIRA - Claro, meu filho. Que outra coisa eu posso falar que o interesse? (TOM) Ah, estou fazendo roupinhas de criança para a Loja Primavera. Dona Antonieta, quando soube do... (CORTA, DISPARÇA) bem... dona Antonieta foi na minha casa e insistiu muito comigo para que aceitasse o trabalho. Aceitei. Não podia recusar, é claro. Além de que preciso do dinheiro, é uma boa distração para mim. (TOM) Você está com sono, meu filho? Já bocejou três ou quatro vezes...

TARCÍSIO - É que eu tenho dormido pouco. Extranhei a cama. Acho que hoje sim, vou dormir bem porque estou com muito sono acumulado.

ELVIRA - Bem, meu filho, então eu vou porque assim, se você quiser, já pode deitar-se desde agora. Mas coma uns docinhos antes. Eles não estão muito bons, mas prometo que os outros sairão melhores. Amanhã eu volto, meu querido. Ou você prefere que eu não venha?

TARCÍSIO - Pode vir, mas...

ELVIRA - (DEPOIS DE PAUSA) Mas o que?

TARCÍSIO - Mas venha sózinha.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL.

ELVIRA - Está bem, meu filho. Até amanhã, então. (BEIJO)

TARCÍSIO - Até amanhã.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

EUDOXIA - não posso mandar ninguém entrar modo que o patrão deu bráde pra quem deixá ninguém entrar e si alguém entra eu dispois é que pago a mula roubada.



LAILA - Mas eu precisava tanto falar com ele! Tanto! Tinha um assunto tão importante e que interessa muito mais a ele do que a mim.

EUDOXIA - Pois é, mas eu num posso fazê nada. A senhora sabe... o patrão dá uma brinde, a empregada tem que comprar, num é mêmo?

LAILA - Se ao menos a senhora me dissesse a hora que ele costuma sair, eu viria aqui esperá-lo na estrada e lhe falaria.

EUDOXIA - Pois é, mas acontece que ele num tem uma hora certa de sai. Mais ante, entonce, ele nem saia, agora é que tá saindo mas dizê que é assim numa hora ditriminada a gente num pode, mode que hoje ele sai mais cedo, amanhã sai mais tarde, dispo de amanhã já num sai... a senhora vê que num dá pé da gente pudê fazê cálculo.

LAILA - Pois é... Ele hoje já saiu? não.

EUDOXIA - Num saiu, num senhora. Num faz munto tava lá sentado na mesa dele inscrevendo. Mas tombem di repente dá uma coisa nela e ele já se alivanta e sai.

LAILA - Pois essa é que é a minha esperança. Que dê essa coisa e ele saia. Ele não costuma vir aqui pelo jardim, não?

EUDOXIA - Custuma, sim senhora. Quagi todos os dia ele vem. Óia uma pranta... óia outra... mexe num gaio, corta outro que tá seco... Mas isso é quando dá na têia. Num é todo dia, não.

LAILA - (RÁPIDA) Escute, não é ele que vem vindo lá naquele caminho de junquinhos?

EUDOXIA - Adênde que eu óio e num tô vendo, moça?

LAILA - Lá, ó. Está com uma camiseta listrada de amarelo e branco, veja. Na direção do meu braço.

EUDOXIA - É ele, sim, intê que a senhora teve sorte. Si ele num vortá do meio do caminho é capais que chgue intê aqui.

LAILA - Eu vou me esconder aqui atrás do pilar do portão, porque si ele me vê é capaz de dar volta. A senhora cuide para mim. Ele continua vindo para cá?

EUDOXIA - Acuntina, sim senhora. E vem meio digero. Num dimora dois minuto tá aqui.

LAILA - Parece até que ele advinhou que eu tinha um assunto tão importante para falar-lhe.

RAPHAEL - (AFASTADO) Eudoxia, que estás fazendo no portão? Atendendo alguém?

LAILA - (meia voz) Não diga... não diga...

EUDOXIA - É sim sinhô, eu tava. Ela queria intrá pra falá com o sinhô mas eu num deixei.

RAPHAEL - (MAIS PERTO) E quem era? Tá conhecês?

LAILA - (COMO QUE SE APRESENTANDO) Sou eu, seu Rafael.

TÉC. ICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE DE GRANDE SUSTO.



RAFAEL - (DESAGRADADO) A senhora? Mas o que é que a senhora ainda quer, aqui na minha casa.

LAILA - Fazer-lhe um aviso muito importante.

TECNICA - EXPLOSAO MUSICAL FORTE, EMEADA COM CARACTERISTICA PARA FINAL DO CAPITULO

---



S O L I D A O

- novela de ERICO GRAMER -

212 CAPITULO

TECNICA - CARACTERISTICA MUSICAL DE ABERTURA

LAILA - Ele continua vindo para cá?

EUDOXIA - Acantina, sim senhora. E vem meio digero. Num demora dois minuto, tá aqu

LAILA - Parece, até, que ele adivinhou que eu tinha assunto tão importante para falar-lhe.

RAFAEL - (APASTADO) Eudoxia, que estás fazendo no portão? Atendendo alguém?

LAILA - (MEIA VOZ) Não diga... não diga...

EUDOXIA - É, sim sinhô, eu tava. Ela queria intrá pra falá com o sinhô, mas eu num deixei.

RAFAEL - (MAIS PERTO) E quem era ela? Tá conheces?

LAILA - (COMO QUE SE APRESENTANDO) Seu eu, seu Rafael.

TECNICA - VERGASTADA MUSICAL DE GRANDE SUSTO.

RAFAEL - (DESAGRADADO) A senhora?! Mas o que é que a senhora ainda quer, aqui na minha casa?

LAILA - Fazer-lhe um aviso muito importante.

RAFAEL - Dispense os seus avisos. Não preciso deles. Pode retirar-se.

LAILA - É pena. Porque o meu aviso era com referência a Simone.

TECNICA - VERGASTADA MUSICAL

LAILA - E o senhor ia ficar sabendo de uma coisa que ignora e que talvez fosse muito interessante saber.

RAFAEL - Estou farto de saber que a senhora mente, portanto o seu aviso poderia ser uma nova mentira.

LAILA - O que lhe vou dizer é muito fácil de verificar si é mentira ou verdade. Há várias pessoas que podem servir de testemunha e confirmar o que lhe vou dizer.

RAFAEL - Pessoas do seu estofó é que, naturalmente, fazem parte da sua gang.

LAILA - Pessoas que nem me conhecem. Soldados da guarda da cadeia. Eles viram Simone entrar lá, da mesma forma que viram a mim, para levar cigarros e docinhos ao seu amor encarcerado. E pergunte ao soldado que estava de guarda, na hora, que ele talvez conte ao senhor o que me contou. Que nunca viu tanto derrido. Que eram beijinhos, abraços e sorrisos, revelando uma felicidade que não tinha tamanho. Se estou mentindo, faço-o pela boca do soldado que me contou, mas acredito piamente, primeiro porque ele não



LAILA - (CONTINUAÇÃO) tinha necessidade de inventar coisas como esta e segundo porque não conhecia a nenhuma das duas e não tinha o menor interesse em agradar ou desagradar a uma ou a outra.

RAFAEL - E você tem o número desse guarda, para que eu possa investigar?

LAILA - Não tenho, mas não é preciso. Eles são poucos. Dois ou tres. Si não for o primeiro, será o segundo e se não for o segundo, só pode ser o terceiro.

RAFAEL - E era só isso que a senhora queria me comunicar?

LAILA - O senhor acha pouco?

RAFAEL - Não é questão de achar pouco, ou muito. É uma questão de não entender a sua intenção, porque afinal de contas eu não tenho nada com essa moça, ela também mal me conhece, não tem nenhum compromisso comigo e pode proceder, com relação aos outros, como bem entender.

LAILA - Ah, bem... o senhor não tem nada com ela? Então desculpe, eu não sabia. Mas ela falou tantas coisas lá no colégio... Bem que eu disse à servente que deveria ser gabolice, porque um rapaz como o senhor, nascido em bérço de cura, não ia perder seu tempo de propor casamento a uma pobretona que nem nome de família tem. Sim, porque eu também sou pobre, mas pelo menos minha família tem tradição. E a tradição, o senhor sabe tão bem como eu, nem o dinheiro compra.

RAFAEL - Minha senhora, eu preciso entrar que tenho uma carta começada e ela precisa ir hoje, ainda, para o correio. Lamento muito que tenha perdido o seu tempo, imaginando coisas que em realidade não existiam.

LAILA - Eu que lamento ter roubado o seu tempo, falando-lhe de um assunto que não o interessa, mas de qualquer maneira valeu o aviso. Ninguém sabe o que o coração pode determinar, amanhã ou depois, e assim o senhor já fica conhecendo bem essa garota, para não deixar que o coração se expanda com relação a ela, caso isso venha a acontecer, mais tarde.

RAFAEL - O coração tem razões que a razão desconhece, minha senhora. E si ele, por fortuna ou por desgraça - sei lá - se inclinasse por essa moça que a senhora reputa tão mal, ou por outra ainda pior, não valeriam os seus avisos, nem os do mundo inteiro. Ele haveria de fazer aquilo que tivesse vontade. E se a senhora já souu alguma vez na sua vida, há de saber que é assim. Com licença e passe bem.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM NA AREIA.

LAILA - (DEPOIS DE PAUSA) Pois sim! Só se eu não conhecesse os homens! Aposto a minha vida como atingi o alvo que desejava.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.



MARGOT - Estou muito triste, Glaucos. Muito triste de verdade. O que me fizeram, não tinham o direito de me fazer.

GLAUCO - Que foi que te fizeram, boneca? Conta para o teu conselheiro amoroso.

MARGOT - Eu fui visitar Tarcise na prisão e o senhor delegado não me deixou entrar.

GLAUCO - Eles não estavam deixando entrar ninguém, boneca. É por isto.

MARGOT - Estavam deixando, sim porque ele disse que tinha família lá e que eu não podia entrar. Ai eu disse para ele que então eu esperava e depois que a família soubesse eu entrava.

GLAUCO - E mesmo assim ele não deixou?

MARGOT - Não deixou. Disse que eu podia dar volta para casa porque ele não ia deixar eu entrar. Ai eu fiquei sangada e mandei pedir para falar com o delegado. Sabe o que ele me mandou dizer, Glaucos?

GLAUCO - O que foi, boneca?

MARGOT - Que ele tinha muita coisa para fazer e não podia perder tempo em conversar com vagabundos. Veja que horror, Glaucos!

GLAUCO - Ele não ia dizer isto, Margot. Não podia dizer. Eu conheço o delegado. Ele é um homem de educação e não ia maltratar você. Garanto como foi coisa do soldado. É algum que alguma vez quis entrar lá na sua casa, você não deixou e ele guardou a mágoa, agora aproveitou a ocasião de desrecaleou.

MARGOT - Você acha que o delegado não me dizia isto, ~~Glauco~~ Glaucos?

GLAUCO - Tenho certeza, Margot. Seu Venâncio é um homem de boa família, um homem que recebeu educação, não seria capaz de humilhar ninguém dessa forma. Ainda mais uma pessoa que foi lá, pacificamente, para praticar um ato de solidariedade humana. Eu vou indagar isso dele, mas desde já tenho certeza de que o negócio não foi assim. A história está mal contada. Você vai ver como foi coisa do guarda.

MARGOT - E tem outra coisa, ainda que eu não contei para você. Levei cigarros, bombons com licor, frutas e uns doces cristalizados. O guarda disse para mim que podia entregar para ele que ele levaria direitinho para Tarcise. Não levou. Desapareceu tudo.

GLAUCO - Como foi que você soube?

MARGOT - Otávio disse para mim que perguntou si ele tinha recebido e ele não tinha. Eu ainda dei uma gorgéte para aquele desgraçado levar tudo direitinho. Mas um dia eu encontro ele, deixe.

GLAUCO - Você está vendo? E assim como ele fez com o seu pacote, fez com o recado. Alterou tudo. Disse tudo diferente.



- MARGOT - Eu gostaria que você perguntasse parra ele se me mandou dizer aquelas coisas, porque eu fiquei muito magoada, sabe? Eu sou uma pessoa de bom coraçom... eu nom digo grosserrias parra ninguém. (TOM) Só quando brrigo, é claro. Quando brrigo eu xingo de verdade.
- GLAUCO - Eu sei, boneca, não preciso que você diga. Já lhe vi discutir umas duas vezes e nunca ouvi, na minha vida, uma torrente tão grande de palavras. Você os dizia em portuguez e repetia em francez, de formas que não parava. Era fogo e fogo. (TOM) Mas você pode ficar descansada que eu vou conversar com seu seu Venâncio e você vai ver como foi diferente.
- MARGOT - E fala com êle, tambem, parra ver si êle me deixa eu ir visitar Tereise. Tinha tanta vontade! Ele vai pensar que eu me esqueci, coitado.
- GLAUCO - Não pensa, não. Eu falo com êle e digo que você esteve lá, mas que não lhe deixaram entrar.
- MARGOT - E diz que eu levei e isas boas, mas que aqueles bandidos roubarrom.
- GLAUCO - Está bem, eu digo. Pode estar descansada. Acho que hoje de tarde vou lá outra vez.
- MARGOT - E pergunta parra o delegado, se eu posso ir com você. Ai você me esperra na porte e eu entro junto com você. Certo?
- GLAUCO - Está, boneca. Logo de noite eu venho aqui e já digo qualquer coisa para você. Mas não fique triste, não porque eu tenho certeza de que aquela história de chamar você de vagabunda foi coisa do soldado.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

- DEMÉTRIO - Dona Elvira, posso entrar? É o Padre Demétrio que está aqui.
- ELVIRA - (Segundo plano) Entre Padre Demétrio. O senhor é sempre bemvindo.
- C/REGRA - PORTA QUE SE FECHA. ALGUNS PASSOS DE HOMEM E PASSOS DE ELVIRA QUE SE ABREXINA.
- ELVIRA - Sua bênção, padre. Como vai o senhor?
- DEMÉTRIO - Deus te abençõe, filha. Eu vou sempre bem porque ando sempre com Deus.
- ELVIRA - Ah, isto é verdade. Quem anda com Deus, anda sempre bem. Alguma novidade?
- DEMÉTRIO - Sim, minha filha. Mas sento-se. É um momento só. Eu não vou demorar porque, além dos meus afazeres, sei que você está costurando outra vez e que tem muito serviço.
- ELVIRA - É verdade, sim, Padre. Deus ajuda.

DEMÉTRIO - Pois bem... eu vim aqui para lhe dar um recado do delegado Venâncio.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.



DEMETRIO - Pois bem, eu vim aqui para lhe dar um recado do delegado Venâncio.

ELVIRA - Sim senhor. É sobre o meu filho, não é? Só pode ser, é claro.

DEMETRIO - Sim, sim, é sobre o seu filho. Ele mandou avisar à senhora que depois de amanhã Tarcísio será libertado.

TÉCNICA - ACORDE MUSICAL DE GRANDE ALEGRIA.

ELVIRA - (DESATA A CHORAR COPIOSAMENTE) Meu filho!... Meu filho!...

DEMETRIO - Óra vamos... que é isso?! Então eu me apresso em vir dar-lhe uma notícia boa e a senhora desata a chorar como se o houvesse perdido para sempre? Não, não, nada disto... não é motivo para chorar... é motivo para ficar alegre... para rir...

ELVIRA - (CHORANDO) Eu sei, Padre... eu sei... É que os meus nervos estão à flor da pele, compreende? Eu precisava desabafar. Precisava chorar assim como estou chorando, senão meu coração explodia. Meu filho é bom, padre. É trabalhador, é honesto, é esrihoso comigo...

DEMETRIO - Eu sei e todo mundo sabe. Por isso mesmo ele foi libertado, senão ficaria lá preso muitos ~~seis~~ meses. A senhora vê que amanhã faz uma semana.

ELVIRA - Eu pedi tanto a Deus... fiz tantas promessas... Coitado do meu filho!...

DEMETRIO - Vamos ter que fazer agora, todos juntos, é um trabalho para que ele abandone a bebida de vez. Tudo aquilo aconteceu porque ele estava bebido.

ELVIRA - Pois é, padre, eu sei. Foi a malita bebida! Será que ele vai ficar com essa desgraçada herança do pai?

DEMETRIO - Temos que nos empenhar a fundo, numa campanha, para que isto não aconteça.

ELVIRA - É uma pena que Simone não possa gostar dele. Ela o salvaria, tenho certeza.

DEMETRIO - Pois é, mas não se tem o direito de exigir de ninguém, por mais amigo que seja, o sacrifício de um coração. Isso é uma coisa muito séria.

ELVIRA - Eu sei, Padre e douração a Simone. Lamento, apenas e assim mesmo nunca perto dela. Simone é tão boa que poderia comover-se, entende?

DEMETRIO - Entendo sim. Simone seria mesmo capaz de uma renúncia para salvar alguém mas quem nos diz que salvando esse alguém ela não se perderia? Bem, mas o aviso fica feito e eu vou andando que tenho várias visitas a paróquia nos, ainda na parte da manhã. Vou fazer empenho de estar aqui com a senhora, na hora de Tarcísio chegar.

ELVIRA - Isto mesmo, padre, venha. Venha esperá-lo aqui. Não sabe si ele vem de manhã? Eu prepararia um almoçinho e o senhor viria almoçar comigo. Seria uma boa oportunidade para conversar com ele.

DEMETRIO - Eu não sei, mas vou indagar e lhe aviso antes da noite. Que Deus fique contigo, minha filha.



ELVIRA - E vá com o senhor também, Padre Demétrio.

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL

SARAH - Trago-lhes uma notícia que vai causar-lhes grande alegria: Tarcísio vai ser solto amanhã.

TECNICA - ACORDE MUSICAL QUE REFLITA ALEGRIA.

ANGELA - É mesmo?!...

SIMONE - (QUASI JULTO) Que bom!... Como foi que a senhora soube, dona Sarah?

SARAH - Padêi com o mano, agora mesmo, e ele me disse. Parece, até, que ele vai almoçar amanhã com dona Elvira e Tarcísio.

ANGELA - Eu estou contente, porque a gente tem que estar, mas no mesmo tempo vou ficar novamente preocupada.

SARAH - Foi exatamente o que eu disse ao mano. Ele sãc, não haverá perigo, mas se tornar a beber... não sei, não.

ANGELA - Bem... se as coisas não correrem como devem... o remédio é a gente sair daqui para qualquer outro lugar. Mudar de pouso, como se diz.

SIMONE - Eu creio que não será preciso, mããe. É pena que Laila tenha conseguido se aproximar dele. Ela sempre consegue influenciá-lo e isso é mau.

SARAH - O que dona Ângela pode fazer é falar com o delegado, particularmente, e pedir-lhe garantias.

ANGELA - Uma boa ideia, dona Sarah. É isto mesmo o que vou fazer.

SIMONE - Eu penso que não haverá necessidade. Vamos esperar um pouso, para ver como ele se comporta. Depois... conforme o rumo que as coisas tomarem... a senhora então toma essa providência. Talvez não seja precisa.

SARAH - Nada disso, menina. Então dona Ângela vai esperar que arrombem as portas para depois botar traças de ferro? Não senhora. Tem que, justamente, prevenir-se para que as portas não sejam arrombadas.

ANGELA - É claro. Por isso existe aquele ditado: mais vale prevenir do que remediar. Simone tem muito boa fé com tudo e com todos, mas não é bom ser-se assim, não. Ela mesma já viu.

SARAH - O ruim sabe o que é? Aquelas vitoras lá do Grupo Escolar. Elas é que fazem todo esse movimento com as conversas fiadas e as fofocas. Se a gente pudesse pedir a remoção das duas aqui da vila para qualquer lugar, tudo seria muito melhor. Mas para se fazer um pedido dessa natureza será necessário que toda a congregação esteja de acordo e sempre existe uma que acha que não podemos valer-nos do nosso prestígio para fazer mal a alguem.

ANGELA - Mas esse mal é feito a uma pessoa que vive fazendo mal a muitas.

SARAH - Foi precisamente o que eu disse, na primeira conversa que tivemos a respeito.



SIMONE - Bem, eu também acho que não se deve fazer nada contra elas. Um dia elas terão que prestar contas a Deus e isto é suficiente.

ANGELA - Sim, um dia. Mas até que chegue esse dia, elas vão pintando e bordando e a gente, aqui, sofrendo as consequências. Não, minha filha, não pode ser assim. A gente tem que tratar de se defender, porque se vai dar vantagem ao inimigo, acaba sossobrando.

SARAH - Eu também penso como a senhora, mas Simone pensa exatamente como o mano. Deixar que Deus cobre as contas de cada um. Eu acho muito bonito, mas não posso ser assim.

SIMONE - Bem, mãe, Padre Demétrio deve estar à minha espera, para escolher as tijoletas da cozinha e eu tenho que ir imediatamente.

ANGELA - Vá, então, minha filha, e que Deus a acompanhe. (BEIJO)

SIMONE - Até logo, dona Sarah.

SARAH - Até logo, Simone. Não deixe de vir para o jantar, que eu tenho um pratinho especial hoje.

C/REGRA - PASSOS DE SIMONE SE APASTALDO. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 23 PLANO

SIMONE - (APASTALDO-SE) Não deixo, não. Às sete horas estou aqui.

SARAH - Que menina boa, dona Angela. A senhora deve ter orgulho da filha que tem. E Deus não pode deixar de fazer com que ela seja muito e muito feliz!

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL

EUDOXIA - ~~xxx~~ O sinhô tenha a bondade de se assentá, padre, que o patrão num dimora nada atendê o sinhô. Ele tá trimitando de tomá banho e disse que já vem.

DEMÉTRIO - Eu deveria ter mandado avisá-lo com antecedência, para que ele pudesse estar à minha espera, mas é tanta coisa que eu tenho para fazer num dia só que muitas vezes acabo esquecendo a metade.

EUDOXIA - Ah, deve de tê, nêmo. A gente passa lá confronte a igreja, sempre tem gente entrando ou saindo na sua casa. Só falá um mucudiho com cada um, já é tempo que o sinhô gaste. E ajunta tudo, dá um tempão que nem tem tamanho. A gente sabe que num é mole, não. Das vez as pessoa diz que o Padre tem boa vida. Vai sê padre, pra ti vê.

DEMÉTRIO - Todas as pessoas que querem trabalhar, Eudoxia, têm bastante trabalho. Você mesma. Quanta coisa não faz no decorrer de todo um dia?

EUDOXIA - Nossa Senhora! Eu lavo, eu passo, eu cosinho, eu arrumo as roupa do seu Rafaé, alimpo os sapato, atendo a porta da rua, vô buscá compra na rua... tudo isso eu faço, sim sinhô.

DEMÉTRIO - Então? Já é muito trabalho para a sua idade. Você já devia estar aposentada. Ganhando sem fazer nada.



EUDOXIA - Deus me livre e guarde, seu Padre! Si eu ficasse sem fazê nada, eu murria. Eu faço praquê eu quero. O serviço é memo da Liapordina, mas ela sólita num dá conta, eu ajuô.

C/REGRA - PASSOS DE RAFAEL QUE SE APROXIMA.

EUDOXIA - Ôia, o patrão já vem vindo aí e eu vou embora pra sunceis acunversá de reito. Sua bênça, padre.

DEMETRIO - Que Deus te abençõe, Eudoxia.

C/REGRA - PASSOS QUE SE APASTAM, ARRASTADOS.

DEMETRIO - Olê, meu amigo fujão! Que houve que você deixou de aparecer, repentinamente? Aborreceu-se comigo por qualquer coisa?

RAFAEL - Não senhor, Padre. Absolutamente. Por que havia de me aborrêcer com o senhor? O senhor não me fez nada...

DEMETRIO - Bem... às vezes, sem querer, a gente desgosta as pessoas, elas ficam na goada e a gente não fica sabendo por que. Muitas vezes, coisas que se fez inocentemente, sem qualquer intenção...

RAFAEL - Não, Padre, não houve nada disto. Pode estar descomsado.

DEMETRIO - Bem... mas se você não se aborreceu comigo, com alguém você se aborreceu porque já faz vários dias que não nos dá o ar da sua graça. E ultimamente tivemos sempre a sua visita de interesse pelas nossas obras. Por que deixou de ir?

RAFAEL - Por nada... é que... é que ultimamente eu... eu tenho tido mais serviço por aqui, entende? E sempre que tenho mais serviço eu saio menos.

DEMETRIO - Não, não, você não está sendo sincero, Rafael. Eu quero a verdade e você não vai deixar de me dizer.

RAFAEL - Mas por que há de haver alguma coisa, si eu afirmo ao senhor que não há nada? Eu estou lendo o guia do veterinário e isto me rouba quasi todas as horas da manhã. De tarde o senhor sabe que eu sesteio até às tres... tres e meia... levanta... toma banho... veste... quando a gente vai para sair é quasi noite. É isto apenas o que está acontecendo, nada mais.

DEMETRIO - Pois bem, se você não me disser a razão da sua ausência, eu vou dizer-lhe a você e quero ver se você vai ter coragem de negar para mim. Eu sou um homem acostumado a confissões, não esqueça. Meu trabalho principal, depois do sacrificio da missa é este. Quer que lhe diga o motivo porque você se ausentou de nós?

RAFAEL - Não é preciso, Padre. Eu vou lhe dizer.

TÊGLICA - EXPLOÇÃO MUSICAL, FULDE COM CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA R. CERRAMELTO DO CAPÍTULO.



S O L I D A O

- novela de Érico Cramer -

22º CAPÍTULO

TEC. ICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

DEMETRIO - Rafael, eu quero a verdade e você não vai deixar de me dizer.

RAPHAEL - Mas porque há de haver alguma coisa, si eu afirmo ao senhor que não há nada? Eu estou lendo o guia do veterinário, e isto me rouba quasi todas as horas da manhã. De tarde o senhor sabe que eu sesteio até às tres... tres e meia... levanta... toma banho... veste... quando a gente vai para sair é quasi noite. É isto, apenas, o que está acontecendo, nada mais.

DEMETRIO - Pois bem, se você não me disser a razão da sua ausência, eu vou dizê-la a você e quero ver se você vai ter a coragem de negar para mim. Eu sou um homem acostumado a confissões, não esqueça. Meu trabalho principal, depois do sacrificio da missa, é este. Quer que lhe diga o motivo por que você se ausentou de nós?

RAPHAEL - Não é preciso, padre. Eu vou lhe dizer. Já que mostra tão sincero empenho... eu já fui pivot de duas questões com a pequena, não quero ser da terceira. É desagradável, para um rapaz que se preza, estar sendo motivo para rixas e complicações.

DEMETRIO - Escute, Rafael, você me confessou que gosta da pequena. Se gosta, realmente, há de sonhar em casar-se com ela. É natural. Mas para casar você terá que despertar o amor dela também e a única maneira de você conseguir isto, é chegando-se a ela e conquistando-a. Se você se afasta, se pulta o seu ideal.

RAPHAEL - Mas acontece que as informações que tenho <sup>de</sup> que ela gosta muito do rapaz que foi preso por causa dela. O da oficina mecânica.

DEMETRIO - Não é verdade. Ela gosta dele, sim, mas como um amigo e um moço gentil, que ele foi, acomodando à ela e à mãe em sua casa, quando não havia lugar em parte alguma, na vila. Mas daí a gostar para casar, você sabe que vai uma diferença muito grande.

RAPHAEL - Mas se até me disseram que ela foi à cadeia visitá-lo e se empenhou ao máximo, com o delegado, para que ele fosse solto.

DEMETRIO - Também é verdade, mas pelo mesmo motivo anterior que citei a você.

RAPHAEL - Contaram-me que os guardas todos viram o derriço dela com ele, lá.

DEMETRIO - Pai de Misericórdia, que infâmia!... Como pode, alguém, chegar a esse ponto de maldade?!... A moça nem foi só, foi com a mãe dele. E digo-lhe mais: foi maltratada por ele que recusou, brutalmente quasi, de eu



PADRE - (CONTINUAÇÃO) gesto fraternal. Você ainda não conhece bem Simone, mas eu a conheço. Inda que morresse de amores por êle, é pudica demais para se parar de derriços na frente dos outros.

RAFAEL - Pois a pessoa que me contou, inda me disse que eu podia perguntar a qual quer um dos guardas que êles confirmariam.

PADRE - Disse, porque sabia que você não seria capaz de cometer essa baixeza. Só por isso disse, pode estar certo. Si ela soubesse que você ia mesmo, não dizia. Rafael, você se cuide contra os mexericos. Vila Verde está dentro de Lagoa Parada e Lagoa Parada, como toda vilarejo que se preza, é um ninho de conversas e dis que dizque. Compreende-se, fãcilmente. A vida é calma de mais e há temperamentos que exigem movimento. Não creia no que lhe disseram, Rafael. Não jogue fora a sua provável felicidade, apenas porque alguém, que não tinha o que fazer, inventou uma mentira qualquer. Observe. Você é um rapaz inteligente. Mas não observe de longe que a distância às vezes nos confunde. Aproxime-se e observe de perto. E observando você vai se convencer que aquilo que lhe disseram não tem nenhuma razão de ser.

#### TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

SARAH - O que eu fui capaz de deduzir, de todas as coisas que êle disse ao mano, é que está enciumado de Tarcísio. Você já viu qua coisa mais boba?

SIMONE - Mas ninguém sente ciúme por nada, dona Sarah. Com certeza andaram metendo coisas na cabeça dele.

ANGELA - E sabe lá que coisas. Nós já vimos que aqui há gente para tudo, dona Sarah.

SARAH - Aqui e em toda parte. É o mundo deixarã de ser mundo quando isto não houver seja lá em que cidade fôr.

SIMONE - Claro. Gente má e intrigante existe em toda parte. Mãe não estava habituada a isto porque lá, onde residíamos, eramos muito estimadas por todos e nunca houve nenhum comentário que nos atingisse. Aqui é diferente... somos novas, ninguém nos conhece e cada um pensa do outro o que bem entende. Alguem não simpatizou com a nossa cara e quer nos ver pelas costas.

SARAH - Alguem que nós sabemos quem é, mas que, se Deus quizer, não há de conseguir, o que deseja.

SIMONE - Mas afinal o que disse mais o Padre Demétrio sobre seu Rafael? Falou-lhe que eu não tenho nada com Tarcísio?

SARAH - Claro. Disse-lhe, direitinho, as coisas como são e aconselhou-o a observar os seus movimentos todos, para se convencer de que o que lhe disseram é um inverdade.



ANGELA - Mas afinal porque essa atitude de seu Rafael, com referência à Simone é que eu não estou compreendendo.

SIMONE - Por delicadeza, mãe. Com certeza o coitado, como já se viu envolvido em dois comentários comigo, para não acontecer que surja um terceiro que possa me prejudicar, opinou pelo afastamento.

SARAH - Eu não acho isto, não. A minha opinião, a respeito do assunto, é bem diferente da sua, Simone. Eu já vejo as coisas com outros olhos.

ANGELA - O que é que a senhora acha, dona Sarah?

SARAH - O que todo mundo acha, menos Simone. Que êle está gostando dela e como imagina que ela goste de Tarcísio, para não levar a pior, na luta, se retira.

SIMONE - Qual o que, dona Sarah! Se um homem como seu Rafael, que pode ir na cidade buscar a moça mais fina e educada, sabendo que será aceito, vai querer alguma coisa, a sério, com uma pobre professorinha de alfeia.

SARAH - Uê! A gente não vê isso todo o dia? E pelo mundo todo. Até reis casando com plebeus. O coração não tem dessa coisa, não. Casta, fortuna, beleza e muitas vezes até a própria moral, ele despreza. Se não fôsse assim a gente não via uma quantidade de mulheres de vida fácil, casando com homens de nome e até de fortuna. É ou não é, dona Angela?

ANGELA - É verdade, sim. Eu mesma conheci uma lá onde morávamos antes.

SARAH - Pois então? Portanto, minha filha, não fique aí pensando que não é possível seu Rafael gostar de você porque é. Ele pode não gostar, mas possível é.

SIMONE - Para ser bem franca à senhora, devo dizer-lhe que o meu interesse por êle, até agora, teve dois motivos: primeiro interessá-lo na minha obra, para que eu pudesse ter maior probabilidade de realizá-la e segundo pela pena que me causava a sua solidão, principalmente por saber que ela tinha como causa a sua profunda revolta. Imaginava que ele deveria sofrer muito e tinha vontade de ajudá-lo. O resto devo confessar que, para mim, é completamente indiferente.

ANGELA - Bem, eu penso que estamos na hora de fazer o nosso lunch da tarde. São quasi seis horas, pelo meu relógio. A senhora está servida de fazer lunch conosco, dona Sarah?

SARAH - Não, obrigada. Eu ainda vou comparecer na missa das seis, não posso comer nada antes.

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL.



LAILA - Via mais tarde do que de costume, porque fui informada que você sairia hoje e resolvi esperar para sair com você.

TARCISIO- Obrigado pela intenção, mas prefiro sair sózinho.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FONTE.

LAILA - O que?! Você prefere sair sózinho, Tarcísio?! Recusa, então, a minha companhia? Não esperava isto, francamente...

TARCISIO- Não é a sua companhia que eu recuso. É a de qualquer um. Prefiro sair sózinho. Mesmo porque, ao sair, não penso em ir diretamente para casa. Quero me sentar, sózinho, no banco de um jardim e pensar. Depois de haver pensado muito é que talvez vá para casa. Ainda não sei.

LAILA - Tarcísio, seja sincero. Você não quer a minha companhia porque alimenta uma esperança, não é verdade?

TARCISIO- Esperança de que?

LAILA - Óra, Tarcísio! Não me faça duvidar, agora, de uma franqueza que eu sempre apreciei em você. Você acha que eu sou alguma tola que não perceba o que se passa no seu íntimo? Eu vejo tudo, Tarcísio. Eu sinto tudo. Mas propriamente sinto do que vejo.

TARCISIO- Pois eu, ao contrário de você, não vejo nada. As coisas estão acontecendo à minha volta e se não chamam a minha atenção para elas, passam despercebidas porque nem sequer as noto. Qual é a esperança que você acha que eu possa ter?

LAILA - Você quer mesmo que eu lhe diga?

TARCISIO- Claro. Se lhe pergunto, é porque desejo saber.

LAILA - Você tem esperança que Simone venha buscá-lo, para fazer o que eu quero fazer e você recusa. É ou não é?

TARCISIO  
~~XXXXXX~~ - Se você visse a maneira como a tratei na primeira e única visita que me fez, saberia que o seu amor próprio não a deixaria voltar nunca mais.

LAILA - Sua saída estava marcada para as sete horas. Já passaram quasi dez minutos. Será que estão esperando que eu saia, para libertá-lo?

TARCISIO- Não. É que eu não posso sair sem o delegado chegar e assinar o termo da minha libertação e o delegado talvez demore. Foi a Cancellaria grande. Se ele voltar muito tarde, talvez já vá direto para casa e aí só amanhã, depois das duas horas é que eu poderei sair.

LAILA - Bem... em todo caso, como você não quer a minha companhia e já está começando a escurecer, eu volto para o Grupo. Amanhã darei um jeito de vê-lo... aqui... na oficina... no bar... ou na sua casa, se você achar que



LAILA - (CONTINUAÇÃO) eu posso ir lá. Que me diz?

TARCISIO - Depois veremos isto.

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL

SIMONE - Eu não cheguei a ir lá porque fiquei sabendo que a sua saída tinha sido transferida para hoje às quatro horas. A senhora vai buscá-lo?

ELVIRA - Não, minha filha, não vou. Vai ser uma emoção muito forte para mim e o meu coração não anda lá muito bem. Eu preciso poupá-lo.

SIMONE - Eu gostaria de ir, principalmente agora, que sei que a senhora não vai, mas não sei se dona Tereza me permitirá sair uma hora mais cedo.

ELVIRA - Eu também gostaria que você fosse, minha filha. Veja se arranja essa saída

SIMONE - Eu vou tentar, sim, mas dona Tereza não é pessoa de ter boa vontade com ninguém. Tenho receio de que ela me diga um "não" e se isto acontecer... não poderei insistir. (PAUSA) Ele talvez fique triste se, ao sair, não encontrar ninguém.

ELVIRA - Com certeza, mas eu tenho medo de ir, você sabe? Prefiro esperá-lo em casa. Vou dar ponto no doce de leite, que ele gosta e preparar um jantarsinho m'hor. Eu tenho esperança que você consiga ir até lá.

SIMONE - Pois eu não tenho nenhuma. Vou tentar, mas dona Tereza não é mole, não.

ELVIRA - E se você não conseguir licença, como vai ser?

SIMONE - Pois não sei... (PAUSA) Espere! Tive uma ideia. De qualquer maneira, pedi rei ao Padre Demétrio que vá buscá-lo.

ELVIRA - É uma boa ideia. Mas será que ele pode?

SIMONE - Mesmo que não possa, ele dará um jeito. Ele vai sim. Falarei com ele ao meio dia.

ELVIRA - Obrigada, minha filha. Eu fico contente por ver que continuo contando com você, apesar de todas as coisas más que aconteceram por culpa de meu filho.

SIMONE - Não falemos mais dessas coisas, dona Elvira. Vamos tratar de esquecer-las. Águas passadas não movem moínhos, como dizia, com muito acerto, minha avó.

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL

LAILA - A senhora reparou como ela está inquieta hoje e nervosa?

TEREZA - Por que?

LAILA - Porque é o dia da saída de Tarcísio da cadeia. Aposto a minha vida como ela vai esperá-lo.

TEREZA - A que horas ele sai?

LAILA - Às dezesseis horas.



TEREZA - Mas então ela não vai. Trabalha até às dezeseite.

LAILA - Mas com certeza vai pedir para sair mais cedo. Quer apostar?

TEREZA - Não adianta. Pode pedir que eu não deixo. E quero ver ela sair sem a minha licença. Até gostava que ela fizesse isto, porque então eu teria motivos de sobra para apresentar ao Ministro e removê-la daqui.

LAILA - Disto a senhora perca a esperança, porque a cotação dela com o Padre, garante-lhe a permanência. É muito mais fácil uma de nós sair do que ela.

TEREZA - Mas essa sopa não há de durar a vida toda e eu sei esperar.

LAILA - (BAIXA O TOM) Ai venha ela. Eu não lhe disse que ia pedir? Vamo ver.

C/REGRA - PASSOS DE SIMONE QUE SE APROXIMAM.

SIMONE - Dá licença, dona Tereza? Boa tarde. (PAUSA E SILENCIO. ALGUÉM RESPONDEU)  
Dona Tereza, eu precisava que a senhora me permitisse sair uma hora mais cedo, hoje. Seria possível?

TEREZA - E os alunos? Você acha que eu posso soltá-los também mais cedo? Não fica bem. Diganos que o inspector chegasse e visse a aula vazia...

SIMONE - Bem... tem uma das meninas... a Clarice... que às vezes me ajuda. Ela é a mais velha da aula, tem quatorze anos e é também a mais adiantada. Poderia ficar passando lições para elas e assim passariam ocupados o tempo integral. Falei com Joana, ela não se importaria de vigiá-los...

TEREZA - Não, não, nada disto. O melhor é que você fique no seu lugar e se ocupe, pessoalmente, dos seus alunos. Além disto, Laila já estava aqui, fazendo o mesmo pedido, eu já lhe tinha dado a minha permissão, não posso dispensar as duas no mesmo dia.

SIMONE - Ah, bem, desculpe. Eu não sabia desse pormenor. Com licença.

C/REGRA - PASSOS DE SIMONE QUE SE AFASTAM E SE PERDEM.

LAILA - Que licença foi essa que a senhora me deu, na última hora? Eu não lhe pedi licença nenhuma...

TEREZA - Eu sei, mas fiz isto só para atucaná-la. Ela, com certeza, está esperando que você vá esperar o Tarcísio e é isto que eu quero mesmo que ela pense!

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

DELEGADO - Que manda, Padre? Vá entrando que o senhor está em casa.

C/REGRA - PASSOS DE DEMETRIO QUE SE APROXIMA.

DEMETRIO - (CHEGANDO) Pois eu passei por aqui para esperar o meu amigo Tarcísio que -segundo informações que tive - vai sair dentro de quinze ou vinte minutos, não é verdade?

DELEGADO - É, sim senhor, mas se o senhor veio buscá-lo, ele pode sair agora mesmo.

DEMETRIO - Não, não... eu posso esperar, não há problema.



DELEGADO - O senhor não pode esperar, não, que eu sei que o senhor é um homem muito ocupado. Aposto como ainda tem quatro ou cinco coisas para fazer, até à hora do seu jantar; não é assim?

DEMETRIO - Talvez mais. Deixe ver... Tenho que passar em casa de dona Rosa, para saber notícias do seu Elpidio que está doente... tenho que passar na papelaria, antes das seis, para encomendar uns santinhos de comunhão... tenho que redigir uma notinha para o nosso semanário sobre o próximo feriado religioso... tenho que ir na dona Nínia e depois na dona Carola, para acertar uma reunião da congregação...

DELEGADO - Só aí já estão cinco coisas. Há mais, ainda?

DEMETRIO - Vou passar no bazar, também antes que feche, para escolher uns castiçais que a dona Ermelinda vai doar ao altar de Santa Rita... e buscar um livro que o seu Epaninondas vai me emprestar e que eu quero ver se leio ainda na noite de hoje.

DELEGADO - Pois então? E o senhor ainda quer esperar até às quatro? Não senhor. Não vai ser por sair quinze minutos antes da prisão que o castigo de Tarcisio vai ficar menor. (ALTO) Quarenta e um... vai buscar o preso da cela três.

#### TÉCNICA -PASSAGEM MUSICAL

SARAH - E então? Como foi que o moço a recebeu?

SIMONE - Não fui lá, dona Sarah. Não pude ir. Dona Teresa não me deixou sair mais cedo. Disse que Laila já havia pedido antes e que ela não podia dispensar as duas no mesmo dia.

SARAH - Será que Laila foi? Ela, de repente, deu para se fazer amiga dele...

SIMONE - Não sei se terá ido, mas depois eu vou saber direitinho pelo Padre Demétrio.

SARAH// - Ah, o mano foi?

SIMONE - Eu pedi que ele fosse, já calculando que dona Teresa não me deixaria.

SARAH - E com certeza a mãe também foi.

SIMONE - Não, dona Elvira não ia. Justamente por isto, eu estava mais empenhada em ir. Para que ele tivesse uma pessoa à sua espera e não se sentisse tão só. Ele deve ter ido. Pelo menos me prometeu.

SARAH - Ah, então não tenha dúvida que foi. O mano quando promete, cumpre, nem que lhe custe o melhor trabalho do mundo.

SIMONE - Coitadão de dona Elvira. Ele me disse que não ia porque achava que o seu coração não resistiria.

SARAH - Não resistiria à alegria de ver o filho solto, ou à vergonha de o ver sair de uma prisão?



SIMONÉ - Não, não... acho que à alegria, porque ela já tinha ido lá visitá-lo...  
É além disto, ela queria também fazer um doce de leite que ele gosta e  
melhorar o jantar, para esperá-lo.

SARAH - Pobre dona Elvira! Como deve ter sofrido! Ela que sempre teve tanto orgu-  
lho daquele filho!... É... bem se diz que ser mãe é padecer num paraíso.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

DEMETRIO - Veja, dona Elvira: trago-lhe o seu filho de volta.

ELVIRA - (GORGARDO) Meu filho!... Que bom!... Louvado seja Deus!... (BELJOS) Fiz  
um jantar para esperá-lo e Padre Demétrio vai jantar também conosco.  
Fiz os bifés enrolados, como molho de cebola, como você gosta... fiz o  
arroz de forno... e o doce de leite.

TARCISIO - (TRISTONHO) Fez um banquete, mãe.

ELVIRA - Não é um banquete, mas é o melhor que eu pude fazer para você, meu fi-  
lho. Você quer tomar um banho, antes do jantar?

TARCISIO - Não é preciso, mãe. Eu tomei, na hora de sair, lá na... lá no hotel.  
Vou só olhar o meu quarto e já volto. Sente-se padre.

DEMETRIO - Obrigado. Não se preocupe comigo, não.

C/REGRA - PASSOS DE TARCISIO QUE SE AFASTAM.

ELVIRA - (PAUSA) Ele não está alegre por voltar. O senhor reparou, Padre? Pelo  
contrário. Está calado... tristinho...

DEMETRIO - O impacto que a prisão lhe causou foi muito grande e ele ainda não con-  
seguiu vir à tona. Mas isso passa. É só uma questão de tempo. Ah, e não  
se deve falar mais em prisão para que o fato seja esquecido.

ELVIRA - (TRISTONHA) Está diferente o meu filho... Muito diferente...

DEMETRIO - É natural, dona Elvira. Ele vai voltar ao que era. Pode ficar desconsolada

C/REGRA - BATIDAS NA PORTA, AFASTADA.

ELVIRA - Com licença, padre, que eu vou ver quem é.

DEMETRIO - À vontade, dona Elvira. Não faça cerimônia comigo.

C/REGRA - PASSOS DE DONA ELVIRA SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE EM SEGNLADO PLANO.  
PASSOS DE TARCISIO QUE VOLTA.

TARCISIO - Onde está mãe?

DEMETRIO - Foi atender à porta. Chegou alguém aí. Mas sente-se, vamos conversar.  
É bom voltar para a casa, quando se esteve ausente alguns dias, não é?

TARCISIO - Não sei, padre... eu... eu ainda não me senti... parece que não sou eu  
... parece que mudei... sei lá.

C/REGRA - PASSOS DE DONA ELVIRA QUE SE APROXIMAM.



DEMETRIO - Isto é natural... isto acontece. Aos poucos você irá voltando à tona e tornará a se sentir como antes.

ELVIRA - Meu filho, Laila está aí. Quer vê-lo.

TECNICA - VERGASTADA MUSICAL.

DEMETRIO - Laila?!...

TARCISIO - Laila?!...

ELVIRA - Sim. Está lá na sala. Disse que quer vê-lo.

TECNICA - CARACTERISTICA MUSICAL FORTE, PARA ENCERRAMENTO DO PROGRAMA.

---



S O L I D I O

- novela de Érico Cramer -

23º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

TARCÍSIO - Onde está mãe?

DEMETRIO - Foi atender a porta. Chegou alguém aí. Mas sente-se, vamos conversar. É bom voltar para casa quando se esteve ausente alguns dias, não é?

TARCÍSIO - Não sei, padre... eu... eu ainda não me sentá... parece que não sou eu... parece que mudei... sei lá.

C/REGRA - PASSOS DE DONA ELVIRA QUE SE APROXIMAM

DEMETRIO - Isto é natural... isto acontece. Aos poucos você irá voltando à tone e tornará a se sentir como antes.

ELVIRA - Meu filho, Laila está aí. Quer vê-lo.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL

DEMETRIO - Laila?!...

TARCÍSIO - (ENCIMA) Laila?!...

ELVIRA - Sim. Está lá na sala. Disse que quer vê-lo.

TARCÍSIO - Mas eu não quero recebê-la.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL

ELVIRA - Mas meu filho, você não pode fazer uma coisa destas!

TARCÍSIO - Não quero recebê-la, mãe. Já disse.

ELVIRA - Meu filho, você se esquece que ela foi tão delicada com você, lá na... (CORRIGE) Lá onde você estava? Levou-lhe doces, sanduíches, cigarros...

TARCÍSIO - Não lhe pedi nada e teria preferido que ela nem fosse lá.

ELVIRA - Pois é, mas ela foi. Teve um gesto de solidariedade com você. Padre Demétrio, por favor, diga ao Tarcísio que ele precisa receber a visita da moça. Que ele não pode fazer uma grosseria dessas...

DEMETRIO - É, Tarcísio, vá. Por um momento, apenas. Diga-lhe que o seu banho está pronto, mas que você não quis deixar de recebê-la e assim ela compreenderá que não deve demorar.

ELVIRA - Ela não tinha nada que vir aqui. Eu disse a ela que não viesse.

DEMETRIO - Pois é, mas ela veio e dentro de sua própria casa você não pode desfeiteá-la. Vá de uma vez que quanto mais depressa você for, mais depressa se despachará da visita.

ELVIRA - É meu filho, vá de uma vez que assim você volta logo.

C/REGRA - PASSOS DE TARCÍSIO QUE SE AFASTAM.

TÉCNICA - PASSAGEM RÁPIDA.



LAILA - Talvez lhe desagrade a minha vinda à sua casa, mas eu não me conformava de não ver você hoje, nem que fosse só por um instante. Estive lá, mas quando cheguei você já havia saído. Fui à praça e comecei a procurá-lo, em todos os bancos... depois fui à oficina, quando não o encontrei em nenhum desses lugares, resolvi-me a vir aqui. Não quero ser importuna, se a minha visita lhe desagradar, seja franco que eu me retiro agora mesmo.

TARCISIO - Bem... é que... é que eu ia justamente entrar para o banho, quando você chegou, mas minha mãe achou que eu devia vir, mesmo assim.

LAILA - Ah, bem, mas se você ia para o banho, eu não quero, de modo algum, atrapalhá-lo. Você vai sair à noite, depois do jantar?

TARCISIO - Sim. Penso que sim. Meus amigos querem se reunir comigo no bar. Pelo menos falaram nisto, quando foram me visitar.

LAILA - Eu também gostaria de estar um pouco com você, já que a pessoa que você esperava não foi encontrá-lo, como deveria ter feito.

TARCISIO - Laila, eu vou para o banho, antes que a água esfrie. Talvez amanhã a gente se encontre e se fale.

LAILA - Você não vai antes que a água esfrie, você vai antes que a raiva esquente. Diga à sua mãe que lhe deixei um abraço.

TARCISIO - Está bem.

C/REGRA - POUCOS PASSOS DE LAILA, SE AFASTANDO. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO.

TARCISIO - Esta camarada está começando a abusar de mim. Se ela pensa que eu estou disposto a aturá-la por muito tempo, vai ter uma surpresa muito grande, porque, de repente, ela me pega de mau jeito e eu lhe dou um show ao meu gosto.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

SARAH - Simone foi, afinal, dona Angela?

ANGELA - Foi. Muito contra a minha vontade, mas ela insistiu comigo, eu não quis manter a recusa. Por mim, ela botaria um ponto final nas suas relações com Tarcísio, mas ela acha que será muito pior...

SARAH - É... talvez seja, realmente, mas eu também penso que a razão está com a senhora. Sempre me lembro que minha mãe costumava dizer que "cesteiro que faz um cesto, faz um cento." Ele já fez a primeira, a gente tem medo que repita; não é mesmo?

ANGELA - É exatamente o meu pensamento. Ela acha que não, que o corte das relações pode gerar uma revolta da parte dele... E depois ainda tem dona Elvira que ela adora e ~~xxxxxx~~ de quem tem uma pena infinita.

SARAH - Bem, mas por dona Elvira ela poderia ir sempre lá, em horas que o rapaz não estivesse...



ANGELA - Ela acha que dona Elvira poderia perceber e magoar-se, mas afinal dona Elvira teria que convir que era muito natural que nós tivéssemos receio; a senhora não acha?

SARAH - Sem dúvida. Tanto mais o rapaz tendo o hábito de beber e a gente já sabendo que ele não se controla.

ANGELA - Exato. Eu estou muito preocupada com esta visita de Simone. ~~XXXXXXXXXXXX~~

SARAH - ~~XXXXXXXXXX~~ Digamos, ~~XXX~~ que ele invente vir trazê-la em casa, ao anoitecer?

ANGELA - Ah, não. Isso ela sabe que eu não quero. Disse-lhe, até, que prefiro que ela fique lá, para jantar e dê um jeito de me dar um aviso, que eu arranjará uma companhia por aqui e irá buscá-la.

SARAH - Se a senhora precisar de companhia eu estou às suas ordens. Ou se preferir o mano, eu peço a ele para ir buscá-la.

ANGELA - Vamos ver... eu acredito que Simone tenha o bom senso de não se demorar e então não será necessário incomodar ninguém, mas se for preciso, é claro, a gente se socorre dos amigos. E vamos aguardar o resultado dessa visita.

SARAH - Assim que ela chegar a senhora faça o favor de me dar um aviso, para que eu possa, também, ficar tranquila, sim?

ANGELA - Aviso, sim, dona Sarah. Faço ela mesma ir lá para lhe contar como se saiu da empreitada.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

ELVIRA - Meu filho, olhe quem veio lhe fazer uma visita?

C/REGRA - PASSOS DE DUAS MULHERES EM PRIMEIRO PLANO.

SIMONE - Boa tarde, Tarcísio. Como vai você?

TARCÍSIO - Bem.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL EM BG.

ELVIRA - Sente-se, Simone. Aqui, é. Esta cadeirinha é mais cômoda. Dona Angela como vai?

ANGELA - Bem. Ela mandou um abraço à senhora e outro ao Tarcísio e mandou dizer que não veio hoje porque mandou solar os sapatos de sair, mas que outro dia que eu vier, virá também comigo.

TARCÍSIO - Não há necessidade de ninguém se incomodar por minha causa.

SIMONE - Mas isso não será incômodo, Tarcísio. Pelo contrário, será até um prazer para ela. Ela gosta tanto de você...

ELVIRA - Ele sabe, Simone. Ele sempre lhe deu todas as demonstrações nesse sentido.

TARCÍSIO - Ela gostava. Agora... ninguém sabe.

SIMONE - Continua gostando igual.



TARCISIO - Essa não!

ELVIRA - Por que não, meu filho? Se Simone está dizendo, você não tem o direito de duvidar.

TARCISIO - (ENFEZADO) Mãe, eu não sou mais criança, entendeu? A uma criança é muito fácil enganar, a um homem já é um pouquinho mais difícil. E eu sou um homem; não esqueça isto.

SIMONE - Tarcisio, si nós não lhe quisessemos bem, por que motivo eu estaria aqui agora? Pode me dizer?

TARCISIO - Por muitos motivos. Por curiosidade... por piedade... por medo...

TÉCNICA - ACORDE SURDO EM PULSO.

TARCISIO - Há uma série de motivos que poderiam trazê-la à minha casa, além da amizade, portanto sua vinda pode significar qualquer um desses motivos.

ELVIRA - Meu filho, uma das suas qualidades das quais eu sempre me orgulhei, foi o cavalheirismo. Gostava de ver a maneira com que você tratava, em geral, aos amigos da casa. Hoje, pela primeira vez, na minha vida, estou verificando, com a maior tristeza, que você até descortez se tornou agora? Por que essa maneira de tratar uma moça que é tão nossa amiga e que, neste momento, está nos dando uma prova irrefutável à sua boa amizade?

TARCISIO - Sei lá por que? A senhora pode saber de coração por que ele dói, quando dói? Não pode, não é? Há coisas que não se explicam e que não são contidas. Serve-lhe a explicação, ou deverei procurar expressar-me melhor?

SIMONE - Não é preciso, Tarcisio. Eu compreendo perfeitamente as suas razões e respeito-as. E a senhora, dona Elvira, não precisa afligir-se porque eu não pretendo levá-las a mal. Continuarei tentando, até que consiga convencer Tarcisio que sou sua amiga e que o quero com grande bem. E agora, se a senhora não levar a mal, eu vou tratando de voltar para casa, porque mãe não gosta quando eu fico na rua até depois que escurece.

ELVIRA - Então vá logo, minha filha, para que ela não se aflija. Não demora nada o sol se esconde.

SIMONE - Adeusinho então, dona Elvira. (BEIJOS) Adeus Tarcisio. (TOM) Ah, eu ontem já esperá-lo, mas não tive licença da diretora para sair mais cedo. Por isso não fui. Si é por isto que está aborrecido comigo, já está sabendo o motivo.

ELVIRA - Eu vou com você até à porta, minha filha.

C/REGRA - PASSOS DAS DUAS QUE SE AFASTAM.

TARCISIO - (DEPOIS DE PAUSA) Si não posso ter o seu amor... a sua amizade também não desejo. Não me serve para nada.



TECNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL

TEREZA - Você parece que não voltou lá muito satisfeito da sua visita ao Tarácio. Recolheu-se quieta... não me disse nada... Que aconteceu, venos?

LAILA - Ele não estava muito disposto e eu sei porque. Naturalmente esperava que a outra fosse esperá-lo, ela não pode ir, ele não ficou sabendo porque, com toda certeza estava contrariadíssimo.

TEREZA - Isso tudo quer dizer que você não foi muito bem recebida por ele; não é verdade? Que aconteceu? Vamos, conte logo e deixe de querer esconder.

LAILA - Bem... ele alegou que o banho estava pronto e que ele já ia entrar para o quarto de banho quando eu cheguei. Pode ser que fosse, realmente, mas eu propus de nos encontrarmos à noite, em qualquer lugar que ele quisesse e ele me disse que não podia porque ia encontrar-se com os amigos. Depois, quis marcar um encontro certo para o dia seguinte e sabe qual foi a resposta? "Talvez amanhã a gente se encontre e se fale." Ai eu vi que as coisas não estavam boas e tratei de cair fora.

TEREZA - Você quer que eu lhe diga com franqueza o que penso? Se fôsse você, desistia desse negócio. Ele ainda está ganadado por Simone e enquanto um homem está assim por uma mulher, outra mulher não consegue nada. Tem que deixar passar a ganação primeiro, para depois tentar.

LAILA - Que deixar passar coisa nenhuma. Tenho que fazer passar, isso sim. E para fazer, tenho que conviver. E a única maneira de conviver é estar junto. Não me importo que ele tenha me tratado mal. Um dia ele cansa e começa a me tratar razoavelmente. Depois... sem sentir ele irá se acostumando comigo e o dia que compreender que não pode mais dispensar-me, serei eu que o obrigarei a tratar-se bem.

TEREZA - É... pode ser que você seja bem sucedida. Contra a força do homem, a astúcia da mulher. É uma tática, sem dúvida.

LAILA - Uma tática cujo bom resultado a senhora ainda vai poder constatar. Em todas as coisas da minha vida, sempre venço pela persistência. E desta vez, mais do que nunca, eu faço empenho de sair vencedora. Amanhã vou dar um descanso a ele; não irei procurá-lo, mas depois de amanhã se não o encontrar na oficina, irei à noite na casa dele.

TEREZA - É... você é persistente mesmo, Laila. Eu já não teria a sua coragem sem a sua paciência. Enfim... pode ser que você é que esteja com a razão.

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL - FUNDE COM MUSICA DE BOITW EM BG.



MARGOT - Oh, que milagre!... Você a esta hora na minha casa? Que estarrá parra suceder? Onze horas da noite... você só costuma aparecer de madrugada.

RAFAEL - Estava aborrecido em casa, sem sono, sem nenhum interesse pela leitura... resolvi dar uma chegada até aqui para tomar um whisky e bater um papo com você. Mas veja lá, hein? Não quero whisky falsificado.

MARGOT - Ingrato! Nunca servi parra você whisky falsificado. (PROJETANDO) Morreira, um whisky escossez legítimo aqui parra seu Rafael. (TOM) Furro ou com soda? Como prreferre?

RAFAEL - Só com gelo. Mas bastante gelo, Morreira. Mas então? Como é que vão os negócios, Margot?

MARGOT - Meios parraçados, como sempre. Aqui nesta vila non há irreguezia suficiente para sustentar uma casa como esta. E você como é que vai lá na Vila Verdã

RAFAEL - Na mesma vida de sempre. Mas agora confesso que ela começa a enfastiar-me.

MARGOT - Você precisava casar. Isto é que você deveria fazer. Pelo menos, quando estivesse aborrecido, teria com quem brigar.

RAFAEL - Você acha que eu deveria casar? Mas casar com quem? Com essas burronas aqui da vila que não ligam duas palavras e vestem-se como verdadeiras caipiras? Livra, Margot! Pensei que você fosse minha amiga, mas agora vejo que é amiga da onça.

MARGOT - Orra esta! Amiga da onça por que? Você non vai me dizer que nám pode ir na cidade buscar uma moça que esteja na altura de se casar com você.

RAFAEL - Pois é, mas as moças da cidade têm o inconveniente de serem sabidas de mais. Também não me servem.

MARGOT - Orra vamos! Entom você non quer é casar. (TOM) Olhe quem vem chegando! Tarcise!... Venha cá, Tarcise! Querro lhe dar um abraço. Que prrazari!.

C/REGRA - PASSOS DE TARCISO QUE SE APROXIMAM.

TARCISO - Como é que vai, Margot? Há quanto tempo!...

MARGOT - Eu fui lá visitar você, mas aqueles bandidos non me deixarron entrar. E comarran os doces e fumarrron os cigarros que eu levei parra você. Mas sente. Vamos conversar.

TARCISO - Vamos, sim. Você deve ter muita coisa a me...

C/REGRA - ARRASTA UMA CADEIRA UM TANTO BRUSCARELLE.

MARGOT - Desculpe, Margot, mas eu não posso me sentar aqui.

TECNICA - VERGASTADA MUSICAL.

RAFAEL - Por que não? Há dois lugares vagos. Não sentará se não quiser.

TARCISO - É isto mesmo. Eu não quero me sentar aqui. Só me sento na companhia de gente a quem possa tratar como amigo.



RAFAEL - E também não será meu amigo se não quiser.

TARCISIO - Admira-me ouvi-lo falar assim. O senhor que causou de dizer bem alto, para quem quizesse ouvir, que desprezava a todo mundo, aqui, na vila, vem, agora, oferecer sua amizade a um homem que acaba de sair da prisão? Não posso compreender. E despreza a sua amizade, da mesma maneira que o senhor despreza, sempre, a de todos nós.

RAFAEL - O senhor não passa de um insolente, mal agradecido.

TARCISIO - Veja lá como fala.

C/REGRA - ARRASTAR DE CADEIRAS. GARRAFA QUE CAI NA MESA, ETC.

MARGOT - Por favor!... Por favor!... Tarcisio!... Rafael... Moreira ajuda a tirar Tarcisio daqui. Vamos, não quero brigas aqui na minha casa. Isto me deixa mal. (SAINDO COM TARCISIO, SEMPRE PALALDO) Você não tinha o direito de maltratar o outro. Ele estava sendo delicado com você...

C/REGRA - PASSOS DE TRÊS PESSOAS VÃO SE AFASTANDO COM A VOZ DE MARGOT

RAFAEL - Sujeito impertinente!... Mal agradecido!... Não preciso da amizade dele para coisa alguma, faço-lhe uma gentileza e ele me responde com uma patada! A sorte dele foi que Margot o levou daqui, senão ele ia aprender a tratar os outros com mais urbanidade! (CHAMANDO) Moreira, vê quanto é isto aqui que eu vou me embora.

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL.

SIMONE - Já soube da briga de Tarcisio, ontem à noite, Padre Demétrio?

DEMÉTRIO - Não, minha filha, ninguém me falou nada. Que briga foi? Onde foi?

SIMONE - Bom... disse que não foi propriamente uma briga, mas uma discussão muito forte que só não degenerou em conflito pela intercessão de terceiros.

DEMÉTRIO - Como é que você soube? Quem lhe contou?

SIMONE - O negócio veio de longe. A Eudoxia, empregada de seu Rafael, ouvia ele contar a história toda para a Leopoldina. Encontrou-se com Joana no açougue e despejou para ela tudo que sabia. Joana, por sua vez, veio me falar.

DEMÉTRIO - Mas onde é que eles se encontraram e como foi que a briga começou? Você não sabe?

SIMONE - Pois disse a Joana que eles se encontraram parece que no bar. Não sei que troca de palavras houve entre os dois e Tarcisio parece que investiu contra seu Rafael. Ai disse que o garçon impedia, outras pessoas que estavam perto também se meteram e acabaram separado os dois. Mas eu fiquei muito preocupada, o senhor sabe?

DEMÉTRIO - É... e não deixa de ter razão, porque a razão, no fundo, não deve ter sido outra senão você.



SIMONE - Eu gostaria que o senhor falasse com eles e os aconselhasse, Padre. O senhor exerce uma influência tão grande no espírito de ambos...

DEMETRIO - Não é tanta assim quanto você pensa. ~~Tarcísio~~ Tarcísio não é muito fácil de ser levado. Ele escuta calado as coisas que a gente diz... não as contesta... mas só faz o que quer. Em todo caso, vou procurar Rafael; saber direitinho o que houve e depois irei falar com Tarcísio.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL FULDE COM BARUIHO DE MASSARICO PARA SOLDAR.

TARCÍSIO - Oswaldo, você pega aquele carro do doutor Alvaro e deixa lá na porta do Hospital. Eu prometi a ele que assim que ficasse pronto deixaria lá. Entregue a chave ao portaria e vá-se embora.

C/REGRA - PASSOS SE AFASTAM EM CHÃO DE CIMENTO.

TARCÍSIO - Também tenho que terminar de soldar este tanque antes das seis horas, porque assim são menos dois carros para me preocuparem amanhã.

C/REGRA - PASSOS DE MOÇA SE APROXIMAM NO CIMENTO.

LAILA - Boa tarde, Tarcísio.

TÉCNICA - VENGASTADA MUSICAL EM FULDO.

C/REGRA - FAZ CESSAR AO MESMO INSTANTE O BARUIHO DO MASSARICO.

TARCÍSIO - O que é que você quer?

LAILA - Vin vê-lo. Antes não nos vimos, hoje eu estava com saudades de você. Foi por isso que vim. Você não está zangado comigo por causa disto, está?

TARCÍSIO - Por que havemos de nos ver todos os dias?

LAILA - Porque me causa prazer, Tarcísio. Simplesmente por isto.

TARCÍSIO - Pois a mim é completamente indiferente que a veja, ou deixe de ver. Tanto faz.

LAILA - Bem sei, mas também não me importo que seja assim. Desde que você concorde em que eu o veja... Você não há de querer impedir-me; não é verdade?

TARCÍSIO - Eu achava que você lucraria muito mais se se afastasse de mim.

LAILA - Como você também lucraria muito mais se "uma outra pessoa" se aproximasse de você; não é?

TÉCNICA - VENGASTADA MUSICAL FORTE. CAI PARA BG.

TARCÍSIO - O que foi que você pretendeu dizer com isto, Laila?

LAILA - Exatamente o que você compreendeu, Tarcísio.

TARCÍSIO - Eu já lhe proibi, uma vez, de fazer qualquer referência a este assunto e você insiste. Pois bem, quem diz o que quer, ouve o que não quer. O que eu tenho para lhe dizer.

TÉCNICA - EXPLOSTAO MUSICAL FULDE COM CARACTERISTICA MUSICAL FORTE PARA ENCERRAMENTO DO CAPITULO.



RECITICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

TARCISIO - Por que havemos de nos ver todos os dias?

LAILA - Porque me cause prazer, Tarcisio. Simplesmente por isto.

TARCISIO - Pois para mim é completamente indiferente que a veja ou deixe de ver. Tanto faz.

LAILA - Bem sei, mas também não me importo que seja assim. Desde que você concorde em que eu o veja... Você não há de querer impedir-me, não é verdade?

TARCISIO - Eu achava que você lucraria muito mais se se afastasse de mim.

LAILA - Como você também lucraria muito mais "se uma outra pessoa" se aproximasse de você; não é?

RECITICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE. CAI PARA B3.

TARCISIO - O que foi que você pretendia dizer com isto, Laila?

LAILA - Exatamente o que você compreendeu, ~~Tarcisio~~ Tarcisio.

TARCISIO - (SURDO E ELEVANDO AOS POUCOS) Eu já lhe proibi, uma vez, de fazer qualquer referência a este assunto e você insiste. Pois bem, quem diz o que quer, ouve o que não quer. Ouça, então, o que eu tenho para lhe dizer: você está se esforçando para conquistar-me, simplesmente para tirar uma dor fora de Simone e, astuta de sobra, como mostra ser, ainda não compreende que não conseguiu nada de mim porque não teve forças para esconder o seu objetivo. E insiste exatamente no ponto que mais me desagrada e que é este de fazer referências a ela. Ao princípio, quando não lhe conhecia, eu acreditei nas intrigas urdidas por você, mas agora que não acredito em ninguém - em ninguém, ouviu bem? - muito menos acreditarei em você, cujo ódio por Simone a gente sente em cada expressão de olhar e em cada palavra que você pronuncia. E se pensa que poderá utilizar-me como instrumento do seu ódio e da sua vingança, engana-se, porque eu não me prestarei a um papel tão vil. Você não é mulher para amar ninguém e por isso desconhece a força do amor. Quem mas verdadeiramente, com loucura e paixão, como eu amei Simone, não se deixa envolver pelo feitiço de uma mulher - ainda que ela seja das mais lindas e graciosas, o que não é o seu caso - não depois que o tempo fez correr a cortina do esquecimento sobre as lembranças do amor antigo. Você se perdeu, Laila, porque não soube esperar. E agora deixe-me, por favor, fechar que entregar este carro a-tes das sete horas e você está atrapalhando o meu serviço.



LAILA - Nunca pensei que você fosse capaz de pensar de mim uma coisa destas, Tarcísio. Como os homens são pouco perspicazes! Eu gosto de você desde que cheguei a Lagoa Parada e simplesmente me retrai de lhe fazer sentir o meu amor, porque tive receio de não ser correspondida e poder cair no ridículo. Não o conhecia de perto, não sabia os seus verdadeiros sentimentos... todos me diziam que me cuidasse com você e a sua turma que eram rapazes que só apreciavam farras e pagodes... Depois chegou Simone, você gostou dela e eu me senti roubada. Ainda assim, calei-me e resignei-me ao meu fracasso. Mas quando fui sabedora de que você estava preso porque tentara matá-la, o desespero tomou conta de minha alma e eu, num esforço sobrehumano, vencendo todas as minhas inibições e afrontando todos os comentários, fui vê-lo na prisão porque o imagiava desesperado e sofria. E agora, depois de tudo isto, você vem me dizer que eu só penso no ódio e na vingança; quando eu sou toda amor por você? (CHORO FINGIDO) É demais, Tarcísio! É demais!... Você não tem o direito de maltratar-me assim. Afinal... que culpa tem você de gostar de Simone e que culpa tenho eu de gostar de você? A vida é mesmo assim... a gente sabe que ela faz, sempre, o jogo do desencontro. (PAUSA EM QUE ELA CHORA MEIO BAIXO) Eu vou embora, Tarcísio. Nunca mais o incomodarei com o meu amor. Mas se um dia você sentir necessidade de um coração ao lado de seu... um coração que realmente pulse e vibre só por você... lembre-se que me escurraçou mas que nem por isto meu coração deixou de querê-lo. E vá buscar-me. E eu virei para junto de você com a mesma alegria de uma menina pobre que um dia ganhou de alguém a boneca com que sonhou durante toda a sua vida! (PAUSA) Adeus, Tarcísio. Desculpe-me, sim?

TARCÍSIO - Não tenho o que lhe desculpar. Eu é que sou mesmo um desastreado. Eu é que lhe peço desculpas das grossérias todas que lhe disse. Eu... eu não sabia... eu... eu confesso que... que nunca havia percebido...

LAILA - Não procure desculpar-se, Tarcísio. Você teve razão, em parte. A culpa foi minha. Eu escolhi um momento mau, para me aproximar de você. Mas sempre imaginei que, naquele momento, você deveria estar precisando de alguém ao seu lado. Alguém que o compreendesse e que o consolasse. E - pobre de mim! - pretenciosamente, pensei que pudesse ser esse alguém. Foi, realmente, uma grande falta de tato da minha parte. A culpa foi minha.

TARCÍSIO - Não, não... você não teve culpa. Sua intenção foi boa. Eu é que sou um cavalo. Estaria melhor, talvez, num potreiro do que no meio de gente de sentimentos. Vá embora, Laila. Eu não tenho mais nada para lhe dizer,



- TARCISIO - (CONTINUAÇÃO) depois que lhe pedi desculpas e a sua presença me constran-  
ge, pelo papel grosseiro que representei na sua frente.
- LAILA - Eu vou, sim, Tarcísio. Mesmo porque estou atrapalhado o seu serviço.  
Se você achar que posso merecer ao menos a sua estima, de vez em quando  
procure ver-me. Será uma maneira de compensar-me pelo muito que tenho so-  
frido por sua causa. Você não tem culpa, mas a verdade é que tenho sofrido.  
(PAUSA) Adeus, Tarcísio. (ELE NÃO RESPONDE)
- C/REGRA - PASSOS DE MULHER, APASTANDO-SE AO CIMENTO.
- TARCISIO - Eu sou uma besta. A coitada da moça vem me fazer um carinho e recebe um  
coice. (TOM) Mas também ela já devia ter percebido que eu não gosto que  
ela fale na outra.
- C/REGRA - RUIDO DE MASSARICO FORTE E NEXER FERRAS E RUIDOS PROPRIOS DE OFICINA.
- TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL
- DEMÉTRIO - Tarcísio! Que prazer vê-lo aqui na casa canônica! Que há com você? Algum  
novo problema?
- TARCISIO - Eu estou muito chocado com uma coisa que fiz e gostaria de conversar com  
o senhor para que me aconselhasse a melhor maneira de remediar a situa-  
ção. O senhor conhece Laila?, não é verdade?
- DEMÉTRIO - Muito bem, meu filho. Muito melhor, até, do que você possa imaginar.
- TARCISIO - Que o senhor a conhecia eu sabia, justamente nesse sentido é que eu lhe  
perguntei. Vale-me dela, por favor.
- DEMÉTRIO - De muito poucas pessoas faço um juízo tão mau, quanto dessa moça. Digo-  
lhe que nas miras longas andanças pelos caminhos da vida, nunca encon-  
trei - que me lembre - pessoa mais dissimulada e falsa. Mas por que tá-  
do isso, afinal?
- TARCISIO - É que hjaxtk ontem tive uma reação violenta contra ela e acabei o rren-  
do-a da oficina e depois me arrependi porque ela começou a chorar e con-  
cluiu me confessando que só me procurara, agora, porque gostava de mim  
há muito anos e imaginava que eu deveria estar sofrendo muito. Eu, que  
pensava que ela estivesse fazendo um jogo para se vingar de Simone, fi-  
quei muito sem jeito com o que fiz e, embora já lhe tenha pedido descul-  
pas, estou sem saber que atitude tomar. Foi por isso que vim me acore-  
lhar com o senhor.
- DEMÉTRIO - Você quer a minha opinião bem franca e bem sincera? Mantenha-se sempre  
distante dela. O mais possível. Será só benefício para você. Você não  
está errado nas suas conclusões iniciais, não.
- TARCISIO - O senhor acha?



DEMETRIO - Tenho certeza absoluta, meu filho. Não se esqueça que quem envenenou o seu espírito, a ponto de o levar a cometer aquela loucura, foi ela. Parece que você está esquecido, não é? Pois então saiba que aquilo que fez com você, foi fazer também com ~~xxxxxxx~~ Rafael. Jogou um contra o outro. Laila é um perigo constante na sua vida, Tarcísio. Deixe-a para lá e quando ela tentar se aproximar, fuja dela. Não há inimigo mais perigoso do que aquele que se mascara de amigo.

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL.

LAILA - Você precisava ver o drama que eu fiz. Sabê que cheguei até a chorar?

TEREZA - Não é possível! Você enlouqueceu ou o que foi que deu em você, agora?

LAILA - Sei lá. Acho que é a força do ódio que impela a gente para qualquer caminho que prometa vantagem. Mas a cena que eu fiz, a senhora teria aplaudido de pé. Sarah Bernard ficou pinto, perto de mim.

TEREZA - Aquilo é um brutamonte, não tem sensibilidade para comover-se, nem mesmo diante de um pranto sincero.

LAILA - É o que a senhora pensa. Ele foi ficando engasgado... foi ficando parado... os olhos foram se humedecendo... e ele acabou por me pedir desculpas com lágrimas na voz. Eu exaltei com a vitória. Nem queira saber.

TEREZA - Eu imagino. Mas em conclusão como foi que ficou a coisa? Vai terminar ou vai continuar?

LAILA - Quasi que posso lhe afirmar que continuará. A impressão que deixei no espírito dele foi de tal forma profunda, que quando me despedi ele não pôde nem me responder. Também eu sai dali numa festa, a senhora pode imaginar.

TEREZA - Mas se não acertaram nada, afinal, o que é que você pensa a ser?

LAILA - Encontrar-me com ele, "por acaso" à saída da oficina, hoje ou amanhã. Hoje, não, acho que fica muito em cima. Amanhã, talvez.

TEREZA - Você é cargosa, hein Laila?

LAILA - Sou persistente, dona Teresa. Mas a persistência é que me tem feito conseguir, na vida, tudo aquilo com que tenho sonhado. A senhora vai ver como, por intermédio de Tarcísio, eu ainda destruirei Simone. A senhora vai ver.

TEREZA - Bem, vamos tratar da nossa vida que já está se fazendo tarde e ainda não tomamos o nosso lunch de hoje.

LAILA - Vamos, sim. O nosso lunch de hoje vai ser em comemoração à vitória que eu segui sobre Tarcísio.

C/REGRA - PASSOS DAS DUAS QUE SE APASTAM E SOMEM.

JOANA - Essa mulher é um demônio! Acho, até, que eu devia prevenir seu Tarcísio, das coisas que ela disse à dona Teresa. Eu tenho medo, mas devia dizer.



TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL FENDE COM RUIDOS PRÓPRIOS DE OFICINA MECÂNICA.

C/REGRA - RUIDOS DE OFICINA MECÂNICA.

JOANA - O senhor me dá licença que lhe faça um aviso muito importante?

TARCISIO- Quem é a senhora? E que aviso é esse?

JOANA - Eu sou a servente do Grupo Escolar e trabalho com dona Simone e dona Laila. E é por causa delas, mesmo, que eu preciso falar com o senhor.

TARCISIO- Pode falar. O que é que há? Alguma novidade?

JOANA - O senhor sabe? Eu fico um pouco constrangida de vir falar neste assunto para o senhor, mas acontece que eu ouvi as coisas que dona Laila disse para dona Tereza... (TON) Dona Tereza é a diretora do Grupo. O senhor conhece, não conhece?

TARCISIO- Eu não falei com ela, mas sei quem é. Conheço muito de vista aí da rua. Mas o que foi que a dona Laila disse à ela, afinal?

JOANA - Pois eu estava na sala ao lado da sala da diretora e ouvi quando dona Laila foi contar a ela a cena que tinha feito aqui com o senhor.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

TARCISIO- (DEPOIS DE PAUSA) O que foi que ela disse?

JOANA & Disse que tinha representado uma cena tão perfeita, que o senhor no fim havia ficado com pena dela.

TARCISIO- Foi verdade.

JOANA - Ria-se às gargalhadas, dizendo que tinha conseguido convencer o senhor que ela gostava do senhor há muito tempo, mas que só depois que o senhor foi preso é que se resolveu a declarar-se, por pena da sua situação.

TARCISIO- Foi verdade, sim. Ela me disse isto.

JOANA - E ela disse, também, para a dona Tereza que não tinha acertado nenhum encontro com o senhor, mas que hoje "por acaso" estaria passando aqui, na hora que o senhor saísse da oficina. O senhor vai ver como ela vem e aí vai poder verificar que as coisas que eu estou contando ao senhor são verdadeiras.

TARCISIO- Eu sei, não preciso de provas mais. Basta as coisas que a senhora me disse e que realmente se passaram. A senhora não poderia advinhá-las se ela não as tivesse contado.

JOANA - Não é mesmo? Eu fiquei muito em dúvida se deveria vir, ou não, mas depois de muito pensar cheguei à conclusão que o senhor deveria conhecê-la bem, para não se deixar influenciar por ela.



- TARCISIO - É claro. Pensei muito bem e fez muito bem. Eu lhe agradeço o aviso.
- JOANA - Mas por favor o senhor não vá dizer à ela que eu lhe disse essas coisas, senão eu nem sei o que ela será capaz de me fazer.
- TARCISIO - Não se preocupe. Pode ficar descansada que eu não lhe direi uma só palavra a seu respeito.
- JOANA - Obrigada, então e passe bem, senhor.
- TARCISIO - Passe bem. Eu que lhe agradeço.
- C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM EM CILEXTO.
- TARCISIO - (PAUSA) Grandíssima ordinária. Mas ela vai levar uma que não espera. Bem o Padre Demétrio me avisou que não confiasse nela e eu achei que era má vontade dele. Ele é que estava certo.
- TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL FUNDE COM PASSARILHOS GALTANDO (NO JARDIM PÚBLICO)
- SIMONE - Boa tarde, seu Rafael, como vai o senhor? Há quanto tempo não o via.
- RAFAEL - É verdade. A senhorita vai bem?
- SIMONE - Trabalhando, sempre e sentindo falta do seu precioso auxílio. O senhor ultimamente me ajudava tanto e, de um momento para o outro, deixou de aparecer... Que houve? Desconfiou com alguma coisa?
- RAFAEL - Oh, não, não... É que eu não tenho ~~nem~~ tão muito tempo disponível...
- SIMONE - Eu estou vendo que realmente não tem. Sentado no banco do jardim...
- RAFAEL - Bem, mas eu explico. Fiquei de encontrar aqui um vendedor de aquecedores elétricos para banho, afim de levá-lo à minha casa. Estou sentado, justamente porque/ estou à sua espera. Aliás ele está um pouco atrasado. Se tivesse vindo na hora, a senhorita não teria me encontrado aqui.
- SIMONE - Então devo bendizer o atraso do vendedor, porque só assim eu tenho a oportunidade de conversar um pouco com o senhor. Sabe que me tem feito muita falta, para somar os cadernos da receita e das despesas?
- RAFAEL - Por que não me mandou dizer antes? Eu já teria dado um jeito de aparecer para ajudá-la.
- SIMONE - Pois então dê esse jeito porque eu estou necessitando, urgentemente, alguém que me auxilie na escrituração. Entendo muito pouco daquilo e não posso recorrer ao Padre Demétrio porque é ocupadíssimo.
- RAFAEL - Perfeitamente. Ficamos combinados, então. Até sábado para todos os meus serviços em dia para segunda ou terça ~~sexta~~ feira poder ir lá ajudá-la. Prefere que vá de manhã, ou de tarde?
- SIMONE - Bem... eu acho que é muito abusivo ainda escolher a hora. De tarde eu estou no colégio, de forma que achava preferível que o senhor fosse pela manhã, mas se ficar muito difícil para o senhor, deixe-lhe os livros



SIMONE - (CONTINUAÇÃO) com o sacristão e o senhor poderá ir mesmo à tarde.

RAFAEL - Não, não... para mim é completamente indiferente ir pela manhã ou pela tarde. Prefiro, até, ir numa hora em que a senhorita esteja porque assim, se tiver qualquer dúvida, a senhorita estará ali para esclarecê-la.

SIMONE - Pois então ficamos combinados. O senhor irá segunda ou terça feira próxima, na parte da manhã, está bem? Passe bem e muito...

RAFAEL - O que?! Já está querendo ir?! Por que tanta pressa? Converse mais um pouco. Conte-me, ao menos, o progresso das obras. Não tem nenhuma ideia de quando possam ficar prontas?

SIMONE - Acho que temos ainda todo um ano pela frente. Antes, só por milagre de Deus Nosso Senhor. Temos só quatro operários trabalhando nas obras.

RAFAEL - Por que só quatro? Não encontram quem queira trabalhar?

SIMONE - Não é que não se encontra, é que a arrecadação não permite pagar-se a mais do que essa conta. E há semanas que o dinheiro nem dá muito bem. Temos que apelar para a reserva bancária.

RAFAEL - Eu vou estudar a possibilidade de aumentar-se o número de operários. Há uma série de recursos que se pode muito bem lançar mão. Segunda feira nós vemos isto.

SIMONE - Bem, então até...

RAFAEL - O que?! Mas insiste mesmo em ir embora? É cedo. Fique mais um pouco.

SIMONE - Infelizmente não poderei fazer-lhe a vontade. Tenho um compromisso marcado para daqui a meia hora. É o tempo de chegar em casa, trocar a roupa de trabalho e apresentar-me na reunião.

RAFAEL - E essa reunião é... como direi?... é... intransferível?

SIMONE - Claro. Não posso deixar um grupo de senhoras ficar esperando por mim e não aparecer. Segunda feira, depois das contas, talvez tenhamos algum tempinho para conversar. Passe bem, seu Rafael.

RAFAEL - Passe bem, senhorita. Foi um prazer encontrá-la.

SIMONE - Obrigada. Igualmente.

C/REGRA - PASSOS DE SIMONE SE AFASTAM EM CIMITO.

RAFAEL - Ela é verdadeiramente encantadora. Foi só dirigir-me a palavra e derre teu todo o gelo que pretendia aplicar-lhe. Ah que ai ela me desse bala!

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LAILA - Terciaio! Que bom que o encontro aqui! Eu ia mesmo procurá-lo lá na sua oficina. Depois, não sei porquê cargas d'agua, resolvi passar por aqui primeiro e o encontro justamente quando vai saindo. Você quer constatar







S O L I D A O

- Novela de Érico Cramer -

25º CAPÍTULO

TECNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

LAILA - Tarcísio, que é isso?... Será que você enlouqueceu?

TARCÍSIO - Ainda não, mas se continuar a ouvir as suas infâmias e maldades, acaba rei enlouquecendo. Porque você, Laila, é uma mulher abominável! É má... invejosa... intrigante... e cruel! Você é bem capaz de arrastar um homem ao crime, envenenando-lhe a alma, gota a gota, exacerbando-lhe o ciúme, robustecendo-lhe o ódio, instigando-o à vingança, desenvolvendo-lhe a revolta! Você é mesquinha... é mentirosa... é fingida... é hipócrita e dentro de sua alma, mais negra do que uma noite de tormenta, não abriga uma parcela de sentimento. Eu a detesto, Laila. Eu a abomino. Eu a desprezo e procurarei fugir de você como de um cão leproso.

O/REGRA - PASSOS FORTES DE TARCÍSIO QUE SE AFASTAM NO CINELITO

LAILA - (DEPOIS DE PAUSA, RALCOROSA, COM A VOZ AMEAÇADORA E ESCURA) Você me detesta, me abomina e me despreza, não é assim? Pois então agora é que você vai ver do quanto eu sou capaz. Farei tudo para destruir-te, miserável. Tudo!... Tudo!... Vou começar telegrafando a Reginaldo, para que venha imediatamente. Será fácil convencê-lo. Meia dúzia de lorotas, num telegrama, serão mais que suficientes para trazê-lo em dois ou três dias. E aí, então, darei início à minha ofensiva. Ele vai ver com quem se meteu. Ele vai ver.

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL RÁPIDA, COMEÇA COM RUÍDO DE TELEGRAFO, EM PRIMEIRO FORTE E LOGO DEPOIS PASSANDO A B/G., DURANTE TODA A PALA.

LAILA - (VOZ DE FILTRO, PALAVRÀ POR PALAVRA INTERCALADA) REGINALDO/AGORA - CHAPADÃO - URGE-TE - Peço sua vinda imediata. Logo. Parada ponto. Grande saudade convenceu-me todo meu amor lhe partença ponto. Espero-o, no máximo, dentro tres dias ponto. Avise data chegada. Grande beijo Laila.

TECNICA - SOBRE OS RUÍDOS DE TELEGRAFIA, BAIXAM E SOMEM LA PASSAGEM MUSICAL.

TEREZA - E você passou um telegrama àquele homem, pedindo-lhe que venha, Laila? Você está louca! Aquele homem é um permanente perigo nas suas mãos.

LAILA - Por isso mesmo preciso dele aqui, dona Tereza. Eu tenho que me vingar das coisas horríveis que Tarcísio me disse. Quero ter o prazer de vê-lo estendido numa colchada, com as tripas todas de fora.

TECNICA - ACORDE MUSICAL FORTE, REPIETIDO HORROR.

TEREZA - E você já pensou, depois de sua vingança consumada, como é que você vai se desembaraçar dele? Já pensou? Olhe que isto é importante.



LAILA - Eu sei, mas não se preocupe que eu já tenho meus planos. Não há ninguém mais fácil de se enganar do que a um homem apaixonado.

TEREZA - Laila, escute: por que você não casa com Reginaldo Agustin? Ele é louco por você... é um homem que está relativamente bem na vida... você não precisaria nem trabalhar.

LAILA - É? E no momento que descobrissem que Reginaldo Agustin não é Reginaldo Agustin? A senhora já pensou como é que eu ficaria? Eu quando olho para a frente, não vejo apenas o dia seguinte, dona Tereza. Vejo o futuro... vejo a vida toda que há de vir.

TEREZA - Você é uma criatura terrível, Laila. Ipo bem que é minha amiga, não eu teria medo de você.

LAILA - A senhora sabe que lhe sou grata por ter consentido que eu fosse nomeada para o seu colégio, não talvez não conseguisse o lugar que pretendia. Tres diretoras, antes da senhora, não me aceitaram. Era a minha última chance. Mas também tenho feito o possível para que a senhora não sinta arrependimento. Dei-lhe algum trabalho quando Reginaldo andou por aqui à minha procura. A senhora teve, inclusive, que atender, sôzinha, a todos os alunos do Grupo, durante os tres ou quatro dias que ele permaneceu aqui, mas depois ele parece que se converceu que eu realmente não estava, foi embora e tudo continuou na santa paz, como antes.

TEREZA - Como foi que você conheceu esse homem, Laila? Era uma coisa que eu tinha curiosidade de saber.

LAILA - Eu estava empregada como "taxi-girl" numa academia de danças. Ele tinha me tirado para dançar e estávamos conversando quando a policia invadiu o recinto e houve troca de tiros e uma confusão dos denônios. A luz se apagou e imediatamente eu me vi arrastada pelo pulso, descendo uma escada aos ~~tr~~ trambalhões e logo a seguir escondida no pátio de um botequim, atraz de uma montanha de barris de chopp vazios. Ali ficamos algum tempo, até que tudo voltasse à normalidade. Quando saímos, ele precisava de um lugar para esconder-se e foi parar no meu quarto. Aí é que eu fiquei sabendo que ~~ex~~ havia sido ele a causa de toda aquela tropelia. Por isso tratei-o bem e ele se apaixonou por mim. Daí para diante vivo uns tempos com ele... outros tempos me escondo... é a minha conta no banco vai sempre aumentando. Cada vez que volto exige uma indenização por perdas e danos. (DÁ UMA RISADA)

TEREZA - Você é terrível, Laila! Eu gostaria de ter a metade da sua coragem.

TEORICA - PASSAGEM MUSICAL.



REGINALDO - Olha o que eu acabo de receber. Um telegrama de Leila.

SARARÁ - Nem quero olhar. Essa mulher ainda vai enterrar você, chefe. Aposto co no manda chamar você, não é não?

REGINALDO - É, Sarará, mas desta vez parece que ela está mesmo arrependida.

SARARÁ - Arrependida, nada, chefe! Quando foi que essa mulher se arrependeu de alguma coisa? Essa mulher é fria... é calculista... ela está bolando alguma e está precisando de você, chefe. Abra o olho. Não se iluda, não.

REGINALDO - Que é isso Sarará? Também você está exagerando. A mulher num é tão ruim assim. Ela tem a cabeça fôfa, mas ruim mesmo ela num é.

SARARÁ - Eu sei, Chefe, eu já vi tudo. O senhor já está láenco para correr atrás da dona. Fica lá com ela uns tempos, até que dá-lhe a louca e ela foge outra vez. Faz tanto tempo que o senhor estava separado dela, já estava até acostumado, pra que vai voltar toda aquela coisa outra vez? Deixa essa dona pra lá, Chefe.

REGINALDO - Sarará, você toda vida implicou com Leila e eu nunca pude compreender a razão. Ela sempre o tratou com urbanidade.

SARARÁ - Mas eu via que ela não gostava do senhor e que fazia o que queria com o senhor e isto me revoltava. Por isso fazia cara feia para ela.

REGINALDO - Sarará, tú não conheces bem as mulheres. Quando elas fingem que não gostam, é exatamente quando estão mais caldinhas. Elas mostram sempre o contrário daquilo que sentem e dizem sempre o inverso daquilo que pensam. Eu sou formado em psicologia feminina.

SARARÁ - Pois é e eu sou um ignorante em assunto de mulher, mas nunca fui enganado por nenhuma. Peguei e larguei todas as que tive, quando muito bom quis. Nunca nenhuma me fez de bobo. Nunca.

REGINALDO - E tú queres dizer que Leila me fez?

SARARÁ - Óra, Chefe, então uma mulher que ganha uma porção de presentes de um homem e de repente foge desse homem sem se saber para onde, não está enganando esse homem? Se não está eu não sei o que é enganar. Vou ter que ir para a escola, outra vez, para aprender a significação dos verbos.

REGINALDO - Mas ela não fugia com ninguém, Sarará, fugiu sózinha. Arranjou um em prego, foi trabalhar. Quem nos diz que não quizesse se certificar do seu amor?

SARARÁ - Mas só agora, depois de seis ou sete anos é que ela percebeu que não podia viver sem o senhor? Não Chefe, desculpe, mas essa é grande demora para engolir sem água. Não posso. Não passa. Tranca na garganta, sabe?



REGINALDO - É, Sarará, discutir com você não adianta. Você não arreda pé da sua posição. É teimoso como não vi ninguém.

SARARÁ - Não, Chefe, desculpe. O teimoso é o senhor que está vendo as coisas e não quer ver. Eu sou teimoso, está bem. Mas é o senhor o que é? Um apaixonado. O apaixonado é cego total e por isso mesmo pior que o teimoso. (PAUSA E TOM) Quer dizer que o senhor vai, não é?

REGINALDO - Não sei. Estou decidindo.

SARARÁ - Não está decidindo, não. O senhor já está decidido. Vai sim. Eu conheço o senhor. Mas se ao menos posso lhe dar um conselho não se entregue ao primeiro chamado. Faça de conta, ao menos, que não quer. Dê-me uns quatro ou cinco dias para ir e não ceda aos seus rogos logo no primeiro encontro. Se fizer isto, há de ver que só terá a lucrar. Minha mulher não pode ver que domina, não abusa. Eu, como sempre tratei as minhas na holaxa, a coisa não ia lá como eu queria, descansava o braço. Este bracinho aqui que o senhor está vendo. Com todo este músculo também ela dava três voltas e estendia. Ficava duas, três horas, não olhando para dentro. E eu não levantava ela do chão, não. Ficava ali mesmo até acordar. Quando acordava tomava logo o rumo que eu queria. Nem discutia. Ficava docinha como o mel.

REGINALDO - Se você fizesse isso com Laila, havia de ver que ela é uma mulher diferente.

SARARÁ - Que diferente, que nada! Lá existe mulher diferente? Todas elas são perfeitamente iguais.

REGINALDO - Pensando desse modo, eu nem penso discutir com você, Sarará.

SARARÁ - Em resumo, quando é que o senhor está pensando embarcar para Lapa para ir, atendendo ao chamado dessa dona?

REGINALDO - Pois eu estava pensando ir amanhã, mas você sabe que eu devo demorar.

SARARÁ - Está claro que deve, mas o assunto é seu e não tenho nada que me meter. Quer ir amanhã, pode ir. Por mim, tanto faz. Os negócios aqui o senhor sabe como é. Eu atendo da mesma forma.

REGINALDO - Pois é, então eu vou pensar e resolver esse assunto até amanhã.

SARARÁ - Não precisa, não. Eu sei que o senhor vai do mesmo jeito, então já resolve agora e começa logo a preparar as coisas para depois não haver correria, como quase sempre acontece. O senhor quer ir, não quer? Pois então vá.

REGINALDO - Está bem, Sarará, então eu vou mesmo amanhã.

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL.



LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PAÍSAGEM MUSICAL

FARCISIO - Eu duvidei das coisas que o senhor disse a respeito dela e por isso fiz questão de vir penitenciar-me.

DEMETRIO - E eu fico duplamente satisfeito com o seu procedimento, não só pelo fato de ter vindo a mim confessar a sua dívida anterior, o que demonstra humildade, como principalmente porque, de agora em diante, você vai se acan- telar contra ela. E isso é muito necessário, meu filho. A criatura é, re- almente, perigosa.

FARCISIO - Pois o senhor sabe que depois da maneira como a recebi - e que o senhor foi testemunha - ela ainda ia à minha casa? Só não foi porque me encon- trou no caminho.

DEMETRIO - Ela é ousada, sim. É muito ousada. Eu gostaria de saber o que ela foi, antes, o que fez, como foi educada... Essa moça não deve ter tido bons princípios. (TON) Mas a sua reação qual foi? Você não me disse.

FARCISIO - Nem lhe dei tempo de reagir. Abri uma verdadeira torrente de palavras, disse-lhe tudo que me veio à cabeça, cheguei mesmo a dirigir-lhe passões insultos e quando senti que não tinha mais com que a ofender, saí brusca- mente, deixando-a estatelada no meio da rua. Deve me ter dito, depois, mentalmente, milhões de desaforos, mas eu não os escutei. Já ia longe.

DEMETRIO - Pois é. Agora você já sabe com quem trata e cuide-se. Cuide-se porque ela não vai se conformar facilmente com a sua derrota. Vai partir para a intriga e a vingança e é contra isto que devemos ter os olhos muito abertos. Ela não vai poder lutar com você fisicamente, é lógico. Há de valer-se, então, das armas que tem.

FARCISIO - Não há de ser nada, Padre. Um homem prevenido, vale por dois.

DEMETRIO - E quem anda com Deus não teme, meu filho. Procure andar sempre com Ele. Deus é o melhor companheiro que você poderá desejar. Bastará que você pense nele, quando for fazer qualquer coisa e a sua lembrança será sufi- ciente para afastá-lo das coisas más.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL, FUNDE COM CALTO DE PASSAROS.

RAFAEL - Está excelente o teu pão hoje, Eudoxia. Acho, até que ouvi demais.

EUDOXIA - É a farinha seu Rafael. O pão foi fazião do mesmo colto que eu faço sempre. O caso é que quando a farinha é miúda ela também vai miúda.

RAFAEL - Está uma manhã linda, de sol...

EUDOXIA - Tá, via siahê... Eu intê vos porveitê pra lavá umas roupas que vai acá digero.



RAPHAEL - E eu vou aproveitar para tomar um pouco de sol. Vou descer a pé até à vila que às nove e meia tenho que estar na casa canônica. Até logo, Eudoxia.

EUDOXIA - Até logo, seu Rafaê. Vá com Deus e a Virge.

RAPHAEL - (AFASTANDO-SE) Obrigado, Eudoxia. E fique você também com eles.

EUDOXIA - (DEPOIS DE PAUSA) Ué gente! O patrão hoje tá tão satisfeito que a gente até se indigna. E disse que tinha que ir lá na casa incanônica... eu num sei onde é isso, não, mas nunca vi ele dizer que ia lá. É a primeira vez.

G/REGRA - PASSOS DE LEOPOLDINA QUE SE APROXIMAM.

EUDOXIA - Dêxa né aparecê orgulha aí que eu vou brigatá onde isso é.

LEOPOLDINA - (CHEGANDO) Ué, dona Eudoxia, o que é isso? A senhora, agora, deu para falar sôzinha? Que foi que aconteceu?

EUDOXIA - O seu Rafaê que se acordou-se, hoje, indovinhandu passarinho verde. Até achou que o pão tava mió que nos outros dia... E sabe adonde que ele disse que ia? Na casa incanônica. Suncê sabe adonde é isso, Leopoldina?

LEOPOLDINA - A Caixa Econômica?

EUDOXIA - Num é caixa, não. Ele num falou caixa. Ele disse que tinha que tá às nove e meia na casa incanônica... incanônica... sei lá... um nome assim.

LEOPOLDINA - Ah, já sei! Na casa ~~xxx~~ canônica, não é isso?

EUDOXIA - É isso mesmo. Adônce que é isso que eu num sei, Leopoldina?

LEOPOLDINA - É a casa do Padre, ali junto à Igreja. Aquela que tem venezianas nas janelas. Sabe agora onde é?

EUDOXIA - Sei. Mas si é lá, entonce agora eu já sei o que é que ele foi fazê. Leopoldina, num dá para tanto nós temo de patrona nova aqui em casa.

LEOPOLDINA - Desde que ela seja boa, eu por mim não estou me importando.

EUDOXIA - Si é a que eu penso, tomo mundo mole que é uma frô de moça. Deus prmita que xegê. Deus prmita! Por isso que ele tava tão satisfeito!...

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL, FULDE COM RUIDOS DE TELEGRAFIA QUE CAEM PARA DG.

REGINALDO - (VOZ DE PILOTO, PALAVRA POR PALAVRA, DESTACADA) Professora Laila Vilce Grupo Escolar - Lagoa Parada - Recebi seu telegrama, terça feira aí. Beijo ~~XXXXXXXXXX~~ Reginaldo.

TÉCNICA - SOBRE OS RUIDOS DE TELEGRAFIA E SOME.

LAILA - (EUFONICA) Terça feira, dona Terceza. Terça feira ele estará aqui. Acabo de receber seu telegrama.

TEREZA - E o que é que você vai dizer às pessoas que a conhecem, do súbito aparecimento desse homem na sua vida? Já pensou nesse detalhe?

LAILA - Já pensei, sim, dona Tereza. Apresenta-lo-ei, a todos, como se fosse meu irmão. Ele é moreno, como eu, garante-lhe como logo nos acharão parecidos.



TEREZA - Faça como quiser, mas uma coisa eu vou lhe pedir, encarecidamente.

LAILA - Peça.

TEREZA - Você irá se encontrar com ele lá no Hotel, ou onde ele for parar. Aqui no colégio, não. Pode acontecer a infelicidade de alguém o ver entrar e depois não faltarão comentários que nos prejudiquem.

LAILA - Não se preocupe. Agiremos de modo a que a senhora não seja envolvida.

TEREZA - Isto não será apenas em meu benefício, mas no seu também. Quanto menos ele for visto por aqui e quanto menos se falar no nome dele, muito melhor será para você. Tanto mais que você deseja confiar a ele uma certa missão secreta.

LAILA - É isto mesmo. Mas não se preocupe que o plano está bem estudado por mim e com todos os detalhes. Desde que enviei o telegrama chamando Reginaldo que não tenho pensado noutra coisa senão na maneira como seremos obrigados a nos conduzir. E por isso mesmo, porque tudo foi pensado e medido, tenho certeza de que não nos acontecerão surpresas desagradáveis.

TEREZA - Muito bem. Espero e desejo que assim possa ser.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

RAPHAEL - Pronto. Faltá mais alguma coisa para somar? Estes cadernos não têm mais nada. Quer o dos donativos, como o dos gastos.

SIMONE - Então, agora, é só diminuir o total de um, do total do outro e saber qual o saldo que ainda temos em dinheiro. Si é que temos saldo.

RAPHAEL - Isto já está feito, também. Teríamos um déficit de cento e quatro mil cruzeiros, mas com este donativo que acabamos de receber, irás ficarmos com um saldo de cento e noventa e seis ~~xxx~~ mil cruzeiros.

SIMONE - Que donativo acabamos de receber?

RAPHAEL - Este de trezentos mil cruzeiros, que já escrevi no livro dos donativos e que vou fazer o cheque, em seguida.

SIMONE - Seu Rafael, quanta bondade! Será que vamos poder pagar-lhe, um dia, tantos favores? O senhor tem, verdadeiramente, um coração de ouro. Por isso, desejamos e insistimos em botar, na casa, o nome de sua mãe.

RAPHAEL - Seria uma bonita homenagem, sem dúvida, mas acho que ninguém merece mais essa homenagem que você. É por isso que recusei e continuo recusando o que querem fazer. É possível fazer um pedido, Simone?

SIMONE - Peça.

RAPHAEL - Gostaria que você me tratasse, simplesmente, de Rafael. "Seu" Rafael acho por demais antipático. Será que você pode me fazer esse favor? Veja que eu já estou lhe tratando por você.



SIMONE - Está bem. Se isto lhe dá prazer... creio que não há de me custar tanto.

RAPHAEL - Talvez custe um pouco no princípio, até que você se habitue, mas logo a seguir não terá mais problemas.

SIMONE - Está muito bem. Vou tratá-lo, daqui para diante, de Rafael, você... Bem, mas já que o nosso serviço está pronto, penso que poderemos ir andando.

RAPHAEL - Olhe o cheque. Quer guardá-lo no cofre, ou vai levá-lo?

SIMONE - Penso que no cofre ele ficará melhor. Vamos?

RAPHAEL - É cedo, ainda. Eu gostaria de conversar um pouco com você. Afinal de contas, até agora só trabalhamos.

SIMONE - Está bem. Se lhe apraz ficar conversando... Tenho ainda uma hora disponível. Depois terei que ir almoçar, por causa do colégio à tarde.

RAPHAEL - Sabe que eu tenho muitas coisas a lhe dizer?

SIMONE - Ah sim? E por que não diz? Alguma coisa o impede?

RAPHAEL - Ainda que pareça mentira... a timidez. Ou melhor, não é bem a timidez. Penso que é o medo do ridículo. Nunca fui muito afeito a tratar com moças e meros ainda quando elas me agradeceram, porque, para dizer a verdade, até hoje, eu não havia encontrado uma moça que verdadeiramente me agradasse. Todas me pareciam fúteis, vanias e pueris. Com você foi diferente. As coisas que me disse, quando foi a primeira vez à minha casa, fizeram com que eu despertasse do egoísmo e da revolta em que vivia embrenhado. Nunca pude esquecer-las.

SIMONE - Como eu também nunca pude esquecer as coisas que o senhor disse, quando me convidou a me retirar da sua...

RAPHAEL - (CORRANDO) Por favor, não me faça morrer mais uma vez de vergonha. Eu fui um bruto, um desalmado e talvez, mais do que isto, ainda, um pretencioso. Como sou rico, parecia-me que todas as moças que tentassem aproximar de mim, o fariam com a esperança de conquistar-me. Por isso, principalmente, a recebi tão mal. O tom magendo em que me falou e as coisas que, no momento, me disse, saíram-me fortemente e me fizeram voltar à tona. E depois, parece até que como castigo, as suas palavras, ou melhor, a sua voz ficou martelando os meus ouvidos, dias e noites, sem cessar. E naquele martelar contínuo, fizeram com que eu compreendesse que existia entre nós alguma coisa mais forte que não me deixava esquecer-la. E foi então que descobri que essa coisa mais forte era um amor violento que eu tentava, inútilmente, anorçar. E agora, que já sabe que a amo, quero que me responda apenas uma coisa: será que poderei ter a esperança de que você me ame algum dia?



TECLICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

**RAFAEL** - As coisas que me disse, quando foi a primeira vez à minha casa, fizeram com que eu despertasse do egoísmo e da revolta em que vivia embrenhado. Nunca pude esquecê-las!

**SIMONE** - Como eu também nunca pude esquecer as coisas que o senhor disse, quando me convidou a me retirar de sua...

**RAFAEL** - (CORRANDO) Por favor, não me faça morrer mais uma vez de vergonha. Eu fui um bruto, um desalmado e talvez, mais do que isto, ainda, um pretencioso. Como sou rico, parecia-me que todas as moças que tentassem aproximar-se de mim, o fariam com a esperança de conquistar-me. Por isso, principalmente, a recebi tão mal. O tom magoado em que me falou e as coisas que, no momento, me disse, sacudiram-me fortemente e me fizeram voltar à tona. E depois parece, até que, como castigo, as suas palavras, ou melhor, a sua voz ficou martelando nos meus ouvidos, dias e noites, sem cessar. E naquele martelar contínuo, fizeram com que eu compreendesse que existia entre nós alguma coisa mais forte, que não me deixava esquecê-la. E foi então que descobri que essa coisa mais forte era um amor violento que eu tentava, inutilmente amornar. E agora, que já sabe que a amo, quero que me responda apenas uma coisa: será que poderei ter a esperança de que você me ame algum dia?

**SIMONE** - (DEPOIS DE PAUSA, CALMA E DELICADA) Rafael, a sua declaração fez-me experimentar uma sensação nova que nunca, na minha vida, havia habitado o meu ser. Senti-me vaidosa, ou melhor envaidecida, por ter conseguido despertar, num homem como você, os sentimentos que acaba de me expor. Acostumado que você foi considerado, sempre, para as moças da vila, um homem inacessível. Pela sua fortuna imensa, pelo seu físico invejável, pela sua cultura, inteligência e todos os demais predicados que possui, SEM DE VALAR na tradição de sua família, você era, e é, um homem que tem o direito de sonhar muito alto, de pretender uma moça nas suas condições, ou até mesmo uma princesa.

**RAFAEL** - Ora, vamos! Que é isso?

**SIMONE** - Deixe-me falar, por favor. Depois você dirá o que quiser. Considerando todas essas coisas, EU me habituei a pensar em você e olhar para você, como quem pensa e olha para uma estrela distante, cuja luz chega até nós, mas que nos habituamos a saber, de antecção, que jamais poderemos tocá-la. E o que sucedeu então comigo, em relação a você? Nunca, nem um instante, ei



SIMONE - (CONTINUAÇÃO) quer, pensei na possibilidade de um dia vir a ser a Cinda reia da história de sua vida. Existia entre nós um abismo que não me deixou pensar em você como homem. E agora eu preciso de tempo, para ver de que modo reage o meu coração. Sim, Rafael, porque eu jamais me casarei com você apenas porque você é um homem rico, bonito e pertence a uma família que poderia orgulhar qualquer outra. Não cometeria nunca esse crime contra mim e contra você. O coração é soberano e só ele deve decidir as questões de amor. Se você quiser procurar conquistar o meu, sabendo que tanto poderá ser vitorioso como derrotado, eu estou pronta, também, a sujeitar-me à prova. Mas que não fique depois, por qualquer insucesso da sua parte ou da minha, ressentimentos e malquerenças. Quer assim?

RAPHAEL - Quero, Simone. Quero e louvo a sua admirável lealdade. Digo-lhe, até, que apreciei muito mais a maneira como você me respondeu, do que se me tivesse dado um sim. Porque eu não me contentaria com uma parte de você; quero-a por inteiro. Esse corpo gracioso e delicado, sem o conjunto de qualidades que formam o seu caráter admirável, seria apenas um corpo de mulher bonita, mas não seria Simone. É Simone que eu quero. É Simone que eu desejo para companheira dos meus dias futuros, sejam eles negros, ou risinhos. Eu esperarei, Simone. Esperarei e farei tudo para conquistá-la. E agora que já nos entendemos, se quiser ir eu a acompanho.

SIMONE - Quero ir, sim. Estou quasi na hora, mas preferiria que você fosse por um outro caminho.

RAPHAEL - Por que? Não quer comprometer-se?

SIMONE - Não quero provocar mais mexericos e confusões. Bastam os que já fizeram.

RAPHAEL - Está bem, Simone, eu vou então. Posso voltar amanhã?

SIMONE - Se achar que isso lhe dá prazer, affianço-lhe que será sempre bem recebido.

#### TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

REGINALDO - Agora que estamos sós e podemos conversar livremente, diga-me: qual a razão por que me mandou chamar?

LAILA - Porque estou com a vida ameaçada por um idiota que se apaixonou por mim.

REGINALDO - E você não lhe terá dado motivos para que ele se apaixonasse? Veja bem.

LAILA - Absolutamente. Como ele era um rapaz bem-quisto na cidade e já havia prestado diversos serviços ao nosso Grupo, tendo sido preso por uma bobagem, a diretora entendeu que o Grupo tinha o dever de lhe fazer uma visita de solidariedade. Escalou-me, eu fui, levei os cigarros e os doces que ela mandou e bastou isto para que ele interpretasse de modo diferente a minha visita. Desde então não me deixou mais descansar.



REGINALDO - É por que a diretora não foi ela mesma fazer a visita, em vez de mandar você?

LAILA - Ela ia, mas aconteceu que ficou muito gripada e não pode sair. Os doces já estavam comprados, os cigarros também, ela me pediu para ir levá-los. Naturalmente não imaginei, como eu também, que fosse acontecer uma coisa daquelas.

REGINALDO - Mas o que é que ele fez, afinal?

LAILA - Meteu-se na cabeça de querer casar comigo e em toda a parte que eu vou, vai o homem atrás. Na última vez, eu já estava com a minha paciência exgotada, dei um estrilo com ele. Você precisava ouvir as coisas que me disse. A metade eu já nem lembro mais, mas uma coisa que não esqueci foi quando ele disse. Você há de ser minha ou então não será de mais ninguém, porque eu a matarei como se mata um cão feroz.

REGINALDO - Cachorro! Quem é esse camarada? Eu preciso conhecê-lo, para provocá-lo e mandá-lo desta para melhor ou pior. Como eu já imaginava que coisa seria mais ou menos esta, já vim munido das minhas pistolas de precisão. Veja.

LAILA - (NERVOSA) Vire isso pra lá, Reginaldo. Você sabe que eu tenho horror de uma arma apontada na minha direção.

REGINALDO - Não tem perigo, elas estão travadas.

LAILA - Eu não quero saber de brincadeira com arma de fogo. Tenho pavor. Já vi um revólver desarmado matar um homem. Acho que daí é que fiquei com tanto pavor.

REGINALDO - Um revólver desarmado para matar um homem, só o caso de grande altura na cabeça da vítima. De outra forma não pode ser.

LAILA - Eu não sei. A verdade é que dizem que estava desarmado mas que o Alípio colocou uma bala, na hora da brincadeira. O tambor já tinha rodado duas ou três vezes inteiro, sem qualquer detonação. O rapaz apontou para o chacareiro, brincando, puxou o gatilho e tiro saiu. O homem morreu na hora. Guarde essas pistolas, Reginaldo, por favor.

REGINALDO - Pronto, pronto... estão guardadas. Mas voltamos ao fato. Onde é que eu posso encontrar esse camarada que está incomodando você? Preciso, antes de tudo, conhecê-lo.

LAILA - Ele tem uma oficina mecânica, perto da estação de estrada de ferro. Do outro lado. Está sempre de macacão azul, consertando os carros ali fora. É um rapaz alto, de cabelos e olhos pretos. Além dele tem uma figura agradável e sabe ser simpático, quando quer. Eu mostro a você a oficina,



LÁLIA - (CONPLAÇÃO) você chega lá com o seu carro, fingindo que quer consertar alguma coisa e pede para falar com o dono. É ele. Eu posso ir com você até lá perto, mostre-lhe a oficina e volto.

REGINALDO - OK. Vamos, então.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

ANGELA - Dona Sarah, tenho uma novidade que a senhora vai ficar de boca aberta!

SARAH - Não diga! O que foi, dona Angela, conte depressa que eu já estou curiosa.

ANGELA - Mas é uma coisa que não deve sair daqui. Só a senhora e o Padre Demétrio podem saber. Mais ninguém.

SARAH - Não se preocupe. Eu sei guardar segredo das coisas que não são para contar. O mano, então, já pela sua crença, nunca poderá dizer a ninguém uma coisa que lhe foi contada em segredo. Mas diga logo, dona Angela.

ANGELA - A senhora sabe quem fez uma declaração de amor a Simone?

SARAH - Sei, quer dizer... não sei, mas sou bem capaz de adivinhar. Seu Rafael, não foi?

TÉCNICA - ACORDE MUSICAL DE ADMIRAÇÃO.

ANGELA - Como foi que a senhora pôde adivinhar? Já desconfiava alguma coisa?

SARAH - Pois então? Já tinha até falado à senhora. É que a senhora se esqueceu. Um dia até falei ao mano, ressentido. Quando ele começou a se interessar pela casa dos meninos e a fazer doativos cada vez maiores, eu logo senti a coisa.

ANGELA - E o Padre Demétrio também pensava como a senhora? Ele nunca se falou nada.

SARAH - Não sei. Também para mim ele não falou. Disse coisas vagas... pode ser... talvez... talvez não... E eu, para ser sincera, não fiquei sabendo o que é que ele pensava. Mas afinal ele se declarou a Simone? O que foi que lhe disse? Chegou a pedi-la em casamento? A senhora não conta, dona Angela. A gente quer saber e a senhora não conta... Conte logo, não massacre.

ANGELA - A senhora não deixa. Cada vez que eu vou falar diz uma coisa...

SARAH - Pode falar que eu não vou dizer mais nada. Ele se declarou a ela?

ANGELA - Sim. Pediu-a em casamento.

TÉCNICA - ACORDE MUSICAL DE GRANDE SURPRESA.

SARAH - Não diga!... É ela aceitou, não aceitou?

ANGELA - Não senhora, por hora não. Pediu tempo para ver se chega e gostar dele.

SARAH - (NO AUGE DA ADMIRAÇÃO) Nossa mãe!... É muito corajosa a sua filha! Muito corajosa!... Um homem como aqueles... eu agarrava logo com unhas e dentes!

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL



TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

ELVIRA - Então, meu filho? Como se foi hoje de serviço na oficina?

TARCÍSIO - Bem, como sempre, mãe. Serviço não falta. A toda hora está aparecendo um. Às vezes aparece um freguês incoadivável e é isso que incomoda, porque o serviço até distraí a gente.

ELVIRA - Eu não lhe dizia isto sempre, meu filho? É isto mesmo. Trabalhando, as horas passam que a gente nem sente. Quando vê, o dia terminou.

TARCÍSIO - Hoje me apareceu um sujeito, lá, querendo briga a qualquer preço. Mandou mudar a vela do carro. Eu mudei. Ele pagou... saiu... daí a uma meia hora voltou afirmando que eu tinha posto uma vela usada no carro e que ela estava falhando. Eu pacientemente fui procurar a caixa da vela nova, mostrei a ele e tornei a examinar o motor. Enquanto fazia isto, o homem dizia coisas e mais coisas. Lamuriava... xingava... ofendia... Eu já estava a ponto de perder a paciência e aceitar o desafio que ele me lançava, quando ouvi a voz do Padre Demétrio nos meus ouvidos. Parecia que me repetia as últimas palavras que me havia dito.

DEMÉTRIO - (FILERO OU SOPRO) Você andando com Deus, meu filho, estará sempre bem. Lembre-se dele, em qualquer situação difícil e Ele não o abandonará.

TARCÍSIO - Pois a senhora sabe que dali para diante serenei, ouvi o homem dizer todos os desaforos que quis e parecia que não era comigo que ele fazia. A coisa foi de tal jeito, que ele saiu da oficina chamando-me de covarde. E eu não sou covarde, mãe, a senhora sabe.

ELVIRA - Absolutamente, meu filho. Você é até afeito de mais. Mas foi muito bom você ter se vencido. Já houve aquela questão contra você, se houvesse outra, agora, você estaria com a metade da razão perdida, pelos antecedentes. (PAUSA) E quem é esse homem, você não sabe?

TARCÍSIO - Penso que algum forasteiro, porque não tenho a menor ideia de o ter visto, antes, aqui na vila.

ELVIRA - Sabe Deus, até, se não estaria alcoolizado. A pessoa alcoolizada você já sabe do que é capaz. E esse homem foi embora, meu filho?

TARCÍSIO - Não sei. Acho que foi. Pelo menos, no resto da tarde não tornei a vê-lo.

ELVIRA - Que vá com Deus e nos deixe em paz. É assim como você fez hoje, filho, procure fazer sempre. Quando sentir que vai perder a calma, lembre-se de Deus e reviva as palavras do Padre Demétrio que é tão bom conselheiro. Assim a mãe ficará em casa sempre mais tranquila.



MARGOT - Glauque! Que aconteceu que você nunca mais apareceu na minha boite? Você ficou aborrecido com qualquer coisa que eu possa ter feito para você?

GLAUCO - Não, não, Margot, é que eu tenho tido muito serviço, ultimamente. Acho que faz uns quinze dias que estou fazendo serão e lavutando café. Por isso não vim.

MARGOT - Eu cheguei a pensar que você estava doente. Até perguntei isto a diversas pessoas. Uma me disse que havia encontrado você naquele dia e então eu pensei comigo: doença não é. Até fiquei cismado. Você nunca passou tanto tempo sem vir.

GLAUCO - Pois eu fico satisfeito de você ter sentido a minha falta na casa. Com tanta gente, sempre. É gente nova, também. Ali, naquela mesa à esquerda, por exemplo, tem alguém que eu nunca vi por aqui.

MARGOT - Aquela alto e gordo que está de blusa verde? É o irmão de uma professora do Grupo Escolar que veio passar uns dias aqui para fazer uma visita a ela. Deve estar muito bem de vida porque gosta um dinheirron, cada vez que aparece. Esta já deve ser a terceira vez que vem. Mas não quer conversa com as meninas. Senta sozinho na mesa, fica beberricando e olhando os movimentos. Depois paga a despesa e vai embora.

GLAUCO - É... cada um se diverte à sua moda. Eu também prefiro sentar numa mesa com você a sentar com as meninas. Quasi todas são tolas. Não sabem conversar. Talvez ele pense a mesma coisa que eu. Prefira beber pensando, do que ouvir de tolices.

MARGOT - Da próxima vez que ele vier, vou me sentar eu na mesa dele, para ver o que faz. É mesmo para ter certeza de uma coisa que eu desconfio.

GLAUCO - O que é que você desconfia, Margot?

MARGOT - Que ele seja de polícia. (BAIXA O TOM) Vou dizer uma coisa só para você, Glauque. O homem é um bom fregues e gasta bastante, mas eu não gosto da cara dele. Alguma coisa me diz que ele não presta.

#### TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

DEMETRIO - E então? Como vai esse grande homem?

RAFAEL - Felizmente bem, Padre Demétrio. E o senhor como tem passado?

DEMETRIO - Como Deus é servido. Um pouco cansado com o trabalho de fiscalização da obra, mas isso é coisa que não se pode deixar de fazer e que eu não posso deixar para Simone.

RAFAEL - E não é uma coisa que eu possa fazer para o senhor? Garanto-lhe que me sentiria muito feliz, se pudessem ajudá-lo.

DEMETRIO - Pois olhe que eu estou quasi acatando o seu oferecimento. Seria, como se diz, geralmente, uma mão na roda, para mim. Você quer mesmo?



RAFAEL - Se o senhor achar que eu posso fazer o serviço e tiver confiança de entregá-lo a mim...

DEMETRIO - Claro que tenho. Não só confiança como satisfação. E sei de mais alguém que vai ficar também muito contente por vê-lo aproximar-se ainda mais de se importante trabalho. (TOM) Como é? Já revelou a ela os seus planos?

RAFAEL - Mais ou menos. Estivemos conversando, aqui mesmo, e apreciei imensamente a sinceridade de moça. Não me tirou a possibilidade de realizar o meu sonho, mas também não me prometeu nada, nem esboçou sua palavra, antes que seu coração tenha tido o tempo suficiente para manifestar-se. Na época que atravessamos e diante do partido que represento, poucas teriam tido tanta coragem.

DEMETRIO - Simone é, realmente, uma moça extraordinária e você só terá que agradecer ao céu, se puder conquistá-la e casar-se com ela.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

TARCISIO - Você aqui na officina, Glauco? O que é que está para acontecer?

GLAUCO - Vim fazer um convite a você. Não sei se você sabe que eu hoje estou contando tempo.

TARCISIO - O quê! Você está de aniversário, hoje? (CANTA-DO) Parabéns a você, "esta data querida... (PALAUDO E RI-DO) Um abraço então, Glauco. Felicidades.

GLAUCO - Obrigado, mas vamos deixar isto para logo. Separarei uma mesa na boite da Margot e vou oferecer lá uma ceia para você e Otávio. Escolhi a Odete, a Lusa e a Manon para nossas companheiras. O que é que você acha?

TARCISIO - Ótimo! E a que horas vai começar a brincadeira?

GLAUCO - Lá pelas onze e meia, mais tarde... Quem quiser ir mais cedo, desde as onze horas eu já estarei lá.

TARCISIO - E como é o negócio? De paletó e gravata?

GLAUCO - Não, não, todo mundo à vontade. Eu já pedi à Margot para separar aquela mesa do canto esquerdo, aquela que fica lá perto do balcão, que ali a gente fica assim mais separado.

TARCISIO - E você não convidou a Margot? Ela corre de desgosto.

GLAUCO - Convidei, sim. Ela não estava querendo tres garotas. Queria só duas, para um de nós ficar com ela de par, mas eu que não queria e sabia que vocês também não iam querer, disse que ela era a convidada de honra e portanto seria par das tres. Foi então que ela se conformou.

TARCISIO - Coitada da Margot! Ela luta para não se entregar.

GLAUCO - Então quer dizer que eu posso contar com a tua presença na minha ceia de aniversário? Você não vai se dar o bolo?



- TARCISIO - Que bolo? O das velinhas? Se a confeitaria tiver um pronto eu posso...
- GLAUCO - (CERTA, RIUO) Não é isso, rapaz. O bolo das velinhas a Margot se encarregou de mandar fazer. Eu pergunto se você não vai dar o bolo, querendo dizer que não vai faltar...
- TARCISIO - Ah, sim, sim... compreendi. Que besteira a minha. Não vou faltar, não. Pode contar comigo que lá estarei às onze horas. Vou até fechar a oficina mais cedo porque hoje o banho é com sabonete e água morna, em casa.
- GLAUCO - Perfeito. Tá bom, então. Vou contar com você.
- TECHICA - PASSAGEM MUSICAL. PUSÃO COM MUSIS DE BOATE E VOZES DISCRETAS.
- MARGOT - Vamos preparar tudo, para quando ele chegar na boite, todos cantarem o parabens pra você.
- OTAVIO - Não, Margot, o parabens a gente canta no fim da ceia, quando trouxerem o bolo de aniversário com as velinhas.
- LUZA - Isto mesmo. Não se canta antes, não. Só na ocasião do brinde.
- MARGOT - Mas eu queria que quando ele entrasse na boite, todo mundo ficasse sabendo que hoje é o aniversário dele. Então pensei no bolo.
- TARCISIO - Pode-se recebe-lo com palmas. Quando ele aparecer na porta, todo mundo bate palmas. Aí um abraça, outro abraça, a boite inteira vai ver que é aniversário.
- MARGOT - Então vamos fazer o seguinte: vamos ficar todos sentados na mesa e só o lugar dele vazio. Quando ele aparecer a gente se levanta e bate uma salva de palmas. Aí uma das meninas vai recebe-lo na porta e traz para o seu lugar.
- OTAVIO - Isto mesmo. E o parabens a você fica para a hora da sobremesa, quando vem o bolo lá de dentro já com todas as velinhas acesas.
- LUZA - E as luzes apagadas que é justamente para realçar.
- MARGOT - Bem, então vamos todos nos sentar nos nossos lugares para esperar o homenageado. Você, Otavio, senta aqui. Neste lugar aqui... senta você Luza. Non, non... aí non, aí sentará Margot. Você aqui, Luza.
- LUZA - Quem vai ser meu par?
- OTAVIO - Eu, não sirvo? Quem sabe você prefere Tarcisio? O aniversariante não pode porque ele mesmo escolheu Manon.
- MARGOT - Ah, é verdade... e onde está Manon? Ela tem que estar aqui, também.
- LUZA - Ela está lá na mesa, com o forasteiro, Margot. Quer que eu chamo?
- MARGOT - Eu chamo. (CHAMANDO) Manon, venha sentar no seu lugar que Gianque non demorra.



REGISALDO - (DE 2º PLANO) Manon não vai sair daqui. Está me fazendo companhia.

MARGOT - Mas ela tem um compromisso, marcado desde ontem. O senhor desculpe.

REGISALDO - Ela não vai sair da minha mesa. Está dito e não quero repetir.

TARCISIO - Pois então saiba que ela vai ser aqui.

C/REGRA - TIRO DE REVOLVER. GRITO AGUDÍSSIMO DE MULHER. BARULHADA DE BRIGA.

TÉCNICA - EXPLOSAO MUSICAL, FORTE. MUNDE COM CARACTERISTICA MUSICAL DE E-CERAME-  
TO.



S O L I D A O

~~Novela de Erico Gramer~~  
- Novela de Erico Gramer -  
~~Novela de Erico Gramer~~

272 CAPITULO

TECNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

- MARGOT - Bem, enton vamos todos nos sentar nos lugarres, parra esperrar o homena-geade. Você, Otávio, senta aqui. Neste lugar aqui... senta você, Luza.  
Hom, nom... aí se-tarrá Margot. Você aqui, Luza.
- LUZA - Quem vai ser o meu par?
- OTAVIO - Eu. Não sirvo? Quem sabe você prefere Tarcisio? O aniverssariante não po-  
de ser, porque êle mesmo escolheu Manon.
- MARGOT - Ah, é verdade! E onde está Manon? Ela tem que estar aqui, tambem.
- LUZA - Ela está lá na mesa, com o forasteiro, Margot. Quer que a chame?
- MARGOT - Eu chamo. (CHAMANDO) Manon, verha sentar no seu lugar que Glauque nom  
demorra.
- REGINALDO - (DE 2º PLANO) Manon não vai sair daqui. Está me fazendo companhia.
- MARGOT & Mas ela tem um compromisso, marcado desde ontem. O senhor desculpe.
- REGINALDO - (FORTE) Ela não vai sair da minha mesa. Está dito e não quero repetir.
- TARCISIO - (FORTE) Pois então saiba que ela vai sentar aqui.
- C/REGRA - GRITO AGUDISSIMO DE MULHER, JUNTO COM TIRO DE REVOLVER. BARULHADA DE BRI-  
GA. GRITOS DE VÁRIAS PESSOAS. MAIS DOIS TIROS.
- MARGOT - (GRITA-DO, FORTE) Quem apagou a luz? Acendam a luz. Nom façam essa alga-  
zarra. A policia vai fechar minha casa por causa de vocês, desgraçados!  
Luz. Acendam a luz.
- C/REGRA - OS RUIDOS DE BRIGA VAO SERENANDO. CESSAM AS GARRAFAS QUEBRADAS E ARRASTAR  
DE CADEIRAS.
- LUZA - (GRITA-DO, -ERVOSA) Tarcisio! Veja! Ele está ferido!
- OTAVIO - Onde está o forasteiro? Onde se meteu?
- MANON - Não sei... ele estava sentado na mesma mesa que eu, mas de repente eu fu-  
gi, quando vi que ele estava puxando o revolver e quando a luz se acendeu  
não o encontrei mais.
- MARGOT - E quem apagou a luz? Iste eu querria saber. Quem apagou a luz?
- MANON - Tambem não sei.. Vi que o forasteiro se levantou depressa e saiu do lugar,  
mas não vi se foi ele que apagou a luz.
- MARGOT - Só pode ter sido. Mas vamos ter q e fazer alguma coisa com Tarcise. Nom y  
podemos deixar que ele fique assim.
- LUZA - Dói muito, Tarcisio?



TARCÍSIO - (GEMEANDO) Dói um pouco, sim... A baba... parece que... me partiu o braço... em dois lugares. Não posso nem mexer os dedos...

LUSA - Por que não se chama um médico? O doutor Paranhos mora aqui, a duas quadras. Se quizerem posso ir lá, num instantinho...

MARION - O doutor Paranhos não vem aqui. A mulher não deixa. O melhor é levar, logo, o Tarcísio no hospital.

OTÁVIO - É isto mesmo. Não vamos perder tempo, porque, inclusive, ele está perdendo sangue. Passa o outro braço no meu pescoço e vamos, Tarcísio.

LUSA - Mas esperem, ele não pode ir com o braço assim. Temos que ver, antes, um pano para amarrá-lo. Eu acho que tenho um lenço branco, grande. Esperem que vou buscá-lo.

MARGOT - E eu vou lá na delegacia parra contar ao senhor delegado o que aconteceu aqui, antes que o forasteiro chegue lá parra inventar mentirras.

TECÂNICA - PASSAGEM MUSICAL

GUARDA - A franceza tá aí. Qué falá com o senhor.

DELEGADO - O que é que ela quer? Alguma confusão lá na boate dela?

GUARDA - Não sei, não senhor, seu Delegado. Eu só sei que ela qué falá com o senhor e tá sentada ali na sala esperando.

DELEGADO - Isso não são mais horas de atender ninguém e ela me pegou aqui por acaso. Não fosse a tentativa de assalto ao armazem do velho Frederico, eu já estava dormindo há muito tempo. Diz a ela que mande dizer o que quer que eu estou muito ocupado, sinão que volte amanhã às dez horas que eu atendo. Como ela preferir.

GUARDA - Sim senhor, seu delegado. Eu já tinha avisado a ela que o senhor não ia recebê. Ela tava sabendo.

C/REGRA - TREZ OU QUATRO PASSOS DO SOLDADO, SE AFASTAM.

DELEGADO - (PROJETA) Dezenove...

C/REGRA - SUSPENDE OS PASSOS UM INSTANTE.

GUARDA - (DE SEGU<sup>ndo</sup> PL<sup>ano</sup>) Pronto, seu Delegado.

DELEGADO - Mandá a franceza entrar logo, sinão amanhã eu vou ter que atendê-la, da mesma forma e vai ser pior para mim.

GUARDA - (DE SEGU<sup>ndo</sup> PL<sup>ano</sup>) Sim senhor, seu delegado.

C/REGRA - MAIS ALGUNS PASSOS SE AFASTAM. PORTA ABRE, AFASTADA.

GUARDA - (EM 3<sup>o</sup> PL<sup>ano</sup>) Madama, pode intrá que o seu delegado vai atendê a senhora.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER SE APROXIMAM, VI<sup>ndos</sup> DE TERCEIRO PL<sup>ano</sup>. PORTA SE FECHA AFASTADA.

MARGOT - Senhor delegado eu vou lhe pedir muitas desculpas de vir aqui nesta hora da noite.



- DELEGADO - Que aconteceu desta vez, Margot? Olhe que eu já lhe avisei que acabo fechando o seu bar. Você não acredita, qualquer dia vai ver.
- MARGOT - Senhor Delegado, eu não tive culpa. Jurro ao senhor como não tive culpa. E todos que estavam lá virram e podem dizer. Era o aniversário do Glauque e nós íamos fazer um jantar parra ele. Estavamos arrumando a mesa parra todos esperrarem a chegada dele nos lugares parra cantar o "parrabens a você", quando um forasteiro que está aí, que dizem que é irmão da professora Lailá, inventou de não querer deixar a Manon vir se sentar no lugar dela. Aí os rapazes falaram que ela tinha que ir e ele puxou o revolver, deu tiros, apagou a luz e saiu fugido, deixando um dos rapazes com o braço ferido. Ele está, agora, lá no hospital, fazendo currativo.
- DELEGADO - Mas quem eram os rapazes, afinal e quem foi que saiu ferido?
- MARGOT - Era o Otávio e o Tarcise. O Glauque ainda não tinha chegado.
- DELEGADO - O Tarcisio, não é?! Eu logo vi! Esse rapaz está me saindo melhor do que a encomenda. Ele não sabe que a ficha dele, na delegacia, já não é muito limpa? Por que se mete em novas encrencas?
- MARGOT - Mas ele não teve culpa, senhor Delegado, eu jurro parra o senhor que ele não teve culpa. A culpa foi do forasteiro que quiz acabar com a nossa brincadeira, sem nenhuma razão. As meninas já estavam faladas parra serem par dos rapazes no jantar e ele não queria que a Manon fosse só por implicância. E também não precisava puxar revolver e dar tiros. Ele fez isso de malvado e por isso eu vim fazer queixa dele.
- DELEGADO - E onde é que ele está morando, você sabe?
- MARGOT - Eu não sei, mas pode ser no Hotel e se não for no Hotel, a irmã dele deve saber onde ele morra. Basta mandar lá um guarda perguntar. Eu não queria incomodar o senhor, mas depois eu pensei que ele podia vir aqui contar o caso diferente parra o senhor e então resolvi vir. O senhor me desculpe, seu Delegado.
- DELEGADO - Está bem. Eu vou mandar registrar a queixa, e amanhã intimo esse tal forasteiro a vir aqui prestar declarações. Sabe o nome dele?
- MARGOT - Não senhor, não sei. Só sei que é irmão da professora Lailá, porque outras pessoas me disseram lá.
- DELEGADO - Está bem, peça ao Tarcisio que eu mandei pedir que ele venha cá amanhã, que eu desejo fazer-lhe umas perguntas.



C/REGRA - BATIDAS DISCRETAS EM JANELA. PAUSA. REPETEM-SE AS BATIDAS.

REGINALDO- (MEIA VOZ, TOM DE MISTÉRIO) Laila! Laila, abra! Laila! Laila, atenda! Sou eu, Reginaldo. Abra a janela um momento que eu preciso falar com você.

C/REGRA - RUÍDO DE ABRIR JANELA COM CUIDADO PARA NÃO FAZER BARULHO.

LAILA - Quem é?

REGINALDO- Sou eu, Laila, Reginaldo. Preciso falar com você.

LAILA - A esta hora de noite? Que aconteceu?

REGINALDO- O que você queria que acontecesse. Dei tres tiros em Tarcisio. Acho que ele não vai mais incomodá-la.

LAILA - É mesmo? Onde foi? Na rua, ou na casa dele?

REGINALDO- Na boate da Margot. Ele estava sentado numa mesa, eu noutra, provoquei-o. Ele me retrucou, eu não esperei mais nada. Puxei o que fala a verdade e descarreguei-lhe tres tiros. Logo no primeiro já ele pendeu para o lado. Acho que o matei.

LAILA - E agora? O que é que você vai fazer?

REGINALDO- Fugir, é claro. Ou você acha que eu devo esperar que eles me prendam?

LAILA - Você não acha que fugir é pior, Reginaldo? Não será melhor para você continuar seguir provar que ele é o agressor? Você mesmo diz que a coisa mais fácil é comprar testemunhas...

REGINALDO- Desta vez, não. Todos viram que fui eu. Eles tinham lá uma comemoração qualquer que eu atrapalhei, devem estar todos indignados comigo porque acabei com a festa. Nesta altura até já devem ter dado parte de mim. Por isso já fui no Hotel, paguei a conta, antes que o fato se espalhasse e já estou com a minha bagagem ali no carro. Queris me despedir de você e pedir-lhe que me mande notícias logo.

LAILA - Está bem. Você pensa voltar por aqui?

REGINALDO - Vai depender do que você mandar me dizer. Se tudo correr bem, que eu possa voltar sem cuidado, dentro de oito ou dez dias virei visitá-la. Não se esqueça que me prometeu pensar na proposta de abandonar tudo e ir morar comigo.

LAILA - Não me esquecerei, não, mas você também não poderá esquecer as coisas todas que me prometeu, e entre as quais está uma casa, um automóvel e uma conta no banco. Quando você me disser que está em condições de fazer isto, no dia seguinte eu estarei ao seu lado. Vá de uma vez então, adeus. Não perca mais tempo com conversas.

REGINALDO - Um beijo. (PAUSA PARA BEIJO) Adeus. Até breve.

LAILA - Adeus. Eu vou fechar que está frio.



C/REGRA - RUIDO DE FECHAR A JA-ELA COM CUIDADO. PASSOS DE HOMEM EM CALÇADA.

JOA-A - (DEPOIS DE PAUSA) Que bom mesmo que ela fosse com ele e os deixasse.

Mas se Tarcisio morreu... eu arrisco tudo, mas dou parte deles.

TÉCNICA - CARRO LIGADO MOTOR EM SEGU-DO PLAC-O E SAI-DO. FU-DE COM PASSAGEM MUSICA

LOCUTOR - ME-SAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

ELVIRA - Meu coração de mãe ainda me diz que isso tudo foi trabalho preparado por Laila. Si ele é irmão dela, como dizem, está explicada a primeira provocação que ele fez, quando levou o carro na sua oficina. Lembra-se que voce me falou?

TARCISIO- Lembro-me, sim. E o lamentável é que eu não o tivesse conhecido no primeiro momento, porque então teria me retraído. A questão teria sido, talvez, com Otávio ou com a própria Margot, e não comigo.

ELVIRA - Mas se o alvo era você, meu filho, nada teria adiantado que a questão fosse com outro. Ele teria atirado em você, do mesmo jeito. E tudo isto, acredite, ainda é consequência de você ter recebido mal a irmã dele. Ela, com toda certeza, se queixou a ele e sabe-se lá que coisas terá dito?! Mas você tem testemunhas de que foi provocado, não tem?

TARCISIO-Claro. Todo mundo que estava lá. E depois eu estava desarmado. Ele não pode alegar nem que o agredi. O que foi que o delegado disse à senhora?

ELVIRA - Que precisava que você fosse lá prestar declarações e que lamentava que tivesse acontecido isso com você, tão pouco tempo depois da sua... que você esteve lá. Eu disse a ele que também lamentava, mas que estava certa de que você havia sido provocado. Pedi-lhe que o deixasse descansar hoje, por causa do braço e que amanhã você iria procurá-lo. Ele concordou. De maneiras que amanhã, a primeira coisa que você vai fazer é procurar o Delegado e responder, com muita maneira, a tudo quanto ele perguntar. Mesmo que ele possa fazer alusões que lhe desagradem, não perca a calma, nem o respeito que lhe deve, como autoridade. Lembre-se de mim, é tudo que lhe peço.

TARCISIO - Não se preocupe, mãe. Garanto-lhe que, com toda a má vontade que possa ter contra mim, ele não terá por onde me pegar.

ELVIRA - Mas ele não tem má vontade contra você, meu filho. Não vá pensando isto, porque é uma injustiça da sua parte. Ele faz, apenas, aquilo que é seu dever, como autoridade.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL



ANGELA - A sehora soube da grande novidade da Noite de ontem, doNa Sarah?

SARAH - Onvi falar, por alto, na saída da Igreja, mas como o maNo sempre se aborrece comigo, quando demonstro curiosidade, resisti à tentação de perguntar o que tinha havido e saá muito feliz por ter conseguido me vencer.

SIMONE - Pois eu, ao chegar ao colégio, hoje cedo, Joana me contou uma porção de coisas. Pena que Joana tem medo de se comprometer e a gente não pode falar as coisas que ela ouviu.

ANGELA - Coitada, miNa filha, você sabe como são as coisas: a corda rebelta, sempre, pelo lado mais fraco! Ela tem medo de ser prejudicada e com toda a razão, porque nem Laila nem a diretora, doNa Teresa, são flores que se cheire. Si ela cair na asneira de acusar a qualquer uma delas, na mesma hora será capaz de ser demitida e até processada por calúnias e injúrias.

SARAH - Mas afinal de contas, o que foi que aconteceu que eu até agora ainda não fiquei sabendo e estou ardendo em curiosidade. De manhã consegui vencer-me, mas agora não consigo.

SIMONE - Tarcisio foi baleado numa boate, por um homem que dizem ser irmão de Laila.

SARAH - Não diga!... Mas por que motivo, afinal de contas? Brigaram? Dicutiram?

SIMONE - Disse Joana que não houve nada. Que ele foi propositalmente provocado pelo homem, parece que respondeu qualquer coisa e o homem, ali mesmo, na hora, puxou do revólver e atirou para matá-lo. Disse Joana que ele até pensava que Tarcisio estava morto, quando foi contar o fato para a irmã e avisar que ia fugir. Ela disse que ficou tão nervosa, que não pode dormir o resto da noite. De manhã cedo foi à casa de doNa Elvira, certa de que ia encontrar um velório e o rapaz estava vivo, conversando, apenas ferido num braço. Eu vou esperar que o Padre Demetrio possa para pedir-lhe que me acompanhe numa visita à doNa Elvira, coitada. Ela deve estar nervosíssima.

SARAH - E com toda razão. Essa rapaziada não devia se meter nessa tal de boate. Ou então, já que não se pode convencê-los de não irem, cabia a nós fazermos um movimento para que a casa fosse fechada. Era um saneamento para a vila. Já felei isso ao maNo, mas a francesa é uma espertelhana, todo mês manda vultosas contribuições para os pobres da paróquia, o maNo acha que uma atitude dessas soará, nele, como uma ingratidão. E então ela se limita a aconselhar os rapazes. Está aí o que adiantaram os conselhos. Se a casa tivesse sido fechada, isto não teria acontecido. Mas na primeira reunião das Damas de Caridade eu vou ventilar outra vez esse assunto.



DELEGADO - Boa tarde, do<sup>na</sup> Teresa, seria possível falar com do<sup>na</sup> Laila?

TEREZA - Pois não. O se<sup>nh</sup>or pode se<sup>nt</sup>ar-se que eu mandarei chamá-la em seguida.

DELEGADO - Obrigado. A demora não vai ser muita, mas te<sup>nh</sup>o andado tanto, hoje, que prefiro mesmo se<sup>nt</sup>ar-me.

C/REGRA - SI<sup>gn</sup>EPI<sup>ta</sup>HA DE CHAMADA. BATE DUAS VEZES.

DELEGADO - Ela ai<sup>nda</sup> estará em aula?

TEREZA - Não se<sup>nh</sup>or. A aula termi<sup>na</sup>ou às quatro horas. Deve estar corrigi<sup>ndo</sup> as li<sup>ções</sup> dos alu<sup>nos</sup>. Até se o se<sup>nh</sup>or quizesse ir até lá, mas o se<sup>nh</sup>or está cansado o melhor mesmo é que...

C/REGRA - PORTA QUE ABRE EM SEGU<sup>ndo</sup> PLA<sup>co</sup>.

TEREZA - Jo<sup>ana</sup>, diga à do<sup>na</sup> Laila que venha até cá que o se<sup>nh</sup>or Delegado está aqui e precisa falar com ela.

JO<sup>ana</sup> - (2<sup>a</sup> PLA<sup>co</sup>) Sim se<sup>nh</sup>ora.

C/REGRA - PORTA QUE FECHA EM SEGU<sup>ndo</sup> PLA<sup>co</sup>.

TEREZA - Já ouvi uns rumores esta ma<sup>nhã</sup>... parece que aconte<sup>ceram</sup> desórde<sup>ns</sup> na vi<sup>la</sup>, não é verdade? Segu<sup>ndo</sup> me disseram, até tiros parece que foram dados.

DELEGADO - É verdade, sim. A rapaziada bebe um pouco, fica alterada e não se controla mais. Eu compre<sup>ndo</sup> essas coisas, porque também fui rapaz, mas o meu dever é apertar com eles, para que eles sintam que não podem fazer tudo quanto têm vontade.

TEREZA - É claro. E o se<sup>nh</sup>or faz muito bem em ser severo. Quanto mais severo for, mais eles o respeitarão. Principalmente os rapazes de hoje que têm uma tendência toda especial para o abuso. Eles não respeitam nada.

C/REGRA - PORTA QUE ABRE E FECHA EM SEGU<sup>ndo</sup> PLA<sup>co</sup>. PASSOS QUE SE APROXIMAM (LAILA)

LAILA - Boa tarde, seu Lourenço.

DELEGADO - Boa tarde, do<sup>na</sup> Laila.

LAILA - A Jo<sup>ana</sup> foi me avisar que o se<sup>nh</sup>or precisava falar comigo?

DELEGADO - É verdade, sim. Precisava fazer-lhe algumas pergun<sup>tas</sup> a respeito de seu irmão.

TEC<sup>n</sup>ICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

LAILA - Pois não. Estou inteiramente às suas órde<sup>ns</sup>.

TEREZA - E eu me retiro, para deixá-los mais à vontade. Com licença.

C/REGRA - PASSOS DE TEREZA QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2<sup>a</sup> PLA<sup>co</sup>.

DELEGADO - Do<sup>na</sup> Laila, eu preciso que a se<sup>nh</sup>ora respo<sup>nda</sup> a algumas pergun<sup>tas</sup> que vou lhe fazer.

LAILA - Pois não. Se eu puder respo<sup>ndê</sup>-las, ficarei satisfeita.

DELEGADO - A se<sup>nh</sup>ora tem um irmão aqui na vila, chegado há dois ou três dias?



LAILA - Tive senhor delegado, mas êle foi obrigado a fugir, diante das ameaças de morte. Sain esta madrugada, de volta para o Paraná, onde reside.

DELEGADO - As informações que tenho é que êle atirou num dos repazes da vila, ontem à noite, na boate da Margot.

LAILA - Não é verdade. Ele não atirou. Ele apenas respondeu aos tiros que lhe deram à queima roupa, sem qualquer motivo.

DELEGADO - Mas por que terá fugido, em vez de registrar queixa na delegacia?

LAILA - Porque eu o aconselhei a que fugisse. Conheço essa gente daqui, sei o quanto é traiçoeira e má e tive receio de que, como ele levou a melhor na briga, preparassem-lhe uma emboscada e lhe tirassem a vida. Si êle fez mal, foi por minha culpa e estou disposta a sofrer as consequências em seu lugar. Não me furto a isso, senhor Delegado.

DELEGADO - Mas não se trata disto e sim de esclarecer devidamente os fatos e apurar as responsabilidades. Si o acusam e êle não está para defender-se, a parte pior vai ficar com êle. Tenho tres testemunhas contra ele. Otavio, Luga e Margot. Pessoas que estavam presentes, na hora, e tomaram parte na confusão. Apenas uma, uma pequena chamada Maron, não quis prestar qualquer depoimento. Era a pequena que estava sentada na mesa com seu irmão. Disse que foi tudo muito rápido e que não chegou a ver nada.

LAILA - Maron? Bem... em todo caso o senhor já pode ver que a sensação não foi nenhuma. A pequena que estava com meu irmão na mesa não o acusou. Eu vou relatar ao senhor os fatos tal qual meu irmão me contou esta manhã, muito cedo, quando veio me perguntar o que deveria fazer. Foi o seguinte...

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

GUARDA - Seu Tarcisio está em casa?

ELVIRA - Está, sim senhor. Dei-lhe um sedativo para as dores do braço e ele está dormindo. Quer deixar o recado?

GUARDA - Não senhora. Vin buscá-lo a mando do seu delegado.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

ELVIRA - (SUSTO) Buscá-lo? Mas buscá-lo por que? O senhor delegado sabe que ele está ferido e que não teve culpa de nada...

GUARDA - Pois é, mas acontece que houve uma denúncia contra êle.

TÉCNICA - REPETE A VERGASTADA ANTERIOR.

ELVIRA - Uma denúncia? Mas uma denúncia de quem?

GUARDA - De uma pequena chamada Maron. As declarações dela comprometem muito o seu filho!

TÉCNICA - EXPLOSAO MUSICAL PU-DE COM CARACTERISTICA MUSICAL PARA ENCERRAMENTO.



TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

GUARDA - Seu Tarcisio está em casa?

ELVIRA - Está, sim senhor. Dei-lhe um sedativo para as dores do braço e ele está dormindo. Quer deixar o recado?

GUARDA - Não se-hora. Vin buscá-lo a ma<sup>o</sup>do do seu delegado.

TÉCNICA- VERGASTADA MUSICAL FORTE.

ELVIRA - (SUSTO) Buscá-lo?! Mas buscá-lo por que? O senhor delegado sabe que ele está ferido e que não teve culpa de nada...

GUARDA - Pois é, mas acontece que houve uma denúncia contra ele.

TÉCNICA - REPETE A VERGASTADA ANTERIOR.

ELVIRA - Uma denúncia?! Mas uma denúncia de quem?!

GUARDA - De uma pequena chamada Manon. As declarações dela comprometem muito o seu filho.

TÉCNICA - REPETE A VERGASTADA MUSICAL.

ELVIRA - Não pode ser. Todos os que assistiram o fato foram unânimes em dizer que meu filho não teve culpa de nada.

GUARDA - Mas ela disse ao seu delegado que o seu Tarcisio foi quem provocou o forasteiro e atirou nele.

ELVIRA - Mas atirou como, se o meu filho nem estava armado? Essa criatura não sabe o que está dizendo. Meu filho não provocou ninguém. Meu filho foi provocado por ele. Eu sei bem, porque ele me contou e Tarcisio nunca mentiu para mim. Mesmo quando as coisas o comprometem, ele se conta tal como elas se passaram. E ele me disse que estava desarmado e o forasteiro atirou nele.

GUARDA - Bem, minha senhora, eu não posso fazer nada. Tenho que cumprir as ordens do seu delegado, não quem leva a pior sou eu. Ele me mandou vir aqui buscar o seu Tarcisio, porque havia recebido uma queixa contra ele.

C/REGRA - PORTA QUE ABRE EM SEGU<sup>o</sup>DO PLANO.

TARCISIO - que houve, mãe? Ouvi a senhora falando tão alto que resolvi me levantar e vir ver o que estava se passando.

ELVIRA - Denunciaram você, meu filho. Mentiram ao delegado que você provocou o forasteiro e foi o primeiro a atirar. Que ele ap<sup>o</sup>des o at<sup>o</sup>ngia porque usou a sua arma para defender-se. Isso é uma infâmia, não é meu filho? Você nem estava armado; não foi o que você me disse?

TARCISIO- Foi, mãe. Não estava armado, realmente.



ELVIRA - Então como é que uma pessoa pode dizer o que disse contra o meu filho?

TARCISIO - Quem disse isso? Posso saber?

GUARDA - Foi Mañon. Ela fez declarações que comprometem o senhor.

TARCISIO - Mañon? Mas como? Por que? Si ela sabe perfeitamente como tudo aconteceu?

ELVIRA - Só pode ter sido comprada. Gente dessa espécie vende-se facilmente.

TARCISIO - Comprada? É... talvez... mas eu prefiro acreditar que tenha sido ameaçada e por medo tenha dito o que disse.

ELVIRA - E agora, meu filho?! Será que você vai ser preso outra vez? Isso é uma injustiça. O senhor delegado não tinha o direito de lhe fazer uma coisa dessas. Você está ferido, perdeu sangue, precisa tratar-se... Deixe-me ir lá falar com ele, Tarcisio.

TARCISIO - Não, mãe, a senhora fique. Eu vou lá. Ele há de querer fazer perguntas que a senhora não poderia responder. Eu vou e estou certo de que voltarei. Se não voltar, a senhora procure o doutor Martinho que ele conseguirá tirar-me de lá. Mas esteja tranquila porque eu voltarei. Tenho certeza de que me será muito fácil destruir as acusações de Mañon. Um momento, meu amigo, eu vou botar um casaco e em seguida o acompanharei à delegacia.

#### TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

SIMONE - Elas já chegaram, Joana?

JOANA - Não senhora. E acho que não vão chegar cedo, porque foram do Correio.

SIMONE - É bom. Eu queria falar contigo e assim flico mais à vontade. Joana, parece que Tarcisio está novamente envolvido na questão da briga. Disseram-me que apareceu, na última hora, uma testemunha contra ele. Você não teria coragem de contar ao delegado as coisas que ouviu?

JOANA - Deus me livre, dona Simone! A senhora não sabe que eu preciso do meu emprego? Si eu sair daqui como é que eu vou viver? Onde vou morar? Eu sou uma mulher sózinha, não tenho parentes, não tenho amigos... Não tenho nem para onde ir.

SIMONE - E se o Padre Demétrio conversasse com o delegado e ele promettesse guardar sigilo sobre as suas declarações? Nem assim você se animaria e depor?

JOANA - Acho que não, dona Simone. Tenho muito medo. Eu já sofri muito na vida. Já conheci a fome que é a coisa pior que pode existir no mundo. Agora que estou arruinada, a senhora já pensou o que seria de mim se, de uma hora para outra, eu perdesse o pouco que tenho? Acho que me atirava na Lagoa ou debaixo do trem. Não ia ter mais coragem para lutar outra vez. Por isso é melhor que a senhora não me envolva.



SIMONE - Não, Joana, você pode estar desconfiada que, sem a sua autorização eu não direi uma só palavra do que você me revelou. Só tenho pena que não se possa utilizar uma prova dessas para defender Tarcísio que, afinal de contas, poderá ser preso injustamente. Em todo caso, vamos esperar. Pode ser que isso não chegue a acontecer.

JOANA - Mas mesmo que aconteça eu lhe peço que não me comprometa. Eu não quero questões com dona Tereza e dona Laila. Principalmente com dona Laila que eu já vi que é uma mulher perigosa. Dona Tereza não é tanto, mas deixa influenciar-se muito pela outra.

SIMONE - Talvez, até, seja por medo que ela faz isto. A gente não sabe.

JOANA - Pode ser, sim, porque eu vou dizer para a senhora que a mulherzinha é de abrir. E a sorte dela é que eu sou medrosa. Si eu não fosse...

SIMONE - É Joana, vamos deixar as coisas como estão, para ver como ficam. Vamos pedir a Deus para que a luz se faça sobre esses acontecimentos e que se jama ~~manifestem~~ puidos os verdadeiros culpados e não os inocentes.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

DELEGADO - Você insiste em dizer que estava desarmado?

TARCÍSIO - Claro. Ou o senhor quer me forçar a dizer uma coisa que não é verdade? Todos os que estavam conosco, na mesa, sabem que eu não tinha arma nenhuma e que nem sequer fiz tentativa de tirar uma faca ou um revólver. Apenas me levantei e falei, no mesmo tom que ele, dizendo que a mulher viria para a nossa mesa porque já estava antecipadamente comprometida conosco. Acho que nem cheguei a dizer tudo que queria. Foi imediatamente ferido no braço e se não caiu para o lado e a luz não se apaga, talvez a esta hora não estivesse aqui prestando declarações, porque, depois do primeiro tiro, ele ainda disparou mais dois.

DELEGADO - Mas eu tenho aqui umas declarações da pequena que estava com ele na mesa e que foi o motivo da briga, defendendo-o.

TARCÍSIO - Pois eu gostaria muito de saber o que ela diz.

DELEGADO - Vai saber. Eu até mandei chamá-la para que ela dissesse, de viva voz, na sua frente, as coisas que declarou no inquerito que estamos procedendo. (TOM) Quarenta e quatro, faz entrar a pequena da boate.

VOZ - (28 PLANO) Sim senhor. Com licença.

C/REGRA - BATER DE CALCANHARES EM CONTINÊNCIA. PASSOS SE AFASTAM. PORTA ABRE E FECHA EM 38 PLANO.

TARCÍSIO - Eu acho estranho que essa mulher tenha dito qualquer coisa contra mim, quando ela viu, direitinho, tudo que se passou. Ela mesma declarou,



TARCISIO - (CONTINUAÇÃO) depois, segundo as outras, porque eu, com o ferimento do braço, nem ouvi mais nada, que estava louca de vontade de vir para o nosso grupo e que já tinha avisado ao forasteiro que tinha compromisso com Rosco, mas que ele não queria saber de nada. Parece que estava mesmo disposto a fazer daquilo um cavalo de batalha. E fez.

C/REGRA - PORTA QUE SE ABRE EM 3º PLANO. PASSOS DO GUARDA E DA MULHER SE APROXIMAM  
VOZ - (2º PLANO) Pro<sup>to</sup>, seu delegado. A cara tá aqui.

DELEGADO - Aproxime-se.

C/REGRA - PASSOS DE DA MULHER SE APROXIMAM. PORTA QUE SE FECHA EM 3º PLANO.

MA<sup>ON</sup> - Pro<sup>ta</sup>, seu delegado.

DELEGADO - Se<sup>te</sup>-se. Co<sup>hece</sup> este rapaz aqui, não co<sup>hece</sup>?

MA<sup>ON</sup> - Co<sup>heço</sup>, sim se<sup>hor</sup>. É frequ<sup>ntador</sup> assíduo da boate da Margot. Está por lá quasi todas as noites.

DELEGADO - Ele estava também na noite de ante-on<sup>tem</sup>, quando aconteceu lá aquela co<sup>nfusão</sup>; não é verdade?

MA<sup>ON</sup> - Estava, sim se<sup>hor</sup>. Ele foi a causa de toda a co<sup>nfusão</sup>.

TARCISIO - Eu não. Você que foi, óra esta!

DELEGADO - Por favor, Tarcisio, deixe a pequena falar. Depois você se defe<sup>nde</sup>. Você quer repetir aqui, Ma<sup>ON</sup>, o que você me co<sup>ntou</sup>, antes, sobre os aconte<sup>mentos</sup> da noite de ante-on<sup>tem</sup>?

MA<sup>ON</sup> - Posso repetir, sim se<sup>hor</sup>. Eu estava se<sup>ntada</sup> numa mesa com o forasteiro. Havia um grupo onde estavam Margot e Tarcisio, numa mesa maior, preparada para um jantar de aniversário. Eu estava co<sup>nvitada</sup> para esse jantar, mas quando cheguei ao salão ainda era cedo e o forasteiro me chamou para a mesa dele. Eu fui. Estava lá bebericando com ele e co<sup>nversando</sup>, quando Tarcisio se lev<sup>ntou</sup> lá na mesa grande e gritou que eu tinha que ir para lá ocupar o meu lugar, antes que o home<sup>agado</sup> chegasse. Eu achei meio brusca a maneira dele mas não quis fazer co<sup>nfusão</sup> e me lev<sup>ntei</sup> logo, pedindo licença ao forasteiro. Ele disse que não, que eu não ia porque ele não ia ficar sozinho na mesa. Foi o que<sup>nto</sup> bastou para que Tarcisio se lev<sup>ntasse</sup> e atirasse em direção a nós. O forasteiro, muito ágil, tirou depressa o revólver e revidou o ataque. A luz se apagou e eu não fiquei vendo mais nada. Quando a sala se iluminou, novamente, vi que Tarcisio estava ferido no braço e o forasteiro havia desaparecido. Foi isto o que se passou e foi isto o que eu prese<sup>ntei</sup>.

TARCISIO - Posso falar agora, seu Delegado?

DELEGADO - Pode e deve falar.



TEC<sup>N</sup>ICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TEC<sup>N</sup>ICA - PASSAGEM MUSICAL

TARCISIO - Posso falar agora, seu Delegado?

DELEGADO - Pode e deve falar.

TARCISIO - Não sei a que atribuir as declarações mentirosas de Manon. Ela deve estar ameaçada ou comprada. Se estiver ameaçada, eu ainda compreendo e serei capaz de desculpá-la, mas se estiver vendida, passarei a considerá-la, desde agora, a última das mulheres. A mais ríles, a mais desprezível, a mais ordinária, a mais...

MANON - Seu delegado, ele está me ofendendo eu não posso admitir uma coisa destas. Si ele me diz desaforos eu também vou dizer.

DELEGADO - Espere, Manon. É a vez de Tarcisio falar. Depois você se defenderá, ou revidará as ofensas, se achar melhor. Continue, Tarcisio.

TARCISIO - Manon viu como tudo se passou e está torcendo as coisas com o visível propósito de me prejudicar. Não sei a que atribuir tal coisa. Não posso saber. Nunca morri de amores por ela e nem tive com ela maiores intimidades, mas sempre achei que ela tinha um jeito bom, de moça arrastada a uma condição inferior pela maldade da vida, mas hoje pude constatar que a maldade é dela mesma, ainda com ela e atinge os que dela se acercam. Manon é ordinária, mesmo, por natureza. Eramos, ao todo, sete pessoas, na boate: Margot, Luza, Manon, Otávio, eu, o garçon e o estrangeiro. Todos viram que foi êle quem me atirou, Manon viu ao contrário. Pode ter visto? Não creio. Não posso crer. E si é por qualquer ameaça que procura torcer os fatos, eu ainda serei capaz de perdôá-la, porque sei que o medo nos obriga, muitas vezes a fazer os papéis mais desprezíveis. Mas si ela se vendeu ao forasteiro, o que me parece mais provável de tudo, então eu passarei a considerá-la mais negra e mais pudente do que a lama das sargetas. Era o que eu tinha a dizer em minha defesa, senhor delegado. Agora... julgue como quiser.

DELEGADO - Não é a mim que cabe julgar os fatos. Eu apenas estou solidando dados que permitirão, depois, aos juizes, julgar ou condenar. Todas as pessoas que você citou serão ouvidas e tomadas por termo as suas respectivas declarações. E as declarações todas, por sua vez, serão confrontadas, examinadas, estudadas, aproveitando-se o que cada uma possa encerrar de verdade para se poder chegar a uma conclusão verdadeira. E que Deus nos ilumine para que não pratiquemos uma injustiça.



TARCÍSIO - É só o que eu quero que seja feito. Um julgamento justo. Nada mais.

DELEGADO - Guarda, faça entrar as outras testemunhas.

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL

RAFAEL - Que há, Leopoldina? Por que Miguel traz esse ar tão assustado? Você ralhou com ele?

LEOPOLDINA - Não, seu Rafael. Apenas fiz com que ele viesse até aqui comigo, para que o senhor lhe entregasse aquelas ordens que deu a mim e a Eudóxia, já que a nós ele não atende.

RAFAEL - Muito bem. Miguel, sente-se aí. Eu quero conversar um pouco com você.  
(PAUSA) Você sabe quem sou eu, não sabe? (PAUSA) Fale, Miguel, eu preciso que você me responda. Você sabe quem sou eu?

MIGUEL - Um dia me disseram que o senhor era o menino, filho do patrão.

RAFAEL - Exato. Quem lhe disse isto, disse uma verdade.

MIGUEL - Mas então, se o senhor é o menino filho do patrão, o senhor não é o patrão. Não se pode ser duas coisas ao mesmo tempo. Ninguém pode. Nem mesmo os que são ricos e poderosos, como dizem que o senhor é.

RAFAEL - De fato. Ninguém pode ser duas coisas ao mesmo tempo, mas as coisas podem se modificar. Eu era o menino, filho do patrão, tal como disseram a você. Mas acontece que o menino cresceu, ficou homem e o patrão velho morreu e tudo que era dele ficou para o filho. Então o patrão agora sou eu, entende? Eu de fato não poderia ser o patrão, se continuasse menino e o meu pai não tivesse morrido. Mas ele morreu... eu cresci... o patrão agora sou eu. Você conseguiu entender a minha explicação, Miguel?

MIGUEL - Acho que consegui. O menino cresceu... o patrão velho morreu... o menino ficou homem e ficou patrão no lugar do outro...

RAFAEL - Exatamente. Agora vejo que você compreendeu perfeitamente o que eu acabei de explicar a você. Agora há outra coisa que você precisa compreender, também: o patrão dá ordens, o empregado obedece. O empregado não pode fazer uma coisa diferente daquilo que o patrão manda. O patrão sou eu, o empregado é você. Você tem que fazer o que eu mandar. Entendeu também?

MIGUEL - Entendi, sim senhor. Eu tenho que fazer o que o senhor manda, porque o senhor é patrão e eu sou empregado.

RAFAEL - Perfeito. Pois então a ordem que eu dou e você terá que cumprir é a seguinte: ninguém poderá entrar em vila verde, a não ser o Padre Demétrio. Ouviu bem? Só o Padre Demétrio tem ordem minha para entrar na minha casa. Outra qualquer pessoa que chegar aí, não poderá passar do portão de ferro. Ficou bem entendido?



MIGUEL - Fieou, sim senhor. Nenhuma pessoa poderá passar o portão de ferro.

RAPAEI - Só o Padre Demétrio.

MIGUEL - Só o Padre Demétrio.

RAPAEI - Parece que êle compreendeu bem, você não acha, Leopoldina?

LEOPOLDINA - Parece, sim. Pelo menos êle conseguia acompanhar o seu raciocínio bem direitinho. Acredito que a ordem venha a ser cumprida.

RAPAEI - Muito bem, então agora você pode levá-lo de volta para o jardim e diga à Eudoxia que preciso falar-lhe. É outra a quem eu também terei que explicar as coisas com jeito e paciência, para evitar qualquer coisa desagradável que possa vir a acontecer.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

DELEGADO - A senhora tem que dar um jeito de avisar seu irmão que êle precisa comparecer na delegacia para prestar declarações, ou então êle terá que ser condenado pelas declarações da maioria das testemunhas.

LAILA - Mas como quer que o avise, se não sei para onde êle foi? Eu já não disse ao senhor que êle fugiu?

DELEGADO - Mas não podia fugir. Não deveria fugir. Afinal... si não lhe sabia culpa do acontecido, por que fugir?

LAILA - Fui eu que o aconselhei. Conheço bem Tarcísio e sei do que êle é capaz. Já tinha ameaçado meu irmão, desde o dia seguinte da sua chegada, quando meu irmão levou o automóvel para revisar na oficina dele. Aquela noite encontraram-se, por acaso, na boate da francesa. Meu irmão estava numa mesa com uma pequena. Havia uma porção de outras pequenas. Por que motivo ele haveria de querer que justamente aquela que estava com meu irmão fosse se para a mesa dele? Por provocação, énicamente. Meu irmão ainda disse à pequena que fosse, para evitar aborrecimentos. A pequena não quis ir. Declarou que tinha horror a Tarcísio e aos seus amigos. Que culpa tinha meu irmão, para que êle se levantasse, puxasse o revólver e desse tres tiros, sem qualquer discussão? Bandido é o que êle é. E não satisfeito com o que fez, ainda mandou dizer ao meu irmão, por um rapazião que eu não sei quem é, que o meu irmão sumisse da frente dele, se não quizesse ir desta para melhor. O senhor compreende... eu não queria ver meu irmão morto assim, estúpidsmente, só porque Tarcísio implicou com a cara dele. Aconselhei Reginaldo a fugir e não se arrependo.

DELEGADO - Pois é, mas êle talvez venha a se arrepender. Se descobrir uma maneira de mandar-lhe um aviso, diga-lhe que venha e se apresente logo para não complicar mais a sua situação.



LAILA - Eu não creio que me apareça essa maneira de mandar-lhe qualquer aviso, mas em todo caso... si ela aparecer... eu lhe mandarei dizer que venha. Mas advirto-o, desde já, que o senhor será responsável por qualquer atentado que êle possa sofrer.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

DEMETRIO - Falei com o Delegado, hoje e fiquei sabendo das acusações que Laila fez contra Tarcísio. Coitado, ele está pagando alto preço pelo crime de a ter recusado. Essa moça é um demônio vestido de mulher. Cufuses!

SIMONE - E o triste é não se ter uma testemunha, com a qual se possa desmascará-la. Jôana ouviu muita coisa, mas não quer que se use o nome dela. É uma testemunha que não conta. Eu fico desesperada, padre Demétrio!

DEMETRIO - Não se desespere, não, minha filha. Então que é isso? Não confia em Deus?

SIMONE - Eu confio, mas o que me entristece é justamente saber que essas coisas cada vez mais afastam Tarcísio da religião e de todas as verdades celestes que lhe poderiam ser tão úteis.

DEMETRIO - Ele está, justamente, sendo experimentado, Simone. Não esqueça isto.

SIMONE - Eu sei, mas êle não sabe. E por não saber, vai descrendo cada vez mais. E descrendo vai se afastando, dia a dia, do verdadeiro caminho que nos conduz à grande Verdade.

DEMETRIO - Está em nós ampará-lo, neste momento, e não deixar que êle caia na treva espessa da descrença. Amanhã pretendo tornar a visitá-lo para falar-lhe de Deus e da sua misericórdia. Você quer ir comigo? Talvez sua palavra, neste momento, pudesse ter uma grande força junto a êle.

SIMONE - Não creio. Mais do que a sua, nenhuma outra pode ter. Ele não erê mais em mim, não tenho, portanto, o direito de impor-lhe a minha presença.

DEMETRIO - Quer dizer, então, que não pretende fazer nada por ele nesta hora difícil?

SIMONE - Pretendo, sim, Padre. Já estive pensando longamente no assunto e hoje, agora mesmo, tomei uma resolução.

DEMETRIO - Qual é ela? Você pode dizer, ou prefere guardar segredo dessa resolução?

SIMONE - Óra, Padre Demétrio, francamente! Guardar segredo para o senhor de alguma coisa? Eu? Se sempre foi ao senhor que me dirigi nas minhas aflições...

DEMETRIO - Pois bem... Diga-me, então, o que pensa fazer em favor de Tarcísio?

SIMONE - Amanhã mesmo vou falar com Laila e dizer-lhe tudo quanto Sei!

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL FORTE. FUNDE COM CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.



TECNICA - CARACTERISTICA MUSICAL DE ABERTURA

- DEMETRIO - Quer dizer, então que não pretende fazer nada por Tarcisio nesta hora difícil, minha filha?
- SIMONE - Pretendo, sim, Padre. Já estive pensando longamente no assunto e hoje, agora mesmo, tomei uma resolução.
- DEMETRIO - Qual é ela? Você pode dizer, ou pretende guardar segredo dessa resolução?
- SIMONE - Ora, Padre Demétrio, francamente!... Guardar segredo para o senhor de alguma coisa? Eu?! Se sempre foi ao senhor que me dirigi, nas minhas aflições...
- DEMETRIO - Pois bem... ~~xxxxxxx~~ diga-me, então, o que pretende fazer em favor de Tarcisio?
- SIMONE - Amanhã mesmo vou falar com Laila e dizer-lhe tudo quanto sei!
- TECNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.
- DEMETRIO - E você acha que isso poderá adiantar alguma coisa?
- SIMONE - Não sei, mas de toda maneira quero que ela saiba que eu estou a par de toda a sua infâmia e disposta a desmoralizá-la, a qualquer preço.
- DEMETRIO - Mas você não pode usar o que sabe. Lembre-se que prometeu a Joana. Se disser qualquer coisa, irá comprometê-la.
- SIMONE - Não pretendo valer-me do nome de Joana para coisa alguma. Usarei o meu próprio nome. Direi o que sei de alguma forma, mas ela precisa saber que alguém sabe de suas tramas.
- DEMETRIO - E o que é que você espera conseguir com isto?
- SIMONE - Que ela se amedronte. Que fique temerosa de ser surpreendida e pare de tramar. É preciso que Laila cesse de espelhar ódio e vingança em volta de si. Por que uma criatura humana pode ser assim tão má, Padre?
- DEMETRIO - Porque se afasta de Deus e afastando-se d'Ele é presa fácil para o demônio que depois a utiliza para a prática do seu esporte predileto.
- SIMONE - Não haverá meios de sacudi-la e despertá-la? De fazer com que volte à razão? Sim, porque a meu ver, Laila não está agindo de má consciência.
- DEMETRIO - Claro que não. Basta que esteja sob a influência maléfica do demônio para já não ser senhora dos seus atos. Mas eu já tentei tudo com ela. Inclusive procurei interessá-la no seu trabalho e repartir com ela as suas glórias. Não obtive o menor resultado.
- SIMONE - Se com isso eu pudesse salvá-la e realmente merecesse alguma glória, não queria nem a metade que me pudesse saber, desde que a salvasse.



SIMONE - (CONTINUAÇÃO) Desistiria, de bom grado, da minha parte em favor dela. E ficaria ainda mais feliz, Padre. Pode crer.

DEMETRIO - Eu sei. Conheço-a de sobra para saber que está dizendo uma verdade. Mas infelizmente nes mesao a glória a empolgou. Ela só se sente bem calcando e destruindo. É um prazer sádico de espalhar o mal entre as criaturas que a cercam. Muitas contas terá que prestar no Juizo Final! (PAUSA) Bem, minha filha, então... se você vai falar com ela, tenha muito cuidado no que vai dizer. Lembre-se, a todo momento, que não pode comprometer Joana. A pobre vive apavorada com essa ideia.

SIMONE - Não se preocupe, Padre. E tranquilize Joana, se falar com ela. Diga-lhe que eu seria capaz de morrer, antes de envolver o seu nome em qualquer mau comentário que pudesse vir a prejudicá-la.

DEMETRIO - Acho que você falará com ela antes de mim. Diga-lhe, então, você mesma.

SIMONE - Tem razão. Talvez a encontre agora porque vou ao Grupo neste instante. De manhã é a hora melhor de se falar a alguém porque as cabeças, em geral, estão sempre repousadas. Até logo então, Padre. Depois virei contar-lhe o que se passou entre nós e se obtive algum resultado com a minha escaça.

DEMETRIO - Vá com Deus, minha filha. Que Ele a inspire e ilumine. E que você possa falar pela boca de um anjo, conseguindo penetrar fundo naquele bloco de pedra que é o coração daquela moça.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

EUDOXIA - Suncê já viu como o patrãozinho anda triste, Liaporáina? Que será que cun-teceu?

LEOPOLDINA - Sei lá. O termômetro aqui varia tanto. Uma dia está lá em cima, no outro dia está completamente e parece que há gelo em toda volta.

EUDOXIA - Mas eu num tô falando do termômetro, não, Liaporáina. Tô falando é do patrãozinho. Eu perguntei pra suncê si num acha que ele anda muito deficiente, agora. Nem se ri-se mais, suncê num arreparou?

LEOPOLDINA - Reparei, sim Eudoxia. E sabe o que penso? Que as coisas do coração não andam correndo como ôle gostaria que corresssem. Nem o padre tem aparecido mais aqui. Isso é sintomático, realmente.

EUDOXIA - Eu num sei si é isso que suncê tá falando aí, pra mim eu tô em dúvida que ôle num anda bô da saúde. (LEMBRANDO) Ah, entôce vai vê que foi por isso que suncê falou no termômetro. Suncê viu ele butá é prique ôle tá duento mesmo, sinão ele num butava.

LEOPOLDINA - Eu não vi o patrão botar termômetro nehum, Eudoxia, você está fazendo aí uma tremenda confusão. Eu quando falei em termômetro me referia à



LEOPOLDINA - (CONTINUAÇÃO) temperatura da alma, entendeu Eudóxia?

EUDOXIA - (DEPOIS DE PAUSA) Entendi, sim, Leopoldina.

LEOPOLDINA - Entendeu mesmo?

EUDOXIA - Entendi. Entendi, mas não sei o que é.

LEOPOLDINA - Pois é, então deixe assim mesmo como está, porque eu não tenho muito tempo para dar explicações. Você vai lavar essas roupas agora?

EUDOXIA - Acho que vou, não aproveita o sol que tá tirando que faz gosto. A gente bota elas tudo a quarê, aminha dá uma esfregada, num peraisa nem puxá muito pelos braço.

LEOPOLDINA - Bem, então eu vou botar aqui estas duas peças e já que você vai lavar as outras, lave estas também.

EUDOXIA - Tá, Leopoldina. Pode deixá que eu passo sabão nelas num repente e já bota junto as outra.

LEOPOLDINA - E enquanto isto, eu vou dar uma espiada no jardim, porque não posso deixar o papai muito tempo sozinho. Preciso sempre estar observando-o.

EUDOXIA - Vai, Leopoldina, vai. É bom sempre dá umas bombiada nele, pra não deixá ele passá da conta. Si ele se vê sorte... tá perdido.

C/REGRA - PASSOS DE LEOPOLDINA SE AFASTAM EM TERRA BATIDA.

EUDOXIA - Coitada da Leopoldina. Eu tenho pena dela. Moça que é e xixa veve trabalhando e cuidando do seu Miguel. E o seu Miguel eu acho que não tem vorta. Tá de um todo dilirido das indeia. Deus Nosso Senhor podia tê pena dele!

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LAILA - Uê! Você a esta hora aqui pelo colegio?! O que estará para acontecer?

SIMONE - Vim conversar com Você, Laila. Temos um assunto muito importante para tratar.

LAILA - Temos, ou tem? Sim, porque eu não tenho nada que tratar com você e menos, ainda, assunto importante.

• SIMONE - Você acha que não tem? Pois então eu vou lhe dizer que o assunto que vim debater com você, interessa muito mais a você do que a mim. Digo-lhe mais: ele talvez possa ser de grande valia para você, evitando, até, que você possa sofrer sérias consequências pelas faltas que está cometendo.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

LAILA - Como foi que você disse?! Pelas faltas que eu estou cometendo? Que sabe você da minha vida, para poder falar desse modo? Você não convive comigo... nunca estamos juntas... nunca nos falamos, sequer...

SIMONE - A boca da maledicência é grande demais e fala tão alto que logo todos ficam a saber as coisas que ela diz.



LAILA - (MALDOSA E IRÔNICA) Você sabe por experiência própria, não é assim?

SIMONE - Exatamente. Só que a mentira tem pernas curtas e a verdade sempre consegue alcançá-la e destruí-la. Por isso, ninguém que use a mentira como arma, pensa que poderá manejá-la indefinidamente sem o perigo de ser desmascarada. Mais cedo ou mais tarde, a verdade sempre aparece. E é o que vai acontecer com você.

LAILA - Afinal de contas, até agora, eu ainda não fiquei sabendo o que ~~é~~ que você está pretendendo com toda essa sua pregação. Pale logo e diga claramente o que pretende porque eu não sou lá muito apreciadora de charadas. Gosto das coisas claras.

SIMONE - Pois bem, então si é assim eu vou lhe fazer a vontade, dizendo tudo sem rodeios.

LAILA - Acho bom.

SIMONE - Você, Laila, por meio de intrigas e de confusão, está querendo lançar sobre Tarcísio a culpa de uma falta que ele não cometeu, tirando-lhe o pouco que lhe resta de fé, depois dos sofrimentos todos que ele passou na cadeia.

LAILA - Sofrimentos que passou por sua causa, não se esqueça de acrescentar e dos quais só você foi a culpada. Que está querendo, agora? Redimir-se? Redima-se, se assim entender, mas deixe-me de fora que eu não tenho nada que ver com Tarcísio, nem com o que lhe aconteceu e menos, ainda, com o que poderá vir a acontecer-lhe, como consequência. Nem sei porque está procurando eu volver-me.

SIMONE - Sabe, sim. Sabe porque seu irmão veio aqui, de madrugada, e lhe contou tudo na janela. E o que ele contou eu sei. Palavra, por palavra.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL PORTE.

LAILA - Como sabe? Sabe o que? Você está é tentando envolver-me, como é o seu sistema, mas não pense que me assusta porque quem não deve não teme.

SIMONE - Laila, eu estou dizendo a você que sei tudo quanto seu irmão lhe disse, na janela, na madrugada em que atirou sobre Tarcísio na boate da Margot.

LAILA - (IRÔNICA) Você estava lá, para saber? Não sabia que você era frequentadora de ambientes tão sórdidos.

SIMONE - Não há de ser com ironias ou maldades que você me afastará do meu caminho. Eu sei tudo quanto seu irmão lhe disse. Tudo, ouvia bem?

LAILA - E como sabe? Só se Joana ou dona Tereza inventaram alguma coisa, porque do contrário você não poderia saber.

SIMONE - Nem Joana, nem dona Tereza, disseram-me sobre o assunto qualquer palavra.

LAILA - Então como sabe? Diga. Diga.



TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

SIMONE - Nem Joana nem dona Tereza disseram-me, sobre o assunto, qualquer palavra.

LAILA - Então como sabe? Diga... diga...

SIMONE - Eu estava quieta na minha sala, corrigindo provas e ouvi você contar tudo para dona Tereza. A vontade que tive foi de me apresentar diante das duas e dizer-lhe que iria denunciar seu irmão, mas depois refleti melhor e achei que não devia meter-me em novas encrencas. Mas agora que querem atirar as culpas de tudo para um inocente, eu advirto-lhe que estou disposta a chegar para o delegado e contar-lhe tudo que ouvi. Ou você acaba com essa posição de perseguição que adotou contra Tarcísio, ou então acabará por obrigar-me a denunciá-la.

LAILA - (CALMA E IRÔNICA) Muito bem. Com que então, agora, arvorou-se em defensora de seu artigo namorado? E o novo está sabendo dessa sua atitude? Não acredito. Acho que se ele soubesse disto, não ficaria nada satisfeito.

SIMONE - Nem Tarcísio foi meu namorado, antes e nem o ~~XXXXXXXXXX~~ "novo" é meu namorado agora. Nunca tive nada com nenhum dos dois, mas saber a verdade e sufocá-la, sabendo que ela prejudicará enormemente a uma criatura, é faltar ao menor preceito de justiça, de honra e de dever. Não defendo Tarcísio, defendo a um inocente e custo-me o que me custar esta defesa, estou disposta a levá-la em frente até ao fim.

LAILA - Está muito bem. É um aviso que está me dando, não é verdade? Pois muito bem... estou avisada. E se não tem mais nada a dizer-me, avise-a que tenho eu muito mais a fazer do que perder tempo com tolices. Não tenho nenhuma inclinação para personagem de novela, minha amiga. Boa tarde.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM, PIRRES, ABEZAR DE FEMININOS.

SIMONE - Não deixarei com que Tarcísio seja injustiçado. Nunca! Por ele... por dona Elvira... e pela verdade! Seja lá o que for preciso fazer para libertá-lo eu o farei!...

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

RAFAEL - Conhece esta letra, Padre?

DEMETRIO - Tenho a impressão de que a conheço, apesar de que ela está me dando a impressão de ter sido disfarçada. É letra de mulher, querendo fingir de homem mas de vez em quando ela se deixa apaixonar pelo assunto e esquece o disfarce e então a letra vai voltando ao normal e vai se tornando mais miúda e menos firme. Pode-se ver isto aqui... aqui... aqui também, veja...



RAPHAEL - É, sim, padre, tem razão. Aqui, principalmente, veja. Até o pingote do 1 é um pontinho, enquanto que os outros é uma pequena bolinha.

DEMETRIO - Mas que diz essa carta, afinal?

RAPHAEL - Que Simone voltou ao seu antigo amor e está fazendo tudo para provar a inocência dele, face ao último barulho que em que foi envolvido na bofetada de Margot. Diz que si tivesse certeza de que não seria maltratado por mim... Veja bem "maltratado", masculino, estaria disposto a vir conversar comigo e dizer-me todas as coisas que sabe.

DEMETRIO - Era o caso de você dizer que não o maltrataria, para ter certeza de que a carta provém. Você tem como respondê-la?

RAPHAEL - Diz a carta que eu posso mandar a resposta para L.S. na posta restante.

DEMETRIO - E você não vai mandar? Mande e aguarde a visita do denunciante. É possível que venha um homem em lugar da mulher que lhe mandou esta carta, mas se você for esperto não terá dificuldade em descobri-la. Eu, antecipadamente, já quasi que lhe posso dizer quem é. Não digo porque não devo, como religioso, antecipar juízos. Que pensa fazer? Diga.

RAPHAEL - Pois eu não quis tomar nenhuma decisão sem antes conversar com o senhor. Que lhe parece que deva fazer?

DEMETRIO - Se você duvida e quer uma prova, será a maneira de conseguí-la. Mas que Simone não saiba, nunca, que você procedeu assim por desconfiança, porque então a mágoa que se apossaria dela nunca mais lhe daria chance de voltar a aproximar-se.

RAPHAEL - Mas então se o senhor acha que isto possa acontecer, Padre, eu prefiro deixar que a minha dúvida se dissipe naturalmente, com os tempos e os fatos que hão de vir. Não quero magoar Simone de forma alguma.

DEMETRIO - Mas também, neste caso, você perde a chance de ficar sabendo quem é o inimigo ou a inimiga dela que trabalha contra ela na sombra, valendo-se do anonimato.

RAPHAEL - E ela, se souber disto, depois, hereditará que o fiz unicamente para localizar o autor da carta?

DEMETRIO - Si eu lhe disser que conversamos antes, ela hereditará. Inda mais sabendo que essa atitude foi aconselhada por mim.

RAPHAEL - Bem... sendo assim... parece-me interessante esclarecer tudo de uma vez. Responderei hoje a carta para a posta restante e aguardarei a visita na minha casa.

DEMETRIO - E qualquer coisa de positivo que venha a apurar não se esqueça de me dizer logo. Estou muito espenhado em confirmar minhas desconfianças.



RABEEL - Desosse, Padre. Assim que tenha qualquer notícia a respeito, a primeira coisa que farei será procurá-lo.

FRONICA - PASSAGEM MUSICAL

ANGELA - Minha filha, eu estive conversando com dona Sarah e estamos ambas muito preocupadas com ~~xxxxxxx~~ a atitude que você tomou em relação à Laila. Sua colega é uma moça perigosa e praticamente, com o que você lhe disse, a luta agora será aberta entre ambas. E eu confesso que tenho muito medo. Dona Sarah, também.

SIMONE - Mas Mãe, eu não poderia, de forma alguma, cruzar os braços e deixar que Laila inutilizasse a vida de Tarcísio, coitado. Se não fosse por ele, se me nos por dona Elvira que é uma criatura tão boa e tão nossa amiga. Omitir-se muitas vezes significa pactuar.

ANGELA - Está certo, você tem toda razão, talvez que o direito seja isto mesmo que você está fazendo, mas antes de qualquer dever com os outros você tem um dever comigo e com você mesma. Você não pode jogar com a nossa tranquilidade, mexendo em casa de marimbondo.

SIMONE - Já mexi, mãe. Lamento muito, mas agora não há mais tempo para recuar. Já disse tudo que pensava a Laila e não fiz ameaças vãs. Estou esperando para ver, primeiro, o que sucede a Tarcísio, para depois então cumprir as minhas ameaças. Depois que declarei luta não posso recuar, mãe. Seria uma prova de fraqueza e de covardia. E eu não sou fraca nem covarde.

ANGELA - Isso eu sei muito bem; não preciso que você me diga. É justamente porque você é decidida e impávida é que eu tenho receio de que lhe possa acontecer enfrentando uma inimiga sordida e ignóbil. É a sordidez dela que me espaventa minha filha. As coisas que ela possa fazer, na sombra, contra você.

SIMONE - Quem vive, como eu, iluminada pela luz da verdade e pela fé em Cristo, não há mal que pegue, ou que pegando persista. Por isso, confie em Deus e tranquilize-se porque Deus não me deixará ao desamparo.

ANGELA - Isso eu sei, filha, mas é muito certo aquele ditado: ajuda-te que Deus te ajudará. Isso equivale a dizer que você não pode atirar-se a qualquer perigo, contando, na certa, com a ajuda de Deus. Enfrente o perigo até onde você possa defender-se sozinho. Depois... recue.

SIMONE - Mãe, estou tranquila que eu sei, perfeitamente, até onde posso ir. Não passarei de conta, pode estar certa. Embora confie plenamente em Deus, não posso abusar do trabalho que lhe farei. E agora vamos deixar que já é muito tarde. Pode ser que o sol de uma manhã traga uma nova esperança para o seu coração.



ANGELA - Que assim seja, minha filha. Eu ando mesmo precisando de sol. Meus pensamentos andam tão escuros!...

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

ELVIRA - Eu lhe peço muitas desculpas, se venho incomodá-lo, seu Lourenço, mas estou tão angustiada com a situação de dúvida à respeito do futuro de meu filho, nessa questão que surgiu, que resolvi vir falar com o senhor e pedir-lhe que me ajude a salvar <sup>Tereisio</sup> ~~meu filho~~. Sei que o senhor, como delegado, tem que se mostrar absolutamente imparcial, mas se puder fazer alguma coisa para ajudá-lo, faça-o seu Lourenço, faça-o que o senhor estará salvando uma vida. Meu filho recém agora começou a viver novamente, depois daquele verdadeiro acesso de loucura que o acometeu bruscamente. Ele recem está começando a acreditar em Deus e na vida. Se for condenado, uma nova onda de revolta inundará seu coração, já tão debilitado pela falta de fé, e eu não sei até que ponto essa revolta será capaz de arrastá-lo. E ele está inocente, seu Lourenço, eu sei. E só porque sei é que me animo a vir pedir o seu auxílio. O senhor vai ajudá-lo, não vai?

DELEGADO - Dona Elvira, bem que eu gostaria de poder prometer-lhe minha ajuda e, mais do que isto, de poder salvar seu filho dessa nova entalada em que se meteu, mas infelizmente, a cada dia que passa, aparecem novas testemunhas todas elas afirmando que foi êle quem atirou e não o forasteiro. A sua salvação, por enquanto, tem sido a ausência do forasteiro, mas no momento em que êle volte e se resolve a acusar Tereisio, a minha impressão é de que êle não terá argumentos para se salvar.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

ELVIRA - (CHORANDO) Não me diga uma coisa dessas, seu Lourenço! Essas testemunhas tardias, aparecidas já quasi uma semana depois do fato, está se vendo que são testemunhas compradas. As que se sabe, com certeza, que estavam lá, são todas unânimes em afirmar que meu filho veu armado estava. Por que há de se acreditar mais nas que surgiram depois e que não se sabe se estavam lá de verdade ou não?

DELEGADO - Bem, dona Elvira, não é a mim que a senhora terá que dizer estas coisas e sim aos homens que irão julgar o seu filho. E o que mais irá prejudicá-lo não serão as testemunhas compradas, mas sim os seus meus antecedentes. Isto é o pior de tudo e o que mais poderá influir no ânimo dos juizes.

ELVIRA - Como os homens fazem questão de ser injustos ao julgar os seus semelhantes? Não creem na regeneração? tes! Então eles não creem no arrependimento? O desejo de reabilitação não conta? Responda, senhor delegado, responda.



ELVIRA - (CONTINUAÇÃO, EXALTANDO-SE AO MÁXIMO) Tudo isso é esforço perdido? Nada disso vale? Mas então o que é a vida? O que é a justiça? O que é a verdade? Fale, seu Lourenço, fale! O que é a vida?!... O que é a justiça?!... o que é a verdade?!... (CAI COMPLETAMENTE, DESALIENTO PROFUNDO) Nada!... Tudo é escuridão!... Trevas!... E abandono!... (DESATA A SOLUÇAR PERDIDAMENTE POR ALGUNS MOMENTOS ATÉ QUE OS SEUS SOLUÇOS SÃO ABAFADOS PELA):

TECNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA ENCETRAMENTO DO CAPÍTULO.

---

•



S O L I D A O

- Novela de Erico Craxer -

30º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO

DELEGADO - O que mais irá prejudicar o seu filho não são as testemunhas compradas e sim os seus maus antecedentes. Isto é o pior de tudo e o que mais poderá influir no ânimo dos juizes.

ELVIRA - Como os homens fazem questão de ser injustos ao julgar os seus semelhantes! Então eles não crêm no arrependimento? Não crêm na regeneração? O desejo de reabilitação não conta? Responda, senhor delegado, responda! (EXALTANDO-SE, AOS POUCOS, ATÉ AO MÁXIMO) Tudo isso é esforço perdido? Nada disso vale? Mas então o que é a vida? O que é a justiça? O que é a verdade? Fale, seu Lourenço, fale! O que é a vida? O que é a justiça?... O que é a verdade?!... (CAI COMPLETAMENTE DESAIENTADO PROFUNDO) Nada!... Tudo é escuridão!... Treva!... E abandono!... (DESATA A SOLUÇAR PERDIDAMENTE)

TÉCNICA - ENTRA COM MUSICA PESADA, EM BG., ACOMPANHANDO OS SOLUÇOS DE ELVIRA.

DELEGADO - (DEPOIS DE PAUSA LONGA) Vamos, dona Elvira, que é isso? A senhora está nervosa. Está vendo tudo negro antes do tempo. Não sofre por antecipação. Espere, antes, o resultado da questão. Ele tanto pode ser contrário, do no favorável ao seu filho. Procure acalmar-se, vamos...

ELVIRA - Como quer que se acalme, se vejo meu filho à beira de um <sup>precipício</sup> ~~abismo~~ prestes a rolar para o abismo e todos a quem peço que estendam a mão, para socorrê-lo, argumentam com a sua falta anterior e negam-se a dar-lhe auxílio? De que valeram, então, a angústia e a vergonha que ele passou e as lágrimas que eu chorei na solidão do meu quarto triste, se todo esse sofrimento não conseguiu redimir essa falta? Parece-lhe justo isto? A mim não parece. A mim se me afigura uma clamorosa injustiça!

DELEGADO - É que a senhora vê a questão do lado de dentro, envolvida por ela, sentindo na própria carne todas as suas conseqüências, enquanto que os homens que a julgam estão do lado de fora, com a cabeça fria e o coração despiado de qualquer paixão. Daí o choque brutal e violento. Mas infelizmente a vida é assim, dona Elvira... sempre foi assim e assim há de continuar a ser eternamente. Cabe-nos, portanto, apenas um recurso: conformarmos-nos com as coisas tal como elas são e não pensar, sequer, em modificá-las porque isso se tornará esforço vão.

ELVIRA - É... isso é muito fácil de dizer para quem está do lado de fora... mas



ELVIRA - (CONTINUAÇÃO) para uma mãe que ama o seu filho e se esforça em salvá-lo.. para uma mãe cujo único bem de toda a sua vida é esse filho estremecido.. não há palavras que consigam estancar o pranto amargo de seus olhos, nem os gemidos do seu dolorido coração. Tanto mais que eu sei que essa cond<sup>ção</sup>ção acabará de liquidar com a vida de meu filho, porque ele passará a descerer de tudo, inclusive sofrerá muito mais, porque sentirá, bem viva, a inutilidade da sua regeneração. Esse, principalmente, o ponto mais impor<sup>ante</sup>ante para mim, entende seu Lourenço?

DELEGADO- Entendo, dona Elvira, entendo perfeitamente mas acho que a senhora está se precipitando. Ele não foi nem mesmo detido. Apenas estamos reunindo provas, para julgar uma acusação que foi feita contra ele. Da mesma forma, estamos reunindo provas contra o outro, também. Tanto ele pode ser consid<sup>rado</sup>rado culpado como não, conforme / eu já disse à senhora. E é por isso que eu lhe digo para esperar e não sofrer por antecipação. E agora vá para a sua casa, tome um calmente e procure confiar mais um pouco na justiça dos homens.

ELVIRA - Bem que eu gostaria de poder confiar, seu Lourenço. Bem que eu gostaria

DELEGADO- Não é tão difícil. Basta confiar, primeiro, em Deus!

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

C/REGRA - PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO.

TEREZA - É você, Laila?

LAILA - (2º PLANO) Sim, dona Tereza, sou eu.

TEREZA - Entre e acenda a luz. Quero falar com você, antes de deitar-se.

LAILA - Sim senhora. Alguma novidade?

C/REGRA - CHAVE DE LUZ. PASSOS DE LAILA SE APROXIMAM.

TEREZA - Encontrei em baixo da porta da entrada um envelope para você. Aqui está.

LAILA - Ué!... Quem o teria trazido? Eu estou querendo reconhecer esta letra...

C/REGRA - RUÍDO DE RASGAR ENVELOPE E ABRIR PAPEL.

REGINALDO - (FILTRO) Minha querida Laila. Estou ansioso para saber quantas balas acertei em Terezião e se consegui o nosso objetivo. Mandei um bilhete à Manon comprando por bom preço o seu testemunho para incriminar-me. Sabe quais foram as declarações dela na polícia? Gostaria de estar informado a respeito. Depois de amanhã, durante a noite, chegarei a Lagoa Parada. Pretendo esconder-me aí mesmo no Grupo, no seu quarto. Fale com a direto<sup>ra</sup>ra e previna-a. Não poderei expor-me a ir para um Hotel ou mesmo uma pensão. Se não quiser deixar a porta encostada, fique vigilante que eu bate<sup>rei</sup>rei na janela. Tenho muitas coisas a fazer e não posso continuar escondi-



REGINALDO - (CONTINUAÇÃO) do, por isso chegarei até aí para ver como andam os movimentos e se me convirá apresentar-me. Tudo vai depender, naturalmente, das declarações que Manon tiver feito em meu favor. Por isso, também, preciso que você dê um jeito de informar-se delas com absoluta segurança. E o meu prêmio? Estou ansioso para recebê-lo. É até mais por isso que desejo que o meu trabalho tenha sido "completo". Um beijo e outro beijo do seu queridinho "irmão" Reginaldo. - Post escritum: rasgue este bilhete, depois de inteirar-se do seu conteúdo.

LAILA - É um bilhete de Reginaldo. Ele vai chegar dentro de dois dias e pelo para esconder-se aqui. (PAUSA) A senhora não me diz nada?

TEREZA - Não sei, Laila, acho isso tão perigoso!... Vamos que alguém o veja aqui, de noite? Que poderemos dizer?

LAILA - Não pensam todos que ele é meu irmão? Pois então que mal tem que um irmão se hospede com a irmã? Eu por mim não acho nada de maior.

TEREZA - Mas você sabe, perfeitamente, que eu não tenho a sua coragem, Laila. Eu sou medrosa. Estou ~~sempre~~ sempre preocupada com o que possa acontecer.

LAILA - Eu não meço muito a consequência das coisas, não. Comigo é pé na tábua. Tem que fazer, eu faço e depois a gente vai ver o que acontece.

TEREZA - Pois é, mas eu, além de que não tenho o seu temperamento, sou obrigada a pensar melhor, porque sou mais velha.

LAILA - A senhora acha que possa ter algum perigo que ele, entre aqui durante a noite? Depois das dez horas, ~~xxxxxxx~~ não passe mais viva alma nesta rua.

TEREZA - Tem o guarda noturno, não se esqueça. Em geral ele se recolhe logo depois da meia noite, mas um dia o diabo tenta e o homensinho há de passar justamente na hora em que não se contava com ele. É sempre assim que as coisas acontecem.

LAILA - Reginaldo é um homem experiente na prática de incursões excusas. Ele não vai se expor a ser descoberto por um guarda noturno de vila. Vai cuidar-se bem, antes de se aproximar e só baterá, depois que tiver certeza de que não está sendo seguido. Por isso, dona Tereza, não vejo razão para que a senhora negue-lhe o abrigo que solicita.

TEREZA - Não, não... eu não nego abrigo a Reginaldo. Estou lhe dizendo, apenas, que vou ficar muito preocupada, mas isto não quer dizer que negue. Como eu já lhe disse e repito, não quero é ser envolvida.

LAILA - A senhora não o será, tranquilize-se. Se alguma coisa acontecer, eu assumo, inteira, a responsabilidade. Faz de conta que dei abrigo a Reginaldo sem o seu conhecimento, pronto.



TEREZA - Ah, bem! Agora já são outros quinhentos. Não tenho mais nada para dizer.

LAILA - Pois então está tudo combinado. A hora que ele chegar, eu abrirei a porta e o mandarei entrar. A senhora estará dormindo e, para todos os efeitos, nem está sabendo de nada. (PAUSA) Eu vou aconselhar a ele que se apresente ao delegado.

TEREZA - Vai? E você não tem medo que ele possa ser preso? Olhe que existe uma porção de testemunhas contra ele.

LAILA - E daí? Si ele for preso, melhor para mim. Pelo menos não terei que pagá-lhe a minha dívida.

TEREZA - Puxa vida, Laila! Olhe que você é uma mulher danada!

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LEOPOLDINA - Seu Rafael saiu ou anda lá por fora, Eudóxia?

EUDOXIA - Eu acho que num saiu, não, Leopoldina. Num fais jeito ele entrou aqui na sala, na direção do escritório dele. Suncê viu si ele num tá lá?

LEOPOLDINA - No escritório agora está, não. Eu venho vindo de lá.

EUDOXIA - Ma entonce, si ele anda lá fora só se saiu pela porta da frente, pruguê por aqui ele num passô. Agora me lembro que ele tava brigantando pelo seu Miguel... quem sabe foi pereurá ele?

LEOPOLDINA - É pôde ser, então. Si ele aparecer por aqui, você me façe o favor de dizer a ele que eu já cheguei e que estou lá na cozinha, sim Eudóxia?

EUDOXIA - Tá bão, eu digo, sim, Leopoldina. Eu digo.

C/REGRA - PASSOS DE RAFAEL QUE SE APROXIMAM.

EUDOXIA - Óia, a gente falando nele e ele que vem chegando. A Leopoldina que falá co sinhô, seu Rafê, tava brigantando pra mim adonde que o sinhô andava.

RAFAEL - Como éla tinha saído, eu foi dar uma espiada no Miguel, lá no jardim.

EUDOXIA - Tá vendo? Foi direitinho o que eu disse. Num foi, Leopoldina que eu enbei de dizê isso memo pra suncê?

LEOPOLDINA - Foi, sim. Foi um palpite bem certo, o seu. Jogue no bicho, hoje.

RAFAEL - Mas o que é que você queria comigo, Leopoldina?

LEOPOLDINA - Só lhe dizer que botei a carta para L.S. na Posta Restante do Correio.

RAFAEL - Muito bem. E agora vamos esperar para ver quem será esse tal de L.S.

LEOPOLDINA - O senhor não tem nenhuma desconfiança de quem seja?

RAFAEL - Tenho sim. Mas se fôr quem eu estou pensando...

LEOPOLDINA - Se for quem o senhor está pensando, o que é que pretende fazer?

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.



LEOPOLDINA - Se fôr quem o senhor está pensando... o que é que pretende fazer?

RAFAEL - Não sei, Leopoldina. Inda não pensei bem. Ora penso uma coisa... ora ou tra... inda não me fixei no procedimento que vou ter. Tudo vai depender do meu estado de ânimo, no momento e tambem da maneira como a pessoa ex planar o assunto.

LEOPOLDINA - Está bem, vamos esperar, então, para ver o que acontece. E se o se- nhor me dá licença, agora, eu vou para a cozinha. São quasi onze horas da manhã e eu ainda nem comeei o nosso almoço. Com licença, seu Rafael.

RAFAEL - Pode ir, Leopoldina, vá. E depois mande o Miguel até aqui falar comigo, porque preciso dar-lhe novas instruções a respeito da entrada de L.S.

LEOPOLDINA - (AFASTANDO-SE) Sim senhor, eu vou mandá-lo em seguida.

C/REGRA - PASSOS DE LEOPOLDINA QUE SE AFASTAM.

RAFAEL - E você, Eudoxia, que está fazendo aí parada e tão absorta? Posso saber?

EUDOXIA - Eu tava aqui assuntando, seu Rafaél. Mas num vô dizê pra senhô o que é que eu tava remexendo na marmita do meu pensamento praquê Deus Nosso Sinhô num gosta que a gente faça injusticia pro outro. Si eu acertá, dis pois em lhe digo.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

DEMETRIO - E então? Como vai o meu nobre amigo? Sempre trabalhando muito?

TARCISIO - Oh, Padre Demétrio, como vai o senhor?! A que devo o prazer de sua vi site à minha tenda de trabalho?

DEMETRIO - Pois eu vim lhe perguntar se já existe alguma novidade a respeito da tal briga em que você foi envolvido lá na boate da Francesa?

TARCISIO - Ah, não. Por enquanto está tudo no mesmo. Inda ontem falei com o dele gado e êla me disse que mandou afixar um edital intimando o tal forag teiro a se apresentar. Si ele não aparecer, aí eu estarei salvo. Pare ce que nem haverá julgamento.

DEMETRIO - Pois então vamos pedir a Deus exatamente isto: que êla não apareça. Estive com sua mãe ha pouco. Coitada! Ela está muito nervosa. Você pre cise fingir, diante dela, que está muito confiante, para que ela não se desespera tanto. Ela está sofrendo horroxosamente com o seu pessimismo.

TARCISIO - Mãe toda vida foi assim. Sempre sofreu por antecipação. E eu, neste ponto, sou bastante parecido com ela.

DEMETRIO - Pois é, mas de agora em diante você vai mostrar-se animado e confiante. Mesmo que por dentro não espere outra coisa ~~exceto~~ que a condenação.

TARCISIO - Está bem, Padre. Prometo ao senhor que de hoje em diante farei o que me pede, para que minha mãe não sofra tanto.



DEMETRIO - Isto meu filho. Ela precisa tranquilizar um pouco o seu dolorido coração. Não, de uma hora para outra, pode até ter uma coisa grave. É isto, principalmente, que nós precisamos evitar.

PARCISIO - Muito bem, Padre. Hoje mesmo já direi a ela algumas mentiras necessárias. Acho que Deus perdoo, não perdoa?

DEMETRIO - Claro que perdoo, mas em vez de classificá-las de mentiras necessárias, chame-as de mentiras piedosas. Estas... até nós, sacerdotes, muitas vezes fazemos uso delas.

TECENICA - PASSAGEM MUSICAL

TEREZA - O que é isso? Outra carta? Você, agora, quasi que recebe uma carta por dia? Está ficando importante, hein?

LAILA - E você nem imagina de quem seja. Veja se adivinha.

TEREZA - Como posso saber? (TOM) Espere! Você não vai me dizer que é a resposta de sua carta anônima enviada ao cavalheiro solitário de Vila Verde?

LAILA - Pois é justamente ela. Nem mais nem menos que ela. E o melhor de tudo é que ele concorda que eu vá conversar com ele.

TEREZA - E como é que você vai poder ir, sem ser vista? Acho muito difícil. Aquela botequim e aquela armazem, antes da subida, estão sempre cheios de gente. No botequim, não, mas no armazem há sempre gente conhecida.

LAILA - Eu já pensei no caso. Visto-me de homem e vou de noite. Com este cabelo curto e um chapéu enterrado nos olhos, ninguém vai saber que sou eu.

TEREZA - E como é que você vai entrar lá de noite, criatura, com aquelas feras que são aqueles cachorros que ele tem? Destroçam você em dois tempos. Você até parece que se esqueceu do dia em que fomos até ao seu portão.

LAILA - Não esqueci, não. Mas ele vai me esperar do lado de fora. Ele ou alguém. Vou escrever-lhe outra carta e mandar dizer que amanhã de noite, às oito horas, estarei lá perto. Darei tres sinais com uma lanterna, ao perceber que alguém de casa chegou ao portão e, em seguida, me aproximarei.

TEREZA - Você é mesmo uma aventureira, Laila. Nunca vi ninguém assim. Você até que seria um elemento útil no bando de gangsters.

LAILA - E você acha que eu já não pensei nisto? Reginaldo está insistindo muito em que eu vá trabalhar com ele e eu já pensei que uma vida de aventura é sempre muito mais interessante do que estar sentada diante dos alunos, a tolerar as suas artes e malerações. Agora... conforme a proposta que ele me fez... eu sou capaz de largar tudo isto.

TEREZA - Eu vou sentir muita falta de você, Laila. Apesar de sermos diferentes, entendemo-nos às mil maravilhas.



LAILA - E eu também vou sentir falta da senhora, pode acreditar. A senhora é a minha conselheira e se eu realmente for embora daqui, não terei, depois, com quem desabafo as minhas mágoas.

TEREZA - Você arranjará uma outra amiga, lá por onde você for. É só uma questão de procurar. Nunca falta uma pessoa que nos ouça e nos aconselhe.

LAILA - Eu sei disto, mas que guarde só para si os nossos segredos, não é assim tão fácil. (TOM) Bem, mas deixe-me escrever ao homensinho para avisar que amanhã de noite irei até a Vila Verde.

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL

MARGOT - Que bom que você chegou, Glauco. Eu estava aflita para saber notícias. Tem alguma novidade a respeito de Farelse?

GLAUCO - Não falei com ele hoje, mas até ontem tudo continuava no mesmo. Farelse que enquanto não passar o prazo da intimação ao forasteiro, a única novidade que pode acontecer é ele aparecer de repente. Ai, sim. Se ele se apresentar a coisa vai engrossar.

MARGOT - Eu estou com uma raiva de Manon que nem sei. A gente pode ser ordinária, mas tanto assim também não. O xingo que eu fiz nela foi um tróço de louco.

GLAUCO - Mas afinal que besteira foi essa da Manon? Confusão ela não podia ter feito porque foi tudo tão claro e tão nítido... Não compreendo, francamente.

MARGOT - Manon é uma pequena muito ambiciosa. Com toda certeza oferecerro-lhe bom dinheiro para dar falso testemunho. Outra coisa não pode ser.

GLAUCO - Eu gostaria de conversar com ela. Ela está aí?

MARGOT - Quem, Manon? Mas então você pensa que eu seria capaz de tolerar a presença dela na minha casa, depois do que aconteceu? Corri com ela na mesma hora que fiquei sabendo as coisas que ela disse.

GLAUCO - E para onde é que ela foi, você não sabe?

MARGOT - Disserram-me que pretendem ir para o Hotel dos Viajantes, mas seu Cornélio não aceitou e então ela alugou quasi que um casebre de madeira lá para os lados da Estação. Dizem que é um casebre caindo aos pedaços. Bem feito para não ser ordinária.

GLAUCO - Eu vou ver se consigo localizá-la, porque desejo conversar com ela. Farelse não sabe - e talvez tenha razão - que ela pode ter sido ameaçada pelo tal sujeito. E então pode ter feito tudo isto por medo. Nesse caso, é digno de pena e nós não teríamos o direito de abandoná-la, Margot.

MARGOT - Ameaçada, nada. Conheço bem Manon. Ela é uma interesseira de marca, isso sim. Viu oportunidade de ganhar dinheiro e já não teve dúvida em torcer verdade. Mas isso não adianta, porque a verdade aparece sempre, mais cedo ou mais tarde.



GLAUCO - Ah, que aparece não temia dívida. Aparece, sim. E aparece porque Deus não joga, mas está sempre fiscalizando o nosso jogo.

MARGOT - Eu acho que cada um vive como pode viver - e digo isto por experiência própria - mas de qualquer maneira há coisas que em nenhuma vida que se leve a gente pode fazer. Eu sempre fui capaz de muitas coisas mal feitas, pelo meu temperamento ardente e apaixonado, mas uma maldade que prejudicasse os outros, isto eu nunca pude fazer. Se fazia, nos dias de noite, no dia seguinte tinha que desmanchar.

GLAUCO - É que nós temos, dentro de nós, uma coisa que se chama consciência e enquanto a conservamos viva ela sempre um juiz que nos acusa. Por isso devemos procurar sempre viver em paz com a nossa consciência.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL FURTE COM RUIDOS DE NOITE. GRILLOS, SAPOS, ETC.

LEOPOLDINA - O seu Rafael disse que cuidassemos o sinal de uma lanterna. Você cuida para esse lado, Eudoxia que eu cuido para este aqui. Ele disse que a lanterna vai piscar tres vezes. Quer dizer... vai acender e apagar, entende?

EUDOXIA - Tô entendendo, sim, Leopoldina e já tô intê cuidando. A noite tá insegura como breu. Tumara que êsse cujo num dinere muito, que eu num gosto de tá assim parada nos escuro.

LEOPOLDINA - Eu tambem não gosto, mas acredito que seja lá quem for que venha aí, não demore muito.

TÉCNICA - SINO MODESTO DE IGREJA, AO LONGE, BATENDO CITO BADALADAS ESPAÇADAS.

LEOPOLDINA - Olhe, o sino da Igreja está batendo cito horas. Foi a hora que a pessoa mandou dizer que vinha. Portanto, a qualquer momento deve aparecer.

EUDOXIA - E se a lâmp piscar, o que é que nós temo que fazê?

LEOPOLDINA - Se piscar, você me avise logo que eu mando a pessoa se aproximar.

EUDOXIA - Ôia, ôia... tá piscando, Leopoldina. Veja lá. Já piscou duas veis agora. Ô, três veiz. O que é que eu faço?

LEOPOLDINA - Deixe que eu faço, Eudoxia. (PROJETANDO) Pode chegar. Quem quer que seja, pode se aproximar. Seu Rafael está à espera.

EUDOXIA - A pessoa já vem vindo ea lanterna acêsa, ê. E vem digero.

C/REGRA - PASSOS DE BOTA EM CHÃO BATIDO, VÃO SE APROXIMANDO. APROXIMAM-SE TOTAL.

EUDOXIA - Eu num sei se as minhas vista tão me enganando, mas se parece que é um um home.

LEOPOLDINA - Espere, Eudoxia. Não fale agora.

LAILA - (ENGROSSANDO A VOZ) Boa noite.

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL FORTE. PULSOS COM CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCORTEAMENTO



S O L I D A O

- novela de Eric Craxer -

31º CAPITULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA. FULDE COM RUÍDOS DE NOITE.

EUDÓXIA - Óia... Óia... tá piscando a Luis, Leopoldina, veja lá. Já piscou duas veis agora. Ó, treis veis. O que é que eu faço?

LEOPOLDINA - Deixe que eu faço, Eudóxia. (PROJETANDO) Pode chegar. Quem quer que se ja pode se aproximar. Seu Rafael está à espera.

EUDOXIA - A pessoa já vem vindo ea lanterninha acêsa, ó. E vem digero.

C/REGRA - PASSOS DE BOTAS, EM CHÃO BATIDO VÃO SE APROXIMANDO. APROXIMAM-SE TOTALMENTE

EUDOXIA - Eu num sei se as minhas vista tá me enganando, mas me parece que é um hom

LEOPOLDINA - Espere, Eudoxia, não fale agora.

LAILA - (ENGROSSANDO A VOZ) Boa noite.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL MORTE.

AS DUAS - Boa noite.

LEOPOLDINA - Pode não acompanhar, seu Rafael já está no gabinete à sua espera.

LAILA - (SEMPRE FAZENDO VOZ GROSSA) Não há perigo de que os cachorros me ataquem?

LEOPOLDINA - Não senhora. Basta que a senhora entre no meio de nós as duas.

LAILA - (JÁ NA VOZ NATURAL) Vejo que disfarcei mal. A senhora logo reconheceu que se tratava de uma mulher.

LEOPOLDINA - Quando a senhora falou. Antes, não. Antes, estava convencida de que era realmente um homem.

EUDOXIA - Bem duma veiz, Leopoldina. O seu Rafael tá lá esperando nós.

LEOPOLDINA - Vamos, sim. Venha por aqui,, por favor.

C/REGRA - ABRIR E FECHAR UM GRANDE PORTÃO DE FERRO QUE FAZ UM RANGIDO FORTE.

TÉCNICA - DOIS OU TRES CACHORROS, LATIDO PERTO.

LEOPOLDINA - (FORTE) Sultão! Veludo! Quietos, vamos. Nada de barulheiras. Então não estão vendo que é gente de casa? (TOM) Pode vir que estando com osco eles não fazem nada.

TÉCNICA - CESSAM OS LATIDOS DOS CACHORROS.

LEOPOLDINA - Vamos aqui por esta alameda de plátanos que o caminho é bem mais curto

C/REGRA - PASSOS DE TRES PESSOAS EM TERRA BATIDA

TÉCNICA - PASSAGEM RÁPIDA.

LAILA - Alguma vez lhe passou pela cabeça que L.S. pudesse ser eu? Não esperava, não é verdade?

RAFAEL - Engana-se redondamente. Desde o momento em que sua carta me caiu nas mãos que eu não tive nenhuma dúvida a respeito da sua destinatária. Já estava



- RAFAEL - (CONTINUAÇÃO) esperando a sua visita ou a de alguém que viesse em seu lugar. E sou capaz, até, de lhe dizer o motivo da sua visita. Quer ver?
- LAILA - Isso não é nenhum milagre, uma vez que lhe mandei dizer na própria carta. Os detalhes é que deixei para contá-los pessoalmente. Quer mesmo ouvir, ou prefere ignorá-los? Sim, porque muita gente prefere a dúvida do amor correspondido à certeza do amor desenganoado.
- RAFAEL - Não, não... eu não sou desses. Prefiro sempre a verdade, por muito amarga que seja. Só o que não compreendo é que você se refira "ao meu amor", quando eu nunca disse a ninguém que o tivesse.
- LAILA - Não era preciso que dissesse. A vila toda sabe e comenta. O senhor pensa, por acaso, que ele perderia uma oportunidade de se botar em cartas? E quem lhe poderia dar maior cartaz que o senhor, aqui na vila?
- RAFAEL  
NINCKE - Si está se referindo à senhorita Simone, afianço-lhe que está redondamente enganada. O pouco que tive oportunidade de privar com ela, foi bastante para que ficasse conhecendo e admirando o seu caráter formidável.
- LAILA - Não conheço criatura mais dissimulada e premeditada do que ela e justamente por isto é que vim aqui, para alertá-lo. Não se deixe enganar por ela. Seu amor verdadeiro, a quem ela deu seu coração - si é que o tem - é Taraisio e só lhe digo isto, porque tenho absoluta certeza. Si soubesse o que tem feito no sentido de libertá-lo da maldição que pesa sobre ele!... Tem pedido por ele a todo mundo, despueradamente.
- RAFAEL - Se isto realmente fosse verdade, ela estava dentro de um direito que lhe assiste, visto que comigo ela não tem qualquer compromisso. É porque não quis ter. Porque foi franca, sincera, leal e desinteressada.
- LAILA - Mas se o senhor atribui assim tantas qualidades à sua bem amada, por que me deixou vir, sabendo que eu viria para falar dela?
- RAFAEL - Só para ter certeza de que a carta anônima era sua e para repelir, cara a cara, os insultos que está dirigindo a uma criatura digna e admirável. E agora, que já constatei o que desejava, só me resta convidá-la a que se retire porque a sua presença deixou de me interessar completamente.
- LAILA - Quer dizer, então, que nem mesmo vai me dar oportunidade de lhe dizer algumas das muitas coisas que sei a respeito dela?
- RAFAEL - Não. Já lhe disse que a sua presença deixou de me interessar completamente, depois que fiz a constatação que desejava.
- LAILA - Que pena! É por isso que dizem que o pior sago é aquele que não quer ver. Quer dizer que o senhor não foge à regra geral? Quer ser o último a saber?



RAPHAEL - Eu vou me retirar e mandarei Leopoldina aqui para acompanhá-la até ao portão da entrada, por causa dos eschorros. Boa noite e com licença.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE APASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM SEGUNDO PLANO.

LAILA - Cachorro! Tú vais me pagar cara esta ofensa. Vou te mostrar que mais vale ter-me como amiga do que como inimiga. Tú não perdes por esperar, grosseirão!

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

C/REGRA - BATIDAS INSISTENTES AUMA PORTA EM 2<sup>o</sup> PLANO.

MARGOT - Já vai, já vai. Que maneirra mais estúpide de acordar a gente! Veja só! Cinco horas da manhã e um animal qualquer batendo deste jeito parra despertar a quem deitou depois das quatro horas. Só mesmo dizemão muito desaferro a um diabo destes.

C/REGRA - BATE MAIS TRES OU QUATRO PANCADAS, COM FORÇA.

MARGOT - (FORTE) Já vai. Não pode esperar um pouco? Estou vestindo o robe de chambre que nos vou abrir a porta despide. Já não chega que veio me acordar, reza havia dormido?

C/REGRA - PORTA QUE ABRE COM TRANCA E CHAVE.

MARGOT - Que quer a esta hora da manhã? A boste fechou as quatro.

REGINALDO - Não está me conhecendo? Acho melhor que fique mansinha porque eu não sou de muita conversa, não. Você já viu aqui, naquela noite.

MARGOT - (NO AUGE DO ASSOMBRO) O forasteiro!...

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE, MUSICA DE TENSÃO EM FUNDO.

MARGOT - Que quer aqui? E por que nos vem numa outra hora que a gente esteja acordada? Tem que fazer esse barrulhem todo, parra a gente nos poder dormir?

REGINALDO - Eu jpa lhe disse que se amance que é muito melhor para você. E se viu a esta hora foi porque não dispunha de outra, pronto. Quero falar com Manon. Vá chamá-la.

MARGOT - Manon? (RISADINHA DE DEBOCHE) Entom vai ter que sair ~~xxxxx~~ pela vila a procura-la, porque ela nos morra mais aqui.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL, MUSICA DE TENSÃO.

REGINALDO - Não mora mais aqui? Você está mentindo. Vá chamá-la que preciso falar com ela. É depressinha porque eu não estou disposto a esperar muito, não. É bom que saiba. .

MARGOT - Mas como quer que vá chamar uma pessoa que nos morra mais na minha casa, não seu teimoso? Se nos arredata no que estou dizendo, entre e procure em todos os quartos. Se achar, faça comigo, depois, o que quiser.

REGINALDO - Mas não mora mais aqui por que? Que houve com ela? Vamos, salte casa ligua.



MARGOT - Ela parra mim non disse. Mas o comentário que ouvi das outras meninas foi que ela fugiu. De que, por que, non sei, ela non me deu nenhuma explicação. Pagou o quarto, arramou as malas e deu o forra, de uma horra parra outra. Dizem que prestou informações falsas e parece que ficou assustada.

REGINALDO - Eu bem imaginei que iam fazer isto com ela. Por isso é que vim. E não tem nenhuma ideia para onde ela foi?

MARGOT - Como posso saber? Capaz, até, que tenha viajado parra longe, sei lá.

REGINALDO - Bom, você não sabe, mas vai saber. Amanhã, a esta mesma hora, virei aqui para buscar o endereço de Manon e você vai desencavá-lo de qualquer maneira, ouviu bem?

MARGOT - O senhor está maluco? Então pensa que eu non tenho mais o que fazer do que sair parra a rua a bater de porta em porta e saber se Manon morra aqui? Eu tenho que cuidar da boate, das outras meninas que são minhas hóspedes, non posso estar perdendo tempo com pessoas que já non me interessam mais.

REGINALDO - Não interessam a você, mas interessam a mim e por isso lhe repito que amanhã "a esta mesma hora" voltarei aqui para buscar o endereço de Manon, que você vai me arranjar. Combinado? E se você não me arranjar ou não me abrir a porta, vai ter. Você já viu que eu não disento as coisas muito tempo, não. Escreveu... não leu... pau comeu.

MARGOT - Se o senhor vier fazer amanhã, outra vez, algazarra na minha porta, eu também tomarrei as minhas providências. Non pense que ficarrei calada, non. Eu sou mulher que non se assusta de carretas, pronto.

REGINALDO - Ah, é? Quer declarar guerra a mim? Pois então há de ver com quantos paus se faz uma canção. Eu volto amanhã, hein? Já estou avisando.

MARGOT - Non precisa voltar. Procure lá parra os lados da estação uma casa de madeira. Pergunte por lá que há de encontrar, porque non sei non o número parra lhe dizer. Só sei que é perto da estação, uma casa pequena, de madeira.

REGINALDO - Bom, então já são outros quinhentos. Via como ~~xxxxxxx~~ você sabia?

MARGOT - Eu non sei. Non tenho certeza. Foi o que ouvi/ as meninas disserem aí.

REGINALDO - Está bem. Agora, se você não está mentindo, eu tenho certeza de que eu encontrarei Manon. Agora vá dormir, vá. E não se esqueça, hein? Comigo é preciso ter cuidado. Muito cuidado. Eu sou mau e não sou de brincadeiras.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL



REGINALDO - Você não está com boa cara. Que foi que lhe aconteceu? Diga.

LAILA - Primeiro diga você o que lhe aconteceu porque a sua cara também não é das melhores, não. Se pensa que está melhor do que a minha, engana-se.

REGINALDO - Eu estou com raiva daquela francesa velha, semvergonha e mentirosa.

LAILA - O que é que ela fez a você para que esteja assim tão indignado?

REGINALDO - Correu de casa a pequena que estava na mesa comigo, só porque ela deu um depoimento favorável a mim, na polícia. Mas ela que espere porque a volta vem. Agora não posso me arriscar a voltar lá, senão eu desmontava aquela francesa. Mas ela não perde por esperar. Deixo passar uns dias e volto. Estou a péssima na rua, sem que a coitada tivesse para onde ir.

LAILA - Ué, e ela não tinha dois hotéis na vila? Poderia ir para algum deles.

REGINALDO - Você pensa que é fácil. Hotel de vila não aceita pequenas de vida duvidosa, porque aí não fica desmoralizado e perde a freguezia toda. A coitada teve que ir para uma tapera de madeira, saindo aos pedaços. Já disse a ela que pode alugar uma casa mais cara que eu me responsabilizo pela despesa.

LAILA - Ora essa! Tem graça! Você se responsabilizar pela despesa, por que?

REGINALDO - Porque fui eu o responsável indireto pela expulsão dela da casa da Margot. Pedi-lhe que contasse o fato de maneira diferente e ela me atendeu. Você acha que eu posso, agora, desampará-la? Não é direito.

LAILA - Mas também você ficar pagando uma casa para ela e ela se divertindo com os outros, eu não vejo razão. No fim você vai fazer o papel de otário.

REGINALDO - Bom, eu faço aquilo que a minha consciência me impõe e o resto, para ser bem franco, não está me interessando. Vou amparar a pequena e vou também tirar a minha forra daquela velha ordinária e mentirosa. Si ela nunca se arrependeu de uma coisa que tenha feito, vai se arrepender de não haver mentido. E só sinto não poder tirar essa forra hoje.

LAILA - Pois eu também estou com raiva porque fui maltratada e expulsada, brutalmente, da casa de um cavalheiro aqui.

REGINALDO - E o que é que você foi fazer na casa de cavalheiros; pode me dizer?

LAILA - Fui pedir a ele que intercedesse em seu favor, mentindo-lhe que você havia sido agredido por Tereísio. Calculei que, como ele não gosta de rapas, que seria fácil convencê-lo e para você não haveria depoimento com maior força visto que o dinheiro dele tem grande influência no espírito dessa turma toda. Seu Rafael diz uma coisa, dezenas de cretinos repetem assim.

REGINALDO - E você diz que ele a maltratou e expulsou de sua casa?

LAILA - Sim, mas você precisava ver de que forma. Como se eu fosse um cachorro sacanoso que tivesse invadido a sala, de repente.



REGINALDO - E onde é que mora esse cachorro? Diga logo que eu já vou colocar aqui na minha lista. É mais um de quem vou tomar conta.

LAILA - Mora lá no alto da colina e chama-se Rafael. Você precisava ver de que maneira me tratou. Gritava como um possesso e investia contra mim com os punhos cerrados que se eu não recuasse, tenho a impressão que acabaria por me bater.

REGINALDO - Misericórdia! Deixe estar que você ainda vai ter a alegria de saber que ele morreu estirado com uma facada nas costas, ou um tiro no coração.

LAILA - Em parte, eu sei o motivo da sua fúria comigo. Despeito, sómente. Nada mais.

REGINALDO - Mas despeito por que?

LAILA - Porque já uma vez o repeli, dizendo que amava outro homem. Agora vou pedir a sua ajuda para você, ele naturalmente associou. Eu sei de lá tão humilhada com as coisas que ouvi, que as lágrimas me escorriam pela face, à medida que vinha andando para casa. Que desespero eu tinha no coração!

REGINALDO - Pobre da minha Laila! É tudo isto por minha causa? Não faz mal. Também hei de compensá-la pelo que sofreu. Venha trabalhar comigo. Por que há de rolar, sem necessidade?

LAILA - Por enquanto ainda não. Preciso, antes, ter certeza absoluta de que o amo e para que essa certeza possa vir, precisamos estar mais um pouco separados.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

MARGOT - Há peço que o senhor se desculpe se insisti em ser recebida, mas é que é muito importante o que eu tenho para lhe dizer, senhor delegado.

DELEGADO - Muito bem... vá dizendo... Eu não posso perder muito tempo que hoje estou atarefadíssimo. Nem sei para onde me virar, tantas são as coisas a atender.

MARGOT - É que eu fui inesperadamente acordada esta madrugada sabe por quem? Pelo ferrasteiro que fez aquele barrulho lá em casa e deu os tiros em Tarcié.

DELEGADO - Uai! Então ele está na terra? Nesse caso, é possível que atenda ao edital e compareça aqui na delegacia para prestar declarações.

MARGOT - Não me parece que vá fazer isto, porque a impressão que tive é de que ele está procurando se esconder da polícia. Pela honra que bateu lá em casa, sabendo que a boate fecha às quatro da manhã...!

DELEGADO - Não sabe onde ele está hospedado? Não lhe disse?

MARGOT - Parra falar a verdade não me lembrei nem de lhe perguntar. Mas acredito que a irmã deve saber. E só perguntar parra ela.

DELEGADO - Então era esse o aviso que a senhora desejava me dar?

MARGOT - Não, não... eu queria pedir ao senhor garantias, porque o ferrasteiro foi lá e se fez uma porção de asneças. Eu já vi que ele é bandido e não quero ser agarrada de surpresa. O senhor podia mandar um guarda ficar



MARGOT - (CONTINUAÇÃO) de serviço lá na boate, nem que eu tivesse que pagar uma gratificação porra ele, entende? O que eu não posso é arriscar a minha vida por causa de um aventureiro. Já vi, com Farcise, que éle faz as coisas que diz. Que suas ameaças não são em vão. (PAUSA) Que me diz?

DELEGADO - Eu vou providenciar um guarda para ficar de serviço lá na boate, mas o que desejava era que a senhora me ajudasse a encontrar esse tal forasteiro

MARGOT - O que é que eu posso fazer? O senhor me diga e eu estou pronta a fazer.

DELEGADO - Si éle aparecesse lá, fosse a que horas fosse, mandava me dar um aviso, para que eu pudesse apanhá-lo.

MARGOT - Isto não é difícil de se fazer. Quando ele aparecer, eu mando logo uma das meninas ou dos garçons que ainda me parece melhor. Ele vem aqui, diz porra o senhor e o senhor vai lá.

DELEGADO - Exato. Mas em todo caso vou mandar chamar dona Laila amanhã, para saber do irmão dela. Si ela me disser que não sabe dele eu já fico a saber que ela está mentindo e aí já fico de sobre-aviso com ela também. (PAUSA) O que é que éle foi fazer lá; não disse?

MARGOT - Ele foi procurar Manon.

DELEGADO - Quem é Manon?

MARGOT - Entom não sabe? Sabe, sim, é que o senhor não lembra. Manon é a pequena que fez declarações a favor dele. Ela foi chamada aqui... o senhor falou com ela... Norrena... cabelo curto... bonitinha... Bonitinha mas ordinária

DELEGADO - Sei, sei... a que estava na mesa com éle e ia tomar parte no jantar de aniversário.

MARGOT - Exatamente. Aquela mesma. Foi procurá-la e ficou furioso quando eu disse porra ele que ela não morava mais lá. Aí ele me disse que se soubesse que tinha feito qualquer coisa porra ela que voltaria na minha casa porra dar uma surra ou furrar o meu corpo com chumbinhos. Dar tirros, entende?

DELEGADO - Eu sei. Mas não se preocupe. Eu vou providenciar para que hoje mesmo já fique lá na boate um guarda de serviço. E depois, qualquer coisa, é só mandar me avisar.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL FUNDE COM RUÍDOS DE NOITE.

C/REGRA - BATIDAS DISCRETAS EM PORTA, PAUSA, RUÍDO DE PORTA QUE VOLTA DE CHAVE COM CUIDADO, PARA EVITAR BARULHO, ROLGIDO DE PORTA QUE ABRE, RUÍDO DISCRETO.

LAILA - Entre. Não pensei que fosse me fazer esperar tanto...

REGINALDO - Fiquei bebericando e conversando, não senti as horas passarem. São mais de duas, não é isto?

C/REGRA - PORTA QUE FECHA, VOLTA DE CHAVE, RUÍDOS DISCRETOS, RANGEM PARA FECHAR.



TÉCNICA - RELOGIO DE TORRE DE IGREJA, AFASTADO, BATE TRÊS HORAS.

LAILA - São três horas da madrugada. Você saiu depois das onze e meia dizendo que não demoraria mais de uma hora... Eu já estava disposta a me deitar e lhe deixar do lado de fora.

REGINALDO - Você ia ter coragem de me fazer uma coisa dessas?

LAILA - Você não está tendo coragem de conquistar essa tal de Manon quasi que na minha presença? Sim, porque você não vai querer me convencer que não está de romance com ela.

REGINALDO - Não estou, mas se estivesse não seria de admirar. Um homem forte e saudável, como eu, não pode esperar, indefinidamente, que uma mulher se resolva a entregar-se a ele. O que é que você quer, afinal? Até casamento já lhe ofereci. Veja bem. Casamento, eu, hein? Você recusa, eu já estou no direito de tentar ser feliz com outra; não estou?

LAILA - Neste momento não, porque quando mandei lhe chamar é porque já estava quasi resolvida a fazer minha vida com você. E se veio com a intenção de fazer o que está fazendo, não precisava vir.

REGINALDO - Vamos, Laila, deixe de ser criança. Eu nem quero acreditar que você esteja com sinais de Manon. Não quero e não posso acreditar.

LAILA - ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ E por que não? Eu, por acaso sou diferente das outras mulheres? O fato de ainda não lhe ter dado uma resposta definitiva, não quer, absolutamente, dizer que eu não goste de você.

TÉCNICA - ACORDE DE GRANDE ALEGRIA.

REGINALDO - Laila! Que alegria as suas palavras me dão! Alegria e surpresa! E si é verdade que já posso ter maiores esperanças, então eu não quero fazer mais nada que possa desgostá-la. Espenho, nisto a minha palavra de honra e quero selar nosso pacto com um beijo. (PAUSA PARA BEIJO. SUSPIRO FUNDO) Como estou feliz, Laila! Como estou feliz!... Você não quer ir embora consigo deste buraco horrível onde só vive gente faladora e aturada?

LAILA - Quero, sim, mas primeiro você tem uma coisa muito importante a fazer aqui.

REGINALDO - Uma coisa? Que coisa?

LAILA - Como?!... Será possível que já não se lembre?!... Se falamos nisto não faz muito...

REGINALDO - Aquele negócio do rapaz que mora lá no alto da colina?

LAILA - Exatamente.

REGINALDO - E o que é que você quer que eu faça? Diga.

LAILA - Quero que o mate para depois então pensarmos na nossa vida em comum.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.







REGINALDO - E que vai ser furada a bala, posso, desde agora, afirmar a você. Ele não frequenta a vila? Não vai a cinema, não vai à boate?

LAILA - Não vai a parte nenhuma. Dizem que vive lá em cima em completa e absoluta solidão. Dizem - não sei, porque nunca ouvi - que ele costuma dizer que não quer se misturar ao sê povinho. Julga-se superior a todos e não dá confiança a ninguém.

REGINALDO - Mas a você ele não procurou? Não foi isto que você me disse?

LAILA - Claro que procurou, mas eu acho que justamente porque ouvi tantas más ausências a ele, no momento em que se aproximou de mim e pretendeu conquistar-me eu resolvi vingar todo o sê povinho em quem ele desafiava e a quem olhava de cima, com pouco caso. Fiz o mesmo. Olhei-o de cima, com toda a força do meu orgulho e do meu desprezo e o homem danou. Foi aí que ele resolveu que haveria de me dobrar e foi aí que eu resolvi que ele não me dobraria. E venci. E foi isto que ele nunca me perdoou. Si eu soubesse que você não queria se apresentar à polícia, jamais teria me sujeitado à humilhação que ele me fez passar.

REGINALDO - Deixa, minha flor. Deixa que ele vai te pagar bem cara essa humilhação. Nunca mais ele vai poder se lembrar de humilhar ninguém. Bem, mas agora vamos tratar de dormir que eu estou caindo de sono.

LAILA - Não quer tomar nada antes de deitar-se? Você jantou tão pouco...

REGINALDO - Se você tivesse uma bēbidinha aí eu seria capaz de topar.

LAILA - Espere. Já sei o que vou fazer que você vai adorar. Um leite quente com cognac. Quer?

REGINALDO - Quero, mas só o ~~leite~~ cognac. Não precisa botar leite.

LAILA - Mas ao menos com o leite você ficaria mais alimentado.

REGINALDO - Nada me alimentará melhor do que a grande esperança que você me deu esta noite. Tenho a alma em festa. Quero bebericar à saúde da boa notícia que você me deu.

LAILA - Eu vou buscar o cognac, então. Brindaremos a nossa felicidade futura e a nossa vingança próxima.

REGINALDO - Brindaremos, sim.

C/REGRA - PASSOS DE LAILA QUE SE AFASTA. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO.

REGINALDO - Tenho que estudar um plano para eliminar este sujeito o mais depressa possível. Se da morte dele depende a minha felicidade, quanto mais depressa ele morrer, melhor para mim será.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL



TARCISIO - Mãe, trago-lhe uma notícia que acho que a senhora vai gostar muito.

ELVIRA - Que é, meu filho? Será que você vai me dizer que não será condenado?  
Acho que no momento seria a única coisa que me faria contente.

TARCISIO - O Delegado me disse, hoje, que amanhã termina o prazo do edital para o forasteiro se apresentar, que ele está na cidade desde ontem e ainda não deu as caras na polícia. Se até amanhã às duas horas ele não fôr, eu estou livre de qualquer embaraço.

ELVIRA - E será que ele não está fazendo como o gato, quando brinca com o rato deixando-o fugir para ter o gosto de tomar a apanhá-lo? Será que na última hora ele não vai surgir por lá?

TARCISIO - O delegado acredita que não, porque acha que ele já deve ter sabido que o maior número de testemunhas do fato depoz a meu favor.

ELVIRA - Puxa vida! Acho que vou começar a rezar desde agora, até à hora em que termine o prazo do edital, afin de que ele não compareça. Só deixarei de rezar às quatorze horas de amanhã.

TARCISIO - É demais, mãe. A senhora não pode ficar uma noite inteira rezando.

ELVIRA - Você acha que não? E quantas você pensa que já tenho passado? Até já perdi a conta. E muitas vezes de joelhos a noite inteirinha.

TARCISIO - Eu sabia que o amor de uma mãe era capaz de muitos sacrifícios, mas que a sua resistência pudesse ser tanta, juro-lhe que não tinha a menor ideia. Eu não teria condições para ficar de joelhos duas horas, quanto mais uma noite inteira.

ELVIRA - É para você ver. Por isso os filhos devem sempre pensar nas mães, antes de fazer qualquer coisa que possa magoá-las, ou arrastá-las ao sofrimento. Mas eles, geralmente, fazem como os filhotes das andorinhas. Depois que aprendem a voar sósinhos, alçam vôo e nunca mais voltam ao ninho onde foram nascidos. E se voltam, um dia, é para torrear a voar, no dia seguinte, para mais longe ainda.

TARCISIO - Mas eu nunca abandonei minha casa, mãe, a não ser quando estive preso. E assim mesmo, juro-lhe que nunca pensei tanto nela.

ELVIRA - Você, não, em verdade, mas a maioria dos filhos é assim que procedem. Você vai sair de noite? Se vai, enquanto toma o seu banho eu vou fritar o seu bife e as batatas.

TARCISIO - Não, mãe, até amanhã eu ainda vou me conservar em resguardo, para que não aconteça nada comigo na rua, para vir complicar a minha situação.

ELVIRA - Muito bem. Então vá tomar seu banho que eu vou preparar o seu jantar.



DELEGADO - Dona Laila está?

JOANA - Está, sim senhor, seu delegado. Pode sentar um momentinho que eu vou lá dentro chamá-la.

DELEGADO - Espere. Antes eu gostaria de lhe fazer uma pergunta, apenas.

JOANA - (NERVOSA) Sim senhor, seu delegado, sim senhor. Pode fazer a pergunta.

DELEGADO - Você não viu, por aqui, o irmão de dona Laila, um homem alto e forte, chamado Reginaldo?

JOANA - Não senhor, seu delegado, não vi. Juro que não vi, não senhor. Eu sempre estou lá nos fundos. A bem dizer, só na hora em que as aulas estão funcionando é que eu ando aqui pela frente, sim senhor.

DELEGADO - O seu quarto fica muito longe do dela?

JOANA - Mais ou menos. Muito longe não se pode dizer. Está vendo esse corredor? O quarto dela e o da dona Tereza ficam mais ou menos no meio do corredor. O meu fica no fundo, sim senhor.

DELEGADO - De noite a senhora não tem ouvido nenhum barulho, nenhum movimento de chegar gente, nada?

JOANA - Não senhor, não tenho. O senhor sabe... a gente trabalha o dia todo... chega de noite está cansada, bota a cabeça no travesseiro e dorme como um chumbo. Só com a luz do dia seguinte é que volta a se acordar.

DELEGADO - Muito bem. Então chame a dona Laila e não comente com ela as perguntas que lhe fiz.

JOANA - Sim senhor, seu delegado, pode ficar descansado. Não comente, não senhor. Então com licença, sim? Vou chamar dona Laila. Ela não vai demorar.

C/REGRA - PASSOS DE JOANA QUE SE APASTAM. PORTA QUE SE ABRE E SE FECHA EM 2<sup>o</sup> PLANO

DELEGADO - Interessante! Ela ficou tão nervosa quando lhe fiz as perguntas... Por que será? Pareceu-me que tem medo da outra. Sabe lá que ameaças não lhe foram feitas... Pela servente eu já senti que não vou arrancar uma só palavra de Laila, mas seja como for, vou fazer força para saber a verdade.

TÉCNICA - ONZE BADALADAS DE SINO APASTADAS.

DELEGADO - O quê?! Será que já está batendo meio dia? (PAUSA) Ah não. São onze horas. Agora levei um susto.

C/REGRA - PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2<sup>o</sup> PLANO. PASSOS DE LAILA QUE SE APROXIMA.

LAILA - Boa tarde, seu Delegado.

DELEGADO - Para mim é bom dia, porque ainda não almocei. Como é que vai a senhorita?

LAILA - Bem, felizmente. Joana foi me avisar que o senhor queria falar comigo?

DELEGADO - É verdade, sim. Tenha a bondade de sentar-se que eu preciso fazer-lhe umas perguntas.



TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LAILA - Como foi me avisar que o senhor queria falar comigo?

DELEGADO- É verdade, sim. Tenha a bondade de sentar-se que eu preciso fazer-lhe umas perguntas.

O/REGRA - ARRASTAR DE CADEIRA PARA SENTAR.

LAILA - Pois não. (PAUSA) Estou às suas ordens. Que deseja saber?

DELEGADO- Se seu irmão andou por aqui, ou anda, ainda.

LAILA - (CALMA) Pois o senhor sabe que eu não sei ao certo? Ouvi dizer que sim, mas não posso crer. Si êle tivesse vindo, não deixaria de me procurar.

DELEGADO- E a senhora está bem certa de que êle não a procurou?

LAILA - Certissima. (IRRITADA) Ou o senhor pensa que eu sou alguma idiota?

DELEGADO- Não senhora. Justamente por pensar ao contrário é que disse o que disse. (PAUSA E TOM) A senhora não procurou comunicar-se com êle? Não lhe disse, ou melhor, não lhe mandou dizer da existência de um edital pedindo que êle se apresentasse às autoridades?

LAILA - Mande-lhe um bilhete por um rapaz de lá, que encontrei na estação, mas não sei se o rapaz terá conseguido entregar o referido bilhete porque as notícias que tive foi de que êle se encontrava ausente.

DELEGADO- Alguém me disse, na Delegacia, que o tinha encontrado na Boate da Margot ontem, ou ante-ontem - não sei bem. Por isto vim aqui pedir-lhe notícias. Imaginei que êle a tivesse procurado.

LAILA - Não, não me procurou, por isso não creio que tenha vindo. Penso que mais é conversa dessa gente que não tem o que fazer.

DELEGADO- Muito bem, então espero que se a senhora chegar a falar com êle convença-o de procurar-me na Delegacia, afim de não ficar registrado como criminoso fujão.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

SIMONE - Aqui está o balancete deste mês, padre Demétrio. Quería que o senhor fizesse uma revisão nele, antes da reunião das Damas de Caridade, amanhã. Será que o senhor vai ter um tempinho?

DEMETRIO- Se não tiver, arranjo. Como é que estão as nossas coletas, este mês?

SIMONE - Um pouco mais fracas. Seu Rafael não trouxe a contribuição mensal que nos faz e por mais que eu tivesse procurado compensar a diferença, não cheguei a conseguir. Ele nos dá duzentos e cincuenta mil cruzeiros e o máximo que consegui fazer com rifas e coletas foi cento e oitenta e três



- DEMETRIO - É verdade, o Rafael anda esquivo... arredio... que h'á com êle? Você teve alguma palavra ou algum gesto que pudesse magoá-lo?
- SIMONE - Propositadamente, não. Pode ser que tivesse feito qualquer coisa sem querer, mas posso lhe garantir que as poucas vezes que falei com êle, tive sempre o cuidado de medir as palavras que dizia. Depois daquela conversa que tivemos sôbre o nosso provável casamento - o senhor se lembra? - fiz absoluta questão de continuar a mesma e falar-lhe sempre com a mesma naturalidade.
- DEMETRIO - Mas você está se contradizendo, minha filha. Se acabou de dizer que media as palavras, já não podia ser a mesma criatura espontânea que sempre foi. Vai ver, foi isso que êle sentiu e não gostou.
- SIMONE - Bem... eu media não é propriamente o termo. Eu tinha assim... vamos dizer... o cuidado de não dizer alguma coisa que pudesse me comprometer, entende? Mas falava com a mesma naturalidade e com a mesma alegria de sempre. Mesmo porque o senhor sabe muito bem que o acho um amor de simpatia. Sempre lhe digo isto; não é verdade?
- DEMETRIO - Pois é, mas se você quer mesmo fazer uma experiência de conviver mais com êle, precisa procurá-lo. Precisa mostrar que está interessada pelo menos na convivência. Do contrário, o que é que êle pode pensar? Que é completamente indiferente para você.
- SIMONE - (PAUSA PENSANDO) Então... o senhor acha... que eu devo procurá-lo? Não ficará mal para mim?
- DEMETRIO - Por que mal? Eu digo procurar em termos, é claro. Você não irá à casa dele, nem correrá na rua para alcançá-lo, mas tendo oportunidade de encontrá-lo, sorria, dirija-se a êle, diga-lhe uma amabilidade qualquer... pode dizer, inclusive, que tem sentido muito a ausência dele, que apreciava muito as suas visitas à casa canônica... que tem sido obrigada a somar parcelas imensas porque ele não apareceu mais. E depois pergunte-lhe, francamente, o motivo da ausência. Se for uma desconfiança, será o momento de desfazê-la.
- SIMONE - Está bem, Padre, se o senhor acha que devo fazer assim, na primeira oportunidade que tiver eu me dirigirei a êle.
- DEMETRIO - É claro. E não apenas pelo interesse da sua obra, mas para que você possa aumentar a convivência com êle, para chegar a uma conclusão.
- TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.
- LAILA - Olhe o seu café, Reginaldo. Dormiu bem?
- REGINALDO - Muito bem. Que horas são?



LAILA - Quasi nove horas da noite. Você acordou às cinco para almoçar e enquanto eu fui preparar o seu banho e voltei para ver a toalha, já o prato estava vazio na mesinha de cabeceira e você roncando outra vez. Vai sair agora?

REGINALDO- Mais tarde. Não conseguiu comprar nenhuma das empregadas do homem?

LAILA - Nem tentei. Aquelas duas não se vendem. O que você podia fazer era tentar mandar lá a tal de Manon, fingindo que queria se empregar e depois, por intermédio dela, talvez pudesse chegar até onde quer.

REGINALDO- Você sabe que a ideia é boa? Por isso é que eu queria que você fosse trabalhar comigo. Quantas coisas poderíamos fazer, juntos!

LAILA - Eu já lhe disse que vou. Faça a minha vontade que eu farei a sua.

REGINALDO- Pois então, depois que termine o cinema e cesse o movimento, eu vou falar com Manon.

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL

LUZA - Você sabe da novidade, Margot? Manon está vivendo com o forasteiro.

MARGOT - É mesmo? Quem é que disse isto a você? O homem está forragido...

LUZA - Está forragido, eu sei, mas vem de vez em quando trazer dinheiro a ela e visitá-la. Foi ele que fez com que ela alugasse uma casa de material. Disse que é ele quem paga a despesa.

MARGOT - Não acredito muito. Quem disse isso a você?

LUZA - Ela mesma. Disse que está esperando que desocupem o sobrado da rua Auréliano Soárez para fazer concorrência a você. O forasteiro vai custear toda a instalação da casa. Disse que vai ser um colosso. Ela até me convidou para ir pra lá.

MARGOT - Ah, foi ela que disse? E vai me fazer concorrência? Vai abrir também uma boate? (PAUSA) Ordinária mesmo essa Manon. Ela não pode me fazer isto.

LUZA - Pois é, mas vai fazer. Disse que até vai mandar trazer artistas para tocar e cantar. Que não vai ser como aqui, uma casa de jogo e tolerância, mas uma boate de verdade. Com show e tudo.

MARGOT - Sim... eu quero ver... botar show nesta terra desgraçada. Em menos de quinze dias ela está fechando a boate, devendo a Deus e todo mundo. Isto aqui é uma terra de gente miserável, Luza. Uma terra de gente sem nenhuma possibilidade.

LUZA - Também não deve ser tanto assim, Margot, não você já tinha se mudado.

MARGOT - Não me mudei porque nunca fui ambiciosa. Mas o que é que eu tenho? Esta casa que comprei com sacrifício, na prestação e uma conta pequena no Banco, para garantir uma doença qualquer.



LUZA - Mas dizem que na França você tem dinheiro às pampas.

MARGOT- Mentirra!... Um dinheirrinho qualquer que quando eu posso mando. Dinheiro às pampas! Antes fosse. Se tivesse dinheiro às pampas não seria tom burra de ficar trabalhando como trabalho aqui neste burraço, ouvindo desaforros e aturrando gente mal educada. Porque eu não fui pessoa mal educada. Eu tive educação. Mas a gente já vem parra a vida com o destino traçado.

LUZA - Não acho. Acho que a gente é que faz o destino, quando não tem força para conter seus ímpetos. Vai pelo que é mais fácil e no momento parece mais agradável e aí é que se enfunera. E o fim de todas é quasi sempre o mesmo. Um degrau de porta e um leito de hospital.

MARGOT- Crede em cruzis, menino. Que converse mais estúpida.

LUZA - Estúpida por que? Por que é verdadeira? A vida não está cheia desses exemplos? E a gente não aprende. Só se arrepende depois de cair... e se machucar! A mocidade passa tão depressa! A velhice é muito mais longa porque os dias levam consigo o peso da saudade e o amargor das decepções. Este seria o remédio: viver a mocidade, pensando sempre um pouco na velhice. E então não existiriam tantas tristezas, nem seriam choradas tantas lágrimas. Não há nada que pese mais, para se levar dentro do coração, do que o arrependimento!

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL PUDE COM RUÍDOS DE NOITE.

REGINALDO - Está aqui o tal portão de ferro. Fica muito distante da casa. Aquela luz que vejo lá acêsa, deve ser do quarto dele. É a única janela iluminada na parte de cima. Chegar até à casa por esta alameda não seria tão difícil, andando de árvore em árvore. Quando presentisse os cães, subiria depressa. Mas depois teria que atirar neles para poder fugir, se me surpreendessem. E eu não sei quantos são. E a noite está muito escura. Entrar, assim, seria uma verdadeira temeridade. Quando os cachorros são muitos, geralmente andam juntos. Onde eu ouvir o latido de um, devem estar todos os outros. (PAUSA) Apegou-se a luz da janela. E ficou tudo mais escuro, ainda. O portão é fácil de pular... parece que foi feito mesmo para isto... Eu não devia me precipitar, mas se há coisa com que eu nunca me habituei foi com a espera. Vou subir. Não custa tentar. Se houver qualquer impecilho, não haverá nenhuma dificuldade em voltar.

TECNICA - CACHORROS VINDO LATIDO DE TERCEIRO PLANO E AVANÇADO FURIOSOS CONTRA O PORTÃO. PERMANECEM LATIDO FORTE. PULO NO CHÃO BATIDO.

REGINALDO - (CALADO DO PULO QUE DEU) Puxa vida! Si eu não sou ligeiro eles me pegavam. Parece que estavam me espreitando.



RAPAEŁ - (BEM DO FUNDO MAS FORTE E PERCEPTIVEL) Quem é que está aí? (PAUSA) Quem é que está aí, vamos...

REGILALDO - (FELIZ) Deve ser ele. Só pode ser ele. Até parece que o diabo está me ajudando.

RAPAEŁ - (DA MESMA DISTÂNCIA) Tem alguém aí? Quem é?

REGILALDO - Acendeu a lanterna. Não preciso de outro alvo. Nem existirá melhor.

C/REGRA - TRES TIROS PERTO.

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL, FULDE COM CARACTERISTICA PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO

---



S O L I D A O

- Novela de Érico Cramer -

33ª CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA. FUNDE COM RUÍDOS DE NOITE

REGINALDO - Eu não devia me precipitar, mas se há coisa com que eu nunca me habitu ei foi com a espera. Vou subir. Não custa tentar. Se houver qualquer im pecilho, não haverá nenhuma dificuldade em voltar.

TÉCNICA - CACHORROS VIADO LATIDO DE TERCEIRO PLANO E AVANÇADO FURIOSOS CONTRA O PORTÃO. PERMAECEM LATIDO FORTE. PULO AO CHÃO, BÁTIDO.

REGINALDO - (CALSADO DO PULO QUE DEU) Puxa vida! Si eu não sou ligeiro, eles me pega vam. Parece que estavam me espreitando.

RAFAEL - (BEM NO FUNDO, MAS FORTE E PERCEPTÍVEL) Quem é que está aí? (PAUSA) Quem é que está aí, vamos...

REGINALDO - (FELIZ) Deve ser ele! Só pode ser ele! Até parece que o diabo está me ajudando.

RAFAEL - (DA MESMA DISTÂNCIA) Tem alguém aí? Quem é?

REGINALDO - Acendeu a lanterna. Não preciso de outro alvo. Nem existirá melhor.

C/REGRA - TRES TIROS PERTO.

TÉCNICA - OS CACHORROS LATEM FURIOSAMENTE E LAVESTEM CONTRA O PORTÃO DE FERRO.

REGINALDO - Será que acertei? O melhor é que me esconda aqui por perto para espe rar o resultado. Mas também se abrem o portão os cachorros me alcançam. Não, não... o melhor é dar o fora. Amanhã hei de saber qualquer coisa.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL CONFLUAM LATIDO LONGE OS CACHORROS

LEOPOLDINA - (ASSUSTADA) Que aconteceu, seu Rafael? Ouvi tiros lá fora. E os cachor ros não param de latir.

RAFAEL - Tenho a impressão de que foi algum ladrão. ~~É estou certo que atirei nele~~  
~~me matar~~ mas felizmente não me acertou. Também, quando ouvi o primei ro tiro, me atirei logo no chão. A primeira bala passou tão perto do meu ouvido que eu senti o assovio.

LEOPOLDINA - Deus de Misericórdia! Poderia ter lhe matado, seu Rafael! Mas como é ele pôde entrar com tanto cachorro bravo lá fora?

RAFAEL - Acho que ele não entrou. Os cachorros latiam na altura do portão, tanto que eu pensei que fosse alguém que tivesse vindo me chamar, por qualquer motivo de urgência, entende? Acendi a lanterna e perguntei quem era. A resposta foram três tiros.

LEOPOLDINA - E o senhor acha que foi ladrão? Mas qual era o lucro dele em matar o senhor?



**RAFAEL** - Deve ter se assustado. Viu que eu estava do lado de fora da porta, com uma lanterna na mão, imaginou-se surpreendido e preso. Então, para me assustar e não me aproximar do lugar onde êle estava, deu os tiros.

**LEOPOLDINA** - Ih, o senhor ficou com o seu pijama todo sujo de terra. Vai ter que mudá-lo.

**RAFAEL** - É que eu não tive tempo de escolher o lugar onde me atirei. Hoje de manhã choveu muito, a terra inda estava húmida... fiquei deste jeito.

**LEOPOLDINA** - Quer que eu vá buscar outro pijama para o senhor mudar?

**RAFAEL** - Não é preciso, Leopoldina. Agora, quando subir, eu troco. Vou tomar, antes um golesinho de cognac para compensar o frio que spanhei lá fora. Você quer, também?

**LEOPOLDINA** - Ao senhor, muito obrigada. Si eu tomar um golesinho que seja desse negócio, amanhã não me levanto da cama. Durmo o resto do dia e o senhor fica sem almoço. (RIEM OS DOIS).

**RAFAEL** - Então vá se deitar que eu não preciso nada. Vou só tomar isto e em seguida já vou subir.

**C/REGRA** - RUIDO DE TIRAR ROCHA APERTADA DE GARRAFA E PEGAR COPO. SERVIR.

**LEOPOLDINA** - Então boa noite, seu Rafael. E se ouvir qualquer barulho lá fora não saia, por favor.

**RAFAEL** - Não saio, não, esteja descansada. Serviu a experiência. Se a Eudoxia estiver acordada, tranquilise-a. Não fale em ladrões, sinão ela não dorme o resto da noite. Diga que foram uns caçadores, lá fora.

**LEOPOLDINA** - Ela não acordou, não, seu RAFAEL. Eu fiz luz, fiz barulho e ela continuou dormindo.

**RAFAEL** - É melhor assim, sinão ela já estava criando e contando casos. Não duvido, até, que imagiasse um atentado.

**LEOPOLDINA** - Pois é, mas eu vou dizer ao senhor que a ideia não é de se deprezar.

**RAFAEL** - Mas quem? E por que, afinal? Acho que não chego a ter inimigos que pudessem desejar minha morte.

**LEOPOLDINA** - A gente nunca sabe, seu Rafael. Há tanta maldade neste mundo de Cristo! Bem, mas eu vou me deitar que amanhã tenho que levantar muito cedo. Boa noite, seu Rafael, durma bem.

**RAFAEL** - Obrigado, Leopoldina, você também.

**C/REGRA** - PASSOS DE LEOPOLDINA SUBLADO ESCADA E SUBLADO.

**RAFAEL** - (PAUSA, PENSANDO) Não pode ser. Não acredito. Por muito que ela me odeie, não seria capaz de chegar a tanto. Foi acidente, estou certo.

**TÉCNICA** - PASSAGEM MUSICAL.



TEREZA - Escute, Laila: eu estou começando a me sentir desagradada com a situação que se criou aqui dentro. Não posso continuar arriscando o meu nome e o meu emprego, por causa da teimosia desse homem. Ele tem que dar um jeito na vida, seja qual for, mas aqui ele não pode continuar dormindo. Eu nem sei como ainda não o descobriram. Pura sorte.

LAILA - Eu já disse a ele tudo que a senhora está me dizendo mas todos os dias ele me responde a mesma coisa...

REGINALDO - (FILTRO) Amanhã vou embora.

LAILA - ... mas não vai. Hoje eu vou intimá-lo a sair. Vou dizer que a senhora está zangada comigo por causa...

TEREZA - (CORTA, NERVOSA) Não, não... pelo amor de Deus!... Não meta o meu nome. Eu tenho muito medo desse homem. Foi só por isso que o deixei ficar. Diga-lhe outra coisa qualquer, invente que vem uma professora nova que vai se hospedar exatamente naquele quarto e que nós somos obrigadas e pedir-lhe que saia. De-lhe um prazo, vamos dizer... até depois de amanhã.

LAILA - Está certo. Hoje quando levar-lhe o café da tarde, às seis e meia, já te rei uma conversa com ele sobre isto. Ele poderia ficar na casa da tal Manon, mas eu não posso dizer-lhe isto porque estou sempre fingindo ciúmes dela. Mas eu dou um jeito, pode ficar socegada.

TEREZA - Outro dia o guarda noturno já veio com uma conversa que me deixou muito desconfiada. Eu, pelas dúvidas, já fui dizendo que você tem um irmão que trabalha na cidade próxima e que às vezes passa por aqui, em viagem noturna e nos assusta batendo à nossa porta, para não deixar de ver você.

LAILA - Mas que foi que ele perguntou à senhora? P,osso saber?

TEREZA - Veio com umas conversas de saber se a Joana é seria e si ela não tinha algum namorado que a visitava de noite. Por que isto? Naturalmente porque viu o homem bater e entrar. Do contrário não falaria.

LAILA - É, sim... deve ser... Mas foi bom que a senhora me contou isto porque assim eu já tenho com que argumentar.

TEREZA - De-lhe o prazo de tres dias, para não dizer que apertamos demais com ele.

LAILA - (COMEÇA A RIR COM VONTADE)

TEREZA - Uê!? De que está achando graça? Não vejo nenhum motivo para rir.

LAILA - Estou me lembrando da Joana, abrindo a porta para um amante! Tem ou não tem graça? (RI MAIS)

TEREZA - Pois é, mas ele disse a Joana porque era a mais humilde das três. Mas ele estaria realmente pensando que fosse ela? A gente não pode saber.



LAILA - Bem... isso é verdade. Ele disse a Joana, com certeza porque não se animou a dizer ~~me~~ que era eu ou a senhora.

TEREZA - Você vê a situação em que eu fico colocada? Isso não pode continuar, não. Ele tem que dar um jeito o mais depressa possível.

LAILA - Ele vai dar, sim. Pode ficar descansada que eu vou fazer com que ele saia no máximo amanhã.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

REGINALDO - Eu vim aqui para ter uma conversa muito séria com você. Você quer ganhar uma boa pontada de dinheiro? Eu tenho um plano para você executar.

MANOÁ - Que plano é? Diga. Si ele me agrada... Dinheiro me agrada bastante.

REGINALDO - É o seguinte: eu preciso entrar na casa da Vila Verde, durante a noite, de qualquer maneira. Tenho um trabalho importante para realizar lá. Acontece que não só os cachorros, como até mesmo as pessoas da casa, nunca me permitirão entrar lá. Então eu me lembrei de botar lá, provisoriamente, como empregada, uma pessoa da minha inteira confiança. Depois dessa pessoa se ambientar com a casa e com os cachorros, nós então estudaríamos a melhor maneira de eu me ver lá dentro. O resto... seria tudo por minha conta. Você topa a aventura?

MANOÁ - Acho que não seria tão difícil o que eu ia ter que fazer, mas acontece que seu Rafael me conhece muito bem, lá da casa da Margot, e jamais me aceitaria como empregada de sua casa.

REGINALDO - Oh, diabo! Eu não sabia que ele a conhecia. Quem será outra pessoa que eu pudesse botar lá?...

MANOÁ - Eu tenho uma ideia muito mais interessante do que a sua. É com seu Rafael que você quer acertar contas, não é?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

MANOÁ - Vamos, Reginaldo. Você ainda não me respondeu. É com Rafael que você quer acertar contas?

REGINALDO - Você é uma pequena viva. Pega as coisas no ar. É com ele, sim, por que?

MANOÁ - Porque então eu poderia dar um jeito de vocês se encontrarem num outro lugar que não fosse a casa dele.

REGINALDO - Melhor ainda. E que lugar seria esse?

MANOÁ - Poderia ser... vejamos... (TOM) Tive uma ideia: está para desalugar um sobrado muito bom e muito grande aqui na vila. Eu poderia transferir-me para lá, fazer a minha boate, ou melhor, a nossa - minha e de você -... montaríamos tudo direitinho e eu mandaria um convite a ele para a inauguração. Lá correria tudo muito bem. Quando ele falasse em voltar para ca-



MANOÁ - (CONTINUAÇÃO) sa, já os pneus do seu carro estariam vazios. Ele só poderia ir pedir recursos na bomba de gasolina, a duas quadras do sobrado. Quando isto acontecesse, já você estaria à espera dele antes da bomba. Não seria formidável? Delí você tomaria o seu carro e desapareceria por uma semana ou duas. Que acha do plano?

REGINALDO - Ótimo. Tanto mais que nos vingaremos também daquela cretina velha que é a Madame Margot. Madame!... Madame, uma ordinária daquelas!

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

MANOÁ - Que acha do plano?

REGINALDO - Ótimo! Tanto mais que nos vingaremos, também, daquela cretina velha que é a Madame Margot. Madame!... Madame uma criatura ordinária daquelas!

MANOÁ - In ela vai ficar que nem cobra que perdeu o veneno. Dando pulinhos num lugar só, como é o costume dela.

REGINALDO - Pois então trate de fazer isto dentro de uma semana ou duas, no máximo, que é para eu poder fazer o que tenho em mente. Se precisar de fiador para o sobrado, deixo-lhe o nome de um amigo meu lá em Chapadão. Amanhã mesmo devo falar com êle de formas que não haverá dificuldades.

MANOÁ - E como é que eu poderei mandar notícias para você?

REGINALDO - Da mesma maneira que eu tenho feito, quando estou longe. Vá na estação e entregue um bilhete na mão do guarda freio Jacinto. Ele se comunica comigo diariamente, quando estou lá.

MANOÁ - E os móveis? Vou precisar também de fiador para tirar os móveis da casa de compra e vende do velho Pedro.

REGINALDO - Nada disto. Vamos mobiliar a casa toda com móveis novos e modernos. Você manda me dizer quantas salas tem o sobrado, quantos quartos e eu já sei o que preciso mandar. A sala maior para dança e show. Mesinhas, cadeiras, bar e prateleira para as bebidas. Duas salas menores para jogo e o restante quartos para os hóspedes que desejarem pousar. Uma boa cozinha, uma copa e um depósito de bebidas. Tudo será comprado por mim na cidade e chegará aqui pelo trem noturno, para não despertar comentários. O guarda freios lhe avisa e você retira tudo no dia seguinte de manhã, bem cedo, antes que comece o movimento da rua principal.

MANOÁ - Ótimo! Eu vou ver tudo que ainda iremos precisar, como louças, toalhas, copos, panelas, pratos, empregados etc. Vamos gastar uma nota, mas também o que vamos ganhar num só ano nos compensará de todas as despesas e tal



MAFON - (CONTINUAÇÃO) vez até nos dê margem de lucro.

REGINALDO - Muito bem. Então, pé na tábua que quanto mais depressa andarmos mais cedo chegaremos.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL FAZDE COM PASSAROS CALTAADO.

SIMONE - Seu Rafael, como vai o senhor?!... Então ia passando e fingindo que não me via?

RAFAEL - Não, não... que esperança!... Como vai a senhora?

SIMONE - Eu muito cansada com os meus afazeres e sentindo muita falta do meu secretário que desertou, nunca mais apareceu e me deixou sózinha, apesar de haver me prometido que viria sempre auxiliar-me.

RAFAEL - Tem razão, sim, tem razão... Eu... eu estou realmente em falta com a senhora.

SIMONE - Em falta, não. Apenas deixou de cumprir uma promessa que me fez e eu gostaria de saber por que. Terei feito alguma coisa que o desgostasse?

RAFAEL - Não, não... que esperança... não pense isto. Eu sou realmente muito preguiçoso, principalmente de manhã, quando estou comodamente de pijama, no meu quarto, cercado de bons livros, ouvindo boa música...

SIMONE - É muito mais agradável, sem dúvida, do que meter-se numa casa sombria, aturando uma maníaca, cujo gosto maior é trabalhar pelos necessitados.

RAFAEL - Muito mais nobre a sua mania do que a minha preguiça. Muito mais elogiável o seu despreendimento do que o meu egoísmo. Eu deveria, realmente, esforçar-me mais por imitá-la. A que horas estará lá, amanhã?

SIMONE - À hora de sempre. Trabalho sempre lá das dez às onze e meia. Hoje consegui livrar-me um pouco antes dos afazeres e vim me sentar nesta praça para gozar um pouco a linda manhã de sol. Daqui a pouco já vou almoçar e em seguida estarei andando para o Grupo até às quatro e meia.

RAFAEL - Se não a comprometo, gostaria de acompanhá-la até à sua casa. Consente?

SIMONE - Por que não? Eu já não lhe disse, uma vez, que desejava conviver mais com o senhor? Já é uma oportunidade.

RAFAEL - Pois então, já que me permite... podemos ir andando e conversando. Dessa forma você - perdão, a senhora -

SIMONE - E por que não você? Vamos abolir a senhoria. Parece-me que já lhe propus isto uma vez; não foi?

RAFAEL - Exato. Mas quando nos encontramos o que ouvi dizer foi "Seu" Rafael... Fui obrigado a seguir o mesmo tom para não desafinar.

SIMONE - Pois bem, então vamos deixar de parte a senhoria. Acompanhe-se Rafael.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.



ELVIRA - Desculpe, meu filho mas eu vou lhe fazer uma pergunta: onde é que você vai, de terno e gravata? Pode me dizer? Você não costuma andar assim...

TARCISIO - Vou lhe dar uma notícia que a senhora vai ficar muito satisfeita. Vou fazer uma visita a uma garota muito enxuta que está hospedada na casa da Vicentina e parece que simpatizou comigo.

ELVIRA - Que bom, meu filho! Como eu fico satisfeita!... Mas si ela está hospedada na Vicentina quer dizer que não é daqui?

TARCISIO - Não senhora. É de Chapadão. Trabalha lá num escritório e veio passar as férias aqui para descansar. Si a coisa pegar, mesmo, depois eu trago ela aqui para a senhora conhecer. Quer?

ELVIRA - Naturalmente que sim, meu filho.

TARCISIO - Quem sabe a senhora quer ir comigo até lá, sob o pretexto de fazer uma visita para a Vicentina?

ELVIRA - Não, meu filho, isso não fica bem. Ela vai perceber logo que foi curiosidade minha, para conhecê-la e isso pode dar má impressão à moça. Se você me diz que é enxuta eu já sei que é porque realmente você tem gosto.

TARCISIO - Mas que adianta ter gosto, se não tenho sorte?

ELVIRA - Não diga isso, meu filho. Não teve sorte uma vez, mas isso não quer dizer que não tenha sempre. A quem se conforma, Deus compensa. Pode ficar certo Não quer que lhe passe uma escova nas calças? Elas parecem um pouco salpiçadas de fiapos e outras coisinhas.

TARCISIO - Na frente eu escovei. Quer passar na parte de trás é um favor.

C/REGRA - ESCOVA ESCOVANDO ROUPA POR ALGUNS MOMENTOS.

ELVIRA - Vire para a luz. (PAUSA) Assim. (PAUSA, RUIDO DE ESCOVAR) A outra perna, agora. (PAUSA, RUIDO DE ESCOVA) O casaco você já escovou?

TARCISIO - Já, mãe, o casaco já está pronto. Fica bem esta gravata com esta roupa?

ELVIRA - Muito bem, meu filho. O grenat sempre vai bem com o azul marinho. Principalmente este que é tão escuro. (PARA DE ESCOVAR) Pronto, acho que agora a calça ficou com melhor aspecto.

TARCISIO - Bem, mãe, então eu vou, porque pode ser que elas queiram ir ao cinema, então a gente vai.

ELVIRA - Vá com Deus, meu filho. E se a menina for boa, tomara que vocês se acertem. (BEIJO)

TARCISIO - Tchau velha.

C/REGRA - PASSOS DE TARCISIO QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO.

ELVIRA - Meu filho se refazendo! Que coisa maravilhosa! Como Deus é bom!...

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.



MARGOT - Que bom que você veio, Glauco! Eu queria tanto conversar com você... Que novidades me conta?

GLAUCO - Eu não tenho novidades. Você é que deve ter porque diz que querie tanto conversar comigo...

MARGOT - Eu queria saber notícias de Tarcise, que nunca mais apareceu aqui na minha casa.

GLAUCO - O Tarcisio já está bom. Já tirou até a ligadura da mão. (TOM) Ah, é verdade eu tenho uma novidade muito grande para você. Ia me esquecendo, agora.

MARGOT - Novidade, Glauco? Que novidade? Você conte ligeirinho, conte.

GLAUCO - Você sabe quem vai montar uma boate com todos os requisitos modernos e mobiliário inteiramente novo? A Manon.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

MARGOT - Como foi que você disse? A Manon vai montar uma boate com que? Eu não entendi muito bem.

GLAUCO - Com tudo moderno. Mobiliário, lustres, refletores e o diabo. E sabe onde vai ser? No sobrado cor de rosa. Vai ocupar a casa toda! Altos e baixos!

TÉCNICA - REPETE A VERGASTADA ANTERIOR.

GLAUCO - (DEPOIS DE PAUSA) Disse que vai inaugurar com um festão. Que vem gente e artistas da cidade aos lotes. Vai ter salão de dança, duas salas de jogo, oito quartos luxuosos, copa, cozinha, depósito de bebidas... Disse que o material já está chegando. Cada dia o trem despeja uma batelada de coisas.

MARGOT - Mas pelo amor de Deus, Glauco! Quem é que vai pagar tudo isto? Ela nem tem dinheiro nenhum. É mais pelada do que uma mendiga.

GLAUCO - Bom, quem vai pagar não sei, mas que ela está preparando uma coisa excepcional é verdade porque o sobrado está sendo todo pintado, por dentro e por fora e lá dentro há uma infinidade de caixotes com móveis... lâmpadas... lustres e não sei mais o que.

MARGOT - E será mesmo ela? Você tem certeza absoluta?

GLAUCO - Tenho, sim. Tenho porque ela falou comigo e disse. Prometeu, até, mandar-me um convite para a inauguração. Disse que vai ser breve. Que no máximo em oito dias ela pensa estar com tudo pronto.

MARGOT - (DEPOIS DE PAUSA, PROFUNDAMENTE CHOCADA) Já tinham me dito e eu não havia acreditado. Mas então é verdade!... Eu pensei que era prosa, mas é verdade!... Oh, mas ela vai me pagar este desaforço! Ela vai me pagar, pode crer. Eu sou muito boa, mas não mexa nos meus interesses porque eu vivo roto ferra. Fico mais furiosa do que uma jararaca!

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.



TECLICA - CARACTERISTICA MUSICAL DE ABERTURA

- GLAUCO - O sobrado está sendo pintado por dentro e por fora e tem lá uma infinida  
de de caixotes com móveis... louças... lustres e não sei mais o que.
- MARGOT - E serrá mesmo ela? Maron? Você tem certeza absoluta?
- GLAUCO - Tenho, sim. Tenho porque ela falou comigo e disse. Prometeu, até, mandar-  
me um convite para a inauguração. Disse que vai ser brevemente. Que, no  
máximo, em oito dias pensa estar com tudo pronto.
- MARGOT - (DEPOIS DE PAUSA, PROFUNDAMENTE CHOCADA) Já tinham me dito e eu não acree-  
ditei. Mas entom é verdade?!... Eu pensei que era prrosa, mas é verdade!  
Oh, mas ela vai me pagar este desaforro! Ela vai me pagar, pode crrer!  
Eu sou muito boa, mas não mexam nos meus interesses porque eu virro uma  
ferra. Fico mais furriosa do que uma jarrarraca! Esta terra infeliz não  
dá nenhum resultado com uma boate, vai dar com duas? E depois não é dirrei-  
to. Eu estou mais antiga, ela não tinha nada que botar. Meu consolo é que  
ela não vai ter resultado e vai quebrar falôcia. Este é meu consolo.  
Isto é uma terra infeliz, vai dar parra ter duas boates? Aonde? Só nos  
quintos do inferno.
- GLAUCO - (RINDO E MEXENDO) Isto, quando vocês estiverem lá, vocês botam. "A cova  
do Deus Satan" e "A brasa dourada". Qual é o nome que você vai escolher  
para a sua?
- MARGOT - Parra, Glauco. Não brinca com coisas sérias. Eu estou furriosa da vida
- GLAUCO - Mas furriosa por que, Margot? O sol nasce para todos. Ela também tem direi-  
to, óra essa!
- MARGOT - (FURIOSA E ALTERADA) Não tem direito nenhum. O direito é meu que botei  
o negócio no primeiro. Ela tinha nenhum quando eu botei. Ela não tem  
direito, não tem. Direito de que? De atrapalhar a vida dos outros?  
Ela não sabe quem é Margot quando fica tiritirica. Ela não sabe. Si pen-  
sa que só ela vai atrapalhar a minha vida está muito enganada porque  
eu também vou atrapalhar a vida dela. Ela vai cer. Ela vai ver. Eu não  
sou biscoito, como vocês dizem aqui. Sou um osso duro de roer.
- GLAUCO - Deixa isso pra lá, Margot. Deixa isso pra lá. Você está se incomodando  
por antecipação. Si eu soubesse que ia lhe dar tanto aborrecimento, não  
tinha lhe contado nada. Eu também acho como você que ela não vai aguentar  
tar a mão. Abre a casa, e no fim de um ou dois meses é obrigada a fechar.



MARGOT - Bem feito que feche parra non ser esgarada de querrer tirar o pão da boca dos outros que tem mais direito. Tomarra que ela tem um prejuizo tom grande que nunca mais vai se lembrar de fazer uma coisa dessas. Tomarra.

GLAUCO - Serve aí um vermouth para mim e outro para você e vamos falar noutras coisas. Vamos esquecer a Manon, tá?

C/REGRA - RUIDO DE GARRAPA, COPINHOS E SERVIR.

MARGOT - (SEM ESPERAR OS RUIDOS) Como posso esquecer? Como posso esquecer? Você acha que serra fácil, porque non tem prejuizo nenhum, mas a mim, que me dá no bolso, non posso achar graça, nem ficar calma e nem esquecer. De hoje em diante, vou ficar rogando prraga dia e noite parra ela. Desgraçada! Nogenta! Asquerrosa! Se isso é papel que se faça! Disaforro dela! É boate mesmo, mas você tem certeza?

GLAUCO - É boate, sim. Isso eu tenho certeza porque ela até mandou fazer uma tableta bem grande e que vai ser toda iluminada, com o nome pintado. Las Delicias. Disse que veio até marceneiro, pintor, electricista e até um empregado da casa de móveis lá de Chapadão, para trabalharem pra ela. Disse que o negócio vai ser fino, pra valer.

MARGOT - Serra que essa desgraçada tirrou a sorte grande?! Erra mais pobre do que rato de igreja e esta terra é tom miserável que nem a sorte grande serra capaz de se lembrar de sair parra cá. Deve ter alguém escondido por terras dela. Você vai saber, Glaucos. Você vai saber e vai me dizer. Eu tenho que descobrir.

GLAUCO - Deixe isso pra lá, Margot, já lhe disse. Vamos tomar a nossa saúde.

C/REGRA - DOIS COPINHOS DE APERITIVO QUE SE TOCAM.

MARGOT - À saúde do fraco de Las Delicias.

TECLICA - PASSAGEM MUSICAL FUNDE COM RUIDOS DE MARCELIARIA, SERRA ETC. EM BG.

MANON - Luzá!... Que prazer!... Como foi que você soube que eu estava aqui?

LUZÁ - Pois eu estive ali no sobrado e o pintor me disse que você tinha vindo aqui na serreria por causa de uns bancos que mandou fazer para o bar de "Las Delicias" Como eu não podia demorar muito, vim até aqui para vê-la, antes de voltar para casa.

MANON - Você falou "Las Delicias?" Quem é que lhe disse o nome de minha boate?

LUZÁ - O Glaucos esteve lá e contou uma série de novidades. A francesa está dando pulos desta altura!

MANON - (RLADO) Eu só imagino! A esta hora eu devo estar cheia de pragas nas costas. Pragas e despachos de macumba que ela diz que não acredita, mas está sempre mandando fazer.



LUZÁ - Com toda certeza. Pragas eu sei, por que ouço o que dá o dia.

MANOÁ - Não faz mal. Deixa que ela rogue. Praga de urubú não mata cavalo gordo.

Você não vai querer vir para cá?

LUZÁ - Vamos ver, não sei... Dizem que vai ser tudo no último grito, a mensalidade não deve ser pequena.

MANOÁ - Mas se você quiser pode trabalhar como "taxi-girl" no salão de dança e aí já fica tudo muito mais barato. Você dança bem... apresenta-se razoavelmente... não exige mais do que isto.

LUZÁ - É, vamos ver... quando chegar mais perto a gente combina.

MANOÁ - Fala para a Odete e para a Mirta, também. Si elas quizerem, que apareçam aqui para conversar comigo, até o fim da semana que vem. Antes, não, porque a boate não ficará pronta. E além disto, o fim da semana que vem vai coincidir com o fim do mês, o que vai facilitar muito as coisas, tanto para mim como para vocês. Mas que elas não falem nada. Fiquem quietas, senão a velha toma outras providências e joga com elas na rua, como fez comigo. E o que eu quero é que ela fique, de um dia para o outro, com a casa vazia. Aí eu vou dar gargalhadas.

LUZÁ - Mas então você fez tudo isto de propósito para tirar vingança da velha?

MANOÁ - Claro! Eu não fiz nada contra ela, ela não tinha nenhum direito de fazer alguma coisa contra mim. Eu fiz contra o Tarcísio. Sei porque fiz e ninguém mais tem nada que ver, a não ser eu e ele. Si ele fosse lá e me maltratasse, também estava no seu direito e ninguém tinha nada que ver com isto. Ele não foi, aquela velha cretina tinha alguma coisa que se meter? Meteu de inxirida que ela é. Toda a vida ela teve um fraco pelo Tarcísio. Por isso que ela fez isso pra mim. Mas tomou um bowde errado. Agora ela vai sofrer as consequências e vai dar pinotes.

LUZÁ - Você não queira saber o escândalo que ela fez, no dia que o Glaucio contou o negocio pra ela.

MANOÁ - Ah foi o Glaucio? E qual foi a reação dela, me conta. Eu estou leuco para saber.

LUZÁ - Gritou... esbravejou... rogou pragas horrendas... xingou você... xingou a vila... disse que você não tinha direito de fazer concorrência a ela, que ela que se estabeleceu primeiro... Terminou chorando e dizia: eu não estou chorando por outra coisa, não. Eu estou chorando de raiva!...

MANOÁ - (COMEÇA A RIR, GOSALDO) A raiva maior ela vai sentir na noite que nós es-  
trarmos com toda a força. Você sabe que até show nós vamos apresentar?



LUZA - Pois o Glauco disse, mas eu achei que ele estava cosinhando a velha no bafô

MANON - Não, é verdade, sim. Vamos mandar vir artistas da cidade e eles vem fazer aqui o show de estreia. Depois em cada noite nós vamos ter sempre uma atração, entende? Um músico... uma cantora... um prestidigitador... uma bailarina... o meu sócio tem carro, mora lá, um artista que naquela noite esteja disponível ele traz e no fim da noite leva de volta.

LUZA - Disseram que é o forasteiro o seu sócio; é verdade Manon?

MANON - Não é ele, propriamente, mas uma pessoa dele, entende? Eu ainda não o conheço. Só sei que o apelido dele é Sarará. Ele já era para ter vindo aqui, mas ainda não apareceu. De qualquer maneira, o principal é que ele mande as coisas que a casa precisa e ele está mandando. Todos os dias chegam caixotes. O sobrado tem uma sala enorme que está quasi cheia.

LUZA - Pois eu estive lá e vi.

MANON - E muitos já foram abertos. Já tem peças com os móveis todos colocados. Tenho trabalhado como uma doidada, mas no princípio do mês já estarei colhendo os frutos do meu trabalho. Mesmo que você não possa ou não queira passar por cá, você vem à inauguração; não vem?

LUZA - Não sei, Manon, isso vai depender da velha. Não acredito que ela deixe a gente sair naquela noite. Com certeza vai inventar alguma coisa para a gente ficar presa.

MANON - Não faz mal. Eu tenho a impressão que vocês vão vir todas para cá. Todas não digo, mas pelo menos as mais interessantes.

LUZA - Bem, Manon, eu sai para ir na farmácia tomar uma injeção e disse à velha que não demorava. São quasi seis horas da tarde e eu ainda não voltei para casa. Você sabe que ela gosta que a gente fique ali pelo bar, depois das cinco e meia, para aumentar as despesas dos fregueses. Nem sei o que vou dizer, como desculpa.

MANON - Diga que esteve conversando com um homem muito rico que prometeu visitar a boate e garanto a você como ela vai ficar contente. Aquilo é mais interessante que o diabo.

LUZA - (RINDO) É exatamente o que ela diz de você.

MANON - Imagine! A vota rindo da desconfiança. Eu sou interesseira, mesmo, mas perto dela, sou café pequeno. Bem, vai de uma vez, Luza, que é para não dar bolo muito grande com você.

TEORICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL



## TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

DEMETRIO - A que devo essa inesperada visita da senhora à minha casa, dona Margot?

MARGOT - Vim falar com o senhor, Padre, porque estou desesperada. Preciso que o senhor me ajude.

DEMETRIO - Se eu lhe puder servir em alguma coisa... o papel de um sacerdote é justamente este: de ouvir e ajudar os pecadores. Que se passa com a senhora vamos ver?

MARGOT - Eu tinha uma menina trabalhando na minha casa, comigo. Uma menina que eu ajudei muitas vezes e que endireitei a vida dela. Andava suja miserável, toda rasgada, rolando de mon em mon, no meio de gente baixa e ordinária. Agora o senhor sabe o que ela fez? Vai botar um negócio parra mata o meu. Uma boate grande, com artistas de forra e uma porçom de coisas que eu nem me lembro agora.

DEMETRIO - Mas eu ainda não entendi muito bem o que tem que ver isso, com a visita que a senhora veio me fazer. Quer se explicar melhor, por favor?

MARGOT - É que eu queria ver se o senhor falava com as Damas de Caridade, parra que elas fizessem um abaixo assinado parra o Delegado, proíbindo a abertura dessa casa no centro da vila, no único sobrado que existe na terra. Isso não é um desaforo, Padre, o senhor me digue?

DEMETRIO - Dona Margot, acho que a senhora está se esquecendo de um detalhe muito importante: para que as damas de caridade se oponham ao negócio dessa moça, terão que fazer a mesma coisa com a senhora. Não são idênticas as finalidades da sua casa e da que ela vai botar? Não é a quantidade que interessa a elas e sim a qualidade. A essência do que uma e outra representam. Si elas fizerem um movimento neste sentido, pode estar bem certa de que esse movimento vai atingir, também, a sua casa. Si quer que eu interceda, mesmo assim, poderei fazê-lo mas sob sua inteira e absoluta responsabilidade. Sim, porque eu não posso dizer a elas: façam um movimento contra a nova boate e deixem a velha. Não haveria explicação para esta minha atitude. Elas irão guerrear, indistintamente, as boates ou bares que possam existir na vila.

MARGOT - Mas o senhor poderia lembrar a elas o que eu dou, todos os anos, parra as obras de caridade que elas mantêm. Eu não acredito que elas possam querer perder esta pepineira.

DEMETRIO - Mas acredito eu que as conheço melhor do que a senhora. Elas têm uma linha de conduta da qual não se afastam por interesse algum que possa tentar arrastá-las.



MARGOT - Mas eu não posso ficar de braços cruzados, não posso. Essa menina vai me prejudicar horrorosamente.

DEMERIO - E por que em vez de dirigir-se a mim, não foi procurar o Delegado? Ele sim poderia impedir a abertura de uma casa de diversões licenciosas no centro, quasi, da vila. Vá conversar com êle. Exponha-lhe o problema, e pode ser que a senhora tenha sorte. Eu, se quiser continuar, como até aqui, justo e ponderado, não poderei, de maneira alguma, interceder em seu favor!

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL

RAFAEL - Estes dois cadernos já estão somados. Passei a importância total de cada um, aqui para esta coluna, onde constam os totais de diversas listas particulares e alcançamos, incluindo a minha contribuição de duzentos e cincoenta mil cruzeiros, o total de seiscentos e treze mil. Comparando com o mês passado, tivemos uma diferença, para mais, de cento e oitenta e sete mil cruzeiros. Foi uma importância bastante apreciável que representa um esforço digno de nota ~~da~~ parte dos arrecadadores de contribuições.

SIMONE - Ótimo! O mês passado eu estava com muito receio de que o total continuasse baixando e nós fôssemos obrigados a interromper as obras. O aumento deste mês já nos traz um novo alento.

RAFAEL - Há mais alguma coisa que possa ser feita hoje? Temos ainda quinze minutos para encerrar o nosso expediente.

SIMONE - Não, não... vamos aproveitar êsses quinze minutos para nos recrearmos com uma caminhada pelo sol. Podemos ir andando e discutindo os problemas da nossa obra. Você não tem pressa de chegar em casa, tem?

RAFAEL - Terei pena - isto sim - porque quando chegar já não estarei mais na sua companhia. É pena, também, da sua casa ser tão perto e nós chegarmos a ela tão ligeiro. Gostaria que pudesse ser ao contrário. Que você morasse em Vila Verde e não eu.

SIMONE - (DESCOMVERSANDO, DELICADAMENTE) Quer me fazer o favor de guardar os livros naquela prateleira, enquanto eu retoco as minhas pinturas no espelho do corredor? Quanto menos demorarmos aqui dentro, mais gozaremos o sol e a brisa da primavera lá fora. Está uma manhã verdadeiramente esplendorosa, não lhe parece?

RAFAEL - Sem dúvida! Poucas vezes se tem visto um céu tão limpo e uma brisa tão acariciante e tão gostosa. Parece que todos os elementos da natureza se reuniram para render culto à beleza. (IGN) Pronto os livros na prateleira. Quer mais alguma coisa? Mandê.

SIMONE - Não. Quero sair e respirar, lá fora, esse ar maravilhoso de manhã.



RAFAEL - Vamos, então. Temos uma hora para...

TEREZA - (2º PLANO) Dá licença? Bom dia.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER SE APROXIMAM.

RAFAEL  
SIMONE - Bom dia.

TEREZA - Desculpen se venho interrompê-los, mas... o Padre Demétrio não está?

SIMONE - Não senhora, mas não deve demorar. Se quiser esperá-lo pode ficar. O sacristão está aí, se encarregará de fechar a porta, quando a senhora sair.

TEREZA - Não, não... eu não vou esperar. Queria falar com ele, apenas para lembrá-lhe umas roupinhas que ele me prometeu para umas crianças do Grupo. Você talvez possa dar-lhe o recado hoje ou amanhã; não pode?

SIMONE - Posso, sim senhora. Se o encontrar ainda hoje, talvez às duas horas já leve a resposta para a senhora, no Grupo.

TEREZA - Obrigada, então e passem bem.

SIMONE  
RAFAEL - Passe bem.

TEREZA - (AFASTANDO-SE) E desculpen se os interrompi. Juro-lhes que não tive esta intenção.

SIMONE - A senhora não nos interrompeu em nada. Já tínhamos terminado o nosso serviço e já vamos sair.

C/REGRA - DESDE A PALA DE TEREZA SE AFASTANDO VAI FAZENDO PASSOS ACOMPANHADO-A.

SIMONE - (DEPOIS DE PAUSA) Foi pena que ela nos tivesse surpreendido juntos! Sabo Deus quantas coisas irá pensando e que coisas irá dizer!... Vamos.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

JOANA - Ué! Foi a senhora ou foi dona Tereza que jartou duas vezes, ontem? Eu já tinha lavado os dois pratos, agora vejo mais um prato sujo de comida...

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO.

LAILA - Ah, fui eu, sim. Acordei-me durante a noite com fome, vim na cozinha, esqueci o que tinha sobrado e comi. Ia lavar o prato e me esqueci.

JOANA - Mas então a senhora já vem fazendo isto há muitos dias, não vem?

LAILA - Por que você pergunta, Joana?

JOANA - Por causa da comida. Então a senhora pensa que eu não vejo a quantidade de comida que fica de noite e que está, de manhã, dentro da geladeira?

LAILA - Puxa vida! Você dava uma boa detetive, hein Joana?

JOANA - Se dava! (LITELÇÃO) Eu vejo tudo, dona Laila. Parece que não, porque eu tenho cara de boba, mas eu vejo. As pessoas pensam que estão me enganando e eu estou sabendo tudo, como se diz.



LAILA - (AMEAÇA VELADA) Mas às vezes não é muito bom a gente ver tanto, você sabe? Muita gente, pelo fato de ver mais do que devia ver, tem pago muito caro o preço da sua bibliotecinha. Por isso, Joana, é muito melhor a gente nunca ver as coisas e deixar o barco correr ao sabor da correnteza.

JOANA - Mas a senhora pensa que não é isso que eu faço? Deus me livre! Eu, hein? Não tenho nada que me meter na vida dos outros e não me meto, mesmo.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM.

TEREZA - Bom dia. Você sabe quem eu vi agora, Laila, não faz talvez quinze minutos? A nossa ingênua colega com o solitário da Vila Verde, sóinhos na Casa Camêrica. O que ele foi fazer lá, não sei, mas logo depois saíram juntos.

LAILA - É. Ele que vá tratando de aproveitar a vida, porque ela às vezes é curta e a gente nunca sabe o momento em que vai soar o nosso toque de recolher. O dele, por exemplo, pode ser hoje... amanhã... pode ser mesmo a qualquer momento.

TEREZA - O dele só, não. O de qualquer uma de nós, Laila. Ninguém sabe quando vai morrer.

LAILA - De fato. A gente, às vezes, não sabe mesmo, mas os outros sabem.

TEREZA - Como assim? Não estou entendendo o que você quer dizer com isto.

LAILA - É muito simples. Quantas vezes o doente não sabe que está mal e as pessoas da família estão avisadas que ele não viverá mais de quarenta e oito horas? Portanto... não há razão de extranhar o que eu disse.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LUZA - O que é que a senhora tem que está tão calada, dona Margot. Parece que andou se incomodando... Que aconteceu?

MARGOT - Estou furriosa da vida. Indignada com aquele Padre negrito. Aceitar o meu dinheiro para as obras assistenciais ele sabe, mas quando chega o momento em que eu vou pedir o auxílio dele, ele diz na minha cara que não!

LUZA - Mas o que é que a senhora foi pedir ao Padre, Madame Margot? Logo ao Padre?!

MARGOT - Fui pedir uma coisa muito justa e ele me negou, mas também agora ele pode fazer cruz no meu dinheiro porque não vai ver mais nenhum centavo, pronto!

LUZA - Não sei o que é que a senhora foi pedir a ele, mas seja lá o que for, a gente já está sabendo que Padre não suporta gente que vive como nós. Portanto... qualquer que fosse o pedido, a senhora tinha que contar antecipadamente com a recusa, é claro! O espírito dele é diferente...

MARGOT - (ACORDANDO) O espírito?! Sim Luza, o espírito! Você me lembrou uma coisa muito interessante. Muito interessante mesmo. Eu já sei o que vou fazer para me vingar dos dois. E não vou esperar nada. Vai ser agora mesmo!...

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE RECERRAMENTO.



S O L I D A O

- novela de Erico Cramer -

35ª CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

LUZA - Mas o que é que a senhora foi pedir ao Padre, Madame Margot? Logo ao Padre?

MARGOT - Foi pedir ~~xxxxxxxxxxxx~~ uma coisa muito justa e ele me negou, mas também agora ele pode fazer crrus no meu dinheiro, porque não vai ver mais nenhum centavo, pronto.

LUZA - Não sei o que é que a senhora foi pedir a ele, mas seja lá o que for, já a gente já está sabendo que Padre não suporta gente que vive como nós. Por tanto... qualquer que fosse o pedido, a senhora tinha que contar, antecipadamente, com a recusa, é claro. O espírito dele é diferente...

MARGOT - (ACORDANDO) O espirrito?! Sim, Luza, o espirrito! Você me lembrou uma coisa muito interessante. Muito interessante, mesmo. Eu já sei o que vou fazer para me vingar dos dois. E não vou esparrar nada. Vai ser agora mesmo!

LUZA - Para se vingar dos dois, a senhora disse? Que dois? Não estou entendendo...

MARGOT - Mas eu entendo, Luza. Eu entendo e não precisa mais ninguém entender. Você me deu uma ideia admirável. Uma ideia estupenda! Vou procurar a Madame Dinorra e ela vai fazer um trabalho para mim.

LUZA - Ah, agora eu entendi! Então é isto que a senhora vai fazer? Mas para quem?

MARGOT - Não vou dizer. Já disse para você que não vou dizer. É segredo. Não gosto de dizer as coisas para vocês, porque logo se espalham. Uma conta para outra e pronto. Que dia é hoje? Você sabe?

LUZA - Quinta feira dezenove, dona Margot. Por que?

MARGOT - Quinta feira dezenove? Ah entom não é hoje que eu vou lá. Espero para amanhã que é sexta feira. Sexta feira é que é o dia bom. Amanhã eu vou. Vou dar um tombo tom feio neles que eles não vão saber para que lado cairam. Quando se derrem conta, estão espalhados no meio do chão. E eu dando gargalhadas de carra deles!... Vai ser ótimo! Vai ser supimpa! Vou procurar agora mesmo o endereço de Madame Dinorra que eu guardei.

C/REGRA - PASSOS DE MARGOT QUE SE AFASTAM.

LUZA - Ela vai fazer um trabalho para derrubar alguém e eu acho que só pode ser Maxon. Mas ela fala em dois... não sei quem possa ser a outra pessoa. Só si ela se refere ao camarada que está ajudando Maxon. Mas acho que ela não sabe de quem é, não pode fazer nada contra ele.

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL



LAILA - Reginaldo foi embora esta madrugada. Pediu-me que lhe agradecesse a hospedagem. Disse que pensa voltar até o fim do mês, para ficar mais dois ou três dias, talvez.

TEREZA - Mas não para ficar aqui no Grupo, não é? Espero que você tenha explicado a ele as terríveis dificuldades em que me deixa e os riscos que me faz correr com as suas entradas e saídas durante a noite.

LAILA - Ele já sabe tudo. Eu expliquei direitinho, Mas ele disse que agora já tem onde ficar. Eu penso que é lá mesmo na casa da tal de Manon, de quem ele está convencido que eu sinto ciúmes. (RISADA) Coitado! ~~xxxxx~~ Tão esperto e acredita em tudo quanto eu lhe digo!

TEREZA - O homem que gosta é assim. Se a mulher sabe levá-lo com jeito, arranca-lhe até os olhos, se quiser. Eu não compreendo porque você não gosta de Reginaldo, digo-lhe sinceramente. Ele não é um homem bonito de rosto, mas é um belo tipo. Qualquer mulher da vila, que ele quizesse, o aceitará encastada da vida.

LAILA - Coisas do coração, dona Teresa, que não adianta a gente querer compreender. Quando ele sente repulsa por determinadas pessoas ou coisas, é inútil qualquer trabalho no sentido de tentar modificá-lo, porque não se consegue.

TEREZA - Você acha que ele não é rico, mas eu penso diferente de você. Ninguém que não trabalhe, pode se dar ao luxo de usar roupas tão finas e tão caras, como eu vi que as dele são. Camisas de tricolina finíssima, ou de seda italiana, lenços de cambraie suíça, ternos de casemiras inglesas, sapatos de oromo alemão e fumando cigarros americanos como quem fuma os nossos mata-ratos. Isso tudo só se faz com dinheiro, minha cara.

LAILA - Mas foi ele mesmo que me disse que não era. Eu repeti pra senhora ~~xxxxx~~ as palavras dele.

TEREZA - Isso é muito vago. Depende, muito, do que ele considere um homem rico. Pode ser que deseje muito... pode ser que não queira ser amado pelo dinheiro e então esconda... pode ser que seja sovina e diga que tem pouco para que a sua futura mulher já vê com o sentido de não gastar muito... Depende de uma porção de coisas. Mas a verdade é que o que a gente vê nos dá o direito de pensar que ele tem bastante. Bem... mas isso é uma questão sua e eu não tenho o direito de procurar influenciá-la.

#### TICETICA - PASSAGEM MUSICAL

MARGOT - A senhora nem se lembra mais de mim? Estive uma vez na minha casa, tirando sorte de uma das meninas.







MARGOT - Pois eu queria ver se a senhora me fazia um despacho para não deixar esta casa abrir. A senhora faz? Eu não me importo de pagar, entende?

DINORA - Quando é que está marcada a abertura; não sabe?

MARGOT - Disserram, para mim, que ela deve inaugurar no fim desta semana.

DINORA - Espere um momento. Deixe-me concentrar por uns momentos...

TECNICA - ENTRE BEM EM FULDO COM UM BATAQUE DE NEGROS AFRICALOS. APROXIMA E FOGE.

DLORA - Parece que é um pouco tarde. Todas as coisas precisam de tempo para se fazer. Mas não tem importância. Se ela abrir a casa, nós podemos fazer um trabalho para fechar em seguida. Não já no mesmo?

MARGOT - Não é bem a mesma coisa. Eu queria que ela não tivesse o gosto de abrir aquela droga, mas se, de todo, não for possível evitar, ela ficando aberta quinze ou vinte dias e sendo obrigada a fechar, já é uma alegria para mim. Não tanta como se ela não pudesse abrir, mas serve.

DINORA - Pois então vamos marcar dia e hora para a senhora vir aqui e trazer tudo quanto nos possa ser preciso.

MARGOT - (DECEPÇÃO) Ah, não se pode fazer agora?

DINORA - De maneira nenhuma. Eu preciso fazer, antes, um trabalho preparatório, para que as coisas não falhem. Espere um pouco. Espere um pouco e vá tomando nota no papel das coisas que eu for dizendo. Tem lápis e papel aí?

MARGOT - Deixe ver, dentro da minha bolsa... (PAUSA) Oui, oui, tenho aqui. Pode dizer. Que coisas são?

DINORA - Espere. Eu vou me concentrar novamente e o guia vai dizer por mim. Cada coisa que ele for dizendo, a senhora vai escrevendo. Atenção.

TECNICA - ENTRA COM A MÚSICA ANTERIOR (BATAQUE) E DEPOIS DE VIR RÁPIDAMENTE A FRI-  
BEIRO PLALO CAI EM FULDO PARA DLORA IR DIZENDO.

DLORA - (DEPOIS DE PAUSA, COMEÇA A FAZER AQUELAS ALPÉRAÇÕES E SOBROS DA RESPIRAÇÃO, PRÓPRIOS DOS MÉDIOS MAIS AGITADOS, QUANDO RECEBEM ESPÍRITOS SEM LUZ) (ENGRASSA A VOZ E FALA COMO NEGRO VEIHO) Seravá, fia. Mbia o lápi na boca e aponta. Um gallo preto. Dois kilo de farinha torrada. Seis charuto da Baía. Uma dúzia de vela de cebo. Uma garrafa de cachaça. Seis moeda de vintem. Dois metro de fita vermelha. Depois a miséria perpara o trabalho e tu memo é que vai largá ele na encruzada. Que Exó te acompahe. (DIZ AS COISAS PAUSADAS, DANDO TEMPO DE MARGOT ESCREVER. REPETE OS MOVIMENTOS RESPIRATÓRIOS E SONRATÓRIOS DA ENTRADA E SOME)

TECNICA - SOBE A MUSICA EM FULDO E BAIXA. SOME.

DLORA - (RESPIRANDO CALSADA, DEPOIS DE PAUSA) Tomou nota de tudo?

MARGOT - Oui, Madame. Está tudo aqui escrito dirreitinho.



TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM ~~XXXXXXXXXX~~ MUSICAL

DINORA - Tomou nota de tudo?

MARGOT - Oui, oui, Madame. Está tudo aqui escrito, dirreitinho.

DINORA - Deixe ver. (VAI LER) Um galo preto... dois kilos de farinha torrada... seis charutos de Baía... uma dúzia de velas de cebo... uma garrafa de caçaça... Seis moedas de vintem... e dez metros de fita vermelha. (TOM) Está. A senhora tem que me trazer tudo isto. Sabe onde procurar?

MARGOT - Si, sei, mas... as moedas de vintem ~~son~~ aquelas pretas?

DINORA - Exatamente. A senhora terá que arranjar seis.

MARGOT - Aquilo não vai ser fácil, não.

DINORA - Pois é, mas a senhora precisa arranjar. Procure quem tem e compre por mais. Deixar de comprar é que não pode. Eu sei de uma freguesa que precisava também comprar seis e arranhou nove. Ela deve ter três sobrando, mas com certeza vai querer cobrar muito.

MARGOT - Não tem importância, eu pago. A senhora não sabe onde ela morra? Eu vou agora mesmo lá.

DINORA - Não sei, mas não tem importância. Ela amanhã ou depois deve vir aqui me trazer um dinheiro e eu falo com ela.

MARGOT - Perfeito. Veja se me arruma essas três que assim eu só procuro três que já não é tão difícil.

DINORA - Perfeitamente. Então estamos combinadas. (LEMBRANDO) Ah, espera, eu ainda não lhe disse um coisa importante. O trabalho só pode ser feito numa sexta-feira, à meia noite.

MARGOT - Sexta-feira é depois de amanhã... si eu não arranjar as moedas, como vai ser

DINORA - Ai não teremos remédio senão deixarmos para a outra sexta-feira.

MARGOT - Mas na outra sexta-feira ela já inaugurou <sup>aquele</sup> ~~XXXXXXXXXX~~ porcaria.

DINORA - O que é que se vai fazer? A senhora devia ter vindo logo que soube, não nas vésperas da inauguração da casa. Mas não se aborreça por isto. Garanto-lhe que é muito mais gostoso fazer fechar uma casa que está funcionando do que impedir que se abra essa casa.

MARGOT - Mas eu não queria... eu não queria...

DINORA - Pois então veja se arranja as três moedas que faltam e traga logo aqui com o resto das coisas. Ai pode ser que ainda se consiga impedir a abertura.

MARGOT - Si, si... eu vou tratar disto agora mesmo. Vou falar com o boticário, que é muito meassigo e pode ser que ele me arranje essa porcaria.



DINORA - Pois então vá. Eu, por minha vez, vou providenciar em arranjar as que a dona Eleutéria tem de sobra. Si é que ela ainda tem. Vamos ver.

MARGOT - Entom correvoár, Madame. Bien merci.

DINORA - Até logo, Madame. Até logo ou até amanhã.

C/REGRA - PASSOS DE MARGOT QUE SE XIKKEX APASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO.

DINORA - Eu, hein? Meter a minha mão em combuca. Vê lá si eu sou boba. Pedi logo uma coisa que ela não vai mesmo arranjar, vendo-lhe por bom prego tres moedas das que eu tenho aí e ainda faço uma ressalva para o meu trabalho no caso de não acontecer nada para a outra. (MISADINHA GOSTOSA) O mundo é dos espertos. Ela é tão esperta para tirar dinheiro dos homens, mas encontrou uma ainda mais esperta que tira até das mulheres! (Nova rizada)

PELOICA - PASSAGEM MUSICAL

EUDOXIA - Adonê que sumô vai, seu Miguel. Se assenta aí, anda. Num vai lá pra o portão, não, que depois sumô desaparece e fica a coitada da Leopoldina batendo tudo aí pra achê sumô, que nem outro dia que sumô tava dormindo no tequarã. Sumô qué alguma coisa? Diz pra mim se quê.

MIGUEL - (AEREO) Quero, sim... quero a moça dos chocolates. Acho que ela vai vir hoje.

EUDOXIA - Num vai vir nada, seu Miguel, num inventa. A moça não vai vir mais.

MIGUEL - Não vai vir mais? Por que? Por que ela não vai vir mais? Diga... diga...

EUDOXIA - Num vai vir mais praquê agora, quem vai lá é o seu Rafaê. Ele pensa que a gente não sabe mas nós já descobrimo. Ele indo ela num vai.

MIGUEL - E por que ele vai, então? Por que não deixa ela vir? Ela tinha que vir... Ela me prometeu... Estou esperando há tanto tempo... há tanto tempo...

EUDOXIA - Pois é, mas agora num precisa esperar mais praquê sumô já sabe que ela num vem mesmo. Deixa que quando eu fô na cidade eu trago bala pra sumô.

MIGUEL - Só ela é que tras... só ela... só ela... Por que ela não vem? Por que?

EUDOXIA - Eu já disse pra sumô. Sumô num ouve as coisa direito ou não cumpre de elas? Tem que batê sintido nas coisa que a gente diz, seu Miguel.

C/REGRA - PASSOS QUE SE APROXIMAM DE LEOPOLDINA.

MIGUEL - Ela prometeu... ela disse que vinha... e nunca mais veio... nunca mais...

LEOPOLDINA - O que é que o papai está dizendo?

EUDOXIA - Ele hoje se aprô de a moça das bala e dos chocolate nas índias. Eu já disse pra ele que ela num vem mais e ele insiste.

LEOPOLDINA - Coitado! É o tempo. Quando o tempo está prenunciando chuva ele fica mais indôcil. Se você for à minha vila, Eudoxia, compre umas balas e traga que ele se aquieta logo. (PAUSA) O patrão já saiu?



EUDOXIA - Ih, faiz tempo. Mar se alivantô, garrô de tumá banho, se aperperá e deu no pé. Tava tão apurado que nem quis insperá que eu perparasse nada. Tu mō o café bibido, sem pão, sem nada e se foi colina abaixo. Eu acho que dessa veia vai tê, Leopoldina.

LEOPOLDINA - É... pelo geito está mesmo parecendo. Mas você tem certeza que é com aquela mesma boasinha que nós simpatizamos tanto e que o Padre já - os disse que é um verdadeiro enjo?

EUDOXIA - Bão, qué dizê... eu num vi cum êsses ôio que a terra há de cumê, mas o que ouvi comessas orêia, que hoje inda nem lavei elas, é que é a noma. E quem disse foi o padre/ nemo.

LEOPOLDINA - Ah, bom, se foi o Padre não há nenhuma razão para se ter dúvidas. Eu não sabia que era ôle. Mas eu estive semp e com ele, aqui e não ouvi quer do ôle disse.

EUDOXIA - Fruquê ele num disse aqui drento e nem lá dizê si eu num brigantasse lá fora.

LEOPOLDINA - Ah, bom, então agora eu estou compreendendo tudo. Tomara que desta vez dê certo. O patrão é tão bom. Ele precisava, mesmo, de uma boa companhia. Rapaz solteiro, sabe como é... vive se matendo com essa gente que não presta, para arranjar encrencas e complicações, como aconteceu com o coitado do seu Tarcísio.

EUDOXIA - Mulé dessa é um pirigo. A gente precisa tá de ôio nelas pra livrá o patrão.

LEOPOLDINA - E você pensa que eu não estou? Vou lhe contar uma coisa mas você não fale nada para o patrão, pelo amor de Deus, porque sinão ele pode se abrecer comigo.

EUDOXIA - Num precisa sem dizê pra num felá, Leopoldina. Sincê sabe que eu num falo nemo. Segredo que cai ni mim é nêmo que tê caído num poço.

LEOPOLDINA - Pois então ôagar (COM DE SEGREDO) Veio aí um convite para o patrão assistir a inauguração de uma boate nova que vão abrix no sobrado...

EUDOXIA - (CORTA) Que é isso?

LEOPOLDINA - Boate é o nome que eles dão para disfarçar. É uma casa de bebida, de jogo e de perdição. Está assim dessas mulheres sem brio e dizem que dansem... que jogam... tem restorem... sei lá...

EUDOXIA - Eu já sei. Já cumprindi. Vão abri uma dessas casa no sobrado?

LEOPOLDINA - Vão e então disse que vai haver uma grande festa e mandaram convite para o seu Rafael. Foi eu que recebi. Você sabe o que eu fiz? Rasguei em pedacinhos e joguei dentro do fogão. O patrão não vai nem saber que foi convidado.



ELVIRA - Isso mesmo, Liapordina, muito bem que tu feiz. Eu gosto de ti praquê tu num cuchila em riva da costura.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

ELVIRA - Você jantou tão pouco, hoje, meu filho, por que? Está sem apetite?

TARCISIO - Não, mãe, é que apareceu um garoto lá na oficina vendendo uma empada de camarão. Eu comprei uma, gostei e comprei mais tres. Comi quatro empadas há pouco mais de uma hora. Não posso estar com tanto apetite, como de costume; não é mesmo?

ELVIRA - Não, não, meu filho, você não me enganar. Você pode estar com menos apetite...pode ter comido mesmo as quatro empadas... mas o que lhe tirou a vontade de jantar foi uma preocupação qualquer que você tem e que eu estou sentindo no seu olhar. Você está olhando as coisas e não está vendo. Mas se não tem confiança em mim e não quer me falar, não é preciso.

TARCISIO - Não, não, mãe... não é uma questão de confiança, acredite. É... bem é... é que eu prefiro não falar no assunto, compreende?

ELVIRA - Compreendo, sim, meu filho e não vou ficar negada por causa disto. Você vai sair?

TARCISIO - Não sei, mãe. Estava pensando em dar uma volta por aí... podia ser que a cabeça esfriasse e eu pudesse dormir melhor.

ELVIRA - Não vá, não, meu filho. Fique conversando com a mãe que depois a mãe lhe dá um chá e garante como você vai dormir logo logo. Até, se quiser, ficarei sentada ao seu lado, na cama, conversando e distraíndo-o até você adormecer.

TARCISIO - (TENTANDO BRILCAR) Vai acabar cantando para me fazer dormir, como no tempo em que eu era bebesinho.

ELVIRA - Bom tempo aquele, meu filho! Bom tempo porque a mãe podia solucionar todos os pequenos problemas que lhe apareciam. Hoje... hoje ele dá a própria vida para vê-lo feliz...e você está sofrendo e ela não pode fazer nada. Experimente falar para a mãe, meu filho, experimente. É tão bom desabafar, quando algo nos comprime o peito... A angústia diminui... o coração não dói tanto... e a alma fica mais leve. Experimente falar, vá me. Conte tudo à mãe. Desabafe.

TARCISIO - (COMO QUE SE APLAUSANDO NOS BRAÇOS DA MÃE, CHORANDO SEM ALARDE) Oh, mãe... mãe...

ELVIRA - Isto, meu filho, isto!... Chora bastante e verás com vai te fazer bem. (OUVE-SE O CHORO MANSO DE TARCISIO POR ULTIMOS MOMENTOS)

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ELZORIANO.



TEÓRICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

ELVIRA - Ficarei sentada na cama, conversando e distraíndo-o, até você adormecer.

TARCISIO - (TENTANDO BRILHAR) Vai acabar cantando para me fazer dormir, como no tempo em que eu era bebêzinho?

ELVIRA - Bom tempo aquele, meu filho! Bom tempo, porque a mãe podia solucionar todos os pequenos problemas que lhe apareciam. Hoje... Hoje ela dá a própria vida, para vê-lo feliz... e você está sofrendo e ela não pode fazer nada. Experimente falar para a mãe, meu filho, experimente... É tão bom desabafer, quando algo nos comprime o peito... A angústia diminui... o coração não dói tanto... e a alma fica mais leve. Experimente falar, vamos. Conte tudo à mãe. Desabafe.

TARCISIO - (COMO QUE SE ATIRANDO AOS BRACOS DA MÃE, MAS CHORANDO SEM ALARDE) Oh, mãe... mãe... mãe...

ELVIRA - Isto, meu filho, isto! Chore bastante e verá como vai lhe fazer bem. (OUVE-SE O CHORO BAIXO DE TARCISIO POR ALGUNS MOMENTOS)

ELVIRA - Você vai ver como, agora, a sua angústia vai ser muito menor e a sua carga muito mais leve. O pranto alivia... consola... Traz, depois, um bem estar tão grande... E se você quiser falar sobre o que o aflige... Bem... aí então você ainda se sentirá melhor. Não que eu esteja forçando a sua confissão. Não quero isto. Você falará se tiver vontade, se não tiver... continue a guardar o seu segredo. A mãe não vai se aborrecer com você por causa disto. Ela já está satisfeita porque você conseguiu chorar e isto já vai lhe fazer um grande bem.

TARCISIO - Eu vou lhe dizer, mãe, não. Eu quero dizer, mãe. Eu só não queria falar no assunto com medo de não poder me conter. Agora... já chorei... já dei parte do fardo... dizer a razão não é o pior.

ELVIRA - Mas se lhe custe, não vale a pena falarmos mais disto. Pelo menos por hoje. Amanhã tornaremos ao assunto e você dirá.

TARCISIO - Não, mãe... quero dizer hoje para, justamente, não tornar mais ao assunto. Todo o motivo da minha tristeza foi ter encontrado Simone acompanhada de Rafael. Eu já sabia que ele estava perdida para mim, mas bem lá no fundo do coração ainda guardava uma secreta esperança. E foi ao sentir que essa esperança acabara de ser apunhalada que senti a dor atroz que me fez chorar.



ELVIRA - Eu já sabia também, meu filho e não tinha lhe falado nada, porque pensava que você já soubesse.

FARCISIO - Tinha me falado que ele a procurava, mas que ela o havia desenganoado. E esse é que foi um mal. Foi daí que nasceu a minha esperança maior, entende?

ELVIRA - O mal é certas pessoas irem falar nos outros coisas que não devem falar. Se soubessem o valor do silêncio em certos momentos, talvez se mantivessem calados. Mas não há de ser nada, meu filho. Levante os olhos para o céu e espere, confiante. Amanhã é outro dia!

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

SARAH - A senhora não soube da última novidade, dona Angela?

ANGELA - A respeito de que, dona Sarah?

SARAH - A respeito de uma nova boate que vão abrir no sobrado. Eu não lhe contei?

ANGELA - A senhora não aparece para dar uma prosinha há tres ou quatro dias. Eu também não tenho saído do quarto, porque quero apresentar logo este vestido da Simone, que ela quer botar no domingo...

SARAH - Pois o mano na cortou que recebeu a visita adivinha de quem?

ANGELA - Do senhor Delegado?

SARAH - Não. Daquela freixeira velha descomada. E sabe o que ele queria? Imagine só! Que o mano conseguisse que as damas de caridade fizessem um campanha contra a nova boate que vão abrir, porque vai fazer concorrência a ela. Não é um desafio, dona Angela? Diga. Uma mulher daquela espécie, vir pedir uma coisa destas a um homem respeitável como é o mano Demétrio?

ANGELA - E o que foi que o Padre Demétrio respondeu? Eu estou aflita para saber a resposta dele.

SARAH - O mano deveria ter-lhe dado um foguete daqueles! Mas a senhora sabe como ele é delicado e complacente. Disse, simplesmente, a ela, que se pedisse que as damas de caridade impedissem a abertura da outra casa que estava certo que elas pediriam, também, o fechamento da casa dela. Ai ela achou ruim e desistiu. Mas ainda ficou zangada com o mano. Não é um desafio, dona Angela, diga? Até a presença dela no mano do mano eu já acho um insulto.

ANGELA - É... neste mundo há gente para tudo! Como essa gente é usada, não é mesmo dona Sarah?

SARAH - Mas o mano é que é o culpado. Ele é bom demais. Acha que não devemos humilhar aqueles que estão por baixo. Que se os maltratarmos, eles poderão revoltar-se e se os tratarmos como criaturas humanas e semelhantes a nós, será a melhor maneira de chamá-los ao caminho do bem.



ANGELA - É... Ele deve estar com a razão. Se escurraçamos uma pessoa que procedeu mal e não permitirmos, nunca mais, que ela sinta como é diferente a vida num ambiente são, ela não poderá estabelecer, jamais, a diferença entre o meio em que está vivendo e o que poderia viver, se quisesse se regenerar. Ela precisa ver e sentir a estabilidade e a respeitabilidade da vida que nós vivemos, para sentir vontade de ser como nós, e então tentar restaurar a que lhe pertence e que ela mesma destruiu.

SARAH - Eu não sei, não. Não vou muito nessa conversa. Acho que pai que vence torço não tem convicção. No fundo, elas criticam a vida que nós levamos. Acham que somos umas idiotas e que não sabemos aproveitar a vida. E riem de nós porque somos decentes.

ANGELA - Poderão fazer isto as que ainda não se desencantaram com a vida de aventuras e não perceberam o abismo que existe aos seus pés, mas se pudessem voltar atrás aquelas que erraram, tres quartas partes das pecadoras estariam vivendo uma vida diferente. Por isso que eu sempre digo que não podemos julgar as criaturas sem conhecer o seu íntimo e os motivos que as levaram a tomar um caminho diferente.

#### TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

DIÓRA - A senhora trouxe tudo que Pai João lhe pediu?

MARGOT - Tudo não foi possível. Faltaram as moedas que a senhora ficou de me arranjar com uma pessoa que tinha sobressado; lembre-se?

DIÓRA - Mas eu disse à senhora que a pessoa só tinha três. E sabe quanto ela me pediu por cada uma? Quatro mil cruzeiros. Por muito favor deixou as três por dez mil. Estão aqui. Agora faltam as outras três que eu disse à senhora que procurasse.

MARGOT - Procurei muito. Recomendai para várias pessoas e não me trouxeram. Parece que nem em Chapéon existe. Os colecionadores tem, mas não querem se desfazer.

DIÓRA - Isto foi uma pena, porque já não fica o trabalho completo. Se ao menos nós conseguíssemos mais uma, botávamos duas de cada lado, mas essas de galão preto. (TOM) Ah, espere!... (PAUSA) Eu agora me lembrei de uma coisa. Lembrei-me de uma pessoa que é capaz de ter duas ou três. Vou lá hoje de tarde e de noite já digo alguma coisa para a senhora. Se ela tiver três eu compro, se tiver duas, eu compro uma e botamos duas de cada lado. Já não fica um trabalho tão completo, mas melhora muito.

MARGOT - Então a senhora faça isto para mim. Quer que lhe pague agora as moedas que comprou, ou deixa para pagar depois tudo junto?



DINORA - É melhor a senhora deixar o dinheiro pelo seguinte: como eu não sabia se a senhora ia querer as moedas por esse preço, não paguei. Trouxe-as em condição. Ela pode aparecer aí para saber a resposta e eu não tenho dez mil cruzeiros em casa, para dar a ela. Assim, se ela vier, eu já pago e a gente fica livre.

MARGOT - Vou querer, sim. Vou querer. Eu não posso deixar de fazer este trabalho. Não posso. Quero ter o gosto de ver aquela porcaria fechar. (PAUSA) Aqui estão dez mil cruzeiros.

DINORA - Muito bem. Então, de noitezinha, a senhora faça o favor de passar novamente aqui, que eu já terei ido na pessoa que tinha. Vamos ver se ainda tem. A senhora sabe como é... a gente trabalha com essas coisas, mas eu mesmo sabe... É lá perto do cemitério. Vou até lhe pedir licença para pegar um automóvel, porque é longe e eu perco muito tempo.

MARGOT - Pode tomar o automobile. Pode tomar. O que eu quero é fazer o trabalho porra aquela desgraçada. Ela vai me pagar. Vou ter o gosto de ver a casa dela fechar e ela não poder pagar nem as dívidas. É a senhora me afirmar que esse trabalho é garantido?

DINORA - Eu vou dizer uma coisa à senhora, Madama Margot: se conseguirmos as seis moedas eu dou garantia absoluta ao meu trabalho. É bater e valer. Agora... se acontecer de não se conseguir as outras moedas...

MARGOT - Aí não é garantido o trabalho?

DINORA - Não, não... não é isso... garantido é, de alguma forma...

MARGOT - Mas então qual é a diferença?

DINORA - Aí demora mais tempo. Pode levar dois meses, três... e tem havido casos até de seis meses.

MARGOT - Mas no fim se consegue o resultado; não consegue?

DINORA - Claro. É como eu lhe disse. Só que demora mais tempo.

MARGOT - Mas o mais importante de tudo, porra mim, é que a casa seja fechada. Gostaria que fosse logo, mas desde que seja, já eu fico satisfeita. Nem me importo mais que demore um pouco.

DINORA - Sobre esse ponto a senhora pode ficar completamente tranquila porque falhar, não falha. Seria a primeira vez, em toda a minha vida.

MARGOT - Bem, então eu vou embora e volto logo de noitezinha. Crevostr.

DINORA - Até logo, Madama Margot.

C/REGRA - PASSOS DE MARGOT SE APASTAM UM POUCO. PORTA ABRE E FECHA EM 29 PLANO.

DINORA - (MEIA VOZ) Vais pagar dez mil cruzeiros por mais uma moeda e dois mil cruzeiros pelo automóvel que eu "vão vou andar". Como é fácil enganar os



DINORA - (CONTINUAÇÃO) ignorantes! Como é só atirar a isca e eles pegam logo. Uma concentração... uma simulação... é uma ceninha de teatro que é a incorporação e eles ficam convictos de que estamos recebendo aflúvios lá de cima, como se isso fosse a coisa mais natural do mundo. (RISADA)

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL FULDE COM CANTAR DE PÁSSAROS, QUE PERMANECEM EM B/G.

SIMONE - Este é o nosso jardim.

RAFAEL - É este o nosso banco preferido. É sempre nele que nos sentamos.

SIMONE - Você sabe porque eu gosto de vir aqui a esta hora? Porque não tem ninguém na praçinha e eu tenho a impressão de que estou no meu jardim particular. Só que se ele fosse realmente meu estaria coberto de flores, especialmente rosas que é a flor que eu mais admiro.

RAFAEL - Você poderia... (CORTA)

SIMONE - (DEPOIS DE PAUSA) O que?

RAFAEL - Não nada. Eu... eu ia dizer qualquer coisa, mas de repente esqueci.

SIMONE - Não, Rafael, você não esqueceu. Você se arrependeu de que ia dizer.

RAFAEL - É isto mesmo. Ia dizer, mas... tive receio de desgostá-la e então calei.

SIMONE - E si eu disser a você que fiquei com curiosidade de saber o que era?

RAFAEL - Eu poderei satisfazer a sua curiosidade, mas sob inteira e total responsabilidade sua. (PAUSA) Quer?

SIMONE - (DEPOIS DE PAUSA) Diga. Vamos ver...

RAFAEL - Você disse que se este jardim fosse seu estaria coberto de flores e eu então ia dizer que você não tem o seu jardim coberto de flores porque não quer. A vila verde tem um que dá gosto ver. (PAUSA) Vin? Eu não queria dizer... você mostrou a verdade de saber...

SIMONE - Mas não me desgostou, não, Rafael. Esteja tranquilo. Ainda me parece cedo para deliberar em definitivo, entende? Foi por isso que calei.

RAFAEL - Então vamos mudar de assunto. As obras estão bem adiantadas, não acha?

SIMONE - Acho, sim. Se continuarmos desse modo, antes do fim do ano estaremos entrando pelo menos uma parte da casa.

TÉCNICA - RELÓGIO DE TORRE AFASTADO BATE DOZE BADALADAS ESPACADAS.

SIMONE - Meu Deus, meio dia já, Rafael. Como o tempo passou depressa! Tenho que ir para a casa almoçar que não gosto de chegar ao Grupo com atraso.

RAFAEL - Vamos, então. Eu acompanho você até lá, se me permite.

SIMONE - Por que não? Vamos.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL



ANGELA - ~~Quem~~ Viu quem esteve aí na nossa porta, dona Sarah?

SARAH - Não vi, não. Quem foi?

ANGELA - Pasmé. Seu Rafael. Veio acompanhar Simone até em casa.

SARAH - Não digai... A senhora não falou para ela? Que foi que ele disse?

ANGELA - Que não é a primeira vez que isto acontece. Que ele já veio algumas vezes na semana passada. E acredita que ela não me falou nada?

SARAH - Será que eles estão se entendendo? Deus queira que sim. Ela ia fazer um ótimo casamento e ele melhor ainda, porque garoto como Simone, nos dias de hoje, não é nada fácil de se encontrar.

ANGELA - Eu sempre ambicionei, para a minha filha, um casamento rico, mas si esse rapaz era, como todos diziam, o monge da solidão, que vivia separado de tudo e de todos e se transformou desse modo pela minha filha, é porque ele gosta verdadeiramente dela e então eu só posso desejar que ela também venha a gostar dele, para poderem casar-se e viver com felicidade.

SARAH - Ah, ele deve gostar muito, sim. A senhora não sabe o que ele era, antes de Simone ter conseguido penetrar na fortaleza dele e dizer-lhe aquelas coisas todas que lhe disse. Era arrogante, artificial, não falava com ninguém e vivia completamente isolado da vida da comunidade, não se interessando fosse lá pelo que fosse que pudesse acontecer. Chegou mesmo a dizer, certa vez que uma comissão foi lá procurá-lo, que descobriam todo mundo, porque todos aqui, haviam contribuído para a infelicidade de sua mãe.

ANGELA - E isso foi mesmo verdade, dona Sarah? Já me tinham dito, mas eu fiquei em dúvida.

SARAH - Bem... o que dizem que aconteceu é que houve alguém que se dizia amigo da mãe dela e vivia enchendo os ouvidos da senhora com as ~~suas~~ piraterias que o marido fazia, originando, daí, uma desavença entre eles que os separou para o resto da vida. Viviam sob o mesmo teto, guardando as aparências, mas parece que ~~por~~ ~~isso~~ ~~mesmo~~ lograram reconciliar-se. Mas isso foi alguém que fez. Não se sabe quem. Mas ele se revoltou contra todo mundo, porque disse que todo mundo ~~con~~ ~~ta~~ ~~va~~ os fatos abertamente, não respeitando a profundidade das mágoas de sua mãe. E que se eles chegaram aos ouvidos dela foi justamente por serem comentados. Quando ela morreu fechou as portas e não quis mais conversar com ninguém.

ANGELA - Coitado! Ele demonstrou, com isto, que queria muito a mãe e sofreu muito com o que acontecia com ela. Foi uma revolta. A gente também tem que compreender.



SARAH - Ali pra cá, passou a viver em completa e absoluta solidão, dentro dos limites da sua ~~na~~ propriedade, sem nem descer à vila nunca mais. Dizem que ela descia durante a noite... não sei... E há quem afirme que ele ia divertir-se na casa da francesa. Mas isso eu não sei.... não vi... fica por conta de quem disse. Até contam que uma certa ocasião os rapazes da vila fizeram uma brincadeira muito interessante com ele. Pegaram uma lata de tinta e um pincel, subiram a colina e na taboleta onde diz "Vila Verde", pintaram a palavra verde e puseram "Solidão". Ficou Vila Solidão.

ANGELA - Foi boa brincadeira. E ele o que fez? Não sabe?

SARAH - Parece que não disse nada e refez tudo como estava antes. Bem, deixe-me ir preparar o meu lunch da tarde que já são mais de quatro horas e eu já estou começando a sentir vontade de comer alguma coisa.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL. PULDE COM AUTOMÓVEL ALDAIDO E REGINALDO.

REGINALDO - Pronto, Sarará, aí está o sobrado. Bata e peça para falar com Maron.

SARARÁ & Como?! Mas você não vai descer? Eu não conheço a mulher, a mulher não me conhece, é capaz de nem querer abrir a porta.

REGINALDO - Você diga a ela que é o Sarará, o meu sócio, que ela já está avisada de que você viria para ajudá-la. Eu não desço, porque ainda tenho que ir adiante. Depois eu volto.

SARARÁ - Mas eu acho que não lhe custava nada descer um momento, ir até ali comigo e depois então ir lá onde você quer ir. Será que você tem hora certa para chegar? Não pode atrasar dez minutos?

REGINALDO - É que ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ já é quasi meia noite. Faltam dez minutos apenas. Justamente a hora em que o guarda noturno se afasta para tomar café. Eu posso chegar e sair sem que ele me veja. Des ou quinze minutos mais tarde que eu chegue e já não acontecerá o mesmo. E eu não posso ser visto, não tanto por mim, mas para não comprometer a moça com quem vou falar, entende?

SARARÁ - Já entendi tudo. Cuidado, hein chefe! Essa moça ainda é capaz de fazer uma berradeira para você.

REGINALDO - Você não sabe de quem se trata, como é que pode fazer recomendações?

SARARÁ - Eu não sei de quem se trata? Óra, chefe, vai sair. Então você nem que eu sou cego, ou quê? Você volta aqui, antes de botar o pé no fundo?

REGINALDO - Volta, sim. Vá no tomar um trago com a Maron e bater um papinho rápido. Depois me mande que, ao amanhecer, quero estar chegando em casa.

SARARÁ - Bom então vá. Eu bato no sobrado e me apresento.

REGINALDO - OK. Fchau.

TÉCNICA - LIGA MOTOR DE AUTO. SAI EM MARCHA E PULDE COM PASSAGEM MUSICAL.



- DI-DORA** - Consegui mais uma moeda, felizmente. Caríssima, mas pelo menos o equilíbrio do trabalho fica assegurado. Sabe quanto paguei por ela? Imagine.
- MARGOT** - Como posso saber? Cinco mil cruzeiros? Dez?
- DINORA** - Exato. Dez mil cruzeiros. A mesma coisa que custaram as outras três.
- MARGOT** - Que se vai fazer? É preciso... Pensa que não tivesse mais duas.
- DINORA** - Foi pena, sim, mas infelizmente ela não tinha. Eu ainda perguntei si ela não sabia mais ninguém que tivesse, mas ela disse que não. Mas vamos ao trabalho. A senhora tem que se concentrar, para me ajudar na corrente. A senhora sabe se concentrar?
- MARGOT** - Eu não sei si sei, mas eu faço. É só me dizer como é.
- DINORA** - Feche os olhos e fique com o pensamento fixo em mim que, por minha vez, fixarei meu pensamento em ela. Quando o preto velho baixar e incorporar em mim, preste bem atenção nas coisas que ele disser. Ele é que vai nos dizer como deveremos preparar o despacho e o que fazer dele, depois de pronto. Geralmente eles mandam botar no mar, ou numa emaralhada, mas de qualquer forma quem vai dizer é ele.
- MARGOT** - Perfeitamente. Entom se quiser começar eu já estou com os olhos fechados e o pensamento na senhora.
- TÉCNICA** - UMA MÚSICA DE BATUQUE BEM AO FLUIDO. PERMANECE EM BG ATÉ A OVA ORDEM.
- DINORA** - (COMEÇA COM OS RUIDOS CARACTERÍSTICOS DE RESPIRAÇÃO ENQUANTO RECEBE PAI JOJO. FEITO ISSO, ENGROSSA A VOZ E COMEÇA A PALAR COMO SE FOSSE ELE.) Saravá, misinfia! Pai Zuão segô, pai Zuão tá aqui, pai Zuão vai falá, pra misinfia iscuitá. Misinfia vai abri galo preto no quietá, na hora da lua vi. Misinfia vai butá, direito do galo essas coisas que o negro mandô comurá. Depois de tudo fazido, mais ante do sól nascê, misinfia vai levá o galo preto infurriado e adispachá, com jorná, bem na porta do sobrado, no lado da gente intrá. Depois de tudo fazido, pôde deitá assuocada. Quando a lua fô sinhora, principia as trapalada. Saravá, misinfia. Saravá. Preto veio vai sinhora que tem muito que fazê. Vai atendê outras fia, depois que atendem succê. (REPETE OS RUIDOS DE RESPIRAÇÃO CARACTERÍSTICOS E DESINCORPORA, MOSTRANDO-SE CALSADA). X (VOZ NATURAL) Prestem bem atenção no que ele disse!
- X TÉCNICA** - SOBRE UM MOMENTO A MÚSICA DE BATUQUE E VAI SUMINDO.
- MARGOT** - Certamente. Disse que é pra botar tudo dentro do galo preto e deixá na porta do sobrado, no lado da gente entrar.
- DINORA** - Pois então vamos fazer isto agora mesmo.
- TÉCNICA** - SOBRE O BATUQUE EM FLUIDO E FLUÍDO COM CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCORPAMENTO.



TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

DILORA - (COM VOZ DE PRETO VELHO) Saravá, misinfia, saravá! Preto véio vai simbora que tem muito que fazê. Vai atendê otras fia, depois que atendeu suncoê. (REPETE OS RUIDOS DE RESPIRAÇÃO CARACTERÍSTICOS E DESINCORPORA, MOSTRANDO-SE CALSADA. VOZ NATURAL, APELAS OFEGANTE) Prestou bem atenção ao que êle disse?

TÉCNICA - SUBIU UM POUCO O BATUQUE DURANTE A DESINCORPORAÇÃO. SOME O FULDO DE BATUQUE

MARGOT - Certamente. Disse que é parra botar tudo dentro do galo preto e deixar na porta do sobrado, no lado da gente entrar.

DINORA - Pois então vamos fazer isto agora mesmo, porque o trabalho deve estar pronto antes do sol nascer. Não foi isto que êle disse?

MARGOT - Parece que sim. Do sol ou da lua, agora não me lembrro bem.

DINORA - Mas eu já sei. Já estou acostumada. Começa-se a fazer, geralmente, na hora da lua nascer e tem que estar pronto e despachado na hora do sol nascer.

MARGOT - Oui, oui, foi iste mesmo que êle disse. Agora estou me lembrando.

DINORA - Então, enquanto eu vou no galinheiro pegar o galo, a senhora junte a farinha, os charutos, a cachaça, as fitas vermelhas e os vintens e leve tudo para o quintal. Cada coisa que se bota dentro do galo tem uma oração própria e a oração das moedas terá que ser repetida quatro vezes, já que temos quatro moedas. Vai levar muito tempo. Deixe ver... às tres horas, mais ou menos, devemos estar com o despacho pronto. Até que a senhora chegue lá já serão quasi quatro. Vamos por mãos à obra, imediatamente.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL RÁPIDA. FULDE COM RELOGIO BATE-DO TRES HORAS DA MANHÃ.

DILORA - Vêi? O meu cálculo foi bem certo. São tres horas da madrugada. O despacho está pronto. A senhora pode levá-lo e botar do lado direito da porta do sobrado.

MARGOT - Muito bem. Quer dizer que está tudo em perfeita ordem? Não falta nada?

DINORA - Falta, sim, Madam Margot. Falta uma coisa que também faz parte do trabalho e que deve ficar resolvida hoje, também antes do sol nascer. O pagamento.

MARGOT - Ah, oui, cêi, é verdade... Será que eu tenho dinheiro que chegue?

DINORA - Se não tiver dinheiro pode deixar um cheque. É a mesma coisa.

MARGOT - Estom eu sempre prefirro porque o dinheiro a gente pode precisar dele a qualquer momento e cheque não são todos que querem aceitar. Quanto é



MARGOT - (CONTINUAÇÃO) que devo escrever no total do cheque?

DINORA - Cento e doze mil cruzeiros. Com do trabalho, propriamente dito... dez da moeda que comprei por último - as outras já estavam pagas - e dois mil cruzeiros que gastei de automóvel, autorizada pela senhora. Aliás eu gastei um pouco mais, mas pode fazer doze que é melhor do que fazer cheque com quebrados.

C/REGRA - RUIDO DE ESCREVER CHEQUE AO TEMPO QUE VAI PALANDO.

MARGOT - Cento... e doze... mil cruzeiros... (lendo) Cento e doze mil cruzeiros para debito da minha conta de depósitos populares. Lagoa Parrada... dezoito de setembro... de 1965. Madame... Margot... Morreille. (PAUSA)

C/REGRA - RUIDO DE ARRANCAR CHEQUE DO BILDO.

MARGOT - Pronto. Aqui está o cheque. Com é pouco dinheiro. Quero ver, agora o resultado deste trabalho.

DINORA - A senhora vai ver. Tome o pacote. Não tem medo de sair sózinha a esta hora da madrugada?

MARGOT - Medo de que? Aposto que vou encontrar viva alma. Pode ser que aviste o guarda noturno e olhe lá.

DINORA - Então vá, largue isso direitinho no lugar e vá em seguida para casa. Tome um banho geral e depois pode se deitar descansada.

MARGOT - Boa noite, obrigada.

DINORA - De nada. Pode sair aqui pelo portão dos fundos que até fica mais perto.

C/REGRA - PASSOS DAS DUAS EM CHÃO BATIDO. PORTÃO QUE ABRE.

MARGOT - Boa noite.

DINORA - Boa noite, obrigada.

C/REGRA - RUIDO DE FECHAR PORTÃO.

DINORA - Perdi uma noite inteira fazendo bobagens para impressionar a francesa, mas, em compensação, ganhei dinheiro para o sustento da minha casa durante mais de dois meses. Pregueza assim é que serve. A gente enrola ela, direitinho, sem discussão.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL. FAZDE COM RUIDOS CARACTERÍSTICOS DE NOITE NA ROÇA.

C/REGRA - BATIDAS MUITO DISCRETAS EM PORTA.

REGINALDO - (ABAFADO A VOZ) Laila... Laila... abra, Laila, sou eu, Reginaldo.

C/REGRA - REPETE AS BATIDAS, SEMPRE DISCRETAS.

REGINALDO - Laila, acorde. Abra a porta um momento que eu preciso falar com você.

(MONOLOGANDO) Ela parece que está mesmo no bom do sono. Não há jeito de

C/REGRA - CHAVE DE PORTA QUE ABRE DISCRETAMENTE.



REGINALDO - (COMTELE) Ah, felizmente ela acordou. Eu já estava começando a desisttir. (RESERVADAMENTE) Sou eu, Laila.

LAILA - Claro! Quem mais bateria na minha porta a esta hora, senão você? Arre que você é teimoso, Reginaldo. Ainda não se convenceu que não deve vir aqui? Entre duma vez. Não vou fazer luz para não chamar atenção.

C/REGRA - PASSOS DE REGINALDO, ABAFADOS. PORTA QUE FECHA COM CHAVE.

LAILA - Pronto. Agora que já fechei a porta, procure a lampada de cabeceira e acenda. Fica melhor do que a luz do centro.

REGINALDO - (PAUSA) Ah, está aqui. (RUIDO) Pronto. Você nem me esperava hoje, não é verdade? Eu queria lhe fazer uma surpresa, mas vejo que desagradei você. Não era esta a minha intenção.

LAILA - Eu sei, mas você também sabe que a diretora reclama, por isso quero evitar que você venha. Que é que faz na terra? Trabalhando?

REGINALDO - Vim trazer o Sarará para preparar a estreia da boate com Manon. Você não gosta que eu ande muito por lá... passei o encargo a ele.

LAILA - Fez bem. Não gosto mesmo. E o assunto aquele está de pé? Vai ser mesmo no dia da estreia.

REGINALDO - Só não será si ele não comparecer, mas o convite já foi expedido e al quem me falou que ele deve ter recebido. Parece que foi o carteiro mesmo que levou o envelope lá em cima.

LAILA - E quando é essa célebre estreia, afinal? Tem sido marcada tantas vezes...

REGINALDO - Pois é, mas agora não há mais razão de ser transferida porque está, praticamente, tudo pronto. O que falta é coisa pouca e miuda. Amanhã o Sarará bota a mão no assunto e completa logo. Sábado, sem falta, deve ser a estreia.

LAILA - Quer dizer, então, que é certo que domingo vamos ter enterro?

REGINALDO - Si ele comparecer, pode contar como certo.

LAILA - E se por acaso ele não for? Sim, porque nós também temos que admitir essa hipótese. O homem pode, inclusive, recusar o convite.

REGINALDO - Ai o serviço será feito mesmo na casa dele, a qualquer preço. Já andei me informando dos criados e fiquei sabendo que há um deles que é maluco.

LAILA - Não é maluco. Eu conheço. É débil mental.

REGINALDO - Melhor ainda! Foi o tal que uma colega sua, para conseguir entrar, comprou com meia dúzia de chocolates e um pacote de balas.

LAILA - Como é que você sabe disto?

REGINALDO - Isso foi contado pela empregada dele mesmo, num açougue, ou num armazém... não sei bem onde foi, só sei que ela comentou o fato e foi o bastan



REGINALDO - (COLTFLUAÇÃO) te para que se espalhasse. Tanto, que si eu quizer dizer a você quem foi que me disse, não me lembro mais.

LAILA - Nesse caso parece-me muito mais simples fazer o trabalho na casa dele, mesmo. Há muito menos probabilidades de uma surpresa do que na rua.

REGINALDO - Não se preocupe. Da forma como a coisa foi planejada por mim e pelo Sarará, duvido que alguém nos surpreenda.

LAILA - Bem... você entende melhor do que eu desse riscado e o que me interessa é que o serviço seja feito, não importa se desta ou daquela maneira.

REGINALDO - E o serviço vai ser feito e depois nós vamos gozar a vida juntos, bem longe daqui, meu amor.

LAILA - (DESPISTANDO) Bem, deixe-me fazer-lhe um café que você deve estar com fome. Comida não lhe guardei, porque não esperava que você viesse.

REGINALDO - Eu vou demorar tão pouco que preferia que você ficasse aqui conversando comigo. Você parece que foge das poucas oportunidades que eu tenho..

LAILA - Não, não....é que... justamente porque você viajou tanto e a esta hora em que todos os bares da estrada estão fechados, eu me sinto na obrigação de alimentá-lo... de cuidar de você, em resumo. Gostaria, até, de ter carne em casa porque então eu lhe faria um bom bife com ovos e batatas em pouco mais de meia hora.

REGINALDO - Não, obrigado. Eu nem poderia demorar tanto. Tenho que voltar lá no sobrado para saber do sarará se vai precisar algé da cidade e em seguida botar o pé na estrada, para chegar antes do amanhecer.

LAILA - Você deveria ter um lugar, para ficar aqui e onde eu pudesse ir visitá-lo, sem os temores que sinto aqui, pensando que a toda hora poderão surpreender-nos.

REGINALDO - Arreajei o sobrado, você não quer que eu permaneça lá...

LAILA - Ah, não quero. Sei lá o que é que a tal de Maron será capaz de fazer? E não é ela só, não. Você também.

REGINALDO - (RILDO SATISFEITO) Não há nada, bichinha. Eu sou gamado é por você. Você está sabendo.

LAILA - Não sei, não. Depois, homem é sempre homem. Nunca inspira confiança.

REGINALDO - Mas agora já não temos muito que esperar. Dentro de dois ou tres dias o negócio estará consumado e fim para esta cruel separação.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL



TECÂNICA  
CONTRA A REGRA - EFEITOS DE OFICINA MECÂNICA.

- TARCÍSIO - Óba! O que é que há com vocês, para me aparecerem a esta hora da tarde? Não vão me dizer que resolveram fazer greve e não foram trabalhar hoje?
- GLAUCO - Que o quê! Eu ando na rua a serviço, não estou de vagabundo, não.
- TARCÍSIO - Mas o Otávio?
- OTÁVIO - Bom, eu sim, estou de vagabundo. Passei no escritório do Glauco, ele precisava vir para estes lados e me convidou. Resolvi acompanhá-lo. Total, não estava fazendo nada, mesmo...
- TARCÍSIO - Mas o que houve com você, rapaz? Por que não foi trabalhar?
- OTÁVIO - Porque ontem trabalhamos até muito tarde da noite, aprontamos o balanço e o patrão, então, hoje nos deu folga, para dormirmos. Resolvi passear. Acho que o tempo que a gente dorme é tempo que está perdido... morto.
- GLAUCO - Eu não acho. Coisa gostosa uma cama de manhã, na hora que a gente tem obrigação de levantar. Você não acha, não, Tarcísio?
- TARCÍSIO - Eu não sou muito de dormir, não. Antes adorava a noite e gostava de aproveitá-la. Agora sofro de insônia, detesto quando tenho que ir para a cama.
- GLAUCO - E por que você não sai e não vai procurar diversão, já que não tem sono?
- TARCÍSIO - Que diversão? Ir lá na Margot gastar meu dinheiro, você chama a isto diversão? A gente olha para a cara de todos, cada qual está mais apalermado mais idiotizado. Parece que bebem por obrigação, dançam por obrigação, conversam por obrigação e até mesmo o jogo, parece que é por obrigação. Deus me livre! Prefiro ficar dando voltas na cama, pra um lado e pra o outro. Embora seja muito aborrecido, sempre é menos do que aturar as caras que a gente vê lá na Margot, aborrecendo-se tremendamente, para no dia seguinte afirmarem que se divertiram às pampas. Eu, hein?
- OTÁVIO - Amanhã é a inauguração da nova boate. A do sobrado. Você não vai lá?
- TARCÍSIO - Eu, não. Recebi um convite, mas não vou lá. É da camarada aquela que ia me complicando a vida com declarações mentirosas. Dinheiro meu ela não pega nem um centavo.
- GLAUCO - Não vamos. E até tínhamos nos lembrado de convidar você para a nossa mesa. Porque o negócio é fino. É de mesa reservada. E, segundo dizem, parece que já estão todas tomadas. Você não quer mesmo?
- TARCÍSIO - Não vou, não. Não quero nem olhar para a cara daquela camarada. Posso beber, esquentar os miólos e dar-lhe um soco nas ventas, aí vai ser muito pior. É melhor que eu fique em casa.
- OTÁVIO - Ah bem, se você já vai com a ideia de que isto possa acontecer, o melhor mesmo não ir.



GLAUCO - Bem, então vamos deixar você trabalhar e vamos seguir o nosso caminho.  
Tchau para você, Tarcísio.

TARCÍSIO - Até logo. Divirtam-se amanhã.

OTAVIO - Até logo, obrigado.

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL

RAPHAEL - Eudoxia, você não sabe de um jardineiro bom que seja capaz de transformar este jardim num mar de rosas? Você conhece tanta gente por aí... fala com tanta gente... Veja se me arranja um.

EUDOXIA - Um jardineiro, seu Rafaê? Suncê qué um jardineiro que faça o que de rosa que suncê disse?

RAPHAEL - Que me transforme este jardim mixuraca num verdadeiro mar de rosas. Quero rosas por toda parte. Desde o portão de entrada até aqui à porta da casa.

EUDOXIA - Credo, home? Adonde que suncê vai arranjá tanta rosa?

RAPHAEL - Aonde fôr preciso. Até no inferno, se for necessário.

EUDOXIA - (ASSUSTADA COM A PALAVRA) Tiscunjuro, crôo em cruz, Virge Maria. Num fala na chacara do tinhoso, patrão. Lá só tem fogo, vai tê jardineiro, home? Suncê tá feito o seu Niguê, diliriado das índia? To-to-fum!

RAPHAEL - E porque lá só tem fogo; no meio desse fogo não pode ter alguém que tenha sido um jardineiro bom aqui na terra? E que possa trabalhar para mim?

EUDOXIA - (ZANGADA) Vira a boca pras costa, home de Deus! Num diz bobage que isso num presta. Das veiz a gente tá dizendo bobage, passa um sajo na hora, dis amen, óia a purcaria feita. Num fala isso, não que num presta. Num gosto.

RAPHAEL - Pode passar um sajo? Está bem, não falo. Vou conversar a sério com você. Veja se com os seus conhecimentos aí por fora, você me arranja um bom jardineiro que eu estou precisando. Combine com êle de trazê-lo aqui e me avise. Já vá lhe dizendo, que pago bem, desde que o serviço também seja bom.

EUDOXIA - Sim sínhô. Hoje de tarde, depois do almoço, eu vou descê e vou lá no armazem falá com seu Joaquim. Lá é que aparece essa gente tudo. Posso falá, também com a Lavadeira, que pode sê que ela conheça algum.

RAPHAEL - Isso. Vá falando com todas as pessoas que você conhece para que me mandem aqui um jardineiro, com a maior urgência. Quero trazer uma visita aqui e só poderei fazê-lo quando tudo isto estiver transformado num verdadeiro rosal. Rosas brancas... vermelhas... amarelas... de todas as cores que existirem. Você já imaginou, Eudoxia, isto aqui cheio de rosas e de pássaros?

EUDOXIA - (SAUDOSA) Como era no tempo da feliçida Sínhá... Era tão buvíto!... Dava gosto vê!... Depois... a sínhá foi marchando... e as rosa também... A sínhá morreu... elas morreram junto.



RAPHAEL - Não vamos despertar lembranças tristes agora, Eudoxia. Lembranças que doem. Eu hoje estou tão feliz... tão alegre... isto acontece tão poucas vezes... (PAUSA E TOM) Bem, eu vou descer a colina e só voltarei na hora do almoço. Não se esqueça do pedido que lhe fiz, sim? Trate disso hoje.

EUDOXIA - Vou tratá, sim, seu Rafaél. Pode deixá. Mas si esqueço, não.

RAPHAEL - Estão até logo, Eudoxia.

~~EUDOXIA~~  
~~XXXXXXXX~~ - Intê logo, meu fio, vai com Deus!

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE APASTAM EM TERRA BATIDA.

EUDOXIA - Isso é volta de cousa que a mamorada disse pre ele. Eu cumheço o seu Rafaél de longe!... Deus Nosso Sinhô prômita que dê certo. A gente bem que precisa de uma moça aqui. A Lisporcina tem medo, eu num tenho, não. Acho que vai sê bão.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

DEMETRIO - Trago uma boa notícia para você, minha filha. Você vai ficar radiante.

SIMONE - Diga logo, Padre Demétrio. Algum grande donativo que vos fizeram?

DEMETRIO - Sim. Acabo de falar com o Joel, da carpintaria e ele está fazendo todas as esquadrias da ala direita para a vossa obra. Não quis citar o nome do doador, mas a meu ver só pode ser um.

SIMONE - É claro. Tanto mais que eu disse a ele, a semana passada, que só depois de ter as janelas é que mandaria rebocar, por dentro, para começar a abrigar, logo, as crianças que pudesse. Com toda certeza ele quer nos fazer surpresa e nós não vamos tocar-lhe no assunto. Vamos fingir que não sabemos de nada. E vamos fingir surpresa, quando as recebermos.

DEMETRIO - Claro. Disse-me o Joel que pretende entregá-las, prontas, no fim do mês. São vinte seis, no todo. Se assim é, nós já poderíamos providenciar no reboco da ala direita que estaríamos ganhando tempo. Qual é o saldo que temos? Você tem somado até ontem?

SIMONE - Tenho, sim. Aliás, éle mesmo somou. Temos setecentos e trinta e nove mil cruzeiros recebidos e mais duzentos e vinte tres a receber, que são aquelas contribuições fixas, mensais, que ainda não entraram. Dona Lucília cincoenta mil... Dona Cândida cincoenta mil... Seu Aurelio trinta... Dona Conceição vinte... o Coronel Valerio com vinte, também... e algumas contribuições de dez, um de oito e várias de cinco mil.

DEMETRIO - Juntado estas com as recebidas, vai dar quasi um milhão. Podemos, então, tratar do reboco amanhã mesmo.

SIMONE - Sim, mesmo porque as fixas são garantidas e em caso de necessidade a gente manda receber na casa de cada um.



DEMETRIO - Exato. Então agora eu vou ver no meu livro de apontamentos o endereço dos dois pedreiros que vieram se oferecer para trabalhar, dando à casa um dia do seu trabalho gratuito na semana e vou procurá-los. Vamos ver se até o fim do mês conseguimos inaugurar a ala direita da casa dos pequenos abandonados de Lagoa Parada. Ah, é verdade, você conseguiu convencê-lo a que nos deixasse botar o nome da dona Clara na nossa casa?

SIMONE - Totalmente ainda não, mas tenho a impressão de que, quando lhe falo no assunto, êle já não reage com a mesma segurança do principio. Pense que acabarei por convencê-lo e convenceremos que é muitissimo justa a homenagem.

DEMETRIO - É justa, sim, porque ninguém, mais do que êle, tem contribuido para ela.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

MARÇA - Eu quero um trilho de veludo vermelho, da largura de toda a escada, para tapar esses degraus que estão feios e que a tia não vai poder corrigir.

VOZ MASC. - Sim senhora.

MARÇA - Você vai medir quanto precisaremos do trilho, porque preciso mandar buscá-lo ainda hoje, para vir no trem da tarde e ser colocado até às onze da noite, que é a hora que está marcada a inauguração.

VOZ MASC. - Sim senhora. Desde lá de cima até aqui o último degrau, ou até a porta da rua.

MARÇA - Espere aí, deixe ver... Talvez fôsse melhor até o último degrau e aqui botarmos um grande capacho, senão nos dias de chuva o veludo iria ficar cheio de barro.

VOZ MASC. - É, sim senhora.

MARÇA - Mas em todo caso, mede, também, este pedaço aqui, para eu saber o tamanho do capacho que devo mandar vir.

VOZ MASC. - Não pode ser muito largo, senão a porta não abre.

MARÇA - Ah, sim, sim... Temos que ver até onde ela avança e medir dali até a escada. Espere que eu já vou abrir para o senhor tirar a medida.

~~C/REGR~~ - RUIDO DE CHAVE DANDO VOLTA NA FECHADURA. PORTA SE ABRE.

MARÇA - (DÁ UM GRITO AGUDO DE HORROR. ENCONTROU O DESPACHO NA PORTA)

SARARA - (APARTADO) Que foi, Mamã? que aconteceu com você?

MARÇA - (DEBATA A CHORAR MUITO NERVOSA)

C/REGR - RUIDO DE SARARA DESCE-DO A ESCADA AS DISPARADAS E CHEGA-DO.

TÉCNICA - EXPLOSÃO MUSICAL, FUZDE COM A RACTERISTICA MUSICAL DE ECERRAMELTO.



TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

MANON - Mede este pedaço aqui, para saber o tamanho do capacho que devo mandar vir.

VOZ MASC. - Não pode ser muito/largo, senão a porta não abre.

MANON - Ah, sim, sim... Temos que ver até onde ela avança e medir dali até a escaida. Espera que eu já vou abrir para o senhor tirar a medida.

C/REGRA - RUDI DE CHAVE DANDO VOLTA NA PECHADURA. PORTA QUE SE ABRE.

MANON - (DÁ UM GRITO AGUDO, DE HORROR. ENCONTROU O DESPACHO NA PORTA)

SARARÁ - (AFASTADO) Que foi, Manon? Que aconteceu com você?

MANON - (DEBATA A CHORAR, MUITO LERVOSA)

C/REGRA - RUIDO DE SARARÁ, DESCE DO AS ESCADAS AS DISPARADAS E CHEGANDO.

TÉCNICA - ACOMPANHA A DESCIDA COM MUSICA QUE CONDIGA COM A SITUAÇÃO

SARARÁ - (PERTO) que aconteceu, por favor?

VOZ MASC. - Ela abriu a porta e encontrou um despacho.

SARARÁ - Ora bolas! Eu até pensei que você tivesse levado uma facada de alguém! Por que ficar desse jeito por causa de uma besteira sem nenhuma importância. Você quer ver o que é que eu faço com esse trôço?

VOZ MASC. - Não, não! Não segure isto que não presta. A gente varre pro meio da rua com a vassoura e depois despeja agua fervendo com sal, no lugar onde estava. Ai não tem perigo. O despacho não pega.

MANON - Eu sei quem mandou botar isto na minha porta. Garanto que sei. Foi ela.

SARARÁ - Ela quem? Vá dizendo logo quem foi que você vai ver como o despacho começa pegando por lá. Quem é que você acha que foi?

MANON - Meu Deus! Está na cara! Só pode ser a Madame Margot, aquela franceza velha, invejosa e sem vergonha. Com certeza mandou fazer para o dia da escaida da casa, que é para tudo nos correr mal.

SARARÁ - Mas não vai correr, não. Pode ficar quietinho porque não vai correr. Eu já andei dando uma volta por ai e, em toda parte, só escuto dizer que a coisa vai ser de arromba. As mesas estão todas reservadas, que mais você quer? Olha que são trinta e duas mesas. Eu não pensei de vender vinte. Vamos ter mais de cem pessoas, você vai ver. Vai voltar gente da porta. Eu mesmo vou ficar na porta, cobrando as entradas.

MANON - Vamos mandar tirar esta porcaria daqui uma vez e mandar botar lá na esquina, no boeiro. Terá alguém por ai que possa fazer isto?



VOZ MASC. - Eu faço, dona. Vou lá em cima buscar a vassoura e varro até lá. Depois é só jogar água fervendo e sai no lugar.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM SUBLINDO ESCADA E SUBLINDO.

MA. O. - (AL. DA. NERVOSA) Velha desgraçada! Ela deve estar louca de medo da concorrência, por isso fez isto. Mas ela me paga. Na primeira ocasião...

SARARÁ - Deixa essa conta comigo que eu cobro dela bem cobrada.

MA. O. - Será que vai dar tempo de vir o tapete e o capacho?

SARARÁ - Dá, sim. O guarda freios passa aí as dez horas, leva a encomenda. Volta às quatro e meia, cinco horas. Traz o que se pediu. O Marceneiro coloca as varetas antes, depois é só estender o trilho e prender. O capacho vem pronto, não precisa nada. É só botar aqui.

MA. O. - E neste canto quero botar uma floreira com uma planta bonita e aqui, nesta parede, um aplique com duas lâmpadas de lamparina vermelha, aproveitando a ligação elétrica que já existe.

SARARÁ - Vai ficar o fino da passoca. Então vamos ver o que falta vir que eu às dez, menos quinze, vou para estação e mando pedir tudo.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

TEREZA - Cuví movimento esta noite. Será que seu Reginaldo veio aí outra vez?

LAILA - Sim, êle... êle veio, mas... por um momento, só. Conversou um pouco e foi logo embora. Aliás eu já pedi a êle que não venha mais, para evitar qualquer complicação.

TEREZA - Será um grande favor. Já imaginou se, de um momento para o outro, alguém o vê entrar, ou sair do Grupo Escolar? Rebenta logo um escândalo e dois dias depois estou eu passando pelo vexame de ser demitida do meu cargo. Se/ você gostasse dele... se o amasse... eu não teria coragem de privá-los de um encontro, de vez em quando, mas como sei que tudo não passa de um plano traçado friamente por você e que você não está ligando a mínima se o vê ou deixa de ver... prefiro não correr risco por uma bobagem, afinal. Ah, no que você me entendeu bem, não foi?

LAILA - Muito bem, dona Teresa, não se preocupe por causa disto. Com a inauguração da casa, agora, ele já vai ter onde parar e não nos dará mais preocupações. A senhora pensa que eu também não me preocupo de ser descoberta? Preocupo-me por mim e pela senhora.

TEREZA - Diga-me uma coisa, Laila: e si êle cumprir as exigências que você lhe fez, você irá mesmo com êle ou vai, mais uma vez, passá-lo para trás?

LAILA - Não sei, dona Teresa. Digo-lhe francamente que não sei. Estou começando a me aborrecer, aqui, fazendo a ingênua e a virtuosa. Techo a impres-



LAILA - (CONTINUAÇÃO) são que nasci e vou viver muito melhor na aventura. Essa coisa da vida sempre igual, sempre parada, com hora para almoçar, hora para jantar, hora para dormir, dia para ir ao cinema, está começando a enfastiar-me. Tenho a impressão de que, de uma hora para outra, enlouqueço de tédio.

TEREZA- Pois eu me sinto muito melhor quando sei que estou segura e que todos os dias, nas mesmas horas, vão acontecer as mesmas coisas. Mas não reprovoo a sua maneira de ser, nem de pensar. Só o que lhe peço, mais uma vez, é que não me abandone assim, de uma hora para outra, sem que eu tenha pedido alguém para substituí-la.

LAILA - Pode estar descansada que lhe darei um aviso pelo menos de dez dias.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

RAFAEL- Como é, Eudoxia, a Leopoldina disse que você queria falar comigo?

EUDOXIA-É verdade, sim, seu Rafaél, eu queria. Arramei o homem que sumô tava querendo. Foi o açoguerro que me arramou.

RAFAEL - Que homem, Eudoxia? Nem sei do que é que você está falando...

EUDOXIA- Home de Deus! Sumô num me pediu pra arrumá um jardineiro que transformasse o jardim num má de rosa? Pois foi esse jardineiro que eu arramei.

RAFAEL - É mesmo?! Oh, Eudoxia, como você está ficando eficiente. Goste disto.

EUDOXIA- Eu tô ficando o que que sumô disse?

RAFAEL - Eficiente, Eudoxia.

EUDOXIA- Ah. (NÃO LATE-DEU) Eu tô ficando isso é seu Rafaél? E isso é bom ou ruim?

RAFAEL - É bom. É muito bom. Eficiente é a pessoa que fica encarregada de fazer as coisas e faz logo como a gente quer. Não demora e faz bom feito.

EUDOXIA- Ah bom. Eu já tava até meio adiscunfiada com as coisas que sumô tava falando. Nunca ninguém me disse isso, que eu me alembre. Nem a sinhá.

RAFAEL - Mas afinal como foi que tu arrumaste? E tems garantia de que é bom jardineiro? Sim, porque não sendo bom não me interessa.

~~RAFAEL~~ EUDOXIA - O açoguerro, que foi quem arramou ele pra mim, disse que o home é de lá cá. Que foi muito tempo jardineiro da dona Luíllia e que fazia gosto a gente vê o jardim dela. Depois ele cumeçô e tomô umas que outras e a dona Luíllia mandou ele passá. Mas que ele só mete rama de voute, que nas hora de trabalho não memo. Si ele faz direito o trabalho, o sinhô num acha? O resto é a vida do home, a gente num tem nada que vê.

RAFAEL - É claro. Ele se portando bem aqui, o que ele faça lá fora não me interessa. Ele vai mandar o homem aqui? Combinou alguma coisa?



EUDOXIA - Gumbinô, sim simhô. Disse que hoje de voute ele ia no botequim tumá uns trago e que lá ele incontrava sempre o home. Entonce ele ia dizê pro home vim e ia marcá dia e hora pra nós insperá ele lá no portão da frente, por cause dos cachorro.

RAFAEL - Então anachã você volte lá, para saber que dia e que hora ele combinou com o jardineiro que é para nós esperarmos. Estou louco para ver meu jardim transformado num roseiral.

EUDOXIA - E êle vai fiôá, succê vai vê. O açoguerô me disse que o home é de lasch.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

MARGOT - Era o senhor que queria falar comigo?

SARARÁ - Era eu, sim. Tenho um assunto reservado a tratar com a senhora.

MARGOT - Mas entom podemos entrar lá parra o quarto, quem sabe?

SARARÁ - Não, não... acho que aqui no corredor da rua estamos bem. Basta que a senhora feche a porta, para evitar a curiosidade dos de fora.

MARGOT - Posso fechar, mas acho que um assunto reservado nos conversariamos muito melhor lá dentro, no meu quarto... Lá ninguém nos perturbaria. O senhor vem da parte de alguém, ou o assunto é mesmo do seu interesse?

SARARÁ - Não, não... eu venho da parte de uma ou outra pessoa, sim senhora. É melhor fechar logo a porta para que de fora não estejam olhando para nós.

MARGOT - Está bem. Já que insiste...

C/REGRA - RUIDO DE PORTA QUE FECHA SÓ COM O TRINCO.

MARGOT - Pronto, agora o senhor já pode falar.

SARARÁ - Sabe o que vim fazer aqui? Cobrar uma dívida da senhora.

MARGOT - Uma dívida?! Que dívida?! Eu nem me lembro de dever nada ao senhor, irracionalmente. Acho que nem mesmo conheço o senhor...

SARARÁ - É, a Madama não me conhece, mesmo, mas agora vai ficar me conhecendo. Eu vim cobrar uma dívida e sabe de que forma? Assim, ô.

C/REGRA - RUIDO DE TRES OU QUATRO BOFETADAS BEM FORTES NA CARA DE MARGOT.

MARGOT - (A CADA BOFETADA QUE LEVA DÁ UM GRITILHO AERVOZO E DEPOIS BOTA A BOCA AO RUIDO, GRITANDO DESPERADA)

C/REGRA - ABRE A PORTA E PASSOS DE HOMEN SAEM LIGEIRO, BATE DO A PORTA.

MARGOT - Socorro!... Socorro!... Um homem me bateu na cara!... Ele está fugindo! Socorro! Preenham esse bandido! Preenham esse homem...

C/REGRA - ABRE A PORTA NOVAMENTE. PASSOS DE LUZA QUE SE APROXIMA CORRENDO.

LUZA - Que houve, Madame? Que aconteceu?

MARGOT - Aquele homem... aquele que vai lá na esquina... êle me bateu na minha cara. Disse que vinha cobrar uma dívida e me bateu...



LUZA - Feche essa porta e não faça escândalo. Vai ser muito pior para a senhora.

C/REGRA - BATE A PORTA COMO SE LUZA A FECHASSE COM FORÇA. VOLTA NA CHAVE.

LUIZ - Depois a senhora dará parte dele na polícia. Como é que a senhora vai ficar na porta desse jeito que está? Repare. É capaz até de ser presa.

MARGOT - (CHORANDO, FURIOSA) Bendito. Ordinário. Semvergonha, carretino! Bateu na minha carrota. A carrota que mãe beijou. Bateu com força. Está doendo. Oh que raiva, que raiva! Que vontade de torcer o pescoço daquele cachorro!...

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL

LAILA - Hoje à noite Reginaldo irá cumprir, finalmente, a minha vingança sobre Rafael. Ele vai saber o quanto custa ofender-se uma mulher como eu.

TEREZA - Cuidado, Laila, você fala alto, Joana pode ouvir e fica o seu segredo nas mãos de duas pessoas, em vez de uma. Eu não vou falar nada a ninguém, mas Joana a gente não sabe. Essa gente simples gosta de conversar demais.

LAILA - Joana não se mete. Ela é simples, mas é esperta e já percebeu que Reginaldo é fogo. Ela não se mete, não, pode estar certa.

TEREZA - Em todo caso, é sempre melhor que ignore do que estar a par de tudo. Inda mais uma coisa como esta que envolve uma vida. Si eu pudesse dar um conselho a você, diria que não fizesse nada disto. Deixe pra lá as coisas que ele disse, esqueça-as e vá viver a sua vida sem o risco de uma ameaça pairando, sempre, sobre a sua cabeça.

LAILA - A senhora me diz que deixe para lá, porque não sabe as coisas que eu ouvi. Se soubesse, não diria. Perdoar, eu não, dona Tereza, eu não tenho capacidade para perdoar ninguém. Pensa que perdoei ao Tarcísio a humilhação que me fez sofrer? Não perdoei, não. Ele apenas escapou da minha vingança, por que logo depois sofreu os insultos de Rafael e como não poderia vingar-me dos dois, preferi o outro, porque assim atingiria também Simone, já que um dos estão em love. Só por isto Tarcísio teve a sua hora protelada, mas não esquecida. Ele também, mais tarde, vai pagar o quinhão que me devo.

TEREZA - Você não devia ser tão rancorosa, criatura. O rancor envelhece a alma da gente e não nos permite gozar as horas boas e tranquilas que a gente poderia ter. Está sempre fervendo, dentro de nós e sempre nos alvoroçando e fazendo com que a gente deseje o mal dos outros que é nosso, antes de atingir o alvo para onde o dirigimos.

LAILA - Não importa. Seja como for eu já não estou mais em idade de modificar a minha maneira de ser. Nasci assim, assim hei de morrer.



TEREZA - É pena, realmente. Se você conseguisse esquecer, não viveria tão amargurada. (TOM) Bem, vamos tratar do nosso lunch da tarde que já são quasi sete horas. Não gosto de me alimentar tarde porque não passo tão bem a noite.

LAILA - Então vamos. Eu trouxe presunto e queijo.

C/REGRA - PASSOS DAS DUAS QUE SE AFASTAM E SOMEM.

JOANA - Eu preciso arranjar uma desculpa para sair imediatamente. Tenho que ir lá em cima e voltar antes que a noite caia.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

DELEGADO - A senhora diz que um desconhecido bateu-lhe no rosto?

MARGOT - Sim senhor. Veja, veja... lá tenho as marcas dos dedos dele marcadas na minha carra. Parece que queima de tanta força que êle bateu.

DELEGADO - Mas êle discutia com a senhora, teve alguma razão para fazer isso?

MARGOT - Nada, nada. Disse que queria falar comigo. Eu disse que ele podia entrar. Ele não quis. Mandou fechar a porta porque o assunto era reservado. Eu fechei. Ai êle disse que ia cobrar uma conta que eu devia para ele. Eu disse que não me lembrava de conta nenhuma. Ele então não disse mais nada. Me deu quatro bofetadas tom fortes que eu fiquei com a cabeça rodando que parecia uma pedra. Foi ai que gritei e Luza desceu correndo, mas ele já tinha disparrado e virradoa esquina.

DELEGADO - E o que é que a senhora quer que eu faça, agora?

MARGOT - Que prenda aquele cachorro, sem vergonha.

DELEGADO - Mas se a senhora diz que não o conhece, como é que eu posso prendê-lo?

MARGOT - O senhor procure. Para este o senhor é da policia. Ou não é?

DELEGADO - Sou, é claro, mas eu preciso uma pista para mandar procurar o homem.

MARGOT - Ele é de meia altura, nem gordo nem magro. É só o que eu me lembro. A porta da rua estava fechada... o corredor escuro... não pude ver bem a carra dele.

DELEGADO - Pois então? Homens de meia altura, nem gordos nem magros, existem dezenas. Eu não posso mandar prender todos, lá mais que a senhora confessa que não viu bem a cara dele e não poderá identificá-lo.

MARGOT - Quer dizer, então que eu vou ficar com as quatro bofetadas na minha carra e ele não vai sofrer nada?

DELEGADO - Não sei... pode ser que se tenha sorte de descobri-lo e então nesse caso ele será castigado. Pode ser, inclusive, que êle mesmo bata com a lingua nos dentes e a gente venha a saber de quem se trata.

MARGOT - E se descobrirem o senhor prende ele, seu delegado?

DELEGADO - Claro. Ele será preso na mesma hora.



MARGOF - Então eu vou embora parra a casa botar umas compressas que as bofetadas estão ardendo muito, muito. Se o senhor prender aquele bandido, eu dou um presente bem bonito parra o senhor. Eu quero ter o gosto de cuspir na cara dele.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

JOANA - Dona Leopoldina, que bom que encontrei a senhora. Vai subir a colina?

LEOPOLDINA - Vou, sim senhora. Via só trazer um recado para um jardineiro que o patrão está querendo arranjar e agora já vou subir depressa, antes que anoiteça. Não gosto de andar sósinha, de noite, para aqueles lados.

JOANA - Não é bom, mesmo, mas eu vou prender a senhora dois minutinhos para mandar um recado ao seu Rafael. A senhora dá?

LEOPOLDINA - Claro. Se a senhora manda um recado, como é que eu não vou dar?

JOANA - Mas eu não quero que ele saiba que fui eu que mandei o recado porque não posso me comprometer.

LEOPOLDINA - Está bem, eu não digo, ou então eu digo e peço a ele para não falar o seu nome, que é a mesma coisa. O patrão é de confiança. Pode dizer o que deseja.

JOANA - Eu queria mandar dizer a ele que não veja hoje à noite a tal casa de diversões que vão abrir no sobrado, porque eu sei que está preparada uma cilada para ele.

LEOPOLDINA - Ah, a senhora não precisa se preocupar porque ele não vai mesmo. Mandaram um convite lá em casa mas a senhora sabe o que eu fiz? Rasguei e botei fora. Ele nem ficou sabendo de nada.

JOANA - Ah, bom, graças a Deus, estão, que ele não vai. Eu ouvi uma conversa sobre isto e fiquei muito aflita. Imagine a senhora que eu ia subir sósinha para voltar de noite, só para não deixar de avisá-lo.

LEOPOLDINA - O patrão vai ficar muito agradecido à senhora, quando souber.

JOANA - Diga a ele que se cuida porque há qualquer coisa contra ele e um homem prevenido vale por dois.

LEOPOLDINA - É isto mesmo. Vou contar tudo a ele de chegada, pode descansar. E agora eu vou, porque não quero chegar lá depois de ter anoitecido. Aquela passagem do bosque e da lagoa não é mole, não.

JOANA - Então vai, minha filha, vai com Deus.

LEOPOLDINA - Obrigada. E obrigada, também, pelo aviso.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

FUJADE COM MÚSICA DE BOATE E RUÍDO DE MUITAS VOZES, RISOS, ARRUE GARRAFAS, BATER COPOS, ETC. ETC.



SARARÁ - E então? Está satisfeita? Viu como não adiantou nada o tal de despacho? A casa está cheia, tal como eu dizia. O papai aqui manja o ambiente. E a cara da francesa, a esta hora, deve estar com duas compressas de agua borricada. (RIEM OS DOIS)

MAEON - Você não acha que podíamos mandar começar o show? De qualquer maneira não vamos deixar entrar mais ninguém...

SARARÁ - Mais ninguém, não. O tal de Rafael, o porteiro tem ordem de deixar entrar. E Reginaldo está de guarda lá dentro do automóvel, na bomba de gasolina.

MAEON - Ele é capaz de não vir. Lá na Margot ele só ia quando tinha pouco movimento e assim mesmo bem tarde da noite. Aliás eu já disse isso ao Reginaldo.

SARARÁ - Mas vocês não mandaram convite pra ele?

MAEON - Mandamos, mas isso não quer dizer nada. Ele pode receber o convite e não querer vir.

SARARÁ - Pois é, mas aí já está enquadrado na descortesia. Já Reginaldo tem direito de ir perguntar pra ele porque motivo não deu as caras. Ele vai se queimar, vai dizer que não veio porque não quis o extra logo nos chumbinhos. O Reginaldo tá querendo isso mesmo, não vai esperar outra deixa.

MAEON - Ah, não espera mesmo. Então se o show ainda não vai começar, vamos voltar ao salão que eu vou anunciar que daqui a meia hora ele irá começar.

SARARÁ - Espera, Mamon, não te apressa. Quanto mais tarde for o show, mais o pessoal vai ficando e quanto mais vai ficando mais vai bebendo e gestando.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL RÁPIDA. RUIDOS DE NOITE EM SEGREDO PLÁO. GRILOS E SARG

REGINALDO - Faz uma hora que estou excluído aqui dentro deste automóvel e desgraçado não aparece. Nem ele e nem o tal de Taróisio. Parece que se combinaram para não vir. É bem verdade que Mamon me avisou que lá na casa da francesa ele chegava sempre muito tarde. Pode ser que ainda venha. Mas se vier, eu não vou dar tempo a que ele entre, não. É até melhor que o serviço seja feito antes, para que não possa ficar dúvidas no espírito de polícia, de que o serviço começou lá dentro. (PAUSA) Parece que lá vem gente. (PAUSA) E vem gente, mesmo. Um homem na frente e outro mais atrás, depressa, como se quisesse alcançar *o que vai adiantar.* Se um dos dois fosse ele, que esplendida ocasião! (PAUSA) Eles vão passar na luz do poste eu vou poder ver quem é. (PAUSA) Passou o de frente. Não é... (PAUSA) O de trás, *o de trás.* O de trás é ele. Parece que o diabo está querendo me ajudar. Vai ser agora mesmo, porque o outro é que vai levar a culpa.

O/REGRA - TRES TIRCS SEGUIDOS.

TÉCNICA - EXPLOSAO MUSICAL, PULDE COM CARACTERISTICA PARA R. CERRAMELTO.



S O L I D A O

- novela de Erico Crumer -

CAPITULO 398

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

REGINALDO - Faz uma hora que estou escolhido aqui dentro deste automóvel e o desgraçado não aparece. Nem ele e nem o tal de Farcísio. Parece que se combinaram para não vir. É bem verdade que Manoel me avisou que lá na casa da Françoza, ele chegava sempre muito tarde. Pode ser que ainda venha. Mas se vier, eu não vou dar tempo a que ele entre, não. É até melhor que o serviço seja feito antes, para que não possam ficar dúvidas, no espírito da polícia, de que o negócio começou lá dentro. (PAUSA) Parece que lá vem gente. (PAUSA) E vem gente, mesmo. Um homem na frente e outro mais atrás, depressa como se quizesse alisar o que vai adiante. Se um dos dois fosse ele... que esplêndida ocasião! (PAUSA) Eles vão passar na luz do poste e eu vou poder ver quem é. (PAUSA) Passou o da frente. Não é. (PAUSA) O de trás, agora. (RÁPIDO E NERVOSO) O de trás é ele. Parece que o diabo está querendo me ajudar. Vai ser agora mesmo, porque o outro é que vai levar a culpa.

C/REGRA - TRES TIROS SEGUIDOS. LIGAR AUTOMÓVEL E ARRANCAR, DESAPARECE-DO.

RAFAEL - (EM SEGUNDO PLANO, VLADO PARA PRIMEIRO) Miguel... Miguel... Você está ferido, Miguel? Fale, Miguel, pelo amor de Deus!... Sangue! Ela está ferido, sim. Será que ali na bomba de gasolina não tem ninguém que possa me ajudar? Eu vou até ali.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL RÁPIDA PULSADE COM AMBIENTE DE BOITE EM 2º PLANO.

MA-GA - Você ouviu, Sarará?

SARARÁ - O que?

MA-GA - Tiros! Tres tiros lá fora. Eu corri na janela da frente, espiei e vi o carro de Reginaldo passar voando. O serviço deve estar feito. Onde é que você vai? Nada disso. Não saia agora. Estão não vê que pode comprometer a casa e a você mesmo?

SARARÁ - Eu não ia chegar lá. Ia só dar uma sondada por longe. Podia o chefe precisar de mim.

MA-GA - Precisar, nada. O chefe a esta hora já está longe. Vamos voltar ao salão e esperar calmamente os acontecimentos. Qualquer precipitação pode nos perder, não esqueça isto.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL - RUIDOS DE BOITE.

O/REGRA - BATIDAS DISCRETAS EM PORTA.



REGINALDO - Laila, abra. Sou eu, Reginaldo. (PALA EM TOM DE SEGREDO)

C/REGRA - RUIDO DE CHAVE DANDO VOLTA E PORTA ABRILO DISCRETAMENTE.

REGINALDO - Pronto. O serviço está feito. Foi tudo tão fácil que eu até acho que o diabo nos ajudou.

LAILA - É mesmo? Você tem certeza absoluta, Reginaldo? Olhe o outro que você pensou que matara, também e apenas feriu levemente.

REGINALDO - Não, não. Desta vez não tenho nenhuma dúvida. Atirei quando ele ia passando na altura do poste da luz e vi quando ele caiu e ficou inerte. E o outro caiu também. Não sei se morto ou ferido, mas caíram os dois.

LAILA - Que dois? Quem é o outro?

REGINALDO - Você pensa que eu sei. Sei que ele vinha vindo tentando alcançar o outro que andava um pouco na frente. Quasi ao passarem no poste eu atirei. Ele caiu. Dei mais dois tiros e o outro caiu também.

LAILA - Ih, Reginaldo, quem será o outro?

REGINALDO - Não interessa. Tive a pouca sorte de estar perto dele, marchou também.

LAILA - E o que é que você vai fazer? Vai ficar aqui? Acho que não convém. Pode, inclusive, causar suspeitas sobre nós.

REGINALDO - Eu não vou ficar aqui, coisa nenhuma. Estou com o carro todo equipado para uma longa viagem. Vim buscar você para levá-la comigo.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO.

LAILA - Como?!... Você quer que eu vá com você? Para uma viagem longa? Onde? Quando?

REGINALDO - Onde, não sei. Quando, agora mesmo. Arrume o que é seu, depressa e vamos.

LAILA - Mas como é que eu vou sair assim, sem avisar nada à dona Teresa? Como?

REGINALDO - Não interessa a dona Teresa. Deixe-lhe um bilhete, se quiser. Vim buscá-la e você vai comigo, de qualquer maneira. Não posso sair sozinho. Preciso de alguém com quem conversar, com quem distrair-me. E tem que ser você, porque foi por você que eu acabei de fazer o que fiz. Vá arrumar sua mala, depressa. Não podemos perder tempo.

LAILA - Mas Reginaldo, stino, por favor. Isso pode até se comprometer. Como é que eu posso sair assim, de uma hora para outra, sem qualquer explicação?

REGINALDO - Dona Teresa é sua amiga, não irá comprometê-la. Ou se acha que isto possa acontecer, deixe-lhe um bilhete, dizendo-lhe que seu irmão veio buscá-la, durante a noite, porque sua caminhada está às portas da morte, ou vice-versa. Sei lá, você tem bastante imaginação para inventar uma história qualquer que justifique a sua bruca partida. Vamos, vamos, não podemos perder tempo.



LAILA - Que coisa louca! Se ao menos você me tivesse dito isto, antes, eu teria preparado tudo com tempo. Agora... tudo assim correndo...

REGINALDO - Tome. Aqui tem caneta e papel. Escreva qualquer coisa. O que achar mais convincente. Vámo, vamos... não perse tanto. É inútil resistir porque você irá comigo de qualquer maneira. Não estou mais disposto a esperar.

LAILA - Espere, homem. Como posso pensar no que vou escrever, se você fica aí me tracando os meus ouvidos?

G/REGRA - RUIDO DE CANETA NO PAPEL.

LAILA - (ESCREVENDO E REPETI-DO ALTO) Dona Teresa. Durante a noite... fui surpreendida... com a visita do meu cunhado... Minha irmã... está a morte... Fui de automóvel com ele... para chegar a tempo... Depois mandarei dizer à senhora... se poderei voltar... e quando... Desculpe esta surpresa... com a qual... nem eu pensava... Deixe-lhe o meu abraço... e o meu muito obrigada... Laila. (TOM) Pronto, o bilhete está pronto. Agora vou arrumar a mala, num instante e podemos ir. Arrumar não é bem o termo. Vou socar tudo dentro da mala, porque quanto mais cedo sairmos, menos risco correremos, tanto mais que o veículo foi todo lá perto da boate e já devem ter encontrado os corpos.

REGINALDO - Isto mesmo. Soque tudo dentro da mala e vamos. Se faltar alguma coisa a gente compra pelo caminho.

TÔNICA - PASSAGEM MUSICAL PU-DE CONS- O DE IGREJA, AO LO-GE, BADAIA-DO, LE-TEAM-TE AS CI-CO HORAS DA MADRUGADA.

LEOPOLDINA - Que horror, Eudoxia. Cinco horas da manhã e seu Rafael não aparece. Logo hoje que papai resolveu fugir durante a noite, coisa que nunca fez.

EUDOXIA - Seu Rafael num devia de tê saído a procura dele. Num devia. Hoje num é você pra uma pessoa que tá ameaçada ainda por aí procurando ninguém. Aninhã de manhã, saia e procurava.

LEOPOLDINA - Coitado, ele fez de bom. Me viu tão aflita, resolveu ir atrás de papai.

EUDOXIA - Praquê ele num foi e automóvel é que eu num tô sabendo.

LEOPOLDINA - Porque o automóvel esguichou. Não houve meio de motor pegar. Bem que ele quis, coitado. Passou, fassou e quando viu que não dava mesmo saiu a pé. Eu ainda disse a ele que não fosse, que era perigoso, mas ele deu de ombros e foi, do mesmo jeito.

EUDOXIA - Nossa Senhora do Perpétuo Socorro tenha compaixão de nós e não permita que tenha acontecido nada pro ele. Um home tão bom e tanta gente de São Paulo riba dele. Sumoê já viu isso?



LEOPOLDINA - Justamente porque ele é bom. Se não prestasse, ninguém ligava.

TÉCNICA - CACHORRO LATANDO EM 3ª PLANO.

EUDOXIA - Óia os cachorro latando lá fora. Será que é ele que tá voltando? Capaz.

LEOPOLDINA - Não dá para se ver nada. E pela distancia dos latidos, eles devem estar lá no portão da entrada. Vamos esperar um pouco mais que já ficaremos sabendo. Tomara que ele volte e traga papai.

EUDOXIA - Pra seu Miguel num acontece nada, Leopoldina. Todo mundo sabe que ele é dilirado das indéia, ninguém vai fazer mal pro ele. O seu Rafael é que a gente tem medo. Inda mais hoje, que o diabo anda sorto lá fora.

LEOPOLDINA - Se entrou alguém no portão, está demorando muito a aparecer lá no começo da alameda.

TÉCNICA - VAI RETIRAR DO OS CACHORROS LATANDO.

EUDOXIA - Deve de ser o patrão. Os cachorro pararam de lati.

LEOPOLDINA - Eu estou cuidando aqui da janela. Quando a pessoa aparecer lá no fundo eu já posso dizer quem é. E só ela passar em baixo da primeira lâmpada.

EUDOXIA - Tá demorando, num tá, não?

LEOPOLDINA - Está sim. (PAUSA, TOM RÁPIDO) É o patrão, graças a Deus que ele chegou. Mas vem sosinho. Acho que não encontrou o papai.

EUDOXIA - Ou entouce encontrô e ele num quiz voltar. Seu Miguel quando arreborve curtaria a gente... sai um pé. Só memo pegando ele a força, doutro jeito num vai. É a força o patrão num ia pegá.

LEOPOLDINA - Ele já vem mais perto. Já me viu aqui na janela. Está olhando para cá. Vou abrir a porta aqui da sala, para ele não ter que fazer a volta.

C/REGRA - PASSOS DE LEOPOLDINA E PORTA QUE ABRE COM VOLTA DA CHAVE. PAUSA. PASSOS SE APROXIMAM EM CENELTOR SOBEM DOIS OU TRES DEGRÊS. PASSAM A MADRUGADA.

RAFAEL - Puxa vida! Sem querer saber o que nos aconteceu.

LEOPOLDINA - E papai? Onde está ele?

RAFAEL - Espere, já vou contar. Fui encontrar seu pai lá perto do posto de gasolina, exatamente perto do sobrado. Quando ia segurá-lo, ouvi tiros e tratei de me atirar no chão. Procurei também derrubar seu pai, mas não consegui.

LEOPOLDINA - E que houve com ele? Diga, por favor, seu Rafael. Que houve com ele? Será que o mataram? Não me engane, por favor.

RAFAEL - Não, não... Ele não morreu mas foi ferido num braço.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

LEOPOLDINA - Meu Deus! E onde é que ele está? Onde o deixou, patrão? Diga, diga.

RAFAEL - Ele está no hospital, onde foi muito bem atendido, mas não pode voltar para casa. Vai ter que ficar lá uns oito ou dez dias. Mas está bem, felizmente.



LEOPOLDINA

LEOPOLDINA - E quem disparou os tiros, o senhor não viu?

RAFAEL - Os tiros vieram de dentro de um automóvel que estava parado perto da bomba de gasolina, mas a pessoa que fez os disparos, infelizmente, eu não pude ver. Não queria me mexer, para que ele pensasse que eu estava morto.

FONICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

FONICA - PASSAGEM MUSICAL

RAFAEL - Os tiros vieram de dentro de um automóvel que estava parado perto da bomba de gasolina, mas a pessoa que fez os disparos, infelizmente, eu não pude ver. Não queria me mexer para que ele pensasse que eu estava morto.

LEOPOLDINA - E papai? Caiu, logo que recebeu o tiro?

RAFAEL - Sim. Pense que ficou estonteado... cambaleou e caiu bem perto de mim. O criminoso ainda nos deu mais dois tiros, mas por felicidade eles não nos atingiram. Ai senti quando o carro arrancou numa disparada louca e se foi. Pedi então o auxílio do rapaz da bomba de gasolina e transportamos seu pai para o Hospital na mesma hora. Lá, imediatamente o doutor Brayão fez a extração da bala e quando já ele estava de volta no quarto mas ainda sob a influência da anestesia.

LEOPOLDINA - Eu quero ver papai, seu Rafael. Será que posso?

RAFAEL - Claro. Eu vim exatamente buscar você porque quero que veja com os seus olhos que ele está bem e que eu não estou mentindo. Vá botar seu vestido e vamos. O automóvel do Severino está lá fora do portão, esperando por nós.

FONICA - PASSAGEM MUSICAL.

TEREZA - Você viu quanto coisa sucedeu esta noite, ~~XXXXX~~ Joana?

JOANA - Ja ouvi falar, dona Tereza. Disse que saiu briga na tal de boate e que um homem foi baleado, não é?

TEREZA - Não sei, não. Não sabia de nada disto. Estou falando aqui no Grupo.

JOANA - Aqui no Grupo? O que foi que aconteceu aqui no Grupo que eu não sei nada?

TEREZA - Laila foi embora. Vieram buscá-la, durante a noite. Sua irmã está a morte e o cunhado veio às pressas. Deixou-me este bilhete. Veja.

JOANA - Deixe botar meus óculos.

TEREZA - Ela não quis me acordar, naturalmente porque achou que iria abarrecer-me mas num caso como este não teria importância. A gente vê que tudo foi feito às disparadas. Pela letra do bilhete pode-se muito bem notar.

JOANA - (DEPOIS DE PAUSA, PENSATIVA) É... que coisa esgocada...



TEREZA - Engraçada? Você acha engraçado uma pessoa ter que viajar às pressas porque uma irmã está às portas da morte? Você tem cada coisa, Joana. Eu não sei onde é que está a graça.

JOANA - Não, não... não é isto, dona Tereza. O que eu estou achando engraçada é outra coisa.

TEREZA - E que coisa é? Posso saber?

JOANA - Não é nada, não, Dona Tereza. Às vezes a gente pensa bobagens, é isto.

TEREZA - Bem... já que hoje vou ter que tomar conta da aula dela, vou tratar de fazer tudo que é meu mais cedo que de costume.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM E SE PERDEM.

JOANA - (meia voz, depois de pausa) É muita coincidência! Será que o homem baloado foi seu Rafael? Se foi, então eu não tenho mais dúvidas. Logo que terminarem as aulas vou dar uma volta pela vila, para saber direitinho as novidades. E conforme for... Eu não queria me comprometer, mas se ela fez qualquer coisa ao seu Rafael, vai ter.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

SARAH - (TOM DE FOFOCA EM SEGREDO) Dona Ângela, a senhora já soube da grande novidade que está correndo pela vila, desde cedo?

ANGELA - Não, dona Sarah, eu hoje ainda não sei, de formas que não sei de nada.

SARAH - O rapaz da bomba de gasolina contou ao meu fornecedor de verduras que houve um tiroteio lá perto da bomba. Que seu Rafael ia sair da tal boate que estreou ontem e um outro, por questão de mulheres, alvejou-o. Disse que ele teve uma sorte que a bala em vez de acertar nele, acertou no empregado que estava à espera dele para levá-lo para casa.

ANGELA - É mesmo, dona Sarah?! E será mesmo que foi por questão de mulheres?

SARAH - Bem... foi o que o rapaz disse ao meu fornecedor e o meu fornecedor, por sua vez disse a mim. Eu estou vendendo o peixe pelo preço que comprei, mas a verdade é que tudo se passou às duas horas da manhã. E o que estaria ele fazendo por lá a essa hora? A gente tem que pensar que é verdade; não é mesmo? Por maior boa vontade que se tenha, parece que os fatos estão falando de sínhos. Ainda mais que ontem era a festa de estreia da tal boate, eu acho que não houve rapaz que deixasse de ir.

ANGELA - É... a senhora tem razão... e ele, como solteiro que é, também está no seu direito. Mas como explicar tudo isto à Simone? Ela não vai poder entender.

SARAH - A senhora acha que ela vai brigar com ele por causa disto?

ANGELA - Acho, não. Tenho certeza absoluta. Ela não vai nem entender que ele estava no seu direito de rapaz solteiro. Vai se considerar traído.



SARAH - Que pena! Tuó ia tão bem encaixado entre eles, não é mesmo? E se a senhora convencesse Simone a fingir que não sabia de nada, como ela ve nha a saber?

ANGELA - Não conseguirei. Simone é sem por cento autêntica. Não sabe fingir. Mes mo que se prejudique, não pode deixar de dizer o que acha, o que pensa e o que sente. O pai era assim, tal qual. Prejudicou-se muito por isto.

SARAH - É... então não vai ter jeito. A não ser que, por muita sorte, ela real- mente não venha a saber. Mas isso aqui é uma terra de gente muito fofa- queira. Não vai deixar de aparecer alguém que lhe conte o que sabe e o que não sabe. Imagine que o fato se passou entre duas e duas e meia da manhã. Pois bem... quando eu fui comprar as verduras, às sete e meia, já o forne- cedor me contou tudo com detalhes. Disse que o rapaz da bomba até ajudou seu Rafael a levar o empregado ferido para o hospital. Que a operação la vou duas horas. Tudo, tudo o fornecedor sabia e já contou para mim e pa ra uns três ou quatro fregueses que estava ali. A esta hora a vila inteir ra deve estar sabendo. Simone onde está?

ANGELA - Na casa caubrica, como sempre. Talvez a este hora até já saiba de tudo.

SARAH - Mas se por acaso não souber, se por obra de Deus não tiver aparecido lá nenhuma fofqueira para lhe contar, não lhe diga a senhora também.

ANGELA - Eu, por mim, não lhe diria, mas tenho certeza absoluta de que ela já vai chegar em casa sabendo o que houve e o que não houve. Vamos esperar.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

DEMETRIO - Você não apareceu na casa caubrica, Simone ficou muito preocupada com a sua ausência e eu então prometi a ela que viria até à sua casa para sa- ber o que havia acontecido com você.

RAFAEL - Já não chegaram aos seus ouvidos rumores do que se passou comigo esta madrugada?

DEMETRIO - Bem... eu não vou dizer a você que não chegaram, mas quero sa ber a ver- da de para isto que estou aqui. Você sabe como é... quem conta um con- to acrescenta um ponto e o fato, em si, já dev ter chegado a mim comple- tamente deturpado.

RAFAEL - A verdade foi a seguinte: eu estava ouvindo uns discos de minha prefe- rência, deveria ser treze horas, mais ou menos, quando Leopoldina me apareceu, lívida, dizendo que seu pai não estava no quarto nem em toda a casa. A porta da cozinha estava apenas encostada, o que fazia crer que ele havia fugido para a rua. Diante do desespero da coitada, resolvi procurar seu Miguel. Primeiro em toda a redondeza da casa e depois, com



RAFAEL - (COSTILHAÇÃO) o portão de ferro do jardim estivesse também encostado, fui à garagem para procurá-lo de carro. O carro enguiçou e não houve meios de pegar. Desci a pé, apenas com uma lanterna na mão.

DEMETRIO - Que temeridade! Aqui não se pode andar de noite sem uma arma, Rafael.

RAFAEL - Quando j'á tinha entrado na vila, pareceu-me ver seu Miguel numa boca de rua, atravessando. Dirigi-me para ele, o mais rapidamente possível. Na altura da bomba de gasolina, um pouco depois, quando tive a certeza absoluta que era ele e ia tocá-lo, vi dispararem um revólver, de dentro de um automóvel estacionado ao virar a esquina. Imediatamente atirei-me ao chão e procurei derrubar também seu Miguel, na ideia de salvá-lo. Mas ele não caiu, ficou cambaleando. Ouvi mais dois tiros e seu Miguel caiu. O automóvel arrancou a toda velocidade e eu então levantei e fui socorrer seu Miguel. Fui à <sup>bomba</sup> ~~gasolina~~, acordei o rapaz que estava dormindo, pedi que ele me ajudasse e juntos levamos seu Miguel para o Hospital. Lá fiquei até que terminasse a operação dele. Eram cinco horas da manhã, quando cheguei em casa para buscar Leopoldina. Eis aí tudo que se passou, padre.

DEMETRIO - E você sabe o que dizem?

RAFAEL - Não sei, mas imagino. No mínimo eu fui à estreia da boate e briguei por causa de mulheres. Na briga quasi fui baleado.

DEMETRIO - Justo. É exatamente isto que todos dizem.

RAFAEL - Mas o senhor acredita em mim, não acredita, Padre?

DEMETRIO - Claro que acredito. Eu acredito, mas a questão principal aqui é outra. Simone acreditará? E esta hora ela já deve ter sabido dos boatos e podemos nós imaginar que efeito terão produzido sobre o seu smante e ingênuo coração? Eu estou muito preocupado com o resultado de tudo isto, meu caro. Muito preocupado.

RAFAEL - Mas Simone terá que acreditar em mim também, padre. Ela sabe que eu digo sempre a verdade. Que não minta. Portanto, não há razão de dar ouvidos a conversas ~~inverídicas~~ quando a verdade que lhe ~~certo~~ é muito diferente.

DEMETRIO - Meu caro, em matéria de amar as mulheres não sempre cismetas. E se não fossem... não sentiriam amor. Além disto, h'á ainda uma outra coisa: o seu amor próprio. Bem, mas enfim nós estamos apenas levantando hipóteses. Não sabemos ao certo qual será a sua verdadeira reacção. Eu vim saber de tudo, para poder argumetar em seu favor. É o que vou fazer. Depois mandarei dizer a você: venha... ou não venha.

RAFAEL - Venha... ou não venha? Não, não, Padre, não pode ser, não pode ser. Eu não quero perder Simone, não quero!



DEMETRÍO - Eu também não gostarei que você a perca, meu filho, mas, infelizmente... não se pode falar em nome de um coração alheio... principalmente si esse coração é um coração de mulher!

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL FORTE, FUJDE COM CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA FINAL DO CAPÍTULO.



S O L I D A O

- novela de Érico Cramer -

408 CAPITULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

DEMETRIO - Meu caro, em matéria de amor as mulheres são sempre ciumentas. E se não fossem... não sentiriam amor. Além disto há, ainda, uma outra coisa: o seu amor próprio. Bem, mas enfim nós estamos, apenas, levantando hipóteses. Não sabemos, ao certo, qual será a sua verdadeira reação. Eu vim saber de tudo, justamente para poder argumentar em seu favor. É o que vou fazer. Depois mandarei dizer a você: venha... ou não venha.

RAPHAEL - Venha... ou não venha? Não, não, Padre. Não pode ser, não pode ser! Eu não quero perder Simone, não quero!

DEMETRIO - Eu também não gostarei que você a perca, meu filho, mas infelizmente... não se pode falar em nome de um coração alheio... principalmente si esse coração é um coração de mulher!...

RAPHAEL - Não posso compreender, nem aceitar, que, como prêmio de uma boa ação, eu seja prejudicado no meu afeto mais caro. Si Deus permite isso, que espécie de Deus éle é?

DEMETRIO - Deus é sempre bom e sábio. E mesmo as coisas que nos parecem injustas, têm a sua razão de ser. Mas vamos, rapaz, não se desesperar antes do tempo. Deixe-me falar com Simone, primeiro e saber o que ela está pensando a respeito dos fatos.

RAPHAEL - Então vá de uma vez, Padre Demétrio. Vá de uma vez e mande me dizer quando e onde, assim que lhe for possível. Ou quem sabe eu irei mais tarde à casa canônica para saber do senhor?

DEMETRIO - Se você foi alvejado, não convém que se exponha, pelo menos nos primeiros dias. Deixe que eu darei um jeito de mandar-lhe um recado. Não me faltarão portadores. Um dos operários da obra mora cá para os seus lados, posso pedir a ele que lhe traga um bilhete.

RAPHAEL - Muito bem, estão aqui isto que eu ficarei aguardando, ansiosamente, o seu chamado.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

ANGELA - O Padre Demétrio falou comigo, minha filha. Ele acha que você deve receber seu Rafael e conversar com ele. Que você não pode nem deve despachá-lo, simplesmente, como se despacha a um João ninguém.

SIMONE - Que importaria isso, si ele procedeu comigo da mesma forma que um João ninguém?



ANGELA - Não se pode saber, minha filha. Essa gente fala demais e diz como certas  
as coisas que não viu.

SIMONE - Mãe, a senhora acha possível que todo mundo diga a mesma coisa e só ele  
conte os fatos de maneira diferente? Francamente! É querer iludir-se.

ANGELA - Minha filha, você acha que um honra como seu Rafael, que até agora se mos-  
trou tão correto em tudo, fôsse contar ao Padre Demétrio - um sacerdote,  
atente bem - uma mentira qualquer, para justificar-se? E mais: ele diz  
que saiu à procura do velho empregado de mente que fugira de casa, deixan-  
do a filha desesperada. O empregado está no hospital, realmente. Está fe-  
rido no braço como ele contou. O Padre Demétrio foi lá e viu. A emprega-  
da disse ao Padre que seu Rafael estava em casa, ouvindo música, nem pen-  
sava em sair... Tudo isto deve ser considerado, também, minha filha.

SIMONE - Mas quem contou o fato a todo o mundo foi o rapaz da bomba de gasolina,  
que ajudou Rafael a levar o empregado para o Hospital. Alguém pode saber  
melhor do que ele?

ANGELA - Rafael disse ao Padre Demétrio que o rapaz estava dormindo, quando tudo  
aconteceu. Que ele mesmo foi acordá-lo para que o ajudasse a levar o feri-  
do ao hospital. Logo... si ele estava dormindo... como poderia afirmar  
que seu Rafael saíra do sobrado?

SIMONE - E por que ele não deu parte ao delegado do que sucedeu? Ficou quieto. O  
delegado mesmo foi lá saber do rapaz e que tinha havido porque até aquele  
momento - eram onze hora da manhã - não tinha recebido queixa alguma. Is-  
to só pode fazer a gente pensar que ele não deu queixa porque estava com  
culpa. Não, mãe, eu não posso aceitar as coisas do modo que a senhora  
pretende. Não sou orgulhosa, a senhora sabe, mas também não me presto ao  
papel de todo mundo fazer troça de mim por ser enganada por uma mulher  
viva sem condições.

ANGELA - Mas ao menos faça a vontade do Padre Demétrio e reciba seu Rafael. Fale  
com ele. Depois tome a atitude que o seu coração lhe pedir, pronto.

SIMONE - Está bem, se a senhora acha que isto vai satisfazer ao Padre Demétrio,  
pode dizer a ele que eu estou disposta a conversar com Rafael mas que não  
espere muito dessa entrevista porque eu me sinto muito ferida no meu  
amor próprio de mulher e não sei se que resultará ~~xxxxxxxxxxxxxxxx~~ este  
nosso encontro. Tanto pode resultar bem, como mal.

ANGELA - Está bem, minha filha. Vou falar com ele agora mesmo para lhe dar esta  
notícia. Tenha certeza que ela vai dar uma grande alegria ao bom sacer-  
dote.







RAPHAEL - O Padre Demétrio me disse que você havia concordado em que eu viesse pessoalmente dar-lhe uma explicação dos desagradáveis fatos em que me vi injustamente envolvido e eu quero, antes de tudo, agradecer-lhe esta oportunidade que me concedeu.

SIMONE - Agradecer por quê? A todos os criminosos se concede o direito de defesa.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL PORTE.

RAPHAEL - Simone, pela sua maneira de falar sinto que você está malandrada comigo e

SIMONE - (CORTA) Malandrada não é bem o termo. Estou desencantada. É outra coisa. Talvez muito mais dolorosa.

RAPHAEL - Mas você não deve precipitar as coisas, Simone. Deixe que eu explique, tal como se passaram.

SIMONE - Não é a mesma história que você contou ao Padre Demétrio? Si é excusa repetir porque eu já sei. O padre já me disse toda.

RAPHAEL - E você não acreditou? Preferiu dar ouvidos à maledicência? Não faça isto, por Deus, Simone. Pense que os nossos desafetos desejam justamente isto, e por isto inventaram tudo porque eles não viram nada.

SIMONE - Quem contou aos nossos desafetos foi uma pessoa que viu. O rapaz da bomba de gasolina que auxiliou você.

RAPHAEL - E quem disse que ele viu, se quando fui chamá-lo parecia a sono solto? Se até contou-me um pouco acordá-lo.

SIMONE - Um detalhe muito interessante e que eu ainda não consegui entender muito bem, foi a razão porque você não apresentou queixa na polícia. Isto revela sabe o que? Medo de comprometer-se mais.

RAPHAEL - Não tive outra intenção - e isso posso jurar pela memória de minha mãe - de que procurar evitar o escândalo. De todo o modo já sei, de antemão, que a polícia não vai mesmo descobrir nunca o criminoso, então entendi que muito melhor seria silenciar. Mas parece que o tal rapaz da bomba de gasolina se encarregou de espalhar o fato pela vila inteira. E o pior é que bem ao seu modo, ~~sem~~ respeitar qualquer parcela de autenticidade.

SIMONE - É pena, realmente. Eu gostaria de acreditar em você, mas não consigo. Meu coração parece que arde numa fogueira de dúvidas e desencantos.

RAPHAEL - Simone, eu juro a você que não tenho nenhuma culpa no que se propala. Procure acreditar em mim para o nosso bem, para a nossa felicidade.

SIMONE - A nossa felicidade! Eu não nasci para ser feliz, Rafael.

RAPHAEL - É por que não? Não procure atirar ao destino uma culpa que cabe exclusivamente a você. Ninguém foi, ninguém é e ninguém será tão má como você. Se quer fechar a porta do seu coração à felicidade, feche-o, mas sua culpa



RAFAEL - (CONTIUAÇÃO) a vida nem a mim, porque a culpa é sua. Somente sua e da sua desconfiança.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

RAFAEL - ninguém foi... ninguém é... e ninguém será tão usada como você. Se quer fechar a porta do seu coração à felicidade, faça-o, mas sem cupar a vida nem a mim, porque a culpa é sua. Somente sua e da sua desconfiança.

SIMONE - Ouça, Rafael: a minha vida inteira, desde que me entendi por gente, foi pautada pelas imposições do coração. Sempre obedeci cegamente a tudo quanto Ele me ordenou e nunca, até hoje, nunca, tive um só instante de arrependimento. Meu coração não quer admitir a sua inocência e por mais que você repita os seus motivos Ele os rejeita. Não posso fazer nada. Costaria de transigir, mas não posso. Não poderia ser mais a mesma com você e você não se sentiria mais feliz perto de mim. Portanto... deixe-me obedecê-lo. Deixe-me viver como sempre vivi. Não lhe faltarão moças boas e dignas. Você poderá encontrar, ainda a felicidade que a vida tem primado em me negar.

RAFAEL - (VENCIDO E TRISTÍSSIMO) Está bem, Simone. Diante do que você acaba de me revelar, não posso continuar insistindo. Neste momento a felicidade morreu para mim e a única coisa que me resta fazer é voltar à minha antiga solidão, mais martirizado e mais desconfiado de que antes. Adeus.

G/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO.

SIMONE - (VOZ DE CHORO) Adeus! (DEPOIS QUE A PORTA BATE DESATA A CHORAR PERDIDAMENTE).

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

DELEGADO - Mandei chamá-la para uns esclarecimentos sobre uns fatos que sucederam na noite da inauguração da sua festa. Vou lhe fazer algumas perguntas.

MANOÁ - Sim senhor. Pode fazer. O que eu souber, eu respondo.

DELEGADO - ~~Se~~ Rafael esteve lá na inauguração da casa?

MANOÁ - Não senhor. Lá dentro não pisou. E posso lhe afirmar com segurança, por que fiquei no alto da escada recebendo todas as pessoas que chegavam. Ele não foi.

DELEGADO - No momento em que se deu a agressão, ou momentos antes, saiu alguém da sua casa para a rua?

MANOÁ - Também não, senhor. Antes de terminar o show, o que aconteceu às três horas da manhã, ninguém saiu. Ninguém mesmo.

DELEGADO - E a senhora ouviu os tiros que foram disparados contra ele?



MANOÁ - Não era possível ouvir. Segundo disseram, a agressão ocorreu entre as duas e três horas, exatamente quando o show estava em andamento. Com a música, os aplausos, as vozes, ninguém poderia escutar nada do que se passasse na rua. A não ser uma explosão de uma bomba ou coisa semelhante.

DELEGADO - A versão que chegou até aqui foi a de que seu Rafael saiu da boate, ou de tivera uma diferença com outro por causa de uma das mulheres, e que o outro seguia-lhe os passos. Na esquinas encontraram-se, altercaram novamente e o outro descarregou-lhe o revólver em cima, com tanto azar ou nervosismo, que não lhe acertou nem uma bala.

MANOÁ - Posso lhe garantir que isso não é verdade. Primeiro porque seu Rafael não compareceu à estreia da minha boate, embora tivesse recebido convite, segundo porque não houve alteração nenhuma lá dentro, felizmente e terceiro porque, como já lhe disse, na hora em que tudo aconteceu, não saiu ninguém lá de dentro. Os primeiros que saíram eram já quasi quatro horas da manhã. Nem ficaram sabendo do que aconteceu ainda no dia seguinte à tarde.

DELEGADO - Muito bem. As suas declarações vão ser comparadas com outras que já foram tomadas e com algumas que ainda o serão e, no caso de alguma dúvida, é possível que seja chamada a depor outra vez.

MANOÁ - Quando o senhor quiser é só mandar me chamar, mas pode saber, desde já, que há de ser para repetir o que já disse, porque outra coisa não poderei dizer.

#### TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

EUDOXIA - Agora que você chegou do hospital, Leopoldina? Veio mais tarde, hoje?

LEOPOLDINA - É verdade. Ele hoje estava com muitas dores e não queria me deixar vir embora. Tive que esperar que a enfermeira lhe desse uma injeção e só depois que ele dormiu consegui escapar.

EUDOXIA - Coitado do seu Miguel! Que disse, entonce, que ele num tá não?

LEOPOLDINA - Deve estar, porque os médicos todos dizem que sim, as enfermeiras também, mas o tempo parece que tem grande influência e quando está carregado para cima, como hoje, as dores aumentam muito. O doutor Barreto me disse que está meio preocupado porque acha que o copo de ficar com um defeito no braço.

EUDOXIA - Dos máis e mais, sabe Leopoldina? Mais este ficou com defeito no braço do que morreu, sabe num acha? Pois então bemo aliviada as mão pro céu e dá graças a Deus Nosso Senhor que ele vai se curar.

LEOPOLDINA - É isto mesmo, Rosa Eudoxia. Dos males, o menor.

EUDOXIA - E depois se dissesse que ele porois do braço pra trabalhar, mas ele num faz nada mesmo. Dêis que dá pra arrumada a gente já deve de ficar content



LEOPOLDINA - É isto mesmo. E eu estou contente, Eudoxia, pode acreditar. O que me preocupa, agora, não é o meu pai. É o patrão. Dizem que por causa dessa história toda a namorada brigou com ele

EUDOXIA - Por isso que ele tá daquele jeito que parece cachorro que levou pedrada. A gente fala as coisa com ele e ele parece que nem um tá ouvindo e que a gente diz. Coitado do patrão. Ele estava tão satisfeito que fazia gosto vê.

LEOPOLDINA - É tudo por causa da fuga do papai. Eu até tinha vontade de ir falar com a moça e explicar para ela porque tudo aconteceu.

EUDOXIA - Será que o patrão ia gostar de você fazê isso?

LEOPOLDINA - Pois eu não sei. Acho que se tiver oportunidade vou falar a ele. Si ele concordar, estou pronta a ir procurá-la e explicat-lhe tudo.

EUDOXIA - Hoje você não fala que ele nem tá nem ouvindo e que a gente diz. Deixa pra amanhã, si ele tivê um mudadinho mais miê do que hoje.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

DELEGADO - O que eu extranei foi que o senhor não tivesse vindo logo aqui, comunicar-me o ocorrido. Afinal de contas, era um caso de minha inteira alçada.

RAFAEL - Sem dúvida. Acontece que não vi quem foi, não havia ninguém para testemunhar o fato, sabia que o senhor não teria elementos para descobrir o autor e, mais que tudo isto, não imaginei que o caso pudesse ter a repercussão que teve e desejei evitar um escândalo que poderia vir a prejudicarme, o que, em realidade aconteceu.

DELEGADO - Mas o rapaz da bomba de gasolina, que foi quem se encarregou de espalhar o fato pela villa inteira, não poderia servir-lhe de testemunha?

RAFAEL - Não, porque dormia a sono solto quando fui chamá-lo para que me auxiliasse a transportar Miguel para o hospital.

DELEGADO - Mas então esse rapaz é pior que lavadeira e temer que dar-lhe uma lição pare que aprenda a ter mais respeito pela verdade.

RAFAEL - Deixe-o lá. Ele nem sabe o que fez. Um pobre qualquer... nascido e criado sabe Deus como... Até que faz muito trabalho para manter-se.

DELEGADO - Não, não... mas não vou deixar, não. Vou dar-lhe uma lição em seu próprio benefício. Ele precisa aprender que não se pode afirmar aquilo que não se viu. Hoje mesmo vou mandar chamá-lo novamente aqui e adverti-lo.

RAFAEL - Não por minha causa, porque o mal que ele poderia me fazer, já fez. Por seu pensar... sem medir suas palavras, sem ativar com as consequências das suas afirmações... mas fez. E agora, nada mais me adiantará que ele volte atrás e se retrate. Não faltará quem diga que o comprei.



- DELEGADO - De suas palavras eu deduzo que o senhor foi fortemente atingido e prejudicado pelo escândalo?
- RAPHAEL - Sim. E fui atingido naquilo que tinha de mais precioso que era o meu amor. Mas de tudo isto eu também deduzo uma única coisa: quando vim ao mundo, Deus - eu seja lá quem vos dá vida - determinou que eu teria de viver em eterna e completa solidão!

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

- TEREZA - Não chegou carta alguma, Joana? O carteiro já passou?
- JOANA - Passou, sim senhora. Não trouxe nada, não. A senhora está esperando alguma notícia importante?
- TEREZA - Quero notícias de Laila. Preciso saber se ela volta, ou não volta, porque então vou providenciar em arrumar uma outra professora. Não posso ficar indefinidamente, atendendo os alunos da aula dela quando sou diretora do Grupo. Laila está abusando de minha complacência.
- JOANA - Por que a senhora não escreve uma carta pra casa da irmã dela?
- TEREZA - Porque ela não me deixou nem o endereço. Si eu tivesse o endereço, eu crevia. Ela foi embora da vida pra o dia, sem ninguém esperar...
- JOANA - Eu, se fôsse a senhora, não esperava a dona Laila, não. Tratava logo de arrumar outra professora e me esquecia dela.
- TEREZA - Por que dizes isto? Tã sabe de alguma coisa? Ouviste alguma coisa a respeito? Se ouviste certa, porque eu não quero ficar aqui, fazendo papel de bobá. Fala, vamos. O que é que tu ouviste? O que é que sabes?
- JOANA - Bom, quer dizer... saber, mesmo, eu não posso dizer que saiba. Mas tem coisas que a gente está vendo que não são como contam pra gente, não é?
- TEREZA - Joana, tu estás muito misteriosa e eu tenho horror a mistérios. Gosto das coisas claras. Tu quer saber e exige que me digas, a razão porque me aconselhas a não esperar por Laila e tratar de pedir uma outra professora para o seu lugar.
- JOANA - Dona Tereza, a senhora não é criança, mas eu sou muito mais velha que a senhora e já passei muito trabalho na minha vida. Sempre ouvi dizer que em boca fechada não entra mosca e por isso prefiro ter a minha boca fechada do que arriscar-me a uma vingança, amanhã, por ter batido com a língua nos dentes. Assim como eu vi tanta coisa, a senhora, se não viu, foi porque não quis. E sen eu, agora, que vou lhe contar? Eu não.
- TEREZA - Então preferes que eu fique zangada contigo? Tô já me vindo zangada e sei de que sou capaz, quando estou assim. Responde-me que te pergunto. Preferes sofrer as consequências da minha zanga?
- TÉCNICA - EPISÓDIO MUSICAL FU-DE COM CARACTERÍSTICA PARA E-CORRAME-TO.



S O L I D A O

- novela de Eric Cramer -

418 CAPITULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

JOANA - Dona Tereza, a senhora não é criança, mas eu sou muito mais velha que a senhora e já passei muito trabalho na minha vida. Sempre ouvi dizer que em boca fechada não entra mosca e por isso prefiro ter a minha boca fechada do que arriscar-me a uma vingança, amanhã, por ter batido com a língua nos dentes. Assim como eu vi tanta coisa, a senhora, se não viu, foi porque não quis. E sou eu, agora, que vou lhe cortar? Eu não.

TEREZA - Então preferes que eu fique zangada contigo? Tu já me viste zangada e sabes de que sou capaz, quando estou assim. Responde ao que te pergunto. Preferes sofrer as consequências da minha zanga?

JOANA - Não, dona Tereza, isso não. Eu justamente quero é não me incomodar. Si eu digo para a senhora o que sei e a senhora amanhã repete pra ela, a senhora pensa que ela não vai se vingar de mim? Mas vem tua dúvida. São fadas contadas. A dona Laila não é desse mundo, a senhora sabe.

TEREZA - Sei, sim, e por isso mesmo até desejo que ela não volte. De jeito que ela estava procedendo, ia acabar por se comprometer.

JOANA - Ah is. E se eu não fosse uma mulher melrosa, como sou, e tivesse aberto a minha boca pra dizer o que estava acontecendo aqui dentro, acho que vem ela vem a senhora estariam mais aqui e que eu também já não estaria mais neste mundo.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

TEREZA - Mas então tu sabias de todas as coisas mal feitas que ela fazia, Joana?

JOANA - Claro. Pois graças a Deus eu não sou cega nem surda... Sabia de tudo, tu de que se passava aqui dentro. E não é que eu ouvisse escutando pelas portas, não. Aquela mulher parece que não tem medo de nada. Falava tudo bem alto, fazia tudo quasi às claras... mesmo que a gente quizesse ignorar os fatos, não podia. Tinha que tomar conhecimento dele.

TEREZA - Então aquelas coisas todas que ele me contava... tu sabias?

JOANA - Claro que sabia. Então não ia saber?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL EM FUADO, DESDE A PALAVRA "SABIA".

TEREZA - (DEPOIS DE PAUSA) Mas nunca falaste para ninguém; falaste?

JOANA - Pois eu já não lhe disse que não falei porque tinha medo? Se eu tivesse falado, nós não estavamos aqui conversando, agora. Ela já teria mandado



JOANA - (CO-TIQUAÇÃO) me matar, como matou a outras que ainda estão vivas porque Deus não queria que eles morressem.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

TEREZA - Joana, cuidado! O que você está dizendo é muito sério. Não repita isto.

JOANA - Pode ser sério e eu não vou repetir, mas a senhora sabe, muito bem, que é verdade. E se posso dar um conselho à senhora eu vou lhe dar: largue essa mulher de mão que é muito mais negócio para a senhora. Trate de mandar vir uma outra professora e se esqueça que dona Laila ainda existe.

TEREZA - Se tu me dizes isto é porque tens certeza de que ela não volta.

JOANA - E não volta, mesmo. Ela não foi por causa de irmã, coisa nenhuma. Ela foi embora com o homem aquele que a senhora sabe que dormiu aí uma porção de noites.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

JOANA - Está aí, viu? Eu não queria dizer e acabei dizendo. E olhe que eu seguro a minha língua, mas ela agora me traiu.

TEREZA - (DEPOIS DE PAUSA) Joana, tá tens certeza absoluta de que acabaste de me dizer? É mesmo verdade que ela foi embora com ele?

JOANA - Eu alguma vez lhe disse alguma coisa que não fosse? Estou lhe dizendo por que ouvi tudo. Ele me acordou, quando bateu, eu fiquei prestando atenção e ouvi toda a conversa dos dois. Ele disse que já tinha mandado o homem para o outro lado e que ela tinha que ir com ele. Ela não estava querendo muito mas ele insistia e ela teve que ir. Mas sabe de uma coisa? Nem a senhora e nem eu sabemos de coisa nenhuma, não já sabe qual é o destino que eles aguarda. Eles nos mandam para a cidade dos pés juntos sem a menor cerimônia. O homem é de lascar, mas ela ainda é pior do que ele. É dela que eu tenho mais medo.

TEREZA - Eu também. Você pensa que eu convectio em certas coisas por que? Porque sabia que acabaria pagando com a vida se não me curvasse a elas. Laila é, realmente, uma pessoa muito perigosa. Por isso é de boa política a gente conservar a amizade dela porque como inimiga não existe entre. Joga com a vida das outras com uma infidelidade que assombra. (PAUSA) Sabe o que vou fazer? Vou officiar ao Ministério solicitando uma outra professora, alegando que ela está doente e não poderá trabalhar tão cedo. Assim, si ela se arrepende e voltar, o lugar dela estará garantido e ela não terá que se queixar de mim. É sobre o que falamos hoje... silencio absoluto, Joana.

JOANA - Eu, hein? Pensa que eu sou bebe? Primeira a minha pele. Não vi, não ouvi, não sei.



TEREZA - É isto mesmo. Do contrário, você já sabe o destino que nos aguarda.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

DELEGADO - Me dê a intimã-lo a comparecer a esta delegacia para repetir todas as coisas que sabe, a respeito do atentado que sofreu o senhor Rafael, nas proximidades da bomba onde você trabalha.

RAPAZ - Sim senhor. Ele tinha saído da boate de sobrado e parecia que tinha brigado com um cara, lá e conforme ele sabe, o cara saiu atrás dele. Ai, quando chegaram perto da bomba, eles discutiram por causa duma mulher, porque, e o cara deu tres tiros nele, mas não acertou nenhum. Foi acertar um dos tiros, num outro cara que ia passando e que não tinha nada que ver com a história. Ai o seu Rafael me pediu pra ajudar ele a levar o cara ferido pro hospital. Eu ajudei.

DELEGADO - Foi exatamente assim, como você está contando, que os fatos se passaram?

RAPAZ - Foi, sim senhor. Exatamente assim.

DELEGADO - Mas como é que o seu Rafael me disse que você estava dormindo e que ele custou muito a acordá-lo? Você estava dormindo, não estava?

RAPAZ - Bom... eu... eu estava dormindo, sim, estava dormindo mas me acordei.

DELEGADO - Mas você se acordou depois que o homem estava ferido. E foi com ele levar o homem no hospital, não foi?

RAPAZ - Foi, sim senhor.

DELEGADO - E como é que então você pode garantir que seu Rafael saiu da boate, que brigou por causa de mulher e outras coisas que você disse ai?

RAPAZ - Bom... quer dizer... foi o que eu ouvi dizer depois, não é?

DELEGADO - Ouvia dizer por quem, se não aparecer mais nenhuma testemunha do fato? Você não ouviu dizer nada, rapaz. Você imaginou tudo quanto disse. Você tirou conclusões e tirando conclusões disse inverdades e as suas inverdades atingiram outras pessoas que não deveriam ser envolvidas. Sabe o que vai lhe custar ter sido tão leviano nas suas afirmações?

RAPAZ - Não senhor.

DELEGADO - O seu Rafael vai processá-lo por calúnia. Você vai ter que provar que ele estava na boate, onde ele efetivamente não estava e se você não puder provar - como não vai poder - será julgado, condenado e preso.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE

RAPAZ - Preso?! Eu vou ser preso!...

DELEGADO - Se não puder provar que seu Rafael estava na boate, vai. Vai e vai ser bem feito para você aprender que nunca devemos afirmar coisas que não vimos. Coisas que imaginamos e que afirmamos como verdadeiras.



RAPAZ - (ASSUSTADO) Paxe vida! Mas eu não fiz por mal. Eu não tive a intenção de prejudicar ninguém. Eu pensei que tivesse sido assim como eu contei. O senhor vê... havia a inauguração da boate, ali perto... estava todo mundo lá... Naquela hora de noite o que é que eu podia pensar de um homem que andasse por ali? O senhor também pensaria... qualquer pessoa pensaria... eu não pensei que fosse prejudicar o seu Rafael...

DELEGADO - Não pensou, mas prejudicou. E prejudicou muitíssimo porque a noiva dele desmanchou casamento por causa das suas declarações.

TECNICA - ACCRDE FORTE EM MUNDO.

RAPAZ - Por causa das minhas declarações?

DELEGADO - Mas naturalmente. Então uma moça que sabe que seu noivo vai a uma boate e briga por causa de outra mulher, pode ficar satisfeita? Claro que não pode. E foi o que aconteceu, no caso.

RAPAZ - Mas eu estou pronto a ir lá e dizer a ela que falei de mais. Que eu não vi nada... que imaginei... que as minhas declarações foram produto da minha imaginação... Digo tudo que quiserem... tudo que for preciso... só não quero ser preso.

DELEGADO - Seu Rafael não quer mais falar sobre o assunto nem quer que ninguém fale. Ele acha que qualquer declaração que possa ser feita agora, depois do escândalo, parecerá comprada e prefere que não digam mais nada nem façam nada. Em todo caso, você pode procurar seu Rafael e se entender com ele. Pode ser que ele aceite que você vá desmentir tudo para a moça.

RAPAZ - Eu vou falar com ele, sim... eu vou. Quando sair daqui vou direto à casa dele e vou me prontificar a fazer o que ele quiser, contanto que ele não fique prejudicado. Vou até pedir desculpas do mal que causei a ele, sem querer.

DELEGADO - Isso é lá com você. Faça o que bem entender, mas de qualquer forma se prepare para sofrer as consequências das suas levandades. Que isto lhe sirva de lição. Que nunca mais você diga, como certas, as coisas que apenas imaginou. Isto não se faz nunca! Nunca! A verdade não deve ser alterada, jamais! Ou se contam os fatos como eles realmente aconteceram, ou então têm-se o cuidado de dizer que não se viu e que não se pode afirmar e apenas imaginar. E agora vá procurar seu Rafael. Pode ser que você tenha sorte e ele concorde em relaxar o castigo que deliberou lhe dar pela sua levandade.

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - RELACION COMERCIAL.



REGINALDO - Ué!... Uma carta em baixo da porta? De quem será? (PAUSA) É para mim mesmo, mas não veio pelo correio. (PAUSA) A letra é do Sarará, mas eu que si não conheci, tão diferente ela está. Com certeza foi escrita às pressas. Deve ter sido trazida pelo guarda-freio. (RUIDO DE RASGAR ENVELOPE).

C/REGRA - RASGA E-VELOPE E DESDOBRA PAPEL.

REGINALDO - Chefe Régis, um abraço.

SARARÁ - (VOZ DE PIETRO OU SOFRO) Não sei se as letras do grosso vão chegar na sua mão, mas de todo jeito o Bôndico leva brê de deixá os garramêho em baixo da porta que é pra lhe dá conhecimento que o serviço não foi completo e que o único chumbo que bateu na nosca não foi do alvo que tava no programa. Dou aviso só p'ra caso de querê repeti com melhor pontaria, o que já não vai sê tão fácil como a primeira vez, já que o cujo, depois da primeira vez que sentiu o cheiro da pólvora, deve tê botado as barba de mólho. Se interessá a encomenda do trabalho é mandá dizê que o Sarará tá aqui mesmo pra fazê o que o chefe manda. Os negócio da boate vão como era de se esperá. Casa sempre cheia e a moeda entrando às pampas.

REGINALDO - Outro abraço do Sarará. (PAUSA E TOM) Quer dizer que eu não acertei no cara. E eu estava certo que tinha virado o bruto em fantasma. Laila não pode saber disto. Inês bem que o Sarará teve tipo de mandar esta carta para o meu escritório. Se vai para a nossa casa, lá dar uma mamelada tremenda. Vou mandar aninhá um bilhete ao Sarará, dizendo que não toque mais no nome do cara, porque para falar a verdade, para mim tanto faz que êle viva ou não. Já tenho o que quero, não luero mais nada com a morte dele e a policia, às vezes, por muito que a gente escorda, acaba descobrindo coisas importantísimas por detalhes insignificantes.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

RAPAZ - Seu Rafael, dá licença? Eu queria falar com o senhor.

RAFAEL - Vai-te embora. Não quero falar contigo.

RAPAZ - Mas eu preciso explicar ao senhor o que aconteceu e lhe pedir desculpas.

RAFAEL - Precisas aprender a controlar a tua língua e não dizer as coisas que não sabes. Isto é o que tá precisas, mais que tudo.

RAPAZ - Eu não fiz por mal, seu Rafael. Juro ao senhor que não fiz por mal.

RAFAEL - Podes não ter feito por mal, mas acredita que fizeste um grande mal.

RAPAZ - E será que eu não posso dar um jeito? Eu estou pronto a fazer o que for preciso. Basta que o senhor me diga.

RAFAEL - O melhor que tá podes fazer é aprender que nunca se dá o que não se sabe, para, no futuro, não prejudicares a mais ninguém como se prejudicaste



RAPAZ - Eu não fiz por querer mentir, o senhor entende? Eu pensei que o senhor tinha ido à boate. O que é que eu podia pensar encontrando o senhor lá, naquela hora da madrugada?

RAPAZEL - Isso serve para te provar que a gente nunca pode se goiar pelas aparências.

RAPAZ - O senhor... o senhor vai me processar?

RAPAZEL - Devia fazer, para me cobrar, ao menos em parte, do prejuízo que tu me causaste, mas já que vieste falar comigo e me garantiste não teres feito por mal e sim por ignorância, não tenho dúvidas em perdoar-te. O que eu não perdoo é se me tivesses feito o que fizeste por malícia. Mas já que me disse que não foi...

RAPAZ - Posso até fazer um juramento sagrado ao senhor. Quer?

RAPAZEL - Não é preciso. Acredito na tua ignorância.

RAPAZ - E eu posso fazer alguma coisa para remediar o mal que lhe causei?

RAPAZEL - Não, não podes. Deixa como está. Quando o destino conspira contra nós, não há força humana capaz de anular os seus maus efeitos. Nasci para ser só, portanto a minha única companheira deverá ser, hoje e sempre, a solidão.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

ANGELA - Você não pode imaginar o quanto me mortifica a sua tristeza, minha filha! Si eu pudesse fazer alguma coisa de mim para modificar esta situação e fazer com que você voltasse à sua alegria antiga...

SIMONE - Eu não queria mostrar-me assim, mãe, porque sei que isto a aflige, mas o meu quarto é o único lugar onde eu posso dar vazão ao meu sentimento, sem precisar disfarçar o que estou sentindo.

ANGELA - Você ainda não se convenceu de que seu Rafael disse puramente a verdade? Que saiu de casa apenas para procurar o velho jardineiro de sua mãe que é demente e havia fugido? E não basta o homem ter sido ferido para atestar esta verdade? Por que você há de exigir mais provas?

SIMONE - Mãe, eu não exijo nada. Mas mesmo reclamo contra o que Rafael possa ter feito. Ele não era nem meu noivo, ainda, tinha todo direito de fazer sua vida de rapaz. Mas brigar por outra mulher, quando na véspera havia me dito que era <sup>eu</sup> a única mulher que ele amava? Isto eu não posso aceitar, não perdoar. Não se briga por uma pessoa que nos é indiferente. Atente bem para esse detalhe, mãe.

ANGELA - Mas minha filha, ele jura que não brigou com ninguém. Quem disse isto foi o rapaz da bomba de gasolina, mas se o delegado mesmo afirmou que o rapaz estava dormindo, como pôde ele ter visto qualquer briga? Foi tão imaginária a briga do rapaz.



SIMONE - Pode ter sido, a verdade é que o meu coração ficou rodopiado na circunda da dúvida e eu não tive mais forças para contê-lo. Tenho procurado pensar calmamente no fato... tenho buscado analisar certos detalhes... tenho manifestado boa vontade em ouvir as alegações que a senhora e o Padre Demétrio procuram fazer em favor dele... mas a verdade, em tudo isto, é que o meu coração revela qualquer ideia de reconciliação. Vamos deixar as coisas como estão, mãe. Vamos dar tempo ao tempo.

ANGELA - Está bem, minha filha. Já que você quer assim... Mas é um peccado! Eu não me conformo com a sua atitude. Não me conformo. E sabe qual é o meu maior temor? Que um dia você sinta arrependimento, quando o mal já não tenha mais remédio.

#### TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

ELVIRA - Eu não teria falado deste fato a você, se não fosse você mesmo quem provou o assunto. Você acha o que, meu filho? Que ele está inocente, ou que a situação foi criada realmente por ele?

TARCISIO - Para ser honesto comigo mesmo, mãe, devo dizer-lhe que acredito na inocência dele. Rafael nunca foi homem de frequentar boates, não haveria de ser agora, que estava amando, que iria se meter lá, para a menina vir a saber. Mesmo que não tivesse havido nada com ele e ele simplesmente houvesse comparecido à festa de inauguração da boate da Nação, ~~que já não faltaria~~ que já não faltaria quem fosse contar à Simone, no dia seguinte, que ele estava lá.

ELVIRA - Bem... isso a gente sabe que não faltaria mesmo.

TARCISIO - E depois eu sei que ele não estava porque o Gisuelo e o Otávio assistiram à festa e disseram que ele não compareceu.

ELVIRA - Dona Angela estava aqui, hoje e me disse que ela está muito triste e muito abatida.

TARCISIO - Isso é para provar que tem mesmo uma noção bonita e cheia de qualidades, como Simone pode ficar inerte nos caminhos do amor.

ELVIRA - Isso é verdade mesmo, meu filho. Mas afinal não descobriram, até agora, quem foi o causador dos disparos e a razão porque tentou matar seu Rafael?

TARCISIO - Há quem diga que deve ter sido algum apaixonado de Simone, que não deu seu meio para afastar o rival. Eu penso diferente.

ELVIRA - O que é que você pensa, meu filho?

TARCISIO - Eu penso que foi alguma pretendente de Rafael, que, desprezada por ele, não quis que ele pudesse pertencer a outra mulher.

ELVIRA - É... os dois motivos são viáveis, mas a única coisa que eu peço a Deus é não envolvam o seu nome. Já chega o que sofremos os dois.



**MARCISIO** - Por que haveria de envolver-me/ se todos sabem que já me conformei com a situação?

**ELVIRA** - Mas há muita maldade neste mundo, meu filho. Você não foi à boate. Todos sabem que você gostou de Simone e muito. Eles, ultimamente, começaram a aparecer abertamente como namorados... Poderiam pensar que você, por despeito ou por vingança, procura eliminar o seu rival.

**MARCISIO** - Não creio que alguém tenha se lembrado disto, mas em todo caso... pensando de bom... não deixam de ter alguma razão os seus temores.

**ELVIRA** - Não tenho feito outras coisas nestes dias, senão rezar a Deus e pedir que isto não aconteça.

**TÉCNICA** - PASSAGEM MUSICAL

**RAFAEL** - Seu pai está melhor hoje, Leopoldina?

**LEOPOLDINA** - Felizmente sim, seu Rafael. O médico acha que talvez amanhã, ou depois ele possa voltar para casa. Disse que depois ele vai ter que fazer massagens e exercícios difíceis, para não perder o movimento do braço.

**RAFAEL** - Então você veja bem o dia e a hora da saída do hospital que eu irei lá para pagar a conta e trazê-lo de carro.

**LEOPOLDINA** - Sim senhor, seu Rafael, muito obrigada. O senhor tem sido tão bom que eu cada vez fico mais revoltada de dona Simone não querer compreender a situação. É uma pena que o senhor não se deixe falar com ela.

**RAFAEL** - Eu me sentiria diminuído nos meus brios de homem, se alguém intercedesse em meu favor, entende? Adoro Simone e gostaria imenso de poder casar-me com ela, mas nunca com quebra da minha dignidade.

**LEOPOLDINA** - Dizem que ela também gosta tanto do senhor... Isso é que eu acho, ainda a maior injustiça. Quem ama confia e quem confia perdôa.

**RAFAEL** - Mas eu não tenho do que ser perdoado, Leopoldina. Você sabe isto melhor do que ninguém. Sai, apenas, para procurar meu pai. Por infelicidade fui encontrá-lo - talvez atraído pela música - lá perto da tal boate. E aí deu-se toda a tragédia.

**LEOPOLDINA** - É por que motivo esse homem terá atirado no senhor?

**RAFAEL** - Pode-se lá saber?! Você sabe, perfeitamente, que eu não sou visto com muito bons olhos pela maioria da população da vila.

**LEOPOLDINA** - A minha impressão sobre o assunto é diferente. Lembra-se daquele rapaz que andou querendo matá-la por amor?

**TÉCNICA** - VERGASTADA MUSICAL PORTE. MUSICA PERMANECE EM FUA DO.

**LEOPOLDINA** - (PAUSA) Não terá feito isto por despeito?

**TÉCNICA** - EXPLOSAO MUSICAL FUJDE COM CARACTERISTICA PARA E-GEPHANELOTO.



TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

LEOPOLDINA - Quem ama confia e quem confia perdoo.

RAFAEL - Mas eu não tenho do que ser perdoado, Leopoldina. Você sabe isto melhor do que ninguém. Saí, apenas, para procurar seu pai. Por infelicidade, fui encontrá-lo - talvez atraído pela música - lá perto da tal boate. E aí deu-se toda a tragédia.

LEOPOLDINA - E por que motivo esse homem terá atirado no senhor?

RAFAEL - Pode-se lá saber?! Você sabe, perfeitamente, que eu não sou visto com muito bons olhos pela maioria da população da vila.

LEOPOLDINA - A minha impressão sobre o assunto é diferente. Lembra-se daquele rapaz que andou querendo matá-la por amor?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE. A MÚSICA PERMANECE VIBRANDO EM FULDO.

LEOPOLDINA - (PAUSA) Não terá feito isto por despeito?

TÉCNICA - REPETE A VERGASTADA ANTERIOR.

RAFAEL - (DEPOIS DE PAUSA) Não é uma hipótese descabida... mas assim como pode ter sido um homem repellido... pode também ser obra de uma mulher desprezada. (PAUSA E TOM) Leopoldina você acordou em mim uma lembrança que talvez nos leve a uma pista certa.

LEOPOLDINA - O senhor está querendo referir-se àquela moça antipática que esteve aqui, certa vez e que o senhor convidou a sair?

RAFAEL - Ela, sim. Aquela criatura será capaz de todas as torpezas.

LEOPOLDINA - Se o senhor acha que tudo partiu dela, por que não a denuncia ao delegado. Inda que nada possa ficar provado, ela não poderá fugir à vergonha de ser chamada à polícia.

RAFAEL - Não creio que isso possa adiantar grande coisa, Leopoldina. Por mim, parecer bem sincero, eu preferiria que pusessem uma pedra em cima do assunto e não se tocasse mais nele. Não há de ser por me viagar de quem me fez mal que me sentirei menos infeliz e menos desgraçado.

LEOPOLDINA - Eu não estou de acordo com a sua opinião. Acho que quem praticou a maldade deve responder por ela. E vou lhe dizer mais: com toda a obediência que sempre tive ao senhor, se houver uma oportunidade para lembrar ao Delegado as nossas desconfianças eu não deixarei de fazê-lo.

RAFAEL - Deixe isso pra lá, Leopoldina. Isso só vai dar trabalho ao delegado e não vai adiantar nada.



LEOPOLDINA - O trabalho que possa dar a êle não me interessa. Ele ganha para trabalhar e vive tomando cafésinho... Ao menos vai ter com que se distrair.

RAPHAEL - A vida tem coisas muito caprichosas. Um homem vive isolado do mundo, na mais completa e consciente solidão. Uma mulher, num truque de mágica, consegue burlar a vigilância do ermitão e apresenta-se, um certo dia, à frente dele. Vai animada por um nobre desejo e é interpretada como uma das muitas interesseiras vulgares de que o mundo está cheio. As palavras do solitário causam-lhe revolta e ela revida a afronta, com voz serena e firme, os olhos marejados de lágrimas pela mágoa incógnita. Suas palavras... seus gestos e, mais que tudo, aqueles olhos orvalhados, tocam o coração do homem descrente e sem que êle espere, nem deseje, nasce, naquele justo instante, um profundo amor no seu coração empedernido e só e a partir daquele dia o homem começa a sentir, como que esmagando a sua alma, o peso imenso da solidão atroz. E então começa, pacientemente, a tarefa de conquistar o coração que êle havia humilhado e ofendido. E no exato momento em que parece ter conquistado aquilo que mais desejou, em toda a sua vida, a solidão abate-se sobre êle e, implacável, retoma o seu lugar. E o que quer isto dizer? Que não se mudam destinos.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL FU-DE COM MUSICA DE BOATE EM FU-DO. (SÓ MÚSICA)

GLAUCO - O que é que há, Margot? Você não parece mais a mesma criatura? Vive triste... macambúzia... não fala com ninguém... não ri... não olha para a gente direito. Parece que anda desconfiada com todos... Eu sou seu amigo, que diabo! Você não acredita em mim? Não quer se abrir?

MARGOT - (CHOROSA) Eu ando desesperrada, Glaucos. Você vê minha casa como está vai? Aquela ordinária me roubou toda a minha freguezia, faz show e dizem que, mesmo assim, os preços dela são mais baratos do que os meus. Sê sê possível? (Tal como se pronuncia) Diga. E o show? Ela não paga os artistas que tomam parte no show? Que vem de outra cidade para fazer show aqui? Não compreendo... Não posso compreender e é isto que me desespera.

GLAUCO - O que eu ouvi dizer é que o sócio dela tem uma boate na cidade, entende? E quando os artistas são contratados para a temporada lá, já assumem o compromisso de vir duas vezes por semana aqui, com direito, apenas, à viagem e à ceia. Ela manda no automóvel da casa, leva do mesmo jeito, de maneiras que o show, para eles, aqui, não custa nada. Desse jeito, eles podem cobrar uma entrada razoável, como cobram e as bebidas mais baratas porque também compram em grande estoques para as duas casas.



- MARGOT - A Madame Dinórra me disse que quinze dias depois do seu trabalho feito eu já ia começar a sentir os efeitos que ele produz. Querro só ver.
- GLAUCO - Que negócio é esse de Madame Dinórra e de trabalho que você está falando?
- MARGOT - Se você promete não contar para ninguém, eu vou falar para você. Mas você tem que prometer, antes, porque é uma coisa muito séria. Uma coisa que não é de brincadeira.
- GLAUCO - Vamos ver que coisa é essa. Conte.
- MARGOT - Você ainda não me prometeu que não fala para ninguém... tem que prometer.
- GLAUCO - Prometo. Juro, até, se você quiser.
- MARGOT - (VOZ DE SEGREDO) Madame Dinórra faz despachos na macumba e eu fui lá fazer um trabalho para derrubar a boate do sobrado. E fiz. E Madame Dinórra me disse que eu vou ter que esperar um pouco porque não arranjei as seis moedas de cobre, mas que logo que faça um mês que eu já vou começar a ver os efeitos. Eu mesma fui botar o despacho na soleira da porta, antes do sol sair. Era um galo preto, com uma porção de coisas dentro. Charrutos, moedas, ferrofa, fitas vermelhas e outras coisas.
- GLAUCO - E você acredita nessas coisas, Margot? Isso são tolices. Não vá atrás de besteiras. Isso lá pode influir alguma coisa na vida de alguém?
- MARGOT - Pode, Glaucos, pode. Ela me disse que nunca, em todo tempo que faz trabalhos, fez algum que não tivesse dado resultado. Que é bater e valer. Que as vezes demora mais um pouco mas que deixar de fazer efeito não deixa nunca.
- GLAUCO - Claro. Ela quer ganhar o dela, não vai dizer outra coisa. Garanto que você pagou uma fábula para essa mulher, não pagou?
- MARGOT - Cento e trinta e poucos mil cruzeirros foi o total do trabalho.
- GLAUCO - Essa não, Margot. Mas então você, uma mulher vivida, cheia de experiência e que não é mais criança, embarca numa canoa furada dessa natureza? Francamente... eu tinha você na conta de uma mulher mais viva.
- MARGOT - Você acha que ela me enganou? Você acha que ela fez vigarrice comigo?
- GLAUCO - Mas claro que fezi quem é que não está vendo? Eu só quero ver, ao final dessa história toda, qual é o resultado que você vai obter. Você foi blefada miseravelmente, Margot.
- MARGOT - Não fui, não, porque se o trabalho não fizer efeito, ela vai me devolver o dinheiro por bem ou por mal.
- GLAUCO - Vai ser por mal, então, porque por bem ela não vai lhe devolver que ela não é trouxa.
- MARGOT - E ela pensa que eu sou trouxa?



GLAUCO - Tanto pensa que lhe arrancou ~~me~~ quasi cento e quarenta mil cruzeiros pra nada. Essa turma é muito viva, Margot. No fim não fazem é nada e levam, bonito, o dinheiro dos pacas.

MARGOT - Mas o meu ela não vai levar assim tom fácil, não, porque eu vou dar um pouquinho de trabalho pra ela. Vou só esperrar que façam quinze dias e já começo a incomodar.

GLAUCO - Macumbas! Despachos! Se alguém mais esclarecido pode acreditar numa bobagem destas! Você teria feito muito melhor se tivesse guardado o seu dinheiro. Enfim... cada um acredita no que quer e cada um faz o que melhor lhe apraz.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

SARAH - Dona Angela, o mano já vai; a senhora não queria falar com ele?

ANGELA - Si ele puder me dispensar uns minutinhos de atenção... ele é sempre tão ocupado que eu me sinto constrangida.

DEMETRIO - Ora vamos, dona Angela, que é isto? Então eu não vou ter uns minutinhos para ouvir uma pessoa amiga como a senhora? Mesmo que não tivesse, ouviria.

ANGELA - Muito obrigada, eu sei. Por isso mesmo é que não desejava abusar. Não devia nem ter falado à dona Sarah.

SARAH - E por que não? Si eu falei para o mano foi porque sabia que ele teria pra ser em atendê-la.

DEMETRIO - É claro. Mas vamos ao que interessa porque a seda está muito cara para que nós continuemos a rasgá-la.

SARAH - Podem ficar conversando à vontade que eu vou lá dentro atender os meus afazeres.

ANGELA - Não, dona Sarah, a senhora não precisa se retirar porque a senhora conhece e toma parte em toda a nossa vida.

SARAH - Não, não, não é por isto. Eu realmente preciso ir na cozinha porque deixei o leite no fogo.

C/REGRA - PASSOS DE DONA SARAH SE AFASTANDO, LIGEIROS.

ANGELA - Eu vou entrar diretamente no assunto, Padre Demétrio, para não retardá-lo ainda mais. É o seguinte: eu queria pedir ao senhor que fizesse uma nova tentativa no sentido de reconciliar Simone com seu Rafael. Como já passaram alguns dias e os ânimos já devem estar mais serenos, pode ser que o senhor obtenha o resultado que não logrou na primeira tentativa. Eu acho uma injustiça o que está acontecendo e não me conformo com ela. Simone ama seu Rafael, ele, por sua vez, dizem que a adora. Porque, então, essa tolice de sofrerem sem razão maior?



TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

ANGELA - Simone ama seu Rafael, ôle, por sua vez, dizem que a adora. Por que, então, essa tolice de sofrerem sem razão maior?

DEMETRIO - Um ponto de vista, dona Angela, muitas vezes é uma razão importante. O que para nós pode parecer uma tolice, uma banalidade, para eles é uma razão tão forte que se torna intransponível. A senhora sabe que ninguém, além da senhora, desejou tanto essa união. Por todos os motivos. Fiz tudo que estava ao meu alcance para convencer, a um e a outro, que deveriam deixar de parte certos escrúpulos, certas reservas, certas desconfianças e voltarem ao bem viver anterior. Infelizmente a minha argumentação esbarrou na dureza das convicções de ambos e eu nada consegui. Agora... é possível que, como diz a senhora, tendo passado mais tempo... os ânimos estejam mais serenados e mais dispostos a transigir.

ANGELA - O senhor está então disposto a tentar outra vez esse trabalho?

DEMETRIO - Posso tentar. Amanhã, de manhã, falarei com ela na Casa Canônica e na parte da tarde, irei a Vila Verde procurá-lo. E que Deus me ajude para que eu possa reconciliá-los.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL

EUDOXIA - O seu Rafael já trouxe o seu Miguel do hospital, Leopoldina?

LEOPOLDINA - Inda não. Mas ele ia primeiro mandar arrumar o automóvel, para depois trazer papai. Por isso talvez esteja demorando um pouco.

EUDOXIA - Adonde que ele vai ficá? Naquele quarto lá fora mesmo?

LEOPOLDINA - Não. Papai, agora, por algum tempo, não pode ficar sózinho. Seu Rafael me disse que nós podemos ocupar, os dois, aquele quarto amarelo que a falecida dona Clara usava como salinha de costuras. Depois que papai ficar completamente bom, aí então cada um torna a voltar ao seu lugar antigo.

EUDOXIA - Depois que o seu Miguel fugiu a primeira vez, eu acho que nunca mais ele pode ficá sózinho, minha fia. Tem que tá sempre cuidado, senão ele volta a fugi ~~xxxxxx~~ de novo outra vez. (PAUSA) Que será que ôle pensava que ia fazê, hein Leopoldina?

LEOPOLDINA - O que ôle pensava que ia fazer, não sei, mas o que ele fez eu sei muito bem e não me conformo. O seu Rafael, coitado, está sofrendo, até hoje, as consequências dessa fuga de papai. Si eu pudesse fazer qualquer coisa para remediar essa situação...



EUDOXIA - O que é que a gente vai pudê fazê, mitida aqui dentro como sempre vêve?

LEOPOLDINA - Não sei, mas que eu tisha vontade de fazer qualquer coisa, eu tinha.

Tanto mais que eu tenho muitas desconfianças de um certo mocinho que não podia ver com bons olhos a aproximação de seu Rafael e dona Simone.

EUDOXIA - É, Leopoldina? De quem é que tá adiscunfeia? Dis. Pode dizê que eu sô de confiança. Eu num vô arriá batendo por aí com a língua nos dente.

LEOPOLDINA - Eu desconfio do tal de Tarcisio, aquele que tem uma oficina mecânica e que foi o primeiro namorado de dona Simone. Disse que quando eles brigaram ele ficou tão alucinado que acabou tentando assassiná-la. A senhora não acha que êle podia ter atirado em seu Rafael, por despeito?

EUDOXIA - Ah, podia. Que podia, podia. Pois si ele intê na moça atirou, pruguê num ia atirá num home?

LEOPOLDINA - Eu vou lhe dizer, dona Eudoxia, que quassi tenho certeza de que foi êle.

EUDOXIA - E pruguê suncê num vai dizê isso pro seu delegado, Leopoldina? Divia de dizê. Ele, pelo caso de sê delegado, num pode tombem se alembrá de tudo.

EUDOXIA - Pois eu queria dizer, mas fui falar antes ao patrão e êle não quer que eu fale. Mas de repente, êle queira, ou não queira, me dá uma louca e eu vou lá na policia e conto tudo que eu penso.

LEOPOLDINA - fale. Mas de repente, êle queira, ou não queira, me dá uma louca e eu vou lá na policia e conto tudo que eu penso.

EUDOXIA - Di certo. Isso memo é que suncê tem que fazê. "um tem nada que priguntá pre êle, não. Si priguntá, ele nunca qué que faça.

LEOPOLDINA - É isto mesmo dona Eudoxia. Amanhã ou depois, numa hora que o patrão não esteja em casa, eu dou um pulo na delegacia e conto tudo para o delegado. E depois azar... seja o que Deus quizer.

#### TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

REGI-ALDO - Sabe o que é isto aqui? Veja se advinha.

LAILA - Passagens para a viagem que você me prometeu?

REGI-ALDO - Não, não... não são passagens. São mapas de um trabalho muito importante que precisamos realizar, antes da viagem. Depois que êle esteja executado, então sim. Aí poderemos viajar o tempo que você quizer, sem nenhuma preocupação de caracter material. Esse plano, bem sucedido, nos dará inteira e total independência financeira.

LAILA - Mas eu não vou examinar plano algum, sen que você tenha cumprido com a sua palavra. Sabe disso?

REGI-ALDO - Mas meu bem, você poderá viajar muito mais e adquirir tudo que quizer, se levarmos daqui uma importância maior. E com a estreia da boate lá em Lagoa Parada o nosso depósito nos bancos ficou muito reduzido, de forma



REGINALDO - (GO-TI-UAÇÃO) que não poderemos levar muito dinheiro se não tivermos, antes, o cuidado de reforçar nossos depósitos. E para reforçar esses depósitos, o jeito é o que está planejado aí. Talvez que sabendo isto, você se resolva a colaborar.

LAILA - Com que então você me confessa que gastou a maior parte das suas reservas para ajudar aquela sirigaita da Manon e ainda quer que eu preste minha colaboração para reforçar essas reservas? Eu, não. Ajude ela que foi quem gastou. Eu quero a viagem que me foi prometida, ou então volto amanhã mesmo para o Grupo Escolar de Lagoa Parada, e você nunca mais me arranca de lá. Você não disse que faríamos uma viagem de "lua de mel" a Buenos Aires?

REGINALDO - Disse. E pretendo levá-la a fazer essa viagem. Só que se você quisesse esperar alguns dias, eu poderia lhe oferecer muito mais do que você vai ter, entendeu? Uma coisa é viajar-se com cinco mil pesos e outra viajar-se com cinquenta mil. Veja se consegue, agora, entender bem a diferença.

LAILA - Eu entendi perfeitamente, mas eu não estou fazendo questão de receber o máximo. Fui sempre acostumada a tão pouca coisa que talvez nem me sentisse bem tendo muito. O que eu quero é sair daqui. Ver novos horizontes. Portanto leve-me como puder e deixe esse trabalho para a volta. Aí sim. Aí eu prometo que lhe ajudarei.

REGINALDO - Está bem, se você prefere assim... Quer ir amanhã mesmo?

LAILA - Sim, amanhã mesmo. E se fosse possível ir hoje, eu ainda ficaria mais satisfeita. Sabe lá o que é uma pessoa ficar uma semana inteira metida dentro de um quarto de hotel, sem poder ir a parte alguma pelo receio de ser vista? Você não sabe o que isto é, porque não fica um dia, quanto mais uma semana. Não, meu querido, eu não aguento mais. Tire-me daqui amanhã mesmo, se não puder tirar-me hoje.

REGINALDO - Está bem. Amanhã, sem falta vou tratar dos nossos papéis e talvez à noite já possamos seguir nossa viagem. Qual a viagem que prefere?

LAILA - A de avião, é claro. Mas se não for possível, também posso ir de ônibus, ou de vapor. O essencial, para mim, é sair daqui o quanto antes.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL

MARGOT - Venho fazer ao senhor uma tremenda revelação. O senhor nem sabe o que eu fui capaz de descobrir, hoje. Uma coisa que eu mesma já nem esperava mais.

DELEGADO - Diga, por favor, dona Margot. Há muito serviço na Delegacia e não podemos perder tempo.



MARGOT - Eu ia andando para rua para fazer umas compras no mercado das verduras quando, de repente, olhei para a carroça de um homem que estava parado exatamente quasi na minha frente. Quando dei com os olhos nos olhos dele, senti que ele desviou, depressa os seus olhos dos meus e começou a andar para o lado, como quem procurava fugir de mim. Achei aquilo um pouco estranho e resolvi tirar a limpo. Caminhei também para o lado dele. Ele deu as costas, para não deixar eu ver a carroça dele e foi então que os meus olhos se fixaram nos sapatos do homem. É uma coisa que eu tinha gravado na minha cabeça. Os sapatos do homem.

DELEGADO - Dona Margot, a senhora está se perdendo em detalhes e eu lhe agradeceria se pudesse fazer um relato mais breve. Sabe a quantos casos vamos ter que atender esta manhã? Inda que pareça mentira, numa vila tão pequena como a nossa, temos já, para hoje, nove casos. O seu será o décimo. Portanto vamos deixar de parte os detalhes e vamos à essência do caso que é o que verdadeiramente interessa.

MARGOT - Mas eu tenho que contar tudo, para o senhor ficar sabendo porque motivo eu descobri o que vou lhe dizer. Os sapatos do homem me fizeram lembrar os sapatos que eu tinha visto no corredor escuro da minha casa e imediatamente fui dos pés à cabeça e me lembrei da carroça também. Senhor delegado, para não roubar muito o seu tempo eu vou lhe dizer que achei hoje o ordinário que me deu bofetadas no meu rosto no corredor de minha casa.

DELEGADO - E será que a senhora teve o tino de segui-lo, para ver em que casa ele reside? Isso, agora, para nós, é o mais importante pois que assim saberemos onde mandar procurá-lo.

MARGOT - Sabe o que eu fiz? Saí dali, como quem ia embora e entrei numa loja que tem ali perto. De dentro da loja, enquanto escolhia e comprava umas porcarrias, para disfarçar, fiquei observando o dito sujeito. Quando ele saiu e foi embora, eu sai disfarçadamente atrás dele quasi uma quadra, ou talvez até mais. Ele foi indo... foi andando... e sabe o senhor, seu Delegado, onde foi que eu vi ele entrar? Imagine por gosto.

DELEGADO - Dona Margot, eu não tenho tempo para imaginar. Conte logo.

MARGOT - Inda que vá lhe parecer mentira, o homem que foi na minha casa para bater na minha carroça, sem que eu fizesse nada para ele, entrou na boate do sobrado. E depois eu fui indagar ali perto e fiquei sabendo que ele mora lá. Esperro, agora, que o senhor mande prender a ele, ou a quem mandou ele me dar bofetadas.

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL, FUNDE COM CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCENAMENTO.



TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

MARGOT - Sabe o senhor, seu Delegado, onde foi que eu vi o homem entrar? Imagine por gosto.

DELEGADO - Dona Margot, eu não tenho tempo para imaginar. Conte logo.

MARGOT - Inda que vá lhe parecer mentira, o homem que foi na minha casa, parra bater na minha carra, sem que eu fizesse nada parra ele, entrou na boá te do sobrado. E depois eu fui indagar ali perto e fiquei sabendo que ele morra lá. Esperro, agora que o senhor mande prender ele, ou a quem mandou ele me dar bofetades.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

DELEGADO - muito bem. A senhora vai repetir tudo que me disse ao escrivão, ele vai anotar no livro de queixas e talvez ainda hoje eu mande lá buscar esse homem para prestar declarações.

MARGOT - Talvez ainda hoje?! Mas o senhor tem que mandar hoje, sinão ele pode fugir e vai ser uma pena. E ele nom pode fugir, senhor delegado. Ele nom po de fugir. Ele tem que pagarr o desafôrro de dar bofetades na carra de um mulher sem nenhuma razom. Eu nom fiz nada parra ele. Que foi que eu fiz?

DELEGADO - (IMPACIENTANDO-SE) Sei lá o que a senhor fez ou deixou de fazer? Isso não me interessa; o que interessa é cumprir o meu dever de tomar providências e esse dever eu cumprirei.

MARGOT - Mas hoje, ~~com~~ é senhor delegado? Agora mesmo, non é? Sinom ele pode fugir e se fugir nom vai pagar o que me fez e eu quero que ele pague.

DELEGADO - Eu sei que a senhora quer, mas os fatos, aqui, são atendidos por ordem de importância, entende? Os mais urgentes são os mais importantes. De maneiras que <sup>COMO</sup> já lhe disse, quando entrou aqui, ~~que~~ eu tenho des queixas diferentes, para atender, no dia de hoje. Tenho cinco homens, apenas, pa ra todo o movimento do posto policial. Uns têm que esperar pelos outros. Assim que a senhora já fica avisada que as providências vão ser tomadas, mas não posso lhe dizer se daqui a duas horas, quatro horas, ou des horas se fôr necessário.

MARGOT - Entom, si é assim, nom vai adiantar grande coisa enter vindo aqui avisar o senhor. Si ele nom for preso agora, vai fugir na certa.

DELEGADO - Não vai, não. E se fugir, a gente acaba descobrindo para onde. E agora eu lhe pediria a fineza de passar à seleta ao lado e repetir ao escrivão



DELEGADO - (CONTINUAÇÃO) tudo quanto me disse, aqui de que fique registrado no livro de queixas e dali já pode ir para a sua casa descansada porque nós não vamos cruzar os braços.

MARGOT - Sim senhor, seu delegado. Mas se o senhor pudesse mandar bem depressa um guarda lá pegar aquele cachorro...

DELEGADO - (ALTERADO) A senhora vá que as providências serão tomadas, eu já lhe disse. E vá de uma vez, que eu já estou ficando enfezado.

MARGOT - Oui, oui, monsieur, eu ja vou... eu já vou... não precisa ficar zangado de que eu já estou indo.

C/REGRA - PASSOS APRESSADOS QUE SE APASTAM.

DELEGADO - Puxa vida! Enquanto eu não perdi a paciência a mulher não foi embora!

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

SARARÁ - Você quer saber de uma coisa? Acho que a Franceza, hoje, me reconheceu.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL

MARGOT - Não diga! Por que você acha isto?

SARARÁ - Porque olhou para a minha cara de um modo muito exquisito, no mercado, depois procurava sempre se aproximar de mim e, de repente, eu tive a impressão de que ela olhou muito para os meus sapatos. E era com estes minutos mesmo ~~noitaxgaxaxixaxaxixaxixaxixaxix~~ que eu estava no dia que dei as bolaxas na cara dela.

MARGOT - E depois você veio diretamente pra casa, ou despistou?

SARARÁ - Eu ia dar uma derivas, mas a velha entrou numa loja e ficou lá comprando uns trechos, eu aproveitei e vim embora sem olhar pra traz que é como a gente deve fazer pra não levantar suspeitas.

MARGOT - Bem, si ela não viu você entrar aqui, o fato não tem maior importância. É só cuidar de despistar quando, por acaso, encontrá-la na rua. Agora.. si ela viu... você pode ter certeza que vai se incomodar, porque Margot nunca perdoou uma ofensa, muito menos perdoará umas bofetadas.

SARARÁ - E que bofetadas! Eu me lavei na cara da Franceza. Garanto que aquelas rugas das bochechas sumiram, de tão inchada que a cara deve ter ficado.

MARGOT - E se você acha que ela reconheceu os seus sapatos, outra coisa importante é você não sair mais com ele. Dê um chá de sumiço nos cufos e fim/ por eles.

SARARÁ - Você é bem espertinha, hein menina? É o que eu vou fazer agora mesmo. Vou lá na fria dos fundos atirar pra cima do sobrado deixar que eles apodreçam no telhado.

C/REGRA - PASSOS DE SARARÁ QUE SE APASTAM E SONEM.



MANOIA - (MOLÓLOGO) Eu não sei, não, mas acho que o Sarará dormiu no ponto. Eu não teria vindo para casa, se me acontecesse o que aconteceu a ele. Em fim... Ele está muito mais habituado a esses negócios do que eu, pode ser que não tenha importância.

C/REGRA - BATIDAS NA PORTA E NA CAMPAINHA. (A PORTA BATE PERTO A CAMPAINHA LÁ DO FUNDO.

MANOIA - Puxa vida! Será que já é a turma da pesada? Nem quero acreditar. Si é... a franceza não dormiu no ponto. E agora? Que faço? Ele está lá na área do fundo, talvez nem dê tempo de avisá-lo. (TOM) Não, mas não é. Nem pode ser assim tão ligeiro... E si for ele deve ter ouvido a campainha, certamente há de estar alerta.

C/REGRA - REPETE AS BATIDAS E A CAMPAINHA. PASSOS DE MANOIA, SEMER E EM 12 PLANO. RUIDO DE PORTA QUE ABRE, DANDO VOLTA NA CHAVE, PRIMEIRO.

DELEGADO - Boa tarde.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

MANOIA - (NERVOSA) Boa... boa tarde.

C/REGRA - RUIDO DE PASSOS DE DOIS HOMENS E PORTA QUE SE FECHA.

MANOIA - (ASSUSTADA) Que é isto, senhor delegado?! Eu.. eu ao menos posso saber se aconteceu alguma coisa?

DELEGADO - Não, não aconteceu nada. Eu vim, apenas conversar com a senhora. Vamos sentar. (PAUSA) E você fique ali na janela, observando se não sai ninguém pelo portão de serviço.

GUARDA - Sim senhor.

C/REGRA - POUCOS PASSOS DO GUARDA. PARAM.

DELEGADO - Hora aqui um tal de Venâncio que tem o apelido de Sarará?

MANOIA - Hora, sim senhor. É meu sócio na boate. Aliás ele não mora, propriamente. Ele para aqui, quando vem da cidade. Quem toma conta do negócio sou eu.

DELEGADO - Pois a delegacia recebeu uma queixa contra esse cidadão e eu gostaria de interrogá-lo.

MANOIA - Ah, sim, mas... é que... é que, de momento, ele não está. Saiu cedo e me disse que ia até à estação e talvez fosse à cidade. Não posso lhe garantir que tenha ido porque ele também não me deu certeza, mas se o senhor quiser deixar algum recado, assim que ele chegar eu transmito. Ele até vai querer saber o que é que há e com certeza irá em seguida procurá-lo.

DELEGADO - Não, não... acho que vamos resolver isto de outra maneira. Ele tem quem to fixo aqui na casa, não tem?

MANOIA - Tem, sim senhor. O quarto dele é naquela última porta do corredor, à direita.



DELEGADO - Guarda, eu cuido aqui a janela e você vai lá no quarto do homem e recolha todos os sapatos que encontrar.

GUARDA - Sim senhor.

MAO - Desculpe, seu Delegado, mas eu não estou compreendendo nada e afinal, o homem não estando, sou eu a responsável por tudo quanto ele deixou dentro do quarto.

DELEGADO - Não importa. Diga a êle que o que faltar ele vá buscar na delegacia que está lá guardado. Vá buscar, homem. Eu já não disse para recolher todos os sapatos que encontrar lá?

GUARDA - Sim senhor.

C/REGRA - PASSOS QUE SE APASTAM E SOMEM.

DELEGADO - (PROJETANDO) É a última porta do corredor à direita. Com que sapatos saiu êle hoje? Sabe?

MAO - Sei. Sei porque no momento que êle me disse que talvez fosse à cidade, eu ainda perguntei si ele iria mesmo de sandálias, como estava, ao que êle respondeu que sim. Está de sandálias marrons, daquela tipo que usam os frades franciscanos. Sabe como ê?

DELEGADO - Sei. Si êle não tiver ido à cidade e voltar para casa antes da noite, ou a qualquer momento que seja, diga-lhe que levei os seus sapatos para a delegacia e deixei ordem para que êle os fosse buscar.

MAO - Sim senhor, eu digo, mas tenho a impressão de que êle vai ficar tão admirado quanto eu. O homem vive aqui dentro de casa, comigo, cuidando da botte e só sai uma vez ou outra, quando há necessidade de alguma compra... francamente, não sei o que possa ter feito que justifique essas providências. Em todo caso, o senhor é autoridade, deve saber o que faz.

DELEGADO - Claro que sei. O que não posso é fugir ao meu dever, uma vez que recebi uma queixa contra êle. Pode ser injusta, mas ainda assim não posso deixar de investigar. E é o que estou fazendo.

C/REGRA - PASSOS DO GUARDA QUE SE APROXIMAM VIUO DE LOAGE.

DELEGADO - Acho preferível que eu faça o que estou fazendo, do que revistar a sua casa e incomodar os seus hóspedes; não lhe parece?

MAO - Bem, mas se o senhor quiser revistar... eu não poderei impedir.

DELEGADO - Agora já não é preciso. Apanhou todos os sapatos?

GUARDA - Todos. Retão aqui.

DELEGADO - Muito bem. Vamos, então levá-los para a delegacia.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL



TECNICA - PASSAGEM MUSICAL

LEOPOLDINA - Papai, o senhor não tomou a leite que eu lhe trouxe. Por que?

MIGUEL - (ALHEIO) A moça vai trazer balas e chocolates. Ela disse que ia trazer. Se eu tomo o leite não posso comer o que ela traz.

LEOPOLDINA - Por que não pode, papai? Pode sim. Que tem que ver um copo de leite com um pacote de balas e uma ou duas barras de chocolate? Você pode tomar o leite e chupar as balas.

MIGUEL - Posso? Mas e os chocolates?

LEOPOLDINA - Pode comer também, da mesma maneira. Vamos, tome o seu copo de leite que o senhor precisa se alimentar, vamos. (PAUSA) Isso. Vá bebendo. Veja se bebe todo. (PAUSA) Assim. (PAUSA) Se beber todo, eu mesma vou mandar buscar um pacote de balas para o senhor.

MIGUEL - E chocolates. Eu quero chocolates também. Eu gosto de chocolates.

LEOPOLDINA - Está bem. Eu mando buscar balas e chocolates para o senhor. Mas tem que terminar o copo de leite. Tomar tudinho. (PAUSA) Isso, vá bebendo. (PAUSA) Falta pouquinho, agora, vamos. (PAUSA) Isto. Agora sim.

MIGUEL - Agora traa as balas e os chocolates.

LEOPOLDINA - Já vou mandar buscar. Vou pedir à Eudoxia que desça e vá comprar para o senhor.

MIGUEL - Mas ~~xxx~~ ela tem que andar meio ligeira, senão, se demora muito, eu durmo.

LEOPOLDINA - Não faz mal. Se o senhor dormir eu mando lhe acordar. Não fique resistindo ao sono, si ele vier. O senhor perdeu muito sangue, está enfraquecido, precisa se fortalecer. Eu vou apagar a luz.

MIGUEL - (REAJE) Não, não... apagar a luz, não... Eu não quero que apague a luz, senão os chocolates não vêm. Deixe a luz acesa. Si você apaga, eles pensam que eu estou dormindo e vão embora.

LEOPOLDINA - Está bem, está bem, não é preciso se aborrecer. Eu deixo a luz acesa, pronto. Mas se o sono vier pode dormir sem medo que eu lhe acorde quando os chocolates chegarem.

MIGUEL - (SONHANDO) Os chocolates!... Que bom!... Que bom que tudo fosse de chocolate... a cama... o travesseiro... as cobertas... eu comia tudo... tudinho, tudinho...

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL

MANON - Pode vir. Eles já foram. (PAUSA) Sarará, onde está você, homem? Pode vir. O delegado já deu o fora. A porta da rua já está fechada, não precisa ter medo, não.

G/REGRA - PASSOS DE SARARÁ SE APROXIMAM.



SARARA - Puxa vida! Eu dei o pira mesmo em cima da hora. Foi tirá os butes de lá e o delegado mandar recolher os meus sapatos. Eu não disse a você que a Francessa havia reconhecido os meus sapatos? Eu vi logo.

MANON - Si eu não tenho a ideia de dizer a você que desse sumiço nos sapatos, você ia em casa direitinho, hein?

SARARA - Mas o papai aqui, que não deixa para amanhã o que pode fazer hoje, aceitou o conselho na mesma hora e se deixa para meia hora depois, tava perdido.

MANON - Onde foi que você se escondeu? Eu estava com medo que você inventasse de sair pelo portão de serviço porque êle estava vigiado.

SARARA - Eu calculei. O papai aqui não dorme de touca. Quando eles dão uma incerta, deixam sempre guardadas as saídas. Sabe onde foi que eu joguei o esqueleto?

MANON - No depósito de lenha do quintal?

SARARA - Qual nada! Dentro do box do banheiro. Corri a cortina plástica toda para um lado e me enroli nela. E deixei a porta do banheiro aberta pra trás. Eles chegavam na porta do banheiro, olhavam para dentro e não viam ninguém.

MANON - Eu tinha um nervoso tão grande que nem sei como consegui me controlar. Tenho a impressão que trabalhei direito, não sei. Você ouvia as perguntas dele, lá de onde estava?

SARARA - Claro que ouvi. Estiquei as orelhas tudo que deu, mas peguei o que ele falou.

MANON - Acho que respondi direito; não foi? Não podia negar que você morava aqui, mas dei um jeito de lhe dar tempo para pensar nas respostas que vai lhe dar, quando for lá depor. Você vai hoje, ainda, ou amanhã?

SARARA - Não sei, mas parece que se for hoje o cartaz fica mais vistoso, você não acha? E depois eu não preciso tanto tempo assim para estudar as respostas agora que já sei o que êle vai me perguntar.

MANON - É claro. E a sua resposta deve ser sempre a mesma. Não conheço essa mulher. Não sei quem é. Nunca estive na casa dela. Não me lembro de ter visto esta cara nem mesmo de passagem na rua. E aguento o galho nesse tom que eles não vão poder fazer nada contra você. E outra coisa: você não sabe nada da minha vida passada, apenas me conheceu na cidade, no dia que fui encomendar móveis para a casa nova e foi ali que conversamos e acabamos por fazer sociedade, em vista de você já ter uma casa no gênero, lá. Eu, naturalmente vou ser chamada depois, faço as mesmíssimas declarações e deixamos a Francessa a pé. Ela vai dar urros de braba, porque a esta hora deve estar plenamente convencida que vai lhe botar na cadeia.

SARARA - (DEBOCHANDO) Coitada da velha! Ela não sabe com quem se meteu!



MANOÁ - E outra coisa, ainda: não vamos fazer a menor referência ao despacho que ela mandou botar ou botou na nossa porta. Vamos ignorar o fato.

SARARÁ - OK. Então logo mais, depois das seis horas, eu apareço na delegacia como tendo acabado de chegar da cidade. Você vai ver que artista o cinema perdeu.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

DEMETRIO - Verho mais uma vez conversar com você, para persuadi-lo a tomar uma atitude diferente, meu amigo. Você não pode continuar assim. Quem cala consente e dessa maneira parece que você está confessando uma culpa que não tem e aceitando um castigo que não merece. Você precisa reagir. Precisa mostrar-se inconformado pelo julgamento errôneo que estão fazendo de você.

RAPAEEL - Não, Padre, não. Eu já vi que é inútil lutar, contra o destino. Quando eu nasci, certamente, no céu não haviam estrelas e o meu destino foi traçado, ao léu, num caminho de pedras e de cardos. Foi-me dada, como companheira, a solidão e ela tem sido, de mim, inseparável.

DEMETRIO - Qual o quê! Não fique aí a imaginar coisas. Cada um é que traça o seu próprio destino, pela força, maior ou menor, da sua vontade. Se você se entrega e se conforma, tudo continua no mesmo e o nosso dever é lutar para melhorar e fazer imperar sempre a verdade. É a mesma coisa que o fogo começar a destruir a sua casa e você se sentar a olhá-lo. Você não vai fazer isto, vai? É claro que não. Você vai procurar defender o seu patrimônio, apagar as labaredas para que elas não consumam tudo que lhe pertence. O seu nome é também um patrimônio, Rafael. É um bem que lhe pertence. Você vai, por conformismo, deixar que o/ atinjam sem procurar defendê-lo? Tenha paciência meu amigo, mas está errado. Está errado e eu não posso concordar que você proceda assim. Estou aqui para animá-lo e ajudá-lo na luta que você deve se empenhar.

RAPAEEL - Não foi por conformismo que me recolhi ao silêncio e à solidão, Padre Demétrio. Foi por ofendido e revoltado. Foi, justamente por não merecer o juízo que foi feito de mim que me afastei da pessoa que amo <sup>não</sup> e voltarei ja mais para ela, antes que se tenha penitenciado do mal que me fez.

DEMETRIO - Mas se isso chegar a acontecer, espero que ao menos você possa ter a capacidade de abrir seu coração ao perdão. Que não fique, como é tão comum, procurando pisotear os que se humilham.

RAPAEEL - Eu não seria capaz de uma coisa destas e, mesmo que fôsse, isso nunca chegaria a acontecer porque mesmo que ela se arrependesse, não creio que pudesse chegar ao ponto de se humilhar. Simone tem amor próprio.



- DEMETRIO - Como se deve ter. Na dose exata. Mas também não conhece o orgulho e isto a ajudará a poder fazer um exame perfeito da situação.
- RAFAEL - Está bem, Padre, proceda lá como achar que deve proceder, mas tenho, para mim, que o vosso caso não tem mais arrumação.
- DEMETRIO - Deus é que sabe, E como para Ele nada é impossível...
- TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL FORTE
- ANGELA - Como foi de trabalho hoje, minha filha, bem? Fiz tudo que esperava poder fazer, ou ficou faltando ainda alguma coisa?
- SIMONE - Alguma coisa? Muita coisa. Eu não faço outra coisa senão somar os cadernos. Quando termino já não há mais tempo para muita coisa.
- SARAH - Antes seu Rafael somava os cadernos para você. Por isso sobrava tempo.
- SIMONE - É claro. Se continuar assim, não vejo muito jeito de podermos inaugurar a sala direita da casa no fim do mês.
- ANGELA - Mas minha filha, se a ausência dele está prejudicando a boa marcha dos serviços, porquê que você não manda pedir a Ele que venha ajudá-la?
- SIMONE - A senhora acha que Ele viria?
- ANGELA - Acho. Desde que você mandasse pedir, é claro.
- SARAH - Eu também acho. Afinal... que têm que vocês tenham terminado o namoro e continuem a trabalhar pelo bem do próximo? Uma coisa não tem nada que ver com a outra.
- ANGELA - Ela sabe. Eu já disse exatamente isto que a senhora está dizendo. Ela at hoje não quis me atender... já não digo mais nada.
- SARAH - Ah não, minha filha, não está direito. Você não pode prejudicar as crianças só por uma questão de orgulho. E depois você não vai mandar chamá-lo para fazer as pazes. Vai mandar chamá-lo para ajudá-la no seu serviço. É muito diferente. Se você manifestar esse desejo ao mano, garanto-lhe como Ele irá lá no mesmo dia buscar seu Rafael.
- SIMONE - Não sei, não... eu tenho medo que o meu chamado seja mal interpretado por Ele.
- ANGELA - Você acha que o Padre Demétrio não vai saber fazer as coisas? Pode até pedir como coisa dele mesmo, sem envolver o seu nome.
- SARAH - É claro. Se você pode inaugurar a casa no dia trinta, porque há de deixar para o dia dez ou quinze, só porque não quer dar o braço a torcer? É pecado. Você está prejudicando as crianças. (PAUSA) Como é? Posso dizer ao mano que traga seu Rafael para ajudá-la? (PAUSA) Vamos ~~kkkk~~ fale. Posso dizer ao mano?



TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

- SIMONE - Eu tenho medo que o meu chamado seja mal interpretado por ele.
- ANGELA - E você acha que o Padre Demétrio não vai saber fazer as coisas,? Pode, até, pedir como coisa dele mesmo, sem envolver o seu nome.
- SARAH - É claro. Se você pode inaugurar a casa no dia 30, porque há de deixar para o dia dez ou quinze, só porque não quer dar o braço a torcer? É pecado. Você está prejudicando as crianças. (PAUSA) Como é? Posso dizer ao mano que traga seu Rafael para ajudá-la? (PAUSA) Vamos, fale. Posso dizer ao mano?
- SIMONE - (DEPOIS DE PAUSA, A-GUSTIADA) Não sei... não sei... eu estou tão confusa... tão desorientada... tão indecisa...
- ANGELA - Confusa e desorientada porque quer, minha filha. Eu tenho procurado esclarecê-la e orientá-la. Você não me escuta... que posso fazer?
- SIMONE - Eu sei, mãezinha, eu sei... não estou culpando a ninguém, é a mim mesma. Trava-se uma luta enorme dentro de mim e cada um dos sentimentos parece que procura gritar mais alto do que o outro, no fim eu não sei a qual escutar primeiro.
- SARAH - Deverá que ouvir a voz do bom senso. Você acha justo prejudicar algumas dezenas de crianças verdadeiramente necessitadas, crianças que vivem por aí, docentes e esfaimadas, para que seu Rafael não possa pensar de você isto ou aquilo? Não, minha querida, não me parece justo.
- ANGELA - Não é justo, não, dona Sarah e ela está sabendo disto. E justamente por isto, está em confusão. Sabe que o seu dever é chamá-lo, mas o seu orgulho reluta e grita que o não chame. Não seja orgulhosa, minha filha, principalmente quando está em jogo a miséria de tantos pequeninos seres.
- SIMONE - (CHOROSA, QUASI DESESPERADA) Mãe, eu não sou orgulhosa, mãe... eu não sou orgulhosa... mas também não quero parecer oferecida, entende? É isto. Se um homem briga e é alvejado por causa de outra mulher, a senhora acha que a sua namorada deve deixar isso pra lá e continuar a tratá-lo da mesma maneira que antes? Não pode. Ou então ele já fica conhecendo o seu domínio sobre a namorada e o que fará depois de casado, quando não tenha mais o receio de perdê-la! A senhora e dona Sarah vêm, apenas, o presente. Eu vejo mais longe, mãe. Eu olho o meu futuro. Isto é que é.
- ANGELA - Mas não vemos apenas o presente porque você, para nós, não está em jogo.



ANGELA - (CONTINUAÇÃO) Mas vemos o futuro das crianças. Quinze dias podem fazer uma diferença muito grande na vida deles.

SARAH - É claro. O tempo é mais do que suficiente para que tenham febres, colítes, resfriados, pneumonias e sei lá mais o que. E quantas podem morrer nesse tempo? E quantas poderiam ter sido salvas se tratadas, devidamente, com interesse e competência?

ANGELA - ~~É~~ Isto mesmo. Quasi que se poderá acusar você, se alguma coisa acontecer nessa pausa de espera a alguma das crianças pobres do lugar.

SIMONE - (desesperada) Oh, meu Deus! Meu Deus!.. Calm-se, pelo amor de Jesus!... Já não chega a agonia que tenho dentro d'alma e ainda querem aumentá-la com o peso de uma culpa de morte?

ANGELA - De uma só, não. De todas as que possam ocorrer nesse período de espera. E se estamos sendo rudes com você, é para que você desperte e compreenda que não tem o direito de jogar com os pobresinhos. O que você ~~deverá~~ <sup>decidirá</sup> sobre o seu amor, há tempo de sobra para resolver, mas o que vai fazer com os pequenos, é obrigação decidir imediatamente.

SARAH - E decidir olhando apenas o interesse deles, esquecendo-se de si mesma, ou então abandone, imediatamente, a missão que se propoz, porque você não possui a necessária grandeza para postar-se na vanguarda de uma obra tão magnífica. Descalpe a minha rudeza.

ANGELA - Não há o que desculpar, dona Sarah. Ela só poderá agradecer a sinceridade com que a senhora lhe falou. E vai ver que essa verdade rude, mas puríssima e verdadeira, vai fazer com que Simone desperte da letargia em que se encontra. (PAUSA) Vamos, minha filha, resolva. Diga o que prefere, se persistir no erro, ou corrigi-lo.

SIMONE - (DESPERADA E CHOROSA) Está bem... está bem... façam o que lhes parecer melhor... Mas eu chamá-lo, se quiserem... Podem até dizer que fui ~~eu~~ eu que mandei... já não me importa nada... já não me importa nada... (CHORA MUITO)

ANGELA - Isso, minha filha, chore. Chore que chorar faz bem. Deixe correr o pranto que lhe queima e há de ver, depois, como o céu voltará a ser azul e as matas tornarão a se vestir com o maravilhoso verde da esperança!...

(SIMONE PERMANECE CHORANDO E SOLUÇANDO SEM EKAGERO. SARAH FALA EM MUIA VOZ)

SARAH - (MEIO TOM) Vou dizer ao mano que vá buscá-lo. Acho que chegou exatamente a hora.

ANGELA - (EDEN) Também penso que sim.

SARAH - (EDEN) A senhora acha que eu fui muito rude com ela? Estou querendo pedir-lhe desculpas.



ANGELA - (MEIA VOZ) nada... nada... Deixe isso pra lá. Vá de uma vez, não perca tempo.

C/REGRA - PASSOS DE DONA SARAH QUE SE AFASTA.

ANGELA - E então, minha filha? Sente-se mais aliviada, agora?

SIMONE - (VOZ DE CHORO, CORTADA DE SOLUÇOS SECOS) Sim, mãe... parece... que o meu coração... já não dói tanto.

ANGELA - Chorar é bom, quando se tem necessidade. Não só alivia a angústia do coração, como solara o cérebro e nos permite pensar melhor. Você vai ver agora, filha, como tudo vai acabar bem.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

SARARÁ - Cheguei da cidade e encontrei a novidade ~~de~~ que os meus sapatos haviam sido todos trazidos para cá. Não manjei a jogada, mas vim saber o que é que há. Até pensei comigo: issoendon papolina, por aí, que eu era contra barista de pedras preciosas e eles querem examinar os saltos dos ditos.

DELEGADO - Não, não... não é nada disto. O negócio é muito diferente e você está sabendo muito bem, que basta olhar para a sua cara e a gente já vê que você é moleque sarado.

SARARÁ - Que é isso comigo, seu delega? Tô dizendo que não sei porque não sei, mesmo. Eu só quero trabalhá a ganhá a minha grana sem complicação, manjou?

DELEGADO - Ah é? Sem complicação? Diga uma coisa: estes sapatos são todos ~~seus~~ seus?

SARARÁ - São, sim senhor. Alguém está reclamando algum deles?

DELEGADO - Não. Você é que talvez reclame, se faltar algum. Eu me distraí, a-daram mexendo neles...

SARARÁ - Deixe ver... (PAUSA) Não, não falta nenhum, não senhor. Estão todos aqui.

DELEGADO - E estes sapatos são todos os que o senhor tem?

SARARÁ - São, sim senhor. E mais estes sandálias que já faz uns tres ou quatro dias que estou com elas nos pés. Mas o senhor que fazê o favor de me dizer por que tudo isto? Eu tô voando, seu delega, tem dó.

DELEGADO - Espere um pouco. Eu vou mandar vir uma pessoa, para ver se o reconhece e se reconhece, também, algum destes sapatos. (TOM) Cabo, faça entrar a queixosa. (TOM) Ela, agora, é que vai decidir a parada.

XXXXX C/REGRA - PASSOS QUE SE APROXIMAM. PASSOS DE MARGOT. SALTO ALTO.

DELEGADO - Aqui está o homem que a senhora mencionou, Madame.

MARGOT - Estou vendo. Foi este mesmo que entrou no sobrado.

DELEGADO - Você conhece esta mulher?

SARARÁ - (PARA NÃO PALAR, FAZ APELAS, NEGATIVAMENTE) Hum-hum.

DELEGADO - E a senhora reconhece algum destes sapatos que aqui estão?



MARGOT - (DEPOIS DE PAUSA) Não nenhum destes, senhor delegado. Nenhum destes. Ex-rem uns de cor amarello escuro, amarrado com barbante assim do lado.

DELEGADO - O senhor teve algum sapato assim, ou semelhante?

SARARA - (NEGATIVO) Hm-hum.

DELEGADO - E a senhora tem certeza, olhando a cara do homem, que foi ele que a agrediu? Veja bem, também não vá fazer injustiça.

MARGOT - Eu não posso dizer pela cara, não posso, mas penso que só pode ser ele.

DELEGADO - Só por pensar, não lhe cabe o direito de condenar. Se a senhora tivesse certeza, ou tivesse uma testemunha do fato, era diferente. Mas assim... a senhora tem que compreender que eu não posso condenar o homem.

MARGOT - Mas é ele que mora no sobrado e só do sobrado é que havia interesse de se maltratarem. O senhor não está querendo compreender.

DELEGADO - Engana-se. Estou compreendendo perfeitamente. A senhora acha que foi ele pelo fato de morar no sobrado, mas não reconhece os sapatos que o homem tem e que a senhora disse que foi no que a senhora havia se fixado.

MARGOT - Mas ele unhou os sapatos, está visto. Ele escondeu os sapatos, talvez...

DELEGADO - Não poderia ter feito isto, porque eu fui lá de surpresa, apreendi todos os ~~seus~~ sapatos e os trouxe para cá na mesma hora. Tive ainda o cuidado de indagar com que calçado ele havia saído. A explicação que recebi combinou certinho com o sapato que ele chegou aqui. Logo não há nenhuma contradição e eu não tenho outro remédio senão me curvar à evidência dos fatos.

MARGOT - Está bem. Sem que me disserem que eu não ia adiantar nada com a minha que-  
xa, porque o senhor não gosta de mim.

~~MARGOT~~  
DELEGADO - Madame Margot, pare de dizer tolices. Eu não posso é culpar uma pessoa sem nenhuma prova, quando a senhora mesma não tem certeza do objeto da sua que-  
xa.

MARGOT - Passe bem. Eu vou me embora que estou perdendo o meu tempo.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM, RAPIDOS. (MARGOT SAI DE SAITO ALTO)

SARARA - Não posso saber por que motivo essa criatura cisnou comigo. Eu nunca vi a fachada dela! Ora já se viu! E mulher havia de invocar o santo logo pra-  
meu lado. E agora, seu Delegado, o que é que eu faço?

DELEGADO - Recolha os seus sapatos e pode ir embora.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

RAFAEL - O senhor outra vez em minha casa, Padre? Quais são as novidades?

DEMEBRIIO - Venho buscá-lo, a mando de Simone.

TÉCNICA - AGORRE DE ALEGRIA.



RAPHAEL - Como... como foi que o senhor disse, Padre Demétrio?!... Eu tenho a impressão de que não ouvi muito bem. O senhor disse....

DEMÉTRIO - Que vim buscá-lo a mando de Simone. Ela precisa inaugurar a casa no fim do mês e se o senhor não continuar a dar-lhe a ajuda que lhe dava antes, esse desejo não será realizável. Há muita coisa, ainda, por fazer e ela perde as manhãs, inteiras, no registro e na soma das esportulas que recebe.

RAPHAEL - Desculpe, padre, mas... o senhor... o senhor tem absoluta certeza de que isto foi ideia dela mesma? Não houve a sua interferência no assunto?

DEMÉTRIO - A minha não. Houve realmente uma interferência, mas...

RAPHAEL - (CORTA MEIO DESILUDADO) Eu logo vi.

DEMÉTRIO - Não foi de minha parte. Dona Ângela é que chamou a atenção dela de que o retardamento da inauguração poderia prejudicar as crianças e que não lhe cabia o direito de ter orgulho, quando esse orgulho redundava em prejuízo para outros.

RAPHAEL - E o senhor acha que, se foi chamado apenas por interesse de terceiros... deve atender a esse chamado?

DEMÉTRIO - Claro. Também você não pode, por orgulho, sacrificar a dezenas de crianças. Quanto mais cedo a casa inaugurar sua sala, mais benefícios eles receberão. Retardar esse benefício é roubar-lhe um direito. Entendeu bem?

RAPHAEL - Sim, padre, entendi. Mas acontece, também, que o brio de um homem não pode ser pisoteado ao bel prazer de uma moça caprichosa e inconsequente.

DEMÉTRIO - Que é isso, Rafael?! Você está sendo injusto com Simone. Ela não é nem caprichosa e nem inconsequente. Ficou magoada com o que aconteceu e, no fundo, não deixou de ter as suas razões. Cabe a você, agora, demonstrar para ela, que também você foi injustificado pela leviandade de um rapazote que, este sim, é um inconsequente.

RAPHAEL - Que pensarão o senhor de mim, se recusar a um chamado nas condições em que este foi feito?

DEMÉTRIO - Ai eu terei o direito de chamá-lo de caprichoso a você. Caprichoso e deshumano, porque sabendo que a felicidade e o bem estar de tantas crianças serão antecelidos de quinze ou vinte dias se caprestar a sua ajuda e negar-se a ela...

RAPHAEL - (DEPOIS DE PAUSA) Está bom, padre. O senhor me curvou com este último argumento. Eu não quero parecer caprichoso e menos, ainda... deshumano. Quando devo ir à Casa Canônica?

DEMÉTRIO - O mais cedo que lhe for possível. Vamos dizer... amanhã, na primeira hora. Está bem?



RAPHAEL - E o senhor... estará lá, também?

DEMETRIO - Por que? Você quer que eu esteja?

RAPHAEL - Seria melhor. O senhor sabe como é... Vai haver um grande constrangimento entre nós, pelo menos na primeira hora...

DEMETRIO - Está bem. Veja uma coisa, então: para não atropalhar as visitas todas que deverei fazer pela manhã, esteja lá às oito e meia, está bem?

RAPHAEL - Está muito bem. Às oito e meia, sem falta, estarei lá.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

SARAH - Está contente, dona Angela? Parece que o encontro, pelo menos, está acertado para amanhã de manhã, não é?

ANGELA - Está, sim. Ela ainda não sabe, porque não voltou do colégio, mas assim que chegar, eu vou dizer, porque talvez ela queira fazer as unhas e arrumar o cabelo.

SARAH - Com certeza vai querer, mesmo que não esteja pensando em fazer as pazes com ele. Mas em todo caso... o encontro já é uma esperança, a senhora não acha?

ANGELA - Claro. Pelo menos mais fácil já será. Elas terão oportunidade de conversar, de se explicar, de se entender... Cada um para um lado é que não dáia nunca. Acabariam, talvez, por nem mais se falarem.

SARAH - É, a primeira etapa parece que será vencida amanhã. Agora vamos pedir a Deus que eles se entendam. Feito isto... o resto não será tão difícil.

~~XXXXXXXX~~ O novo conto direitinho à senhora como foi a conversa com ele?

ANGELA - Contou, mas eu não vou dizer nada a ela. Vou deixar que ela pense que ele acedeu logo. Depois, si ele quiser que diga, eu não vou dizer.

SARAH - É isto mesmo. Às vezes uma palavrinha mal interpretada bota por terra um trabalho de inúmeras horas de paciência e boa vontade. O melhor de tudo é mesmo calar. (PAUSA E TOM) Bem, mas eu estou aqui de conversa e o café já está todo lá para descaascar para o almoço de amanhã. É tanto, que eu tenho que começar de véspera.

ANGELA - Eu vou lá lhe dar uma mãozinha, dona Sarah. Deixo um bilhete aqui no quintal avisando Simone que estou no fundo do pátio e vou para lá.

SARAH - Ah, muito obrigado. Com a sua ajuda já pouparei muito tempo. O jantar já está pronto. Fiz só galinha com massa. Quando Simone chegar é só aquecer. Então eu vou e lhe espero lá no fundo do quintal, por causa das moscas.

ANGELA - Eu vou em seguida. É só escrever o bilhete para Simone e em dois tempos estarei lá também.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.



MARGOT - Bom dia, Madame Dinórra. Eu vim aqui por causa do trabalho que a senhora fez para mim.

DINÓRA - (MÁ VOLTADA) O que é que tem o trabalho?

MARGOT - Já fez mais de um mez que eu botei ôle na porta do sobrado/ e até agora não experrimentei nenhum resultado prático.

DINÓRA - E que resultado a senhora queria experimentar dentro de um mês, si eu lhe avisei que o trabalho não foi completo, por faltarem moedas, e que, em consequência disto os efeitos seriam mais demorados?

MARGOT - Oui, oui, a senhora disse que seriam mais demorados, sim, mas que depois de um mez, ou talvez antes, eu já sentisse os efeitos. E o que senti até agora? As dorres de umas tremendas bofetadas que derram na minha cara, no dia seguinte de botar o galo preto lá.

DINÓRA - Não, a senhora não aporhou por causa disto. Veja bem que a culpa não foi do galo, nem do trabalho. A senhora aporhou por alguma outra coisa que aconteceu lá na sua boíte, por alguma coisa que fez a alguém e que não se lembra. Pelo trabalho não, tenho certeza. E quanto ao prazo que lhe dei, a senhora fez uma grande confusão. Eu lhe disse que o efeito seria em trinta dias, no máximo, se as moedas fossem todas colocadas dentro do galo, mas como faltaram duas, eram mais dois meses de atraso. Então a senhora tem que partir do seguinte principio: se com seis moedas o tempo seria trinta dias, faltando duas moedas atrasará, fatalmente, dois meses. Logo... antes de tres meses a senhora não poderá esperar nenhum resultado prático.

MARGOT - Que coisa horrorrosa! Quer dizer que eu ainda tenho que experrar mais sessenta dias, para ver aquelle maldito sobrado fechar as portas?

DINÓRA - Dois meses, sim. Eu lhe avisei. Lembre-se bem que eu lhe avisei. O que eu disse, que causou confusão na sua cabeça, foi que podia ser que antes de um mês já a senhora sentisse qualquer resultado prático. Mas "podia ser" não é afirmar. A senhora volte para casa... espere pacientemente... porque o dia chegará. Isso não tenha dúvida.

MARGOT - Vamos ver... vamos ver... eu vou experrar mais dois meses, mas se acontecer que não dê resultado, a senhora vai ter paciência mas eu volto aqui para reclamar, porque afinal, eu não paguei tão pouco.

DINÓRA - A senhora não vai voltar para reclamar, não. Pode ficar descansada. O que pode acontecer é que daqui a dois meses a senhora apareça aqui para me agradecer.



SCENES

DEMETRIO - Entre. Não precisa espiar de fora, desconfiado. Está com medo de quê?

RAFAEL - Bom dia Padre. Eu não estava com medo, não. Estava apenas olhando para ver si ela já havia chegado.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM CHEGANDO COM AS FALAS.

DEMETRIO - Ainda não chegou, mas não deve demorar. Se você quiser começar a registrar os donativos ou a somá-los, os cadernos estão aí em cima e as duplicatas dos recibos também. Você já sabe que os que estão neste gancho já foram registrados e os que estão neste peso de papéis...

RAFAEL - (CORTA) Eu sei, Padre, eu sei. Vejo que nada foi modificado. Não haverá nenhuma dificuldade, portanto. Eu esqueci de trazer foi a minha caneta automática. Com a pressa de sair, para não chegar atrasado...

DEMETRIO - Não tem importância, eu lhe deixo a minha. Não é tão fina como a sua, mas escreve bem.

RAFAEL - Eu só uso aquela caneta fina porque era de meu pai. Não dou maior importância a essas coisas. Se tiver um lápis, eu também escrevo igual. Uma vez no colégio... (CORTA BRUSCAMENTE O QUE IA DIZER)

DEMETRIO - (PROJEANDO) Olá, entre. Estávamos justamente à sua espera.

C/REGRA - PASSOS DE SIMONE QUE SE APROXIMA.

DEMETRIO - Rafael também acaba de chegar.

SIMONE - Bom dia.

RAFAEL - Bom dia.

SIMONE - Já... já começou... o trabalho?

RAFAEL - Não... quer dizer... ia justamente começar... quando... quando você chegou. Quer alguma modificação, ou posso continuar o antigo sistema.

SIMONE - Pode, claro. Não há modificação alguma. Faltem registrar tantos donativos... Eu... eu não tenho todo tempo...

RAFAEL - É o que eu vou fazer primeiro. Registro todos que faltam e depois procedo a soma do total.

SIMONE - E enquanto isto, eu... Eu vou examinar as contas que temos que pagar até sábado e ver, a seguir, o que precisamos comprar de mais urgente.

DEMETRIO - Muito bem. E eu não vou ficar aqui parado, sem fazer nada. Tenho oito visitas pastorais programadas para a manhã de hoje. E quero ver se não atraso o meu almoço. Ao meio dia pretendo estar em casa. Até logo então para vocês e bom trabalho.

SIMONE - Obrigada, Padre Demétrio. E ao senhor também boas visitas.

C/REGRA - PASSOS QUE SE APARTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO.

RAFAEL - (DEPOIS DE PAUSA) Você... você poderá responder a uma pergunta que... que desejo lhe fazer?



SÍMBOLE - (DEPOIS DE PAUSA) Talvez... talvez possa. (PAUSA) Faça a pergunta.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, PARA B-CERRAMENTO.

---







ANGELA - (CONTINUAÇÃO) por ele, sinão estava pouco se importando com a figura que pudesse fazer.

SARAH - Eu acho que o pior já passou, dona Angela. Agora, a meu ver, é só uma questão de tempo e tudo voltará à normalidade.

ANGELA - A senhora acha mesmo, dona Sarah? Por ela eu já estou começando a acreditar, mas por ele não sei, não... O Padre Demétrio disse que ele estava tão magoado... tão sentido... Que não queria nem falar com ela. Estava ofendido pelo mau juízo que ela havia feito dele.

SARAH - Pois é, mas homem não aguenta muito a mão, não dona Angela. É só ela revirar os olhos para o lado dele e fim para mágoas, ofensas e ressentimentos. Mulher é que é pior e sabe por que? Porque a mulher é mais miudinha do que o homem, mais exigente, mais cheia de coisas. Inda vai pelo que possam pensar... pelo que possam dizer... o homem não dá muita bola para essas coisas, não. Agradeça-lhe fazer as coisas, faz e está acabado.

ANGELA - Estou aflita pela hora da volta dela, para saber como as coisas se passaram, mas recem são nove e meia, até ao meio dia inda tenho bastante que esperar. Até acho que vou dar uma volta até à praça, para que o tempo passe mais depressa. A senhora não pode sair de manhã, sinão eu a convidava para irmos juntas e aí a gente poderia observar a saída deles da Casa Cênica.

SARAH - Ah, seria bom, eu também gostaria, mas acontece que si eu sair agora, ficaremos todas sem almoço. E eu ainda tenho que limpar as vâgens e esco-lher o arroz.

ANGELA - E si eu em vez de sair fôsse lhe ajudar, aprontássemos tudo mais cedo, saíssemos e depois, quando chegássemos, só a-necessesmo o almoço?

SARAH - Ah, bom, aí podia ser que desse. Mas precisaríamos estar prontas às onze horas, onze e quinze, no máximo. A senhora acha que ficaríamos?

ANGELA - Depende do que a senhora vai fazer. Feijão, arroz, sopa, e que mais?

SARAH - Guisadinho de vâgens e salada. Mas o feijão e a sopa estão prontos desde ontem que eu sempre faço na véspera à noite. A salada faço até na hora. É alface, tomate e cenoura crua ralada.

ANGELA - Então, o que tem mesmo para fazer é o guisado com vâgens. Numa hora pode estar pronto. Ah, é verdade, tem o arroz, também. Em tanto a senhora faz o guisado eu liapo e faço o arroz. Depois feixo a cenoura ralada também.

SARAH - Então está combinado. Enquanto eu faço uma coisa a senhora faz a outra. Vamos logo.

ANGELA - PASSAGEM MUSICAL.



EUDOXIA - Suncê num tá boa hoje, Leopoldina. Faiz hora que eu tô assuntando suncê e tô vendo que cuareuê coisa tá le beliscando.

LEOPOLDINA - Eu ando muito preocupada, Eudoxia. Muito preocupada, mesmo.

EUDOXIA - Uái xente! Pru quê? O seu dotô num teve aí ontonte, ainda, e num disse que o seu ligué vai ficá bño logo logo?

LEOPOLDINA - Disse, mas não é por causa de papai que eu ando preocupada. A minha preocupação ainda é por causa do atentado que o patrão sofreu. Tenho a impressão de que a qualquer hora repetem o ataque e ele nos aparece em casa morto.

EUDOXIA - Credo em Cruz, Leopoldina! Vira a boca pras costa. Que o diabo teje surdo numa hora dessas. Suncê num deve de falá essas cousa. Num presta.

LEOPOLDINA - Pois é, mas o que é que eu vou fazer, si esse pressentimento não me larga nem um momento? É de dia... é de noite... ele está sempre comigo. E depois, se o patrão se cuidasse, se andasse armado, para se defender, a gente ainda poderia esperar que Ele tivesse outra chance, mas Ele não acredita no perigo e insiste em não usar armas... Se acontecer outra vez coisa, não terá como defender-se.

EUDOXIA - Suncê num disse que adiscunfiava de donde vinha o perigo e que tinha vontade de falá pro seu delegado, mode o seu delegado tumá uma precaução?

LEOPOLDINA - Pois é, mas eu fui falar ao patrão e Ele não quer que eu toque no assunto. Vai deixar tudo como está, confiante de que nada mais aconteça.

EUDOXIA - Isso Ele num pode sabê, ariessa! Pode num cuntecê e pode cuntecê. (PAUSA) Isculta uma cousa, Leopoldina: prucê suncê num purveita que o patrão num té e num vai lá falá co seu delegado e cuntá pre Ele as discunfiança que suncê tem? Num precisava o patrão sabê e o seu delegado já ia tomando as medida que fosse preciso.

LEOPOLDINA - Mas e depois si Ele viesse a descobrir, a senhora não acha que Ele ia ficar muito zangado comigo? Tanto mais que Ele me pediu para não tocar no assunto diante do delegado.

EUDOXIA - Mas é só suncê pidi pro seu delegado pra num falá nada pra ele que foi suncê que deu parte que o seu delegado num fala. E o delegado num falando, como é que o patrão ia sabê? Num tinha jeito.

LEOPOLDINA - Pois é, não é, Eudoxia? Eu podia mesmo pedir a Ele que não falasse nada ao patrão e pelo menos ficava mais aliviada porque tinha cumprido com o meu dever. (PAUSA) Acho que é isto mesmo que vou fazer. Vou me vestir e procurar o delegado agora mesmo. Você repara o papai para mim?

EUDOXIA - Arô arô, sim. Pode i adiscunhada que eu arreparo. Ele tem que tumá arg



HUDOXIA - (CONTINUAÇÃO) - em causa mais ante do aradoço?

LEOPOLDINA - Não, nada. Só depois da refeição, mas antes do meio dia eu já pretendo estar de volta, de forma que eu mesma dou.

HUDOXIA - Entence vai dum vez, Leopoldina e que Deus Nosso Senhor lo acumpre.

TÉCEICA - PASSAGEM MUSICAL.

TEREZA - O certoiro já veio hoje, Joana? Não trouxe nenhuma carta para mim?

JOANA - Não trouxe, não senhora. Só esses folhetos que estão aí em cima da sua mesa. Eu ainda perguntei: carta não tem? Ele respondeu: não, carta não trouxe nenhuma. (PAUSA) A senhora está preocupada com a dona Laila, não é?

TEREZA - Claro que estou. Pois ela não aparece nem manda a menor notícia... E eu atendendo a sala dela e sem poder pedir uma substituta.

JOANA - Eu, se fosse a senhora, já tinha pedido. Ela não vai voltar, e senhora vai ver. No fim a senhora vai se cansar até, sem resultado.

TEREZA - Mas se eu pedir uma substituta, ela perde o lugar, Joana. E depois si ela quer voltar?

JOANA - Não volta. A culpa é dela mesma que não avisou coisa alguma. (PAUSA) A senhora quer que eu lhe diga uma coisa bem francamente, dona Tereza? Para a senhora até é muito bom que ela não volte, porque sinão ela ia acabar comprometendo a senhora.

TEREZA - Comprometendo-me por que, Joana? O que foi que você quis dizer com isto?

JOANA - A senhora sabe, dona Tereza. Eu é que não gosto de andar falando.

TEREZA - Hoje eu vou conversar com Simone a respeito do assunto. Quero ver o que é que ela pensa e o que faria, se estivesse no meu lugar.

JOANA - Eu posso lhe dizer, porque outro dia ela já falou comigo a respeito do assunto. Ela pensa exatamente como eu. Até lembrou que pode chegar aí um inspector, de um momento para o outro e que explicação a senhora irá dar da ausência de dona Laila?

TEREZA - Ah, pois é, e ainda tem mais esse detalhe que eu não havia pensado nele. Mas então ela também é de opinião que eu devo comunicar o afastamento de Laila?

JOANA - É, sim senhora. E me disse que não lhe tocava no assunto, porque não queria que a senhora pensasse que era porque tocara-lhe a metade dos alunos da sala de outra. Sinão já teria alertado a senhora para o perigo que está correndo.

TEREZA - É, sim, Joana, ela não deixa de ter razão. Eu vou pensar longamente no assunto esta noite e amanhã, de manhã, farei o que me parecer mais conveniente.



JOANA - Acho bom. Sempre tenho receio que, de uma hora para outra, a senhora possa ter qual uor surpresa. Assim, mais vale prevenir do que remediar.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LEOPOLDINA - Eu não sei se o senhor me conhece. Uma vez o senhor esteve lá em casa e fui eu que o atendi.

DELEGADO - Não tenho ideia, não. Também eu falo com tanta gente... atendo tantos.

LEOPOLDINA - É claro. Se fosse lembrar de todos, teria uma memória fora do comum.

DELEGADO - Mas a senhora deseja alguma coisa de mim? Pode falar.

LEOPOLDINA - Começarei dizendo ao senhor que sou empregada da casa de Seu Rafael.

Sou filha do antigo cocheiro da família, criada e educada por Dona Clara, quasi como uma pessoa da família. Dona Clara desejava mesmo me perfilhar, mas seu marido não concordou, nunca, com esse desejo dela e eu continuei, sempre, com muitas regalias, mas no lugar que elle achava que era o que eu devia ocupar.

DELEGADO - Quer dizer, então, que a senhora é filha do homem que foi baleado há pouco tempo, em lugar do seu patrão?

LEOPOLDINA - Exatamente. E era sobre este fato, exatamente, que eu desejava falar ao senhor, mas antes desejava pedir-lhe um favor todo especial.

DELEGADO - Sim senhora, pode falar.

LEOPOLDINA - Que o senhor guardasse segredo, especialmente ao seu Rafael, da minha vinda aqui. Pode ser? Não é que haja um motivo mais forte, para isso, mas é que eu tenho receio que seu Rafael não goste de saber que eu vim e possa aborrecer-se comigo. Ele é muito bom, eu não gostaria de contrariá-lo ou aborrecê-lo, mas acontece que eu vivo muito intranquila, desde o atentado e gostaria de dizer ao senhor que tenho desconfiança de duas pessoas.

DELEGADO - Muito bem. Diga, então, que pessoas são essas e nós cuidaremos de observá-las.

LEOPOLDINA - Uma é um homem que gostou muito da atual namorada de seu Rafael.

Chegou, até a tentar contra a vida dela, uma vez.

DELEGADO - Eu sei quem é. É o Tarcísio, filho da dona Elvira, a costureira.

LEOPOLDINA - Esse mesmo. O outro, ou melhor, a outra é uma professora que andou lá por casa se engraçando com o seu Rafael e o seu Rafael deu o fora nela. Ela ficou que nem uma fera e eu ouvi quando ela disse que haveria de se vingar dele. O senhor não sabe que a tentativa pode ter sido de um ou de outra?



DELEGADO - Pode, por que não? Do Farcisio eu não necessariamente acredito tanto, porque ele parece que se endireitou. Basta dizer que nunca mais bebeu e sabe-se que o que ele fez foi sob o efeito da bebida. Mas a tal professora escorraçada, parece-me, realmente, um caso a pensar, porque a mulher ferida no seu amor próprio é capaz de qualquer loucura. Sabe o nome da professora essa?

LEOPOLDINA - Eu ouvi seu Rafael dizer umas duas ou três vezes o nome dela. Não era um nome comum, mas eu já tentei me lembrar dele e não consegui.

DELEGADO - Bem, não é tão difícil saber-se. No Grupo existe uma diretora, uma servente e duas professoras. A diretora é Teresa, a servente Joana e as professoras Simone e Laila.

LEOPOLDINA - É essa mesma, Laila. É esse o nome. Foi ela que esteve lá, pretendendo conquistar seu Rafael e saiu jurando vingança. Nós estávamos escondidas espiando, eu e a Sudóxia e ouvimos quando ela saiu falando.

DELEGADO - Eu vou fazer uma visita a um e a outra, vou proceder como se fossem minhas essas desconfianças e eles já ficam sabendo que estão na mira das autoridades. Garanto-lhe como isto será suficiente para apagar qualquer outra ideia que eles possam ter de repetir a mesma tentativa.

LEOPOLDINA - Pois era isso, justamente, que eu desejava. Nós vivemos, lá em casa, num constante sobresalto. Qualquer barulhinho que se ouve dentro de casa, ou mesmo no jardim, já os nossos nervos ficam em pandarecos. Não é possível continuar-se assim.

DELEGADO - A senhora pode ficar descansada que já hoje de tarde irei tratar desse assunto.

LEOPOLDINA - E por favor não esqueça o meu pedido. Se chegar a falar com o seu Rafael, não lhe diga que estive aqui, ou que falou comigo. Ele é um homem muito generoso, não sabe acusar ninguém, talvez não compreendesse nem desculpassse esta minha atitude.

DELEGADO - Pode ficar descansada. Eu terei, sempre, o cuidado de omitir o seu nome.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL

SIMONE - Faltam dez para o meio dia. Penso que é tempo de encerrarmos o nosso trabalho. Lá, pelo menos, serei obrigada a parar, pela hora de entrar no Grupo. Você vai continuar a sua parte?

RAFAEL - Não, não, eu... eu acho que também posso parar... e não ser que você deseje que o serviço fique pronto hoje... aí então é diferente.

SIMONE - Não, não... também não há tanta pressa assim... Rome não se fez num dia



RAFAEL - Então... se não há pressa... eu também prefiro ir almoçar, porque confesso que estou com fome.

C/REGRA - RUIDO DE AFASTAR CADEIRA PARA LEVANTAR.

SIMONE - Eu vou avisar ao secretário que pode vir fechar a porta e já aproveito e saio por lá pela Igreja que ganho quasi mais quadra. Eu já deveria estar em casa a esta hora. Obrigada, então, pelo auxílio que foi ótimo e se puder voltar amanhã o serviço estará aí esperando pelo senhor.

RAFAEL - (INTENCIONAL) E o serviço... desejará que eu venha?

SIMONE - (NÃO SE DANDO POR ACHADA E FAZENDO-SE DE NATURAL) Certamente. Quanto mais adiantado ele estiver, mais satisfeito ficará. Venha, sim. (INTENCIONAL) Se não tiver outro compromisso, é claro.

RAFAEL - Eu sou um homem sem compromissos. Os compromissos não querem nada comigo.

SIMONE - Será? Ou você é que não quer nada com os compromissos?

RAFAEL - Não, não... pode estar certa que não é assim. A liberdade, em excesso, acaba por entediar-nos e então desejamos, ardentemente, algo que nos prenda e nos cerceie. Acontece que um passado vivido com estardalhaço, deixa sempre um certo de lembrança escrito com cores berrantes e ele permanece resistindo ao tempo e custa muitíssimo para se apagar. Daí o clima de dificuldade que se estabelece para o rapaz rico e boêmio. Se a metade dessa gente que diz coisas... que imagina coisas... pudesse penetrar no coração de gente... quantas surpresas haveriam de encontrar lá dentro!...

TÉCNICA - COMEÇAM A BATER, DISTANTEMENTE, AS DOZE BADALADAS NA TORRE DA IGREJA, EM 3º PLANO.

SIMONE - Que horror, meio dia! Eu vou voando para casa. Se você quizesse avisar ao secretário para fechar a porta, seria mais um favor que eu ficaria a lhe agradecer. Quer fazer isto para mim?

RAFAEL - Naturalmente. Pode ir embora e não se preocupe com isto.

SIMONE - Obrigada, então e até amanhã.

RAFAEL - Até amanhã... Simone.

C/REGRA - PASSOS DE SIMONE, RÁPIDOS, SE AFASTANDO. PORTA COM CAMPATELA PENDURADA, QUE SE ABRE E SE FECHA, BATENDO DUAS VEZES A SINETINHA.

RAFAEL - Ela não quis ir comigo. (PAUSA. RESSENTIMENTO) Amanhã... sei lá eu que sairei primeiro.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

DELEGADO - Bom dia, senhora diretora. Como vai o seu Grupo? Sempre bom, não é?

TEBESA - Mais ou menos, seu Delegado. Há muito que fazer e pouca gente para ajudar a tudo.



- DELEGADO - A senhora continua só com duas professoras para mais de trezentas crianças?
- TEREZA - Só com duas professoras. E uma servente - ue não é criança, para toda a limpeza do grupo. O que acontece é que eu tenho, sempre, que estar ajudando a uma ou a outra.
- DELEGADO - E não há possibilidade da senhora conseguir uma terceira professora e mais uma servente, solicitando-as à Secretaria de Educação do Estado?
- TEREZA - Possibilidade de pedir, há, mas possibilidade de atender ao pedido é que eu duvido muito que haja.
- DELEGADO - Por que a senhora não faz uma exposição de motivos que leve o testemunho das autoridades locais e não arrisca o pedido? Pode ser que si ele for assim documentado, a Secretaria se empenhe em atender logo. Poderia assinar o Vigário, o Juiz de Paz, o Comandante do Destacamento Federal, etc... As damas de Caridade também têm muito prestígio, a Presidente delas poderia dar uma ajudasinha, assinando também.
- TEREZA - Essa não assinaria. Tenho certeza. Ela não vai com a minha cara, nem eu com a dela. Não gosto de caridade de ostentação e ela sente isto. Então faz a importante, a superior para o meu lado. E eu, que não estou morta, faço a mesma coisa com ela. Já fomos apresentadas três vezes e em nenhuma das três vezes nos conheciamos. E continuamos não nos conhecendo.
- DELEGADO - (RI, GOSTOSAMENTE) Como eu acho interessantes essas picuinhas das mulheres! Divirto-me com elas às pampas, como dizem agora os transviados. Mas dona Tereza, eu não vim aqui apenas como amigo, conversar com a sua senhora. Vim também, como autoridade, fazer uma investigação.
- TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.
- TEREZA - (SUSTO HORROROSO) Investigação?! O senhor disse que veio aqui ao grupo fazer uma investigação?!... Francamente, seu Delegado, o senhor me assusta. Que espécie de investigação, pode dizer?
- DELEGADO - Eu queria falar com a senhorita Laila.
- TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL.
- DELEGADO - (DEPUIS DE PAUSA) Ela está?
- TEREZA - (PAUSA, PENSANDO NAS PALAVRAS) Não, senhor delegado, ela... ela não está.
- DELEGADO - E não sabe me informar se vai demorar muito tempo?
- TEREZA - Não senhor... não sei porque... porque ela foi viajar, entende? A irmã está à morte e o cunhado veio, inesperadamente, buscá-la. Até saiu, durante a noite e me deixou um bilhete, explicando sua ida repentina.



BENEGADO - E a senhora quer me mostrar esse bilhete, por favor?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL SEM FORTE.

TEREZA - (DEPOIS DE PAUSA) Sim senhor. Com licença um momento. Eu vou buscá-lo

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, PARA ENGENHEAMENTO DO CAPÍTULO.

---



S O L I D A D O

- Novela de Erico Cramer -

46º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

DELEGADO - Eu queria falara com a senhorita Laila.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL

DELEGADO - (DEPOIS DE PAUSA) Ela está?

TEREZA - (PAUSA, PENSANDO NAS PALAVRAS) Não, senhor delegado, ela... ela não está... está...

DELEGADO - E não sabe me informar se vai demorar muito?

TEREZA - Não senhor... não sei, porque... porque ela foi viajar, entende? A irmã está à morte e o cunhado veio, inesperadamente, buscá-la. Até saiu, ~~durante~~ durante a noite e me deixou um bilhete, explicando sua ida repentina.

DELEGADO - E a senhora quer me mostrar esse bilhete, por favor?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL BEM FORTE.

TEREZA - (DEPOIS DE PAUSA) Sim senhor. Com licença um momento. Eu vou buscá-lo.

C/REGRA - PASSOS DE TEREZA QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO.

DELEGADO - Dona Tereza deve saber de alguma coisa. Ficou muito nervosa, quando perguntei pela moça. Chegou por duas ou tres vezes a titubear. Naturalmente está com receio de se comprometer, ou então... a colega terá trabalhado de acôrdo com ela. Vamos esperar o tal bilhete, para podermos tirar melhores conclusões. De vagar... se vai ao longe. Meu lema é não parar... não recuar... mas n-ao precipitar. (PAUSA) Dona Tereza está demorando. Só para ir lá dentro e apanhar um bilhete... a não ser que ela não encontre o tal bilhete... Eu deveria falar, tambem, com a servente. Essa deve saber muita coisa, mas, naturalmente, na presença da diretora ela não vai querer dizer. Vou deixar passar por hoje e depois mando chamá-la na delegacia. Não é tão bom... melhor seria apanhá-la de surpresa como fiz com a Diretora, mas para isto eu precisaria ficar a espreitá-la e não disponho de tempo para tanto.

C/REGRA - PORTA QUE ABRE E FECHA, EM SEGUNDO PLANO. PASSOS DE TEREZA SE APROXIMAM

DELEGADO - Óra, até que enfim! A demora já começava a se acentuar demais.

TEREZA - Desculpe a demora, seu delegado, mas eu guardei tão bem o bilhete que não havia geito de encontrá-lo. Já estava começando a ficar nervosa.

DELEGADO - Por que? Se tivesse perdido, era uma coisa que poderia acontecer.

TEREZA - Eu sei, mas o senhor iria acreditar que eu havia realmente perdido? Poderia pensar que eu não queria mostrá-lo.



DELEGADO - Por que? A senhora teria alguma vantagem nisto?

TEREZA - Absolutamente. Que vantagem eu poderia ter?

DELEGADO - Pois então? Não havia necessidade de ficar nervosa.

TEREZA - Mas leia o bilhete.

DELEGADO - (LENDO) Dona Tereza...

LAILA - (FILTRO) Durante a noite fui surpreendida com a visita do meu cunhado. Minha irmã está à morte. Fui de automóvel com ele, para chegar a tempo. Depois mandarei dizer à senhora se poderei voltar e quando. Desculpe esta surpresa com a qual nem eu contava. Deixo-lhe o meu abraço...

DELEGADO - (TERMINANDO) ... e o meu muito obrigada. Laila. (PAUSA) Trinta de abril de 1965. (PENSANDO E REPETINDO) Trinta de abril. É exatamente a data da inauguração da boate do sobrado e do atentado ao seu Rafael. É muito estranha a coincidência. Muito estranha!

TEREZA - O que foi que o senhor disse, seu delegado?

DELEGADO - Não, não... não é nada de mais. Eu estava pensando a meia voz. Isso é muito comum em mim, não estranhe. A senhora pode me emprestar este bilhete por uns dois ou três dias?

TEREZA - Posso. Eu apenas não desejo perdê-lo porque se for necessário justificar a ausência dela, na Secretaria, ele vai figurar como um pedido de licença por motivo de doença na família.

DELEGADO - Eu não vou perder o bilhete, pode estar tranquila, mas a senhora quer que eu lhe diga uma coisa com toda a sinceridade? Dona Laila não voltará mais aqui.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

TEREZA - O... o senhor acha? Por que? Acho que ela não tinha necessidade de me enganar. E tanto penso assim que a espero todos os dias.

DELEGADO - Pois então escreva o que estou lhe dizendo agora: dona Laila não porá mais os pés em água parada. E sabe por que? Porque ela tem culpas no cartório da vila.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

TEREZA - Senhor delegado, eu tenho a impressão de que o senhor deve estar completamente enganado a respeito de Laila. Que culpas parece-lhe que ela possa ter? Diga. Eu estou não só curiosa, mas também bastante aflita.

DELEGADO - Não vale a pena afligir-se. Eu penso que irei à cidade amanhã ou depois e então, ao regressar, já poderei dizer-lhe alguma coisa mais concreta. Algo que fuja ao terreno das suposições. Mas uma coisa vou lhe repetir,



DELEGADO - (CONTINUAÇÃO) desde já, como certa: dona Laila não voltará a Lagoa Parada. Pode tratar de mandar vir alguém para substituí-la no Grupo Escolar.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

ANGELA - Ficamos lá no meio da praça esperando a saída de vocês e afinal, depois de tanta espera, você sai como louca, quasi a correr pela rua e o rapaz sózinho, atrás, uns dois ou tres minutos depois. Sabe a impressão que nos deu? Que você estava fugindo dele.

SIMONE - E estava mesmo. Não queria que ele pensasse que o havia mandado chamar porque desejava fazer as pazes com ele. Assim ele viu, claramente, que só desejei a ajuda dele no serviço da casa dos meninos.

SARAH - Eu acho que você não devia ter fugido. Devia ter vindo naturalmente com ele, como vinha antes. E sua mãe também achou como eu.

SIMONE - Pois é, mas eu não achei. Fiz questão, até, que ele percebesse que estava evitando a sua companhia. Assim ele não poderá confundir um interesse com o outro.

ANGELA - É, minha filha, você já tem mais de dezoito anos, sabe o que faz, não tentarei interferir nos seus problemas, principalmente os de caráter sentimental, porque o que se diz, em geral, é que o coração tem razões que a razão desconhece. Faça, portanto o que lhe parecer melhor, mas se um dia chegar a se arrepender da sua teimosia, não diga que a mãe não tentou mostrar-lhe o verdadeiro caminho. Eu não tenho feito outra coisa senão tentar apontá-lo e você não tem feito mais nada do que enveredar pelo caminho errado. Que vale que tenho aí dona Sarah para minha testemunha.

SIMONE - Mas então, mãe, colocar-me no meu devido lugar, a senhora acha que é enveredar por um caminho errado? Francamente... não acho que seja. A senhora mesma, toda a vida, me ensinou que a pior coisa para uma moça é não saber valorizar-se e oferecer-se aos rapazes. Como pode, neste caso, agora, pensar diferente?

SARAH - Sua mãe não pensa diferente, Simone. Pensa do mesmo modo. O que ela acha e que você não compreendeu, ou ela não soube expressar-se melhor, é que você não precisava exagerar tanto os seus escrúpulos, é isto.

ANGELA - Exatamente. Dona Sarah apreendeu bem o meu pensamento. Eu não quero que você se ofereça nem ao seu Rafael e nem a ninguém, mas também não acho justo que você lhe roube as oportunidades em que ele poderia justificar-se. Apenas isto.



SIMONE - Ele terá muitas oportunidades de se justificar, sem precisar andar ao meu lado na rua. Amanhã mesmo vai voltar à Casa Canônica para continuarmos o nosso trabalho. Vamos passar a manhã inteira juntos. Oportunidades não lhe vão faltar. Si ele não as aproveitar é porque não quer.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL

RAFAEL - Amanhã, Eudóxia, eu quero que você ou Leopoldina voltem a me chamar cedo. Tenho que estar lá em baixo, na Vila, às oito e meia da manhã.

EUDOXIA- Eu chamo o sinhô, pode deixá, mas inda que mar prigunte, o sinhô tá trabalhando outra vez ca professorinha lá na casa do Padre, tá?

RAFAEL - Estou, Eudoxia, por sinal que tinha que deixar um cheque com ela, na hora da saída, mas fiquei tão perturbado com a atitude dela que acabei por esquecer e trouxe o cheque no bolso.

EUDOXIA- E pruguê suncê num porveita e num vai levá ele agora de noute lá na casa dela? Já era uma rezão pra chegá.

RAFAEL - Não, Eudoxia, não. Si ela já evitou de sair comigo de manhã poderia evitar de me receber agora e eu ia ficar muito desapontado. Assim, o melhor a fazer é não precipitar os acontecimentos. Eu noto que ela ainda está arredida e desconfiada, mas espero poder transpor esse grande obstáculo.

EUDOXIA- Suncê tá vendo só o que é que o maluco do seu Migué foi arranjá? Otro dia ele já ia se alivantando da cama de novo outra vez. Foi o quanto a Leopoldina entrou no quarto e garrô ele.

RAFAEL - Coitado! Ele não tem culpa. Não sabe o que faz...

EUDOXIA- É cousa bem triste a gente enmalucuecê! Credo em Cruz, Virge Maria!... Eu peço todos os dia pra Senhora do Rosário que não me deixe eu ficá angustiado. Que me leve mais ante de eu me pará a fazê bobage pra incomodá os outros. Si isso tivé que sê, eu perfiro uma boa hora de molte. Má, memo.

RAFAEL - O louco vive, geralmente, num mundo criado por ele próprio e por incrível que pareça, muitos conseguem ser felizes nos seus mundos. Vivem alegres.. sorridentes... imaginando-se donos de tudo quanto vêm... reis... príncipes... e uma série de personagens interessantes. Esses eu tenho a impressão de que, se deixassem o mundo de fantasia onde se encontram perdidos e voltassem à verdadeira vida, talvez se sentissem desgraçados.

EUDOXIA- Sei lá. De quarcuê jeito, eu perfiro sê a Odóxia aqui memo com os meus trapo no colpo e a minha bolsa vazia do que sê Rainha da Oropa e tã as incheia diliriada.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL.



TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

- DELEGADO - Vejo que a senhora está assustada de me ver na sua casa, mas peço-lhe que não se assuste, não, porque vim, apenas, fazer-lhe uma visita de cordialidade, nada mais. Vim tomar um cafésinho com a senhora.
- ELVIRA - Ainda bem. E peço-lhe desculpas da maneira fria como o recebi, mas o senhor sabe como são essas coisas: "quem anda aos porcos, tudo lhe ronca". A impressão que tive, com a sua chegada, foi a de que vinha novamente prender meu filho.
- DELEGADO - Por que? Ele não anda comportado? Não está trabalhando direitinho? Não deixou a bebida?
- ELVIRA - Penso que definitivamente, seu Lourenço. Pelo menos, que eu saiba, ele nunca mais tomou bebidas alcoólicas. Disse que às vezes os companheiros para experimentá-lo, vão à oficina e convidam-no para uma festinha aqui ou ali e ele aceita, sistematicamente, todo e qualquer convite. Também... tenho rezado tanto... tanto... o senhor compreende... é a única alegria que eu tenho na vida, se ele começar a dar vexames e a envergonhar-me, que gosto me sobrar para viver?
- DELEGADO - É... mas se até agora ele se portou bem, é sinal de que se regenerou, pois do contrário não resistiria tanto tempo. Faz quantos meses que aconteceu aquilo com ele?
- ELVIRA - Vai fazer seis meses no dia dezessete deste mês.
- DELEGADO - Pois então? Seis meses é tempo mais que suficiente para uma observação. Posso lhe garantir que seu filho está curado.
- DELEGADO - Deus o ouça, seu Lourenço, Deus o ouça! O que eu sofri na outra vez é mais que suficiente para purificar um coração pecador. Se ele voltasse a fazer qualquer coisa mal feita e outra vez eu precisasse separar-me dele e ficar sózinha, juro-lhe que preferia morrer a ver repetidas vezes as angústias e humilhações daqueles dias terríveis que passaram.
- DELEGADO - Diga-me, dona Elvira, e ele se resignou ao namoro de dona Simone com o seu Rafael? Não lhe disse nada sobre o assunto?
- ELVIRA - Sofreu muito, coitado. No dia em que os avistou na rua pela primeira vez, quando veio para casa jantar chegou a chorar de tristeza. Mas depois foi se acostumando à ideia e quando soube que eles haviam rompido o namoro teve muita pena de Simone. Meu filho é bom, seu Lourenço. Tem um coração de ouro.
- DELEGADO - Muito bem, dona Elvira, eu disse à senhora que tinha vindo tomar um cafésinho e a senhora está se fazendo de esquecida, mas eu quero o café.



ELVIRA - Com a maior satisfação, seu Lourenço, acredite. Vou fazer um cafésinho novo, agora mesmo. Só que o senhor vai ter que esperar sózinho aqui na sala, porque eu não tenho ninguém em casa para vir conversar com o senhor. A não ser que queira passar os olhos nessa revista aí que não é nova mas sempre tem alguma coisa que distraia.

DELEGADO - Isto mesmo. Eu fico olhando esta revista que ainda não tive ocasião de ver.

ELVIRA - Então com licença e esteja à vontade.

C/REGRA - PASSOS DE DONA ELVIRA QUE SE APASTAM E SOMEM.

DELEGADO - (DEPOIS DE PAUSA) Esse daí não teve nenhuma interferência. Ela ficou nervosa quando me viu, mas sentia-se que estava sendo muito sincera nas suas respostas, o que não aconteceu lá no Grupo. E pelo que ela disse, o rapaz está completamente regenerado.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

MARGOT - Que bom que você me apareceu hoje, Glauce. Eu estou tom nervossa... tom preocupade... aquela porcaria daquele trabalho não há jeito de fazer efeito... Madame Dinorra diz que tem que esperrar tres mezes...

GLAUCO - Eu me admiro de você, Margot, uma mulher inteligente, deixar-se enganar por uma batuqueira ignorante.

MARGOT - Ignorante, você diz, Glauce? Ignorante?! Batuqueirra, sim, mas ignorante, não. Se você ouvisse as coisas que ela fala parra a gente... os milagres que tem conseguido com os seus trabalhos...

GLAUCO - Olhe, Margot, eu não digo que vou gozar, porque não gosto de ver a cavatira de ninguém, mas aposto o que você quiser como essa bobagera de galo recheado com alfinetes, charuto e não sei que mais não adianta nada para fazer nada a ninguém. Madame Dinorra é uma boa vigarista que sabe explorar a credence alheia. Você quer derrubar Manon?

MARGOT - Claro que quero. Tenho uma gana que nem sei.

GLAUCO - Pois então tome nota do que eu digo: alugue uma casa boa, instale nela a sua boate, faça show aos sábados e domingos, com entrada mais barata e consumação também mais barata e há de ver como todo mundo se muda do agbrado para a sua casa. É só você se dispor a gastar uns cobres para a instalação da casa e depois ela anda sózinha.

MARGOT - Eu não quero fazer isto agora. Vou primeiro esperrar os tres mezes parra ver o que é que acontece.

GLAUCO - Você vai perder tres mezes e não vai acontecer coisa alguma. Enfim... a interessada é você, faça lá como entender. Mande servir-me um vermute.



MARGOT - François, vien ici.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

DELEGADO - Aqui estou eu de volta, dona Tereza. Tem alguma notícia de dona Laila?

TEREZA - Não senhor, seu Delegado. Até hoje não recebi uma só linha. Nem para dizer-me se a irmã está melhor ou pior.

DELEGADO - Pois eu fui um pouco mais feliz do que a senhora. Tive notícias da moça

TEREZA - Ah, sim? Mas diretamente, ou por intermédio de alguma outra pessoa?

DELEGADO - Diretamente, não. Ela talvez nem saiba que estou me interessando por saber o seu paradeiro. Mas de qualquer forma, o que lhe posso dizer é que dona Laila não está na casa da irmã.

TÉCNICA - ~~XXXXXXXXXXXXXXXX~~ VERGASTADA MUSICAL FORTE.

TEREZA - Não está? Mas então quer dizer que já saiu de lá?

DELEGADO - Não senhora. Nunca esteve na casa da irmã!

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

DELEGADO - E nem a irmã esteve doente!

TÉCNICA - REPETE A VERGASTADA ANTERIOR.

DELEGADO - E nunca o cunhado veio buscá-la!

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

DELEGADO - De onde se deduz que o bilhete que deixou para a senhora é inteiramente forjado.

TEREZA - Mas por que tudo isso, afinal de contas? O senhor não me dirá?

DELEGADO - Ainda não, dona Tereza, mas espero, muito em breve, poder satisfazer-lhe a curiosidade. A senhora não sabe nenhuma maneira de comunicar-se com ela? Alguma pessoa da cidade que a conhecesse, por exemplo...

TEREZA - Não, senhor Delegado, não sei. Se soubesse, já lhe teria mandado um recado ha muito tempo. Por que? O senhor queria mandar dizer alguma coisa a ela? A pessoa que investigou para o senhor não poderia fazer isso?

DELEGADO - Não, não... não é nada disso... Foi por outra coisa que perguntei. Lembra-se que eu lhe disse que ela não voltaria?

TEREZA - Lembro-me, sim senhor, mas confesso-lhe que, no primeiro momento, não acreditei na sua profecia. Agora vejo que ela se confirmou.

DELEGADO - E eu não lhe revelei completa a minha profecia. Qualquer dia a senhora vai ter uma outra surpresa e bem maior do que esta. Escreva o que estou lhe dizendo.

TEREZA - Credo, seu Delegado! Palavra de honra que o senhor está me deixando assustada. Confesso-lhe que já não sei muito bem a quantas andas. Sotantas as surpresas e o senhor ainda promete mais...



DELEGADO - Espere e há de ver. Se puder ir depois de amanhã à cidade, talvez quando chegar de volta já lhe traga revelações de estarrecer.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

REGINALDO - Trago notícias não muito tranquilizadoras para você, Laila. Estive há pouco com o guarda-freios.

LAILA - (ASSUSTADA) E o que foi que ele disse? Que notícias são essas? Fale de uma vez. Não me ponha nervosa.

REGINALDO - Dona Tereza procurou o guarda-freios na estação e contou a ele que tem sido visitada, quase todos os dias, pelo Delegado. Ele descobriu que você não está na casa de sua irmã, que sua irmã nunca esteve doente e que seu cunhado não foi buscar você lá, coisa nenhuma.

LAILA - Mas afinal de contas como é que ele podia saber tudo isto? Só se dona Tereza mostrou-lhe o meu bilhete. De que outra forma poderia ser?

REGINALDO - Naturalmente que mostrou. Vai ver ele foi lá procurar você, dona Tereza disse que você teria vindo pela doença de sua irmã, ele quis provas e ela não teve outro remédio senão apresentar-lhe o bilhete pensando em defender você. Vai daí o delegado, que não dorme de touca, mandou saber aqui se aquilo tudo era verdade e ficou sabendo que não.

LAILA - E agora? Não podemos ficar parados, à espera de que ele nos encontre. Temos que fazer alguma coisa.

REGINALDO - Claro que temos. Tanto mais que ele ~~xxxxxx~~ disse à dona Tereza que amanhã ou depois viria até aqui para investigar o seu paradeiro.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL, FORTE.

LAILA - Não!... Isso... isso é mesmo verdade? Fale Reginaldo. Você não está querendo me assustar?

REGINALDO - Por que haveria de fazer isso? Estou querendo defender você, isso sim.

LAILA - Mas então tire-me daqui o quanto antes! Leve-me para longe, por favor! Eu não quero ser presa. Eu não posso ser presa. E se ficar aqui, ele, fatalmente, acabará por me descobrir.

REGINALDO - Está bem. Arrume toda a nossa bagagem que eu vou tratar de retirar dinheiro do banco e tomar outras providências indispensáveis. Inclusive mandar preparar o automóvel para uma viagem mais longa. Não é isso que você quer?

LAILA - Neste momento, Reginaldo, eu não sei o que quero. Só sei e muito bem, o que não quero. Eu não quero ser presa, ouviu bem? Eu não quero ser presa! E se isso acontecer, advirto-lhe que o matarei!

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.



TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

LAILA - Isso é mesmo verdade? Páe, Reginaldo. Você não está querendo me assustar?

REGINALDO - Por/ue haveria de fazer isso? Estou querendo defender você, isso sim.

LAILA - (NERVOSA) Mas então tire-me daqui, o quanto antes! Leve-me para longe, por favor! Eu não quero ser presa. Eu não posso ser presa. E se ficar aqui, éle, fatalmente, acabará por me descobrir.

REGINALDO - Está bem. Arrume toda a nossa bagagem que eu vou tratar de retirar dinheiro do banco e tomar outras providências indispensáveis. Inclusive, mandar preparar o automóvel para uma viagem mais longa. Não é isso que você quer?

LAILA - Neste momento, Reginaldo, eu nem sei o que quero. Só sei - e muito bem - o que não quero. Eu não quero ser presa, ouviu bem? Eu não quero ser presa! E se isso acontecer, advirto-lhe que o mato!

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL.

REGINALDO - O que?! Como foi que você disse? Que se for presa me matará?

LAILA - Isto mesmo. Se você permitir que eu seja presa, para a cadeia não vou. Mato você, primeiro, e depois me suicido.

REGINALDO - Laila, você não está regulando bem. Ficou nervosa, com a notícia, e está dizendo coisas sem nexo. Que culpa teria eu, se isto chegasse a acontecer, por hipótese?

LAILA - Você me pergunta que culpa teria você?! Óra, vamos, Reginaldo, não se faça de tão ingênuo. Então não foi você que me animou a vir para a sua companhia, oferecendo-me amparo e segurança? Onde está esse amparo? Onde está essa segurança, se você permite que me prendam? Onde?

• REGINALDO - Mas quem foi que disse a você que eu vou deixar que a prendam, quem? Eu não estou acabando de dizer que você arrume todas as nossas malas, enquanto eu tomo outras providência necessárias? Ou você está tão nervosa que não consegue entender as coisas que ouve?

LAILA - Entendi, sim, entendi. Mas si eu não lhe tivesse pedido para sair daqui, você não tinha se resolvido a viajar. Só porque eu o ameacei, é que você se resolveu a atender-me.

REGINALDO - Óra vamos, Laila, deixe de ser criança! Então um homem como eu, que toda a sua vida enfrentou o perigo, tendo diante de si, tantas vezes, os piores facinorosos, vai se assustar das ameaças de uma mulher inexpe-



~~REGINALDO~~ REGINALDO - (CONTINUAÇÃO) periente que não sabe nem pegar um revolver, ou manejar uma faca? Seria o fim. Você nem poderia confiar num homem assim.

LAILA - E você pensa que eu estou confiando muito, pensa? Não estou, não. Você ha muito que já não me parece mais o mesmo. A impressão que eu tenho é am de que já se enfastiou de mim e portanto seria um alto negócio, para vo cê, que eles me descobrissem e me prendessem.

REGINALDO - Como você diz bobagens, criatura! É claro que há dias em que estou aborrecido com você e tenho que estar. Você me trata com um descaso e uma superioridade que o mais apaixonado dos homens não seria capaz de tolerar. Então que posso fazer, diante desse seu procedimento? Recolher-me ao silêncio e esperar que passem os seus maus humores. É só por isso você se queixa de que não sou mais o mesmo? Então ouça uma verdade que talvez a desagrade, mas também possa vir a ser de utilidade para você: Não é com fel que se apanham moscas. Entendeu?

LAILA - Eu o avisei que sofria de maus humores, lembre-se bem. O que foi que você respondeu? Não tem importância. No fim a gente se entende. Foi ou não foi. Agora, a esta altura dos acontecimentos vem reclamar? Não pode.

REGINALDO - Mas eu não estou reclamando. Estou justificando. Uma coisa é completamente diferente da outra.

LAILA - Eu sei. Não é de hoje que conheço os homens. São peritos em torcer as cogit sas que a gente diz e fazer delas um argumento de sua própria defesa. É esse o seu jogo. Mas comigo não pega, ouviu? Comigo não pega. Eu não posso dizer que seja uma mulher vivida e experimentada, mas posso afirmar que sou uma mulher que não tem feito outra coisa, na vida, senão observar os homens. São todos mais ou menos iguais. Nenhum vale grande coisa nem o sacrifício de qualquer mulher.

REGINALDO - Está bem, Laila, você pensa assim, não é esta a ocasião de discutirmos a supremacia de um sobre a outra, ou vice versa. O que me parece, neste momento, é que estamos batendo boca, tolamente, e perdendo um tempo precioso de nos botarmos na estrada e ganharmos distância.

LAILA - E você pensa que eu duvido que você tenha provocado esta discussão já de propósito, para isto mesmo?

REGINALDO - Oh, Laila, mas então fui eu que iniciei esta discussão? Ora vamos! Tudo bem assim é demais. Você quer responsabilizar-me por tudo que você faz? Não pode. Não se deve fugir a certas responsabilidades.

LAILA - Você está querendo me chamar de irresponsável? É isso que você quer?



REGINALDO - Não. O que eu quero é que você acabe com essa discussão inútil e vá arrumar nossas malas que você está perdendo tempo. Isso é que é. Guarde o que tiver mais para dizer na viagem que não vai ser curta e vamos ter muito tempo para discutir. E enquanto isto, eu vou para a rua tomar as providências necessárias para a viagem e dar as instruções necessárias ao meu substituto. Antes da hora do jantar estarei de volta já com o carro todo equipado.

C/REGRA - ALGUNS PASSOS QUE SE APASTAM. SEIS OU OITO.

REGINALDO - (APASTADO, TANTO QUANTO OS PASSOS) E não abra a porta para ninguém. Mesmo que batam, deixe bater.

C/REGRA - MAIS PASSOS. PORTA QUE ABRE E FECHA, APASTADA.

LAILA - (DEPOIS DE PAUSA) A primeira coisa que vou fazer é sair e comprar um revolver. As malas arrumo depois. Não pense ele que será tão fácil desfazer-se de mim. Ele que tente e verá! Ele que tente! Talvez, até, fosse mais negócio para mim esvasiar o cofre e fugir sózinha... (PAUSA) Não, não... aí já terei que me esconder de dois. O melhor mesmo será irmos para onde ninguém nos conheça e lá dar um jeito de me desfazer dele, antes que ele se desfaça de mim. (PAUSA) Sim... o melhor de tudo é isto. E é isto que vou fazer.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

MANON - Fazia tempo que você não aparecia, Lusa. Até pensei que tivesse brigado comigo.

LUZA - Nada disto, é que Madame Margot andava desconfiada das minhas saídas constantes e eu tive que fazer uma parada para despistar. Agora inventei de novo dentista, de maneiras que pelo menos umas duas vezes por semana vou poder aparecer por aqui, para batermos um papinho. Mas que tal? Tudo bem?

MANON - Tudo ótimo, Lusa! Tenho ganho dinheiro às pampas! Foi uma pena você não ter querido vir para cá. Garanto-lhe que estaria, hoje, em muito melhor situação. A casa vive cheia.

LUZA - Lá, ao contrário. Nem vale a pena a gente se arrumar, de noite. São dois ou três gatos pingados que ficam lá bebericando até onze e meia, meia noite e depois dão o fora. A gente ainda espera até uma hora, se não vem mais ninguém, vai dormir.

MANON - A franceza deve estar dando urros de raiva, a este altura dos acontecimentos, não? Ela jurava que a minha boate não durava um mês e já vamos fazer tres...

LUZA - Ela não quer nem que se fale no seu nome. Quando alguém se esquece e diz Manon, ela depressa bate na madeira, para isolar.



MANON - Que graça! Acha que eu dou peso? Bem, realmente para ela eu dei um peso bem pesado. Roubei-lhe a freguezia toda... E si ela quizer reconquistar pelo menos uma parte dessa gente, vai ter que gastar e gastar bem. Ela que só gosta de guardar dinheiro para mandar para a terra dela...

LUZA - Ah, ela anda falando em alugar uma outra casa e fazer uma boate nova.

MANON - Ah é? Pois que faça. Eu não tenho medo. Mesmo que ela consiga instalar a casa dela melhor do que a minha, mais luxuosa e mais confortável, o que eu duvido muito, ela ainda tem muito que aprender em matéria de tratar o público. Margot é bruta, é malcriada, gananciosa, faz questão por dez centavos e desgosta freguezes bons. Aqui, não. Os nossos garçons já têm ordens expressas a este respeito. Aqui não se desgosta a freguezia e eles têm sempre razão. Mesmo que não tenham. E tem outra coisa importante: não se rouba na despesa, o que lá não acontece. É verdade, ou não é verdade?

LUZA - É verdade, sim. Se um inexperiente cai na asneira de tomar de mais e perder o controle, ela vai mandando mais ~~patix~~ bebida, sem ele pedir, até que o infeliz fica inteiramente fora de si. Ai ela manda levar para um quarto da casa, limpa o desgraçado de todo dinheiro que ele tiver no bolso e no dia seguinte, quando ele recobra os sentidos, ela ainda apresenta uma conta ~~um~~ enorme, fazendo a boasinha e dizendo que si ele/ não puder pagar tudo que não faz mal, pode pagar em duas ou tres vezes que é a mesma coisa. Ele não se lembra de nada, não pode reclamar coisa alguma e ainda fica devendo a atenção de poder pagar a conta "que não deve" em duas ou tres vezes pela alta "camaradagem" da dona da boate.

MANON - A Franceza é de morte. É por isso que ela agora está sofrendo esse boicote da turma. Si ela soubesse tratar a freguezia e fizesse os seus negócios com honestidade, não estaria desprezada, agora. Não fui eu, Luza, que fiz a coveira da franceza. Foi ela mesma. Qualquer outra pessoa que puzesse um negócio similar, teria o mesmo exito que eu tive, porque a verdade é que a rejeição não foi favorável a mim, foi contrária à Madame Margot.

LUZA - É... talvez você tenha razão, mesmo, Manon. Margot não é cuerida, não. Todos têm reservas com ela. Até mesmo a escola turma que ela considera como amigos que são Glauco, Otávio e Narcisio. Sabe que eles <sup>gostam de</sup> ~~gostam de~~ vir aqui? Já me disseram mais de uma vez.

MANON - Eu sei que gostam. Também... da maneira como eu os trato... Nem a amiga delas tratará melhor.

LUZA - Bem, Manon eu vou andando e na próxima semana aparecerei aqui outra vez. Pode ser que lhe traga mais novidades a respeito da projeto da nova casa.



MANON - Está bem, traga. Traga e sempre se diverte. Eu não fico, como ela, enfiada, não. Sempre acho que, em baixo do céu, há lugar para todos.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

LOCUTOR - PASSAGEM MUSICAL

RAFAEL - Ontem, com a sua precipitação de sair, esqueci de lhe entregar o meu cheque. Hoje é a primeira coisa que quero fazer, para não se repetir o fato.

SIMONE - Sabe que depois eu fiquei preocupada, pensando onde teria posto esse cheque? Eu me lembrava que no cofre não o havia posto. E pensava que o tivesse deixado dentro do caderno dos donativos maiores, ou então na gaveta da escrivaninha.

RAFAEL - Nem uma coisa nem outra. Eu fiz o cheque, quise dar a você, mas você foi atender o empreiteiro e ficou muito tempo conversando com ele. Eu, para não ficar parado, meti o cheque no bôlsinho do casaco e continuei sonando. Pensava entregá-lo ao fim do expediente. Houve aquilo tudo... eu fiquei meio perturbado e acabei esquecendo. Só em casa é que me lembrei.

KKK SIMONE - Se tivesse dado uma chegada no Grupo, teria me poupado de uma grande preocupação.

RAFAEL - Eu pensei isto, mas depois tive receio de importuná-la... ou que você não gostasse que eu fôsse lá... resolvi esperar para hoje. Não imaginei que pudesse estar preocupada, do contrário teria ido, a despeito de qualquer coisa.

SIMONE - Pois tive uma noite mal dormida, pensando onde poderia ter posto este cheque e sem conseguir lembrar-me.

RAFAEL - Ele não chegou a estar nas suas mãos, eu não poderia nem sequer imaginar que isto pudesse vir a acontecer. Não se lembra que quando eu ia entregá-lo você me pediu para esperar e foi atender o empreiteiro?

SIMONE - Não me lembrava disto. Achava que você m'o havia dado e eu o havia guardado.

RAFAEL - Eu lhe peço perdão desse contratempo tão desagradável, mas nunca imaginei que isso pudesse acontecer.

SIMONE - Bem, já passou, está tudo bem agora, não há maior importância. Vamos trabalhar?

RAFAEL - Quando quiser. Eu estou aqui para isto.

SIMONE - Então é botar mãos à obra, que o serviço nos espera aos montes. Vê isso aqui? São contas para conferir e autorizar o pagamento. E de ontem para



SIMONE - (CONTINUAÇÃO) hoje, veja quantos donativos chegaram das localidades vizinhas. Naturalmente eles sabem que iremos também atendê-los e querem a casa pronta o mais depressa possível.

RAFAEL - Isto aqui, em menos de uma hora estará somado e registrado. Vamos ver se, depois, eu lhe dou uma mãosinha na conferência das contas.

SIMONE - Seria bom. Então silêncio e mãos à obra.

RAFAEL - Silêncio e mãos à obra.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

GLAUCO - A senhora é que é Madame Dinóra?

DINORA - Sim senhor. Querida alguma consulta? Pelas cartas? Pelo globo de cristal? Ou por comunicação mediúnica?

GLAUCO - Nenhuma das tres coisas. Querida apenas dar-lhe um recado da Madame Margot que está presa na cama, com um resfriado muito forte e não pode sair. Ela mandou dizer para a senhora que faz exatamente tres mezes que o trabalho foi feito e tudo continua como antes. (que não houve modificação nenhuma.

DINORA - O senhor o que é que é da Madame Margot? Irmão... filho... ou tem algum outro parentesco com ela?

GLAUCO - Não senhora, não tenho parentesco nenhum com ela. Sou apenas camarada dela. Passei lá para vê-la e ela me pediu que viesse aqui trazer-lhe este recado.

DINORA - Madame Margot é a criatura mais impaciente do mundo. Foi bom que ela não podesse vir e mandou o senhor, porque sinão hoje eu ia brigar feio com ela. Agora o senhor ouça e julgue. Ela veio aqui para que eu lhe fizesse um determinado trabalho. Eu fiz. Ela queria que o resultado fosse imediato e eu lhe declarei que não seria. (que iria demora pelo menos tres mezes. Eu disse "pelo menos tres mezes". Quer dizer que de agora em diante é que vai começar a se observar os resultados. Mas ela não quer esperar. Ela acha que fez tres mezes num dia, no mesmo dia tudo tem que acontecer como ela deseja. Não é possível. Assim ninguém trabalha.

GLAUCO - Ela está muito nervosa porque tem tido grandes prejuizos, entende? Daí a impaciência e a ansiedade que a consomem. Ela estava tão desesperada por estar na cama e não poder vir aqui, que eu, de pena, me ofereci para substituí-la. Mande-lhe uma palavra qualquer. Ela está precisando. Uma mentira a mais, ou a menos, para falar a verdade não custa tanto.

DINORA - O senhor não está, com isto, querendo dizer que eu esteja habituada a mentir; ou está?

GLAUCO - (EXAGERO LEVEMENTE IRÔNICO) Não senhora, que esperança! Longe de mim tal ideia. Estou lhe pedindo que minta para acalmá-la, é isto.



DINGRA - Mas eu não preciso mentir, para fazer isto. Posso acalmá-la com a verdade. O senhor vai dizer a ela que eu mando pedir-lhe um pouco mais de paciência, porque agora é que a semente vai começar a apresentar os seus frutos. Que ela comece a observar de amanhã e há-de ver que ao fim de mais um mês já as coisas estarão muito mais ao gosto dela.

GLAUCO - Está muito bem. Hoje de noite irei fazer-lhe uma outra visita e já levarei um pouco de ânimo à pobre velha.

**TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL**

SARAH - O que é que você acha da situação deles, atualmente, mano?

DEMETRIO - Para falar a verdade, eu não posso dizer que as coisas estejam como a gente desejaria, porque eles se falam muito bem, tratam-se muito delicadamente, mas a gente não deixa de sentir assim uma certa distância entre os dois.

SARAH - Mas essa distância é ocasionada por ela, ou por ele? Você não observou?

DEMETRIO - Parece-me que, inicialmente, a posição de frieza foi tomada por ela, mas nesta altura dos acontecimentos, parece que já a coisa é de parte a parte.

SARAH - Eu e dona Ângela temos feito o possível e o impossível para convencê-la a mudar de atitude, mas a sua resposta é sempre a mesma. Seria andar o carro adiante dos bois. O que vier, deve vir, inicialmente, da parte dele. Por que você não procura conversar com ele e convencê-lo a tomar a iniciativa, para acabar, de vez, com esse mal estar?

DEMETRIO - Eu tenho procurado fazer isto. Aliás já falei neste assunto a ele diversas vezes, mas ele entende - e em parte está com a razão - que não só ele deve ceder, mas ela também. E si ela não ceder... ficamos nós de pés e mãos atadas. Eu até já pensei que o melhor é deixar as coisas assim como estão e não precipitar os acontecimentos. O que tiver que ser... há de vir.

SARAH - Dizem que Deus escreve direito por linhas tortas... quem sabe este não será um dos casos?

DEMETRIO - É... pode ser... e se Deus determinou que ao fim de tantos desencontros eles se encontrem definitivamente... ninguém terá forças para impedir que isso aconteça. Vamos aguardar calmamente o resultado final, sem procurar precipitar a marcha dos acontecimentos. O que for... soará.

SARAH - Eu tenho pena de dona Ângela, coitada, que vive num constante agonia, por entender que Simone está dando um pontapé na sorte. E realmente a gente tem a impressão que é isto mesmo. Mas é como você diz. O que for, soará.

**TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.**



REGINALDO - Você teve uma tarde inteira para arrumar as malas e elas ainda não estão prontas, Laila? Que foi que aconteceu?

LAILA - Eu estava muito nervosa e resolvi tomar uma dose de calmante. Parece que a dose que botei foi um pouco exagerada e apoderou-se de mim um sono tão forte que não houve maneira de resisti-lo. Fui obrigada a deitar-me e dormi até ainda há pouco. Mesmo assim, duas malas estão prontas. Falta só esta aqui. Até, se você quiser, já pode começar a botá-las no carro que enquanto você bota as prontas eu termino a terceira.

REGINALDO - Não, não, nada disto. O melhor de tudo é a gente já sair de vez, fechar a porta, botar as malas de qualquer jeito no banco de trás e depois, quando já estiver fora da cidade, aí então a gente para, num lugar qualquer e arruma-as diretinho no porta malas. O que devemos é sair o quanto antes.

LAILA - Você não me disse o que queria levar, eu arrumei o que achei que lhe fariam falta. Toda a sua roupa interior, dois ternos completos, três calças e meia dúzia de blusões de esporte. Capa de borracha, guarda chuva, sapatos de borracha e meia dúzia de outros pares. Está bem?

REGINALDO - Um pullover de manga comprida e outro de manga curta. Lembrou-se de botar? Isso é muito importante, para as mudanças de temperatura.

LAILA - Não botei, mas ponho aqui, nesta que ainda não está fechada. Vamos comer alguma coisa em casa, ou jantamos mais tarde, pelo caminho?

REGINALDO - Se tem alguma coisa pronta aí, seria melhor, porque então não perderíamos uma hora num restaurante de estrada.

LAILA - O que tem não é muita coisa. Uma carne assada, uns ovos duros, leite e pão. Se você preferir em vez do leite cerveja, também tem uma garrafa.

REGINALDO - Ótimo. Então comemos aqui que assim dá tempo que a noite caia e já a nossa saída não chamará tanto a atenção dos vizinhos.

LAILA - Pois então vamos fazer o seguinte: Coloque aqui nesta mala os seus pulgões, enquanto eu vou arrumar a mesa e esquentar a carne.

REGINALDO - Não precisa esquentar, não. Come-se fria mesmo. Fica, até, mais gostoso.

LAILA - Então eu ponho a mesa e chamo você. Come-se e sai-se, em seguida.

G/REGRA - BATIDAS NA PORTA EM 2º OU 3º PLANO.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO FORTE.

LAILA - (MEIA VOZ, ASSUSTADA) Quem será?

REGINALDO - (IDEM) Não sei. Mas seja lá quem for, pode bater até cansar porque ninguém vai abrir.

G/REGRA - NOVAS BATIDAS, MAIS FORTES E MAIS INSISTENTES.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, PARA ENCERRAMENTO.



S O L I D A O

- Novela de Erico Cramer -

48º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

LAILA - Coloque aqui nesta mala os seus pulovers, enquanto eu vou arrumar a mesa e esquentar a carne.

REGINALDO - Não precisa esquentar, não. Come-se frio mesmo. Fica, até, mais gostosa.

LAILA - Então eu ponho a mesa e chamo você. Come-se e sai-se, em seguida.

C/REGRA - BATIDAS NA PORTA EM 2º OU 3º PLANO.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO PORTE..

LAILA - (MEIA VOZ, ASSUSTADA) Quem será?

REGINALDO - (IDEM) Não sei. Mas seja lá quem for, pode bater até cansar, porque ninguém vai abrir.

C/REGRA - NOVAS BATIDAS, MAIS PORTES E MAIS INSISTENTES.

TÉCNICA - REPETE A VERGASTADA ANTERIOR.

LAILA - Quem poderá bater dessa maneira na porta de alguém? Penso que só mesmo um agente de polícia. Acho que fomos avisados tarde de mais.

REGINALDO - Vamos, vamos, não se afobe. Ele vai bater até se reventar e no fim vai ter que desistir.

LAILA - Desistir não é tudo. O principal é que não fique vigiando a porta para apanhar-nos na saída. Você deixou o carro aí na frente?

REGINALDO - E eu sou louco? Meu carro está ali depois da esquina, na outra rua.

LAILA - Menos mal. Assim poderão pensar que realmente saímos.

C/REGRA - BATE AINDA MAIS PORTE E BATIDAS MAIS PROLONGADAS.

REGINALDO - Deixa bater. No fim ele bate com a cabeça, machuca e vai embora.

LAILA - Acho que agora não poderemos sair tão cedo. Vamos ter que esperar pela madrugada, quando mesmo que exista vigilância já ela não é tão viva porque o sono e o cansaço não deixam.

REGINALDO - Se você, em vez de dormir, tivesse arrumado as malas, como eu lhe diga se você fizesse, a esta hora já estaríamos fora da cidade e rindo da cara de quem nos procurasse.

LAILA - Eu já expliquei a você os meus motivos. Se você não pode compreendê-los, não me cabe a culpa de você ser burro.

REGINALDO - Você não pode passar sem me dizer coisas desagradáveis, Laila. Por que há de ser assim?

LAILA - ~~Eu~~ <sup>do?</sup> sou como sou e ninguém me fará modificar minha maneira de ser. Entend<sup>o</sup>?

C/REGRA - NOVAS E REPETIDAS PANCADAS NA PORTA.



LAILA - Puxa vida! Esse cara bate com vontade. Devia bater era com a cabeça na parede, porque assim rebentava logo e não incomodava mais a gente.

REGINALDO - Deixa bater quanto quiser, que ele acaba cansando e dá o fora. Você podia era ir preparando o nosso jantar, que eu estou com fome, Laila.

LAILA - Eu não vou fazer nada, sem que cessem essas batidas, antes. Sei que vou ficar nervosa, sou capaz de derrubar um prato, ou uma panela, quem estiver aí pode ouvir o barulho e aí mesmo é que nós estamos perdidos, porque não nos deixarão mais sair.

REGINALDO - Ele não demora e desiste. Já bateu tres vezes, não foi? Tres ou quatro

LAILA - Quatro. E em cada vez foi aumentando as batidas e a força delas.

REGINALDO - E agora, para bater mais forte, acho que só derrubando a porta.

LAILA - Por falar na porta... você passou a tranca, quando entrou?

REGINALDO - Não. Está só com o trinco e uma volta da chave. Por que?

LAILA - Ora por que, Reginaldo! Que pergunta mais idiota! Se a porta está sem tranca e eles quiserem entrar, um encontrão mais forte fará com que ela se abra. Seria, talvez, conveniente que se colocasse a tranca bem devagarinho... (TRANSIÇÃO) Não, não... você não. Você não sabe fazer nada sem barulho. Deixe que eu vou lá descalça, ponho a tranca bem devagarinho e volto sem fazer barulho.

REGINALDO - Vá, então. (PAUSA) Eu acho que o cara desistiu de bater. Viu que não adiantava nada e foi-se embora. Resta saber, agora, se não estará nos vigiando aí pelas escuinhas. O mais garantido, mesmo, será sair de madrugada. Eu saindo da cidade com quatro ou cinco horas de vantagem sobre qualquer outro veículo, mais ninguém me pega. Boto o pé no fundo e vou sempre em frente. (PAUSA) Acho que vou jantar, depois deito até às duas ou três horas da manhã... aí levanto... vou espiar na janela... e conforme andarem os movimentos... trago o automóvel, carrego e xispo. (TOM) Que é isso?

LAILA - Uma carta que estava em baixo da porta. Deixe ver de quem é...

C/REGRA - RASGA ENVELOPE. ABRE PAPEL DE CARTA.

LAILA - É de dona Tereza.

REGINALDO - Então era o guarda freios que estava batendo aí. Sabe o que mais? Deixa a leitura para depois. Vamos tratar de comer e botar o pé no mundo.

REGINA - PASSAGEM BREVE.

LAILA - Você quer mais alguma coisa?

REGINALDO - Não. Mas você podia apanhar essa carne que sobrou, botar no pão e levar para comermos durante a viagem, se tivermos fome.



LAILA - Vou fazer isto, sim. E levar também estas laranjas e as bananas. Num momento eu acomodo tudo isto.

REGINALDO - Eu vou buscar o carro, encostá-lo na porta e carregá-lo. Não demore muito. Quanto mais cedo pudermos sair, melhor para nós. Chega o susto que já levamos.

C/REGRA - PASSOS DE REGINALDO QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA, COM TRANCA E CHAVE, EM 3º PLANO.

LAILA - Vou dar uma olhada rápida na carta de dona Tereza. Não aguento mais de curiosidade.

C/REGRA - RUIDO DE ABRIR PAPEL DE CARTA.

LAILA - (LENDO) Estimada colega e amiga Laila.

TEREZA - (VOZ DE FILTRO) Depois de tanto tempo de silenciosa e angustiosa expectativa, eis que me surge, afinal, um pessoa que a conhece e que se ofereceu, gentilmente para ser portadora desta carta, afiançando-me que sabia muito bem o jeito de fazer com que ela chegasse às suas mãos. Estava aflitíssima para avisar a você que dentro de dois ou tres dias, no máximo, o delegado estará aí na cidade, procurando encontrá-la, pois não sei por que cargas d'água, ligou a sua saída da vila com o atentado sofrido pelo seu Rafael e do qual ele conseguiu sair ileso.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SURPREZA TOTAL.

LAILA - (PARA SI MESMA) Ileso?! Mas então... então este canalha mentiu-me e trouxe-me para cá na ilusão de que havia cumprido o que me prometera...

TEREZA - (VOZ DE FILTRO) Eu fiz o que podia para salvar você, mas por tudo que vi e ouvi, não creio que os meus depoimentos houvessem impressionado o senhor delegado. Quiz que você soubesse de tudo isto, para tomar as providências que lhe parecessem melhores.

LAILA - (LENDO) Receba um abraço e os meus votos de que possa sair-se muito bem desta e de qualquer outra que por acaso possa ver-se envolvida. TEREZA.

LAILA - Mas então a minha vingança não foi concretizada. E o cretino afirmou-me que sim. E agora não poderei voltar a Lagoa Parada, uma vez que já existe uma suspeita pesando sobre mim. Vou guardar esta carta e aguardar o melhor momento de vingar-me desta miserável traição que ele me fez. Ele vai pagar caro! Oh se vai pagar!...

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PORTE. RUIDO DE AUTOMÓVEL CORRENDO EM VELOCIDADE NA ESTRADA. NOVAMENTE CORTINA MUSICAL.

GUARDA PRELO - (LENDO) Pressado Senhor Jacinto.



LAILA -- (VOZ DE FILTRO) Recebi a carta de qual o senhor foi portador e que deixou em baixo da nossa porta. Fiquei muito admirada de saber, por ela, que seu Rafael escapou ileso do atentado que sofreu e não me conformo que ele não tenha pago o que me devia. Se alguém quiser cobrar essa dívida por mim, o preço, ou melhor, a comissão que darei será bem alta. Trezentos mil cruzeiros. Para qualquer resposta, ~~XXXXXXXXXX~~ envie correspondência para a porta restante do correio de Vitória, no Espírito Santo, onde pensamos ficar, se nos deixarem, uns tres ou quatro mezes, até que tudo serene e se possa voltar ao ponto de partida. Recomendo-lhe nada falar ao Sarará sobre este assunto pois que ele é exclusivamente meu. Entendido? Aguardando sua pronta resposta, agradeço-lhe o serviço que nos prestou.

GUARDA PREIOS - LAILA. (PAUSA) Interessante... ela não quer que o Sarará tome conhecimento deste assunto. Por que será? Talvez para seu Reginaldo não saber também. Si ela quizesse pagar mais um pouco, eu era capaz de topar esse negócio, mas por trezentos mil cruzeiros acho que não vale a pena arriscar-se a liberdade. (PAUSA) Eu vou escrever e vou mandar dizer que achei um cara, mas que ele quer quinhentos mil cruzeiros. Si ela topar, pelo menos eu já compro o meu barraco.

TRONICA - PASSAGEM MUSICAL.

DEMETRIO - Tendo feito uma consulta a todos que estão trabalhando connosco para a inauguração da nossa obra, quasi todos foram unânimes em declarar que se devia dar à casa o nome de sua mãe. Você recusa a homenagem, mas ninguém se conforma com a sua recusa. Você poderá justificá-la?

RAFAEL - Padre Demétrio, a única coisa que posso dizer é que... é que não gosto das suas coisas, entende? Se quizessem botar "Casa de Santa Clara"... eu ainda poderia concordar.

DEMETRIO - Mas aí a homenagem já seria à Santa e não à sua Mãe. É a sua Mãe que todos desejam homenagear. Por que privar a todos desse prazer que nasceu de uma ideia tão espontânea? Sinceramente eu não vejo razão. Hoje a comissão veio apelar para mim, afim de que eu o convencesse a permitir na homenagem.

RAFAEL - Bem, Padre Demétrio, eu também não quero fazer o teimoso, o birrento. Se o senhor acha que não me cabe o direito de impedir o que todos querem fazer, eu me dou por vencido e curvo a minha cabeça.

DEMETRIO - Obrigado, Rafael. Esta notícia vai encher a todos de sincera satisfação.

TRONICA - PASSAGEM MUSICAL

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL



TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

MARGOT - Sabe aquela casa grande que fica ~~xxxx~~ do lado de lá da estação, quase defrente? Uma que tem uma quadra inteira de terreno, todo murado de pedra, com um belo jardim, pomar e até um viveiro de pássaros e um lago? Uma casa que foi de um general e depois ficou vazia muito tempo?

LUZA - Sei qual é, sim. Uma que não podiam alugar nem vender porque nunca ficava ~~xxxx~~ pronto o inventário?

MARGOT - Exatamente. Agora diz que o inventário já está pronto e que o juiz já permitiu que ela fosse alugada. Mandei oferecer um aluguel muito bom. Se aceitarem... o que vou fazer lá vai ser incrível! Ninguém vai poder me segurar. Tenho planos maravilhosos! Até fonte luminosa no lago e um grande toldo no jardim para espalhar mesinhas e os frreguezes da casa poderem se divertir ao ar livre. Ah, e um tablado, também, para as danças e as apresentações do show.

LUZA - Ah, a senhora também vai fazer show?

MARGOT - Claro! Nos sábados e domingos. Com artistas de verdade e não com por-carrias que muitas vezes no valem o preço da entrada. Só artista catagorizado é que tomarrá parte no show da minha boate. Eu vou ver muita gente dar pulos de raiva. Eu vou ver.

LUZA - E se os novos proprietários da casa não aceitarem a sua proposta, onde é que a senhora vai se instalar?

MARGOT - Se não encontrar outra casa melhor do que o sobrado, mando reforçar esta que estou e faço um enorme salão com bastante luxo e requinte. O quintal é grande, pode-se se tirar mais de metade dele, se for preciso. O que eu faço questão absoluta é que a minha boate fique muito superior à daquela desgraçada. E aí eu vou dar pulos de alegria e ela pulos de raiva. (PAUSA E TOM) Mas você parece que não ficou contente com a notícia. Por que? Você não vê que para você também vai ser melhor

LUZA - Eu não sou de me alegrar por antecedência, Margot. Deixe que as coisas passem do projeto à realidade e aí então eu me animarei. Antes, não consigo. Já me disseram que isto é pessimismo, mas que vou fazer se sou naturalmente assim? Cada um é como Deus fez.

MARGOT - Você não acredita nos outros, é por isto. Você acha que eu estou só dizendo as coisas da boca para fora, mas vai ver que não é assim como você pensa. Quando tudo estiver pronto, eu ainda vou lhe bater no ombro, para lembrar que você duvidou da minha palavra.



LUZA - Não, Margot, não é da sua palavra que eu duvido. Você está torcendo as coisas. Eu duvido é das possibilidades de se poder fazer as coisas. E não é de você, é de todos. Só acredito depois das coisas prontas.

MARGOT-- Pois então eu vou obrigar você a acreditar em mim. Vai ver.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LEOPOLDINA - Sábado, finalmente, é a inauguração da Casa dos Meninos, Eudóxia. E você sabe como é que ela vai se chamar? Veja se adivinha.

EUDOXIA - Ora sei, Leopoldina, como é que eu vou indovinar? Tú pensa que eu sou má dia isprita? Diz logo e deixa de bobia.

LEOPOLDINA - A casa vai ter o nome da nossa antiga patrão. Vai se chamar "Solar de Dona Clara" Casa de recuperação da criança abandonada.

EUDOXIA - É memo, Leopoldina? Ih como o seu Rafaé num vai ficar feio com isso!

LEOPOLDINA - Pois disse que não. Que ele não queris por nada. Foi preciso o padre Demétrio conversar com ele para convencê-lo.

EUDOXIA - O seu Rafaé tem umas coisa tão inscuisita que a gente num pode cumprê, num é memo? Uma coisa tão bunita o rapaiz num curia? Mode que? Num disse?

LEOPOLDINA - Não sei, eu não entrei em detalhes. Só me disseram que ele não queria concordar e então a comissão foi falar com o Padre e o Padre conseguiu convencê-lo. Mas disse que assim mesmo não foi muito fácil, não.

EUDOXIA - Inscuita aqui, Leopoldina: e como é que vai o namoro dele ca professorinha Tu num priguê mais nada pra ninguém?

LEOPOLDINA - Parece que ainda estão brigados. Quer dizer... eles se falam, trabalham juntos na obra, parece que até continuam saindo juntos... mas namoro que é bom, parece que não há mais, entre eles.

EUDOXIA - Que pena! A gente tava tão satisfeita ca minina. num é memo? Vai vê, ele arranja outra que a gente num gosta e casa com ela.

LEOPOLDINA - Não, Eudóxia, nem fala isto. Longe vá o mau agouro. Para agarrar uma que não seja digna dele, o melhor de tudo é que ele continue, como até agora, escravo da sua própria solidão.

EUDOXIA - Bão... mais ante sortero do que mal casado. Pra arranjar um diabo dum xamuié que mertrate ele, entonce é perfirive cuntinua a vivê sólito.

LEOPOLDINA - Claro. (TOM) Tú não viste se o papai ainda estava dormindo?

EUDOXIA - Num tá, não, Leopoldina. Já levei intê uma caneca de café pre ele. Tomou tudinha. E mais três pedço de pão e um naco de queijo. Disps curia baia e chocolate.

LEOPOLDINA - Ele quer sempre, mas como não deve comer, a gente vai tapeando.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL.



DINORA - A senhora novamente soui, Madama Margot? O que é que é que quer desta vez?

MARGOT - A mesmíssima coisa que quiz das outras vezes. Reclamar o efeito do seu ~~do~~ despacho que até hoje não deu o menor resultado.

DINORA - Sabe a quem invocamos, quando fazemos um trabalho como foi feito o seu? Ao diabo. Ele, em geral, não falha. Atende sempre, mas parece que não quiz atender a senhora. Por que? Não sei, mas acho que a senhora não merece nada dele, porque por mim não há de ser que ele deixou de atender. Tenho feito tantos outros pedidos e ele tem me atendido sempre... Só pode ter sido pela senhora.

MARGOT - O que posso dizer é que lhe paguei mais de cem mil cruzes e uma vez que o trabalho não deu resultado, a senhora tinha obrigação de me devolver pelo menos uma parte desse dinheiro. A metade, vamos dizer.

DINORA - Ah é? Havia de ter muita graça! Acho que seria o primeiro caso nos ~~maxim~~ baturões. Gastar meu tempo, uma noite inteira de rezas e danças, para no fim devolver o dinheiro à senhora. A senhora parece que não raciocina...

MARGOT - Raciocino, sim senhora. É justamente por raciocinar é que quero de volta o meu dinheiro, uma vez que a senhora não cumpria com o prometido.

DINORA - Quem é que não cumpriu? Como é que não cumpriu? Então eu não preparei todo o trabalho e não o entreguei prontinho para a senhora o despachar? Eu mesma poderia ter levado o galo e posto lá, mas justamente fiz questão de que a senhora o despachasse, para que não lhe ficassem dúvidas na ideia de que eu tivesse cobrado o trabalho e não o tivesse feito. E ainda a senhora vem dizer que eu não cumpri o prometido? Eu cumpri, sim senhora. A minha parte foi fielmente cumprida. Se o diabo falhou na parte dele, isso já não é ~~da~~ da minha alçada. É lá com ele.

MARGOT - Mas a senhora não é a representante do diabo? Pois então é parra a senhora mesmo que eu tenho que reclamar, erra bolas! Ou eu terrei que escrever uma carta parra ele e botar no Correio. "Senhor Diabo" "Quintos do Inferno" Parra os quintos do inferno vá você, sua vigarrista.

DINORA - Cuidado, hein? Cuidado! Veja lá como fala! Olhe que eu não sou sua irmã, está ouvindo? Se a senhora não quer moderar a sua linguagem faça o favor de se retirar, senão eu mandarei vir a polícia, imediatamente, e a senhora irá sair por outros meios. Inclusive eu posso fazer declarações que a comprometam na polícia. Veja lá. Tenha muito cuidadinho, senão...

MARGOT - ~~Eu~~ Vou me emborra mesmo porque eu já fico até com nojo de olhar parra a sua cara. Que lhe aproveite bem o dinheiro que a senhora me roubou, ~~pe~~



MARGOT - (CONTINUAÇÃO) parra remédios de doenças e parra velas quando a senhora estiver no caixom de defunte.

DINORA - Credo, escomungada! Vira essa boca pras costas. Longe vá o arcuro. Totofa

O/REGRA - PASSOS DE SALTO ALTO QUE SE AFASTAM FIRMES E PORTA BATIDA COM FORÇA, LONGE

DINORA - Velha malcriada! Atrevida! Cachorrens!... Ah que se eu não tivesse tanto medo de embrulhos com a polícia, tú ias sair daqui, hoje, com os beiços desta grossura. Nunca mais haverias de te lembrar de fazer malcriações na ra ninguém.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

LEOPOLDINA - O senhor dá licença, seu Delegado? Eu precisava falar um instante com o senhor.

DELEGADO - Pois não. Como é que vai a senhora? Seu pai já está bem?

LEOPOLDINA - Relativamente. O ferimento já sarou, mas acontece que o braço ficou a com os movimentos muito limitados e o médico disse que ele precisará muito tempo de ginástica, para recuperar os movimentos.

DELEGADO - Essas coisas demoram. Mas ele está em tratamento; não está?

LEOPOLDINA - O médico já deu alta para ele e não vai mais lá, mas o seu Rafael, agora, vai arranjar um massagista que é do que ele está precisando.

DELEGADO - Essas coisas são cacetes, demoram sempre muito, mas no fim o doente se recupera. Mas sente-se, por favor. Eu estava tão distraído que não me lembrei de lhe oferecer uma cadeira.

LEOPOLDINA - Não senhor, obrigada. A minha demora não é muita. Eu deixei a Eudóxia cuidando o papai e como ele não obedece muito a ela, eu nunca posso sair por muito tempo porque sempre estou com cuidado.

DELEGADO - Então, se deseje alguma coisa, é dizer. Eu estou aqui para ouvi-la e, se possível, atendê-la.

LEOPOLDINA - Eu vim transmitir ao senhor umas desconfianças que se apossaram de mim desde outro dia em que um dos nossos cachorros amanheceu envenenado. Foi, exatamente, na noite de sábado para domingo. Hoje, apareceu morto o segundo cachorro. A morte foi idêntica e também de sábado para domingo. Eu estou desconfiada e preocupada com isto.

DELEGADO - O que é que lhe parece? Diga, vamos. Pode ser que a sua impressão coincida com a minha e é sempre interessante um confronto de ideias.

LEOPOLDINA - A minha impressão é que estão matando <sup>Primeiro</sup> os cachorros, para depois matarem seu Rafael.

TÉCNICA - EXPLOSÃO MUSICAL FORTÍSSIMA. FUNDE COM CARACTERÍSTICA PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.



TECNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

DELEGADO - Se deseje alguma coisa é dizer. Estou aqui para ouvi-la e, si possível, atendê-la.

LEOPOLDINA - Vim transmitir ao senhor umas desconfianças que se apossaram de mim, desde outro dia em que um dos nossos cachorros amanheceu envenenado. Foi, exatamente, na noite de sábado para domingo. Hoje, apareceu morto o segundo cachorro. A morte foi idêntica e também de sábado para domingo. Eu estou desconfiada e preocupada com isto.

DELEGADO - O que é que lhe parece? Diga, vamos. Pode ser que a sua impressão coincida com a minha e é sempre interessante um confronto de ideias.

LEOPOLDINA - A minha impressão é que estão matando primeiro os cachorros, para depois matarem seu Rafael.

TECNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

DELEGADO - Parece-lhe isto?... É possível, sim... E quantos cachorros ainda restam vivos?

LEOPOLDINA - Quatro. Dois policiais, um gelgo e um vira-latas que se misturou lá com eles e acabou ficando.

DELEGADO - Então ainda dispomos de material bastante, para mais uma observação. Vamos deixar passar o sábado que vem, para ver o que acontece. E o que acontecer, trate logo de me comunicar.

LEOPOLDINA - Eu me lembrei que talvez o senhor pudesse deixar lá, escondida, uma pessoa de guarda, para descobrir quem está fazendo isto.

DELEGADO - Podia, sim. Podia e é o que eu vou fazer, mas antes desejo mais uma prova. Sacrificaremos mais um cachorro, mas, em compensação, iremos com muito maior certeza ao criminoso. Seu Rafael está preocupado com o acontecido? Tem alguma impressão a respeito do assunto?

LEOPOLDINA - Seu Rafael está de tal maneira espenhado na inauguração da Casa de Dona Clara - não sei se o senhor já sabe que é assim que vai se chamar a casa dos meninos abandonados - que não presta atenção a mais nada. Da morte do outro cachorro ele soube, mas do de hoje ele nem sabe ainda. Eu nem disse nada a ele que vinha aqui, senão ele não deixava. Como é uma pessoa que não faz mal a ninguém, sempre achei que ninguém vai querer fazer mal a ele. Nem com aquela tentativa que já sofreu. Acha que foi engano, que não era dirigida a ele. É como eu digo a ele: ao contrário do



LEOPOLDINA - (CONTINUAÇÃO) seu Miguel é que não havia de ser. Ele acha que não, que o confundiram com qualquer outra pessoa. E não há quem convença o seu Rafael de usar uma arma para defender-se de qualquer ataque.

DELEGADO - É, mas quem mora assim como ele, isolado de todos, num ponto distante, sem movimento, precisa se precaver. O mundo está cheio de malfetores e ninguém, por melhor que seja, está livre de um ataque qualquer, inesperado. Principalmente uma pessoa rica, que se presume que ande sempre com dinheiro no bolso e que usa roupas finas.

LEOPOLDINA - Exato. É justamente o que eu digo sempre a ele, mas o seu Rafael não liga a menor importância ao que eu digo. Acha graça e resata dizendo que nós, mulheres, somos muito medrosas e estamos sempre vendo perigo onde não há. Eu sou medrosa, confesso, mas ele é afoito de mais.

DELEGADO - Eu vou conversar com ele e vou dar-lhe uns conselhos para que não confie tanto e se cuide mais.

LEOPOLDINA - Mas por favor não diga que eu vim aqui pedir providências porque senão ele pode ficar aborrecido comigo e eu não desejaria que isto acontecesse.

DELEGADO - Não há perigo. Pode ficar descansada que eu saberei trabalhar direitinho. E não esqueça, na próxima semana, de vir aqui ou mandar alguém dizer o que aconteceu. Morra, ou não morra mais um cão.

LEOPOLDINA - Perfeitamente. Muito obrigada. Passe bem seu Delegado e desculpe.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL FUNDE COM MUITAS VOZES, RISOS DE CRIANÇA EM FUNDO.

SARAH - Eu não sei quem é que está mais feliz com a inauguração da Casa de Dona Clara, se o mano Demétrio, se seu Rafael, ou Simone. Repare a expressão de felicidade que qualquer um deles tem no rosto. É impressionante!

ANGELA - Realmente. A gente não sabe, mesmo, qual é o que está mais feliz. Simone não conseguiu dormir a noite inteira. Às três horas da manhã resolvi dar-lhe um calmante e foi então que ela conseguiu ficar mais tempo na cama, mas mesmo assim disse que só cochilou. Dormir, mesmo, não pode.

SARAH - Eu não sei o que é que estão esperando para começar a inauguração.

ANGELA - Parece-me que é o juiz de paz e, se não me engano, também a superiora da Ordem de Santa Clara, que vem da cidade vizinha, especialmente convidada para a inauguração. São freiras Clarissas que vão tomar conta da casa, parece.

SARAH - São, sim. O mano me disse ontem. Aliás ele está muito satisfeito porque disse que elas são exímias educadoras, de maneira que a casa vai ficar muito bem servida. (TOM) Está muito bonito o vestido da Simone. Foi a senhora que fez?



ANGELA - O vestido, sim, mas o bordado foi ela mesma quem fez, em pouco mais de uma semana, bordando só à noite.

SARAH - Veja só como ele borda bem! O seu também está muito bonito, muito discreto.

ANGELA - O meu é um vestido velho, eu apenas fiz uma reforma, atualizando-o um pouco, para não envergonhar minha filha. Ela queria me dar um novo, mas eu não cuiz. Para ficar, depois, dentro de um armário? Seria pena, não acha?

SARAH - É... se a senhora, realmente não pensa em botá-lo depois... Ah vem Simone.

SIMONE - (CHEGANDO) O Padre Demétrio está pedindo para nós irmos todos para o salão nobre que ele quer fazer o discurso de inauguração, primeiro e depois então benzer a ala que já está pronta.

ANGELA - Vamos, sim, venha dona Sarah, vamos ficar juntas.

TÉCNICA - HARPELHO RÁPIDO.

DEMETRIO - (DISCURSANDO) E assim... ao inaugurar a ala direita desta casa que, numa justa homenagem a um dos seus maiores benfeitores, tomou o nome de Casa de dona Clara...

TÉCNICA - PALMAS FORTES QUE VÃO MORRENDO E SOMEM.

DEMETRIO - ... cumprio o dever de agradecer àquela que foi a sua idealizadora e tem sido, até hoje, o seu maior esteio. A professora Simone.

TÉCNICA - REPETE AS PALMAS NOS MOLDES ANTERIORES.

DEMETRIO - Resta-nos, agora, pedir a Deus Onipotente que nos abençoe e nos dê forças para fazer com que ela cumpra as suas verdadeiras finalidades que são as de amparar a infância desvalida ou abandonada, preparando esses pequeninos seres para que, ao atingirem a adolescência, sigam o reto caminho que nos conduz a Deus e à Verdade, em vez de se criarem como marginais, na senda do vício e do crime. A todos que nos ajudaram a erguer este monumento de fé e de amor ao próximo, aqui fica a nossa palavra de reconhecimento e o nosso sincero desejo de que possa receber da graça divina a sua compensação pelo bem praticado.

TÉCNICA - SALVA DE PALMAS DEMORADAS.

C/REGRA - VOZES NO ESTÚDIO, DIZENDO "MUITO BEM", "PARABENS", "UM ABRAÇO", ETC. ETC.

TÉCNICA - ENTRA COM BANDA DE MÚSICA MIXURUCA TOCANDO UM DOBRADO EM 3º PLANO.

C/REGRA - ALGUNS FOGUETES TAMBÉM LÁ FORA.

DEMETRIO - E agora pedimos aos presentes que nos acompanhem que vamos proceder a bênção da ala que está sendo inaugurada.

C/REGRA - CONFUSÃO DE VOZES, RISOS, ETC.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.



SIMONE - É agora que terminou a festa de inauguração da Casa de dona Clara, cabe a mim, antes que você se retire, fazer-lhe um agradecimento muito sincero.

RAFAEL - Agradecimento de que? Por que? Não fiz nada que pudesse merecer qualquer agradecimento.

SIMONE - Como não fez? Então sem o seu auxílio, por todos os motivos, poderia eu ter inaugurado hoje uma ala da casa? De maneira alguma. Você não só ajudou-nos com vultosos donativos, como ainda foi o guarda-livros esforçado e eficiente. Justamente por isso, devo-lhe um duplo agradecimento.

RAFAEL - Óra, vamos, por favor, Simone! Você bem sabe que esse trabalho, ao seu lado, só me deu prazer. Experimentei uma vida nova que desconhecia e a experiência foi um motivo de alegria para o meu coração, antes fechado a tudo e a todos. Quem deverá agradecer? Você, ou eu?

SIMONE - Você, com a sua habitual modéstia e habilidade, conseguiu omitir os seus próprios méritos, terminando por atribuí-los a mim, mas eu não sou das que se deixam cegar pela vaidade e aceitam honras que não lhes cabem. A César o que é de César. Foi sempre este um dos meus lemas preferidos. Você merece talvez mais de metade do triunfo que esta tarde obtivemos.

RAFAEL - Pois se pensa realmente assim, deve achar, por um princípio de coerência, que eu mereço uma retribuição. Não acha?

SIMONE - Naturalmente que sim. Por que?

RAFAEL - Porque eu estou disposto, hoje, a reclamar esta retribuição. (PAUSA) Não me pergunta qual é? (PAUSA) Não tem curiosidade de saber?

SIMONE - Diga.

RAFAEL - Quero que me permita, daqui a pouco, acompanhá-la até sua casa, como... como fazia antes. (PAUSA) Permite?

SIMONE - (DEPOIS DE PAUSA) Se faz questão, realmente... se isto lhe dá prazer...

RAFAEL - muitíssimo. Afianço-lhe que não me poderia conceder um prêmio melhor.

SIMONE - Há tanta coisa mais interessante do que a companhia de uma moça... principalmente quando o rapaz é rico e disputado.

RAFAEL - Concordo com você que haverá muita coisa ~~xxxxxxx~~ mais interessante do que a companhia de uma moça, mas não quando essa moça for você, Simone.

TÉCNICA - ACORDE MUSICAL EM FUNDO.

SIMONE - (ALGO SEM GEITO) Bem... com licença que eu ainda preciso tomar algumas providências, antes de ir para casa. Quando estiver para sair, virei avisá-lo.

RAFAEL - Combinado. Ficarei à sua espera.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL



LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

- LUZA - Eu prometi a você que voltaria esta semana; não foi? Pois aqui estou.
- MANON - Eu esperava que você viesse ontem. Cheguei a mandar fazer uns pasteisinhos de xuxu e queijo, para tomarmos o lanchê da tarde.
- LUZA - Ontem não deu para vir. Madame Margot precisou sair e pediu-me que tomasse conta da casa. Eu não quis dizer a ela que não e então achei melhor transferir minha visita para hoje.
- MANON - Como é que vão os novos projetos dela? Já conseguiu alugar a casa que ela queria? Outro dia me disseram que a casa ainda não pode ser alugada.
- LUZA - Não pode, não. Ela já recebeu a resposta negativa. Ficou tão braba, tão braba que você precisava ver. Xingou a Deus e ao mundo. Agora ela está pretendendo a uela grande, onde foi o Grupo Escolar, antes de ter prédio próprio, mas na rua principiada acho que ninguém vai deixar ela botar uma boate. você não acha?
- MANON - Claro! Aqui, que é final de rua, já quase que eu não obtive licença, imagine ali, onde foi o Grupo! E tirando essas duas, ela não consegue uma casa melhor que este sobrado. Duvido!
- LUZA - E não consegue, mesmo. Mas sabe o que foi que ela me disse? Que se não houver outro jeito que faz uma reforma total na casa dela, avançando até à metade do quintal.
- MANON - Só assim. Mas será que ela vai ter coragem de gastar o que vai ser preciso? Uma obra de vulto, nos dias que correm, não se faz com pouco dinheiro.
- LUZA - Eu não sei. Ela é que disse que fará, mas eu ainda quero ver, para acreditar. A mulher é sovina que dói. Ela não vai largar dinheiro assim com tanta facilidade, não.
- MANON - E se fizer, como eu já disse a você, não tenho medo, não. Muito mais do que o conforto da casa, influi a maneira como se trata a freguezia. E ela não sabe tratar o pessoal. É bruta, é irritada... gosta de dizer que a casa é dela e quem manda é ela... sabe como é... a turma não recebe isso muito bem e fica toda de pé atrás. Aqui, não. Aqui o freguez é que manda. E garçom que discute e é indelicado, já sabe que recebe punição.
- LUZA - Ela, agora, tem só um garçom lá, mas também não tem ninguém para atender..
- MANON - Ela deve ter ódio de morte de mim. não tem, não?
- LUZA - Si tem! Rogar pragas horróssas para você. Às vezes eu até vou saindo, de tão apavorada que fico de ouvir as coisas que ela diz.



MANON - Pois eu nem ligo. Ela pode dizer o que quiser. E gostaria muito que ela soubesse que eu tinha dito que praga de urubú, não mata cavalo gordo.

LUZA - Mas eu é que não vou dizer isto para ela. Arranje outra pessoa que diga. Deus me livre que ela sonhe que eu venho aqui. Nunca me perdoaria!

TÉCNICA - PASSAGEIRO MUSICAL

SARAH - A senhora viu, dona Angela, o resultado da inauguração? Não vá me dizer que não viu.

ANGELA - Eu não sei do que que a senhora está falando, dona Sarah.

SARAH - Como?! Será possível que a senhora não tivesse visto? Sen Rafael não tirou os olhos de Simone o tempo inteiro que o Ex mano falou e depois, para onde ela ia, ele dava um jeito de chegar perto.

ANGELA - Bem... isto eu reparei - que eles estavam sempre mais ou menos juntos.

SARAH - Mas no final é que foi o melhor de tudo. Ela atravessou o salão, veio falar com ele, saíram os dois juntos e ele acompanhou-a até aqui em casa. Como ela havia ficado na minha companhia, na hora de vir, foi me avisar. Mas quando eu vi que ele vinha junto, sabe o que fiz? Peguei a dona Eponina, que vinha para o mesmo lado, e deixei-me ficar para trás com ela e os dois só sinhos na frente.

ANGELA - (RADIANTE) É mesmo, dona Sarah?! Não me conte essa novidade tão boa...

SARAH - Pois é verdade. Eu estava aflita para contar à senhora porque tinha certeza que a senhora ia ficar muito satisfeita. Eles conversaram muito durante o caminho, mas não consegui ouvir nada do que diziam. Ela não falou nada para a senhora, com certeza, não é?

ANGELA - Absolutamente nada. Pois se eu estou sabendo agora, pela senhora, que ele veio até aqui. Simone é muito reservada. Não é que queira fazer segredo, não, mas tem por hábito não comentar as coisas.

SARAH - Em todo caso a senhora fale a ela, para ver se ela lhe conta alguma coisa do que conversaram no caminho. Eu estou aflita para saber.

ANGELA - E eu, agora, também. Será que eles voltaram a se acertar, meu Deus?! Seria uma coisa tão boa que eu até ainda estou duvidando. A senhora chegou a ver despedi a deles? Sabe como foi?

SARAH - Não senhora, não sei, porque eu não quis atrapalhar, entende? Cheguei aqui na porta, pedi licença e entrei logo. Deixei os dois parados na porta, ainda conversando. Confesso que tive vontade de ficar, para ver como se despediriam, mas depois me lembrei que o mano sempre briga comigo por causa da minha curiosidade, consegui vencer-me e entrei. Contrariada, mas entrei.



ANGELA - Não faz mal. Eu tenho esperanças de conseguir arrecoar-lhe uma confissão de tudo e assim que ela me conte, irei contar à senhora.

SARAH - Ótimo, dona Angela, ótimo! Faça isso, então, porque eu estou morrendo de curiosidade!

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

DELEGADO - Como vai a senhora, dona Tereza? Já fazia alguns dias que eu não vinha visitá-la; não é verdade?

TEREZA - É verdade, sim senhor. Até cheguei a pensar que o senhor tivesse esquecido a promessa que me fez.

DELEGADO - Não, não... não esqueci. É que eu não pude ir logo à cidade, como esperava e vir aqui sem ter ido lá, muito pouco adiantava.

TEREZA - O senhor conseguiu encontrar Laila, finalmente? Onde é que ela está?

DELEGADO - Bem... de momento não se sabe onde ela está. Estive na cidade até a véspera de minha ida lá, mas parece que houve algues que a avisou e ela botou o pé no mundo. Isto eu pude saber pelo posto que abasteceu o carro e o preparou para uma longa viagem, pelos vizinhos que até à véspera, à tarde ainda a viam em casa, pelo fornecedor do armazem, a quem eles já pagaram toda a despesa no meio do mês, alegando que iam estar ausentes talvez uns quinze ou vinte dias... enfim, por tudo que conseguimos apurar chegamos à conclusão que ela foi avisada da minha viagem e tratou de fugir na véspera da minha chegada.

TEREZA - Mas quem lhe poderia ter dado semelhante aviso? O senhor falou a algues que ia viajar para lá?

DELEGADO - Que eu me lembre... foi só aqui que falei.

TEREZA - Ah, não. O senhor me perdõe, mas deve ter falado noutra lugar, porque do contrário ela não seria avisada. Eu, por exemplo, não tinha nem mesmo o endereço dela e estava aflita para saber por causa das aulas e das providências que teria que tomar. Vá ver o senhor falou perto de algues que sabia onde ela estava ou então foi tudo mera obra do acaso.

DELEGADO - Também pode ser... não digo que não... Mas em verdade eu só me lembro de ter falado mesmo à senhora.

TEREZA - Mas eu não falei para ninguém. Começo que nem sai de casa. Dona Joana está aí que pode atestar. E depois, mesmo que eu quizesse avisá-la, não tinha maneiras de fazê-lo.

DELEGADO - Bem, mas isso não tem maior importância. Ela fugiu hoje, amanhã ou depois será capturada. É só uma questão de tempo, nada mais!

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.



EUDOXIA - Suncê uvia a cachorrada como latiu esse noite, Leopoldina?

LEOPOLDINA - Ouvi, sim. Tenho a impressão que talvez tivessem pretendido entrar para roubar galinhas, mas diante de tantas feras, acabaram por desistir.

EUDOXIA - Suncê vai sai agora? Tô le vendo toda arrumada... de sapato...

LEOPOLDINA - Eu talvez tenha que descer à vila, mas antes vou dar uma volta pela chácara, para ver se encontro algum sinal de ladrão, porque estou convencida que andou ladrão aqui esta noite. Você repara o papai para mim?

EUDOXIA - Arrepare, sim. Pode i. E se cause suncê incontrá argum sinal de ladrão, nós bamo tê que dizê pro seu Bafafê, mode ele dá cueixa na pulga.

LEOPOLDINA - Você nem parece que conhece o patrão, Eudoxia. O patrão dar parte na polícia é forte. Si ele não deu nem quando foi alvejado na rua e escapou por obra de Deus... Então você fique um momento com o papai que eu não demoro, Eudoxia.

C/REGRA - PASSOS QUE SE APASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO.

MIGUEL - Ela foi buscar chocolates?

EUDOXIA - Foi, sim sinhô, mas suncê só ganha o chocolate si ficô dereitinho na cama e num cuisê se alivantê.

MIGUEL - Eu fico, sim. Para ganhar chocolates, eu fico. Ela vai trazer? É certo que ela vai trazer?

EUDOXIA - Eu já num disse pra suncê que ela vai trazê? É certo, sim, seu Miguel. Ela vai trazê chocolate... bala... pirulito... todas essas coisa que suncê gosta. Mas tem que ficô dereitinho. Num pode se alivantê que nem outro dia que suncê teimô e foi lá no jardim.

MIGUEL - Eu não teimo, não... ela vai trazer balas... eu gosto muito de balas... de chocolates também... Eu quero ganhar balas e chocolates e minha filha vai trazer para mim. (PAUSA) Às vezes ela me engana... diz que vai trazer e não traz... eu fico esperando... esperando... esperando... durmo e ela não traz... Por que ela faz assim? Por que?

EUDOXIA - Quando <sup>suncê</sup> ~~xxxx~~ não se porta direito, ela num dá. É por isso. Suncê se alivanta da cama... vai na rua... o dotô num cusê...

C/REGRA - PORTA QUE ABRE E FECHA EM SEGUNDO PLANO. PASSOS QUE SE APROXIMAM (MULHER)

EUDOXIA - Uei, xente! Suncê já vortô tão digero? Que aconteceu? Suncê num disse que ia dá uma volta na chácara?

LEOPOLDINA - Diste, Eudoxia, mas não foi preciso ir muito longe para encontrar mais um cachorro envenenado. Vou agora mesmo avisar seu Lourenço. Agora mesmo.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.



## 50º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

C/REGRA - PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO. PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM.

EUDOXIA - Uai, xente! Suncê já vortô tãõ dígero? ue acunteceu? Suncê num disse que ia dá uma volta na chácra?

LEOPOLDINA - Disse, Eudoxia, mas não foi preciso ir muito longe, para encontrar mais um cachorro envenenado. Vou agora mesmo avisar seu Lourenço. Agora mesmo. Eu estava esperando isso ontem, não aconteceu. Foi acontecer hoje.

EUDOXIA - Suncê tava esperano?!... Uai, xente. Mode que suncê tava insperano, Lia perdina? Insprica que eu num tô intendendo.

LEOPOLDINA - É muito simples, Eudoxia. Durante dois sábados seguidos, um dos cachorros da casa foi envenenado. Neste sábado eu esperava que envenenassem o terceiro. Não aconteceu. Foi acontecer ~~xxxxxxxxxxxx~~ de ontem para hoje, quer dizer... de domingo para segunda. Isso prova que é pessoa de fora e que só está aqui aos sábados e domingos.

EUDOXIA - Cum celtaza que maté todos cachorro, pra pudê robá galinha à vontade.

LEOPOLDINA - Se fosse apenas isto, ainda seria muito bom, mas o meu receio é de que depois dos cachorros, repitem o atentado ao dono da casa.

EUDOXIA - (ASSUSTADA) Suncê acha que pode sê isso, Leopordina.

LEOPOLDINA - Claro que sim. E tanto acho que ~~xxx~~ já conversei com o delegado a este respeito, sem o seu Rafael saber. Fui pedir providências a ele.

EUDOXIA - Suncê feiz munto bem, Leopordina. É mió cuidá das portas, mais ante que elas xege arrombada. Depois... num diante mais butá treca de ferro.

LEOPOLDINA - Agora então, Eudoxia, eu vou aproveitar que o patrão não está e vou dar um pulo na delegacia, para avisar ao delegado o que aconteceu aqui esta noite. Vou e volto em meia hora, no máximo.

EUDOXIA - Tá, minha fia, vai com Deus entonce.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM.

EUDOXIA - E quando vortá<sup>PRO</sup> traga umas balas e uns chocolate<sup>PRO</sup> ~~xxxxxx~~ seu Migué<sup>PRO</sup> que eu prometi pre ele, mode ele ficá bem quétinho e num sai de cama.

LEOPOLDINA - (DE 2º PLANO) Está bem, eu trago.

C/REGRA - MAIS PASSOS. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO.

EUDOXIA - A Leopordina tem um tino que feiz gosto vê. Tombem a patrona caprichô na inducaçõo dela. Que a patrona num tivesse morrido, ela hoje tava ansia memo que fia. Seu Rafael é munto bõo, mas num atina essas coisa.



TÁCHICA - PASSAGEM MUSICAL

DELEGADO - Tem alguém aí querendo falar comigo, você disse?

GUARDA - Tem, sim senhor. É a meça lá da Vila Verde, filha do velho que foi baleado no dia da inauguração do boate do searado.

DELEGADO - Eu sei quem é. Ela quer falar comigo mesmo?

GUARDA - Disse que é, sim senhor. Que não vai lhe roubar muito tempo porque tem que voltar logo pra casa que deixou lá o pai doente.

DELEGADO - Então diga a ela que entre. Assim ela fica logo despachada e eu também.

GUARDA - Sim senhor.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE EM 2º PLANO.

GUARDA - (AFASTADO) A senhora pode passar. O ~~gaxxxx~~ delegado mandou que a senhora entrasse.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM. PORTA QUE FECHA EM 2º PLANO.

LEOPOLDINA - Bom dia, seu Delegado, aqui estou eu outra vez, aborrecendo o senhor.

DELEGADO - Não senhora, a senhora não me aborrece. Recebi ontem o seu recado de que não havia acontecido nada por lá.

LEOPOLDINA - Pois é e realmente ontem nada aconteceu, mesmo, mas hoje já não venho dizer a mesma coisa. Esta noite os cachorros latiram desesperadamente e investiam com tal fúria contra o muro que nós, lá da casa, ouvimos o barulho. Lá pelas tantas, eles cessaram de latir. De manhã cedo, fui dar uma volta pela chácara e mal cheguei perto do muro encontrei um dos <sup>cachorros</sup> ~~xxxxxxx~~ mortos. Envenenado, da mesma maneira que os outros. Com bola de carne. Apressei-me, então a vir lhe dar este aviso. Não foi no sábado, mas foi no domingo.

DELEGADO - Isso nos traz a convicção de que a pessoa que está fazendo isto, só dá pise das noites de sábado e domingo, ou então só pode vir a Lagoa Parada nestes dias. Deve, até residir noutra localidade e vir fazer fim de semana aqui. Mas de qualquer forma não vai ser muito difícil apanhá-lo, porque já no sábado que vem nós botaremos um guarda lá, escondido - um ou dois, a se for necessário - para deitarmos a mão nesse meliante. Ai ele vai ter que nos explicar a razão porque estava envenenando os cachorros.

LEOPOLDINA - Vamos esperar, agora, que justamente no sábado que vem ele não nos dê falta, para que não tenhamos que ficar duas noites de vigília.

DELEGADO - Sejão duas... tres... ou quantas forem necessárias, isso não importa. O que importa é que ele seja apanhado antes que tenha realizado o seu intento e principalmente se esse intento for o que desconfiamos.



LEOPOLDINA - Bem... lá isso é. Para salvar uma vida, fica-se de vigília as noites que forem precisas. (TOM) Bem... eu já lhe roubei muito tempo e preciso voltar para casa antes que seu Rafael regressasse para o almoço. Passe bem e muito obrigada, senhor delegado.

DELEGADO - Não tem nada que me agradecer, pelo contrário. Eu que lhe agradeço de estar me facilitando a tarefa.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

LAILA - Quanto tempo você pretende deixar-me encerrada neste buraco horrível que de cidade parece que só tem o nome? Eu não quero ficar aqui toda vida.

REGINALDO - Mas nem eu estou pensando em que você fique, criatura! Precisamos ficar algum tempo que é justamente para despistar os que nos procuram. Quando irão imaginar que deixamos de nos instalar em Vitória, para nos enterrarmos neste buraco? Depois que nos tenham procurado inutilmente em Vitória e não nos tenham encontrado, aí sim, iremos para lá e nos instalaremos numa casa decente, com todo o conforto que você merece ter.

LAILA - É horrível essa vida que estamos vivendo, horrível! Você me prometeu segurança e eu, até agora, não tenho feito outra coisa senão fugir da polícia. Se eu soubesse que era para isto que você me tirava de lá, nunca teria vindo. Você não tem feito outra coisa, senão enganar-me.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

REGINALDO - Enganá-la, eu?!... Oh, Laila, porque há de ser injusta?! Nunca a enganei nunca! E não tenho feito outra coisa senão empenhar-me em proporcionar alegria a você. Não consigo porque você é exigente.

LAILA - Não é bem assim. Não consegue porque eu já o conheço e não posso acreditar nas coisas que me diz.

REGINALDO - Laila, você está insistindo num ponto que eu preciso esclarecer. Qual foi a mentira que eu disse a você, para que você não possa mais acreditar em mim? Vamos, exija que você me esclareça esse ponto.

LAILA - Pois muito bem, então já que você exige, eu não vou fazer cerimônia para dizer. Você me enganou, miseravelmente, quando me disse que havia acertado tres balas em Rafael e que ele caíra, na mesma hora, sem vida.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

REGINALDO - E você vai me dizer que isto não é verdade?

LAILA - Vou dizer, não. Vou provar. Aqui está uma carta de Teresa que o guarda-freio botou em baixo da nossa porta e que me revela isto. Aquela carta que você me disse que deixasse para ler na viúva, no dia em que nós fugimos, lembra-se?



REGINALDO - Sim, sim... ela dizia isto?

LAILA - Diz, sim. Pode ler.

REGINALDO - (TENDO) Estimada colega e amiga Laila.

TEREZÁ - (VOZ DE FILTRO) Depois de tanto tempo de silenciosa e angustiosa expectativa, eis que me surge, afinal, uma pessoa que a conhece e que se oferece gentilmente, para ser portadora desta carta, afiançando-me saber muito bem o jeito de fazer com que ela chegasse às suas mãos. Estava aflitíssima para avisar a você que dentro de dois ou tres dias, no máximo, o delegado estará aí na cidade, procurando encontrá-la, pois não sei porque cargas d'agua, ligou a sua saída da vila com o atentado sofrido pelo seu Rafael e do qual ele conseguiu sair ileso. Eu fiz o que podia para salvar ~~mas~~ você, mas por tudo que vi e ouvi...

LAILA - (CORTANDO) O resto não interessa. Leu aí que ele saiu ileso, não leu?

REGINALDO - Li, mas juro-lhe que estava absolutamente certo de lhe ter acertado os tres tiros. Ele ficou estendido no chão uma porção de tempo, sem se mexer. Quando é que eu poderia imaginar que era um ardil, ~~para~~ para salvar-se?

LAILA - O que você poderia pensar não me interessa. Interessa-me é que você prometteu fazer uma coisa e não fez. Pensei bem no que isto pode representar para a nossa vida futura. E depois não se queixe si eu faltar, também, aos meus compromissos.

REGINALDO - Laila, ouça: eu nunca fui homem de faltar ou fugir aos meus compromissos. Foi este, sempre, o meu orgulho, o meu pergaminho. Juro a você que o que aconteceu não foi com o intuito de ludibriá-la. E tanto assim que deste momento em diante estou inteiramente disposto a fazer por você o que você exigir de mim. Quer que eu escreva ao Sarará encomendando o trabalho eu faço. Quer que o trabalho seja executado por mim mesmo, eu volto, corro todos os riscos e faço, também. Vamos, fale. Não fique com esse ar distante que você sabe que me tortura. Diga, por favor, diga: o que é que ~~yo~~ ce quer que eu faça?

LAILA - Não sei... vou pensar...Reservo-me o direito de escolher aquilo que ~~me~~ possa ser mais conveniente para mim, nesta ocasião.

REGINALDO - (DESESPERADO, TEMENDO UMA VINGANÇA) Laila, por favor, Laila! O que é que você está pensando? O que é que você está tramando? Você não pode me abandonar, Laila. Você me pertence. Você me pertence!

LAILA - Eu não estou pensando outra coisa, ~~sinão~~ isto: eu fui traída por você!

TÁORICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.



REGINALDO - Laila, por Deus! Não pense uma coisa destas! Isso chega a ser uma injúria que você me faz!

LAILA - (FRIA, MARGANDO AS PALAVRAS) Eu fui traída por você, REGINALDO!

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL FORTE, FONE COM PASSAGEM MUSICAL.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

REGINALDO - Laila, por Deus! Não pense uma coisa destas! Isso chega a ser uma injúria que você me faz!

LAILA - (REPETINDO) Eu fui traída por você, Reginaldo! O que você me fez, foi uma traição miserável. Você sabia que não tinha acertado os tiros em Rafael. Sabia que não tinha acertado, ou não quis acertar. Você fez toda aquela encenação para me obrigar a acompanhá-lo. E eu, ingênua e tãta, acreditei na sua palavra e sem, sequer, procurar conferir a verdade, fechei os olhos e segui você. Mas é bem como diz o adágio popular: "A mentira tem perna curta", não pode correr de maneira tão veloz quanto a verdade e um dia é alcançada por ela. E foi o que aconteceu.

REGINALDO - Laila, não seja cruel. Você sabe que nada aconteceu assim. Está dizendo tudo isto para me torturar. O que é que eu posso fazer para provar-lhe que estou disposto a corrigir o meu engano? Páe, diga... quer que eu vá lá? Estou disposto a enfrentar todos os riscos. Quer que eu mande ordem ao Sarará para fazer, por mim, o trabalho? Escolha.

LAILA - Não é preciso nada disto. Já tomei as minhas providências. Já escrevi a alguém que vai fazer o trabalho por mim.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

REGINALDO - Você... você escreveu a alguém?... Mas quem, por favor? Pergunto-lhe pelo receio de que possa comprometer-se.

LAILA - Não se preocupe. Já escrevi a pessoa de minha absoluta confiança e o trabalho vai ser feito. Nós receberemos notícias, em breve.

REGINALDO - Está bem, Laila, o que está feito... está feito... Mas queira Deus que você não venha a se arrepender de ter agido dessa forma!

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

DINORA - Como?!... A senhora outra vez aqui? Ainda não se cansou de reclamar? Acha pouco a massada que me tem dado, de tempos em tempos? Frequentemente... a senhora é de abrir canivetes. É de exgotar a paciência a um ponto.

MARGOT - A senhora é que é muito malcriada. Nem deixa nem a gente falar e já está xingando, sem saber o que a gente veio fazer. Vá ser malcriada para



MARGOT - (CONTINHAÇO) o inferno, parra o diabo. Escute pprimeirro a gente ~~faiz~~ falar e depois entom, se nom lhe agradar diga todos os nomes feios que nomber. Antes, nom. Eu vim aqui conversar com a senhora.

DINORA - Conversar comigo? A senhora veio aqui conversar comigo? Eu quasi que não posso acreditar. Conversar comigo por que? O que é que ainda deseja de mim, se foi tão mal sucedida na primeira consulta?

MARGOT - Eu estou com azar no corpo. Disseram que é o diabo que anda encostado em mim e vai em toda parte comigo.

DINORA - Não duvido nada. Pela sua cara e pelo seu jeito...

MARGOT - Entom eu queria ver se a senhora tira o diabo de perto de mim, parra eu poder trabalhar dirreito. Tudo que eu quero fazer o diabo atrapalha. Nada sai como eu quero... A senhora pode fazer este trabalho?

DINORA - Eu poderia, mas não adianta porque depois a senhora fica sangada quando as coisas não correm tão velozmente. Já perde a confiança, já fica duvidando da honestidade da gente... E não há coisa que me deixe mais irritada do que alguem duvidar da minha honestidade.

MARGOT - Eu não duvidei da sua honestidade. Nom foi isto. Eu esperrei quatro meses e até agora nom vi nada de concreto... tinha que ficar desesperada. Agora ando com o diabo no meu lado e nom posso continuar. Ele que vá para o lado de outra pessoa. Eu quero alugar uma casa e nom há jeito, a senhora acredita? Chego e prometer o dobro do aluguel. O diabo faz um sinal parra o proprietario e o proprietario diz que nom. Nom posso continuar assim. Nom posso. Entom vim falar com a senhora, parra tirar o diabo de perto de mim. Depois, quando o trabalho estiver pronto, aí eu pago o serviço da senhora.

DINORA - Ah, não. Essa não. Fazer o trabalho primeiro e a senhora pagar depois? Não mesmo. Eu sou muito mais esperta do que a senhora imagina, Madame Margot. Ou o trabalho é pago adiantadamente, ou não lhe faço o trabalho.

MARGOT - Entom... vá para o diabo que e carregue, sua bruxa.

C/REGRA - FECHAS PORTAS DE MARGOT SE AFASTANDO, NO SÓCULO.

DINORA - Fique a senhora com ele, já que ele está no seu campo. E bruxa por bruxa, eu não sei qual é a que tem mais jeito.

C/REGRA - BATIDA PORTA DE PORTA EM 3º PLANO.

DINORA - Eu acho que essa velha não anda regulando muito bem da cabeça, não. E ele está com uma expressão excusita no olhar... Eu, hein? Comigo não!

TÉCNICA : PARÂMETRO MUSICAL



TARCISIO - Por tres noites que a senhora trabalha até tarde, mãe. Por que? Alguma encomenda urgente?

ELVIRA - Não, meu filho, isso não é encomenda. São umas roupinhas que eu estou fazendo dos meus retalhos, para oferecer à Casa de Dona Clara. Queria mandar no dia da inauguração, mas estava com tantos vestidos para acuglar a dia, que não deu tempo. Agora é que eu estou fazendo.

TARCISIO - A senhora foi à inauguração? Passei o dia fora, pescando, nem fiquei sabendo.

ELVIRA - Não, meu filho, não fui. Costurei até quinze minutos antes. As duas últimas freguezas se vestiram aqui mesmo. Fiquei tão cansada que não tive coragem de me arrumar para ir. Mandei um recado à Simone, agradecendo o convite que ela nos mandou e fui me deitar. Acordei na hora que você chegou. Lembra-se que me encontrou dormindo?

TARCISIO - Lembra-me, sim. Até lhe perguntei se estava doente.

ELVIRA - Isto mesmo. Agora já estou com quasi tudo pronto. Vou lavar uma dúzia de roupinhas de menina, uma dúzia de meninos, tres pijaminhos, cinco saias e várias blusinhas.

TARCISIO - A senhora fez tudo isto?

ELVIRA - Dos meus retalhos. E ainda tenho ali muita coisa, mas vou deixar para a nova remessa que pretendo mandar no Natal.

TARCISIO - Muito bom, mãe. Agora a senhora vai largar isso um pouco e vai dar uma volta comigo no calhambeque. Vamos ver o nascer da lua na represa. Bote uns sanduiches na cestinha e encha a garrafa termal de café.

ELVIRA - Que bom, meu filho! Você parece que adivinhou meu pensamento. Era exatamente isto que eu estava necessitando. Vou passeio até à represa.

TARCISIO - Então deixe isso para amanhã, vá se arrumar e preparar o nosso farnel porque antes da meia noite não voltaremos.

• ELVIRA - (RADIANTE) Vou sim, meu filho, vou. Que coisa boa, meu Deus!...

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

JOANA - Dona Tereza, até quando a gente vai ficar aqui nesta agonia de esperar a dona Laila e ela não mandar nos um aviso para a gente? Para mim, não, que ela não tinha que mandar, mas para a senhora ao menos que é a diretora.

TEREZA - Eu não estou mais esperando Laila, Joana. Já mandei officio comunicando o abandono de cargo e pedindo, com urgência, uma outra professora. Qualquer dia ela há de romper por aí.

JOANA - Puxa vida! Até que um dia a senhora se resolveu. Eu já estava sabendo que ela não ia voltar.



- Como é que você podia saber, Joana, se nasceu sabia?

JOANA - Mas é que a senhora tem sono-pesado, eu não. Eu tenho sono leve.

TEREZA - Mas o que é que tem que ver uma coisa com a outra, pelo amor de Deus?!

JOANA - Eu ouvia, quando o homem vinha aí conversar com ele. Ele batia devagarinho, mas não sabia eu me acordava. Acordava e ouvia tudo que eles conversavam. Não que eu quisesse fazer fofoca, porque nem para a senhora eu falei, mas no silêncio da noite... a porta ao lado... só com veneziana... Nem que eu não quisesse, tinha que ouvir.

TEREZA - Quer dizer que você sabia que não era o cunhado que tinha vindo buscá-la?

JOANA - Pois se eu estou dizendo para a senhora que eu ouvia tudo...

TEREZA - Mas aí você devia ter me avisado, para eu não ficar por tanto tempo fazendo o papel de boba.

JOANA - Eu não. Sei lá se a senhora ia acreditar em mim? As duas eram tão amigas. Quando uma dizia uma coisa, a outra enfocava logo. Olhe o caso da coitada da Simone. Aquela vocês não derrubaram porque não puderam. Porque a moça se dava muito bem com Deus.

TEREZA - Joana! Que maneira de falar são estas? Você se esquece que é apenas a sexvente do Grupo Escolar e que a diretora sou eu?

JOANA - Tem razão. Desculpe, dona Tereza. Não está mais aqui quem falou.

TEREZA - E torne a se falar nesse tom que você vai ver como sei quando dequi na hora na hora. Torne a falar nesse tom e há de ver.

JOANA - Não senhor, eu não torno. Com licença, vou abrir as aulas que está quase na hora.

G/REGRA - PASSOS DE JOANA QUE SE APASTAM. PORTAS QUE SE ABREM UMA LATE APASTADA DO QUE A OUTRA. (PODE ARRIR TRÊS PORTAS)

TEREZA - Esta velha está começando a botar as unhas de fora. Eu preciso ter muito cuidado com ela. Ela não é o que eu pensava, não. De maneira alguma!

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL FURDE COM RELÓGIO DE TORRE, BATENDO DOZ HORAS.

DELEGADO - Dez horas, já?

GUARDA - É, sim senhor. Usando e cante está trabalhando as horas parece que voam.

DELEGADO - Chame o quarenta e um e toquem lá para cima. Fiquem de guarda no portão de Vila Verde. Mas com bastante atenção porque a moça vai prender os cachorros. Não esperem nenhum sinal deles. Qualquer pessoa que se aproximar do muro vocês tratem logo de prender. E tragam imediatamente para cá. Vão logo, cadex. E espero que não se falhem, hein?

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTS PARA FINAL DO CAPÍTULO.